

Purple flowers are arranged in a decorative border at the top left and top right corners of the image.

FLORENCIA
BONELLI

CAVALO
DE
*F*OGO
GAZA







© Alejandra Lopez

Florencia Bonelli

nasceu em 1971, na cidade argentina de Córdoba. Com formação universitária na área das Ciências Económicas, renunciou à sua atividade profissional para se dedicar à escrita, sua paixão de sempre, e em poucos anos tornou-se uma das mais populares escritoras argentinas da atualidade. Com *Cavalo de Fogo – Gaza*, conclui-se a trilogia iniciada com *Cavalo de Fogo – Paris* e *Cavalo de Fogo – Congo*.

Pode visitar o *site* da autora em

www.florenciabonelli.com

Cavalo de Fogo – Gaza

Florencia Bonelli

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Caballo de fuego – Gaza

© Florencia Bonelli

c/o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria

www.schavelzon.com

Publicado originalmente em 2012 por Alfaguara, Buenos Aires

Tradução: Rui Lagartinho

Design da capa: © Dinis Matinhos

Imagens da capa: © Depositphotos

1.^a edição em papel: janeiro de 2015

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68409-7

Feira Internacional de Aviação de Farnborough, Hampshire, Inglaterra. Julho de 1998.

Donatien Chuquet chegou duas horas antes à sua habitual visita anual à maior feira de aeronáutica do mundo. Conhecia bem o certame, dos seus anos como oficial da *L'Armée de l'Air*, quando o visitava em representação da força para avaliar os avanços da indústria aeronáutica e informar os seus superiores.

Os seus dias como piloto de guerra tinham terminado abruptamente quando, depois de um juízo sumário, o devolveram à vida civil por terem ficado demonstradas graves irregularidades no seu desempenho como instrutor de voo na base aérea de Salon-de-Provence. O filho do general Managel, um recruta medíocre que certamente não teria passado no exame final, acusou-o de lhe ter pedido dinheiro para o passar. Depois dessa acusação, as outras sucederam-se como num efeito dominó. Ficou a saber que tinha mais inimigos do que amigos na Força Aérea. No espaço de dois meses foi expulso.

Agora trabalhava como piloto de testes em regime *freelance* para as construtoras aeronáuticas Dassault, Northop Grumman e Safran, que, apesar de pagarem pouco, lhe davam a oportunidade de pilotar os melhores caças aéreos do mundo. Durante o fim de semana humilhava-se num aeródromo, a pilotar avionetas para que alguns paraquedistas vivessem momentos de excitação, ou sobrevoando as praias de Royan exibindo faixas publicitárias. Dois divórcios e quatro filhos constituíam uma carga pesada que não lhe permitia dar-se ao luxo de ser esquisito.

Naquela tarde, iria pilotar o *Rafale*, a nova joia da Dassault, que substituiria o *Mirage*. Dois potenciais compradores seguiriam as suas acrobacias através de binóculos instalados à sombra nas mesas da bancada VIP do Farnborough Business Park, enquanto bebiam champanhe e negociavam aviões que custavam mais de quarenta milhões de dólares.

Chegara duas horas mais cedo, porque antes de pilotar o *Rafale* tinha um encontro marcado com um desconhecido. Tinha-lhe telefonado dois dias antes, tratando-o com uma cortesia que raiva a deferência; pelo sotaque, Chuquet quase apostaria que era árabe.

– Um amigo sugeriu-nos o seu nome para um trabalho bastante delicado que o meu chefe deseja que se faça, *monsieur* Chuquet.

– Que amigo?

– Se não se incomoda, prefiro não mencionar nomes pelo telefone. – Após uma ligeira pausa, prosseguiu: – Sei que estará em Farnborough. – A revelação deste facto alarmou Chuquet, que não dissera a ninguém que viajaria para Inglaterra a fim de visitar a feira. – E que irá tripular o *Rafale* para a Dassault – acrescentou o misterioso interlocutor.

– Como sabe? Esta situação desagrada-me.

– *Monsieur* Chuquet, estamos interessados em si; por isso, há já algum tempo que o seguimos.

– Quem é o senhor? Quem representa?

– Alguém disposto a pagar-lhe uma fortuna que lhe permitirá viver retirado e tranquilo numa qualquer ilha do Pacífico.

Com este argumento final, o desconhecido convencera-o a marcar um encontro no bar da feira.

Sentado a uma mesa e sem tirar os óculos de sol, Chuquet olhava em redor sem conseguir distinguir nenhum árabe nas proximidades. Ao longe, por trás das rajadas de ar quente que emergiam da tubagem de um *F-15*, podia ler-se, num cartaz enorme, «*Success is in the air*», o *slogan* da feira. Concordou: de facto, o sucesso estava no ar. Desde a Segunda Guerra Mundial que era uma verdade assente que a supremacia de um conflito bélico estava do lado de quem detivesse a melhor frota de aviões.

O toque do telemóvel perturbou-o. Atendeu rapidamente.

– Allô?

– Chuquet, sou eu. Normand Babineaux.

– Ah, Normand – respondeu, algo desiludido.

– Imagino que não fiques entusiasmado por me ouvires: com certeza deves estar a pensar que te vou pedir os cinquenta mil francos que te emprestei há dois meses.

– Não, não, Normand. Estou contente por te ouvir. – Era dos poucos amigos que guardava dos tempos de piloto de guerra; na verdade, era dos poucos amigos que ainda tinha. – É que estou à espera de uma pessoa à meia hora e julguei que era ela. Onde estás? Em Paris?

– Não. Estou na Arábia Saudita.

– Que fazes nesse país de merda? – Chuquet não guardava boas recordações dos seus dias na base de Al-Ahsa, durante a Guerra do Golfo.

– Treino pilotos sauditas por conta da Mercure.

– A empresa de Eliah al-Saud?

– Ajá.

Também não guardava boas recordações de Al-Saud. «Maldito filho da puta.» Quando o mandaram embora da *L'Armée de l'Air*, pedira-lhe trabalho, e Al-Saud negara-se a ajudá-lo com uma desculpa esfarrapada. Semanas mais tarde, descobriu que tinha contratado Matthieu Arceneau, Lorian Paloméro e Dimitri Chavanel, todos bons aviadores, mas cujas habilitações, bem como as horas de voo acumuladas, não se comparavam às dele.

Humilhara-o, porventura como vingança dos duros anos de treino na base aérea de Salon-de-Provence. «Deveria estar-me grato. Fiz dele o melhor piloto da sua geração.» O filho da puta era bom. Muito bom. Era impossível esquecer o seu desempenho durante a Guerra do Golfo, que lhe valera duas medalhas. A destreza do seu antigo discípulo ultrapassava largamente a sua e isso também o deixava de mau humor.

– Espero que o ordenado que te paga o Al-Saud compense toda a areia e calor que és obrigado a tragar.

– Claro que compensa, não o duvides. De que outra forma me poderia dar ao luxo de conduzir um *Su-27*?

– Desde quando é que os sauditas têm aviões *Sukhoi*?

– Desde nunca. Este pertence a um saudita específico, um homem muito excêntrico, primo-irmão de Eliah. Foi adquirido pelo governo sírio e está guardado num hangar na base aérea de Dharan.

– E que tal? – perguntou Chuquet, escondendo a inveja.

Babineaux esprouou-se numa descrição quase poética do voo no melhor avião de fabrico russo e um dos melhores do mundo.

– O primeiro a experimentá-lo foi Al-Saud; para se exibir, quando regressou à base brindou-nos com a «Cobra de Pugachev».

Chuquet apertou de forma quase instintiva o pé da *flute* de champanhe. Ao levantar o olhar, distinguiu um homem de aspeto impecável – fato escuro, camisa com peitilho azul, colarinho e punhos brancos, botões de punho – que levantava o copo na sua direção, sorrindo-lhe. O misterioso encontro.

– Normand, tenho de desligar – apressou-se. – Acaba de chegar a pessoa de que estava à espera.

Despediram-se com promessas de voltarem a falar numa nova oportunidade. Ao verificar que Chuquet guardava o telemóvel, o homem abandonou a mesa onde se sentara, aproximando-se. Sorriu-lhe enquanto lhe estendia a mão e se apresentava:

– Chamo-me Sami al-Quraíshi.

– Chuquet.

– Eu sei. Não, obrigado. Não vale a pena – apressou-se a dizer Al-Quraíshi quando Chuquet o convidou a sentar-se. – É melhor sairmos daqui e visitarmos a feira. Vê aqueles indivíduos de fato escuro e binóculos? Os que estão perto do *Tornado* e parecem contemplar o céu? – Chuquet confirmou. – São agentes da CIA. Não gostaria de lhes chamar a atenção.

Caminharam entre o aglomerado de pessoas amontoadas junto aos *stands* das diversas empresas aeronáuticas. Al-Quraíshi aproximou-se do da Sukhoi e agarrou em vários panfletos, folheando-os como se estivesse sozinho.

– Quem lhe sugeriu o meu nome para o trabalho que me quer propor?

– Para ser franco, ninguém. Resultou de uma investigação.

Ao perceber que Al-Quraíshi não ia acrescentar mais pormenores, Chuquet impacientou-se.

– Disse-me que tinha um negócio para me propor. Daqui a uma hora tenho que pilotar um avião para a Dassault. Não me resta muito tempo.

Al-Quraíshi esboçou um meio-sorriso condescendente.

– Ocidentais – murmurou. – Sempre apressados.

– Pode dizer o que quiser dos ocidentais; até agora, e pelo que julgo saber, somos nós quem governa o mundo.

Al-Quraíshi levantou o olhar, encarando Chuquet com hostilidade.

– Não vai ser sempre assim.

– Ah, não?

– Não. Chegará o dia em que o mundo árabe fará o Ocidente pagar todas as ofensas que tem sofrido. – Incomodado com o seu próprio comportamento, compôs o nó da gravata e pigarreou: – Vamos à nossa proposta, *monsieur* Chuquet. O meu chefe precisa da sua experiência e habilidade para arranjar dois pilotos e instruí-los numa missão bastante delicada. Tudo isto precisa de estar feito num curto espaço de

tempo, pelo que a sua disponibilidade terá de ser total.

– Que tipo de missão?

– Os pormenores ser-lhe-ão facultados quando ficar assente que aceita colaborar connosco.

– Senhor Al-Quraíshi, não pretende com certeza que tome uma decisão desta natureza com tão pouca informação disponível.

– Sabe o estritamente necessário. O senhor foi instrutor de voo, certo? – Chuquet concordou. – Sabe como lidar com os pilotos, não é verdade? – De novo, Chuquet aquiesceu. – Pois bem, isso é o que terá de fazer. Sabemos que as suas finanças estão na linha vermelha. Vermelho vivo, diria até. A dívida de trinta mil francos no Visa tira-lhe o sono. Os juroos estão a devorá-lo.

– Como sabe? – Chuquet afastou-se de modo instintivo. – Quem é o senhor? Quem é o seu chefe? Como se atreve a meter-se nas minhas questões financeiras?

– Cada coisa a seu tempo, *monsieur* Chuquet. Vou-lhe dar mais um dado que, creio, o tranquilizará. – Sacando de uma lapiseira de ouro, o homem escreveu uma quantia num folheto da Sukhoi. – Este é o montante que receberá pelo seu trabalho. Vinte por cento de início, vinte por cento passados três meses e os restantes sessenta quando a missão for concluída com sucesso.

As sobrancelhas de Chuquet ergueram-se num gesto eloquente.

– Ao menos, diga-me quem é o seu chefe.

– Saddam Hussein – respondeu Al-Quraíshi, sorrindo-lhe.

Alguns dias mais tarde, Chuquet descobriu que os quatro milhões de dólares que lhe iam pagar para treinar dois pilotos numa missão da qual ainda não conhecia detalhes também serviam para encobrir outra tarefa: passar informações sobre a construtora aeronáutica Dassault, mais especificamente, sobre o aeródromo situado nas instalações da empresa em Istres, no sul de França, onde a companhia experimentava os seus aviões. Respondia às perguntas de Al-Quraíshi e de outro homem, que não se apresentou mas que sabia bastante sobre aviões de guerra, num escritório da embaixada do Iraque em Paris. O instinto insinuava-lhe o que faziam com a informação que lhes dava, mas o senso comum dizia-lhe que era um disparate pensar nisso.

Passaram dez dias até o instinto de Chuquet se revelar certo: os iraquianos conseguiram infiltrar-se nas instalações da Dassault e mataram um piloto de treino quando este vestia o colete anti força-G, substituindo-o por um dos seus próprios homens. Ninguém deu por nada, uma vez que o escolhido tinha a mesma estatura física do piloto e se aproximou do *Rafale* com o capacete posto. Entrou no caça, descolou, fez uns testes, mudou-se e saiu. Da torre de controlo assistiram incrédulos a estas manobras; quando tentaram que o piloto retomasse as suas rotinas, obtiveram como resposta o som de comunicação cortada.

Chuquet compreendeu tudo no dia seguinte, quando leu o título do jornal *Le Figaro*: «Tentativa falhada de roubo de um Rafale». No *lead* explicava-se que o «Piloto de identidade desconhecida atuara no aeródromo da Dassault em Istres». O corpo da notícia dava conta que a companhia tinha avisado a

Força Aérea francesa que, em poucos minutos, acabou por localizar o *Rafale* sobre o Mediterrâneo. Dois *Mirage 2000* lograram alcançá-lo quando sobrevoava a Córsega, colocando-se cada um do seu lado. Como não conseguiam estabelecer contacto via rádio, o *Mirage* da direita balançou as asas, um sinal conhecido entre os pilotos para indicar «segue-me». O *Rafale* acelerou até ultrapassar a barreira do som. Os caças franceses lançaram-se no seu encalce. Finalmente, após um *dogfight*, a nova joia da Dassault foi alcançada por um míssil aéreo MICA RF, que o transformou numa bola de fogo antes de o destruir.

Apesar de já ter terminado a leitura do artigo, os olhos de Chuquet não descolavam da última frase. «*Até ao momento desconhece-se o motivo e a identidade de quem perpetrou o roubo do avião.*» Custava-lhe acreditar no que lia, mas era verdade. O mundo desconhecia que os iraquianos estavam por trás desta operação. Percebeu que, ao deter essa informação, tinha a vida em jogo. Sentou-se num cadeirão, aturdido com a revelação.

Sami al-Quraíshi telefonou no dia a seguir ao encontro, e Chuquet apercebeu-se do tom sombrio na sua voz. Reuniram-se no café Paris, na avenida dos Champs Elysées, um local tranquilo, sem turistas. Sentaram-se numa mesa discreta. Chuquet olhou os fregueses que ocupavam as outras mesas, sentindo-se observado.

- Avaliou a nossa proposta, *monsieur* Chuquet?
- Sim, e decidi aceitar.
- Ainda bem.
- Vamos ao que interessa, senhor Al-Quraíshi. Qual vai ser a minha missão?
- Vamos apresentar-lhe a um grupo de pilotos: terá de escolher dois. Os melhores.
- Isso já me tinha dito. A minha questão é: os melhores para fazerem o quê?
- Para que entrem, sem autorização, claro está, no espaço aéreo de dois países com o objetivo de levar a cabo uma missão secreta.
- Serão favas contadas no caso de estarmos a falar do espaço aéreo de Timor-Leste ou da Somália. Outra coisa diferente será se o espaço aéreo for o inglês. Já para não falar do norte-americano.
- Será no de Israel.
- *Quoi?*
- Fale baixo, *monsieur* Chuquet. E também no espaço aéreo saudita.
- Perdeu o juízo? Não existe no mundo um espaço aéreo mais controlado. Quem tentar violá-lo não viverá para contar a história.
- Ninguém lhe está a exigir que o piloto regresse com vida, *monsieur* Chuquet. Só pedimos que cumpra a sua missão antes de morrer. – Donatien Chuquet olhou-o, chocado. – Não me olhe assim, *monsieur* Chuquet. O senhor sabe que esta missão é exequível.
- Sim. É possível – admitiu Chuquet, controlando-se. – Claro que não dependerá só da destreza do piloto, mas também do avião utilizado. Tinham pensado usar o *Rafale*?

Sami al-Quraíshi sorriu com sarcasmo e Chuquet sentiu um nó no estômago que o apertava como se tivesse ali uma pedra.

– Como soube pelos jornais, a operação correu mal.

– Por acaso a Força Aérea do Iraque não dispõe de dois *Mig* ou de dois *Mirage* capazes de levar a cabo com sucesso esta missão? Recordo que durante a Guerra do Golfo estavam bem armados.

– A Força Aérea do meu país é um monte de lata. Estamos proibidos de comprar material de substituição oficial, e o mercado negro está fora de questão. É muito arriscado. Necessitamos mesmo de saber que estamos a comprar peças originais. Tudo tem de ser perfeito. Nada pode falhar. O senhor, *monsieur* Chuquet, esqueça os aviões. Nós vamos consegui-los. O seu trabalho será treinar os pilotos. Nada mais lhe será exigido.

– E onde será levada a cabo a seleção e o treino?

– No Iraque.

Capítulo 1

Domingo, 13 de setembro de 1998. Hospital Chris Hani Baragwanath, Joanesburgo, África do Sul.

La Diana levantou-se da cadeira ao avistar a figura de Markov, que se aproximava pelo corredor com dois copos térmicos de café: o dela muito forte, com natas e dois pacotes de açúcar – o colega já lhe conhecia os gostos. La Diana não fez qualquer menção de avançar; ficou de pé, com o olhar fixo nele, que tinha os olhos escondidos por óculos escuros. Ele entregou-lhe o copo sem falar, limitando-se a esboçar um sorriso que se desvaneceu logo a seguir.

– Obrigada, Markov. – Embora não tivesse voltado a chamar-lhe Sergei, sentia-se à vontade na sua presença dele, sem a tensão do passado. – Ufa, precisava mesmo de um café. A noite foi longa.

– Alguma novidade? – La Diana negou. – O chefe acabou de me ligar.

– Contou alguma coisa?

– Nada. Só perguntou pela doutora Martínez. Não consegue tirá-la da cabeça.

La Diana e Markov trocaram um olhar significativo. Há algum tempo atrás, um comentário daquela índole, tão pessoal, teria desencadeado o desdém ou a troça da rapariga bósnia. Agora, afetou-a. Era invulgar que um soldado duro como Markov se comovesse com a mal dissimulada tristeza de um homem apaixonado. Afastou o olhar, acobardada pela energia que emanava do russo. Desde a tarde em que Markov a ajudara a descer do penhasco no Congo, a relação entre eles adotara outro cariz, ainda que ela não conseguisse defini-lo. Os colegas não estranhavam vê-los juntos a maior parte do dia; de facto, parecia faltar qualquer coisa a La Diana quando Markov, nos momentos de descanso, se retirava para ler. Tentava arranjar desculpas para o interromper, embora por vezes se refreasse porque temia que o russo a interpretasse mal. Na verdade, porque é que o procurava? Para quê? Argumentava para si própria que queria alimentar a amizade incipiente: ela não tinha amigos (perdera-os no massacre de Srebrenica), em 1995, e tinha saudades de sentir o carinho e a camaradagem que alguns vizinhos e colegas de escola lhe tinham inspirado. Contudo, tinha de admitir que, quando Markov fixava os seus olhos grandes e escuros nos dela, sentia sensações novas que os seus amigos bósnios nunca lhe haviam provocado.

A porta abriu-se e Matilde, ajudada pelo seu amigo Ezequiel Blahetter e escoltada por Juana Folicuré, entrou, com passos indecisos.

– Bom-dia, Sergei. Bom-dia, Diana – cumprimentou, e, embora lhes tivesse sorrido, tratou-se de uma careta triste e sem luz.

– Bom-dia, Matilde – responderam-lhe em uníssono.

– Quer ir visitar Kabú – explicou Ezequiel.

– Eu acompanho-os – declarou Markov. – O turno da Diana acabou agora mesmo.

– Obrigada, Diana – gaguejou Matilde de forma quase inaudível, e pondo uma mão no baixo-ventre, no sítio onde a atingira o estilhaço da granada lançada por rebeldes congolese na Missão São Carlos, perto da cidade de Rutshuru.

– Dói-te? – perguntou Blahetter, preocupado.

– Os pontos repuxam.

– Queres voltar para a cama?

– Não, não. Vamos. Quero ver Kabú. Sergei, o Eliah ligou?

O russo acenou negativamente; o chefe proibira-o de mencionar os seus telefonemas diários a Matilde. Embora habituado ao rigor militar e a cumprir ordens, Markov perguntou a si mesmo quanto tempo aguentaria até lhe contar a verdade; partia-se-lhe o coração ver o desconsolo no rosto emagrecido da Dra. Martínez.

– Se ele ligar, podes dizer-lhe que quero falar com ele? Por causa do Jérôme. Não lhe vou tirar muito tempo – esclareceu, e o guarda-costas assentiu. – Vamos.

Markov olhou de relance para La Diana antes de se juntar a Matilde e aos seus amigos. La Diana ficou encantada com aquele olhar fugaz. Perguntou a si mesma se aquilo que estava a crescer entre ela e Markov se assemelhava ao que existira entre Matilde e Blahetter, uma relação que não tinha dificuldade em identificar com a que existia entre ela e o seu irmão Sándor.

Antes de desaparecer no corredor que se abria para a direita, Markov virou-se e voltou a aguentar o olhar dela. La Diana soube, ao fixar os seus olhos azuis nos quase negros do russo Markov, que nunca poderia vê-lo como Matilde via Blahetter, ou como ela própria via Sándor.

Na sala onde Kabú, que já havia superado com êxito uma cirurgia reconstrutiva, estava alojado, informaram-na de que o menino e a sua acompanhante, *sœur* Angelie, tinham ido visitar o doente do quarto 451, o Sr. Nigel Taylor. Matilde duvidou e lançou olhares a Juana e Ezequiel, que a acompanhavam. Não estava preparada para enfrentar o responsável pela rutura com Eliah. Juana afirmava que, na verdade, ela o perdera por causa dos seus escrúpulos «idiotas» – utilizara esse adjetivo –, por desconfiar sempre dele e por o ter humilhado mostrando que não o respeitava.

– Vais desculpar-me, Mat – dissera-lhe alguns dias antes –, mas o *papurri* está farto de tanta acusação e discussão. Primeiro foi a história da bruxa da tua irmã Celia, e agora a do pirata inglês.

– Tens de admitir, Negra – interveio Ezequiel – que as fotografias que a Mat recebeu enlouqueceriam qualquer uma.

– O *papurri*, meu caro amigo, tinha o direito de se deixar chupar por quem lhe desse na real gana enquanto não estava comprometido com a Mat. E quando estive com a Gulemale, ele e a Matilde ainda não tinham reatado.

– Então porque é que ele me mentiu quando lhe perguntei se havia alguma coisa entre ele e a Gulemale?

Juana ergueu os olhos ao céu e deu um guincho exasperado.

– Ezequito, será que lhe podias explicar tu que nenhum homem no seu perfeito juízo o admitiria? Eu já não tenho paciência. Na próxima vez dou-lhe um soco, com estilhaços e tudo.

– A Negra tem razão, Mat. Se a tal Gulemale não significava nada para ele, só sexo, era doentio angustiar-te com isso. Em todo o caso, Negra, ficar a saber da mulher do Nigel Taylor foi muito duro.

– A esposa do Nigel Taylor, claro! Uma santa pomba. Bipolar, medicada, alcoólica e ninfomaníaca. – Juana calou-se de repente e adotou uma atitude meditativa, invulgar nela. Pouco depois, falou: – Pergunto-me o que diria a tua psicóloga disto, Mat.

– A que é que te referes?

– Refiro-me a este boicote permanente que tu fazes ao amor.

– Boicote? Eliah boicota-se sozinho!

– Não sejas ridícula. Desde o início que tens andado à procura de problemas onde eles não existem. Não te permites ser feliz, como se não merecesses a felicidade que ele está disposto a dar-te. A partir de um determinado dia no passado (não é preciso dizer-te qual), definiste-te como uma imprestável e uma inútil só por não teres ovários e, desde aí, só pensas em como pagar pelo teu pecado. Foi por isso que te tornaste escrava do mundo: a médica abnegada que cura os mais pobres e que arrisca a vida em lugares de merda como o Congo. Não queres ser feliz porque pensas que não mereces! E por isso estás sempre a boicotar-te!

– Basta, Juana! – interveio Ezequiel, quanto Matilde começou a choramingar.

– Uf! – bufou, e abandonou o quarto. Voltou duas horas mais tarde, calma e contente porque falara com Shiloah e fizera planos para se encontrarem logo que dessem alta a Matilde.

– Deixa-nos sozinhas, Ezequito.

– Agora que voltaste, vou ao hotel tomar um banho.

Ezequiel beijou Matilde na testa e foi-se embora. Juana sentou-se na beira da cama e olhou para a janela.

– Quando te tiraram da terapia intensiva e te trouxeram para este quarto, o Eliah sentou-se ali. – Apontou para uma cadeira à esquerda da cabeceira. – Ficou a olhar fixamente para ti. Durante muito tempo não pestanejou. Era evidente que não conseguia afastar os olhos de ti, como se tivesse medo de te perder de vista. – A garganta de Matilde começou a pesar e não conseguiu articular nenhuma palavra. – Eu comentei, em voz baixa: «Vê-la assim, tão pálida e quieta na cama, faz-me lembrar o dia em que a operaram e a esvaziaram, aos dezasseis anos». O Eliah ficou calado durante algum tempo. Depois pediu-me: «Juana, conta-me outra vez o que aconteceu quando os médicos lhe disseram que lhe tinham extirpado os genitais». E eu assim fiz. Detalhadamente – esclareceu – porque nunca me esquecerei dessa tarde no Sanatório Allende. Como odeio aquele sítio! Lembras-te de que a televisão do quarto só funcionava com moedas que tínhamos de comprar àquele imbecil parecido com o Larguirucho? Que idiota!

– O que é que contaste ao Eliah? – sussurrou Matilde, numa voz arrastada, rouca, grave que nem ela nem Juana reconheceram.

– Conte-lhe que estávamos Eze, a tua avó e eu. A tua avó, com cara de cu, claro, como convém a uma mulher mal-amada, ou não amada, tenho de dizer. Desculpa, Mat, mas é assim.

– O que é que lhe contaste? – insistiu Matilde.

– Conte-lhe que o médico tinha sido uma besta. Vi-o cerrar os punhos. Acho que se o doutor López Serrat estivesse por perto o Eliah o estrangulava. Também lhe contei que, primeiro, não entendeste ou não quiseste entender aquilo que o médico te estava a dizer, porque sorrias e olhavas em volta tranquilamente; e que quando te apercebeste, pelas nossas caras, de que a coisa era grave, começaste a mexer-te, a balbuciar e a choramingar. «Matilde» – disse Juana, engrossando a voz para imitar o cirurgião – «tive de te tirar tudo: o útero, os ovários, as trompas, tudo. Não era possível salvar nada. As células malignas tinham-se espalhado por todo o teu aparelho reprodutor. Tirámos tudo», repetiu López Serrat, como se não tivéssemos ouvido. O grande imbecil. Conte-lhe que depois te disse que terias de fazer quimioterapia, mas que tu não ouvias porque choravas nos braços de Ezequiel enquanto lhe perguntavas: «Isso quer dizer que não vou poder ter filhos? Eze, isso quer dizer que não vou poder ter bebés?»

A voz de Juana fraquejou. Matilde mantinha a compostura. Paradoxalmente, sentia paz. Enquanto Juana evocava uma das piores tardes da sua vida e ela recriava cada palavra, cada gesto, cada sentimento, não sofria a dor e a desolação que lhe tinham causado aos dezasseis anos. Naquele momento, acreditava que não lhe restava nada, que um bisturi arrasara tudo, que a sua vida não valia dois cêntimos, que o seu corpo era um terreno árido e que a sua presença no mundo não tinha sentido. Naquele momento, depois de ter amado Eliah al-Saud e Jérôme Kashala, estava-se nas tintas para ter ou não ovários.

Matilde esticou o braço e acariciou o cabelo preto, liso e brilhante de Juana, que lhe prendeu a mão entre as suas e a beijou; depois, encostou a face às costas da mão de Matilde e cerrou as pálpebras.

– Odeio tudo aquilo que tu tiveste de sofrer! Não suporto pensar na dor pela qual tiveste de passar!

– Se não tivesse passado por essa dor, não teria estudado Medicina. Teria estudado Direito para tirar o meu pai da prisão.

– E? – impacientou-se Juana.

– Se não tivesse estudado Medicina, não teria ido para Paris e, conseqüentemente, não teria conhecido o amor da minha vida. Se não tivesse discutido com o Eliah em Paris, provavelmente não teria ido para o Congo; teria acabado por ficar com ele. Se não tivesse ido para o Congo, não teria conhecido o meu filho, Jérôme, que não é filho das minhas entranhas mas da minha alma.

– Foi o filho das tuas entranhas noutra vida, não te esqueças – brincou Juana, enquanto enxugava os olhos com a ponta do lençol. – Para mim, o que N’Yanda diz é sagrado... – Recuperou forças para dizer: – E não digas que terias ficado em Paris porque não é verdade. Tinhas decidido deixar o *papurri* porque não podias dar-lhe filhos, por isso não me venhas com essa.

– O Eliah tem tanto poder sobre mim – suspirou Matilde, exausta, e recostou-se na almofada.

– Ele diz que *tu* tens poder sobre ele. – Perante a careta de espanto de Matilde, Juana explicou: –

Depois de lhe ter contado sobre a tarde em que soubeste que te tinham tirado tudo, ficou calado, com os olhos brilhantes. Nem por um instante os afastou de ti. Pestanejou, e caíram lágrimas. Limpou-as com o punho da camisa e disse-me... não! acho que estava a dizer a si próprio: «Parece tão inofensiva, com a sua carinha de anjo e o seu ar de menina, mas é poderosa e forte e decidida e firme, e tão perfeita... Faz-me sentir menor. Faz-me sempre sentir em desvantagem.»

Matilde fechou os olhos e inspirou para reprimir o choro ao ouvi-la.

– Eu percebo o Eliah – afirmou Juana. – Eu sentia o mesmo em relação a ti.

– O quê? De que é que estás a falar, Juani? – Matilde reergueu-se na cama.

– Sentia-me menor. Menos bonita, menos bondosa, menos inteligente, menos tudo. Mas eu gostava tanto de ti... Gosto muito de ti, amiga, mas estar perto de alguém como tu não é fácil. É como se fôssemos uma lanterna, toda vaidosa e coquete em relação à sua luz, e de repente fôssemos colocados ao lado do sol. Num segundo, passas a ser merda, nada. Temos de estar sempre a repetir: «Esta sou eu, eu sou assim. Uma lanterna bonita. A Matilde é a Matilde. A Matilde é o sol.» Falei muito disso na terapia, e só assim consegui compreender e digerir este sentimento que me fazia sentir ciumenta, invejosa, furiosa e culpada, tudo ao mesmo tempo.

– Por isso estás sempre do lado do Eliah.

– É que eu percebo-o bem, Mat! É muito fácil para ti que nunca cometes nem cometeste erros! Mas eu, que passo a vida a arrepender-me das porcarias que faço, compreendo-o bem!

– Eu também já errei!

– Oh, Matilde, por amor de Deus!

– Ter-me casado com o Roy não foi um erro gravíssimo? Juana, não passa um dia em que eu não me arrependa da tristeza que lhe causei por não ser honesta com ele, por ter permitido que o que nos rodeava me pressionasse. Fui uma imatura, uma estúpida, e fi-lo sofrer. Quando disse ao Eliah que não o respeitava e que não podia confiar nele não terá sido dos piores erros que cometi? Não quero pensar no mal que lhe causei! Ao meu amor! Ao amor da minha vida! Tenho montes de defeitos! Falho continuamente! E por causa dos meus erros perdi o Eliah! Ele já não gosta de mim! Nem sequer esperou que eu acordasse! Nem sequer aceita falar comigo!

Matilde a chorar, com os olhos cerrados e as mãos apertadas em cima das pernas. Os seus gritos, que perfuraram a quietude do hospital e atraíram Markov e uma enfermeira, pulsavam na ferida do baixo-ventre. Juana abanou a mão para indicar que estava bem.

– A menina não pode transtornar-se assim. Vou pôr-lhe um tranquilizante no soro.

– Não, enfermeira – pediu Matilde, ainda que com voz alterada. – Eu vou acalmar, prometo.

Deixaram-nas de novo a sós, e Juana obrigou-a a recostar-se. Matilde abraçou a amiga e disse-lhe ao ouvido:

– E o maior de todos os meus erros foi Jérôme. Nunca me perdorei por não o ter ido buscar antes de nos termos escondido na cave, nunca! Pareceu-me tê-lo visto com Tabatha e fiquei descansada. Meu Deus, não mo tires! Não mo tires!

– O Eliah vai encontrá-lo. Não lhe podes dar nem que seja esse voto de confiança?

– Sim. – Não se afastou de Juana ao sussurrar: – Sempre quis ser como tu, Juani. – A amiga tentou apartar-se, mas Matilde manteve-a abraçada a si. – Sempre quis ser livre, e divertida, simpática, mundana e atraente como tu. Quando entras num sítio, com essa altura e esse porte, toda a gente se vira para olhar para ti. E quando te vêm sorrir, as caras das pessoas são como espelhos da tua e refletem o teu sorriso. Queria ser assim, como tu, e levar alegria a todo o lado. Tu sabes como eu sou, mais para o aborrecida e lacónica.

– Lacónica? Onde é que tu vais buscar essas palavras, amiga?

– Não sei. Sou assim, um anacronismo vivo, como tu dizes.

– Gosto muito de ti, Mat, com toda a minha alma.

– E eu de ti, amiga do meu coração. O que teria sido de mim sem ti e sem o Eze?

Ficaram abraçadas.

– Tenho muitas saudades do Shiloah – murmurou Juana ao afastar-se.

– Estás muito apaixonada por ele, não estás?

– Não sei, Mat. Não posso acreditar que gosto a sério daquele judeu pançudo, com o mapa de Israel desenhado na cara, que está quase a queimar os últimos fusíveis que lhe restam. O meu avô Kasem vai-me degolar!

– O teu avô Kasem praticamente não vê nem ouve. Não vai dar por nada.

– Oh, se não vai. O sacana do velho ouve e vê muito bem quando lhe interessa.

Matilde desatou a rir ao evocar a imagem do idoso que fora como um avô para ela, que lhes contava histórias da sua terra natal, a Síria, lhes comprava *baklava* e outros doces árabes e lhos dava às escondidas para que a mãe de Juana não lhos tirasse com a desculpa de fazerem mal aos dentes.

– E o que é que o teu pai vai dizer?

– O meu pai? Nada, o que é que ele pode dizer? Ele ainda é mais bondoso do que o quaker. Além disso, não te esqueças de que ele é mapuche e por isso sabe muito bem o que é o desprezo e a marginalização. Não vai dizer nada sobre a origem judia do Shiloah. Outra coisa é a minha mãe, tão orgulhosa do seu sangue árabe.

– Não sei porque é que te preocupas – disse Matilde. – Mesmo que o teu avô e a tua mãe te declarem guerra, tu vais fazer o que te der na gana. Essa é outra das virtudes que eu tanto admiro em ti, querida amiga: a tua liberdade. Nunca a percas!

Por ser verdade, quando Matilde decidiu finalmente procurar Kabú no quarto de Nigel Taylor, Juana declarou que não pensava acompanhá-los.

– Se dou de caras com o pirata inglês – assegurou –, deformato-lhe o outro lado da cara. Melhor, vou à procura de um telefone público para ligar aos meus pais e ao Shiloah. Não percebo porque é que este telemóvel de merda continua sem sinal quando todos os outros funcionam lindamente. Telecom Argentina e a puta que a pariu. – Com uma meia-volta digna de uma modelo de *passerelle*, afastou-se pelo corredor.

Blahetter bateu à porta. Quem abriu foi *sœur* Angelie, que ergueu as sobrancelhas ao ver Matilde fora da cama.

– Disseram-nos que tu e o Kabú estavam aqui, com o Nigel – explicou Matilde.

– Entrem, entrem – convidou Angelie, e Matilde hesitou, à espera da autorização de Taylor; no entanto, a religiosa agiu como dona da casa e instou-os a entrar. Embora a visitasse diariamente, Matilde ainda tinha dificuldade em aceitar a nova estética de Angelie, sem o véu nem a clássica saia azul ou a camisa branca, mas de *jeans*, polo ou *t-shirt* e sapatos de ténis. O cabelo curto deixava-lhe a cara descoberta, na qual os olhos grandes chamavam logo a atenção, antes até do seu longo nariz, que condizia com as feições, mais retas do que regulares. Matilde notou que, após aqueles dias no hospital, a pele bronzeada de Angelie, depois de tantos anos perto do Equador, ia ficando mais clara, contrastando com a tonalidade escura dos olhos.

Sentado na cama, Kabú saltou ao ver Matilde e correu para os braços dela, que o esperavam.

– Devagar, os dois – ralhou Angelie.

Kabú também visitava diariamente Matilde e perguntava-lhe sempre por Eliah e por Jérôme, o que dava origem a um desfiar de mentiras, todas piedosas, para que não entristecesse durante o processo de recuperação. Ainda faltavam algumas cirurgias para que o seu rosto adquirisse um ar normal e Matilde, como cirurgiã, sabia a importância de manter elevado o moral do paciente. Como todos os dias, ao abraçar o *enfant sorcier* Matilde apertava os lábios e as pálpebras e rezava uma prece por Jérôme. Passava o tempo a pensar nele, a rezar por ele, angustiada com a sua sorte. Às vezes receava enlouquecer ou que o tormento que a afligia libertasse novamente o demónio que se escondia dentro dela: o cancro.

De tanto pensar em Jérôme, apercebia-se de que pouco sabia dele; por exemplo, desconhecia a data do seu aniversário, se tinha um segundo nome, o ano exato do seu nascimento. Ao preencher os papéis da adoção, a sua prima Amélie, a superiora da Missão São Carlos, explicou-lhe que apenas uma percentagem muito baixa de congolese, em geral aqueles que vivem nas cidades grandes como Kinshasa e Kisangani, cumpria a obrigação de inscrever os filhos ao nascer, e por isso era difícil encontrar alguém com bilhete de identidade.

Matilde acabou de abraçar e de beijar Kabú; respondeu-lhe às perguntas, examinou-lhe os pensos e as cicatrizes e por fim ergueu o olhar na direção de Taylor. Kabú libertou-se do seu abraço e voltou para a cama, para junto do inglês.

– Olá, Nigel.

– Olá, Matilde. Como estás?

– Bem. E tu?

– Um bocado maltratado – disse, e a parte da boca que a ligadura não tapava, a direita, curvou-se num sorriso, que logo se deformou numa careta de dor.

– Dói-te, Nigel? – preocupou-se Kabú, inclinando-se para observar o olho são do inglês.

– Um bocadinho.

Sœur Angelie aproximou-se com uma expressão de ansiedade que surpreendeu Matilde.

– O que quer que eu faça, senhor Taylor? Chamo a enfermeira? Aproximo o copo para beber um pouco de água?

– Não, Angelie. Não se preocupe. Já passa.

«Angelie»? Matilde continuava pasmada, observando a religiosa que ajeitava as almofadas debaixo da cabeça de Taylor, instando-o a beber líquidos e animando-o, assegurando-lhe que em menos de quinze minutos lhe renovariam a dose de calmante.

– Sabes, Matilde? O Nigel disse-me que, quando sairmos do hospital, me leva no avião dele para Londres. – Matilde desviou o olhar e pousou-o em Taylor, que o susteve com o único olho bom, o direito. – Também convidou a *sœur* Angelie. E ela disse que vai.

– Kabú – disse a religiosa, e Matilde notou um toque nervoso na voz dela –, está na hora de voltarmos para o nosso pavilhão. Tens de te deitar e dormir um bocadinho antes do almoço. Já sabes o que diz o doutor van Helger acerca de recuperar as forças para a próxima operação.

O *enfant sorcier* não se mostrou inclinado a abandonar o amigo; não obstante, saiu da cama, murmurou um «vemo-nos mais tarde», beijou Matilde e partiu com a sua tutora.

– Por favor – disse Taylor, e dirigiu-se a Ezequiel Blahetter –, aproxime essas cadeiras e sente-se perto da cabeceira.

Ezequiel arranjou uma cadeira para Matilde e manifestou que voltaria dentro de alguns minutos para a buscar. Ao sair, deixou o quarto mergulhado num silêncio incómodo.

– A *sœur* Angelie contou-me – disse Matilde, em voz baixa – que salvaste o olho esquerdo. Fico contente.

– Sim, o olho salvou-se, mas fiquei com a bochecha e o maxilar desfeito.

– O que é que te disse o cirurgião?

– O Van Helger afirma que, com as operações, deve ficar minimamente decente.

– Fico contente.

– E tu, como estás? Acho-te deprimida. – Matilde ergueu o olhar e fixou-o em Taylor, que se colou à almofada ao notar a animosidade dela. – O que é que se passa? Porque é que estás a olhar assim para mim?

Matilde negou com a cabeça várias vezes.

– Desculpa, Nigel, é que foi tudo tão duro. Sabes que o Jérôme desapareceu?

– O Jérôme, desaparecido? A *sœur* Angelie não me disse nada. E sei que está sempre em contacto com a missão.

– Talvez a Amélie não lhe tenha dito nada para não a angustiar.

– É possível. O que é que lhe aconteceu?

– Foi no dia do ataque. Atingiram-me quando saí à procura dele; apercebi-me de que não estava entre as crianças. Sei que os homens do Eliah o procuraram por toda a parte; aliás, ainda continuam à procura dele, sem sucesso.

Matilde desatou a chorar. Agradeceu que, ao contrário de Juana e Ezequiel, Taylor não tentasse consolá-la nem lhe pedisse para não chorar. O homem manteve-se calado e à margem, à espera de que ela deitasse cá para fora a tristeza que a corroía.

– Desculpa, Nigel, não consegui evitar. Estou tão angustiada e preocupada. Não sei onde está, com quem está. São tantas as coisas que podem estar a acontecer-lhe... Às vezes acho que vou enlouquecer. Não suporto estar aqui, deitada numa cama, sem fazer nada!

– Dizes que os homens de Al-Saud andam à procura dele. – Matilde assentiu, cabisbaixa. – Tens de confiar nele. Não tenho dúvidas de que o vai encontrar.

O olhar de Matilde regressou à animosidade inicial. Taylor não se amedrontou e continuou, severo:

– Al-Saud salvou-me a vida, Matilde. Arrastou-me para fora da linha de fogo, expondo-se de forma insensata, e trouxe-me para aqui.

Matilde sabia, porque os amigos lhe tinham contado, que Taylor viajara com ela no *Jumbo* da Mercure, mas desconhecia o papel de Al-Saud no resgate do inglês.

– Não sabia – confessou. – Não falo com o Eliah desde... desde que rompemos. Na noite de quinta-feira, 27 de agosto, quando tu me contaste acerca da tua mulher.

– Lamento – disse ele, evitando o contacto visual para esconder a vergonha. – Acabaste com ele por causa daquela história da Mandy?

– Foi Eliah quem acabou comigo – esclareceu Matilde, perante o gesto desorientado de Taylor. – Cansado das minhas recriminações, das minhas dúvidas e, da minha desconfiança, optou por deixar-me. – Após uma pausa, continuou: – O Eliah jurou-me que a história entre ele e a tua mulher foi diferente da que me contaste.

– O que é que ele te disse? – Matilde hesitou em entrar em pormenores; não queria magoar um homem que jazia numa cama de hospital com metade da cara desfeita. – Fala, não tenhas medo. Diz-me o que é que ele te disse.

– Que foi ela quem o perseguiu até conseguir que se tornassem amantes.

– É verdade.

– Tu disseste-me que ele a tinha assediado até a fazer claudicar!

– Menti-te, e fi-lo para te afastar dele.

– Meu Deus, Nigel!

– Uma tarde, a seguir a uma partida de ténis, a Mandy esperou que eu saísse do vestiário e enfiou-se no duche onde o Eliah estava a tomar banho. Foi assim que tudo começou.

– Oh, não – soluçou Matilde.

– A Mandy sofria de um transtorno do humor chamado bipolaridade. Embora estivesse medicada, as drogas não pareciam fazer efeito. A sua condição levava-a a passar de estados de euforia para fortes depressões. Al-Saud não sabia. Eu nunca falava do problema da minha mulher com ninguém, porque me envergonhava. Não suportava a ideia de que ela pudesse não ser feliz comigo, de que eu não lhe bastasse.

– Estava doente! Era uma desordem química. A culpa não era tua.

– Eu não via as coisas assim. A Mandy não aceitava a doença e eu também não. Ia acabar mal, com ou sem a ingerência de um terceiro que, neste caso, foi o Al-Saud. Foi fácil para mim fazer dele o bode expiatório. Eu amava a Mandy mas ela estava doente e eu não consegui enfrentá-lo.

– Fui tão injusta com o Eliah. Não acreditei nele quando me garantiu... – Matilde desatou novamente a chorar ao evocar a cara de desorientação e medo de Al-Saud quando ela lhe pediu para falarem sobre Mandy Taylor. Encurralara-o como a um animal para o acicatar com um ferro.

Ao acalmar, limpou as lágrimas com um lenço de papel que encontrou na mesa ao lado da cama de Taylor. Fê-lo com movimentos lânguidos e pausados, acompanhando-os com uma respiração profunda, que lhe enchia completamente os pulmões. Ao expirar, desfazia-se até do último centímetro cúbico de ar, para o que contraía o estômago, como Al-Saud lhe ensinara.

– Puseste as fotografias da Gulemale e do Eliah no meu cacifo, não foi?

– Sim – respondeu o inglês, sem hesitar, numa voz clara.

– Como é que as conseguiste?

– A Gulemale deu-mas.

Matilde levantou-se, aproximou-se da cama e apertou a mão de Nigel Taylor.

– Obrigada por me teres dito a verdade.

– Perdoa-me, Matilde.

– Estás perdoado.

O telemóvel de Markov rompeu o silêncio do corredor.

– Estou?

– Sou eu, Markov. Al-Saud.

– Sim, chefe.

– Como é que ela está?

– Muito bem. Hoje levantou-se e andou pelo hospital.

– Está aí, contigo?

– Não – disse Markov, e algo na negativa cortante do russo soou estranho a Eliah.

– A Matilde está no quarto dela?

– Não.

– Onde raio está ela, Markov?

– Está a visitar o senhor Taylor.

– Obrigado, Markov. Mantém-me informado.

– Chefe!

– O que é que se passa?

– A menina Matilde pediu-me que lhe dissesse que precisa de falar consigo. – O mutismo de Al-Saud incomodou o guarda-costas. – Diz que é por causa de Jérôme, que não lhe roubará tempo.

«Por causa de Jérôme, claro!», pensou Al-Saud, com amargura.

– Diz-lhe que não há novidades. – Cortou a chamada sem dar tempo a Markov para insistir.

Apoiou os cotovelos na secretária no escritório na sua fazenda em Ruão e apertou o telemóvel contra os lábios até sentir a pressão dos dentes na carne. Telefonara duas vezes nesse dia para perguntar por Matilde e, a cada chamada, a sua ferida abria-se e o seu coração despedaçava-se.

Quase teve vontade de rir. Mais uma vez, estava no ponto de partida, como num jogo macabro em que, depois de ganhar, voltara a perder tudo por causa de um infeliz lance de dados. No entanto, assim que pudesse ia abandonar o jogo: não mais voltaria a tentar a sorte. Amava Matilde desesperadamente; precisava dela para sentir que estava vivo; sentia tanto a sua falta que lhe doía o peito; contudo, não cairia em tentação. Só o seu orgulho, aquilo que o impedia de voltar para ela, o mantinha inteiro, apesar de aquela chamada para Markov quase o ter pulverizado. Estava com Taylor e só queria comunicar com ele para falar de Jérôme.

– *Merde!* – exclamou, saindo do escritório de rompante.

Não passaria pela mesma agonia de finais de março. Não queria. Resistia a cair no estado de ânimo tumultuoso que ameaçava roubar-lhe a prudência. Na cavaleriça, pediu que aparelhassem o *Royal Kelly*, o garanhão mais brioso e manhoso da sua manada, cuja estrutura robusta, de peito forte, e grande estatura evidenciavam a pureza do seu sangue frísio. Caprichoso e excitável, o animal abandonou a fazenda a galope, espicaçado pelos gritos do cavaleiro. «Talvez», meditou Al-Saud, com sarcasmo, «ande a arranjar maneira de partir o pescoço». Os empregados e o veterinário pensaram algo semelhante ao vê-lo partir.

Regressou mais tarde, quando nem o seu corpo nem o do animal suportavam um só metro mais de percurso. Exigiu ao empregado que desse uma escovadela vigorosa e uma ração de aveia a dobrar a *Royal Kelly*. Deu-lhe uma palmada no lombo e dirigiu-se para a casa. Laurette, a esposa do administrador, o japonês Takumi Kaito, preparou-lhe o *jacuzzi*. Apesar do seu humor canino, deixou-a cirandar por ali, a pôr sais e óleos na água morna enquanto lhe explicava os benefícios da cidreira e da bergamota, porque sentia afeto pela mulher. No entanto, quando o *sensei* apareceu no umbral do quarto e fez sinal a Laurette para que o acompanhasse, Eliah sentiu-se grato. Trocou um olhar fugaz com Takumi Kaito que, apesar de breve, foi intenso e eloquente.

No dia seguinte, segunda-feira, 14 de setembro, deveria ter regressado a Paris e ter-se ocupado das incontáveis questões que o aguardavam nos escritórios que a Mercure mantinha no hotel George V, sobretudo tendo em conta que os seus sócios – Tony, Peter e Mike – estavam no Congo a tratar da segurança da mina de coltan. No entanto, ao levantar-se, mirou a paisagem da varanda do quarto e decidiu ficar a trabalhar no estúdio. Quase sucumbiu à recordação: Matilde a chorar nos seus braços naquela mesma varanda, enquanto lhe confessava que o pai passara vários anos na prisão por fraude. A cena quase conseguiu tirar-lhe a energia com que se levantara. Graças à cavalgada da tarde anterior, dormira sete horas seguidas.

Vestiu roupas leves e saiu do quarto em busca de uma chávena de café forte. No corredor, ainda

antes de chegar à escada, sentiu o aroma das madalenas e das meias-luas, as especialidades de Laurette. Inspirou perfeitamente e sentiu a boca a encher-se de saliva. Encontrou o casal Kaito na cozinha. Ambos liam: ele, um jornal, ela, uma revista cor-de-rosa. Estavam à sua espera para tomar o pequeno-almoço: a mesa já posta e, numa jarra jacintos violeta, cujo perfume ficava sepultado sob o peso do aroma dos bolos que coziavam no forno. Desde que chegara, na tarde de sábado, não tinham partilhado nenhuma refeição, apesar de o terem convidado várias vezes para casa deles, uns metros afastada da principal. Era óbvio que não aceitariam uma nova recusa.

O café soube-lhe a glória e engoliu duas meias-luas mornas quase sem mastigar, confirmando que voltara a ter apetite depois de dias a levar a comida à boca num ato mecânico. Enquanto Takumi e Eliah davam conta dos bolos, da fruta e dos ovos mexidos, Laurette falava pelos cotovelos.

– Olha, Eliah, estava a folhear esta revista e vi uma coisa que gostava de te mostrar. – Abriu-a numa página marcada e fê-la deslizar para o outro lado da mesa. – Não achas que esta modelo tem uma certa parecença com a Matilde? Chama-se Céline.

Al-Saud parou de mastigar e pegou na revista. Não analisou aquilo que Laurette lhe indicava mas leu o título e o destaque do artigo. «*A escandalosa Céline. Tiveram de a expulsar de uma conhecida discoteca do troisième arrondissement por entrar numa briga com a modelo inglesa Liza Hamilton*». Eliah avançou no artigo para saber os pormenores. O episódio acontecera dez dias antes. O jornalista insinuava que Céline estava drogada e embriagada. O seu antigo agente, Jean-Paul Trégart, pagara a fiança para a tirar da prisão.

– Então, Eliah, não achas que têm o mesmo ar?

– Como?

– Se não achas que esta modelo é parecida com a Matilde.

– Não, Laurette, não são nada parecidas, apesar de serem irmãs.

– Oh!

Laurette não conseguiu continuar a fazer perguntas. Al-Saud, de revista em punho, abandonou a cozinha e fechou-se no estúdio. Ligou para Trégart, para o apartamento da avenida Charles Floquet. O homem contou-lhe que, na madrugada em que ele e o seu advogado tinham ido buscar Céline à esquadra, a internaram numa clínica de reabilitação muito exclusiva.

– Ontem – continuou Trégart –, ligaram a avisar-me de que tinha fugido.

Al-Saud murmurou um insulto.

– Não conseguiram localizá-la?

– Não. Não consigo comunicar com ela e não está no apartamento.

Al-Saud deixou mensagens no telemóvel e em casa de Céline. Passados apenas três minutos, Céline devolveu-lhe o telefonema.

– Onde estás?

– Queres ver-me? – perguntou a modelo, com sensualidade.

– Estou em viagem. E tu, onde estás?

- Num lugar secreto, onde ninguém consegue encontrar-me.
- Diz-me onde.
- Vens?
- Não posso, estou em viagem, já te disse.
- Gostavas de me ver?
- Não gostava de te ver drogada nem bêbeda.
- Tu e o Jean-Paul são uns grandes chatos!
- Nós preocupamo-nos contigo.
- Sim? Preocupas-te comigo, querido? Isso significa que gostas de mim?
- Claro.
- Mais do que da Matilde?
- Já sabes que a Matilde e eu acabámos. – Não tinha previsto quanto lhe custaria dizer aquelas palavras. Susteve a respiração à espera da reação de Céline, que chegou após uma pausa.
- Fico contente. Se não, já sabes qual seria o destino da minha irmã.

No dia seguinte, de regresso a Paris, Al-Saud apresentou-se bem cedo nos escritórios da Mercure. As suas secretárias, Thérèse e Victoire, lembraram-lhe as reuniões e os compromissos dessa terça-feira e tomaram nota das tarefas atribuídas pelo chefe. Antes de regressar à sua secretária, Thérèse deu meia-volta.

– Senhor, ontem, ao fim do dia, telefonou um senhor... – a mulher consultou a agenda – Falur Sayda. Não quis referir o assunto da sua chamada. Pediu-me simplesmente para o avisar.

– Está bem, Thérèse. Vou tratar disso.

Falur Sayda era um homem de confiança de Yasser Arafat em Paris, uma espécie de embaixador da Autoridade Nacional Palestiniana (ANP) em França. Em finais de janeiro, a dois dias de se iniciar a Convenção pelo Estado Binacional, Sayda organizara um jantar com os membros da Fatah e Al-Saud, durante o qual foram mencionados vários projetos que o *rais* Arafat desejava que a Mercure levasse a cabo. Al-Saud não dera crédito às conversações porque conhecia a situação em que se encontravam os governantes palestinianos. Após quatro anos a controlar a Faixa de Gaza e de Jericó na sequência do acordo entre a OLP (a Organização para a Libertação da Palestina) e o Estado de Israel, assinado a 4 de maio de 1994 no Cairo, a conjuntura política tornara-se adversa para Arafat. Muitas vozes, entre as quais a do Nobel da Literatura, Sabir al-Muzara, se levantavam contra o acordo porque o consideravam parcial: concentrava-se no tema da segurança dos colonatos israelitas e deixava de lado temas relevantes, como o cumprimento das resoluções da ONU por parte de Israel e o problema dos refugiados palestinianos. No entanto, as potências europeias e os Estados Unidos viam-no como um triunfo da diplomacia, e premiavam Arafat com copiosos donativos e créditos flexíveis. Com efeito, dentro de poucas semanas seria inaugurado o Aeroporto Internacional de Gaza, no sul da Faixa, cuja construção era financiada com contribuições de vários países, sobretudo Espanha, Egito e Arábia

Saudita.

Falur Sayda respondeu à chamada mal a sua secretária o informou de que o senhor Eliah al-Saud estava em linha.

– Alteza – cumprimentou-o Sayda, num tom algo solene e desprovido de sarcasmo.

Al-Saud revirou os olhos em sinal de tédio. Perdera a conta ao número de vezes que pedira ao político palestiano que o tratasse simplesmente pelo apelido: para Sayda, Eliah era neto do fundador da Arábia Saudita, o grande rei Abdul Aziz al-Saud e, portanto, um príncipe. Acabaram por combinar almoçar no dia seguinte no restaurante do George V.

Victoire anunciou a chegada do Dr. Lafrange, o advogado de Al-Saud, e fê-lo entrar no escritório do chefe. Eliah estudou-lhe a cara numa tentativa de descobrir se lhe trazia boas ou más notícias acerca do julgamento iniciado meses antes contra a revista *Paris Match*, que coroara Al-Saud como «rei dos mercenários».

– O juiz deferiu todos os pedidos da nossa ação. – Al-Saud regozijou e pensou em Matilde, na forma como poderia redimir-se diante dela. – No entanto, o *Paris Match* apelou da sentença.

– Quais são as probabilidades de o Tribunal de Segunda Instância revogar a sentença inicial?

– É difícil prever. O recurso está nas mãos de um juiz conhecido pela imparcialidade e conhecimento profundo da lei. Nesse sentido, tivemos sorte. Mas não posso prever nada. Lamento, senhor Al-Saud.

– Já sabíamos que isto podia acontecer. Quantos meses teremos de esperar?

– Se o Tribunal de Segunda Instância aceitar o pedido de recurso do *Paris Match*, pode resolver-se em três ou quatro meses. – Ao ver o gesto irritado do seu cliente, Lafrange apressou-se a dizer: – Em todo o caso, não creio que consigam alguma coisa porque duvido de que possam demonstrar a veracidade daquilo que afirmam. O seu comandante durante a Guerra do Golfo, o coronel Amberg, não só deixara claro que o bombardeamento do *bunker* em Amiriyah não fora um capricho seu, mas também se alongara a qualificá-lo como um dos melhores pilotos da força. Descreveu-o como um herói nacional e referiu as suas condecorações. – Lafrange suspirou. – Não nos devemos preocupar. A fonte do *Paris Match* não apareceu na primeira instância; não creio que o faça na segunda.

– Não, não o fará. – A segurança manifestada na resposta de Al-Saud espantou o advogado, que não se atreveu a fazer-lhe perguntas, algo coibido pela intensidade com que o cliente fixou o olhar num ponto e se perdeu nos seus pensamentos. Al-Saud pensava em Nigel Taylor. O instinto dizia-lhe que o inglês não voltaria a traí-lo, pelo menos nos tribunais. Matilde era farinha doutro saco.

Nessa noite também não conseguiu afastá-la da cabeça enquanto jantava com o seu amigo Edmé de Florian, antigo colega da *L'Agence* e atual agente da DST (a Direction de la Surveillance du Territoire), o serviço de informações nacional de França. Tal era, aliás, de prever, uma vez que a conversa girou principalmente em torno de Udo Jürkens, acusado de vários homicídios e de tentar sequestrar Matilde na capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em finais de fevereiro último.

– O quê? – pasmou De Florian.

– É o que estás a ouvir. Esse filho da puta do Jürkens estava na missão da minha prima Amélie na tarde em que os rebeldes a atacaram. Segundo Juana, a amiga da Matilde, ele salvou-a tirando-a da linha de fogo e levando-a para dentro de casa para não se esvair em sangue.

Edmé de Florian sacudia a cabeça e abria muito os olhos.

– E desapareceu assim, sem mais nem menos? – O agente da DST não acreditava na história. Al-Saud assentiu antes de perguntar:

– Os teus homens avançaram na investigação?

– Seguimos-lhe o rasto até ao País Basco. Aí a pista perdeu-se.

– Deve ter amigos etarras. Não te esqueças de que é um terrorista da velha guarda, da época do Baader-Meinhof, e deve estar ligado a muitos grupos desses.

– Onde se esconderá agora? – perguntou-se De Florian.

Capítulo 2

O berlinense Udo Jürkens, cujo verdadeiro nome era Ulrich Wendorff, escondia-se não muito longe do restaurante onde Al-Saud e De Florian jantavam; de facto, encontravam-se todos na mesma ilha parisiense, na Île Saint-Louis, separados apenas por algumas ruas.

Dias antes, depois de abandonar a República Democrática do Congo num táxi aéreo, Jürkens aterrou em Kigali, a capital do Ruanda e entrou em contacto com o seu chefe, Gérard Moses, que trabalhava para o regime de Saddam Hussein no Iraque. A Moses não lhe agradou saber que o seu homem de confiança tivesse falhado pela segunda vez a Anuar al-Muzara, o chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam, o braço armado do Hamas, que lhe encomendara o sequestro da mulher de Eliah al-Saud com o objetivo de o extorquir.

– Não aceito as tuas desculpas – acusou-o Moses. – Quero resultados. O que se passa contigo? Dececionas-me. Ultimamente, não conseguiste levar nenhum trabalho a bom porto.

– Chefe – explicou-se Jürkens, e a sua voz falsa, como a de um robô eletrónico, não evidenciava o seu desânimo –, diga-me o que quer que faça. Junto-me a si? – Era o que, no fundo, Udo mais desejava: poder refugiar-se no Iraque, um país que considerava como seu, e no qual o seu único amigo, Fauzi Dahlan, ocupava um cargo de relevância no círculo do segundo filho de Saddam Hussein, Qusay.

– Liga-me daqui a dois dias – foi a resposta de Moses, e Jürkens baixou a cabeça, desiludido.

Durante as quarenta e oito horas seguintes não se aventurou a sair do seu quarto no hotel, passando o tempo deitado na cama, a pensar em Matilde Martínez; se bem que, para ele, Matilde não era Matilde mas sim Ágata, a sua namorada de juventude, morta durante um ataque à sede da OPEP em Viena, em 1975. O milagre da ressurreição produzira-se a 27 de fevereiro quando, ao tentar sequestrar a médica numa capela do centro de Paris, a susteve nos seus braços e a olhou nos olhos. Foi um momento mágico em que Ágata voltou a sorrir-lhe e a mirá-lo com amor. A partir desse instante queria-a de novo junto a si.

Esgotado o prazo de espera, Jürkens dirigiu-se à mesma cabina telefónica de onde voltou a ligar a Gérard Moses.

– Vai à minha cidade natal – comunicou-lhe Moses – e aguarda instruções.

– Mas...

– Sim, eu sei. Não é o mais conveniente nas circunstâncias atuais. Mas és um homem de recursos e saberás mexer-te. A minha casa está à tua disposição.

– Obrigado, chefe.

– Ouve, Udo. Que sabes de Eliah?

– Na verdade pouco, chefe. Vi-o chegar à missão no dia do ataque e sair dali com a mulher, que se

encontrava gravemente ferida.

– A mulher? Ele estava lá? – perguntou Moses, começando a exasperar-se; irritava-o falar sem segurança. As suas pulsações aumentaram e quase que lhe provocaram um ataque de porfiria. – Como é que estava lá?

– Chegou de helicóptero. – Jürkens não adiantou mais nada. Se a conversa se mantivesse corria o risco de ser captada pelo ECHELON, o sistema de escuta internacional dos Estados Unidos.

Moses apertou o punho em torno do auricular do telefone. Durante o seu último encontro no hospital de Viena, Eliah garantira-lhe que o assunto com Matilde Martínez terminara. O diabo que os levasse aos dois!

– Está bem – murmurou, por fim. – Faz o que te digo. E tem cuidado.

– Sim, chefe.

Udo Jürkens escondeu as suas feições por baixo de uma espessa barba postiça e por trás de uns óculos escuros e regressou a Paris, cidade onde tinha a cabeça a prêmio, em cartazes espalhados pelas paredes das estações do metro, dos comboios e do aeroporto. A deslocação arriscada correu, apesar de tudo, melhor do que o previsto e, dois dias depois, já se encontrava em frente ao portão do *hôtel particulier* na rua do Quai de Béthune, na Île Saint-Louis, a casa onde o seu chefe, Gérard Moses, crescera.

Antoine, de trinta e cinco anos (embora aparentasse mais) e que era quem tratava da casa, abriu a porta com uma pomba na mão; ao confirmar quem era, abriu o portão e inclinou a cabeça em jeito de saudação.

– Aguardam-no no escritório do senhor Gérard – sussurrou.

Jürkens olhou de soslaio, meio surpreendido, meio receoso. Pousou a pasta no chão de mármore do vestíbulo, tirou do coldre a sua *Beretta 92* – que ficara guardada num cacifo na Gare Saint-Lazare – e subiu as escadas encostado à parede. Antoine, com a pomba entalada debaixo do braço, seguia-o com o olhar, exibindo uma expressão indecifrável.

Jürkens irrompeu pela porta do estúdio com a pistola ao alto. Quando reparou quem ali estava, ficou boquiaberto.

– Baixa a arma, Udo – instou-o Anuar al-Muzara, sentado à secretária. – Entra e fecha a porta. Tens muito que me explicar.

– Mas... – balbuciou Jürkens, reparando na presença de dois outros homens, com armas visíveis dentro das calças. – Como conseguiu entrar em França?

– Ah, bom, isso não é muito difícil, sobretudo quando se tem a ajuda de Alá, e existe vontade, algo que ultimamente parece ter desaparecido da tua forma de ser. Onde está a mulher de Al-Saud?

– É possível que esteja morta – confessou Udo, baixando os olhos como se quisesse esconder a dor.

– Morta? Como? Mataste-a?

– Não! – Al-Muzara franziu o sobrolho perante a veemência da resposta. – Eu não. Uns rebeldes do Congo. Foi atingida por um estilhaço de uma granada que explodiu. A última vez que a vi estava viva,

apesar de estar muito mal. Posso averiguar o que lhe aconteceu.

– Faz isso – ordenou o chefe terrorista.

Na manhã seguinte, Udo pediu a Antoine que telefonasse para a sede da Mãos Que Curam fingindo ser um parente da Dra. Martínez em busca de notícias sobre a sua saúde. Passaram a chamada a várias pessoas, obrigando-o a escutar uma música fastidiosa, até que, quinze minutos depois, uma mulher o informou que a Dra. Martínez estava em convalescença num hospital de Joanesburgo. Que hospital? A mulher desconhecia.

Jürkens obrigou-se a si próprio a esperar um pouco antes de entrar no escritório com a notícia: por esses dias, o espaço transformara-se no quartel-general de Al-Muzara. Por fim, seguro de que não se iria descair demonstrando uma alegria excessiva, entrou e anunciou:

– Está viva e recupera num hospital de Joanesburgo.

– Qual?

– Não me souberam informar.

– Não tem importância. Essa informação já é suficiente.

No dia seguinte, Al-Saud entrou no restaurante do George V e avistou Falur Sayda, sentado a uma mesa, espreitando o menu. Mal o viu, Al-Saud pôs-se de pé sorrindo com alegria sincera. Tratou-o uma vez mais por «alteza» e pediu-lhe que ocupasse a cadeira em frente da sua. Al-Saud, homem pouco dado a reparar em detalhes, notou o aprumo e elegância do fato azul-escuro que o palestiniiano usava, bem como nos botões de punho em ouro com brilhantes. O contraste entre Yasser Arafat e o seu ministro era evidente: um mal-arranjado, com a barba rala e sempre com a farda militar; o outro vestido por um alfaiate francês, tão perfumado que o cheiro da água-de-colónia se sentia com intensidade do outro lado da mesa, onde Al-Saud se sentava.

Após escolherem o almoço, começaram a discutir os assuntos mais prementes em árabe, até serem interrompidos pelo empregado de mesa que trazia o primeiro prato.

– O *rais* está muito contente com o trabalho que a Mercure tem feito para proteger a sua mulher e a sua pequena filha – comentou Sayda.

Suha Arafat, a mulher do líder palestiniiano, e a sua filha de três anos, Zahwa, viviam em Paris, longe dos conflitos da Palestina e do seu ambiente miserável.

– A senhora Suha é uma cliente respeitadora e dócil – comentou Al-Saud. – Nunca comete imprudências. Não é difícil levar a cabo a nossa tarefa.

Sayda assentiu, sorrindo.

– O *rais* conhece a sua perícia, alteza. Sabe que é um piloto de guerra condecorado e um grande estratega. Estamos a par dos seus êxitos desde que preside à direção da Mercure.

– Faço o que gosto – admitiu Al-Saud, incomodado e cansado com os elogios do palestiniiano e querendo passar ao essencial da conversa.

– É por isso que o faz bem – declarou Sayda. – O *rais* está a par das generosas doações que tem feito

à Cruz Vermelha da Palestina. E não se esquece que foi casado com uma palestina e que o seu cunhado é Sabir al-Muzara, o nosso orgulho nacional.

Al Saud sorriu, sarcástico, antes de acrescentar:

– E também de Anwar al-Muzara.

– Triste circunstância – condescendeu o palestino –; é sabido que ninguém escolhe a família.

– Nisso estamos de acordo, senhor Sayda. Que serviço quer o *rais* de mim?

– Tenho a certeza de que já ouviu falar da Força 17.

O grupo armado Força 17 foi criado no princípio da década de setenta por Ali Hassan Salameh, o palestino responsável pelo sequestro dos atletas israelitas nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972.

Com o tempo, o comando perdera o seu pendão terrorista e transformara-se na guarda pretoriana de Yasser Arafat. Não era popular entre os palestinos, que achavam os seus membros incompetentes e corruptos.

– De facto, sei o que é a Força 17, senhor Sayda.

– Já calculava, alteza. Estou aqui para lhe transmitir os desejos do *rais*. Ele quer que a Força 17 se transforme num grupo militar de elite. Até agora, o seu desempenho não foi famoso e o povo não está contente com a sua atuação. No entanto, a matéria-prima é boa. Claro, que será o senhor a aferir das suas qualidades e capacidades. Esta é apenas a minha opinião.

Al-Saud assentiu e aproveitou para ir comendo enquanto avaliava a situação.

– De quantos operacionais dispõe a Força 17? – perguntou, passados alguns instantes.

– De cerca de três mil e quinhentos.

– Armas?

– Recentemente, os Estados Unidos deram-nos três mil espingardas de assalto e oitenta e seis milhões de dólares para equipamento. Esperemos que aqui também nos possa dar uma ajuda. Dispomos, além disso, de um bom arsenal de armas ligeiras, e de dez veículos armados *BRDM-2*.

– Quem é o comandante?

– Faisal Abu-Sharch.

– Esse homem está a par dos planos do *rais* para a Força 17?

– Sim, sim, e totalmente de acordo com a estratégia.

– Onde fica o quartel-general da Força 17?

– Em Gaza, embora uma boa parte permaneça em Ramallah, onde vive o *rais* – acrescentou, embora sem necessidade.

– Senhor Sayda – disse Al-Saud, imprimindo à sua voz uma inflexão que já denotava a seriedade do que iria dizer –, quero que sejamos sinceros numa coisa. Escutei rumores de que na Força 17 existem elementos que não estão de acordo com o tratado assinado no Cairo em 1994, e que se fala numa eventual aliança com o Hamas.

– Ah, bom – sorriu Sayda. – Vejo que sua alteza está bem informada.

– Não é possível criar um grupo militar de elite com essas fissuras. A Autoridade Nacional Palestiniana gastará muito dinheiro – aliás, garanto-lhe que os honorários da Mercure não são baixos – para acabar a treinar o inimigo. Não quero envolver a minha empresa num vulcão prestes a entrar em erupção.

– O que sugere, alteza?

– Sugiro uma purga antes de a Mercure se encarregar do assunto, caso nos ponhamos de acordo sobre os termos do contrato, como é evidente.

Sayda colocou uma expressão pensativa, juntando as mãos à frente dos lábios.

– Vou comunicar ao *rais* a sua sugestão. Entretanto gostaria, se fosse possível, que sua alteza me apresentasse um orçamento e uma proposta contratual.

– Isso não é problema. No entanto, precisarei de falar com Abu-Sharch para que ele me explique que características querem que tenha a Força 17: por exemplo, se desejam uma força policial ou se preferem que esteja mais preparada para missões secretas e de alto risco.

– As duas coisas – respondeu o Sayda. – Mas terá necessariamente de discutir esse assunto com Abu-Sharch. Vou-lhe pedir que venha vê-lo.

– Não é necessário, senhor Sayda. Eu próprio me deslocarei à Palestina.

– Muito bem. O *rais* quer que o senhor se ocupe pessoalmente do treino dos rapazes. Não só conhece a língua na perfeição como está familiarizado com as idiossincrasias dos palestinianos. – Perante o olhar insondável que Al-Saud lhe lançou, o diplomata apressou-se a acrescentar: – Estamos conscientes de que contar com a sua presença pressupõe custos mais elevados.

– Assim seria com qualquer outro cliente – assegurou –, mas não com o povo palestiniano. Farei um orçamento como se o serviço fosse efetuado por um dos meus empregados.

– *Shukran*, alteza – agradeceu Sayda.

Despediram-se depois de acabarem o café e acertarem mais alguns detalhes. Al-Saud dirigiu-se para os elevadores e, enquanto esperava, consultou a agenda eletrónica. As portas abriram-se e entrou, ainda examinava os seus compromissos para as próximas semanas, procurando arranjar tempo para se dedicar ao encargo da Autoridade Nacional Palestiniana. Premiu o botão do oitavo andar e encostou-se à parede do elevador reparando que o homem que estava de costas à sua frente não carregara em nenhum botão. Sem levantar a cara, viu que o braço do homem se movia em direção ao botão que imobilizava o elevador. Deslizou a mão por baixo do casaco, para extrair a *Colt M1911* do coldre axilar no momento exato em que o desconhecido carregava no *Stop*.

– Isso não será necessário, Eliah.

Engoliu em seco. Embora o estranho continuasse de costas, reconheceu o timbre da sua voz. Era Anuar al-Muzara. O chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam carregou no botão da cave, onde se situavam as garagens. O elevador começou a descer, com um salto. Al-Muzara voltou-se. Al-Saud olhava para ele. Achou-o envelhecido, com os traços do rosto muito marcados e a pele curtida, como a de qualquer homem do deserto. Os seus olhos pretos recordaram-lhe os de Samara.

– O que fazes aqui?

– Vim visitar-te.

Al-Saud marcou o seu desagrado, com um estalido da língua ao mesmo tempo que tentava imobilizar o elevador. Al-Muzara agarrou-lhe o braço.

– Não me toques.

– Quero falar contigo, Eliah.

– Não temos nada que falar.

– Oh, sim. Quero pedir-te explicações pela morte da minha irmã. – O elevador parou, e as portas abriram-se, deixando ver as garagens. – Leva-me ao cemitério. Quero visitar o seu túmulo. Não pude vir para o funeral.

– Não vieste porque tiveste que te esconder como uma ratazana graças aos atos terroristas que cometeste. Por tua culpa, Samara vivia aterrorizada e envergonhada.

Estas palavras afetaram Al-Muzara, que tinha amado muito a irmã mais nova.

– Leva-me lá, Eliah.

Al-Saud assentiu. Saíram do elevador antes que as portas se fechassem.

– Deixa-me só fazer uma chamada. Preciso de cancelar um compromisso.

– Não quero truques.

– Truques? A que te referes?

– A que finjas ligar à tua secretária, quando na verdade estás a convocar os teus homens.

Al-Saud sorriu e Al-Muzara reparou que nunca vira o cunhado sorrir de alegria: apenas com desinteresse ou com ironia, como naquele preciso momento.

– Crês que necessito de um profissional para me livrar de ti? – Al-Saud imobilizou os braços do cunhado cruzando-os atrás das costas, e derrubou-o. Inclinou-se sobre a sua face. – Há já alguns minutos que o podia ter feito, poupando a humanidade ao convívio com um merdoso como tu. No entanto, estou disposto a falar contigo. Tu pedir-me-ás responsabilidades pelo que sucedeu à Samara. De acordo. E eu pedir-te-ei contas pela tentativa de sequestro do meu pai, o homem que te recolheu quando os teus pais morreram e que te criou como um filho. Lembras-te do tio Kamal e da tia Francesca? – perguntou-lhe, sorrindo e mostrando-lhe os dentes como um lobo, enquanto tirava a pistola que o palestinião escondia debaixo do blusão de aviador.

– És bom – admitiu Al-Muzara –, melhor do que pensei.

Com um puxão, Al-Saud obrigou o cunhado a pôr-se de pé.

– Onde aprendeste? – Al-Muzara perguntou sem olhar, ocupado como estava a recompor a figura.

– A que te referes?

– Estou a perguntar-te onde aprendeste a defender-te assim?

– Sabe-lo melhor que ninguém.

– Foram as aulas com o Takumi Kaito?

Al-Saud não respondeu e, à distância, carregou no botão de um dispositivo, que usava juntamente

com as chaves do *Aston Martin DB7*, e que funcionava como detetor de explosivos. Toda a frota da *Mercure* estava equipada com vidros à prova de bala, carroçaria blindada e dispositivos para evitar minas. Também dispunha de medidas de segurança eletrónicas, em especial um inibidor de GPS, que evitava que os veículos fossem localizados por qualquer dispositivo escondido. Se os homens de Al-Muzara pensavam segui-los convinha que não os perdessem de vista, embora Al-Saud se recordasse que as Brigadas Ezzedine al-Qassam fossem pouco dadas ao uso das tecnologias eletrónicas.

O *Aston Martin* emergiu da garagem subterrânea do hotel, e Al-Saud avistou pelo retrovisor um *Mercedes Benz* preto, que os seguia. Prosseguiu pela avenida George V e, no cruzamento com os Champs Elysées, virou à direita. Conhecia a cidade de Paris como a palma da sua mão, pelo que não lhe custou nada desembaraçar-se dos perseguidores. Al-Muzara, que havia adivinhado as suas intenções, limitava-se a olhar em frente esboçando um ligeiro sorriso.

Tomaram o caminho de Bobigny, a uns dez quilómetros de Paris, onde se situa o cemitério muçulmano. Al-Saud recordava os tempos em que Anuar era um rapaz tranquilo, algo esquivo e demasiado maduro para sua idade, que sonhava ser futebolista. Após a morte dos pais em Nablus, às mãos do Tsahal, o exército israelita, o adolescente Anuar refugiou-se na mesquita, onde o imã, um extremista sunita de origem palestina, lhe azedou o coração. A realidade, veiculada pela televisão e pelos jornais, contribuiu para alimentar o ódio – Anuar que passava horas a recolher e a analisar informação acerca dos desvarios cometidos pelos israelitas nos territórios ocupados. Em 1987, quando rebentou a Intifada no campo de refugiados de Jabalia, na faixa de Gaza, decidiu abandonar a inércia e comodidade burguesas da mansão dos tios Kamal e Francesca e mudar-se para a Palestina, enveredando pela luta armada. O imã tratou de tudo e Anuar, então com vinte e três anos, viajou até ao Cairo para depois entrar na Faixa de Gaza através dos túneis escavados no Sinai, que desembocavam na cidade de Rafah. Juntou-se ao grupo armado da OLP, a Fatah, e, após umas semanas de treino, transformou-se num *fedai*, um guerrilheiro respeitado por todos pela sua coragem e lealdade. Com o tempo, os ideais de Anuar, de cariz cada vez mais religioso, entraram em conflito com os do grupo armado de Yasser Arafat, aproximando-se dos do Hamas, recentemente formado pelo xeque Ahmed Yassin, um homem de cinquenta e sete anos, cuja feroz cruzada contra Israel e o sionismo contrastava com a sua figura frágil, presa a uma cadeira de rodas. Anuar al-Muzara transformou-se num proscrito para os fiéis de Arafat e num *muyahid*, um guerreiro religioso, para os membros do Hamas. Yassin, que reparou imediatamente nos dotes de liderança do jovem francês, alimentados pela sua sede de vingança, e pô-lo a trabalhar ao lado do líder das Brigadas Ezzedine al-Qassam, o jovem Yahya Ayyash. Os dois tornaram-se grandes amigos e juntos organizaram vários ataques suicidas contra civis israelitas.

Em 1996, Al-Muzara viu de longe como Ayyash foi vítima de um brutal atentado ao utilizar um telefone armadilhado pelo Shabak – o serviço de Segurança Interna israelita – com Semtex. Ninguém protestou quando o xeque Yassin Anuar anunciou que Al-Muzara seria o sucessor de Ayyash. A chegada de Anuar ao poder significou uma nova era na vida das brigadas terroristas do Hamas: a partir daí os telefones e os computadores deixaram de ser utilizados, não só para evitar que Anuar tivesse o mesmo

destino de Ayyash, mas também para tornar mais difícil o rastreio das suas atividades pela Mossad, pelo Shabak e pela CIA.

Elijah perguntava a si próprio que estranho estado de ânimo o impedia de sacar da arma e liquidar o terrorista mais procurado pelos governos ocidentais. De seguida, pensou em Sabir e não teve dificuldade em imaginar a dor que sentiria quando soubesse que Anuar tinha sido morto. Nunca poderia voltar a enfrentá-lo olhos nos olhos. Afinal, Sabir aguentara as torturas do Shabak para poupar a vida do irmão mais velho. A culpa pela morte de Samara já era um fardo demasiado pesado para ainda ter de suportar o assassinato a sangue-frio de Anuar.

Pela sua parte, Anuar al-Muzara ia calado, no lugar do pendura, refletindo no facto de o dinheiro que financiava as Brigadas Ezzedine al-Qassam estar a diminuir devido aos cortes do presidente líbio, Muammar Kadhafi, e do aiatola iraniano, Ali Khamenei, e de terem de se encontrar formas de financiamento alternativo, correndo-se o risco de, se caso contrário, a organização desaparecer do cenário da luta armada palestina. Anuar estava disposto a estabelecer acordos e a extorquir dinheiro fosse a quem fosse de modo a manter a sua organização em funcionamento. Depois do fiasco do ataque à OPEP, do qual tinha pensado conseguir uma enorme quantia, não ligaria se o dinheiro viesse da mão de um sunita, e, por muito xiita que fosse o Hamas, aceitá-lo-ia. Faria o mesmo ainda que o dinheiro proviesse de uma «víbora árabe». A destruição de Israel e a libertação da Palestina justificavam qualquer ação. Contava conseguir dinheiro para a compra de armas e munições, para construir mísseis de largo alcance, desenhados por Gérard Moses, que aniquilariam os judeus estabelecidos nos territórios ocupados. Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Nunca chegava.

Al-Saud estacionou o *Aston Martin* à entrada do cemitério. Saíram do carro sem trocar palavra. Al-Saud tomou a dianteira, e Al-Muzara seguia-o. Logo depois avistou a cúpula branca da pequena mesquita e recordou a tarde em que enterrara os pais. De repente, e para sua surpresa, foi tomado pela pena, logo substituída pela dor e pelo ódio. Passados tantos anos, pensava que a ferida já estava cicatrizada. Recordava com clareza o cortejo fúnebre dos seus pais até ao local onde iriam ser sepultados, perto da mesquita, e parecia-lhe que ainda sustinha Samara, cujo rosto, ao esconder-se no seu peito, lhe transmitia o calor e a humidade das lágrimas. Sabir, como de costume, seguia em silêncio com os olhos fixos no chão; embora por natureza já não fosse rapaz de grandes falas, nos dias que se seguiram à morte dos pais não abriu a boca, ou sequer verteu uma lágrima. Às vezes, dava vontade a Anuar de o sacudir e de lhe arrancar os pensamentos à força. Os irmãos Al-Saud e a pequena Yasmin seguiam atrás deles, como se formassem uma muralha de proteção, e Anuar recordava ter-se sentido amado, protegido e, sobretudo, agradecido. Aquele pensamento incomodou-o e disse a si mesmo que não podia esquecer que os Al-Saud pertenciam à escória que o xeque Yassin apelidara de «víboras árabes».

Caminharam entre lápides e plantas floridas. Al-Saud deteve-se frente a uma, de mármore, rodeada de roseirais brancos, muito cuidada. Al-Muzara deu um passo em frente e observou o túmulo. A lápide em forma de folha, com uma meia-lua talhada e uma inscrição dourada em árabe onde se lia o nome da

irmã, Samara Al-Saud, as datas do seu nascimento e morte e uma frase que rezava: «*Tu e o nosso filho, descansem em paz.*»

– Não merecias o seu amor incondicional.

– Sei disso. E tu também não merecias o seu amor fraternal: apesar de sofrer com as tuas atividades na Palestina, cada vez que conseguias entrar em França ia ver-te, desafiando as minhas ordens e voltando a casa destroçada.

– Estava sempre a pedir-me que abandonasse a luta armada.

– E a mim, que me demitisse da *L'Armée de l'Air*.

O silêncio desceu de novo entre eles, aprofundado pelo trinar das aves e pelo murmúrio da brisa entre as folhas dos roseirais.

– Descobriste quem manipulou o automóvel que lhe provocou o acidente?

– Não.

– Nem uma pista?

– Nada. Foi trabalho de um profissional.

– Alguma suspeita?

– Não, e tu?

Al-Muzara abanou a cabeça. O silêncio instalou-se novamente. Al-Saud notou como a paz do cemitério se ia apropriando do seu corpo e da sua mente, permitindo-lhe que calasse fundo na sua alma e a serenasse. Vivia em contínuo movimento, cercado de problemas, embarcando em projetos cada vez mais ambiciosos para a Mercure. Se não fossem os momentos diários gastos na meditação e nos exercícios de *chi-kung* aprendidos com Takumi *sensei*, teria de recorrer a comprimidos para adormecer e provavelmente sofreria de gastrite. No entanto, o sofrimento perante a recordação de Matilde não desaparecia, nunca. Ali, frente ao túmulo da sua esposa e do seu filho não nascido, percebeu que nada apagaria o sentimento que Matilde lhe inspirava, porque ela seria o único amor da sua vida. Matilde encarnava as paixões e as contradições em que se deixava enredar – a vontade de a possuir, o anseio por sentir-se possuído, a debilidade a que o expunha, a luxúria que lhe despertava – e que acabariam com a sua sanidade mental. Fazia bem em manter-se afastado dela.

– Porque vieste, Anuar?

– Vim para falar contigo, claro.

– Para quê? – insistiu, agarrando-lhe o antebraço.

– Vim pedir-te dinheiro. E a tua experiência.

Al-Saud brindou-o com um sorriso cínico.

– Não – rejeito, e iniciou o regresso ao carro.

– Mas vais entregá-los a Yasser Arafat, esse porco traidor. Vi-te a almoçar com o seu laçao, Falur Sayda.

Al-Saud virou a cara ligeiramente para responder.

– Eles vão pagar os meus serviços, Anuar, como qualquer cliente. O mercenário vende a sua lança e

o seu conhecimento sobre a guerra ao melhor licitador.

– Sem ligar a princípios, ignorando valores?

– Sem ligar a nada.

– Tu és árabe!

– Eu sou filho de uma... como é que tu lhe chamas? Víbora árabe?

Al-Saud retomou a marcha em direção ao automóvel. A pergunta de Al-Muzara fê-lo deter-se.

– Que novidades há da tua mulher, a que recupera num hospital de Joanesburgo? Volta-te e olha para mim, Eliah. Agora é a minha vez de sorrir.

Al-Saud voltou-se e o chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam teve de disfarçar a impressão que lhe causou o gesto do cunhado, um trejeito despojado de qualquer traço de humanidade por parte de um homem de Anuar sempre suspeitara que tivesse um coração de pedra, razão pela qual detestara que Samara o amasse. Já em criança, Eliah destacava-se pelo ar sério, as feições do seu rosto a expressarem a dureza do carácter. Toda a gente o julgava frio e reservado. Anuar achava que era o homem mais introspetivo que conhecia. Porém, esse ar desprendido podia ser enganador: Eliah al-Saud possuía uma veia cruel, podendo reagir com fúria, destruindo tudo à sua volta. Viu-o torcer os lábios com desdém e nesse gesto, mais do que no seu semblante, podia ler-se a sua natureza desapiedada.

– Vais extorquir-me à moda dos comandos marxistas da década de setenta, Anuar?

– Se for necessário, não hesitarei.

Al-Saud avançou para ele, e Al-Muzara procurou não dar parte de fraco.

– Anuar, não creio que te convenha brincares comigo. Por outro lado – acrescentou, de forma mais relaxada –, estás mal informado. Não tenho nada a ver com a mulher de que falas. Creio que devias mudar de informadores. Vens? Ou preferes regressar a Paris de comboio?

– Mesmo se o que dizes é verdade, que não tens nada que ver com essa mulher, duvido que tenhas deixado de te importar ao ponto de colocares em risco a sua integridade física.

Al-Saud exibiu de novo o sorriso irónico.

– É estranho estar aqui, a falar contigo de uma forma tranquila. – Deslizou a mão para debaixo do casaco e extraiu dela a pistola. – É estranho – repetiu – que ainda não tenha feito o que devia ter feito no elevador do George V: dar-te um tiro a sangue-frio. – Encostou o cano da arma à testa do cunhado. – Nem sequer és digno de que te ofereça uma oportunidade de te defenderes.

– Então, porque é que não o fizeste antes? – desafiou-o Al-Muzara.

– Ah! – suspirou Anuar, desdenhoso – creio que no fundo sou um sentimental. – Arrumou a arma, enquanto o chefe terrorista se ria de forma trocista:

– Se tu és sentimental, eu sou sionista.

– Deveria deixar-me de sensibilidades e matar-te, Anuar. Mas não o farei. Apesar de não passares de escória, a Samara estimava-te muito. Além disso, Sabir não me perdoaria. Tens muita sorte por eu respeitar a memória da tua irmã e ter tanto afeto pelo teu irmão.

Al-Saud virou-se para regressar ao automóvel. De novo, as palavras de Al-Muzara voltaram a detê-

lo.

– Vou conseguir o teu dinheiro, os teus contactos e a tua experiência, nem que para isso tenha de a matar.

– Experimenta fazê-lo e degolo-te com as minhas próprias mãos – declarou Eliah sem se virar.

– Sempre foi claro para mim que não morreria de morte natural – gritou-lhe o cunhado entre risos.

Al-Saud voltou o carro e arrancou de forma tão abrupta que os pneus chiaram sobre a gravilha. Mal se afastou do cemitério, ligou para Dario Sartori, um agente da equipa de perseguidores de Peter Ramsay, a quem, antes de abandonar o George V, ordenara que o seguisse. Apesar de o ter feito à frente de Anuar al-Muzara, este não percebera o teor da conversa, pois não falara italiano.

– O teu objetivo ficou no cemitério.

– Estou a vê-lo – garantiu o agente que, empoleirado na capota do seu automóvel, com os binóculos no nariz, observava o chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam, que voltara para junto da campa de Samara.

– Segue-o. Preciso de saber tudo o que faz em Paris, sobretudo onde dorme. Vou ligar ao Oscar Meyers para que te substitua de noite.

– Sim, chefe.

Era já tarde quando Al-Saud voltou aos escritórios da Mercure. As luzes estavam apagadas. Graças à luz do jardim que entrava pelas janelas, distinguiu o vulto de uma caixa, do género das que guardam sapatos, em cima da sua secretária.

«Senhor», dizia a nota escrita por Victoire, «um mensageiro trouxe esta encomenda da parte do senhor Gérard Moses».

Abriu-a com a ajuda de um corta-papel. A caixa, com o logotipo de fabrico nacional impresso, estava cheia de bolinhas de esferovite para proteger o conteúdo. Retirou um pacote protegido por um plástico de bolha de ar. Desembrulho-o com cuidado. À primeira vista, parecia um monóculo eletrónico. Leu uma nota, escrita pelo punho de Moses, que estava colada ao aparelho. *«Eliah, o prometido é devido. Falei-te deste aparelho de controlo de disparos (UCD) que concebi para a FN. É excelente para afinar a pontaria no lançamento de granadas, onde sempre tivemos dificuldades de precisão. Junto uma lista dos lança-granadas com os quais é compatível. A UCD funciona em granadas de quarenta milímetros e calcula o ângulo de elevação ou de declive, a linha de direção e o ponto exato de colisão do disparo, e avisa-te, através de um sinal vermelho, se necessitas de ajustar o ângulo de inclinação para a direita ou para a esquerda. Espero que a testes e me dêes a tua opinião. Abraço. Gérard.»*

Al-Saud permaneceu em silêncio, relendo a nota e analisando a caligrafia. Através daquele pedaço de papel, o seu amigo de infância parecia normal. Não obstante, durante o seu último encontro, no hospital em Viena, quando Moses falou da sua nova invenção, a UCD, Al-Saud notara a deterioração provocada pela porfíria, não só ao nível físico como neurológico. Sabia que no final Gérard Moses acabaria por enlouquecer. Essa certeza causava-lhe uma pena inefável.

Qusay Hussein, o segundo filho do *rais*, a quem Saddam Hussein planeava nomear herdeiro da cadeira presidencial iraquiana, entrou no escritório do pai, um espaço de quinhentos metros quadrados no palácio Al-Faw, com chão de mármore em xadrez branco e negro, e colunas estriadas forradas a lápis-lazúli, com capitéis em estilo jônico de folha dourada. A sumptuosidade do recinto alcançava a sua magnificência nas primeiras horas da tarde, quando o sol entrava pelas altas janelas, destacando o brilho do mármore, e atingia os capitéis arrancando-lhes reflexos dourados.

– Como é que ele está? – interessou-se o presidente iraquiano, saltando os cumprimentos.

– Está estável, mas continua em coma.

Saddam Hussein pôs-se de pé e bateu na secretária com os punhos. O bigode espesso do *rais* expandiu-se quando Saddam esticou os lábios, um sinal que quem o conhecia associava a um profundo enjoo e descontentamento.

– O que é que aconteceu?

– O seu assistente diz que o professor Orville Wright estava a trabalhar no desenho da bomba ultraleve junto ao quadro, como é seu hábito, e que caiu de repente. Encontraram-no no chão, a contorcer-se de dores e a apertar a barriga, segundo dizem. Transpirava como um condenado e tentava falar, mas não o conseguiram perceber. Depois acabou por desmaiar. Os enfermeiros da Base Zero estabilizaram-no com soro e levaram-no para o Ibn Sina. – O Ibn Sina era o hospital da elite do partido Baas e, conseqüentemente, da família Hussein.

– Bom. Diz ao doutor Serkis para disponibilizar todos os meios para tratar o professor Wright. Qual é o diagnóstico?

– Porfíria.

Saddam mostrou-se confuso.

– Sim – admitiu Qusay –, eu também não fazia ideia do que se tratava até que Serkis me explicou que é uma doença hereditária no sangue: raríssima, muito invulgar e da qual se sabe muito pouco. Os espanhóis são os mais avançados na matéria porque Espanha é o país com a maior quantidade de casos. Segundo Serkis, o tipo de porfíria do professor é um dos mais agressivos. Entre outras coisas, não se pode expor ao sol, nem sequer com a proteção de um filtro solar.

– Ele mencionou uma vez a sua impossibilidade de se expor ao sol, mas não lhe dei grande importância – recordou Hussein. – Pensei que se tratava de alguma alergia. É imperativo tirá-lo do coma e fazer com que regresse à Base Zero. Sem ele, o nosso projeto afunda-se. E nem preciso de te dizer, Qusay, o que aconteceria se não conseguíssemos tornar-nos uma potência nuclear.

– Sim, *baba*, eu sei. Os norte-americanos voltariam e transformavam-nos em puré.

– Mais cedo ou mais tarde vão voltar para acabar o que começaram em 1991. O que sabes da compra de urânio?

– Fauzi Dahlan – o filho de Hussein referia-se ao seu assistente pessoal – garante que o Rauf al-Abiyia teve uma ideia brilhante para conseguir, de uma assentada, várias toneladas de bolo amarelo.

– De que se trata?

– Assaltar um barco que transporte urânio.

– Como fizeram os israelitas em 1968 – murmurou Hussein. – Chamou-se Operação Plumbat, devido ao chumbo com que se forram os contentores de urânio para deter a radiação.

A *Mukhabarat* iraquiana fornecera um dado preciso a Qusay: o cargueiro saudita *Rey Faisal* não transportaria barris de petróleo mas sim tambores forrados com chumbo, com duzentas toneladas de óxido de urânio, mais conhecido por «bolo amarelo» (*yellowcake*). Zarparia do porto de Juaymah e navegaria rumo ao de Lisboa, onde atracaria no terminal de contentores de Alcântara para aguardar o carregamento.

Este dado não chegara aos ouvidos do filho de Saddam por acaso. Rauf al-Abiyia pedira a Fauzi Dahlan que investigasse se se estavam a registar grandes movimentos de urânio nos principais países produtores – Canadá, Austrália, Nigéria, Namíbia e Estados Unidos –, pelo que Dahlan recorrera ao seu chefe, e este ao seu tio em segundo grau, Barzan al-Tikriti, chefe dos Serviços Secretos iraquianos, para que ordenasse a investigação.

Uns dias mais tarde, Dahlan apresentou-se no hospital onde Rauf convalescia da cirurgia plástica a que se submetera para alterar as feições. Assim que fora libertado da prisão de Abu Ghraib, Dahlan levava-o ao Ibn Sina e ordenara ao chefe do serviço de Cirurgia Plástica: «Mude-lhe a cara. Quero que nem a mãe o consiga reconhecer.» O médico, acostumado aos pedidos dos acólitos de Saddam, limitou-se a assentir. No dia seguinte, Al-Abiyia entrava no bloco operatório com uma cara e saía, três horas mais tarde, com outra.

A enfermeira acabava de injetar uma dose de analgésico no soro porque a dor se estava a tornar insuportável; a cara de Rauf latejava e os pontos martirizaram-no. Levantou-se com dificuldade ao ver entrar Dahlan. Este sorriu, dissimulando o nojo que lhe produziram os derrames nos olhos de Al-Abiyia, o qual levantou a mão para o cumprimentar, pensando que aquele filho da puta lhe estava a sorrir calidamente depois de o ter mantido preso e submetido a torturas durante mais de três meses.

– Investiguei o que me pediste – manifestou Dahlan com entusiasmo. – E não vais acreditar no que descobrimos. O nosso agente garante que, através da EURATOM, a Arábia Saudita comprou a Portugal duzentas toneladas de bolo amarelo.

– A Arábia Saudita? – espantou-se Rauf.

– Não é o que estás a pensar. Os sauditas compraram aos franceses um reator nuclear de vinte e quatro *megawatts* que lhes permitirá produzir energia elétrica suficiente para pôr em funcionamento as suas fábricas de dessalinização. Tiveste uma ideia brilhante, Rauf. De uma assentada, conseguimos o urânio e não gastámos um dólar.

– Se decidirmos apoderar-nos do urânio dos sauditas – contrapôs Al-Abiyia –, a operação não vai ficar barata. Sequestrar um barco de grande envergadura não é uma brincadeira de crianças, Fauzi.

– Já sabes como o vais fazer?

– Hei de pensar em alguma coisa – respondeu com arrogância.

Havia já alguns dias que pensava no xeque muçulmano somaliano a quem tinha fornecido armas durante anos e que, a troco de dinheiro, o poria em contacto com o chefe dos piratas que assolavam o golfo de Adém. Ainda lhe faltava definir como conseguiria o resto da informação: datas, horários, tipo de embarcação, rotas marítimas, tripulação, etc.

Às dez da noite, Al-Saud recebeu uma chamada de Oscar Meyers, que acabava de render Dario Sartori e queria apresentar o seu relatório.

– Por volta das nove e vinte, o objetivo bateu à porta de um casarão da Île Saint-Louis, na rua do Quai de Béthune.

– Qual o número? – perguntou Al-Saud expectante.

– Trinta e seis.

Elijah baixou o olhar, na atitude de quem se rende às evidências. «A casa de Gérard», pensou.

– Abriu-lhe a porta um tipo jovem, não muito alto, mais para o franzino, com uma pomba no braço.

«Antoine», recordou, o único filho de *monsieur* Antoine, o mordomo da família Rostein – o segundo apelido de Gérard Moses –, um rapaz de uma timidez patológica, que fugia para a cozinha ao ver chegar os amigos dos patrões e que só parecia sentir-se à vontade entre os pombos de Gérard.

– O tipo – continuou Meyers – olhou para ambos os lados da rua, afastou-se e, sem abrir a boca, deixou-o entrar.

A informação escondia uma relevância que Al-Saud duvidava querer descobrir. Existiriam negócios entre um desenhador de armamento e um dos terroristas mais procurados do mundo? Recordou a estreita amizade que os tinha unido em crianças, quando passavam horas a dissertar sobre pombos-correio. Segundo o relatório de Meyers, ainda havia pombos na casa dos Rostein; talvez já não fossem de Gérard, mas sim de Antoine.

Após a chamada telefónica de Oscar Meyers, que ficaria em frente à residência na rua do Quai de Béthune durante toda a noite, Al-Saud, que jurara a si mesmo não voltar a ligar a La Diana nem a Markov para saber de Matilde, marcou o número de telemóvel do guarda-costas russo com uma ansiedade que pôs cobro à sua intenção de cortar o vínculo definitivamente.

– Como está ela?

– Muito bem.

– Voltou a encontrar-se com o Taylor?

– Sim. Mas sempre na presença de Blahetter, Kabú e de *sœur* Angelie – apressou-se a esclarecer Markov, com a manifesta intenção de a defender e justificar, o que encolerizou Al-Saud.

– Quando lhe darão alta?

– O doutor van Helger garantiu-lhe que a deixa sair na quinta-feira. Blahetter foi imediatamente comprar as passagens para Paris. Diana encarregou-se das nossas.

Al-Saud pensou que na quinta-feira, 17 de setembro, tinha previsto deslocar-se a Milão para visitar Natasha Azarov, a sua antiga namorada.

– Escuta bem, Markov. A situação de Matilde é extremamente delicada. Acaba de se apresentar um novo perigo e preciso que tanto tu como Diana estejam mais atentos e prevenidos que nunca. Merda! – explodiu. – Deveria mandar um exército para a trazer de volta a Paris! Deveria ser eu próprio a ir buscá-la!

A intemperança verbal do chefe, tão inesperada e invulgar, deixou Markov atônito e silencioso. A sua ansiedade e a sua impotência chegavam-lhe através da linha telefónica.

– Chefe, vamos proteger a doutora Martínez com as nossas vidas. Juro-lhe.

Ouviu o suspiro de Al-Saud.

– Está bem, Markov. Confio nos dois. Assim que tiveres a informação, quero que me digas o número do voo e a hora a que aterra no De Gaulle.

Anuar al-Muzara sentou-se na mesa da cozinha e, depois de levar duas colheradas de guisado à boca, disse:

– O Eliah mandou que me seguissem. Um dos seus homens viu-me entrar aqui.

– Eu não vi ninguém – atreveu-se a comentar Antoine.

– Mas é mesmo assim, Antoine, ninguém os vê. São peritos em seguir pessoas.

– Então como é que sabe?

– Porque eu sou especialista em descobrir os peritos que me seguem – respondeu com ar brincalhão, sem que Antoine esboçasse nem sequer sombra de um sorriso; Anuar assentiu e continuou a comer. – Sairemos da casa pelas traseiras.

– Não há traseiras – informou Antoine.

– Nesta mansão não há porta de serviço? – perguntou Udo Jürkens, admirado.

– É a porta pequena, ao lado da principal, na mesma rua.

– Que outra via de fuga temos? – questionou-o Al-Muzara com parcimónia.

– Pelo terraço. Terão de atravessar os telhados, o que não será um problema, e chegar ao da igreja de Saint-Louis-en-Île. Aí há uma escada que conduz ao pátio interior. Terão de se esconder até que o pároco abra a igreja, por volta das sete da manhã, e poderão sair pela porta principal, que dá para a rua de Saint-Louis-en-Île.

– Tu conheces bem o percurso – comentou Jürkens.

– Nem sempre tinha autorização do meu pai para sair – explicou Antoine.

Donatien Chuquet experimentou uma das emoções mais fortes da sua vida quando o empregado do Atlantic Security Bank, da Grande Caimão, lhe confirmou que os oitocentos mil dólares tinham sido creditados na sua conta. A alegria perdurava enquanto preparava a bagagem para a longa temporada que passaria numa base aérea perdida no norte do Iraque. Conservou-a durante o voo para Amã, capital da Jordânia, cujo moderno aeroporto e o incessante movimento de turistas e de homens de negócios contribuiu para que não se sentisse um estranho, apesar de se encontrar num país diferente. Manteve a

boa disposição enquanto passava pelos postos de controlo migratórios e alfandegários. As portas automáticas abriram-se e avançou até à zona das chegadas. Viu imediatamente dois homens altos, vigorosos e de aspeto intimidatório; cabelos curtos, sem barba e vestidos sobriamente, com fatos escuros e óculos de sol. Um deles segurava um cartaz onde se lia «*Donatien Chuquet*». Caminhou na sua direção com menos brio. Existia um abismo entre tratar com Sami al-Quraíshi, franzino, vestido à ocidental, que emanava perfume francês, simpatia e bons modos, e relacionar-se com estes brutamontes que, não tinha a mínima dúvida, também andavam armados. De modo automático dirigiu-se-lhes em inglês:

– Bom-dia. Sou Donatien Chuquet.

– Bom-dia – responderam em uníssono, sem se apresentarem.

Um segurou-lhe nas malas e o outro, com um gesto, indicou-lhe o caminho. Entraram num *Mitsubishi* todo-o-terreno e abandonaram as instalações do aeroporto a grande velocidade. De vez em quando, o copiloto quebrava o silêncio para dar uma indicação ao que conduzia; depois, voltava a mergulhar no estudo do mapa que tinha sobre as pernas.

– Para onde vamos? – atreveu-se a perguntar Chuquet.

– Para o limite com a Arábia Saudita – informou o copiloto. – A fronteira com o Iraque está muito controlada.

– E isso é um problema?

– Sim. Ordenaram-nos que a sua pista morra em Amã.

Caiu-lhe mal a utilização da palavra «morra». Não quis fazer mais perguntas. Tinha, desde o princípio, consciência dos riscos que corria. Apenas lamentava não ter colocado a conta do Atlantic Security Bank em nome do filho mais velho. Se não saísse vivo da aventura com o regime de Bagdade, pelo menos a sua descendência teria contado com duzentos mil dólares cada um para pagar os estudos ou comprar uma propriedade. Mas era demasiado tarde para lamentações. A única opção era manter-se vivo e não cometer erros.

– Tem telemóvel?

– Claro – respondeu Chuquet, na defensiva, inquieto e inseguro.

– Teremos de lho retirar, senhor Chuquet. É muito arriscado para a missão. Poderiam intercetar as chamadas.

– Não o usarei – prometeu, sem convicção.

– Tem de no-lo entregar – insistiu o que não ia a conduzir. – Devolver-lho-emos no fim da missão.

De qualquer maneira, não poderia ligar a ninguém porque não há cobertura.

– Então, mais um motivo para ficar com o meu telemóvel.

– Isso não será possível.

Acabou por entregar o aparelho e, embora tenha tentado convencer-se que era um facto irrelevante, não conseguiu deixar de pensar que acabava de cortar o último laço que o mantinha unido à liberdade e a uma sociedade civilizada.

À medida que adentravam no deserto de Najd, no noroeste saudita, o ânimo de Chuquet diminuía estrondosamente. A solidão, a aridez do terreno, a uniformidade da sua cor avermelhada e a imponência de algumas elevações faziam-no sentir-se pequeno e vulnerável. Ao fim de poucas horas, os iraquianos trocaram algumas frases antes de imobilizarem o veículo. Passaram-lhe um cantil com água e ofereceram-lhe tâmaras e nozes. Chuquet bebeu um gole generoso e aceitou os frutos.

Ergueu-se no seu assento ao descobrir dois homens montados em camelos, com outros em fila, que acabavam de surgir na curva formada por um penhasco próximo. Levavam espingardas a tiracolo; um reflexo avisou-o que também traziam facas presas à cintura. A cena, que parecia saída do filme *Lawrence da Arábia*, parecia-lhe inverosímil.

– Saia – ordenaram-lhe.

– Como? Porquê?

– Estes beduínos vão guiá-lo até ao Iraque.

O medo apoderou-se dele como o calor do deserto se apoderara do seu corpo. Ficara aturdido e sem saber o que fazer. Viu, com fatalismo, que os homens tiravam a sua bagagem do *Mitsubishi* e a carregavam num camelo. Em menos de dez minutos, a situação tinha dado uma volta grotesca e a sua viagem pelo deserto passara de um veículo com ar condicionado para o lombo de um ruminante. Envolveram-lhe a cabeça num trapo que, para sua surpresa, não cheirava mal e lhe deixava os olhos a descoberto.

Durante os dois dias de duração da marcha, Chuquet animava-se repetindo «quatro milhões de dólares, quatro milhões de dólares». O calor e a sede eram o pior de tudo. Os beduínos não lhe dirigiam a palavra, quer fosse pelas ordens que tivessem recebido, quer por não conhecerem outra língua que não o árabe. Alimentavam-no e davam-lhe de beber, nada mais.

Soube que a cidade à qual acabavam de chegar se chamava Ar Rutba, não porque os guias lho tivessem dito mas porque a placa à entrada indicava o nome com as letras do alfabeto latino a par dos símbolos do alfabeto árabe. Não entraram em Ar Rutba mas conduziram-no aos arredores, para um aeródromo paupérrimo onde o aguardava um helicóptero *AS 550 Fennec*. «Grande hospitalidade, a dos árabes!», queixou-se quando os homens, depois de terem descarregado as suas malas e de as terem colocado dentro da cabina do *Fennec*, montaram nos camelos e se afastaram sem se despedir.

Nunca soube quanto tempo demorou a viagem, porque adormeceu assim que levantaram voo e acordou apenas uns minutos antes de aterrarem. Teve a impressão de ainda estar a sonhar quando viu, de uma altura de uns trezentos metros, como o terreno deslizava e depois subia para revelar uma pista de aterragem subterrânea. Tirou os óculos de sol, colou-se à janela e aguçou a vista. Tratava-se de uma plataforma de betão, camuflada pela meseta estéril, que se fechou sobre as hélices do helicóptero com a precisão de uma peça de relojoaria assim que os esquis de aterragem do helicóptero tocaram no solo. Não fez perguntas. Já percebera que, quanto menos soubesse, melhor para ele.

Durante a Guerra do Golfo, nas horas de lazer na base de Al-Ahsa, tinham-lhes relatado todo o tipo de histórias sobre o carniceiro de Bagdade, alcunha dada a Saddam Hussein. Uma delas garantia que o

ditador costumava enviar os militares do Comando de Engenheiros a Moscovo para que aprendessem a técnica de simulação e engano conhecida como *maskirovka*. Dizia-se que os engenheiros iraquianos tinham adquirido uma grande habilidade para construir bases aéreas e nucleares indetetáveis pelos satélites e pelos radares dos aviões norte-americanos AWACS¹. Chuquet acabava de confirmar que a história era verídica.

Desceu do helicóptero e, ao pôr o pé na pista subterrânea, mal iluminada, o ar muito denso e o cheiro a pneu queimado, fê-lo sentir uma pressão no peito, e o pânico quase que o levou a subir novamente para a aeronave e suplicar que o tirassem dali. Repetiu como um mantra a frase chave («quatro milhões de dólares»), regularizou a respiração e tentou acalmar-se.

Foram buscá-lo num veículo pequeno, como os que já tinha visto uma vez no aeroporto de Dallas, similar aos que se usam nos campos de golfe. Um árabe, a julgar pela fisionomia de olhos grandes, barba espessa e grisalha e pele acobreada, de uns sessenta anos desceu do veículo e cumprimentou-o efusivamente.

– Bem-vindo à Base Zero, *monsieur* Chuquet! – Apertou-lhe a mão com vigor. – Sou Fauzi Dahlan, assistente do comandante Qusay Hussein, chefe do Destacamento da Polícia Presidencial (que aqui chamamos *Amn al-Khass*) e da Guarda Republicana.

– Muito prazer, senhor Dahlan.

– Que tal a viagem? Venha, vamos por aqui.

– A viagem? Um pouco longa e... diria que... exótica.

– Ah, sim! Para um ocidental, viajar pelo deserto deve ser uma experiência exótica.

– Os seus homens em Amã pediram-me que entregasse o meu telemóvel.

– Sim, outra medida de prevenção – explicou com um sorriso.

– Como farei para comunicar com a minha família?

– Oh, sim, claro, a sua família. Creio que o melhor será escrever-lhes. Eu próprio tratarei de lhes enviar as cartas. Deixe isso comigo.

– Há uma chamada que terei de fazer, senhor Dahlan. Será dentro de três meses, quando depositarem os outros vinte por cento dos meus honorários. Terei de falar com o meu gestor de conta para confirmar que o pagamento foi efetuado.

– Sim, com certeza. Trataremos dessa chamada sem nenhum problema. – Ao ver a expressão desolada do francês, Dahlan apressou-se a explicar: – Planeámos tudo assim, tomando tantas precauções, para lhe evitar problemas no futuro. Deve compreender que existem mal-entendidos com as secretarias dos serviços secretos europeus e norte-americanos. É para a sua própria segurança.

Chuquet não soube o que dizer e preferiu guardar silêncio. Com o passar dos dias, decidiu que se tratava da melhor estratégia: ver, ouvir e saber o mínimo possível do que se cozinhava ali dentro. Não precisou de muito tempo para suspeitar que as atividades desenvolvidas na Base Zero superavam o entretenimento de pilotos e de agentes especiais. Existiam zonas vedadas; na realidade, com o cartão que lhe forneceram e que tinha de passar por um leitor, tinha apenas acesso a uma área muito limitada

da base subterrânea.

No dia seguinte à sua chegada, conheceu os pilotos: oito iraquianos que rondavam os trinta e cinco anos e a quem Fauzi Dahlan apresentou pelos seus nomes de código enquanto aviadores – o *Profeta*, *Falcão de Prata*, *Águia Negra*, *Flecha Vermelha* e outros nomes similares. Por outro lado, apresentou Chuquet como *the Coach*, que significa «o treinador» em inglês.

Os oito iraquianos já tinham pilotado os *Mig* e os *Mirage* da Força Aérea iraquiana durante a Guerra do Golfo; alguns tinham mesmo combatido nos últimos anos da guerra com o Irão. As ordens ditavam que, uma vez efetuada a seleção dos dois pilotos, aqueles seriam submetidos a um severo treino, não só desde o ponto de vista de técnicas de voo e de estratégias para penetrar no espaço aéreo inimigo, mas também físico e psicológico.

¹ *Airborne Warning and Control System*, Sistema Aéreo de Controlo e de Alerta. (N. do T.)

Capítulo 3

Matilde não tinha a certeza de querer regressar ao mundo. O quarto do hospital de Joanesburgo, a presença de Ezequiel e de Juana, a relação com os médicos e com as enfermeiras e as visitas diárias a Kabú e a Nigel Taylor tinham construído um casulo onde se sentia protegida e amada. Abandonar o Chris Hani Baragwanath e apanhar o avião da Air France que os levaria a Paris obrigá-la-ia a acordar do sonho para enfrentar uma realidade cheia de problemas. No entanto, ali estava, com o cartão de embarque na mão, escoltada por La Diana e Markov, que a guardavam como se se tratasse da herdeira do trono do Reino Unido. Arrastava os pés e, à medida que avançava a contragosto, o nó na garganta tornava-se maior e mais incómodo. Não conseguia afastar da cabeça os últimos momentos partilhados com Kabú e com Nigel.

– Não nos voltaremos a ver, certo? – perguntara o inglês, enquanto segurava as mãos dela.

– Claro que sim – respondeu ela, com uma segurança fingida.

– Perdoaste-me? – Matilde assentiu, com um sorriso trémulo. – Matilde, quando sair daqui vou à procura do Eliah e explico-lhe como é que tudo se passou. Dir-lhe-ei que...

– Nigel, não é preciso. A culpa de o Eliah acabar comigo foi minha. Eu não devia ter duvidado dele.

Ainda não percebo o que me levou a dizer-lhe o que lhe disse.

– Fui eu que te levei a isso! Eu, que te contei uma verdade distorcida!

– Seja como for, eu nunca devia ter duvidado dele. Ele deu-me mostras mais que suficientes de que é um homem íntegro. Não percebo... – Calou-se, assaltada pela vontade de chorar. Nigel Taylor beijou-lhe as mãos, e a emoção tornou-se impossível de conter. – Não quero voltar, Nigel! Tenho medo de enfrentar o que me espera!

– O que é que te espera?

– O desaparecimento de Jérôme, o abandono do Eliah... Já nada tem sentido.

Taylor puxou-a para si e obrigou-a a sentar-se na beira da cama. Abraçou-a, e Matilde recostou a cabeça no peito dele.

– Minha querida, não sabes como estou feliz por te ter conhecido. És uma pessoa tão extraordinária, cheia de bondade. A tua vida tem sentido simplesmente pelo facto de fazeres feliz quem te conhece. Tens de seguir em frente, Matilde. – Exortou-a com uma apertão e uma leve sacudidela. – O Eliah vai encontrar o Jérôme, vais ver. Eu próprio vou ajudá-lo. Quando me restabelecer e voltar ao Congo, vou tratar de o encontrar seja onde for. O teu tão odiado general Nkunda vai ajudar-me.

– A sério? – Matilde endireitou-se e, ao passar as costas da mão pelos olhos, Taylor pensou que bem poderia tê-la tomado por uma menina assustada.

– Claro! Devo-te isso, Matilde.

– Obrigada, Nigel! Estou angustiada, a pensar no Jérôme. Não sei como resisti todos estes dias.

– És mais forte do que julgas.

A despedida de Kabú e de *sœur* Angelie acabou num pranto. Kabú não queria que ela se fosse embora, Matilde também não e Angelie tentava acalmá-los, em vão, porque estava tão comovida como a criança e a jovem.

– Quando o Nigel me levar para Londres, podes ir ver-me? A tua casa é perto de Londres?

– Sim – mentiu-lhe; não fazia ideia de onde estaria quando as operações de Kabú terminassem.

– Levas o Jérôme?

– Claro! – exclamou, e pestanejou para afastar as lágrimas, como fazia nesse momento, enquanto percorria os últimos metros pela manga antes de transpor a porta do avião. À porta, hesitou; La Diana agarrou-lhe o braço e obrigou-a a entrar. «A vida tem de continuar», disse a si mesma, sem convicção, com o ânimo de um condenado.

– Já devem estar a sobrevoar Paris – comentou *sœur* Angelie, e continuou a acomodar o suporte de braço de Nigel Taylor com a mesma dedicação que utilizara para arrumar o quarto e limpar a casa de banho, como se não existissem empregadas de limpeza.

– Angelie – chamou Taylor, prendendo-lhe o pulso.

A freira ficou imóvel, inclinada sobre ele, a olhar noutra direção, as mãos inquietas sobre o lençol. Nunca a chamara pelo nome sem acrescentar *sœur*, exceto na manhã em que Matilde o visitara pela primeira vez. Como ela pensara que o fazia para provocar o ciúme de Matilde, irritara-se. Naquele momento, em que se encontravam sozinhos – Kabú, ensimesmado, pintava a alguns passos dali com uns lápis que Juana lhe oferecera –, o tom soara diferente. Um formigueiro, que nasceu no pulso pelo qual o inglês a prendia, sulcou-lhe o braço, acariciou-lhe o peito, fazendo-lhe doer os mamilos e acabou mais abaixo, entre as suas pernas. A surpresa manteve-a calada e de respiração suspensa. Nunca experimentara qualquer queimadura daquela natureza.

Recordou a tarde em que conhecera Nigel Taylor, quando, da porta da casa principal da Missão São Carlos, o vira descer do veículo camuflado, olhar em volta e, ao ver Matilde, brindá-la com um sorriso que a fez dar um salto. Não se apercebeu de que sustinha a respiração enquanto o homem tirava os óculos de sol. Apesar da distância, apreciou o azul dos seus olhos, que brilhavam ao sol mortiço da tarde. Pareceu-lhe a visão mais bonita que vislumbrara nos seus trinta e nove anos de vida. Não disse uma única palavra enquanto tomavam chá na sala; de facto, ninguém se apercebeu de que ela estava ali, era demasiado insignificante. Nigel não olhou para ela uma só vez enquanto falava com Matilde e com Edith, que tentava arrancar-lhe um donativo. Manteve-se em silêncio, intimidada pela desenvoltura do homem, pela sua qualidade mundana e frívola. Ela não era ninguém, uma simples freira que passara a vida de missão em missão nos lugares mais tristes do planeta. Invejou Matilde por ser o objeto do desejo do inglês. No domingo seguinte, confessou o seu pecado ao padre João Bosco, mas não conseguiu vencer a tentação de continuar a pensar em Nigel Taylor, especialmente quando se olhava ao

espelho e se apercebia de que era desengraçada e de que os rigores a que se submetia a haviam envelhecido prematuramente. À noite, também pensava em Nigel; fechava os olhos e imaginava-o a acariciar-lhe a face. Atrevera-se a oferecer-se para acompanhar Kabú na esperança de ter um assunto que os unisse. Com Taylor, nunca falou; em contrapartida, tornou-se muito amiga da secretária dele, Jenny. Apesar de tudo, as circunstâncias tinham-na conduzido àquele ponto em que visitava diariamente Nigel e tudo fazia para cuidar dele e ajudá-lo a recuperar.

– Angelie – perguntou ele, novamente –, porque é que estás tão nervosa?

– Nervosa? – repetiu, sem o olhar; e tentou libertar o pulso, sem sucesso. – Um pouco, talvez. Sobretudo, estou preocupada.

– E porquê? – insistiu Taylor, num tom brincalhão.

– Por sua causa, senhor Taylor – admitiu Angelie, e olhou para a mão como se não lhe pertencesse; Taylor passava-lhe o polegar pela linha da vida. – Agora que a Matilde partiu, talvez tenha saudades dela e isso não será bom para si. Ainda terá de enfrentar várias operações, e é necessário que o faça num bom estado de espírito. Senhor Taylor, pare de fazer isso, por favor.

– O quê? Isto? – disse, e levou a mão de Angelie aos lábios. – Incomoda-te?

– Não, de modo algum – disse, porque não estava habituada a mentir e a sua sinceridade fez rir o inglês. – Simplesmente não percebo porque é que o está a fazer.

– Porque há já algum tempo que o quero fazer. Incomoda-te que te chame Angelie?

– Não, não me incomoda.

– Conseguirias chamar-me Nigel?

Angelie ergueu os olhos e fixou-os no único visível de Taylor, enquanto se lamentava pelo castanho sem graça dos seus; ainda não se habituara à impressão que o azul dele lhe causava.

– Sim, conseguiria chamar-lhe Nigel.

– E vais fazê-lo? – Taylor sentia-se eufórico; a doçura da freira, a sua atitude de menina assustada e aqueles olhos enormes e escuros, cheios de medo, davam vida a uma parte dele que julgara morta: a do conquistador. O que é que o atraía em Angelie? Não era especialmente bonita, embora tivesse de reconhecer que as suas feições eram harmoniosas; tinha boa figura, miúda, de cintura estreita e seios pequenos e erguidos. Enquanto Angelie cirandava pelo quarto, a arrumar, ele não afastava o olhar do traseiro dela enfiado nos *jeans*. Fora assim que começara o seu interesse por ela, quando um dia dera por si a admirar-lhe as nádegas, demasiado redondas e atraentes para uma freira.

– Sim – ouviu-a sussurrar –, vou chamar-te Nigel. Agora tenho de ir – declarou, com o carácter que a caracterizava; retorceu a mão até o inglês a libertar. – Às duas da tarde, o doutor van Helger vai querer ver o Kabú. Tenho de o preparar.

Antes de a religiosa se afastar da cama, Taylor esticou o braço e voltou a agarrá-la pelo pulso. Colocou-a quase sobre o colo, com um puxão. A mulher respirava rápida e ofegante.

– Angelie, quero que saibas que vou sentir a falta de Matilde, e também de Ezequiel, com quem gostava de falar sobre Fórmula Um. Mas se tu e o Kabú ficarem aqui, comigo, não vou ficar deprimido.

Vocês são tudo aquilo de que eu preciso.

Num primeiro momento, Angelie assentiu como um autómato. Alguns segundos mais tarde, depois de as palavras de Taylor calarem no seu entendimento, não conseguiu reprimir o sorriso.

Matilde limitava-se a olhar. La Diana e Markov tiravam a bagagem do tapete rolante. Ela tinha sido proibida de fazer esforços. Juana e Ezequiel, a um canto, diziam piadas, Juana exultante porque Shiloah Moses prometera encontrar-se com ela em Paris. «Temos de falar», dissera-lhe o flamante membro do Knesset, o parlamento israelita, e a jovem passara as doze horas de voo a especular acerca do significado daquelas palavras, tendo mesmo chegado a pedir as opiniões de Markov e de La Diana.

Markov e La Diana não descansaram até as autoridades da companhia aérea lhes devolverem as armas que tinham entregado, juntamente com as autorizações e demais documentação, no aeroporto de Joanesburgo, em malas fechadas, que um empregado da Air France se encarregara de cintar previamente. Receavam que tivessem sido roubadas, o que acontecia com frequência. Recuperaram-nas sem inconvenientes e guardaram-nas nas pistoleiras axilares antes de saírem da sala de entrega de bagagem.

Matilde exclamou ao descobrir a tia Enriqueta na área de chegadas. Sofia estava com ela, e isso alegrou-a; as tias nunca se tinham dado bem. Ezequiel refreou-a para evitar que desatasse a correr, dirigindo-lhe um olhar reprovador. Foram Sofia e Enriqueta que se aproximaram quase a correr e a abraçaram. Enriqueta cobriu-a de beijos, e Matilde lembrou-se do pai.

– Sabem alguma coisa do meu pai? Não disse nada durante meses.

– Não, meu amor – admitiu Enriqueta. – Mas já sabes como é esse hipócrita do teu pai. Não tarda aparece por aí com o seu melhor sorriso e sem se vai dignar a dar explicações.

– E da Celia? Sabem alguma coisa dela?

– Lá estás tu a perguntar pela Bruxa Má! – queixou-se Juana. – O que é que interessa onde está? Oxalá esteja a trabalhar para um estilista famoso em Júpiter!

Juana Folicuré não perdeu tempo a dar explicações às desconcertadas Enriqueta e Sofia. Deu um guincho e afastou-se a correr. Seguiram-na com o olhar até a verem cair nos braços de um homem alto e robusto, que a abraçou e a beijou na boca.

– É o Shiloah – explicou Matilde –, o namorado dela. Tias – disse, e falou em francês –, quero apresentar-lhes Sergei Markov e Diana, meus amigos.

Seguiram-se os cumprimentos e as apresentações quando Juana se aproximou de mão dada com Moses. Formavam um grupo animado e sorridente que chamava a atenção dos outros recém-chegados e que obstruía a passagem. Ezequiel notou que Matilde continuava calada e fitou-a. Falou-lhe ao ouvido.

– Estás muito pálida. É melhor irmos.

– Não me sinto bem – admitiu a jovem.

– A Matilde não se sente bem – anunciou Ezequiel, e Enriqueta e Sofia alvoroçaram-se e desdobraram-se em ofertas de auxílio.

- Tenho de descansar, tias. Só isso. O voo foi interminável.
- Vamos para casa – ordenou Enriqueta.
- Lamento, Enriqueta – interveio Ezequiel –, mas o teu prédio não tem elevador e a Mat não pode subir escadas.
- Oh, sim, claro – balbuciou a mulher, com uma expressão desolada.
- Esta noite não, porque estamos moídos – continuou o rapaz –, mas amanhã convido-os para jantar lá em casa.

Todos aceitaram antes de se despedirem. Juana, sem dar explicações, foi-se embora com Shiloah Moses, que tratou de empurrar o carrinho com a bagagem.

Ezequiel prendeu Matilde pela cintura porque sabia que lhe estava a custar manter-se de pé e conduziu-a até à saída, onde o motorista do namorado, Jean-Paul Trégart, os esperava. À porta do prédio da avenida Charles Floquet, Matilde virou-se para os seus guarda-costas.

- Sergei, Diana, não fiquem esta noite. Vão para vossas casas.
- De maneira nenhuma, Matilde – impôs-se Markov, embora a ideia fosse tentadora.
- Quero que tirem uns dias. Estiveram comigo o tempo todo, sem um minuto de descanso. Prometo-lhes que não vou sair de casa do Ezequiel.
- Não a vou deixar pôr o nariz de fora – assegurou Blahetter.
- Se eu quiser sair – prometeu Matilde – ligo-vos.

Da sua posição no outro quarteirão, dentro de um *Peugeot*, que era utilizado por Medes, Eliah al-Saud observou de sobrolho carregado La Diana e Markov que, depois de se despedirem de Matilde e de Ezequiel e de se assegurarem de que a porta do prédio se fechava atrás deles, entraram juntos num táxi e se afastaram. Pegou no telemóvel e ligou a Markov.

- Onde raio é que vocês vão?
- Chefe! Onde está?
- Onde te posso ver. Onde raio é que vocês vão? – reiterou.
- A doutora Martínez disse-nos para tirarmos uns dias. Prometeu que não sairia da casa de Blahetter sem nós.
- Ouve-me bem, Markov, daqui a uma hora vou viajar. Quero que se mantenham colados a Matilde. O perigo sobre ela duplicou, pelo que não pode sair sozinha, nem sequer para ir ao passeio. Vou pedir a Dario Sartori e a Oscar Meyers para a protegerem durante alguns dias, enquanto vocês recuperam. Depois, quero-os outra vez com ela.
- Entendido, chefe.

O mau humor de Al-Saud atingira níveis exorbitantes depois do telefonema de Oscar Meyers, a informá-lo de que suspeitava de que Anuar al-Muzara conseguira escapar à vigilância, provavelmente fugindo pelo telhado da mansão dos Rostein. «Filho da puta!», explodira, arrependendo-se de não o ter liquidado com um balázio ao pé do túmulo de Samara. Esse tipo de escrúpulos acabava por se pagar caro.

Tinha medo e isso irritava-o muito. Apavorado com a ideia de poderem voltar a fazer mal a Matilde, arrancou no *Peugeot* e dirigiu-se para casa, a poucos quarteirões da de Trégart. Recriminava-se por ter caído na tentação de ir ao aeroporto; vê-la não lhe fazia bem. Precisou de conjurar tantos dos seus escudos – o orgulho, a vontade, as memórias da última noite – para não se lançar sobre ela, cobri-la com o seu corpo e escondê-la no refúgio da avenida Elisée Reclus. Tê-la-ia arrancado dos braços daquela mulher – provavelmente, Enriqueta Martínez Olazábal, a pintora – que a apertava e beijava. Será que não sabia que estava ferida e que tinha de ser tratada como se fosse de vidro? Sentiu uma réstia de simpatia por Ezequiel Blahetter que, ao notar a palidez assustadora de Matilde (ninguém dava por isso?) tratou de pôr termo à reunião. Embora conhecesse a natureza fraterna da relação que os unia, afastou o olhar ao vê-lo agarrá-la pela cintura: praticamente, levava-a ao colo até ao carro.

Ao chegar a casa, estacionou o *Peugeot* de Medes na rua; daí a uma hora, teria de sair novamente para ir até ao Le Bourget a fim de embarcar no seu *Gulfstream V* com destino ao aeroporto de Linate, perto de Milão. Leila seguiu-o a correr, enquanto Al-Saud subia os degraus dois a dois. Encontrou-o no quarto, ao pé da mesa de cabeceira, com a moldura pintada por Matilde nas mãos.

– Eliah – chamou num murmúrio.

– Tira a mala verde – ordenou-lhe, de costas, e Leila viu-o atirar a moldura para uma gaveta. – Estou com pressa, Leila. Já devia estar no Le Bourget.

Fizeram a mala juntos e em silêncio. Antes de partir, Al-Saud abanou a cabeça na direção do quarto de vestir.

– Quando voltar não quero encontrar aqui nada da Matilde. Doa tudo, ou oferece as coisas à Marie e à Agneska; faz o que quiseres mas não quero nada que tenha sido dela no quarto de vestir.

Leila assentiu e estendeu a bochecha para que Al-Saud a beijasse.

Shiloah Moses estava alojado numa *suite* do George V. Mal estendeu alguns francos ao pacote e fechou a porta, Juana lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o.

– Juana, Juana, calma. – Shiloah afastou-a com delicadeza.

– O que foi? – irritou-se Juana.

– Temos de falar.

– Depois – respondeu-lhe, voltando a colar-se ao corpo dele e a beijá-lo.

Shiloah resistiu alguns segundos, até que, com um estalido de língua, acabou por ceder e arrastá-la para a cama. Abandonou a boca de Juana e desceu até ao decote, em busca dos seios dela.

– Fazes ideia do que foi aguentar este tempo todo de abstinência? – exclamou Juana, com uma entoação impaciente e reprovadora. – E tu dizes-me que temos de falar!

Shiloah soltou-lhe o mamilo e ergueu os olhos com uma careta desavergonhada.

– Ah, sim? Abstiveste-te mesmo este tempo todo?

– Obviamente! Porquê? Tu não? Não me mintas, eu percebia.

– As mulheres estão loucas por mim, tanto em Telavive como em Jerusalém.

– Mentiroso. Nenhuma mulher está louca por ti, exceto eu. – A forma doce como ela o olhou pareceu incomodar Shiloah; levantou-se com um gesto brusco para tirar os sapatos e as calças e, quando regressou à cama, ostentava um semblante contrariado.

– Desejo-te – disse, e ao colocar o peso do seu corpo sobre o de Juana, esta percebeu a violência que o perturbava.

– O que é que se passa, meu amor? – quis saber Juana, enquanto lhe passava as mãos pelo cabelo.

– Juana. – Ela adorava a forma como Shiloah pronunciava o seu nome: o som do «J» saía-lhe com dificuldade e acentuava o «U» como se tivesse um til.

– Diz outra vez.

– Juana.

– Isso excita-me.

– Tiveste saudades minhas durante estes meses?

– Sim. – A afirmação, expressada com sobriedade, fez Moses tremer. – E tu?

Não respondeu. Com o mesmo humor agressivo, obrigou-a a afastar as pernas e enterrou-se nela. Juana gemeu, em parte por prazer, em parte por dor. No entanto, não se queixou porque nada a excitava tanto como aquela atitude beligerante e autoritária de Shiloah. Depois do orgasmo, ficaram estendidos, de olhos no teto, demasiado atordoados para falar. Juana, esgotada após a longa viagem, adormeceu de imediato.

Acordou passado algum tempo e demorou a reconhecer onde estava. A escuridão do quarto desorientava-a; não sabia se era de dia ou de noite. Os seus olhos habituaram-se à penumbra e descobriu a silhueta de Shiloah aos pés da cama. A postura dele inquietou-a. Estava sentado, com os cotovelos sobre as pernas; tapava a cara. Abraçou-o pelas costas.

– O que é que se passa, meu amor?

Moses falou passados alguns segundos. A sua voz cavernosa assustou-a.

– Sou um cobarde, uma merda.

– Shiloah, o que é que se passa? – Juana obrigou-o a enfrentá-la. – Vamos, diz-me. Desde que cheguei que te acho estranho. Diz-me o que é que está a acontecer.

Moses acariciou-lhe a bochecha ainda morna de sono e sorriu-lhe com tristeza.

– Juana, estou louco por ti. Louco, percebes? Como nunca estive por outra mulher.

– Eu também, meu amor. Estes meses sem ti têm sido uma tortura. Só era feliz quando conseguia um telefone satélite para te ligar. Precisava de ouvir a tua voz.

Moses saiu da cama e afastou-se até à janela. Afastou um bocadinho a cortina, e Juana apercebeu-se de que era noite.

– Acabou, Juana. Temos de parar por aqui.

– O quê?

– É exatamente isso. Este sentimento... não estava previsto. Temos de nos separar de vez.

Juana agarrou-o pela manga do roupão e obrigou-o a virar-se.

– Olha para mim e repete essa mentira! Olha para mim e repete-a, se tens coragem!

Na escuridão do quarto, Moses vislumbrou o brilho nos olhos de Juana. Tentou falar, explicar-se, mas acabou por desmoronar no chão, fletindo as pernas e agarrando a própria cara.

– Shiloah, por amor de Deus! – Juana acorrou-se ao lado dele e agarrou-lhe na cara. – Abre os olhos! Olha para mim! – As lágrimas fluíam sem contenção pelas bochechas hirsutas de Moses. – Não podes estar comigo porque eu sou cristã, ou porque o meu avô é sírio? É isso? Eu sei que é um grande risco para a tua carreira política.

Moses negou com a cabeça.

– O problema não és tu, Juana. O problema sou eu – disse, esforçando-se por conter o pranto.

– Eu estou-me nas tintas para o facto de seres judeu, Shiloah! Nas tintas!

– Eu sei. Tu és a melhor coisa que me aconteceu na vida. Não estou a exagerar.

– Então?

– Não posso ter filhos.

Juana afastou-se instintivamente. Endireitou as costas e afastou as mãos dele.

– És estéril?

– Não.

– Estás a deixar-me tonta!

– Posso ter filhos mas *não devo* tê-los. Seria uma baixeza, um ato de irresponsabilidade. Na minha família do lado paterno há uma doença terrível, de que pouco se sabe e que é degenerativa e cruel, e eu não quero, não quero que os meus filhos a tenham!

– Que doença?

– Porfíria.

Juana pouco ou nada sabia dessa doença. Lembrava-se de que tinha a ver com o sangue, mais precisamente com uma deficiência na fração heme da hemoglobina.

– O meu irmão mais velho, Gérard, tem a doença e tem sofrido tanto... O meu pobre irmão!

– Shiloah, olha para mim, por favor. – Juana pousou-lhe as mãos nas bochechas ásperas e ergueu-lhe a cara. – Não me importo se não pudermos ter filhos.

Moses levantou-se. Juana tombou para trás e sufocou uma exclamação.

– Não sabes o que dizes! Tu és jovem, cheia de vida, bonita! Como podes pensar que te vou condenar a não seres mãe?

– Meu amor, escuta-me... – Assustava-a a metamorfose de Shiloah e não sabia como prosseguir.

– Não, Juana! Estou decidido.

Arrancou a mala do suporte e começou a atirar roupa lá para dentro. Juana tentava impedi-lo, retirando o que ele colocava, mas Moses continuava, irreduzível.

– Basta! – enfureceu-se a páginas tantas, agarrando Juana pelos antebraços.

– És cruel, cruel!

– Agora acusas-me de crueldade, mas vai chegar o dia, quando segures o teu bebé saudável pela

primeira vez, em que me irás agradecer por te ter afastado.

– Não quero um bebé! Quero-te a ti!

– Não me podes ter.

– Filho da puta! Odeio-te! Estás a mentir-me. Não tens coragem de me dizer que te fartaste!

– Não! – Shiloah agarrou-a pelos ombros – Eu amo-te, Juana, como nunca pensei que voltasse a amar ninguém, mas não te posso condenar a este martírio.

– Não me desejas como à tua esposa! Com ela casaste-te!

– Era jovem e impulsivo. Não pensava nas consequências. Mariam foi muito infeliz quando, depois de muitos estudos médicos, decidimos não ter filhos.

– Eu não seria infeliz.

– É o que dizes agora.

– Sim, digo-o agora. Achas-me assim tão inconstante que supões que amanhã vou mudar de opinião?

– Nunca esquecerei a cara de Mariam sempre que via um bebé na rua. Não vou conseguir suportar que também tu vejas um bebé e os teus olhos se encham de lágrimas.

– A única coisa que enche os meus olhos de lágrimas és tu, Shiloah. Se pensavas poupar-me à tristeza e à dor com esta decisão estúpida, quero que saibas que conseguiste precisamente o contrário.

O táxi parou e Markov apontou para um portão com um arco de meio ponto, em vidro e ferro forjado preto.

– É este o teu prédio? – La Diana assentiu e abriu a porta. – Tens o frigorífico vazio, certo? E que tal se tomasses um banho e eu passava por cá mais tarde para irmos almoçar? Conheço um restaurante de comida italiana no troisième arrondissement que faz a melhor lasanha que provei na vida. O que é que achas?

La Diana ficou a olhar para ele, consciente da pressa do taxista e do seu próprio cansaço. Não obstante, a ideia de almoçar com Markov agradou-lhe. Era a primeira aproximação que o russo tentava desde o episódio do penhasco no Congo.

– Está bem – aceitou, desviando o olhar porque o entusiasmo que ele não se preocupou em dissimular a angustiou. Entrou em pânico. As palavras do irmão, Sándor, retumbaram na sua mente com o poder de uma bomba. «*Eles (os sérvios) triunfaram porque conseguiram roubar-te a alma. Transformaste-te num ser duro e implacável, Mariyana.*»

– Estou pronta daqui a duas horas.

Markov precisou de menos tempo para tomar banho e mudar de roupa: quarenta e cinco minutos antes da hora marcada estava defronte do prédio de La Diana, dentro do seu velho *Mercedes* da década de sessenta que comprara por tuta-e-meia e que ele próprio tratava de manter. Há muito tempo que não sentia aquela ansiedade em relação a um encontro. Nos últimos anos, tornara-se um cínico que não era fácil comover.

Viu-a transpor o portão e endireitou-se no assento. Sem se aperceber, entreabriu os lábios e o desejo que La Diana despertou nele encheu-lhe a boca de saliva. Nunca a tinha visto de saia. Desenhava-lhe as curvas como nenhuma outra peça de roupa, e fê-lo pensar numa sereia. Saiu do *Mercedes* e apressou-se a abrir a porta do lugar do pendura.

– Olá, Markov. Gosto do teu carro.

Ao passar perto dele, La Diana libertou um aroma suave, a sabonete e a champô. O russo acomodou-se no assento e percebeu que o aroma impregnava o habitáculo. Arrancou.

– Trazes a tua *HP 35*? – Como resposta, La Diana levantou a aba do casaco e mostrou-lhe a pistola oficial da *Mercure*, calçada numa funda axilar. – É verdade que Al-Saud te ofereceu uma *Beretta 950 BS*?

– Quem é que te contou?

– Sanny.

– Tu e o meu irmão falam muito de mim.

– Não de ti, mas de armas. Tem-la contigo? Nunca vi nenhuma.

La Diana abriu a saia.

– Olha – indicou, e Markov, que parara num semáforo, olhou para ela. – Aqui – apontou, e o homem viu a perna nua e a pequena pistola alojada no cinto de ligas. – Eliah ensinou-me a escondê-la aqui. Também me ensinou a sacá-la em... – A voz de La Diana apagou-se quando notou a expressão, entre o desconcertado e o esfomeado, do seu companheiro. Cobriu-se rapidamente e encostou-se à janela.

O resto da viagem decorreu em silêncio. Markov tentava desfazer-se de uma inoportuna ereção, insultando-se e maldizendo-se interiormente pela reação adolescente. No restaurante, uma casa de pasto italiana gerida por sicilianos, o ambiente festivo e a receção calorosa dos anfitriões ajudaram a dissipar a nuvem negra que pairava sobre eles. Markov decidiu fazer dessa noite um momento inesquecível para La Diana e partilhar com ela os pormenores da sua vida que poderiam despertar a curiosidade da jovem bósnia: a infância, a família, a cidade natal, e, sobretudo, o tempo passado na Spetsnaz GRU, a tropa de elite russa. La Diana desfrutava da comida e do vinho tinto, e mantinha-se atenta ao relato do acompanhante. No fim do jantar, meio entusiasmada pela bebida, já se ria por tudo e por nada.

– Fala comigo em russo, Sergei. Assim pratico o que me tens estado a ensinar.

– É a segunda vez que me chamas pelo meu nome – notou ele, na sua língua materna.

– Gosto do teu nome – respondeu-lhe La Diana, na mesma língua.

Notara que, quando Markov lhe falava em russo, o seu corpo amolecia, pelo que não se admirou quando, ao levantar-se da cadeira para partir, as pernas não a sustentaram; admitia que o cansaço após uma viagem de doze horas e o vinho também contribuía. Markov agarrou-a pelo cotovelo, e La Diana tremeu como se tivesse sido atingida por uma descarga elétrica. O parceiro soltou-a quase de imediato, e um pouco afastados, caminharam até ao automóvel. La Diana deixara de rir: sentou-se, uniu os joelhos e cruzou os braços sobre a barriga, pedindo:

– Por favor, leva-me a casa.

O *Mercedes* parou diante do portão de vidro e ferro forjado negro. Markov apressou-se a sair, mas La Diana abriu a porta antes que eu a alcançasse e apeou-se. O russo colocou-se diante dela e impediu-a de avançar. A rapariga retrocedeu até bater com as costas no volante do automóvel. Markov sorria ao mesmo tempo que se inclinava lentamente sobre ela.

– Treme – ordenou, e o seu hálito atingiu os lábios de La Diana. – Não tentes reprimir-te. Nas primeiras vezes será assim, até venceres o teu medo. Eu vou ajudar-te.

La Diana sentia um pânico atroz, como se um leopardo se tivesse aproximado para a farejar. Fazia um esforço para não tirar a pistola minúscula do porta-ligas e encostá-la à têmpora de Markov.

– Diz o meu nome – ordenou o russo. – Abre os olhos e reconhece quem eu sou. Diz o meu nome, Diana. Diz!

– Sergei.

– Outra vez.

– Sergei.

– Sim, Sergei. Sou eu, Sergei Markov, teu colega e teu amigo.

Estas palavras reconfortaram-na, e o alívio abrandou a opressão que sentia no diafragma. Baixou de novo as pálpebras quando um calor súbito lhe inundou os olhos. Mordeu o lábio para refrear um soluço, sem êxito. Markov não lhe prestou atenção.

– Queres que fique contigo? – perguntou-lhe, num tom menos exigente. Embora se mantivesse perto, a poucos centímetros, não lhe tocava. – Não me mintas porque eu ia perceber. Diz-me a verdade.

– Nunca um estranho entrou em minha casa.

– Eu não sou um estranho. Queres que fique contigo?

– Sim – balbuciou –, mas com uma condição.

– Diz.

– Não tentas ter sexo comigo. Estou a avisar-te, Markov.

– Primeiro, não voltas a chamar-me Markov. Segundo, eu não tentaria ter sexo contigo, Diana: eu tentaria fazer amor. Mas está bem: aceito a tua condição.

Para La Diana, o elevador demorou décadas a chegar ao sétimo andar. Markov tirou-lhe as chaves porque não acertava com a fechadura. Não mentira ao dizer que era a primeira vez que alguém, à exceção dos irmãos e de Eliah, entrava no seu santuário. Amava aquele pequeno apartamento no dix-neuvième arrondissement: era o seu refúgio, e significava um grande passo para ela permitir que Markov atravessasse o umbral. Após uns segundos, tendo dominado o impulso de o expulsar, sentiu-se contente porque acabava de vencer outra batalha. «*Eu vou ajudar-te.*»

– Sim.

– Sim, o quê?

– Sim, quero que me ajudes.

Markov não se permitiu a euforia que o conduzira ao género de comportamento precipitado que iria deitar tudo a perder. Sorriu à rapariga com ternura e tirou o blusão de cabedal.

– És corajosa por pedires ajuda – limitou-se a comentar.

– O que é que te apetece beber? Tenho café, chá. Acho que ainda há chocolate.

– Café. Vamos fazê-los juntos.

A ideia agradou-lhe, e soube-lhe bem que Markov abrisse as portas do armário à procura das chávenas enquanto ela punha o filtro na cafeteira elétrica. Ele não parava de dizer trivialidades – preferia o café tostado ao torrado, a sua cafeteira era velha e má, ela iria com ele ao Carrefour comprar uma nova?, gostava dele forte, com açúcar e sem leite – e La Diana sentia que os seus músculos relaxavam até se desfazer da tensão.

– O teu apartamento é muito bonito. – Markov instalou-se no sofá com a chávena de café na mão.

– Sim, gosto muito dele.

– É teu?

– Não, é arrendado. O Eliah quer emprestar-me dinheiro para comprar um, mas não quero deixar este.

– Talvez o dono to venda. – La Diana sacudiu os ombros, cética. – Devias perguntar-lhe.

Continuaram a conversar de forma descontraída. Markov foi várias vezes à cozinha para voltar a encher as chávenas de café. Num momento de silêncio, ambos olharam para a janela e aperceberam-se de que a noite caíra. Markov abandonou o seu lugar no sofá e aproximou-se de La Diana, que se endireitou na cadeira como um animal em alerta. O russo tirou-lhe a chávena e colocou-a na mesa. Depois, ajoelhou-se diante dela porque a sua corpulência a amedrontava e agitava as suas piores memórias.

– Vou pegar-te nas mãos. Não tenhas medo.

La Diana começou a tremer; no entanto, estendeu-lhas. Markov sentiu-as frias e suadas. La Diana, pelo contrário, notou que as dele estavam mornas e secas. O russo inclinou-se e beijou-lhe os nós dos dedos.

– Olha para mim, Diana. – A rapariga ergueu as pálpebras e fechou-as de imediato, temendo a intensidade daqueles olhos escuros dele, que pareciam segui-la como se pertencessem a um predador. – Quero passar a noite contigo.

– Não – murmurou La Diana, embora a palavra soasse como um gemido de assentimento.

– Prometi-te que não tentaria fazer amor contigo e não o farei. Eu cumpro as minhas promessas, Diana. Só quero ficar aqui, junto a ti. Não me consigo ir embora, não tenho forças para te deixar.

La Diana esteve quase a irritar-se com o descaramento daquele homem, que ousava impor-se no seu santuário e que a pressionava até fazer disparar as suas pulsações num ritmo desenfreado. A dona da casa era *ela*! Voltou a fitá-lo, disposta a começar um discurso. Os seus olhos encontraram os olhos suplicantes dele, desarmando-a. Acabou por falar com franqueza. Desejava que Markov ficasse; mais ainda, queria que dormisse ao lado dela e que a abraçasse. Com todo o orgulho que restava esfumado, desatou a chorar com o abandono de uma criança. Markov aninhou-a entre os braços e, apesar de trespassado pela pena, sentia-se feliz por a apertar contra o seu corpo e por ela não o afastar.

– Porque é que eu não consigo ser normal?

– Porque viveste coisas que ninguém deveria viver. Mas tens de pensar numa coisa, Diana: apesar de teres sofrido tanto, ainda estás inteira. Magoada, sim, mas inteira. Tu és tão forte, querida, e eu admiro-te tanto.

Markov tinha sempre as palavras certas para a confrontar! La Diana percorreu-lhe o torso com as mãos e fechou-lhas à volta do pescoço. Que bem se sentia! Lamentou não o ter feito antes.

– Vamos dormir. Estás exausta.

La Diana saiu da casa de banho de camisa de noite e roupão, e deteve-se de repente à entrada do quarto: Markov estava em cuecas, brancas e justas, que lhe tapavam parcialmente as coxas e lhe marcavam os genitais.

– Se tiveres um pijama, posso vesti-lo – disse ele, com ar culpado.

– Costumas usar pijama?

– Não, durmo nu.

– Nesse caso fica assim, que estás bem. Pareço mais segura do que aquilo que me sinto – declarou, rindo com nervosismo.

Markov entrou na casa de banho. La Diana deixara-lhe uma escova de dentes nova. Teve vontade de abrir o armário e bisbilhotar, mas não o fez: pareceu-lhe uma baixeza. A casa de banho, tal como o resto do apartamento, tinha uma decoração feminina e delicada, que mostrava um lado doce que La Diana se esforçava por esconder. Voltou para o quarto e encontrou-a deitada, com o lençol pelo pescoço, à beira da cama, de lado, de olhos fixos nas portas do armário. Ao perceber que o colchão se afundava, La Diana disse, sem se virar:

– Sinto-me tão esquisita.

– É lógico. É a primeira vez que permites a um homem entrar na tua casa e deitar-se na tua cama. Como é que tu fazes quando, por exemplo, se rebenta um cano? Não deixas o canalizador entrar? Preferes morrer afogada? – Markov aproveitou o facto de La Diana estar a rir para ganhar terreno e se aproximar.

– Uma vez partiu-se a correia do duche. Entrei em pânico. Estava toda a gente afetada pelo meu problema doméstico até que o Eliah se fartou: ligou ao seu canalizador, deu-lhe a minha morada e ordenou a Sanny que tratasse de tudo. Fiquei a dormir em casa do Eliah porque não queria entrar em minha casa e sentir o cheiro a homem. Quando me atrevi a voltar, passei horas a despejar colónia de alfazema na casa de banho e a pôr perfume no ar. Que louca! Não achas?

– Eu acho engraçado. – La Diana soltou uma exclamação quando o corpo de Markov entrou em contacto com o dela. – Calma, não vou tentar nada. Só te quero abraçar; e vamos dormir assim, abraçados.

– Não, Sergei, suplico-te, não consigo. Deitada é mais difícil. Não consigo.

– Consegues, sim. Lembras-te daquela tarde em Rutshuru, quando descemos juntos pelo penhasco? Estávamos mais perto do que agora. E frente a frente.

La Diana tentou saltar da cama. Markov prendeu-a pela cintura e colou-a ao colchão com uma força da qual ela sempre suspeitara. Fechou os olhos e imaginou o seu braço direito, aquele que Markov usava para a manter quieta, rígido, com os tendões tensos e os músculos inchados.

– Calma, meu amor. Será que não sabes que só te quero ajudar?

– Diz outra vez.

– O quê?

– Chama-me «meu amor» outra vez.

– Meu amor – sussurrou-lhe ao ouvido. – Meu amor. Diana, meu amor.

La Diana manteve os olhos fechados enquanto ele lhe acariciava o braço com a ponta dos dedos, sussurrando uma canção de embalar cossaca. Não percebeu quando adormeceu.

Na manhã seguinte, acordou suavemente, ao contrário de outros dias, em que despertava com um pesadelo e se sentava na cama a gritar. Pareceu-lhe estranho acordar tão placidamente. Depois lembrou-se. O outro lado da cama estava revolto, algo também pouco usual. O aroma do café e dos *croissants* mornos causou-lhe uma sensação de prazer que não se lembrava ter alguma vez sentido. *Então é assim que as pessoas felizes se devem sentir*, refletiu. Espreguiçou-se até ouvir o rangido das articulações. Entrou na casa de banho e pouco depois saiu, contente. Vestiu o roupão mas não o fechou.

À porta da cozinha hesitou e deixou-se ficar a observar Markov, que cantarolava enquanto preparava o pequeno-almoço. Tinha comprado de tudo: fruta, cereais, iogurte, leite, *croissants*, pão, fiambre, queijo. O festim de aromas servia para aumentar a alegria que se agitava no seu peito. Fixou a atenção nele, e recordou-o em cuecas justas e presunçosas.

– Bom-dia.

Markov tirou o pano da loiça que trazia ao ombro e aproximou-se com um sorriso. Parou a uma distância curta e, sem deixar de sorrir, estendeu-lhe o braço e passou-lhe as costas da mão pela bochecha.

– Bom-dia, meu amor. Dormiste bem?

– Há anos que não dormia tão bem.

– Diana, não sabes como me faz feliz ouvir-te dizer isso.

– E graças a ti, Sergei. – Num impulso, fechou os braços à volta da cintura de Markov. Depois sentiu-se engolida por ele, pela sua força, pela sua paixão, pelo seu desejo: curiosamente, sentiu-se segura.

– Eu é que me sinto honrado por deixares que te ajude. Queres que volte esta noite?

– Não sei. Vais pedir-me mais e não to posso dar, Sergei. Não consigo!

– Claro que quero mais! Quero tudo, Diana! Mas não o terei até tu estares disposta a dar-mo. – Afastou La Diana de si, obrigando-a a fitá-lo. – Juro-te pela minha vida, Diana. Nunca farei nada que não me peças.

La Diana assentiu, de súbito abatida. «Quero dormir a noite inteira sem pesadelos», disse para si; por isso, quando Markov se foi embora ligou ao Dr. Brieger, o psiquiatra da sua irmã Leila.

– O doutor Brieger de momento está ocupado – informou-a a secretária. – Quem fala?

– A irmã de Leila Huseinovic, com quem ele esteve preso no campo de concentração de Rogatica.

A secretária mergulhou num mutismo desconcertado. Para La Diana também foi impressionante ser capaz de proferir aquele nome. Rogatica. Após alguns minutos a ouvir o mesmo movimento da *Dança Húngara*, La Diana endireitou-se de repente quando o Dr. Brieger veio ao telefone.

– Bom-dia, doutor Brieger. Fala Diana, a irmã de Leila.

– Bom-dia, menina Huseinovic. Se bem me lembro, o seu verdadeiro nome não é esse. Estou correto?

– Bem... Sim, está... Mas... Todos me conhecem por Diana.

– Como se chama? – Guardou silêncio. Estava prestes a desligar quando Brieger voltou a falar. – Qual é o motivo do seu telefonema? Algum problema com Leila?

– É por minha causa, doutor. Eu tenho um problema. Preciso da sua ajuda.

– Com muito gosto. Hoje, sexta-feira, não conseguirei vê-la. Segunda-feira, às dez e meia da manhã, é conveniente para si?

– Sim, sim, muito bem – respondeu, entusiasmada porque, consciente da apertada agenda do psiquiatra, calculara que lhe só em novembro arranjaría consulta. – E obrigada, doutor Brieger.

O *Gulfstream V* aterrou no aeroporto de Linate já passava das três da tarde de quinta-feira, 17 de setembro, um dia nublado e triste que contribuiu para adensar o desânimo de Al-Saud. Alugou um automóvel e comprou um mapa para chegar a Milão. Uma hora depois, estacionou o automóvel à frente do prédio de Natasha Azarov, no número trinta e quatro da Via Taormina. Tocou à campainha correspondente ao apartamento seis, no segundo andar. Respondeu-lhe uma voz desconhecida, de mulher.

– Procuro Natasha Azarov – questionou em italiano.

– *Signore* Al-Saud?

– Sim, sou o próprio.

Portanto, estavam à sua espera, o que era de prever. Afinal, telefonara nessa manhã a Natasha enquanto esperava a chegada do voo de Matilde. Ouviu-se o portão a abrir, e Al-Saud entrou no jardim que circundava o prédio, cuja má qualidade era facilmente perceptível; a estética do edifício, no entanto, era aceitável. No segundo andar foi recebido por uma mulher baixa e robusta, de pele acobreada e olhos achinesados. Ao sorrir-lhe, pode entrever um dente de ouro.

– *Avanti, per piacere* – convidou-o; o seu italiano revelou a origem latina.

– Fala espanhol?

– Sim! – afirmou a mulher, com um olhar esperançoso.

– Muito bem, falaremos nessa língua.

– Que sorte! Assim será mais fácil. O meu nome é Mónica – sou peruana e trabalho há alguns meses para a senhora Tasha.

– Ela está?

– Sim, sim, está à sua espera, mas pediu-me... Quer dar-me o seu casaco? – Al-Saud entregou-lho e a mulher pendurou-o num cabide ao lado da porta. – Bom, o senhor verá, senhor Al-Saud: a senhora Tasha não está bem.

– O que é que se passa com ela? – quis saber, entre o impaciente e o preocupado.

– Oh, bom, ela... Ela está muito mudada... Por causa da doença. Não vai encontrar a mesma senhora Tasha de há alguns meses.

– O que é que ela tem?

– Ela vai explicar-lhe. Eu só cumpro o meu dever ao avisá-lo de que a vai encontrar muito magra e pálida...

– Tasha! – irritou-se Al-Saud. – Tasha, anda cá!

Natasha Azarov estava muito mais do que magra e pálida. Parecia morta. O lenço colorido que, com elegância, lhe envolvia a cabeça, evidenciava de alguma forma aquilo que pretendia ocultar: estava careca. O pescoço erguia-se, longo e emagrecido, sobre as clavículas que sobressaíam escandalosamente. As olheiras, de uma anormal cor azulada que contrastava com a tonalidade esverdeada da sua pele, impressionaram-no. Embora estivesse coberta por um vestido solto até aos tornozelos, Al-Saud apercebeu-se da sua extrema magreza.

– Olá, Tasha – disse, tentando disfarçar a impressão.

– Eliah – murmurou a jovem, e desatou a chorar silenciosamente.

Al-Saud hesitou um instante antes de percorrer o espaço que os separava e a abraçar. Natasha correspondeu-lhe e Al-Saud sentiu a humidade fria das suas mãos através do tecido da camisa. Foi acometida por uma fraqueza súbita e quase desfaleceu contra o peito dele.

– Anda, vamos sentar-nos.

– *Signora* Tasha – Al-Saud considerou que a aflição da peruana era sincera –, quer que lhe traga alguma coisa? O que é que deseja tomar, senhor Al-Saud?

– Desculpa, Eliah. Não te ofereci nada. O que é que queres tomar?

– Nada, nada. Quero falar contigo.

– Está bem, Mónica. Vai ter com ele. Está sozinho e não gosta.

A mulher foi para dentro e instalou-se um silêncio na sala. Natasha escondia o olhar e esfregava as mãos no colo. Al-Saud cobriu-as com a dele.

– Tasha, foi por isto que desapareceste? Por estares doente? – A rapariga abanou a cabeça, negando.

– Então porquê?

Natasha inspirou profundamente; ao exalar, de olhos fechados, transmitiu a Al-Saud cansaço e tristeza, tão palpáveis como o seu corpo esgotado.

– Tenho tanta coisa para te contar. Desde que soube que vinhas, passei o tempo a ensaiar o que te ia dizer. Agora não encontro as palavras.

– Diz-me porque é que desapareceste daquela forma, de um dia para o outro.

– Porque me ameaçaram.

– Quem?

– Não sei. Uma noite entrei no meu apartamento e encontrei um homem sentado no cadeirão, à frente da televisão. Tinha o controlo remoto na mão e, mal acendi a luz, sorriu-me e carregou no *play*.

– Conhecia-lo?

– Não. Quase morri de susto. Mas não gritei, nem tentei fugir. Fiz o que me ordenou: olhei para o ecrã. Só uns segundos, até ele parar a gravação.

– O que é que ele queria?

– Queria que me afastasse de ti. Que saísse de Paris sem deixar rasto, que me fosse embora para sempre.

– Disse-te expressamente que devias abandonar-me?

– Tal e qual. Garantiu-me que te ia mostrar a gravação e que me matava.

– O que é que continha essa gravação? – Natasha baixou os olhos, mordeu o lábio e apertou as mãos. – Diz-me, tu sabes que eu não te vou julgar. Tu conheces-me.

– Sei que és boa pessoa, mas... Sinto-me tão envergonhada! Fi-lo em Sebastopol, quando não tinha um cêntimo e sabia que os meus irmãos e a minha mãe estavam a morrer de fome em Ialta...

– Estamos a falar de pornografia, certo? Esse tipo obrigou-te a ver um filme pornográfico em que aparecias. – A rapariga assentiu. – Tasha, Tasha... Devias ter recorrido a mim. Eu nunca te teria julgado.

– É fácil dizê-lo. Eu sentia-me suja e uma pecadora. Não voltei a ver a minha família depois de ter feito aquilo. Sei que não conseguiria encará-los. Aquele homem tinha todos os filmes que eu fiz.

– Por pura necessidade.

– Agora sei que teria sido melhor morrer de fome! Ou suicidar-me! Não, não – arrependeu-se, de repente –, não podia deixá-lo matar-me. Não.

– Fala-me do tipo, conta-me como é que ele era...

– Nunca o esquecerei. Era muito alto, como tu, mas maciço. Ter-me-ia partido o pescoço com uma mão. No entanto, é a sua voz que não consigo apagar da minha cabeça. – Natasha percebeu a inquietação e a tensão súbitas de Al-Saud e ergueu o olhar. – O que é que se passa?

– Nada. Continua. O que é que tinha a voz dele?

– Não era como a de um ser humano. Às vezes pergunto-me se, por causa do pânico, não a terei imaginado. Era como se fosse a voz de uma máquina, de um *robot*.

Al-Saud largou as mãos de Natasha e levantou-se. «Meu Deus!», exclamou. «Udo Jürkens». Agora compreendia que o seu objetivo, o seu ponto de interesse, era ele. Porque teria assassinado Roy Blahetter? As peças não encaixavam. Que relação havia entre factos que aparentemente não estavam ligados? Primeiro afugentara Natasha Azarov e depois virara-se para Matilde, embora claramente a quisesse para si. Recordou as palavras de Juana, na tarde em que Matilde fora ferida na Missão São Carlos, perto de Rutshuru: «*Deu-me a impressão de que se interessava muitíssimo por Mat, como se estivesse apaixonado por ela.*» As ideias e as recordações bombardeavam-lhe desordenadamente a

cabeça e não conseguia acalmar-se para dar coerência aos pensamentos. Pôs as mãos sobre os olhos quando, de forma inesperada e violenta, compreendeu que Udo Jürkens fora o assassino de Samara.

– Tasha. – A jovem notou a tonalidade torturada do timbre de Al-Saud e estremeceu. – Continua a contar-me. O que é que aconteceu a seguir?

– Nessa mesma noite, arrumei as minhas coisas e na manhã seguinte saí de casa. Precisava de me afastar dali. Aquele homem tinha entrado como se fosse o dono da minha casa. Guardei as malas num cacifo na gare de Lyon e passei o dia a pensar no que devia fazer. Por momentos, disse a mim mesma que tinha de recorrer a ti, mas sabia que ele estava a seguir-me, a fim de ter a certeza de que cumpriria aquilo que me exigira. Levantei o pouco dinheiro que tinha no banco, fechei a conta, deposei a renda que devia e comprei um bilhete de comboio para Milão, porque tenho um amigo fotógrafo cá a quem podia recorrer. Antes de partir, telefonei à Zoya. Não podia ir-me embora sem falar com ela.

Al-Saud, que regressara ao cadeirão ao lado de Natasha, notou que o ar abatido se acentuara e que os lábios dela estavam arroxeados.

– Basta, Tasha. Agora quero que descanses. Estás muito pálida.

– Não, não, Eliah. Quero contar-te tudo, preciso de chegar ao fim. Há uma coisa que eu quero que tu saibas, o mais importante. Quando fugi de Paris, estava grávida. – A antiga namorada fitou-o com determinação, quase numa atitude desafiadora. – De quatro meses.

– Não é meu – defendeu-se automaticamente Al-Saud. – Tivemos sempre cuidado.

– Sim, eu sei tu usavas sempre preservativo. Mesmo assim, aconteceu. E é teu: enquanto estivemos juntos, nunca, nem uma única vez, te fui infiel. Como é que podia ter sido de outra forma? Estava tão feliz, amava-te tanto... – A declaração envergonhou-a e voltou a esconder o olhar. – Às vezes acontece – murmurou. – Às vezes os preservativos têm defeitos de fabrico...

Al-Saud tapou a cara e apoiou os cotovelos nas pernas. Esfregou a face até ficar avermelhada. Num impulso brusco, abandonou o cadeirão.

– Tasha, tu estás a dizer-me que nós temos um filho?

– Sim. Chama-se Nicolai Eliah. Dei-lhe o nome do meu pai e o teu, que és pai dele. – Entreolharam-se em silêncio: ela, com esse novo ar de firmeza que adotara para falar da criança; ele, com uma expressão entre o furioso e o confuso. – Sei que não acreditas em mim e percebo, mas isso não altera a realidade. Nicolai é teu filho.

– Se é verdade que, porque é que não me contaste antes?

– Não percebi que estava grávida até ao terceiro, mês porque sou muito irregular. Além disso, recusei-me a acreditar que podia estar à espera de um filho. Como tu próprio disseste, tinhas sempre cuidado. Parecia impossível. Quando confirmei a gravidez, não me atrevi a contar-te logo: tínhamos acabado de iniciar a nossa relação e sabia que ias pensar que não era teu. Estava a arranjar coragem para te contar quando aquele homem apareceu em minha casa...

– E porquê agora? – Interrompeu-a Al-Saud.

– Porque estou a morrer, Eliah, e preciso de ir em paz. Quero saber que o Nicolai estará seguro

contigo, que nunca passará fome nem necessidades como eu. Quero que me jures que o vais amar e cuidar dele...

– Um momento, Tasha! Pelo amor de Deus! – Exclamou, exasperado. – O que é que tu tens?

– Tenho leucemia. Manifestou-se após o nascimento do Nicolai. A hemorragia pós-parto foi muitíssimo intensa e muito mais demorada do que o normal; por isso, o meu ginecologista julgou que parte da placenta podia ter ficado no útero. Afastada essa hipótese, fizeram-me análises e descobriu-se a leucemia.

– Há muita gente que consegue vencer a leucemia. Já ouvi falar de transplantes de medula para a curar.

– Sim; o doutor Moretti, o meu oncologista, vai tentar. Eu e o Nicolai somos compatíveis e ele vai doar-me células estaminais. Parece que o nosso filho veio ao mundo para tentar salvar-me a vida.

Natasha desatou a chorar convulsivamente. Al-Saud deu um estalido com a língua e regressou para junto dela. Abraçou-a. A sua magreza repugnava-o e tentava não inspirar o cheiro a medicamentos que a pele febril da mulher exalava. «Se fosse Matilde», pensou, «saberias como consolá-la, o que dizer-lhe. O aspeto dela não te faria impressão. Só pedirias para conhecer a criança para o poderes mimar e amar, sem condições nem preconceitos».

– Se o oncologista te vai fazer um transplante de medula, porque é que achas que estás a morrer?

– Não sei como explicar-te. É uma premonição. O doutor Moretti vai tentar o transplante, mas não tem muitas esperanças, embora não mo diga. Só o vai tentar porque é uma sorte o Kolia ser noventa e oito por cento compatível comigo. Tal compatibilidade é rara.

– Kolia? É assim que tratas o miúdo?

– Sim. É o diminutivo de Nicolai. Gostavas de o conhecer?

– Espera um momento, Tasha. Por favor, dá-me algum tempo para assimilar tudo o que me contaste.

– Sim, sim, claro. Desculpa. Esperei tanto e agora que te tenho aqui, quero explicar-te como as coisas se passaram. Tive tantas saudades tuas, Eliah!

– Cometeste muitos erros, Natasha! – Repreendeu-a Al-Saud, arrependendo-se de seguida ao reparar que os olhos azuis da jovem escureciam. – Não estou a falar dos filmes que te viste forçada a fazer em Sebastopol. Não devias era ter fugido de Paris sem falar comigo: como é que não sabias que te podia proteger?

– Aquele homem amedrontou-me. Imaginas o que foi para mim entrar no meu apartamento e encontrá-lo, completamente à vontade, sentado no meu cadeirão? Movimentava-se como se estivesse em casa própria, sabia tudo a meu respeito – inclusive, onde é que os meus irmãos e a minha mãe viviam em Ialta. Ameaçou matá-los se eu não te abandonasse e desaparecesse. Sei que não estava a mentir.

Mónica apareceu na sala e parou diante de ambos. Exibindo um sorriso tranquilizador, falou com autoridade.

– Senhora Tasha, porque é que não se deita um bocadinho? Amanhã espera-a outra sessão de

quimioterapia e tem de estar forte.

- Mónica, traz o Kolia. Está a dormir?
- Não, minha senhora. Está a brincar no berço.
- Então, por favor, trá-lo cá.

Al-Saud inquietou-se e voltou a sair do cadeirão. Inconscientemente, dirigiu-se para a porta. Precisava de se afastar, de ganhar alguma distância. Não queria conhecer a criança, não queria vê-lo, pelo menos naquelas circunstâncias, em que não se sentia totalmente senhor de si. Os músculos crispavam-se-lhe ao ouvir os gorjeios de um bebé e um «Kolia, querido! Vem à mamã!». Como Natasha falava em ucraniano, um idioma parecido com o russo, Al-Saud compreendeu-a. Voltou-se. A criança olhava-o com intensidade e uma expressão séria, embora pacífica: poderia até dizer-se que com curiosidade. Pareceu-lhe um bebé bonito que, à exceção dos olhos azuis-claros, em nada se parecia com Natasha.

Kolia estendeu o braço na direção de Al-Saud, emitindo sons incompreensíveis.

- Kolia – disse Natasha –, apresento-te o Eliah, teu pai.

Al-Saud teve vontade de gritar. O que é que deveria fazer? «Matilde, ajuda-me.» Balbuciou uma desculpa e garantiu que voltaria. Arrancou o casaco do cabide e saiu.

Nessa mesma noite de quinta-feira, de uma *suite* no hotel Principe di Savoia, Al-Saud telefonou a Natasha para lhe pedir desculpa pela sua saída intempestiva e cobarde, e prometeu acompanhá-la no dia seguinte à sessão de quimioterapia. Depois, fez outras três chamadas. A primeira foi, para a irmã, Yasmin.

- Preciso de ti no sábado de manhã em Milão.

– Ai sim? E eu quero a coleção completa de brincos da Tiffany. Em caprichos não há quem me ganhe, maninho.

– Yasmin, não estou para brincadeiras. É um assunto muito sério. Usa o *Learjet* da Mercure. Está no Le Bourget e ninguém o vai utilizar. Vou ligar à Thérèse e marcar o voo para as nove da manhã de sábado. Quero-te cá antes do meio-dia. Vou buscar-te a Linate.

- Eliah...

– Traz a tua equipa. Vais fazer duas colheitas de sangue que eu quero que analises no teu laboratório.

- E que género de análises serão?

– De ADN. Explico-te no sábado. Agora tenho de desligar.

Em seguida ligou para o telemóvel de Zoya.

- *Chéri, quelle joie!*

– Zoya, ouve-me. Encontrei a Tasha.

- *Quoi?*

– Sim, estive hoje com ela.

- Como é que ela está?

– Muito mal. Precisa de ti. Quero que venhas para Milão.

– É aí que tu estás?

– Sim. Quero-te aqui amanhã. Tens algum compromisso importante?

– Julgo que não, mas deixa-me consultar a minha agenda. – Pouco depois, garantiu: – Tenho duas coisinhas sem importância, nada que não possa cancelar, *chéri*.

– Ótimo. Toma nota da morada.

– É só dizeres. – Depois, repetiu a morada só para ter a certeza de que a anotara corretamente. – O que é que eu digo ao Raemmers se me ligar para uma missão? – Zoya, prostituta ucraniana de luxo, contava com dois grandes fornecedores de clientes: a empresa de Al-Saud, a Mercure, e o grupo militar de elite da NATO, *L'Agence*, cujo chefe era o general dinamarquês Anders Raemmers. Ambas as instituições estavam muito satisfeitas com o seu desempenho; no entanto, a fidelidade de Zoya era para com Al-Saud, a quem devia a vida.

– Eu trato do general. Tu tenta chegar amanhã.

– Sim, querido. Aí estarei.

Por último entrou em contacto com Oscar Meyers. O alemão não se recompusera da humilhação que fora ser enganado por um terrorista palestiano.

– O que é que me podes dizer sobre a Matilde?

– Não saiu de casa, chefe. Passou o dia no apartamento de Blahetter.

– Tens a certeza?

– Afirmativo. Através do transístor de rastreio de satélite que Alamán colocou há uns meses na carteira da doutora Martínez, ouvi-a falar o dia inteiro. Está lá, não se preocupe.

O dia inteiro? Será que não tinha descansado?

– Com quem?

– Foi mais ao telefone. Como era em espanhol, nem o Dario nem eu percebemos nada. Contactou com o Blahetter e com o Trégart e falou também com as empregadas.

Al-Saud ergueu os olhos para o céu e mordeu o lábio.

Na manhã seguinte, enquanto preparavam Natasha para a sessão de quimioterapia, Al-Saud teve oportunidade de conversar a sós com o Dr. Moretti, o oncologista, que lhe explicou a necessidade de matar células cancerígenas alojadas na medula antes do transplante, a fim de libertar espaço para colocar as células-mãe.

– O transplante de medula é apenas um passo, senhor Al-Saud. Depois é necessário esperar que as células-mãe produzam glóbulos brancos normais, o que nem sempre acontece.

Natasha regressou muito abatida e vomitou durante horas. Mónica dava-lhe assistência enquanto vigiava Nicolai, que brincava dentro de um parque na sala de jantar. Al-Saud, sentado no cadeirão, com um braço estendido sobre o espaldar, tamborilava no salto da bota que descansava sobre o joelho e observava a criança que brincava com bolas e bonecos de peluche. Quantos meses teria? Calculou que, se Natasha estava grávida de quatro meses quando fugira de Paris em finais de setembro, a criança teria

nascido em finais de fevereiro; portanto, faria sete meses dentro de alguns dias. Sorriu a contragosto quando Nicolai estremeceu e se assustou perante o ressalto inesperado de uma bola que lhe acertou na cara; porém, não chorou e com o olhar, seguiu o percurso da bola até aquela parar. Voltou a agarrá-la e a atirá-la, sem obter o mesmo resultado. O facto de não ter chorado agradou a Al-Saud. Sorriu novamente quando a criança agarrou um cubo com ambas as mãos e o atacou ferozmente com as gengivas, como um leão a roer um osso. Semicerrava os olhos e aplicava força com tenacidade.

– Tem os dentes a nascer – explicou Mónica levantando-o. – As gengivas incomodam-no muito.

– Quantos meses tem?

– Faz sete no dia 22.

– Como está Natasha?

– Adormeceu, graças a Deus.

– Mónica, faça uma lista com tudo aquilo de que precisa, seja do supermercado ou da farmácia.

Assim que se ouviu a campainha da porta, Al-Saud apressou-se a atender. Era Zoya.

– Espera um momento. Desço já.

No piso térreo, Eliah pôs a bagagem da ucraniana no automóvel alugado e indicou-lhe o lugar do pendura.

– Anda, vamos fazer umas compras. No caminho, conto-te o que se passa. Tens de estar preparada.

Zoya, normalmente expansiva e loquaz, ia desmoralizando à medida que Al-Saud falava. A caixa do supermercado deitava-lhe olhares dissimulados, enquanto Zoya chorava e discutia acaloradamente em francês.

– E esperaste para me dizer que é muito provável que ela morra, aqui, num local público, onde não posso dar espetáculo?

– Estás a chorar – observou Al-Saud.

– Merda, Eliah! Não tens coração? E digo-te já que essa criança é tua! Se a Tasha diz que é, é porque é.

Natasha, que se tinha levantado e estava a brincar com Nicolai na sala, emocionou-se muito ao ver Zoya, sua amiga de infância. Al-Saud concentrou-se na reação da criança, que observava as mulheres com a mesma expressão curiosa com que o tinha estudado a ele na véspera. Passado algum tempo, aborrecido com tanto alvoroço e pranto, suspirou com ar de velho sábio, o que provocou uma espécie de sorriso em Al-Saud, e continuou a brincar com um telefone cujas teclas emitiam sons e luzes coloridas. A sua distração e tranquilidade duraram pouco. Zoya levantou-o e fê-lo rodopiar, beijando-o e sacudindo-o até Nicolai lhe regurgitar em cima. Al-Saud explodiu numa gargalhada quando Zoya, encolhida por causa do vômito leitoso, devolveu a criança à mãe e deixou que Mónica a conduzisse à casa de banho.

– Obrigada por a teres trazido – sussurrou-lhe Natasha. – Disse-me que vai ficar uns tempos comigo.

– Tens onde a alojar ou preferes que arrende um apartamento?

– Não, não, de modo nenhum. Pode cá ficar.

– Natasha, amanhã vem de Paris uma pessoa da minha absoluta confiança que nos vai tirar sangue, a mim e à criança. – Não percebia porque é que lhe custava dizer o nome dele. – Para fazer testes de ADN.

– Está bem, Eliah. Compreendo-te. É normal que não acredites em mim. Só estivemos alguns meses juntos, eu desapareci sem explicações e agora surpreendo-te com a existência de um filho. É natural que queiras assegurar-te.

– Se as análises confirmarem que é meu filho, vou iniciar os trâmites legais para o reconhecer.

Natasha tirou um cartão da carteira e estendeu-o a Al-Saud.

– O advogado Luca Beltrami está a par de tudo. Foi ele quem redigiu o meu testamento. Prometes-me que, se eu morrer, Kolia vai viver contigo, que vais gostar dele e cuidar dele?

– Tu não vais morrer, Tasha.

– Mas, caso aconteça, prometes-me, Eliah?

– Sim, prometo.

Nesse instante, enquanto se comprometia de uma forma que lhe mudaria a vida, o rosto de Matilde apresentou-se diante dele; uma sensação de euforia inundou-o e tornou-se tão forte e que o impeliu a esticar o braço e a tocar em Nicolai pela primeira vez. Enquanto acariciava a bochecha suave e volumosa da criança, falava-lhe em pensamento: «Se a tua mamã morrer (oxalá que não), vou dar-te outra, que é o meu tesouro e o amor da minha vida e que, apesar de tudo, te vai fazer feliz.»

Nicolai prendeu o indicador de Al-Saud com uma força insuspeita para alguém do seu tamanho e levou-o à boca para coçar as gengivas. Natasha e Al-Saud riram.

O *Learjet 45* aterrou no aeroporto de Linate e Yasmin Al-Saud desceu pelas escadas com a sua maleta de bioquímica e uma pequena geladeira portátil com bateria como única bagagem. Não passaria a noite em Milão: assim que obtivesse as amostras de sangue, voltaria para Paris.

Avistou o irmão Eliah na sala de chegadas. Viu-o tirar os óculos *Ray-Ban Clipper* e pô-los no bolso. Parecia ainda mais sombrio e sério do que era habitual. Cumprimentaram-se com dois beijos.

– Obrigado por teres vindo.

– De nada. Mas assim que tiver as amostras, vou-me embora.

– Isso está tratado. Eu próprio te trago ao aeroporto.

Al-Saud conduziu em silêncio durante alguns minutos. Yasmin queria fazer perguntas e não se atrevia. Por fim, ganhou coragem.

– A quem é que vou tirar sangue?

– A mim e a um bebé de sete meses. – O coração de Yasmin deu um pulo e começou a bater mais depressa. – Claro – explicou Al-Saud após uma breve pausa – que a mãe garante que é meu; por isso, quero ter a certeza.

– Tu não achas que seja?

– Tive sempre cuidado. Nunca, nem uma única vez, me esqueci de ter. Por isso, custa-me a crer que

seja meu.

– E se for?

– Como é óbvio, reconheço-o. Yasmin, isto é um assunto delicado. Só confio em ti: preciso que sejas tu a comprovar que a criança é minha.

– Como se chama? A criança – esclareceu Yasmin.

– Nicolai.

– Nicolai. Que nome bonito. É russo?

– Sim. A mãe é ucraniana.

– E ela, como se chama?

– Natasha. Está doente. Tem leucemia.

– Lamento, Eliah.

O quadro que a mulher magra de lenço na cabeça e o bebé sorridente que se agitava nos seus braços compunham comoveu Yasmin. O ar saudável do bebé, com as bochechas redondas e os olhos azuis brilhantes, contrastava com o aspeto abatido e doentio da mulher. Não sentiu ciúmes de Natasha, como costumava acontecer-lhe com as namoradas do irmão: antes compaixão e ternura. O anseio que se apoderou dela espantou-a: queria que aquele bebé fosse mesmo seu sobrinho. Poucas vezes vira uma criança tão bonita e viva. Ria, ficava sério, coçava as gengivas, besuntava a face da mãe quando esta lhe pedia um beijo, sacudia o guizo, estendia os braços para a empregada, mas nunca chorava, nem sequer quando lhe tiraram sangue. As tentativas de o distrair foram inúteis: Nicolai queria ver, pelo que, com ar solene, ficou a observar enquanto Yasmin enterrava a agulha na veia braquial da face externa do antebraço rechonchudo. Franziu o sobrolho, apertou os lábios e quase chorou, mas Zoya começou a cantar, a fazer caretas e a dançar e Kolia, como lhe chamavam, desatou a rir.

A caminho do aeroporto, Yasmin mencionou-o. Al-Saud mantinha um silêncio pesado. Por fim, como não obtinha respostas nem comentários, a jovem calou-se.

– Yasmin – exigiu Al-Saud uma vez chegados ao Linate – não quero que faças comentários com ninguém acerca disto. Ninguém – sublinhou.

– Mas...

– Ouve-me bem, Yasmin. Se falares disto a alguém, a próxima missão do Sándor vai ser em Kuala Lumpur.

– Uf, és insuportável!

– Daqui a quanto tempo terás o resultado?

– Dez dias, mais ou menos.

Al-Saud ficou em Milão até terça-feira, 22 de setembro. Dividia o seu tempo entre visitas a Natasha e o trabalho, que fazia a partir do quarto de hotel. Natasha apercebia-se de que, embora Eliah não falasse muito e mantivesse o ar sério, os impulsos turbulentos do primeiro dia haviam desaparecido. Embora não tocasse em Nicolai, sentia-se atraído pela sua mansidão; quando a criança estava perto, Al-Saud não tirava os olhos dele. Kolia familiarizou-se com a presença do estranho e oferecia-lhe os seus

bonecos e a sua chucha, mas não lhe estendia os braços.

Na tarde de terça-feira, Al-Saud passou pelo apartamento da Via Taormina para se despedir. Chamou Zoya de parte para lhe dar dinheiro e as últimas indicações.

– Se surgir algum problema, liga-me, não importa a que horas.

– Fá-lo-ei, *chéri*.

Natasha aproximou-se com uma expressão desfeita, os olhos cheios de lágrimas e um tremor no queixo.

– Depositei vinte milhões de liras na tua conta corrente. É um pouco mais de dez mil dólares – esclareceu. – Não quero que tu e a criança passem necessidades. Utiliza-o como achares melhor. Se precisares de mais, liga-me para o telemóvel e eu faço uma transferência.

Natasha abraçou Al-Saud e desatou a chorar. Ele apertou-a contra o corpo e tentou acalmá-la.

– Vai tudo correr bem, Tasha. Vais ver.

– Tu achas? Quero tanto ver crescer o nosso filho.

– Vais ver.

– Obrigada, Eliah. Por tudo. Quando voltas?

– Em breve.

Na terça-feira, 22 de setembro, de manhã, Ezequiel conduziu Matilde e Juana à sede da Mãos Que Curam, na rua Breguet, para fazerem o relatório verbal perante o restante pessoal, incluindo os chefes da missão no Congo, o Dr. Jean-Marie Fournier, e em Rutshuru, o Dr. Auguste Vanderhoeven.

Matilde, sentada no lugar do pendura no *Porsche 911* de Ezequiel, virou-se e deitou uma olhadela a Juana, que ia invulgarmente calada no banco de trás, a olhar pela janela com desinteresse. Matilde nunca a vira num tal estado de abatimento e inquietação, nem sequer quando lhe anunciara que tinha terminado tudo com Jorge, o seu amante do hospital Garrahan.

Na sexta-feira anterior, Juana aparecera muito cedo em casa de Jean-Paul Trégart, de cara inchada e avermelhada pelo choro e de malas a tiracolo. Matilde, esgotada pela viagem e sob o efeito do *jet lag*, ainda dormia. Ao escutar o som de um choro incessante, despertou, vestiu o roupão e saiu do quarto, para encontrar a amiga no vestíbulo, a soluçar desesperada nos braços de Ezequiel. A própria Matilde entrou em pânico, sem saber o que pensar: Jérôme teria morrido e não sabiam como contar-lhe? Sem querer, escaparam-lhe alguns gemidos que atraíram a atenção de Juana.

– O Shiloah deixou-me! – explicou ela, em pranto. – Deixou-me pela mesma razão pela qual tu deixaste o Eliah. Não pode ter filhos! São uns filhos da puta, os dois! – vociferou, e Ezequiel estreitou-a, pedindo-lhe para se acalmar.

– O Shiloah não pode ter filhos? – A voz de Matilde suou rouca.

– Pode – respondeu Ezequiel –, mas não quer. Por causa de uma doença hereditária.

– Porfiria – balbuciou Juana, num tom menos belicosa.

Matilde evocou o diálogo com Al-Saud na Missão São Carlos, quando ele lhe falara de Gérard

Moses, o seu melhor amigo e irmão mais velho de Shiloah, que sofria dessa doença.

Finalmente, Ezequiel conseguiu tranquilizar Juana e mandou-a refrescar-se no mesmo quarto que ocupara antes de viajar para o Congo. Matilde tentou tocar na amiga quando esta passou a seu lado, mas Juana afastou o braço, lançando-lhe um olhar ressentido. Conversaram acerca da porfíria e da atitude de Shiloah Moses enquanto tomavam o pequeno-almoço. Jean-Paul Trégart perguntou se havia algum estudo genético anterior à conceção que assegurasse que o esperma de Moses estava livre de porfíria. Em último caso, podia ser utilizado numa inseminação artificial. A resposta, em uníssono, de Juana e Matilde foi um rotundo «não».

– Podem adotar – sugeriu o homem.

– Eu não teria problemas – manifestou Juana. – Mas ele não quer.

No decurso do fim de semana Matilde percebeu que Juana ia deixando mensagens atrás de mensagens na caixa de correio de Shiloah. Pelo semblante que exibia no domingo à noite, era evidente que o israelita não respondera a nenhuma.

– É difícil para ti, que és saudável e podes gerar um filho sem problemas, compreender o que se passa comigo e com o Shiloah – tentou Matilde, na segunda-feira de manhã, cansada do silêncio rancoroso da amiga.

– Ai, Matilde, não me venhas com essa! Os dois, Shiloah e tu, são uns orgulhosos que não suportam ter defeitos – afirmou, dando ênfase à palavra.

– Não é assim – defendeu-se Matilde sem elevar a voz. – Queremos que vocês, a quem amamos, sejam felizes e sabemos que ao nosso lado nunca serão.

– Tu é que não me percebes – encarou-a Juana. – Os dois são uns pedantes de merda que se julgam no direito de decidir aquilo que nós devemos, ou não, sentir. Eu amo o Shiloah! O Eliah ama-te! Queremos estar convosco! Que se lixem os filhos!

– Só que o Eliah já não me ama nem quer estar comigo.

– Porque tu fizeste o impossível para lhe pôr as bolas deste tamanho. – Juana levantou os braços à altura dos ombros. – Por trás de tanta merda, Matilde, continua latente a tua insegurança, a tua vergonha e a tua culpa por seres estéril. Tudo isso te leva a boicotar a tua relação com ele de forma inconsciente.

Nessa terça-feira de manhã, todavia, a ira de Juana parecia ter-se dissipado. Guardava silêncio e não comentava as belezas de Paris, como era seu hábito. Matilde esticou o braço e tocou-lhe no joelho. Juana demorou a voltar o rosto para ela. A médica sorriu-lhe com timidez e Juana encarou-a com uma expressão séria, ainda que branda.

– Não te dês por vencida – alentou-a Matilde. – Luta por ele.

– Não me apetece. Não merece. Judeu de merda!

– Quem é que está a ser orgulhosa agora?

Ao deter-se diante da sede da Mãos Que Curam e ao sair do *Porsche*, Matilde entreviu um homem; intuiu que era da Mercure e que fora enviado de Eliah para tomar conta dela. Foi a sua vez de se enfurecer. Se Al-Saud não a queria a seu lado, se o cansara e se a desprezava, que lhe importava se o

gigante com voz de *robot* a assassinasse?

Despediram-se de Ezequiel que, antes de partir para uma sessão fotográfica, insistiu para que não saíssem do edifício até o motorista de Trégart chegar para as levar, dentro de algumas horas. As duas amigas entraram e Matilde teve a sensação de que tinham passado anos desde a sua última visita quando, na realidade, ali estivera há pouco mais de cinco meses.

O presidente da Mãos Que Curam participou na reunião em sinal de respeito pela situação arrepiante que as raparigas tinham vivido no Congo, em particular Matilde. Informou-as de que, após o que sucedera na missão das Irmãs da Misericórdia Divina, a Mãos Que Curam tinha decidido interromper o trabalho no Congo Oriental.

– Espero que não seja por minha culpa – angustiou-se Matilde. – Na realidade, foi uma imprudência da minha parte sair do...

O presidente, o Dr. Pessant, deteve-a, erguendo a mão e abanando negativamente a cabeça.

– A culpa não foi tua, Matilde.

– Ainda bem que o esclarece – ironizou Juana –, porque a Matilde julga-se culpada até do buraco do ozono.

Após alguns risos que ajudaram a descomprimir o ambiente, Pessant prosseguiu:

– A situação na parte oriental do Congo é de altíssimo risco. – Matilde apertou as mãos ao pensar em Jérôme. – Teria sido suicida continuar lá. Sabíamos-lo quando foi declarada a guerra a 2 de agosto, e ainda assim aguentámos a missão enquanto nos foi possível. De igual modo, continuaremos a distribuir medicamentos, comida e aquilo que for necessário para aliviar a situação dos refugiados. – Pessant pegou em várias folhas de uma pasta. – Tenho aqui os relatórios que os vossos chefes fizeram acerca do vosso trabalho. Devo dizer que são excelentes.

– Que bom! – exclamou Juana, enquanto Matilde desviava o olhar para Auguste Vanderhoeven e o fitava, agradecida. Temera que mencionasse as incursões noturnas do seu amante na casa da Mãos Que Curam, algo que lhe teria valido a expulsão.

– Gostaríamos de continuar a contar convosco. Fizeram um trabalho estupendo no terreno. Que planos têm? Claro que só poderíamos contar convosco depois de algumas semanas de descanso e após exames psicológicos para analisar o impacto emocional destes meses no Congo, mas...

– Eu penso regressar ao meu país – anunciou Juana. – Tenho muitas saudades da minha família. Quanto ao futuro, não sei o que vou fazer. Talvez volte a trabalhar no hospital pediátrico de Buenos Aires.

– E tu, Matilde, que planos tens?

– Continuar a trabalhar para a Mãos Que Curam.

– Por aqui, doutora Martínez! – chamou-a um homem alto, magro, embora de aspeto sólido, à entrada da sede da Mãos Que Curam. – Lembra-se de mim? Dario Sartori.

– Sim, claro. Lembro-me de si, do Congo. Não era exatamente discreto nessa altura: dava consigo

sempre que ia ao jardim do hospital, em Rutshuru. Creio que é funcionário da Mercure e que o senhor Al-Saud o colocou aqui para me espiar, certo?

– Não, não! Não para a espiarmos. Para a protegemos.

– Diana ligou-me para avisar que ela e o Sergei seriam substituídos durante alguns dias.

– Por favor – instou-as Dario Sartori, enquanto vigiava, nervoso, as imediações solitárias da rua Breguet –, entrem no carro.

– Não, obrigada – replicou Matilde. – O motorista de um amigo vem buscar-nos.

– Ah, não, Mat! – interveio Juana. – Não vou ficar à espera do tipo do Trégart. Sabe-se lá quando é que se despacha. Como é que você se chama mesmo? – questionou, dirigindo-se a Sartori em inglês.

– Dario Sartori – apresentou-se o homem, estendendo a mão para a cumprimentar.

– Vamos, Mat. O Dario leva-nos para casa do Ezequiel.

A fim de comprazer a sua amiga depois daqueles dias de choro, fúria e ressentimento, Matilde acedeu.

– Nesse caso, leve-nos para o George V, senhor Sartori.

– Claro.

– Não quero ir lá – inquietou-se Juana. – Traz-me péssimas recordações.

– Esperas por mim no carro. Não demoro mais do que uns minutos.

– Para que raio lá vais tu?

Matilde olhou-a de soslaio e não lhe respondeu. Nos escritórios da Mercure, no oitavo piso do George V, a sua raiva aplacou-se graças à receção que Thérèse e Victoire, as secretárias de Al-Saud, lhe fizeram. Estreitaram-na num abraço sentido e confessaram-lhe que tinham sabido dos incidentes no Congo.

– A menina Yasmin contou-nos – explicou Victoire.

– Estou bem – assegurou-lhes Matilde; embora Thérèse e Victoire sorrissem e assentissem, não concordaram. Notava-se que emagrecera e que estava pálida, os olhos destacando-se do rosto com as faces encovadas.

– Seria possível falar com o Eliah? – atreveu-se Matilde a perguntar.

– Não está cá – informou-a Victoire. – Está em viagem.

– Preciso mesmo de lhe falar.

– Tentaste ligar-lhe para o telemóvel? – sugeriu Thérèse.

– Não responde às minhas chamadas – explicou, sem mais, e as secretárias, num ato reflexo, ergueram as sobrancelhas e entreabriram os lábios, que fecharam logo a seguir.

Nessa altura, entrou Alamán, exibindo um sorriso que lhe iluminava o rosto escuro, e que se alargou ao avistar Matilde.

– Mat! – exclamou, e levantou-a do chão para lhe depositar um beijo em cada face. – Que alegria tão grande!

A emoção de Matilde impediu-a de responder. Os escritórios do George V, aquele vestíbulo, a sala

de reuniões que se entrevia pela frincha da porta, as secretárias, Alamán, todas as pessoas e detalhes lhe traziam recordações que, apesar de felizes, a mergulhavam numa tristeza intangível.

– Que alegria vou dar à José quando lhe contar que estás cá! Espera, espera que vou ligar-lhe agora mesmo. Sabes? – disse, enquanto marcava o número no seu telefone. – Acabámos de chegar da nossa lua de mel. Amor, adivinha com quem estou? Com a Matilde! – Matilde sorriu quando o grito de alegria de Joséphine se ouviu através do telefone. – Sim, sim, eu digo-lhe. – Alamán desligou e, com um sorriso que mostrava os dentes todos, anunciou: – A Joséphine quer que te leve lá a casa e que almoces connosco. Vamos, Dario, tu também estás convidado.

O apartamento de Alamán Al-Saud, no número cinquenta e oito da rua de Varenne, em frente ao hotel Matignon, o palacete que serve de residência oficial ao primeiro-ministro francês, destacava-se pelo estilo clássico e pelo luxo que em nada espelhavam a simplicidade e o espírito jovem do seu proprietário. Juana avançou pelo vestíbulo enquanto virava a cabeça e lançava olhares apreciativos. Soltou um assobio.

– *Cabshita*, isto parece um palácio.

– Não penses que tive alguma coisa a ver com nada disto. É tudo obra da minha mãe.

– Pois a senhora tua mãe tem muito bom gosto.

– A Joséphine aprecia – disse, encolhendo os ombros.

Joséphine apareceu a correr e limpou as mãos ao avental antes de abraçar as amigas.

– Nunca vou saber – comentou Alamán para Sartori – como é que as mulheres conseguem falar ao mesmo tempo e ainda assim perceber-se.

– E garanto-te, Alamán – acrescentou o italiano –, que não perdem uma linha daquilo que gritam umas às outras.

Atrás de Joséphine surgiu o fiel Godefroide Wambale, cujo rosto adquirira uma renovada ferocidade por causa da machadada que o sulcara de viés, da testa até ao queixo. Matilde não se intimidou perante o corpanzil e o olhar ameaçador do congolês. Sorriu-lhe e estendeu-lhe a mão, que o homem apertou ao de leve. Joséphine pendurou-se ao pescoço do seu fiel servidor e beijou-o na cara.

– Eu queria que ele fizesse uma operação plástica para fazer desaparecer a cicatriz – Wambale emitiu um grunhido – mas como o Alamán acha que fica muito bem na cara de mau dele, decidiu mantê-la.

– Querido Godefroide – disse Juana –, vais transformar-te no capricho exótico de todas as parisienses. Lembra-te das minhas palavras.

– Deus me livre e guarde das mulheres! – mastigou, e regressou à cozinha.

Durante o almoço, Joséphine comentou que, como a Mãos Que Curam havia interrompido o programa no Congo Oriental, N’Yanda e Verabey tinham ficado sem trabalho. Por isso, cuidavam de Anga La Mwezi, a propriedade de Joséphine em Rutshuru, ainda guardada por Amburgo Ferro e por Derek Byrne, dois elementos da Mercure. A notícia alterou a expressão taciturna de Matilde, que sorriu; havia muito tempo que queria falar com N’Yanda.

– O Eliah e eu acabámos – confessou a Joséphine, num aparte.

– O Alamán contou-me. A última vez que estive com o Eliah foi no meu casamento. Tinha cá uma cara... A princípio achei que era por tu estares internada em Joanesburgo, mas depois o Alamán explicou-me. O que é que aconteceu, Matilde? Vocês gostavam tanto um do outro...

– A culpa foi minha, José. Disse-lhe que não confiava nele, que não o respeitava. Cansei-o com as minhas desconfianças.

Joséphine abraçou-a e beijou-lhe a têmpora.

– Vai voltar para ti, Matilde. Como é que podes duvidar?

– Não me parece, José. Ele é orgulhoso e independente. Não me parece que volte.

Assim que o *Gulfstream V* abandonou o aeroporto de Linate com destino a Riad, capital da Arábia Saudita, Al-Saud pediu a Natalie, a hospedeira, que lhe trouxesse o telefone encriptado. A jovem entregou-lho e Al-Saud passou o polegar pelo leitor digital, introduzindo a chave para o ativar. Em seguida, entrou em contacto com os escritórios da Mercure. Foi atendido por Thérèse, que lhe resumiu as chamadas e pormenorizou a resolução dos assuntos pendentes.

– Senhor, telefonou um tal Rafik e deixou uma mensagem para o Aymán, solicitando que entrasse em contacto com ele.

– Obrigado, Thérèse. Mais alguma coisa?

– Sim. – Al-Saud notou que a mulher hesitava. – A Matilde esteve cá hoje, ao meio-dia. – O silêncio prolongou-se alguns segundos. – Queria falar consigo.

– Estava sozinha?

– Não. O Dario Sartori estava com ela. Depois chegou o seu irmão Alamán e levou-a para casa para almoçar.

– O que queria ela?

– Falar consigo, senhor. Não mencionou o assunto.

– Obrigado, Thérèse.

Assim que desligou, Eliah marcou o número de casa do irmão. Atendeu-o uma empregada; já Alamán demorou um pouco mais.

– Ah, maninho! – A alegria constante e melosa do irmão desde o casamento com Joséphine Boel começava a irritar Eliah. – Como estás?

– Não tão bem como tu. Diz-me, Alamán: a Matilde ainda aí está?

– Foi-se embora há bocado.

– Com quem?

– Com o Dario Sartori.

– Como é que a achaste?

As comissuras de Alamán desceram lentamente e mudou de tom para dizer:

– Não muito bem, para falar com franqueza. Pesa o mesmo que uma criança.

– Como é que sabes? – Al-Saud endireitou-se na cadeira. – Por acaso pegaste-lhe ao colo?

– Não sejas parvo – protestou Alamán. – Fiquei tão contente por a encontrar na Mercure que a levantei ao cumprimentá-la. Teria feito o mesmo à Yasmin.

– Não voltes a fazer isso, Alamán. Proíbo-to.

– Quem és tu para me proibir? Por acaso não acabaste com ela? – O tom brincalhão do irmão irritou Eliah. – Ou já te esqueceste?

– Esse assunto também não te diz respeito.

– Assim sendo, também não te é da tua conta se eu lhe pego ou não ao colo. E é melhor que te despaches a decidir se a deixas ir ou se a queres para ti, porque ela e a Juana estiveram há pouco na sede da Mãos Que Curam, e hoje à noite vão jantar com aquele belga por quem sentes tanto afeto.

– Vai à merda!

– Não é a mim que tens de insultar, maninho, mas ao médico que te quer ficar com a mulher.

Al-Saud desligou sem se despedir e afundou-se na cadeira com tanta violência que os seus pulmões se esvaziaram de repente, levando-o a emitir um queixume que sobressaltou Natalie. Fechou os olhos e tapou a cara com as mãos. Estava cansado, um pouco aturdido, cercado por tantos problemas! E para rematar, o palhaço reaparecia em cena. Permitiu-se sonhar que, ao regressar a Paris, Matilde o esperava na sua casa da avenida Elisée Reclus, nua na piscina, e que o embalava dentro de água, entre os seios, enquanto lhe garantia que tudo se ia resolver. Para onde quer que fugisse, Eliah voltava sempre a um pensamento recorrente: a Matilde e ao seu desejo de voltar para ela. Não queria avançar se ela já não fazia parte da sua vida. Antes, a sua existência bastava-lhe: a Mercure dava-lhe a dose de adrenalina necessária para manter satisfeito o Cavalo de Fogo que habitava nele, e as mulheres não eram problema: tinha as que lhe agradavam, pelo tempo que queria, como acontecera com a famosa modelo Céline ou com Natasha. Matilde fora diferente desde o início. Ainda não estava recomposto da irrupção da pequena pediatra argentina, cuja dupla natureza, subtil como uma brisa e poderosa como um furacão, lhe desorganizara a existência, transtornando o seu modo de vida e reajustando os valores pelos quais se regia. Não podia esquecer que Matilde não o admirava, respeitava, ou sequer confiava nele. Como podia suplicar a uma mulher que o desprezava daquela forma? Não tinha dúvidas de que a excitava – sabia que Matilde se sentia atraída por ele e tinha prazer nos seus braços; mas isso não era o suficiente. Queria tudo dela, em especial, a sua admiração e a sua inteira devoção.

Pensou no filho de Natasha, e sacudi a cabeça como se o gesto afastasse as implicações decorrentes do facto de a jovem ucraniana estar a dizer a verdade. Se Nicolai fosse mesmo seu filho, o que iria fazer? Antes de conhecer Matilde, teria resolvido o assunto com espírito pragmático; naquele momento, porém, o dever impelia-o a cumprir o seu papel de pai e a fazer a criança feliz.

De uma estranha forma, como em geral acontece com os pensamentos encadeados, lembrou-se de Udo Jürkens. O mistério em redor do antigo membro do grupo marxista Baader-Meinhof tornava-se mais insondável a cada descoberta. Porque é que afugentara Natasha? Afinal, não existiam vínculos entre ele próprio e Jürkens; ou existiriam? As suas divagações mentais conduziram a outro nome: Anuar

al-Muzara. Recordou o encontro com o cunhado, rememorando os esforços a que se sujeitara para não lhe perguntar acerca de Jürkens e da sua participação no assalto à sede da OPEP. Não queria que o berlinense percebesse que lhe sabia o nome nem que o reconhecera no aeroporto de Viena-Schwechat, embora houvesse uma grande probabilidade de que estivesse ao corrente deste último facto. Ter perdido a pista de Al-Muzara em Paris representara um duro golpe na sua estratégia para pôr termo à ameaça de Jürkens, porque contara que o cunhado o levasse até ele. Pediria a Peter Ramsay para investigar Al-Muzara: com certeza, a Mossad ou a CIA teriam conhecimento de aspetos da vida do cunhado que a ele lhe escapavam. Assim como Al-Muzara encontrara o seu calcanhar de Aquiles em Matilde, ele encontraria o de Al-Muzara.

Consultou o gravador de chamadas antes de ativar de novo o telefone encriptado. A voz de Juana fê-lo erguer levemente as comissuras.

– Olá, Juana, sou eu, o Eliah.

– *Papurri!* Como estás?

Matilde, a alguns passos da amiga no vestíbulo do apartamento de Trégart, empalideceu subitamente. A decisão, tomada apenas algumas horas antes, de se aventurar nos escritórios do George V desvaneceu-se num abrir e fechar de olhos.

– Sim, sim, está aqui comigo. Vou passar-ta. – Matilde abanou a cabeça e o indicador, recusando, e Juana fez-lhe sinal para se aproximar. – Espera um momento, *papurri* – pediu, tapando o auricular. – Vem cá, Matilde, não sejas medrosa. Vem cá! – intimou, rosnando e mostrando-lhe os dentes.

Al-Saud apercebeu-se de que Matilde estava ao telefone, e soube que não seria a primeira a falar.

– Matilde? Estás aí?

– Sim, estou.

Al-Saud fechou os olhos e apertou o telefone. Esperou que o ardor na garganta passasse. Pigarreou.

– Como estás? – Não obteve resposta. – Não me vais responder?

– Não importa como estou. – Matilde virou costas a Juana, que a ameaçava com gestos.

– Importa, sim. A mim importa.

– Não acredito – afirmou, de repente endurecida. Rapidamente, a fim de evitar que a conversa se desviasse por caminhos que não queria percorrer, acrescentou: – Obrigada por ligares. Precisava mesmo de te falar. Primeiro, queria agradecer-te por me teres levado para o hospital de Joanesburgo. Segundo, queria perguntar-te se tens novidades de Jérôme. Estou muito angus... – O risinho sarcástico de Al-Saud interrompeu-a. – O que é que se passa? Porque é que te ris?

– Porque sabia que só querias falar comigo para saber do Jérôme.

– Disseste-me que irias encontrá-lo. É normal que queira saber.

– Com certeza – respondeu ele, num tom jocoso.

– E? Tens alguma novidade? Estou a morrer com a angústia.

– Não há novidades – disse Eliah, passado algum tempo, e agora num tom agressivo. – Quando houver novas que valham a pena, entro em contacto contigo. Mais alguma coisa?

– Sim. Quero que digas à tua gente que já não preciso de proteção.

Al-Saud endireitou-se na cadeira e perfurou o espaço da cabina com um olhar raivoso.

– O quê? Não precisas? Não te lembras de quem estava na missão no dia do ataque dos rebeldes?

– Eliah, esse problema não é teu. *Eu* já não sou um problema teu.

– Claro que és! – invetivou-a em francês.

– Não sou! Tu e eu já não temos nada a ver um com o outro. Deixaste isso bem claro naquela noite em Rutshuru, pelo que te peço que deixes de te sentir responsável pela minha segurança.

Al-Saud comprimiu as pálpebras com o indicador e o polegar até ver pintinhas coloridas. «Tu és o meu problema, Matilde. És a minha vida.» Não continuaria a discutir. Ambos estavam feridos e era-lhes difícil abandonar o pedestal de orgulho ao qual tinham subido.

– Está bem – claudicou. – Não terás de continuar a sofrer o assédio da minha gente.

– Obrigada – agradeceu Matilde com frieza, e desligou. – Nem penses em dizer-me uma única palavra – resmungou ao passar por Juana. Entrou no quarto e atirou-se para a cama a chorar. O que é que tinha feito? Porque é que não pedira desculpa? Porque é que não lhe dissera que Nigel lhe contara a verdade acerca da mulher, Mandy? Porque é que não lhe garantira que as fotografias com Gulemale não tinham qualquer interesse para ela? Porque é que lhe exigira que retirasse os guarda-costas? Ter-se-ia esquecido, porventura, do gigante que a perseguia? Fora um ato de arrogância imperdoável que poderia custar-lhe a vida. Por último, porque não lhe dissera quanto o amava, respeitava e admirava? O choro recrudescceu quando Matilde compreendeu que talvez tivesse acabado de desperdiçar a única oportunidade de o recuperar.

Al-Saud ouviu o estalido que indicava que a chamada terminara e ficou a olhar para o aparelho como um idiota. Matilde tinha-lhe desligado o telefone na cara. «Que merda!», queixou-se, e foi-se insultando em voz baixa, enquanto marcava o número de telefone da base da Mercure, três andares debaixo da terra na sua casa da avenida Elisée Reclus. Pediu para falar com Stephanie, a chefe do Departamento de Sistemas.

– Stephanie, manda o Noah Keen e o Ulysse Vachal regressarem de imediato a Paris; o Oscar Meyers e o Dario Sartori que assumam as posições na Libéria. Quanto a Diana, a partir de amanhã afeta-a à proteção da mulher e da filha de Yasser Arafat. Diz ao Markov para regressar ao Congo. Põe os meus sócios a par destas alterações.

– Sim, senhor. É para já.

– A nova missão do Keen e do Vachal é a proteção de uma mulher que não deve saber que está a ser protegida. Refiro-me ao objetivo a cargo do Meyers e do Sartori neste momento.

– Sim, sim, a menina Martínez.

– Quero que a Diana e o Markov ponham o Keen e o Vachal a par dos pormenores do caso.

– Assim farei, senhor. Temos fotografias atualizadas para lhes mostrar.

– Vais acrescentar aquelas que te vou enviar daqui a pouco – ordenou-lhe ao mesmo tempo que, com o telefone preso entre o ombro e a orelha, teclava no computador portátil para preparar um arquivo

encriptado com a fotografia que Sartori tirara a Anuar al-Muzara no cemitério de Bobigny. Ligou o cabo da linha telefónica do avião, especialmente instalado por Alamán, na entrada do *modem* do computador e pôs em funcionamento o programa de ligação à internet. Minutos depois, enviou o arquivo para a base.

Na quarta-feira, 23 de setembro, quase às nove da noite, La Diana recebeu uma chamada da base, de Stephanie, o génio dos computadores da Mercure, para lhe comunicar que Al-Saud determinara a sua integração no grupo que protegia Suha Arafat e a filha de três anos, Zahwa. Deveria ter ficado contente porque, ficando em Paris podia continuar com as sessões no consultório do Dr. Brieger; no entanto, não se alegrou porque se lembrou logo de Markov. Quer por orgulho quer porque estivesse habituada a esconder-se e a proteger o seu coração, não perguntou a Stephanie se o russo também faria parte da mesma equipa.

Encontrava-se imersa nessas cogitações quando ouviu a campainha. Levantou-se, nervosa, compôs a blusa e ajeitou o cabelo solto atrás das orelhas enquanto dava uma vista de olhos à sala para verificar se estava tudo em ordem. No final, satisfeita, ergueu o auricular do intercomunicador.

– Quem é? – perguntou em vão, pois sabia quem era. Ninguém a visitava, exceto Sándor e Eliah, e ambos estavam em viagem.

– Sergei.

– Entra. – Premiu o botão que abriu a porta do prédio.

«Um dia», pensou, «vou ter de aprender a controlar esta taquicardia que sinto sempre que estou perto dele». O pulso acelerado não se devia apenas aos nervos, mas também à felicidade que era vê-lo outra vez. Markov passara as noites de sexta-feira e de sábado com ela. Não acontecera nada. Ele limitara-se a aceitar as migalhas que ela lançava: apenas alguns abraços e alguns sorrisos, nada de beijos nem tentativas de sexo.

«Vai cansar-se», concluía no domingo à tarde, enquanto percorriam o Carrefour no bairro de Auteuil, no seizième arrondissement. Perguntou a si mesma o que diriam as outras pessoas de eles os dois. «Devem julgar que somos casados», pensou, e desejou que fosse verdade. Estudava-o pelo canto do olho: ia-lhe aprendendo os modos, conhecendo-lhe os gestos, descobrindo-lhe as manias. Enquanto Markov escolhia a cafeteira, La Diana apercebeu-se de que era meticoloso e atento aos pormenores. Imaginou Sándor, que teria comprado uma qualquer, ou Eliah, que teria escolhido a mais cara. Ele, pelo contrário, precisava de conhecer a oferta antes de decidir. Agradou-lhe o facto de, depois do supermercado, ele lhe ter sugerido ir buscar Leila para a levar ao Bois de Boulogne. Ficou pasmada por ele se ter lembrado de que Leila adorava montar naquela zona, pormenor que comentara com ele havia já algum tempo, e até julgando que ele não lhe prestara grande atenção.

– Sim, vamos buscá-la. A Leila vai ficar feliz. Sente-se sozinha sem o Eliah e o Peter Ramsay.

Passaram uma tarde de risos e boa conversa, na qual Leila se mostrou mais faladora do que nos últimos anos; embora a tivesse tratado por Mariyana, La Diana não se irritou. Acabada a visita ao Bois

de Boulogne, Sergei levou-a a casa. O coração de La Diana palpitava de felicidade quando o velho *Mercedes* parou à frente do seu prédio. Sorriu-lhe com timidez e Markov ficou contente por ter conquistado aquela sua faceta tão recôndita, que só a ele era revelada. Durante as semanas de treino na Papua Nova Guiné e durante as passadas na mina do Congo, a rapariga bósnia deixara claro que, embora o seu corpo proclamasse uma índole feminina, o seu espírito era o de um homem forte e implacável.

La Diana ficou a observá-lo e, apesar de tentar manter um ar sério, sentiu-se incapaz de desfazer o sorriso estúpido que lhe mantinha as comissuras dos lábios erguidas; estava demasiado feliz e ansiosa. Queria contar a Markov que iria ver o Dr. Brieger no dia seguinte; precisava de partilhar com ele esse passo tão definitivo. Talvez Markov não apreciasse a decisão em toda a sua magnitude. Tinha sido necessário convocar uma enorme dose de coragem para marcar aquela consulta, no decurso da qual abriria o seu coração e a sua alma destroçadas a um desconhecido e evocaria as visões mais aberrantes da sua vida.

- Obrigada por teres convidado a Leila para ir ao Bois de Boulogne. Há anos que não a via tão feliz.
- Tu também pareces feliz.
- Estou, Sergei. Foram os melhores dias da minha vida – disse, e afastou o olhar, de súbito arrependida da sua sinceridade: não pela franqueza em si, mas pelo que poderia desencadear em Markov.

Markov riu, entre feliz e divertido, e saiu do *Mercedes*. Abriu a porta do acompanhante e estendeu a mão para La Diana, que a fitou durante alguns segundos antes de a aceitar. Entraram no apartamento e, mal fechou a porta, La Diana deu por si nos braços do russo e encostada à parede. O riso dele desaparecera-lhe dos lábios e dos olhos, e ele olhava-a com a fome que La Diana receava mais do que qualquer outra coisa. Markov era alguns centímetros mais alto do que ela, e os seus ombros largos e direitos escondiam-lhe qualquer hipótese de fuga.

– És tão bonita – sussurrou-lhe, e La Diana apercebeu-se do calor da respiração dele percutido nos seus lábios, e na forma como o russo arranjava maneira de enredar uma das mãos nos seus cabelos enquanto lhe prendia a cintura com a outra.

Rezou para que ele a beijasse, e também para que a soltasse. Temia a reação do seu cérebro. Pareceu-lhe bom sinal ter-lhe permitido que chegasse àquele ponto, em que se encontrava encurralada e sem possibilidade de fuga. Por mais que Takumi *sensei* garantisse que ela era uma excelente lutadora e que não havia situação da qual não conseguisse sair, La Diana sabia que não conseguiria escapar à prisão de Markov; era demasiado forte e no seu corpo notavam-se anos de treino intensivo.

- Vou beijar-te. Não te assustes – preveniu-a, e La Diana assentiu, fechando os olhos.

Inspirou bruscamente ao primeiro contacto e pôs-se em bicos de pés, o corpo tenso, os nervos crispados, incapaz de expulsar o ar. A boca de Markov abriu-se para lhe acariciar os lábios, e La Diana pressentiu que ia perder o controlo. De repente, assaltou-a um aroma desagradável, uma mistura de suor, tabaco e *vodka*; havia anos que não o sentia. «Não, não», instou a si mesma, «é a minha imaginação».

No entanto, o aroma intensificou-se e submergiu-a. Pareceu-lhe voltar a ouvir os gritos de Leila, a quem submetiam na tenda contígua. Quando Leila, esgotada, se calava, La Diana ouvia crepitar os troncos que alimentavam a fogueira onde os soldados sérvios se aqueciam e contavam anedotas soezes enquanto esperavam a vez para maltratar as irmãs Huseinovic, as mais bonitas do campo de concentração de Rogatica.

– Desejo-te. Desejo-te tanto – ofegou Markov, a boca a abandonar a sua para lhe deslizar pelo pescoço, inconsciente do inferno que se desencadeava na sua mente.

As mãos dele apertaram-lhe a parte mais estreita da cintura antes de subirem e acabarem no seu peito. Àquele contacto, La Diana deu um grito que pairou na quietude do apartamento. Para Markov foi como receber um murro. Saltou para trás e presenciou, com estupefação impotente, a derrocada da mulher que amava – porque a amava – sem saber como ajudá-la. *Oh, meu Deus! o que aqueles filhos da puta lhe tinham feito*, pensou.

La Diana gritou em bósnião até arranhar totalmente a garganta, desferiu murros e pontapés de olhos fechados e, quando as forças a abandonaram, resvalou pela parede e enroscou-se no chão, onde ficou a embalar-se e a chorar.

Markov contemplava-a impotente, confuso, desorientado; receava tocar-lhe e desencadear uma nova crise. Odiou-se por tê-la pressionado – mas ela parecia tão contente e equilibrada, pensou para si próprio. Acocorou-se ao lado de La Diana.

– O que é que te fizeram, meu amor? O que é que esses filhos da puta te fizeram? – A voz de Markov quebrou-se e, por muito que apertasse os lábios, o soluço que crescia no seu peito encontrou forma de sair.

Entre a memória dos sons do acampamento infiltrou-se um novo, um som que, a princípio, La Diana não reconheceu. Foi-lhe difícil identificá-lo porque se tratava do choro de um homem. No acampamento de Rogatica, as mulheres choravam, os homens não: vociferavam ordens, riam ou ofegavam enquanto violavam as bósnias. La Diana atreveu-se a entreabrir os olhos e, à medida que as imagens da tenda no campo de Rogatica se desvaneciam, a figura de Sergei ganhava corpo diante de si. Os olhos de La Diana, raiados de sangue, adquiriram uma dimensão pouco habitual perante a compreensão do que acabara de acontecer.

– Oh, Sergei! – chorou. – Oh, meu Deus, Sergei. O que é que eu te fiz?

Esticou o braço, e Markov agarrou-lhe a mão, atraiu-a para si e tapando-a com o corpo.

– Já estás a salvo – sussurrou-lhe, entre soluços. – Já passou. Nunca mais voltam a fazer-te mal. Juro-te pela minha vida, querida.

– Destruíram-me! Estou danificada! Não sou uma mulher!

– Não, não, meu amor, não. Não te dês por vencida.

«Não o farei se tu não me deixares,» teria respondido La Diana. Não o fez porque lhe pareceu um pedido excessivo para o que lhe poderia oferecer.

Markov não passou a noite de domingo com ela. Ajudou-a a deitar-se e foi-se embora. Apesar do

desânimo, na segunda-feira de manhã La Diana foi à consulta com o psiquiatra. O Dr. Brieger possuía uma qualidade que conquistara Leila: mostrava-se simultaneamente humano e profissional. La Diana considerava que devia tratar-se de um equilíbrio difícil de conseguir e, no entanto, o homem comportava-se com desenvoltura; o seu à-vontade contagiou-a.

Durante os primeiros minutos, a rapariga manteve os olhos baixos e guardou silêncio. Quando falou, fê-lo sem olhar para Brieger.

- Sou mulher por fora mas, por dentro, não. Por dentro... Não sei o que sou.
- Porque é que afirmas que não és uma mulher por dentro?
- Porque não posso fazer o que as mulheres normais fazem.
- Achas-te anormal?
- Sim, definitivamente, sim – respondeu.
- Gostavas de te sentir e de agir como uma mulher?
- Sim, muitíssimo.
- Pois bem, já deste o primeiro passo para o conseguir.

La Diana saiu do consultório de Brieger mais animada, com vontade de partilhar o seu estado de espírito com Markov. Regressou ao apartamento disposta a esperar por ele. Tomou um duche e vestiu roupa feminina; teria gostado de se perfumar e maquilhar mas não tinha como. Markov, porém, não apareceu nessa noite, nem na noite seguinte. La Diana convenceu-se de que não voltaria a vê-lo, pelo menos não como... Como o quê? Não podia chamar-lhe amigo, amante também não. Só o voltaria a encontrar como colega de trabalho.

Apesar do empenho em desterrar a recordação do russo, não conseguiu evitar pensar nele quando, na quarta-feira à noite, Stephanie lhe comunicou a sua nova missão. Da mesma forma, foi incapaz de perceber que não se tratava de uma ilusão, ao vê-lo entrar no seu apartamento; pelo contrário, agarrou-se àquela ideia porque derretia o gelo dentro de si. Markov avançou pela sala com o domínio, o poder e o calor de um sol, e deitou uma olhadela à sua volta com aquela atitude soberba que ela tanto detestara no passado, e que agora lhe causava formigueiros no baixo-ventre. Por fim, olhou-a: primeiro com seriedade, depois sorrindo-lhe, e a visão de La Diana turvou-se. Tratou-se de um ato instintivo quando lhe pediu: «Abraça-me, Sergei», porque se tivesse parado para pensar, não o teria feito.

Markov deu um passo longo e ficou colado a ela.

- Julguei que me tinhas abandonado – soluçou La Diana.
- Achei que precisavas de estar sozinha, de recuperar o teu espaço.
- Precisei de ti. Tive medo de que tivesses encontrado outra mulher.
- Outra? Só tenho olhos para ti, Diana. Aliás, não houve um instante destes dias em que não pensasse em ti. Não duvides.

Instalaram-se no sofá e La Diana encostou a cabeça no peito de Markov.

- Estar assim contigo é um milagre.
- Eu sei.

– Mas é pouco, sobretudo para ti. Não penses que não tenho consciência disso.

– Não importa. Pouco a pouco.

La Diana levantou-se e a beleza dela aturdiu Markov: a pele e os olhos claros, que se destacavam, em parte, graças ao rebordo espesso que as pestanas constituíam, tão pretas como as sobancelhas e o cabelo. Para os sérvios fora de certeza um achado, tal como Leila; deviam ter ficado loucos de luxúria.

– Quero contar-te uma coisa.

– Conta-me.

– Algo muito importante para mim.

– Desde que não se trate de teres dado o primeiro beijo a outro...

– Não! – escandalizou-se ela, rindo. – Como é que podes pensar isso?

– Davas um beijo ao Dingo, se ele to pedisse?

La Diana susteve o olhar de íris dilatada, tanto que os seus olhos azuis ficaram negros, revelando a faceta agressiva e masculina, que ele conhecia tão bem e da qual já fora vítima.

– Há algum tempo que percebi o que se passava com o Dingo. Sinto afeto por ele, mas desejo-te a ti.

– Desejas-me, La Diana?

– Sim, mas entregar-me aterroriza-me.

– Eu sei, meu amor, eu sei – sossegou-a Markov, enquanto tentava recostá-la de novo contra o peito.

La Diana ficou rígida e continuou a olhá-lo fixamente.

– Na segunda-feira fui ao psiquiatra da minha irmã Leila. – Markov continuou impassível. – Quero curar-me, Sergei – foi por isso que fui lá. Quero voltar a ser mulher. E quero fazê-lo depressa porque tenho medo de te perder.

– Diana! – Markov estreitou-a nos braços e beijou-lhe a testa. – Não te atormentes com essa ideia. Não me vais perder.

– Prometes-me?

– Prometo-te.

– E eu juro-te que vou voltar a ser uma mulher. Para ti.

– Sim, tudo bem, mas sobretudo para ti, para que sejas feliz. – Markov pigarreou e obrigou La Diana a endireitar-se. – A Stephanie acaba de me ligar.

– Sim, a mim também. Agora vou fazer parte da equipa de segurança da mulher e da filha do Arafat.

– E eu tenho de voltar para o Congo.

– Não! Não quero! – La Diana levantou-se e Markov imitou-a. – Não vais voltar para aquele inferno. É demasiado perigoso. Vou falar com o Eliah, dizer-lhe que...

– Não, Diana. – O russo manteve a voz baixa; no entanto, semicerrou os olhos negros e fixou-os nela com severidade. – Este é o meu ofício. Sou um soldado da Mercure, pelo que te peço que não interfiras. – Agarrou-a pelos braços com as mãos abertas, ajustando-as perto das axilas e cravando-lhe os dedos nos tríceps, e atraiu-a para ele. – Sei que tens uma relação especial com o chefe, mas nunca, estás a ouvir?, nunca a uses para me beneficiar. Estamos de acordo nisto?

– Sim, está bem. Lamento.

– Não me vai acontecer nada no Congo. Tens-me em tão baixa conta como soldado? – perguntou-lhe, e um sorriso trocista suavizou-lhe a expressão.

– És um excelente soldado. Trabalhaste para a Spetsnaz GRU: se sobreviveste a isso, sobrevivês a qualquer coisa.

– Sim, vou escapar com vida. Sobretudo agora – acrescentou.

La Diana esperou que o russo se explicasse: ansiava que lhe dissesse porque é que, mais do que antes, desejava continuar vivo.

– Queres ir jantar fora? – sugeriu-lhe num tom despreocupado, e La Diana demorou alguns segundos a reagir.

– Ontem, na esperança de vires, preparei um prato típico da tua terra: *pelmeni*. – Recorrendo um hábito adquirido após vários anos no grupo de elite russo, o Spetsnaz GRU, Markov reprimiu a emoção que lhe atingira o peito, exibindo um ar descontraído. – Fui com a minha irmã Leila à feira na place Maubert – retomou La Diana, meio ansiosa –, e arranjei *smetana*. – La Diana aludia a uma espécie de nata ácida, muito generalizada na Rússia, que servia para acompanhar as refeições. – O russo que ma vendeu garantiu-me que é muito boa para acompanhar os *pelmeni*. Não gostas – afirmou, e Markov apercebeu-se de que a sua impassibilidade fora mal interpretada.

– Deixaste-me sem fala, só isso – justificou-se, abraçando-a e sussurrando-lhe ao ouvido: – Os *pelmeni* são um dos meus pratos preferidos. Como é que soubeste?

– Depois da consulta com o doutor Brieger – esclareceu – entrei numa livraria e comprei um livro de receitas russas. Em francês, claro. Os *pelmeni* constavam entre os pratos mais populares do teu país: foi por isso que os fiz para ti.

– Oh, Diana, meu amor. Sabes há quanto tempo não como *pelmeni*? Desde o Natal passado, quando a minha mãe os fez porque sabe que eu gosto imenso.

– A sério que gostas assim tanto?

– Sim. Adoro. Menos que a ti, claro. – Afastou-lhe o cabelo e beijou-lhe o osso atrás da orelha, humedecendo-o com a ponta da língua. La Diana gemeu e Markov sorriu com malícia.

– Porque é que estás a fazer isso?

– O quê?

– A fazeres-te de indiferente quando te estou a contar uma coisa importante; por exemplo, que comecei a ir ao psiquiatra ou que te fiz *pelmeni*.

– Ah, meu amor, porque os soldados russos são ensinados à pancada a esconder as emoções.

– Então é verdade que aquilo que te contei te emociona?

– Mais do que te deixo perceber. Muito, muito mais, Diana.

Na manhã seguinte, La Diana voltou a surpreender-se a si mesma. Telefonou à sua futura cunhada, Yasmin Al-Saud, e pediu-lhe que fosse com ela comprar maquilhagem, perfumes, roupa e acessórios. Yasmin ainda não se tinha recomposto do telefonema da irmã de Sándor quando voltou a pasmar com o

pedido.

– Sim, sim, claro – balbuciou. – Vou contigo e ajudo-te no que quiseres. Sábado de manhã, achas bem?

– Posso convidar a Leila?

– Claro.

Uma vez que Leila combinara encontrar-se no sábado com Matilde e Juana para almoçarem no Les Deux Magots – na verdade, Leila convidara-as para um repasto na casa da avenida Elisée Reclus, mas Matilde recusara-se a ir –, as médicas argentinas juntaram-se ao grupo, do qual também fazia parte Joséphine, convidada por Yasmin.

A princípio, a presença de Yasmin incomodou Matilde, porque sempre se mostrara ciumenta de Eliah e receava que a recriminasse por ter terminado com ele. Nessa noite, no quarto de Juana em casa de Jean-Paul Trégart, Matilde, deitada na cama ao lado da amiga, reconheceu que se tinha divertido e esquecido os seus problemas durante algumas horas. Yasmin mostrara-se amistosa e nem uma vez mencionara o irmão. Dado que conhecia os lugares mais importantes relacionados com a moda, arrastou o grupo por várias lojas onde opinaram em uníssono (Leila inclusive) acerca do tom de maquilhagem mais adequado, do perfume mais sensual ou da roupa íntima mais erótica para La Diana. Não houve loja do Faubourg Saint-Honoré nem da avenida Montaigne em que não entrassem ou em que não comprassem alguma coisa. Almoçaram no L’Avenue, o restaurante frequentado pelo *jet-set* parisiense, onde uma sombra ameaçou ofuscar a alegria de Matilde quando se cruzaram com Céline, que cumprimentou brevemente a irmã, ignorou Juana e concentrou toda a sua atenção em Yasmin, com a qual se mostrou tão simpática quanto desdenhosa para com o resto do grupo. Felizmente, estava com pressa – os amigos chamavam-na –, pelo que se despediu minutos depois sem perder uma última oportunidade de destilar veneno.

– Yasmin, vais ao casamento da Valerie Carcassone? Eu e o Eliah vamos.

Yasmin virou-se para fitar Juana, que acabava de bufar e resmungava.

– Se o meu namorado estiver em Paris, sim.

Juana agarrou Matilde pelo pulso e obrigou-a a regressar à cadeira quando se preparava para ir atrás da irmã.

– Que merda estás tu a fazer?

– Quero perguntar-lhe se sabe alguma coisa do meu pai.

– Estás maluca, tu? Essa miúda é perigosa. Não viste que tem os olhos injetados e as pupilas dilatadas? Está drogada! Vai enfiar-te um sopapo.

– Meu Deus... E vai com o Eliah ao tal casamento.

– Tu acreditas? Esquece isso, Mat. Ela só o disse para te angustiar. O Eliah detesta aquela víbora, não iria com ela a parte nenhuma. Não deixes que ela te estrague o melhor dia que temos desde há muito tempo.

Matilde não soube que a irmã, assim que se afastou pela avenida Montaigne, marcou o número de

Elijah. Como não obteve resposta, deixou uma mensagem. «Acabei de ver a Matilde no L'Avenue. Estava a almoçar com a Yasmin. O que que isto significa, Elijah? Que estão outra vez juntos? Cuidado. Não te esqueças da promessa que te fiz!» Meia hora depois, Al-Saud devolveu-lhe a chamada e Céline sorriu com presunção.

– Como estás, meu amor?

– Não voltes a ligar-me, Céline. Tu e eu acabámos.

– Queria ter a certeza de que também acabaste com a minha maninha.

– Matilde e eu rompemos de vez – declarou, num tom indiferente que mascarava a dor profunda que sentia.

– Não me pareceu muito definitivo hoje, quando a vi com a Yasmin.

– São amigas. Podem fazer o que lhes apetecer – ripostou Elijah, desligando o telefone.

Em parte, a nuvem dissipou-se para Matilde quando, entre risos e piadas, as mulheres pressionaram La Diana a confessar que estava apaixonada por Sergei Markov.

– É um homem tão bom, Diana – assegurou Matilde. – Estou feliz por ti.

– Sim, é excelente. Mas as coisas não são fáceis para nós. – Disse-o em voz baixa para que só Matilde a ouvisse.

– Queres contar-me?

La Diana sentia por Matilde um carinho muito mais profundo e sincero do que demonstrava. Na sua opinião, a médica argentina resgatara Leila do seu mundo imaginário de criança e devolvera-lhe a vontade de falar. Para além dos irmãos e de Elijah, Matilde era a pessoa que mais respeitava e admirava.

– Não suporto que me toquem – disse.

– Porquê? – perguntou Matilde com a mesma parcimónia que teria utilizado para dizer «bom-dia».

– Graças ao mesmo motivo pelo qual Leila deixou de falar e se começou a comportar como uma criança.

– Eu também não conseguia ter relações sexuais por causa de um trauma – declarou Matilde, rindo perante a careta espantada de La Diana.

– A sério?

– Garanto-te. Casei-me e estive meses sem conseguir consumir o casamento. Até que uma noite, o meu marido se fartou e... Bem, podes imaginar.

– Forçou-te?

– Sim, violou-me. A experiência não me ajudou em nada a acabar com o pânico que o sexo me fazia sentir.

– Não, claro que não. E porque é que não te atrevias a ter sexo? Oh, desculpa! Não quero parecer indiscreta. É que...

– A tua pergunta não me incomoda, Diana. Nada. Porque é que não conseguia? A minha psicóloga garante que o problema tem várias causas: a família disfuncional da qual venho, a péssima relação entre os meus pais, a educação estrita e religiosa que recebi mas, sobretudo, o facto de ter sido esterilizada

aos dezasseis anos por causa de um cancro nos ovários. Agora já sabes, Diana. Não posso ter filhos. Isso foi a gota de água para mim. Fechei-me à felicidade e ao sexo.

– Mas... E... Com o Eliah?

– Ele curou-me. Com amor, com doçura e com paciência. – Matilde pestanejou várias vezes e forçou um sorriso, ao mesmo tempo que engolia a bola que lhe crescia na garganta. – E tu, a que é que se deve o trauma?

Os ombros de La Diana descaíram, tal como a sua expressão que, de tão aterrada, adquiriu um tom que transmitia aflição.

– No fim de 1994, eu e a Leila ficámos prisioneiras dos sérvios e levaram-nos para um campo de concentração em Rogatica, uma cidade perto da nossa. Estávamos aterradas e afligia-nos pensar na preocupação dos nossos pais e do Sanny que tinham ficado em Srebrenica. – Calou-se durante alguns segundos, à procura da forma de exprimir aquilo que a amedrontava pronunciar. – Durante meses, os soldados sérvios violaram-nos: a mim, à Leila e a muitas outras mulheres e crianças do campo.

– Oh, Diana! – Matilde fechou a mão sobre a da rapariga bósnia, esquecendo-se da aversão desta ao contacto humano. La Diana baixou a cara e tapou a mão de Matilde com a sua outra. – Que tristeza tão grande. Que pena que eu tenho – murmurou.

– Foi o grupo comandado pelo Eliah que nos libertou, sabias? – Matilde, incapaz de ultrapassar o espanto, ficou a olhar para ela. – Nunca falo disto porque sei que, à exceção de Alamán, o resto dos Al-Saud desconhecem a sua atividade como soldado.

Lembrava-se de que Eliah lhe falara da tragédia dos irmãos Huseinovic, embora, à luz do relato da La Diana, se apercebesse agora de que a poupava aos pormenores escabrosos omitindo o mais importante: que fora ele quem resgatara Leila e La Diana do inferno. Compreendeu a devoção dos Huseinovic por Eliah e, dominado o momento de estupefação, sentiu tanto amor e orgulho pelo seu homem que teria desatado a chorar de alegria, de tristeza, de dor, de amor. Perdera-o por tê-lo julgado sem o conhecer, e isso irritou-a.

– Ele e os seus soldados entraram no campo uma noite e, apesar de serem apenas onze, dominaram os militares sérvios: mataram uns quantos e libertaram as quinhentas pessoas que ali viviam. Fala-se muito dos campos de concentração nazis mas ninguém fala dos que foram construídos pelos sérvios, malditas sejam as suas almas!

– Agora percebo o afeto que te liga ao Eliah.

– No campo, eram como heróis para nós. Todos os que estávamos cativos ajoelhávamo-nos diante dele e dos outros soldados e beijávamos-lhes as mãos. O Eliah desobedeceu às ordens de um superior (o que, num grupo militar de elite, é uma falta gravíssima) para encontrar a nossa família, que tinha ficado em Srebrenica. O Eliah avisou-nos, a mim e à Leila, de que dias antes tinha havido um massacre em Srebrenica e que milhares de bósnios tinham morrido às mãos dos sérvios. As hipóteses de encontrar a nossa família com vida eram poucas. De facto, os nossos pais tinham sido assassinados mas encontrámos o Sanny escondido na cave do nosso restaurante. Estava muito mal, desidratado e em

estado de choque: o Guérin, o paramédico do comando do Eliah, assistiu-o e salvou-lhe a vida.

– E a seguir o Eliah trouxe-vos para Paris para viverem com ele – instou-a Matilde a prosseguir.

– Não sei porque é que o fez. Nós éramos iguais a tantos outros desgraçados. Mas o Eliah... Não sei porque é que gosta tanto de nós ou porque nos acolheu. Trouxe-nos para Paris e depois levou-nos para Ruão, para junto do Takumi. O *sensei* ajudou-nos muitíssimo: ensinou-nos a recuperar e transformou-nos em soldados; em finais de 95, quando o Eliah fundou a Mercure, eu e o Sanny começámos a trabalhar para ele. A Leila continuava a ser como uma criança. – Matilde e La Diana fitaram a jovem, que ria com Joséphine e que quase não falava. – É a preferida do Eliah. – Sorriu antes de acrescentar: – Embora tu sejas a pessoa de quem ele mais gosta nesta vida.

– Já não, Diana. Disse-lhe coisas horríveis em Rutshuru e ele deixou-me. Mereço-o.

Antes de se despedirem, Matilde pediu autorização a Joséphine para ligar para Anga La Mwezi; precisava de falar com N’Yanda. O sofrimento das irmãs Huseinovic no campo de concentração de Rogatica fizera-a pensar naquilo que o seu adorado Jérôme poderia estar a sofrer e de repente, sem qualquer explicação, o rosto severo e de olhar sibilino da mulher ruandesa veio-lhe à cabeça.

– Mat, não precisas de me pedir licença para isso! – assegurou Joséphine. – Lembras-te do número de telefone? Vou escrever-to por via das dúvidas.

Nessa noite, enquanto comentavam os acontecimentos do dia, deitadas na cama de Juana, Matilde manifestou o seu desejo de ligar à mulher ruandesa.

– Para quê? – interessou-se Juana.

– Quero perguntar-lhe por Jérôme. Tu e eu sabemos que N’Yanda tem poderes.

– Liga-lhe agora, então.

Matilde procurou na sua *shika* o papel onde Joséphine rabiscara o número da fazenda no Congo. Atendeu-a Verabey, e o som da voz dele provocou uma emoção incontável em Matilde, tanto que se viu forçada a passar o telefone a Juana. Estava sensível e chorava por qualquer coisa. Passado algum tempo, mais recomposta, pegou novamente no telefone.

– Olá, N’Yanda.

– Como está, doutora Matilde?

– Mal, N’Yanda. – A ruandesa manteve-se em silêncio. – O Jérôme desapareceu no dia em que me feriram na missão, e não soubemos nada dele desde então. Isto aconteceu a 29 de agosto. Hoje é 26 de setembro. Passaram vinte e oito dias e não sabemos nada. Estou desesperada.

– O que é que precisa de mim, doutora?

– N’Yanda, eu sei que tu vês, sentes e sabes coisas que os outros mortais não vêem, nem sentem, nem sabem. Quero que me ajudes a encontrar o Jérôme. Quero que me digas se ele está bem.

– Para isso vou precisar de qualquer coisa dele.

– Todas as coisas dele ficaram na missão! – Ao dizer estas palavras, a vontade de chorar regressou, e Matilde recordou o menino a arrumar a roupinha que ela lhe dera na caixa que escondia debaixo do seu catre. – Posso pedir à Amélie que te envie uma camisa ou umas calças.

– Não se preocupe. Eu arranjo maneira.

– Obrigada, N’Yanda.

Tês dias depois, Matilde preparava-se para sair com Ezequiel – iam para a sede da Mãos Que Curam

– quando o telefone tocou. Foi Ezequiel que atendeu.

– É para ti, Mat. – Passou-lhe o telefone sem fios. – Não se ouve bem.

– *Allô?*

– Doutora Matilde, sou eu, N’Yanda.

– N’Yanda! Que alegria! O que é que conseguiste descobrir?

– O menino está bem, doutora.

– A sério? – A voz tremeu-lhe e as pernas afrouxaram. Ezequiel segurou-a e conduziu-a para um divã. – Conta-me tudo, N’Yanda, suplico-te.

– Vejo-o numa selva, num acampamento com homens maus, mas há uma energia poderosa no grupo que protege Jérôme. Nada de ruim lhe acontecerá.

– Obrigada, N’Yanda, obrigada! Não sabes o que as tuas palavras significam para mim. Voltarei a vê-lo? – atreveu-se a perguntar.

– Isso não me foi revelado.

– Oh, meu Deus – sussurrou Matilde, em castelhano, e tapou a cara com as mãos.

– Doutora, hoje é o dia dos Arcanjos. – A declaração desorientou Matilde, que partira do princípio de que N’Yanda praticava o animismo, religião muito generalizada em África.

– Sim? Não me lembrava.

– Invoquei São Miguel Arcanjo, o mais poderoso dos anjos, o chefe das milícias celestiais, e pus nas suas mãos a guarda do Jérôme. Nada lhe acontecerá.

Matilde riu e chorou com uma devoção e uma fé tão sólidas como nunca sentira na sua vida. Por algum motivo que escapava ao seu raciocínio de cientista, acreditava, sem qualquer margem para dúvidas, que São Miguel Arcanjo velava pela segurança do seu tesouro. Ezequiel abraçou-a e consolou-a sem compreender porque é que Matilde, entre lágrimas e lágrimas, lhe assegurava que Jérôme estava bem e que nada de mau lhe aconteceria.

– Al-Saud encontrou-o?

– Não. Garantiu-mo a N’Yanda.

Capítulo 4

Jérôme despertou com o calor da manhã. Levantou a cara da esteira de junco que lhe servia de leito e esfregou o rosto a fim de disfarçar as marcas que aquela sempre lhe deixava. Deitou uma olhadela à cabana que lhe servia de refúgio e que compartilhava com Karne, o *interahamwe* que assassinara os seus pais verdadeiros; os outros, Matilde e Eliah, viriam buscá-lo. Karne troçava dele quando lhe contava acerca do seu pai aviador, alto, forte e rico.

– Agora sou *eu* o teu pai – cuspiu-lhe o hútu, e Jérôme tentava não o contrariar porque já tinha levado várias sovas, mais certas quando Karne bebia vinho de palma.

Vestiu as únicas calças e a camiseta que possuía e calçou as sapatilhas, enquanto se recordava do dia em que a Matilde lhe tinha ensinado a atar os cordões.

– Que menino tão inteligente que tu és, meu tesouro! – Jérôme adorava que a médica o chamasse assim. – Outra criança teria levado muito tempo a aprender. Tu, pelo contrário, aprendeste-o num abrir e fechar de olhos.

Jérôme levantou a esteira e tirou o bocado de casca de palmeira que cobria o buraco onde escondia o único tesouro que tinha conseguido salvar antes de os *interahamwes* irromperem orfanato adentro e o sequestrarem. Tratava-se de uma caixinha de madeira que continha dois objetos: uma mecha de cabelo ruivo, pouco habitual naquelas latitudes, e um chaveiro *Mont Blanc* de couro preto e ferragens em ouro branco, pouco frequente no contexto de pobreza do Congo. Beijou-os com referência, como em cada manhã, e rogou em silêncio: «Mamã, Papá, venham buscar-me», ainda que tivesse medo que os seus novos pais, quando o encontrassem, já não o quisessem ou, pior ainda, o desprezassem. Karne obrigara-o a fazer coisas más que o tinham tornado num menino mau. Odiava disparar com a arma a que chamavam *AK-47*. No início, ao recuar, arremessava-a ao chão. Com a prática, tinha conseguido dominá-la; no entanto, detestava empunhá-la e apertar o gatilho. Apoiou o rosto entre os joelhos e pôs-se a chorar quando se recordou dos homens que fuzilara no dia anterior; Karne tinha-os obrigado, a ele e a outros miúdos. Se não o fizessem, esperava-os uma boa sova. Para além disso, injetava-os com um líquido que no início agradara a Jérôme, porque o fazia sonhar com Matilde e Eliah, mas de uma forma ainda mais real do que um sonho normal; o problema era sempre o dia seguinte, quando vomitava e as têmporas lhe latejavam. Pediu a Karne que não voltasse a injetá-lo, e este, depois de sacudir os ombros, acedeu.

– És tu quem perde, Jérôme.

Das coisas que Jérôme mais odiava no acampamento e na sua nova vida, Karne ocupava o primeiro lugar. Detestava-o tanto que às vezes, quando empunhava a *AK-47*, imaginava-se a esvaziar o carregador no corpo robusto do seu algoz. Passara os primeiros dias às mãos dos *interahamwes*

mergulhado num pasmo do qual dificilmente começava a sair. As milícias de Karme, que se protegeram das granadas do CNPD – Congresso Nacional para a Defesa do Povo – dentro do orfanato encontraram-no sozinho, ocupado a resgatar os tesouros que ocultava debaixo do seu catre. Um agarrou-o pelo braço e, como Jérôme tentou libertar-se, desferiu-lhe um golpe no rosto que o deixou inconsciente. Voltou a si minutos mais tarde, entrincheirado junto a Karme, que alternava disparos com ordens vociferadas em kinyarwanda. De todos os seus tesouros só tinha conseguido salvar a caixinha com a madeixa de Matilde e o chaveiro de Eliah. Abriu os punhos e ficou a olhar para eles. Depois, antes que Karme percebesse que acordara, enfiou a caixa dentro dos calções.

No princípio do novo cativeiro, Karme tinha-se mostrado irritado e ofendido porque ele fugira meses atrás, levando a mãe e a irmã.

– Traíste-me! – recriminou-o. – Tratava-te como a um filho e tu fugiste no meio da noite, como um ladrão.

– Tinha que levar a minha mamã e a minha irmã ao hospital. Estavam doentes – justificou-se o menino, enquanto esfregava o vergão do braço causado pelo chicote do chefe *interahamwe*.

Como castigo, Karme enviou-o para uma mina de coltan distando alguns quilómetros do acampamento. Todas as manhãs, antes de amanhecer, as crianças marchavam em fila indiana, acorrentadas pelos pés e arrastando os maços e as talhadeiras com os quais escavavam o barranco, vigiadas pelos *interahamwes*. Jérôme não falava e limitava-se a copiar o que faziam os outros miúdos. No final do primeiro dia, as bolhas que ganhara nas mãos sangravam e tinha as pernas entorpecidas por terem estado submersas durante mais de oito horas. Comera pouco e mal (uma torta de mandioca e tubérculos de inhame meio crus), pelo que, na hora do regresso, depois de ter trabalhado tão duramente, sobreveio-lhe a fadiga; por mais que tentasse combatê-la, foi vencido pelo cansaço extremo. Desmaiou no caminho, e dois miúdos, os mais fortes do grupo, carregaram-no. Ao fim de dez dias a trabalhar na mina, começava a acostumar-se à dura faina e arranjava alguns amigos (Amosh tinha-o curado e ensinara-o a proteger as mãos no primeiro dia), quando Karme mandou que comparecesse na sua tenda. Ficou a olhá-lo de um modo estranho: Jérôme não conseguia perceber se se tratava de raiva ou de curiosidade.

– Não voltarás para a mina. A partir de agora, viverás aqui, comigo, e vou preparar-te para seres um soldado.

– Prefiro voltar para a mina – atreveu-se a sussurrar, com o olhar no chão.

– Já disse que não! Não me contraries, Jérôme, ou voltarás a sentir o meu chicote!

Ao recordar a cena, passada há duas semanas, pareceu-lhe já muito distante. Suspirou e abandonou a cabana, tão deprimido que até lhe era penoso colocar um pé à frente do outro e deslocar-se até ao sítio aonde se juntavam os miúdos para iniciar o treino. Se os pais o encontrassem e se soubessem as coisas más que o obrigavam a fazer, não o quereriam.

Observou o ambiente no campo. Não gostava do caos perpétuo daquele lugar. Sentia falta da rotina de uma vida ordenada, habituado como estava à disciplina da missão, na qual se fixavam horários para

cada atividade. No acampamento, faziam o que queriam: comiam se tinham fome, dormiam se tinham sono, lavavam-se se já não suportavam o seu próprio cheiro. Desde que cumprissem as horas diárias de treino e não ultrapassassem os limites do acampamento, durante o resto do tempo eram donos das suas vidas.

Jérôme não tinha feito amigos entre os meninos-soldados, que eram hútus e o desprezavam pelo facto de ser tutsi. As características do seu grupo – magro e alto para a idade, nariz fino e boca pouco carnosa – eram nele tão evidentes que nem sequer fora necessário dizer-lhes a onde pertencia; pelo menos, ninguém o tratava por «barata», como aos da sua etnia, porque receavam irritar Karme.

Antes de iniciar o treino, deram-lhes pão de milho e chá com açúcar. Jérôme, ao contrário dos companheiros, comeu com desânimo. Nada fazia sentido. A solidão constrangia-o e ainda que cada manhã beijasse as suas relíquias, suplicando a Eliah e a Matilde que viessem em seu socorro, as esperanças de voltar a ser feliz iam-se extinguindo.

Al-Saud passou alguns dias em Riad. O verão prolongava-se até ao outono, as temperaturas ultrapassavam os quarenta graus no final de setembro. Tratava-se de um clima sem chuvas, com ventos quentes que aniquilavam o bom humor; contudo, Al-Saud suportava-o com gosto porque, depois de uma entrevista com o tio, Abdul Rahman, o comandante-chefe da Real Força Aérea Saudita, soube que o *C-130*, mais conhecido como *Hércules*, era seu; tinha andado meses atrás do «gigante do ar» americano, capaz de transportar um tanque de guerra ou até três *Humvee*. O rei Fahd tinha finalmente autorizado a venda por um preço excelente. A incorporação do equipamento no património da Mercure implicaria um progresso no crescimento da empresa. Adicionado ao *Jumbo* adaptado para transportar tropas, armamento, e até helicópteros e veículos, com um trem de aterragem reforçado, apto para terrenos pouco propícios, como pistas de terra ou de areia, o *Hércules* permitia-lhes assumir vários contratos relevantes em simultâneo. Al-Saud sentiu-se bem, como já há muito não se sentia, ao assinar o documento de compra e venda do avião com o ministro da Defesa e o tio, Abdul Rahman. Celebraram com um almoço na câmara privada do rei Fahd; os primos, Khalid Al-Saud, veterano da Guerra do Golfo, e Turki Al-Faisal, juntaram-se-lhes. Graças à conversa descontraída e animada, durante o repasto Al-Saud esqueceu-se dos problemas que o perturbavam. Depois de se despedir e quando subia para o carro que o conduziria ao da sua tia Fátima, percebeu a vibração do telemóvel no bolso das calças e lançou um insulto entredentes; talvez se tratasse de Céline, que lhe deixara uma mensagem intrigante, forçando-o a interromper o almoço e a devolver a chamada.

Decidiu atender. Teve um momento de pânico, que fez desaparecer a sua boa disposição, ao ouvir um pranto de mulher, concluiu que algo de mau acontecera a Matilde. Céline tê-la-ia atacado?

– Juana, é você? Juana!

– Eliah, sou a Zoya.

– O que é que se passa?

– Estou no hospital com a Natasha. Teve uma indisposição e internaram-na de urgência. Está muito

mal, na Unidade de Cuidados Intensivos.

– O que lhe aconteceu?

– Não sei. De repente começou a sentir-se mal, a empalidecer e desmaiou. O doutor Moretti está a fazer análises. Parece que foi uma descida brusca do potássio no sangue.

– Quais as possibilidades de que saia com vida desta crise?

– Não sei – admitiu Zoya, e pôs-se a chorar de novo.

– O menino está bem?

– Sim, muito bem. Ficou em casa com a Mónica.

– Mantem-me ao corrente, Zoya – pediu-lhe, e terminou a comunicação.

Quatro dias antes, ao partir de Milão, agarrara-se à esperança de que Natasha Azarov superaria o cancro e veria crescer Kolia. Nesse momento, face à nova realidade que se desenrolava perante si, as esperanças esfumaram-se. Apressou-se a afastar o pensamento negativo: Natasha ainda não morrera, e ele sabia que lutaria pelo filho.

No dia seguinte, domingo, 27 de setembro, logo pela manhã, Al-Saud empreendeu a viagem ao coração do oásis de Al-Ahsa num *Jeep Wrangler*, propriedade do primo, Turki Al-Faisal. À medida que se deslocava em direção a este, até ao golfo Pérsico, a humidade ia alterando a paisagem: de tórrido e ocre nos arredores de Riad para verde e abundante nas proximidades de Al-Hofuf, a cidade mais importante de Al-Ahsa. Parou aí para pôr combustível, comer algo e esticar as pernas. De qualquer modo, ainda faltavam mais de 130 quilómetros para alcançar a cidade de Dammam; daí ao acampamento do tio, o xeque Aarut al-Kassib, a distância era curta. Ao sair de Al-Hofuf dirigiu-se para o norte, sempre por um terreno fértil e pitoresco, com grande movimento de veículos e de caravanas de camelos. Fez nova paragem à entrada de Dammam, para comer algo, fazer as suas necessidades e consultar o mapa que o conduziria a Aldo Martínez Olazábal. Estava ansioso para falar com ele. A sua carta, enviada a 11 de setembro, tinha sem dúvida afetado o pai da Matilde, que, com certeza, estaria agora disposto a contar-lhe a verdade que lhe negara quatro meses antes.

Ao avistar o veículo todo-o-terreno coberto de areia e barro, um grupo de crianças e de adolescentes saíram para o receber. Faruq, o companheiro inseparável de Mohamed Abu Jihad, o nome muçulmano de Aldo, abriu caminho com os cotovelos até estar à frente a Al-Saud.

– Aymán! – gritou para atrair a sua atenção.

– Como estás, Faruq?

– Mohamed ficará feliz de te ver.

No entanto, esse dia acabou sem que Al-Saud conseguisse chegar à fala com Aldo Martínez Olazábal. O tio, o xeque Aarut, e o resto dos parentes retiveram-no na tenda principal, onde o acolheram enquanto iam abrindo os presentes caros que Al-Saud lhes trouxera; o momento foi encarado de forma solene e respeitosa, visto que os consideravam o justo pagamento por terem protegido o pai da mulher de Aymán.

– Tio Aarut – perguntou Eliah. – Tens alguma queixa do teu hóspede?

O homem que, deitado num tapete e encostado num almofadão, mastigava uma tâmara, fixou os olhos negros nos verdes do sobrinho-neto e agitou levemente a cabeça.

– O pai da tua mulher, Aymán, tem sido um bom muçulmano e soube adaptar-se à nossa vida, a dos beduínos. Trabalhou duro e cumpriu as orações. Vieste buscá-lo?

– Não – respondeu Al-Saud, e julgou que a notícia não desagradava ao tio-avô; conhecia-lhe essa expressão, o sobrolho franzido e a boca tensa para reprimir um sorriso. – No entanto, não está fora de perigo. Os seus inimigos continuam atrás dele.

– Quanto tempo deverá permanecer connosco?

– Não tenho a certeza, tio Aarut. Talvez mais outros quatro meses.

– Nesse caso devia escolher uma esposa entre as nossas mulheres.

Al-Saud levantou-se do almofadão, inquieto e alarmado.

– Tio, sabes que Mohamed é, na realidade, ocidental. Ele não pertence a esta vida. Não é um beduíno. Se escolhesse uma esposa daqui e depois decidisse regressar à Europa que seria dela, da sua mulher?

– Uma mulher deve seguir o seu marido aonde quer que ele vá.

Elijah suspeitava que a proposta do xeque não surgia de maneira espontânea, reflexo de um pensamento momentâneo, mas que se tratava de uma decisão meditada. Provavelmente, já tinha alguém em vista para o hóspede. Al-Saud desconhecia que a neta preferida do xeque Al-Kassib, Sáyida, se apaixonara por Abu Jihad, que claro, não a conhecia: apesar de viver na tribo beduína há quatro meses, guardava distância das mulheres, as quais, por seu lado, se deslocavam em grupo, cobertas dos pés à cabeça com a *abaaya*. Sáyida, pelo contrário, usava todas as artimanhas para admirar o estranho muçulmano de barba avermelhada, cabelo ruivo grisalho e olhos celestiais; achava-o tão irresistível como esses atores ocidentais que apareciam nas revistas europeias que entravam sub-repticiamente no acampamento, e que ela, as irmãs e as primas devoravam e ocultavam com zelo. Tentara saber coisas sobre Abu Jihad subornando Faruq com pequenos presentes. Desse modo, descobrira que tinha três filhas: uma delas era a mulher de Aymán, um anjo chamado Matilde. Uma das outras chamava-se Céline e era famosa no Ocidente pela sua beleza: Sáyida sabia-o porque já tinham saído fotografias suas em revistas como a *Paris Match*, a *Hello*, a *Vogue* e a *Vanity Fair*. Queria ser a esposa de Abu Jihad, uma vontade já manifestada ao seu avô, que raras vezes lhe negava algo.

– Achas que uma beduína – perguntou Elijah ao seu tio Aarut – poderia viver longe do deserto e ser feliz?

– Seria feliz servindo o seu esposo – respondeu o xeque, apertando entre os seus lábios a boquilha do narguilé.

– Se Mohamed estiver de acordo com a tua proposta – acabou por dizer Al-Saud –, eu não me oponho. *Inshallah!* – Pronunciou, num tom entusiasta, para indicar que o assunto ficava nas mãos de Deus.

Aarut al-Kassib respondeu-lhe com o primeiro verso do Corão.

– *Bismallah ir-Rahman ir-Rahim*. («Em nome de Alá, o Clemente, o Misericordioso»).

Afirmou-o com uma voz retumbante e uma intensidade no semblante que assustaram Eliah; enquanto o fazia, o ancião saboreava antecipadamente a felicidade que significaria para a sua adorada Sáyida voltar a casar-se. Ficara viúva muito nova, aos trinta anos, e, passados dez, ninguém da tribo a pedira ainda em casamento porque, ao não ter concebido com o seu primeiro esposo, um beduíno são e arrogante, achavam que a culpa era dela. Aarut al-Kassib julgava que, tendo já três filhas, Mohamed não se importaria que a sua neta não fosse capaz de engravidar.

Na manhã seguinte, Al-Saud despertou com o som de *adhân*, o chamado para cumprir a oração (*azalá*). Vestiu-se rapidamente e apresentou-se no tenda do xeque, que o convidara a compartilhar o *fayr*, a primeira oração que se reza ao amanhecer. Surpreendeu-se ao encontrar Aldo entre os homens que se lavavam antes da doutrina; estava vestido segundo o uso beduíno, com túnica, cinto largo de couro onde enfiara um sabre, sandálias e turbante. Depois da oração, tomaram o café da manhã com o xeque. Aldo conservava uma atitude circunspecta e só falava quando alguém lhe dirigia a palavra.

– Mohamed – chamou o xeque –, Aymán veio até aqui porque tu o convocaste. É hora de o receberes na tua tenda e falarem.

– Assim será, senhor – respondeu Martínez Olazábal –, com a vontade de Alá.

Al-Saud estendeu a mão e Aldo ofereceu-lhe a sua: uma mão calosa, bronzada e curtida pelo vento, observou ao estreitá-la com firmeza. Uma vez que habituado à penumbra da tenda destinada a Martínez Olazábal, Al-Saud notou também que, apesar da pouca iluminação, Aldo tinha mais rugas em torno dos olhos, da boca e na cara.

Uma beduína serviu-lhes café.

– Recebeu a minha carta – perguntou.

– Sim – respondeu Aldo. – No dia 18 de setembro. Depois pedi ao xeque que o mandasse chamar. Como está Matilde?

– Completamente recuperada.

– *Al-hamdu li-llah!* («Louvado seja Deus!») – murmurou Martínez, sem levantar os olhos. – Continua em Joanesburgo?

– Não. Voltou para Paris a 17 de setembro.

– Onde está hospedada? Em sua casa, suponho.

– Em casa de Ezequiel Blahetter.

– Ah, claro, Ezequiel.

– Gostaria de partir daqui com uma carta para Matilde. O seu silêncio de tantos meses preocupa-a. Far-lha-ei chegar.

– Isso quer dizer – concluiu Aldo – que você não lhe contou nada acerca de mim nem de... este retiro? – Al-Saud negou, e Aldo inclinou a cabeça em sinal de agradecimento. – Claro que escreverei uma carta para a minha princesa. Assim que acabar de falar consigo.

– Sobre o que quer falar comigo, Aldo? – O olhar inquisidor e inflexível de Al-Saud cravou-se nos

olhos carregados de dúvida e desconsolo de Martínez Olazábal. – Tem que me contar a verdade, é a única maneira de ajudar a Matilde.

– Eu sei.

Ao longo daqueles quatro meses de reclusão no deserto, Aldo tivera tempo para refletir e se lembrar. Recordara um diálogo telefónico mantido com o genro, Roy Blahetter, em meados de janeiro, o qual, à luz das revelações de Al-Saud, adquirira um carácter aterrorizador. Naquela ocasião, Roy mencionara Jürkens. *«O senhor Jürkens escreveu-me esta manhã. Planeia visitar Paris daqui a algumas semanas e espera ver um esboço da centrífugadora.» «Cuidado, Roy.» «Não te preocupes, Aldo. Já me tramaram uma vez. Duas, não.» «Quem é esse Jürkens? De onde saiu?» «Leu um dos meus artigos na publicação do MIT e contactou-me através do mail. É um físico nuclear alemão. Está bem informado. Sei pelas perguntas que me faz. Inclusive, temos falado pelo telefone.»*

– Quando me trouxe para o deserto – começou Aldo – você mencionou um tal Jürkens. Pesquisando arduamente, recordei-me de que Roy o mencionou uma vez.

Al-Saud sabia que Roy Blahetter e Udo Jürkens haviam estado em contacto; o próprio Blahetter lho tinha confessado na sua cama de hospital.

– Blahetter mencionou que negócios tinha com Jürkens?

– Al-Saud, o que me apresto a confessar-lhe é algo extremamente delicado, e, uma vez que o saiba, terá nas suas mãos uma peça de informação que, a ser revelada, porá o mundo do avesso. – Ainda que dissimulando, Eliah estremeceu com aquelas palavras. – Guardei silêncio até agora porque a minha vida corria perigo; mas, se é a vida da minha filha que está em jogo, falarei, ainda que com isso me condene. Saiba que a sua existência não valeria nada se as pessoas erradas soubessem que compartilha este segredo. – Eliah demonstrou o seu acordo com um baixar de olhos. – Você pergunta-me que negócios o meu genro tinha com o Jürkens. Para responder a essa pergunta, primeiro vou-lhe falar de Roy. Roy era um prodígio de inteligência, uma pessoa com um coeficiente intelectual muito acima da média. Formou-se em engenharia nuclear ainda muito jovem, tendo depois obtido a especialização em física nuclear. Escrevia artigos para revistas de prestígio científico, e ponderara escrever um livro sobre o seu invento.

– Invento?

– Agora vem a parte interessante, Al-Saud. Roy desenvolveu uma ideia que, segundo ele próprio me assegurou, se converteria no desenvolvimento, em matéria nuclear, mais revolucionário desde a criação da bomba. Tratava-se de uma centrífugadora de urânio.

– É um tema que não conheço.

– Pois, eu também não sabia nada disto até escutar as explicações do Roy. Como sabe, o urânio é o combustível que faz funcionar os reatores nucleares, sendo portanto absolutamente necessário para construir uma bomba como a de Hiroxima. Pois bem: tal como se encontra na natureza, o urânio não presta para nada. Requer uma série de processos dispendiosos e lentos para que se converta no combustível que depois se aplica a diversos usos, uns com fins pacíficos, outros com fins bélicos.

Depois de obter o urânio, geralmente de um minério, a uraninita, este é processado para depuração. Deste processo, obtém-se um pó amarelado, conhecido por «bolo amarelo». O bolo amarelo é a matéria-prima das centrifugadoras de urânio.

– Para que servem as centrifugadoras? – O interesse de Al-Saud era evidente, e a sua atenção, absoluta.

– Ao que parece, o urânio é formado de três isótopos: o 234, o 235 e o 238. O que serve como combustível nuclear é o 235, com uma massa semelhante ao do isótopo 234, razão pela qual é difícil separá-los. Esta separação faz-se aplicando uma força centrífuga. A centrifugadora gira a uma tal velocidade que os isótopos mais pesados – o 234 e o 238 – se separam do 235. Só que é um processo lento, consome muitíssima energia e resulta nalguns gramas de combustível. São necessários anos para obter a quantidade que permite construir uma bomba.

– E no caso da centrifugadora que o Blahetter desenhou?

Aldo sorriu com melancolia e levou uns minutos antes de continuar; parecia comovido.

– Estava tão orgulhoso do seu invento. A centrifugadora de Roy conseguia isolar o isótopo 235 numa ínfima parte do tempo que as outras centrifugadoras geralmente levam, e com um consumo baixo de energia elétrica e hidráulica. Era a quimera para quem estivesse interessado no desenvolvimento da energia nuclear! Roy ter-se-ia tornado num homem muito rico.

– Foi por isso que o mataram, não é verdade?

– Sim. – O rosto de Aldo escureceu e endureceu. – Quem roubou a invenção mandou matá-lo para não deixar provas do seu plágio.

– Quem foi? – Al-Saud ergueu-se entre os almofadões. – Quem o assassinou? – insistiu, ainda que já adivinhasse a resposta.

– O professor Orville Wright.

A confusão de Al-Saud era evidente.

– Orville Wright? – Esperara escutar «Udo Jürkens»; ainda assim, o nome era-lhe familiar.

– Sim: um físico nuclear muito conhecido, segundo parece.

– Um momento, Aldo – pediu Eliah, confuso. – Existe alguma relação entre Jürkens e esse tal Orville?

– Eu penso que sim. Não posso assegurá-lo, mas acho que Jürkens trabalhava para o professor Wright.

– Porque é que Blahetter lhe falou de Jürkens?

– Mencionou-o como um possível comprador da sua invenção. Falei com ele ao telefone em meados de janeiro, e disse-me que se reuniria com Jürkens para lhe explicar as vantagens da sua centrifugadora. Não sei se a reunião chegou a acontecer. O que sei é que Roy está morto, e que você suspeita de Jürkens.

Al-Saud aproveitou o silêncio de Aldo Martínez Olazábal para reordenar as peças de um quebra-cabeças complexo. Pôs-se de pé e caminhou seguindo o desenho do tapete. Deteve-se de repente e

voltou-se para fitar Aldo.

– Deixemos o Jürkens de lado por um momento – propôs. – Diga-me porque é que pensa que Orville Wright matou ou mandou matar Blahetter.

– Porque Wright vendeu a invenção do meu genro a Saddam Hussein.

Al-Saud voltou aos almofadões onde se deixou cair, abalado pela última declaração. «A centrífugadora de Blahetter nas mãos de um louco como Hussein?» Era incapaz de medir as consequências se a informação se revelasse verdadeira.

– Tem a certeza? – murmurou.

– Vi-o com os meus próprios olhos – afirmou Martínez Olazábal, e detalhou os pormenores da cena no palácio de Sarseng, quando Orville Wright apresentara o protótipo a Hussein.

– Em que estado de avanço estão as coisas no Iraque?

– Saddam pretende que Wright construa a maior quantidade possível de centrífugadoras. Uma vez que consiga o bolo amarelo, vai pô-las em funcionamento, e em menos de dez dias obterá o combustível para construir várias bombas com o poder destrutivo da de Hiroxima.

– *Merde* – exclamou Al-Saud; ao passar a mão pela cabeça, atirou a franja para trás desimpedindo a cara, o que causou uma forte impressão em Aldo: nunca estivera tão parecido com Francesca. – Supunha-se que você devia conseguir o bolo amarelo, não é?

Aldo concordou, com um ar penalizado.

– Quem o deve estar a tentar agora é o meu sócio, Rauf al-Abiyia, se é que Saddam não o assassinou devido ao meu desaparecimento.

– Com que dinheiro Saddam consegue todas estas coisas? Pagar a Orville Wright, comprar bolo amarelo, construir as centrífugadoras...

– Com o dinheiro que obtém contrabandeando petróleo. É um grande negócio, do qual resulta lucros abundantes.

– Aldo, existe a possibilidade de que Wright e Blahetter tenham inventado a centrífugadora ao mesmo tempo? Costuma acontecer.

– Não. – A negativa de Martínez Olazábal, tão resoluta, indicava que tinha provas que o confirmavam. – O Roy contou-me que conheceu o Wright no MIT, enquanto estudava para um doutoramento. Segundo me disse, era uma sumidade no mundo da Física, e o Roy, que muito o admirava, conseguiu tornar-se seu assistente. Uma coisa levou à outra e foi assim que o meu genro acabou por lhe confiar o seu segredo: o desenho da centrífugadora que revolucionaria o mundo da energia nuclear. O professor pagou essa confiança roubando-lhe os planos e os formulários com os cálculos... Enfim, tudo o que compunha a invenção. Só que a centrífugadora ainda não estava terminada, e Wright percebe-o: compreendeu que precisava do resto de trabalho do Roy. Neste cenário, o assalto que a Matilde sofreu, e no decurso do qual roubaram a chave que Roy lhe dera dias antes, encaixa na perfeição.

– E também o roubo do quadro. Foi o Jürkens – completou Al-Saud.

– É verdade? Ele entrou mesmo no apartamento da Enriqueta e roubou-o?

– Tenho a filmagem da videovigilância. Ainda que, na verdade, o quadro não tenha sido roubado.

Jürkens limitou-se simplesmente a cortar a parte posterior.

– Creio que Roy escondeu os planos atrás de *Matilde e o caracol*.

– É o mais provável – concordou Al-Saud.

– Meu Deus! Em que sarilhos metemos a Matilde! Porque é que esse tal do Jürkens ainda a persegue? Se o Wright obteve o que queria, e que era os planos da centrífugadora, porque é que não a deixa em paz?

– Uma vez que a Matilde era a esposa de Blahetter, Wright pode julgar que ela está ao corrente da invenção. Penso que é normal que o marido discuta o seu trabalho com a mulher. Talvez o professor procure eliminá-la por achar que a Matilde é a única pessoa que pode vir a denunciá-lo. – Aldo cobriu o rosto, e Al-Saud desejou que não desatasse a chorar. – Até que ponto conhece o Fauzi Dahlan?

– Fauzi Dahlan? É íntimo de Qusay Hussein. Conheço-o, sim, mas não somos grandes amigos.

– É que ele e o Jürkens são grandes compinchas. – Aldo agitou os ombros num gesto de ignorância.

– Talvez pudéssemos chegar a Jürkens através do Dahlan.

– Se pensou em utilizar-me, agora será um pouco difícil. O meu desaparecimento terá enfurecido o Dahlan. Se deixo entrever nem que seja a ponta do nariz em Bagdade, cortam-mo, literalmente.

Al-Saud voltou a pôr-se de pé e a passear pela casa. Sabia que o domínio de Jürkens superava o trabalho realizado para Orville Wright, a menos que existisse alguma correlação entre o roubo do invento de Blahetter e o ataque à sede da OPEP em Viena que ele desconhecia. Talvez Saddam tivesse contratado o antigo membro do grupo Baader-Meinhof para obter dinheiro dos resgates, o qual depois seria destinado à construção das centrífugadoras e à aquisição de bolo amarelo. A intriga adquiriria um carácter surpreendente se se acrescentasse o papel de Jürkens na fuga de Natasha.

Da sua posição cómoda sobre o tapete e entre os almofadões, Aldo sorvia um café meio frio e observava Al-Saud, que, em quatro passadas, cobria a extensão da tenda, empreendendo o percurso em sentido contrário uma e outra vez, enquanto cofiava o queixo com a mão direita e penteava a franja com a esquerda. O seu corpo, delgado e flexível, transmitia solidez. Não era de estranhar que as filhas Celia e Matilde tivessem perdido a cabeça por ele.

Al-Saud deteve-se de súbito e perguntou:

– Como é o Orville Wright? Mencionou que o conheceu em Iraque.

Martínez Olazábal ficou silencioso e pensativo.

– É um tipo estranho, disso não tenho dúvidas, tanto a nível físico como na personalidade.

– Que tem de estranho o seu aspeto físico?

– É desagradável. As sobrancelhas chamam a atenção porque são densas e grossas e... despenteadas. A pele é bastante escura, e a da cara, grossa e porosa. O nariz... Possui um nariz proeminente, com manchas e cicatrizes. Aquilo que mais me chocou foram os seus dentes. São castanhos.

– Como os de um fumador?

– Não, não. Não estão manchados de castanho, são mesmo castanhos. Assim como a cor dos nossos dentes é uniforme e tende a ser branca, a dele é igualmente uniforme e tende a ser castanha.

Al-Saud olhou fixamente para Aldo, ainda que, na realidade, não estivesse a vê-lo. A descrição que o pai de Matilde acabara de fazer correspondia à do seu amigo Gérard Moses que, além do mais, era físico e uma sumidade em matéria de desenho e construção de armamento. Aldo viu-o sacudir a cabeça e apertar as pálpebras, parecendo querer afastar com esse gesto um pensamento incómodo.

– Wright é mais baixo que você – prosseguiu –, da minha altura, talvez. Não é especialmente gordo ou magro. Também não é do tipo atlético, antes pelo contrário: tem umas costas pequenas e os ombros descaídos.

– Que idade tem?

– Com uma cara tão estranha, é-me difícil calcular. Eu apostaria nuns cinquenta.

Gérard Moses era somente um pouco mais alto do que Eliah, ainda que, devido aos danos causados pela sua enfermidade, aparentasse ter por volta de quarenta.

– E a cor do cabelo?

– Castanho escuro.

– Não tem cabelos brancos?

– Não, creio que não – hesitou Aldo. – Claro que também podem ser pintados.

No seu último encontro com Gérard em princípios de maio, no hospital AKH de Viena, Al-Saud havia notado que o amigo estava muito grisalho. Concentrou-se nesse detalhe para afastar a ideia repugnante que tomava conta do seu espírito e que tentava fazer calar com qualquer desculpa. «Podem ser pintados», sugerira Aldo. Claro que um homem como Gérard, preocupado com o conhecimento e o cultivo da inteligência desde criança, não perderia tempo com meras questões estéticas! O pensamento apaziguou-o.

– Em que idioma falava o Orville Wright?

– Em inglês, claro.

– Por que diz «claro»?

– Por acaso Wright não é um apelido inglês?

– Não tinha sotaque?

Martínez Olazábal levantou as sobrancelhas e os ombros numa atitude desconcertada.

– De sotaques não percebo muito. Pareceu-me que falava um excelente inglês, como se fosse a sua língua materna.

Na realidade, admitiu Al-Saud, os irmãos Moses falavam inglês puro, sem a típica cadência que lhe imprimiam os franceses, e isso devia-se a terem tido uma professora inglesa desde o berço, já para não mencionar o colégio bilingue que ambos haviam frequentado.

– Que se passal, Eliah? Noto que está preocupado.

– O que acaba de me contar, Aldo, é de uma gravidade quase inacreditável.

– Eu sei, avisei-o.

– Isto significa que Saddam está a tentar concretizar um sonho até agora irrealizado: converter o Iraque numa potência nuclear – pronunciou Al-Saud, mais para si do que para o interlocutor.

– Desta vez vai conseguir.

Olharam-se com semblantes graves, ainda que Aldo se sentisse mais sereno por ter compartilhado o seu segredo com um homem, que, não tinha dúvidas, sabia o que fazer.

– Eliah, esta informação servirá para neutralizar o perigo que ameaça a minha Matilde?

«Minha Matilde», repetiu Al-Saud para si, e o sorriso triste que lhe suavizou a dureza dos lábios desorientou Martínez Olazábal. Parecia que todos a reclamavam quando ele era o único com direito a possuí-la. No entanto, Matilde tinha-o ferido profundamente e a sua natureza soberba impedia-o de a perdoar.

– Não sei. Conhecer a verdade é, sem dúvida, muito melhor do que estar às cegas. No que diz respeito ao Jürkens, o sujeito é um enigma difícil de decifrar. Continuarei à procura até descobrir e, no dia em que o conseguir desvendar, matá-lo-ei com as minhas próprias mãos. Já me causou demasiados problemas.

Apesar de exausto, Al-Saud não dormiu nessa noite. Passou horas às voltas sobre o colchão estendido no chão da tenda até que aceitou a impossibilidade de conciliar o sono. Colocou os braços atrás da cabeça como uma almofada e fixou a escuridão. Sabia que a insónia conferia às revelações de Aldo uma dimensão colossal; no entanto, um invento como o de Blahetter nas mãos de Saddam Hussein? Seria exorbitante, perigoso, alarmante e dantesco! Como proceder? Durante a Guerra do Golfo, os serviços secretos tinham trabalhado sem descanso para descobrir a localização dos arsenais de armas iraquianas (tradicionais, químicas ou biológicas), assim como os locais onde se processava o urânio, e tinham ordenado a sua destruição aos pilotos. Supunha-se que o Iraque não era uma potência nuclear, nem sequer antes de 1991. Israel ocupara-se da destruição dos sonhos de grandeza de Saddam ao bombardear, em julho de 1981, o reator nuclear que os seus construtores, os franceses, nomearam Osirak, e que os iraquianos rebatizaram de Tammuz I, instalando-o na cidade de Al-Tuwaitha, a dezoito quilómetros a sudeste de Bagdade. Ainda que ninguém duvidasse que a ambição de Hussein de converter o Iraque na primeira nação árabe com capacidade para construir uma bomba nuclear tivesse desaparecido com o reator Tammuz I, presumia-se que, entre a derrota de 1991 e o estado lamentável da economia iraquiana, a consagração do sonho do ditador se tivesse tornado inexecutável. A informação veiculada por Martínez Olazábal alterava o cenário da política internacional de modo radical, e as consequências seriam catastróficas caso Hussein alcançasse o seu objetivo.

Na manhã seguinte, Eliah apresentou-se na tenda de Aldo para se despedir; ambos se sentiram invadidos por uma sensação de desconforto. Martínez Olazábal estendeu-lhe um envelope com o nome de Matilde e outro sem nada escrito.

– Acabo de escrever a carta para Matilde – comentou, com ar pesaroso. – Não sabia o que lhe dizer. Acabei por lhe dizer quase nada, que estou bem e que em breve nos voltaremos a ver. – Eliah

concordou. – Ali dentro – explicou Aldo, indicando o envelope em branco – estão os dados de uma conta bancária que abri em Nassau, no First Caribbean International Bank. – Al-Saud agarrou o papel e leu-o. – Nessa conta estão três milhões de dólares, dos quais dois e meio pertencem a Saddam Hussein. – A cabeça de Al-Saud implodiu e a intensidade do seu olhar amedrontou Aldo. – É o dinheiro que me foi dado como adiantamento para que comprasse o bolo amarelo – atrapalhou-se ao esclarecer. – Necessito de os devolver à conta que está aí especificada. É de um banco no Liechtenstein. Espero que já não seja demasiado tarde. A não devolução desse dinheiro pode bem já ter sido a causa do possível assassinato do meu sócio.

– Tirou-o do banco de Liechtenstein e transferiu-o para as Baamas sem o acordo de Al-Abiyia?

– Isso mesmo. Agora arrependo-me de o ter feito, mas há uns meses comecei a desconfiar de Rauf e retirei o dinheiro para evitar que me enganasse. Irá transferi-lo? Aí está o nome do agente da conta, o meu código, as perguntas de segurança, tudo o que precisa para proceder à transferência.

Al-Saud consentiu, embora pouco entusiasmado.

– Aldo, alguma vez teve negócios com Anuar al-Muzara?

– Sim, vendíamos armas às Brigadas Ezzedine al-Qassam. Foi o meu sócio que conseguiu o contacto. Não sei como. O próprio Al-Muzara esteve presente na assinatura do acordo.

– E onde foi isso?

– A bordo do meu iate, o *El Matilde*. Ele foi lá ter de barco.

– Sabe onde se encontra de momento?

– Não. Aliás, seria difícil. É um dos tipos mais escorregadios que conheço.

– Como se comunicavam?

– Segundo me contou Rauf, marcavam encontro de formas algo arcaicas. Por exemplo: o meu sócio estava a tomar um café em Marbella e, de repente, um rapaz aproximava-se e deixava-lhe um bilhete sobre a mesa. Nesse bilhete, estava estabelecido o lugar para uma reunião com algum superior das brigadas.

– Quer com isso dizer que não tinha um telefone, uma caixa postal, qualquer coisa do género?

– Não que eu saiba.

– E como é que vos pagava? – desesperou-se Al-Saud.

– Na realidade, entregava-nos o dinheiro em pastas. Era uma chatice contar dólar por dólar, mas como foi sempre um bom cliente, perdoávamos-lhe essas picuinhas. Para pequenas quantidades usava o *hawala*, uma forma de transferir dinheiro fora do sistema bancário – e, portanto, completamente ilegal – que se realiza através dos intermediários ou *hawaladars*: todos pró-Palestina, logicamente, que se encontram espelhados por toda a Europa. Al-Muzara manipula velhos métodos de comunicação e de pagamento, como se ainda vivesse na época de Marco Polo. Suponho que ainda esteja vivo por ser tão paranoico e detestar a tecnologia.

Al-Saud concordou com um movimento da cabeça e estendeu a mão a Martínez Olazábal.

– Vou-me embora dentro de alguns minutos, Aldo. Já tenho a camioneta pronta. Qualquer coisa que

se lembre, por favor, não hesite em avisar-me.

– Assim farei – prometeu, apertando a mão oferecida com uma efusão que procurava comunicar agradecimento. – Continuará a cuidar da minha princesa? – Al-Saud concordou novamente; porém, ao aperceber-se que o outro homem desviara o olhar, Aldo inquietou-se. – As coisas entre vocês não andam bem?

– Nada que não se possa solucionar – assegurou Eliah, afastando-se depressa.

Ainda que tivesse previsto voar até à base de Dhahran para avaliar o desempenho dos formadores que Mercure providenciava à Real Força Aérea Saudita, Al-Saud alterou os seus planos e, no dia seguinte, quarta-feira 30 de setembro, partiu do aeroporto de Rey Khalid com destino a Milão. Pediu a Natalie que lhe trouxesse o telefone encriptado; faria várias chamadas, entre elas, para o banco de Nassau a fim de devolver o dinheiro à conta do Banque Pasche Liechtenstein, e outra, para o general dinamarquês Anders Raemmers, seu antigo comandante em *L'Agence*. Terminada a transferência telefónica, consultou a hora londrina no seu *Breitling Emergency* antes de discar o número privado de Raemmers, ao qual poucos tinham acesso.

– General, sou Cavalo de Fogo. – Apresentou-se usando o nome de guerra.

– Isto sim, é uma surpresa. Como estás, filho?

– Bem, general. E o senhor?

– Já sabes como sou, um pessimista nato. Por isso, respondo sempre de igual modo a essa pergunta: como posso.

– Nenhum de nós pode ser otimista conhecendo o mundo como o conhecemos.

– Então o nosso mau humor está justificado. A que devo a honra, Cavalo de Fogo? Porque julgo que esta não é uma chamada de cortesia.

Al-Saud riu entredentes antes de responder:

– Poderia sê-lo, general. Sabe quanto o aprecio.

– Sim, sim. Cria soldados e comer-te-ão os olhos. – Raemmers fingiu lamentar-se. – Vá, diz-me, estás a falar de uma linha segura?

– Sempre, general.

– Então fala.

– Preciso de o ver. É urgente. Preferia que fosse em terreno neutro.

– E onde?

– Em Milão.

– É bastante urgente, Cavalo de Fogo?

– Código Lambda, general.

A esta referência, Raemmers sobressaltou-se e pôs-se de pé.

– Em que local de Milão desejas que nos encontremos?

– Na galeria Vittorio Emanuele II, na porta da *Prada*.

– Sempre gostaste de te vestir de acordo com as últimas modas.

– É um local estupendo para passar despercebido, com tantos turistas e viciados em compras.

– Quando?

– Já amanhã, se fosse possível.

– Espera um instante – Raemmers consultou a sua agenda eletrónica. Para o dia seguinte, o general dinamarquês tinha vários compromissos, mas decidiu cancelá-los. – Amanhã lá estarei – confirmou. – À uma da tarde. Espero que conheças um bom sítio para almoçar.

– Claro – assegurou-lhe Eliah.

Ainda que tivesse sido sensato esperar um mês para se restabelecer por completo, Rauf al-Abiyia estreou a sua nova cara, ainda bastante inchada, no Aeroporto Internacional de Trípoli, na Líbia, onde os homens da *Mukhabarat* de Muammar Kadhafi o conheciam como a palma das suas mãos. Apresentou o passaporte de nacionalidade iraquiana com fotografia nova e nome falso, no qual o oficial das Imigrações, depois de uma rápida olhadela, estampou o visto. Caminhou até à zona dos voos domésticos sem que nenhum agente o tivesse intercetado. Não fora reconhecido. Acabava de superar a prova de fogo. Fauzi Dahlan designara dois dos seus homens para que o protegessem e, simultaneamente, o vigiassem. Mantinham-se à distância, e eram eficientes.

Al-Abiyia comprou um bilhete para o voo que partiria dentro de duas horas com destino a Bengasi, e, enquanto aguardava a chamada para o embarque, sentou-se para beber um chá de menta e a planear o golpe ao cargueiro *Rey Faisal*. Tratava-se de uma missão titânica e complexa que o mantinha alerta e com a tensão elevada. Se fosse um sucesso mataria dois coelhos de uma cajadada só: obteria uma comissão milionária e ganharia de novo os favores do *rais* Hussein (num só golpe, conseguiria mais urânio do que ele necessitava). Contudo, chegar a bom porto com a carga roubada requereria muita perícia sua, dos seus contactos e dos seus tomates. Nesse momento, e apesar de tudo, sentia a falta do sócio, Mohamed Abu Jihad, porque aquele tinha sempre ideias brilhantes.

A companhia de transporte marítimo de Yasif Qatara, domiciliada no cais vinte e três do porto de Bengasi, reduzia-se a um escritório no piso superior de um restaurante cujo cheiro a óleo requeentado e alho impregnava cada recanto do estabelecimento. Não incomodava a Qatara nem o ar denso do seu escritório, nem sequer o cheiro que emanava do seu próprio corpo. Al-Abiyia sorriu a oferecer-lhe a mão, que depois limpou discretamente numa toalhita perfumada. Suportava o libanês porque, desde há muitos anos, lhe fornecia barcos para transportar armas, não fazia perguntas e até se ocupava das falsificações necessárias.

– Se não me tivesses mostrado essa tatuagem – exprimiu Qatara – não te teria reconhecido, Rauf.

– É exatamente essa a ideia, Yasif: que os filhos da puta da Mossad não me reconheçam.

Ao som da palavra «Mossad», o libanês cuspiu no chão de madeira e limpou a boca à manga.

– Como está o teu sócio, o Mohamed? Há meses que não sei nada dele.

– Está escondido. Também andam à procura dele.

– Malditos judeus do demónio. – Yasif cuspiu novamente.

Al-Abiyia queria sair quanto antes daquele sítio, pelo que decidiu ir direto ao assunto.

– Necessito de um barco, Yasif: um que seja capaz de transportar cento e dois bidões selados, que representam duzentas toneladas de peso.

– O que contêm?

– Urânio. – Qatara acomodou-se no assento e soltou um assobio. – Já o fizemos antes – recordou-o Al-Abiyia.

– É verdade, mas não em quantidades tão grandes.

– Tu mesmo poderás comprovar que o transporte será realizado segundo as mais estritas medidas de segurança. Os bidões estarão revestidos de chumbo e selados.

– Aonde se realizará a carga?

– No mar alto.

– Desculpa!!

– No golfo de Adém, para ser mais exato. Isto claro, desde que forneças um barco.

– Porque não me contas toda a história, Rauf, e assim poupamos tempo?

– Primeiro diz-me se estás interessado na operação. Estou disposto a ser generoso.

– Sim, estou interessado.

– Ótimo.

Qatara acabou por se deixar convencer pela quantia prometida por Al-Abiyia se o urânio chegasse ao porto de Umm Qasr, na foz do rio Shatt al-Arab, no sul do Iraque. No dia seguinte, Rauf voou primeiro para Trípoli e daí para Roma a fim de apanhar um avião que o conduziu, à última hora da tarde, ao aeroporto de Heathrow, em Londres, outra prova de fogo; os da Mossad moviam-se nas suas instalações como se estivessem no aeroporto Ben Gurion. Não era segredo para ninguém que os agentes israelitas, os do SIS britânico e os da CIA se consideravam uma irmandade na luta contra o terrorismo.

Em Londres era urgente recolher informações acerca do *Rey Faisal*, e não ocorria a Rauf melhor sítio para começar a sua investigação do que a Lloyd's, a principal seguradora de barcos do mundo. Ligou de uma cabina telefónica perto do hotel aonde se alojava. Discou o número da sede da Lloyd's e entregou-se às mãos de Alá. Depois de largos momentos de espera, sempre com a mesma música irritante ao fundo, e de pressionar vários botões, foi finalmente direcionado para um assistente.

– Lloyd's Insurance Market. Bom-dia. Em que posso ser-lhe útil?

– Preciso de conhecer os dados de uma apólice de seguro de um navio de carga.

– Qual é o número do agente com o qual foi feita a apólice?

«Merda»

– Não sei.

– Nome do barco?

– *Rey Faisal*, de bandeira saudita.

De novo a música irritante.

– O seguro do *Rey Faisal* foi feito através da Everdale Insurance Brokers Limited.

– Poderia dar-me o número de telefone deles?

Segundos mais tarde, contactava a Everdale Insurance Brokers Limited com uma ideia *in mente*. Apresentou-se como Al-Massen – dando o mesmo nome falso que constava do passaporte – e afirmou trabalhar num gabinete de contabilidade, o International Accountants Associates, que realizava uma auditoria sobre os bens patrimoniais da companhia petrolífera saudita Aramco. Precisava informações de um barco específico, o *Rey Faisal*. Passaram-no por várias extensões, nas quais repetiu a mesma mentira até encontrar o agente responsável pela apólice do cargueiro saudita. O jovem – pela sua voz era evidente que teria pouco mais do que a trintena – comentou que achava o pedido «altamente irregular». No entanto, quando Al-Abiyia lhe assegurou que detinha os documentos que o autorizavam a recolher informações para a auditoria, acedeu a conceder-lhe uma marcação para a segunda-feira seguinte, 5 de outubro.

Durante os dias de espera, Rauf al-Abiyia ocupou-se a imprimir cartões com a insígnia da International Accountants Associates e da Aramco, e a falsificar notas e identificações; inclusive, chegou a pagar quinhentas libras à prostituta com a qual costumava dormir em Londres para que lhe emprestasse o número de telefone do seu apartamento, o qual foi impresso nos cartões e na insígnia, e para que se fizesse passar pela telefonista da International Accountants Associates, caso o agente da Everdale Insurance se desse ao trabalho de verificar a informação que Rauf veiculava. Instruíra-a a declarar que o contabilista Al-Massen pertencia ao *staff* da sede que a International Accountants Associates possuía em Amã, capital da Jordânia.

Na segunda, 5 de outubro, apresentou-se na rua Gracechurch da City londrina, onde se localizava o edifício da seguradora. Por acaso, o agente era filho de iraquianos exilados. O jovem, que continuava a mostrar-se desconfiado ao ler a documentação que Al-Abiyia tirava da pasta, mudou de repente de atitude ao verificar o passaporte do suposto auditor e ao constatar que era originário do Iraque. Dez minutos mais tarde, ria, suspirava de nostalgia e ficou tão à-vontade que quando Al-Abiyia lhe pediu umas fotocópias abandonou a documentação do *Rey Faisal* sobre a secretária e apressou-se a ir fazê-las. Só foram precisos três minutos para Al-Abiyia digitalizar as páginas relacionadas com a próxima viagem do cargueiro a Portugal. «Às vezes», pensou o traficante de armas, «tudo depende de um golpe de sorte».

Assim que se sentiu com forças para se levantar da cama, Gérard Moses quis telefonar a Eliah al-Saud; ansiava ouvir a sua voz, estremecendo ao recordar o timbre de contrabaixo e os tons obscuros e graves. Sabia que, no último ataque de porfíria, enfrentara de perto a morte e, ainda que não tivesse sido a sua primeira grande crise, fora diferente, obrigara-o a refletir. Não queria morrer sem confessar à Eliah o quanto o amava; não obteria nada, sabia-o bem, e existiam fortes possibilidades de só conseguir o desprezo do amigo; não obstante, uma decisão avassaladora impelia-o a confessar. De qualquer modo, não poderia viajar para Paris durante bastante tempo; tinha de esperar para se poder encontrar com Eliah, porque quando recuperasse por completo teria de regressar à Base Zero a fim de terminar a

construção das centrifugadoras e da bomba, ainda que, se a aquisição de bolo amarelo continuasse a ser adiada, a conclusão do seu trabalho se pudesse prolongar indefinidamente. Pressionaria Fauzi Dahlan para que lhe fornecesse o combustível nuclear o quanto antes.

Bateram à porta. Desejou que não fosse Qusay Hussein, cujo interesse pela sua saúde soava artificial.

– Entre – convidou, e, devido a pouco uso, a voz saiu-lhe áspera e estridente. Voltou a pensar na voz sedosa e sensual de Eliah. – Udo! – Surpreendeu-se, e uma sincera alegria impulsionou-o a levantar-se da almofada.

– Não, não, chefe! Fique quieto. – Jürkens aproximou-se da cama e ajudou Moses a erguer-se.

– Que fazes aqui? – perguntou num tom mais arisco do que o que pretendia, porque, na realidade, ficara alegre por ver o seu homem de confiança, que se mostrava eternamente agradecido e cujas submissão e amabilidade resultavam bajuladoras. Servia-o com eficiência e lealdade; ainda que ultimamente – tinha de o admitir – Udo só cometesse erros.

– Acabo de chegar. Fauzi foi-me buscar ao aeroporto e contou-me que teve um ataque. Pedi-lhe que me trouxesse diretamente para aqui.

– Dahlan está contigo?

– Sim. Está a falar com o médico. Que aconteceu, chefe? O Fauzi disse que o ataque foi grave.

– Sim, gravíssimo – admitiu, de má vontade e sem olhar para o berlinense. – Excedi-me, Udo. Trabalhei sem descanso e alimentei-me mal. Porque vieste a Bagdade? Onde estiveste este tempo todo? Não soube nada de ti.

– Depois da missão que Al-Muzara me encomendou no Congo...

– No Congo? Estiveste no Congo?

Jürkens olhou para ele, embaraçado, incapaz de ocultar a confusão. Moses não se recordava da conversa telefónica tida havia algum tempo? O ataque de porfiria provocara-lhe amnésia?

– Sim, chefe, no Congo – reforçou. – Adoeci gravemente, e por isso a missão durou mais tempo.

– Que missão te encomendou Anuar?

– Sequestrar a mulher de Al-Saud.

– De Eliah? – Jürkens consentiu com um gesto inescrutável. – Para quê?

– Queria extorquir-lhe dinheiro e necessitava da sua experiência como soldado do Al-Saud.

– Eliah não é um soldado. Foi piloto de guerra, mas não um soldado. Tem uma empresa de segurança, é verdade, e usa armas, gosta de as colecionar e é um excelente atirador, mas, repito, não é um soldado.

– Em finais de março, a *Paris Match* publicou um artigo no qual intitulavam Al-Saud o rei dos mercenários. O jornalista assegurava que Mercure não era somente uma empresa de segurança: ia muito mais longe.

Gérard Moses ficou tenso ao avaliar a informação que o seu assistente lhe proporcionava. Ainda que o aborresse que Eliah nunca tivesse partilhado a verdadeira índole da sua empresa, Gérard Moses

estremeceu de excitação ao imaginá-lo em ação, vestido de soldado, com um fuzil cruzado no peito e os olhos verdes atentos ao terreno. Agora compreendia o interesse de Al-Saud pelo último desenho que executara para a Fabrique Nationale, a unidade de controlo de fogo. Como conversavam muitas vezes acerca de armamento, Gérard não ficara surpreendido. Teria recebido a unidade que lhe enviara? Teria admirado a sua invenção?

– O Eliah e aquela mulher terminaram – declarou Moses. – Foi ele próprio quem mo garantiu.

Jürkens soergueu os ombros e disse:

– Estavam os dois no Congo.

– No Congo?

– Ela é médica e trabalha para a Mãos Que Curam – explicou o berlinense, paciente e meio desorientado. – Tinham-na enviado para o Congo Oriental. E Al-Saud também lá estava, provavelmente numa missão da Mercure.

– Um mero acaso – exprimiu. A ira fazia desaparecer as boa vontade de há pouco, e o ódio que alimentara ao longo da vida – do pai, do irmão, da porfíria, de si mesmo – estendia-se a Eliah e àquela mulher. Não queria odiar o amigo, mas à mulher sim, porque era tudo culpa dela; certamente, perseguira Eliah até ele se cansar, até conseguir seduzi-lo. Pois não se lembrava bem de Eliah a afirmar de forma categórica, naquele último encontro no hospital em Viena, que as mulheres «o tinham feito perder a paciência»? Sorriu ao evocar o gesto que acompanhou a declaração. De repente, reparou que estava a esquecer-se de formular a pergunta-chave; era óbvio que o seu raciocínio estava ainda meio tolhido. – E conseguiste, Udo? Entregaste a mulher de Eliah ao Anuar?

Jürkens esforçou-se para dissimular o desconforto que lhe provocava a amnésia de Moses. Talvez a crise de porfíria não tivesse causado uma perda de memória mas sim um dano neurológico.

– Não, chefe. Uns rebeldes congoleses atacaram o local aonde a doutora Martínez se encontrava e feriram-na.

– Morreu? – Os olhos esmorecidos de Moses ganharam intensidade, enevoando-se quase de imediato quando Jürkens negou com a cabeça. – Sabes onde está agora?

– Em Paris.

– Com Eliah?

– Não sei – admitiu.

– Anuar ficará desgostoso se falhares mais uma vez, Udo.

Jürkens baixou o olhar. Somente perante Gérard Moses o gigante berlinês adquiria aquele ar de menino castigado.

– Tentaremos de novo mais tarde. Al-Muzara julgou conveniente que eu me escondesse por uns tempos aqui no Iraque.

– Talvez tenha chegado o momento de te submeteres a uma cirurgia plástica para alterar as tuas feições. Ficaste demasiado famoso, Udo.

– Não! – negou o homem com uma veemência tal que primeiro surpreendeu Moses, e depois o fez

sorrir.

Jürkens não alteraria as suas feições, porque assim Ágata não o reconheceria.

– Está bem, está bem. Virás comigo, então, até Base Zero. Vais ser-me muito útil lá.

Matilde e a Juana passaram a manhã de quarta-feira, 30 de setembro, na sede da Mãos Que Curam, na rua Breguet. Terminaram o relatório e reservaram uma hora com a psicóloga, a quem Matilde expressou o seu desejo de continuar a trabalhar para a organização humanitária.

– Viveste uma experiência traumática, Matilde. Foste gravemente ferida. Ainda queres trabalhar connosco?

– Sim.

– Tens tido ataques de pânico?

– Não.

– Tens dormido bem ultimamente?

Não, dormia mal; acordava várias vezes assaltada por pesadelos nos quais, geralmente, Jérôme a chamava a chorar.

– Sim, tenho dormido bem – mentiu. Precisava mesmo de regressar ao trabalho. Perderia a cabeça se continuasse à espera de notícias em casa de Ezequiel.

– Não desejas voltar a Córdoba para visitares os teus familiares? Juana contou-me que irá lá passar uns dias.

– Não gosto de Córdoba.

– E da tua família?

– Já só lá tenho a minha avó e o meu irmão mais velho – atalhou, pouco disposta a aprofundar o tema.

– Já analisaste no que se passou em Rutshuru?

– Lembro-me quando a ferida me dói um pouco, ou quando estou no banho e a posso ver, mas não fiquei a matutar no ataque. São situações que podem ocorrer num trabalho como o nosso. Estou pronta para voltar ao terreno.

Fez o que pôde para não se mostrar tensa perante a psicóloga, por mais que a verdade fosse que estava extremamente nervosa. Temia que Auguste Vanderhoeven lhe tivesse descrito as visitas furtivas de Eliah à casa da Mãos Que Curam ou a sua relação com Jérôme, e que os deslizos impedissem o seu sonho de voltar a trabalhar. Saiu do consultório da psicóloga com a impressão de que o belga não a traía. Só faltava esperar pelo relatório e rezar para que um novo destino lhe fosse proposto.

Matilde e Juana almoçaram com as irmãs Huseinovic, Joséphine e Yasmin num restaurante italiano do boulevard Saint-Germain. La Diana reluzia, esplêndida num dos conjuntos que havia adquirido no sábado anterior: saia branca justa e blusa cintada em *crochet* num tom bege, que se colava contra os seios e a cintura dela. Yasmin dera-lhe algumas noções de maquilhagem, e Matilde achou que La Diana fora uma excelente aluna: conseguira realçar os seus olhos azuis-celestes, as maçãs do rosto e os lábios

sem cair no excesso que com frequência endurece as feições. Era outra mulher, e o seu sorriso demonstrava que a mudança não terminava na aparência.

– O Sergei já te viu assim tão bonita? – sussurrou-lhe Matilde, e La Diana abanou a cabeça para negar, corando.

– Viajou para o Congo antes que eu tivesse tempo de lhe mostrar. Na segunda-feira voltei a ver o doutor Brieger, o psiquiatra da Leila.

– E?

– Estou contente. Chorei muito – confessou. Matilde, que percebia o quanto lhe custava admitir aquela fraqueza, apertou-lhe a mão.

– Admiro-te, Diana. Sei que, com a ajuda de Brieger e do Sergei, irás superar este problema. Se eu o consegui, tu também serás capaz.

– A sério?

– Há um segredo. – La Diana saltou da cadeira e levantou as sobrancelhas num gesto inconsciente. – Tens que confiar no Sergei e permitir que ele te guie até a luz.

Matilde observou que Yasmin, por mais simpática que estivesse (como, aliás, era seu costume), se mantivera calada, sorrindo de maneira forçada. Não se atrevia a questioná-la porque temia que perguntasse por Eliah. Não estava preparada para admitir perante a Yasmin que o perdera; nem sequer aceitava reconhecer para si própria que não o tinha ao seu lado pela mesma razão que os separara da primeira vez: os seus ciúmes, as suas dúvidas e o seu orgulho. Refletira arduamente desde a declaração da Juana. A amiga insistira que ela boicotava a relação com Al-Saud porque não se permitia ser feliz. Como é óbvio, tratava-se de um comportamento inconsciente; contudo, traçava o caminho da sua vida afundando-a em infelicidade. Mais do que tudo, queria pedir desculpas ao Eliah: tinha ansiado por desculpar-se desde o instante em que o vira saltar pela janela do seu dormitório em Rutshuru; não obstante, quando tinham falado ao telefone, mostrara-se inflexível e altiva. Cada vez que recordava o instante do abandono de Al-Saud, sentia a mesma dor, profunda e visceral, que a magoava sempre que pensava em Jérôme. A sua vida carecia de sentido caso faltasse um dos dois: Matilde não era completa sem Eliah e Jérôme, o pai e o filho; como nenhum estava junto dela, andava consumida, numa desolação que nunca havia experimentado, nem na pior época da sua existência, ao ponto de perguntar a si mesma o que a fazia levantar-se todas as manhãs.

Peter Ramsay surpreendeu-as indo buscar Leila ao restaurante do boulevard Saint-Germain; tinha acabado de chegar do Congo. Aproximou uma cadeira da mesa e colocou-a junto a Leila, que lhe lançou um olhar fugaz e sorridente, um ato simples que, aos olhos de Matilde, que a conhecia tão bem, denunciava a devoção que lhe inspirava o inglês; não retirou as mãos quando Ramsay as agarrou.

Juana elogiou-o assegurando-lhe de que, com aquela roupa e penteado – Matilde recordou-se de Eliah – parecia ter menos dez anos menos. Leila olhava-o de soslaio, e sorria com um tal ar de apreciação que seria impossível suspeitar que, meses atrás, se comportava como uma criança.

– Peter, como está o Sándor? – quis saber Yasmin, e Matilde adivinhou a ânsia de La Diana em

saber novidades de Markov.

– Minhas senhoras, trouxe-vos correspondência – foi a explicação de Ramsay, que tirou dois envelopes com o logótipo de Mercure do bolsinho interior do seu saco azul. – Para ti, Yasmin, e para ti, Diana. Precisas que te diga quem ta enviou? – perguntou, e os seus olhos, azuis e flamejantes, poisaram sobre a jovem bósnia.

– Se o senhor que lhe enviou esta carta – interveio Juana – está tão entontecido de amor como a nossa querida Diana, então os rebeldes já se apoderaram da mina e Markov nem sequer notou.

Os risos atraíram a atenção das mesas vizinhas. La Diana corou outra vez, e Ramsay confessou-lhe que nunca a vira assim tão bonita. Matilde, ainda que compartilhasse da alegria de Yasmin e La Diana, desprezou-se por invejá-las. Impedia-se de perguntar a Ramsay por Jérôme, resistia para não ofuscar o momento de felicidade das suas amigas; por isso, ao reparar que o inglês se punha de pé e arrastava Leila com ele, imitou-o. Distanciou-se um pouco da mesa e aproximou-se do casal com uma atitude intimista.

– Peter, souberam alguma coisa do Jérôme?

– Não, Matilde, nada. – Ramsay colocou-lhe o indicador por baixo do queixo e ergueu-lhe o rosto. Leila acariciou-lhe a face, tentando parar a torrente de lágrimas. – Matilde, não percas a esperança – rogou o inglês. – Estamos a fazer todos os possíveis para o encontrar. Continuaremos à procura. Não o abandonaremos.

Matilde tapou a cara e rompeu num pranto aberto, incapaz de se controlar. Leila abraçou-a e sussurrou:

– Encontrá-lo-á. Eliah o encontrará.

– Não, não – soluçava Matilde.

Joséphine pôs-se de pé e juntou-se a Leila para consolar a médica.

– O que é que se passa? – preocupou-se Yasmin.

– Tenho a certeza – aventou Juana – de que a Matilde perguntou ao Peter pelo Jérôme.

– Quem é o Jérôme?

– Um miúdo do Congo, um órfão que vivia na missão de Amélie. Matilde adora-o como a um filho, e quer adotá-lo. Mas o Jérôme desapareceu no dia do ataque em que a Matilde foi ferida, e o teu irmão ainda não o conseguiu encontrar. A Mat está desesperada.

– Se se tivesse casado com o meu irmão – disse Yasmin, sem se preocupar em dissimular o rancor –, poderia estar grávida do seu próprio filho.

– Isso é impossível – a Matilde não pode ter filhos – declarou Juana, para a calar.

– Como? – Com o choque, a voz de Yasmin subiu algumas oitavas.

– O que ouviste – não pode. Extraíram-lhe os órgãos genitais quando tinha dezasseis anos devido a um cancro nos ovários que fez metástases. Ficou estéril.

– Oh! Não sabia. O meu irmão sabe?

– Claro.

- Foi por isso que romperam: porque a Matilde não pode ter filhos?
- O teu irmão está pouco se lixando para isso. É a Matilde que não suporta não poder dar-lhe filhos.
- Verdade? – Juana assentiu. – Obrigada por me contares. Agora compreendo muitas coisas.
- Peço-te discrição.
- Fica descansada.

Al-Saud aterrou no aeroporto de Linate ao amanhecer do primeiro de outubro. Acabara de se registar no Príncipe di Savoia e estava quase a entrar no elevador quando o telemóvel tocou. Como eram seis da manhã, ficou logo preocupado.

- Estou?
- Olá, irmãozinho – saudou-o Yasmin.
- Vejo que madrugaste.
- Tenho boas notícias para te dar e não podia esperar. Tentei ligar-te ontem, mas já era tarde e foi para o *voice mail*.
- Diz.
- Sou tia do Kolia! – O silêncio durou alguns segundos. – Eliah, estás aí?
- Estou. Qual é a percentagem de probabilidade de que eu seja o pai do menino?
- Kolia, Eliah – exasperou-se Yasmin. – De uns noventa e nove vírgula noventa e nove por cento.

Não há dúvida. *Tu* és pai dele. Não estás feliz?

- Não sei – admitiu.
- Para mim é uma notícia maravilhosa. Adorei a ideia de ser tia! Ter sobrinhos é do melhor que há.
- Yasmin, tenho que desligar.
- Espera, Eliah. Quero contar-te outra coisa. Ontem almocei com a Matilde e não a achei com bom aspeto.

- Em que sentido? Sentia-se mal? Estava doente?

– Não, não – apressou-se Yasmin a dizer a fim de acalmar o irmão. – Ainda que, bom... Não é que esteja propriamente a vender saúde. Está muito magra e pálida. – Yasmin fez uma pausa antes de anunciar a má notícia. – Desatou a chorar de um modo que me partiu o coração. Por causa do miúdo que queria adotar no Congo.

- O Jérôme.

– Sim, o Jérôme. O Peter veio buscar a Leila, que também estava a almoçar connosco, e a Matilde perguntou-lhe se sabia algo dele.

- Como é teimosa! – irritou-se Al-Saud. – Disse-lhe que a avisaria se soubesse alguma coisa.
- Tens de a compreender!
- Falaste com ela sobre o Kolia?
- Não! Achas?
- Eu conheço-te, Yasmin.

– Não lhe disse nada – ofendeu-se a rapariga. – De qualquer forma, se conheço um pouco a Matilde, tenho a certeza que ficará contente por saber que tens um filho, sobretudo não podendo ela dar-tos. – Yasmin percebeu a hostilidade de Al-Saud mesmo através da ligação. – Desculpa, não quis...

– Quem to disse? A Matilde?

– Não, foi a Juana.

– É melhor que mantenha a boca fechada, Yasmin.

– Porquê? – insurgiu-se a jovem. – Que mal tem que a Matilde não possa ter filhos?

– Nenhum, mas é um assunto muito penoso para ela, e não quero que a angusties nem que a atormentes mencionando-o. Insisto: mantém a boca fechada.

– Como estão as coisas entre ti e ela? Estão zangados? Pareceu-me que sim, porque não fala de ti e fica tensa quando te mencionamos.

– É um assunto nosso.

– Fico doente quando te armas em enigmático! – Yasmin mudou para um tom conciliador, acrescentando: – Gosto muito da Matilde, Eliah, e gostaria que ela fosse tua esposa porque é a única mulher que te faz feliz. Para além disso, estás vivo graças à medalha que ela te ofereceu, e isso não posso esquecer.

As palavras de Yasmin comoveram o irmão; no entanto, Eliah escudou-se atrás da sua máscara de indiferença e frieza.

– Yasmin, tenho mesmo de desligar. Até depois.

Desligou e subiu no elevador com a pequena maleta, que não quis entregar ao estafeta. Indicou o andar ao empregado e, enquanto a luz saltava de um número para o outro, Al-Saud seguia-a com um olhar desinteressado. Na sua mente repetia-se o episódio de Matilde, e a sua alma chorava as lágrimas que ele não se permitia derramar. Matilde sofria, e ele não a podia consolar. Quem o teria feito? Ramsay, por exemplo, ter-lhe-ia tocado ou abraçado para acalmá-la? O tormento no qual os ciúmes o afundavam aprofundava o negrume dos seus pensamentos e do seu desânimo. De repente, lembrou-se de Kolia e do resultado das análises. Era seu filho. O improvável acontecera: conceber uma criança mesmo com proteção. «Que sorte de merda!», queixou-se; de seguida, porém, desejou engolir as palavras. Kolia faria Matilde feliz.

Entrou em casa, tirou a roupa e os sapatos com impaciência, arremessou tudo para um sofá e deitou-se de costas sobre a cama com os braços cruzados atrás da cabeça. Porque fazia planos com Matilde? Ainda continuava furioso, ofendido, magoado, e a conversa telefónica de há nove dias demonstrava-lhe que ele, para Matilde, não era o primeiro, e muito menos o único. O problema é que ele só admitiria ser o único para ela. Levantou-se de um salto, resmungando. Tirou os calções e entrou na casa de banho para tomar um duche.

Chegou à loja da *Prada*, na galeria Vittorio Emanuele II, quinze minutos antes da uma da tarde. Tornava-se complicado avançar devido à multidão. Fingiu interessar-se pela montra e foi estudando o ambiente a fim de eliminar a possibilidade de estar a ser seguido, mesmo tendo entrado em Itália com

um passaporte em nome de Giovanni Albinoni.

Viu Anders Raemmers a aproximar-se e ativou o dispositivo para interromper as ondas magnéticas no caso de um microfone parabólico tentar captar o diálogo que travaria com o chefe de um dos grupos mais secretos e eficazes do mundo da espionagem e das missões de risco, *L'Agence*. A mesma unidade perturbaria as gravações das câmaras que Al-Saud avistou a vários metros do solo, em pontos estratégicos da galeria.

Raemmers conteve um sorriso ao descobrir a figura alta de Al-Saud encostada a uma das colunas de mármore que circundavam a loja da *Prada*. O seu discípulo aprendera bem: nunca deixar as costas expostas em espaço aberto. Parecia estar em forma, como de costume, apesar do tiro que levava no início de maio, enquanto tentava derrotar o grupo palestiano que mantinha sequestrado o seu pai, o príncipe Kamal.

Al-Saud observou o seu antigo chefe, cuja cabeça branca se destacava sobre a multidão, a aproximar-se; os seus olhos azuis-celestes resplandeciam na escassa iluminação da galeria. Admirou-lhe a figura. Trajava à civil, e, contudo, um certo ar militar definia a sua atitude: talvez fosse o corte do cabelo ou o olhar, duro e alerta, ou ainda a forma como, apesar dos seus mais de setenta anos, caminha com orgulho, os ombros muitíssimo direitos. Detetou de imediato os dois agentes que lhe serviam de guarda-costas.

Apertaram as mãos e, sem mais delongas, caminharam em silêncio até à saída que dava para a praça do Duomo, a catedral de Milão.

– Fale tranquilo, general. Estamos protegidos. Ninguém pode intercetar a nossa conversa.

– Cavalo de Fogo – começou Raemmers – não pude dormir toda a noite. Quando mencionaste o Código Lambda, confesso que me deixaste nervoso.

O Código Lambda significa, no calão da *L'Agence*, que existe risco de explosão nuclear.

– O que eu tenho para lhe contar, general, vai deixá-lo mais do que só nervoso.

– Estou a ouvir.

– Chegou às mãos de Saddam Hussein uma invenção do ramo nuclear que poderá posicioná-lo como a primeira potência nesta área.

– A primeira potência na região?

– Não, general. No mundo.

Saíram para o exterior. Um contingente de turistas japoneses ocupava o pórtico e tirava fotos a torto e a direito; as pessoas agitavam-se em redor, com sacos de compras e um ânimo alegre que contrastava com a expressão de Raemmers.

– Continua, Cavalo de Fogo.

– Um tal Orville Wright roubou os planos e as fórmulas para desenhar uma centrífugadora de urânio que enriquece o mineral em poucos dias com baixos consumos de água e energia.

– Eu ouvi bem? Dias? Impossível!

– Vejo que está familiarizado com o processo de enriquecimento do urânio.

– Sim, um pouco. Por isso te digo que não é uma coisa de dias, mas sim de anos!

– É precisamente aí que reside o salto qualitativo da nova centrífugadora. Trata-se de um desenvolvimento revolucionário.

– A quem pertence? Que país a desenvolveu?

– Não foi um país, mas sim um físico nuclear argentino; um prodígio na matéria, segundo percebi, que morreu envenenado com rícino em meados de fevereiro deste ano, provavelmente às mãos de um assassino contratado por Orville Wright.

– Quem é esse Orville Wright?

– Não sei, mas posso assegurar-lhe que vendeu o invento a Hussein e que este iniciou a construção de várias centrífugadoras para começar a enriquecer o urânio e construir bombas. Numa questão de meses, o Iraque poderá dispor de um arsenal gigantesco.

– Não faltará dinheiro a Hussein para financiar o projeto. Sabemos que tem milhões e milhões em contas *offshore* e que, graças ao contrabando de petróleo, continua a obter grandes maquinas; em contrapartida o povo iraquiano não tem com que comprar um penso rápido. Que mais podes dizer-me, Cavalo de Fogo?

– Estão desesperados à procura de quem possa vender-lhes bolo amarelo. Sem o combustível nuclear, as centrífugadoras de nada servirão. Reservei uma mesa no Biffi – anunciou Al-Saud – Voltemos à galeria.

– As tuas novidades fizeram-me perder o apetite o que, estando na Itália e prestes a ocupar uma mesa no Biffi, é imperdoável.

– Nada disto estaria a acontecer se, ao terminar a Guerra do Golfo, os aliados tivessem derrotado Saddam – queixou-se Al-Saud.

– Não havia quem colocar no seu lugar, Cavalo de Fogo, e tu bem sabes. Hussein, por louco que seja, sabe como lidar com as forças poderosas que dividem o seu país. Se desaparecesse da cena política, uma guerra civil seria desencadeada numa questão de horas.

Al-Saud dirigiu-lhe um olhar de incredulidade eloquente, mesmo que se tenha absterido de expressar em voz alta o seu parecer. Percorreram em silêncio a nave da galeria até chegar ao restaurante Biffi, famoso por reunir personalidades da política e da música lírica dada a sua proximidade com o Scala. Raemmers ocupou uma cadeira e colocou o guardanapo sobre as pernas; a sua atitude, porém, não era descontráida – parecia concentrado nos seus próprios pensamentos, e tinha o sobrolho franzido.

– Como soubeste isso tudo? – acabou por perguntar a Al-Saud.

– Não lhe posso revelar a minha fonte, general, mas asseguro-lhe de que é fidedigna e de absoluta confiança.

– Eu sei. Não estarias aqui a contar-me tudo isto se não tivesses verificado a veracidade da informação. O que acabas de revelar-me, Cavalo de Fogo, provocará, sem dúvida nenhuma, um abalo nas agências de segurança ocidentais. A relação com o mundo árabe voltou a aquecer desde os atentados às embaixadas norte-americanas do Quênia e da Tanzânia.

Concentraram-se na escolha dos pratos. Apesar de não dominar o italiano, Raemmers compreendia os nomes das comidas visto que o menu era bilingue, escrito também em inglês. No momento de pedir, Al-Saud dirigiu-se ao empregado em italiano, assim despertando a admiração do seu antigo chefe.

– Fala inglês? – perguntou por sua vez ao empregado, ao que o homem respondeu que sim. – Diga-me, de que região da Itália é este homem? – questionou-o, apontando para Al-Saud. – Poderia sabê-lo pelo seu sotaque?

– Claro! É milanês! – assegurou-lhe o empregado antes de se retirar.

– Sempre me pasmou a tua habilidade para dominar línguas e a tua capacidade para imitar os sotaques – disse o general.

– Falo italiano desde muito pequeno – justificou-se Al-Saud. – Não se esqueça que os meus avós maternos só utilizavam esse idioma.

– É verdade. Mas, pelo que me recordo, os teus avós são piemonteses.

– Somente o meu avô Fredo. A minha avó é siciliana.

– Mas o empregado afirmou que eras de Milão.

– Bah! Foi fácil imitar o sotaque milanês.

– Não menosprezes o teu talento para as línguas. Lembra-te que foi um dos motivos porque te fomos buscar à tua fazenda em Ruão quando decidimos recrutar-te.

Raemmers evocou os velhos tempos, os longos meses de treino que tinham quebrado a vontade à maioria dos convocados, assim como os anos compartilhados em *L'Agence*, onde Al-Saud desempenhara o cargo de chefe de um dos comandos.

– Seria em vão voltar a pedir-te que voltasses a trabalhar connosco, não é?

– Como dizem os italianos, *sarebbe fatto spreco*. Seria um desperdício de fôlego – traduziu livremente Al-Saud.

Raemmers soltou um suspiro, esboçando em seguida um sorriso nostálgico.

– Que sabes do inventor desta centrifugadora revolucionária?

– Chamava-se Roy Blahetter. Era argentino: um homem jovem, quase na trintena, mas um génio. Enquanto estudava para o doutoramento no MIT conheceu Orville Wright, que lhe roubou parte da invenção; quando conseguiu terminá-la, Wright apanhou o resto e mandou assassiná-lo. O assassino é um ex-membro do grupo Baader-Meinhof, um berlinês com o aspeto e o tamanho de um urso pardo. O seu nome verdadeiro é Ulrich Wendorff, mas agora faz-se passar por Udo Jürkens. Os seus amigos da Mossad, general, conhecem-no bem.

– Não tenho amigos na Mossad. Neste mundo ninguém é amigo de ninguém.

– Sei que a Mossad e *L'Agence* trabalharam juntos em algumas missões.

– Neste momento atuamos em harmonia, mas nenhum dos dois organismos baixa a guarda, e estamos sempre desconfiados das intenções uns dos outros. É assim que deve ser no mundo da espionagem. Tu sabes, Cavalo de Fogo. Agora diz-me o que sabes deste tal Orville Wright e desse tipo que foi do Baader-Meinhof.

Al-Saud entregou-lhe o retrato *robot* atualizado de Jürkens e relatou-lhe algumas das incursões daquele em Paris, ainda que abstendo-se de comentar sobre a participação do berlinês no assalto perpetrado pelas Brigadas Ezzedine al-Qassam à sede da OPEP, em finais de abril; também não mencionou Matilde nem a sua relação com Blahetter. Ainda assim, forneceu-lhe a descrição de Orville Wright, e, ao repetir o que Aldo Martínez Olazábal lhe tinha confiado sobre o aspeto físico do cientista, recordou-se novamente do seu amigo Gérard Moses, o que lhe provocou um ardor na boca do estômago que acabou com o seu apetite, apesar das *pappardelle alle vongole* estarem sublimes.

Depois do café *ristretto*, decidiram dar por findo o encontro. Al-Saud pagou o almoço, deixou uma gorjeta generosa debaixo do saleiro e levantou-se ao mesmo tempo que o general. Caminharam pela ala central da galeria que conduzia à piazza della Scala e pararam para se despedirem frente à estátua de Dante Alighieri.

– Cavalo de Fogo, sei que me contaste isto porque confias em mim. Sei também que concedes a tua confiança a muito poucos, o que muito me honra.

– O senhor ganhou a minha confiança, general.

– E tu a minha. Agradeço-te que tenhas recorrido a mim. Quem sabe, talvez ainda tenhamos tempo para deter esse louco do Hussein.

– Assim espero.

Raemmers caminhou a passos largos até ao *Alfa Romeo* parado na Via Case Rotte. Os agentes seguiam-no a uma distância prudente e tomaram direções opostas depois de verificarem que o general dinamarquês tinha entrado no automóvel, o qual virou à direita na Via Alessandro Manzoni, desaparecendo da vista de Al-Saud.

Elijah decidiu regressar a pé ao Principe di Savoia. Estava consciente que adiava o encontro com a Natasha porque não a queria ver; o seu aspeto, abatido e moribundo, provocava-lhe repulsa. Ter-lhe-iam dado alta?

Em frente ao Scala recordou a afeição de Natasha pelo canto lírico, chegando mesmo a evocar a ocasião em que ela lhe confessara o seu sonho de adolescente: tornar-se cantora de ópera. Deteve-se junto à vitrina onde se lia o programa da temporada. Na semana seguinte, a soprano Renée Fleming interpretaria Lucrécia Bórgia na ópera de Donizetti. Se Natasha estivesse restabelecida, pediria a Thérèse que comprasse entradas para ela e para a Zoya.

Natasha, pensou, a mãe do seu filho. Não conseguia assumir a realidade que, de repente, lhe lançava um filho para os braços.

Avançou pela Via Alessandro Manzoni, a qual, em conjunto com a Montenapoleone, a da Spiga e o corso Venezia, formavam o «quadrilátero da moda». Por si passavam mulheres vestidas com roupas caras, de marca, que invadiam a calçada com as suas malas da *Emporio Armani*, *Chanel*, *Hogan*, *Loro Piana*, ou *Hermès* numa mão e com o caniche na outra. Respirava-se frivolidade e luxo: quem, como ele, caminhava preocupado com problemas de índole grave, sentia-se tentado a ignorar o ambiente. Porém, como considerava esse alheamento uma estupidez, Elijah decidiu refletir sobre o encontro que

acabava de ter. Perguntou-se como procederia o general Raemmers, que faria com a informação que lhe transmitira. Sem dúvida, mal chegasse a Londres entraria em contacto com Javier Solana, o secretário-geral da NATO, que por sua vez informaria as mais altas autoridades dos estados mais importantes da organização. Seria tratado como um assunto confidencial ao qual poucas pessoas teriam acesso; esses privilegiados decidiriam como atuar, e os grupos secretos de elite, bem como os agentes de segurança, resolveriam a ameaça. O público nunca chegaria a tomar conhecimento de nada: as pessoas continuariam a trabalhar, a dormir, a ir de férias e a ver jogos de futebol como se o mundo fosse um lugar seguro, algo que na realidade não era, apesar de homens como os da *L'Agence*, que arriscavam a vida lutando para eliminar os perigos e dar-lhe um ar de normalidade. Essa era outra vantagem de contar com soldados profissionais, uma mais-valia que Matilde desconhecia. No entanto, não podia censurar completamente – afinal, sempre se mostrara renitente em falar-lhe acerca da sua profissão.

Pediu o *Corriere della Sera* na receção do hotel e dirigiu-se para o quarto, onde lavou os dentes, bebeu um bom gole de água *Perrier* e se instalou no sofá a ler o jornal. As notícias aborreciam-no até que os seus olhos caíram sobre a palavra «Foxhound», a denominação da NATO para o avião russo *Mig-31*. *Tentativa frustrada de roubo de um Foxhound em exibição de voo aéreo na Índia*. Prestou atenção à medida que a narrativa adquiria características de um filme de ação. A exibição, na sua segunda edição – a primeira tinha sido em 1996 – decorria numa base aérea de Bangalore, no sul do país, onde empresas relacionadas com o mundo da aviação expunham os seus produtos. Segundo o artigo, o *Mig-31*, que se encontrava pronto no hangar para uma exibição, à primeira hora do dia seguinte, perante uma comitiva do Ministério da Defesa indiano, descolou durante a noite sem autorização nem assistência da torre. Os seguranças alertaram as autoridades da base aérea, que permitiram a descolagem de dois *Mirage 2000*. Graças ao serviço de um *Beriev A-50 Shmel*, um avião russo designado para controlar o espaço aéreo, determinou-se a posição do *Mig-31*. Os *Mirage* intercetaram-no sobre o Mar Arábico enquanto voava em direção a noroeste. O piloto ofereceu resistência e tentou a fuga, que foi gorada pelos pilotos indianos fazendo uso de armamento. O *Mig-31* explodiu ao receber o impacto de um míssil num tanque interno de combustível. O piloto conseguiu ejetar-se. Encontraram-no ao amanhecer, nas águas do Mar Arábico, inconsciente, rodeado por uma estrela de cor fúchsia fluorescente. De regresso a Bangalore, foi conduzido a um hospital militar, onde ficou sob prisão. O jornalista aventava perguntas sem resposta imediata; como por exemplo para onde se dirigia o *Mig-31*? A sua grande autonomia, capaz de percorrer longas distâncias sem necessidade de reabastecer, era famosa. Que declarações fizera o piloto? Nem sequer se sabia se permanecera no hospital ou se fora transferido para a base aérea de Bangalore. O Ministério da Defesa indiano mantinha-se em silêncio perante as perguntas da imprensa. A questão parecia fechada a sete chaves.

Al-Saud recostou-se no sofá e meditou sobre o assunto. De súbito, recordou-se de outro acontecimento, sobre o qual havia lido no *Le Figaro*: a tentativa de roubo de um *Rafale*, a nova joia de Dassault. Então, a notícia impressionara-o não apenas pela ação mas porque o *Rafale* acabara por se desintegrar no ar. Recordou-se de que não existiam coincidências, deduzindo que por trás dos dois

acontecimentos se escondia a mesma mente. Quem estava a tentar arranjar aviões de guerra? E para quê?

Donatien Chuquet saiu do apartamento que ocupava na Base Zero e caminhou pelo corredor lúgubre graças à fraca iluminação artificial e às paredes de betão, cuja cor cinzenta o deprimia. Havia semanas que não via a luz do sol; necessitava do seu calor na pele. Fauzi Dahlan prometera-lhe que o levaria com ele a Bagdade para que se distraísse um pouco; no entanto, mostrou-se intransigente quando tentou que o mesmo privilégio fosse estendido aos pilotos. Dahlan concluiu a questão declarando que os rapazes não sairiam da Base Zero até que terminasse a seleção.

Chuquet estava preocupado: nenhum dos pilotos satisfazia as exigências da missão. Não se tratava de falta de horas de voo ou de experiência em contenda bélica, mas de algo mais elementar: medo. Chuquet acreditava que, para os levar a participar na seleção e a viajar para um lugar desconhecido nas entranhas do Iraque, os homens de Dahlan haviam recorrido a ameaças. Desconheciam o motivo pelo qual tinham sido convocados, e Chuquet fora proibido de os informar; no entanto, a julgar pelas atitudes, pelos olhares esquivos e pelo temperamento nervoso, os pilotos deviam suspeitar que se encontravam perante uma missão de alto risco. Por terem crescido sob o rigor do regime Baas, não manifestavam as suas opiniões nem faziam perguntas; fora-lhes inculcado, desde tenra idade, a ideia de que a curiosidade mata o gato. Contudo, as dúvidas consumiam-nos e alteravam-nos, e o pânico paralisava-os, não lhes permitindo avançar. Submetidos a uma pressão psicológica esmagadora, os pilotos não iriam concluir com êxito a missão, e a cobrança dos setenta por cento dos seus quatro milhões de dólares seria uma quimera.

É certo que a falta de aviões não facilitava nem a seleção nem o treino. Tal ideia nunca fora tida em conta, uma vez que os aviões *AWACS* norte-americanos, assim como os satélites, teriam facilmente detetado os treinos e dado o aviso imediato, fomentando queixas e mais sanções por parte da ONU. No entanto, saber com que aviões a missão contaria teria permitido a Chuquet traçar a melhor estratégia; não era o mesmo pilotar um *Sukhoi* ou um *F-14 Tomcat*. Por agora, os alunos contentavam-se com os simuladores e as telas gigantes de seguimento de voo.

O francês ficara surpreendido ao entrar pela primeira vez nas salas onde há anos se aplicava uma tecnologia para o ensino com a qual os formadores da base aérea de Salon-de-Provence só muito recentemente haviam contactado.

A poucos metros da porta que separava a ala das habitações da zona de aulas, um soldado interpelou-o e exigiu que aguardasse num inglês macarrónico. Ouviu-se o trinco da porta que se ativava sempre que o cartão de identificação deslizava pelo leitor. Um grupo de homens avançou transportando uma maca. Fauzi Dahlan abria a comitiva. Pelo gesto que lhe fez, Chuquet percebeu que não lhe agradara encontrá-lo ali.

O cortejo passou ao lado dele, Fauzi saudou-o com um ligeiro sorriso e uma inclinação da cabeça, e Chuquet não controlou a curiosidade, lançando uma olhadela discreta ao doente que, ainda que de olhos

fechados, estava consciente porque se queixava em inglês que as talas no braço o incomodavam. Chuquet reconheceu-o como o estranho de sobrancelhas cerradas e nariz proeminente que por duas vezes avistara a conversar com Fauzi Dahlan. Pelos sorrisos submissos que Dahlan lhe endereçara nessas ocasiões e pelos gestos afetados com os quais adornara os seus discursos, Chuquet concluiu que o «sobrancelhudo», como o apelidava, era uma pessoa importante para o Baas. Nem ele nem os pilotos tinham autorização para aceder ao setor onde o «sobrancelhudo» trabalhava, e perguntava-se se a sua missão se relacionava com o que fosse que o homem, de aspeto repugnante, fazia na base, vários metros debaixo de terra.

Desviou os olhos da maca e estremeceu quando o seu olhar se cruzou com o do gigante que fechava a comitiva. A envergadura do seu corpo e a proeminência do maxilar quadrado juntavam-se à crueldade que lhe destilava do semblante. De modo instintivo, Chuquet afastou-se.

O grupo entrou no setor proibido, e Chuquet obteve uma visão das costas do gigante antes de a porta fechar. O soldado permitiu-lhe então avançar. Deslizou a credencial no leitor, e acedeu ao setor de treino. Os alunos aguardavam-no, sentados em poltronas na sala aonde passavam a maior parte do dia. Um silêncio acompanhou a sua entrada, e vários pares de olhos negros e grandes seguiram-no até que ocupasse o seu lugar na primeira fila, em frente ao ecrã de seguimento de voo. Deprimia-o trabalhar com estes pilotos que o recebiam com ar de condenados à morte. Bem, reconheceu, no dia em que escolhesse, dois deles transformar-se-iam de facto em condenados à morte.

Dois dos pilotos esperavam na sala contígua, dentro de simuladores cujas manobras numa *dogfight* iriam refletir-se na tela. Os outros analisariam os erros e os acertos. O avião de cor verde correspondia ao do piloto que pretendia invadir um espaço aéreo inimigo, e o vermelho representava o defensor desse mesmo espaço. Chuquet pôs os auriculares e aplicou o microfone perto da boca antes de dar a ordem para que se iniciasse a batalha aérea simulada.

No final do dia, Fauzi Dahlan convocou-o ao seu gabinete. Continuava de mau humor. Acenou-lhe para que se sentasse. Chuquet aguardou em silêncio enquanto o iraquiano se perdia nas suas conjeturas: com o indicador e o polegar massajava o queixo ou torcia o bigode de forma descoordenada. O francês desconhecia as pressões a que estava sujeito. Não se tratava apenas do atraso na construção das centrifugadoras e da bomba, por conta do ataque de porfíria do professor Orville Wright, mas também de Rauf al-Abiyia, que não concretizara a aquisição de bolo amarelo – ainda que assegurasse que estaria para breve – e do fracasso da última tentativa para arranjar um avião, um *Mig-31* subtraído à exibição de voo aéreo na Índia; Fauzi Dahlan perguntava-se o que teria acontecido ao piloto a quem ameaçara matar a família se não roubasse o avião. Tudo parecia estar a ir por água abaixo.

– Como vai o treino? – dignou-se perguntar alguns instantes depois.

– Não tão bem como eu esperava. – A expressão de Dahlan endureceu. – Não creio que algum destes homens tenha capacidade para levar a cabo esta missão – prosseguiu Chuquet. – É difícil avaliarmos com certeza sem os experimentar num avião, mas, dada a minha experiência como docente, posso assegurar-lhe que não têm os nervos de aço requeridos para uma tarefa deste género.

– São os nossos melhores pilotos! Homens condecorados!

– Senhor Dahlan, vocês contrataram-me porque, certamente, averiguaram o meu percurso como formador, por isso peço-lhe que confie na minha opinião. Continuarei a avaliar estes pilotos. Talvez, com o passar das semanas, consiga descobrir neles os talentos de que estou à procura. Mas é meu dever comunicar-lhe que as minhas expectativas não são muito altas. É uma missão difícil.

– Está então a dizer-me que não existe nenhum piloto no mundo que possa fazer algo assim, invadir o espaço aéreo israelita? – questionou-o Dahlan com ironia, e Chuquet pensou imediatamente no seu antigo cadete, Eliah al-Saud. – Serão estes judeus invencíveis?

Donatien Chuquet preferiu não contestar, embora tivesse acabado de guardar um ás na manga.

Al-Saud arremessou o *Corriere della Sera* para o cesto do lixo. Na casa de banho, deu uma penteadeira e perfumou-se com *Givenchy Gentleman* – há muito tempo que não usava o seu favorito, *A Men*, e a lembrança provocou-lhe uma picada nostálgica –, atou as mangas de um casaco azul-marinho *Dolce & Gabbana* ao pescoço e saiu do hotel. O paquete conseguiu-lhe um táxi que o conduziu à Via Taormina, ao apartamento de Natasha Azarov. Já não fazia sentido adiar mais o encontro.

Mónica, a empregada doméstica, informou-o, com a voz congestionada e gestos desconsolados, que a senhora Natasha continuava internada; a senhora Zoya estava com ela.

– Quer ver Kolia? Posso trazê-lo, senhor Eliah. Está acordado.

Al-Saud preferiu ir até ao quarto do menino. Encontrou-o de pé, encostado à trave do berço. Kolia abriu desmesuradamente os olhos azuis-celestes ao descobri-lo no umbral, e Al-Saud soltou uma gargalhada com uma expiração forte. Ficou junto à ombreira da porta, olhando-o com um sorriso ao qual o menino correspondeu com outro, tão exuberante que Al-Saud lhe conseguiu ver as gengivas sem dentes. Com a mãozita esquerda agarrada à trave, Kolia inclinou-se com dificuldade – não era fácil conservar o equilíbrio sobre o colchão –, agarrou um boneco com a mão direita e levantou-se. Esticou o braço e ofereceu-o a Eliah.

– Está a conquistá-lo – comentou Mónica atrás dele. – Quer pegar-lhe, senhor Eliah? Acabo de lhe dar o banho e de o mudar. Cheira muito bem.

Al-Saud aproximou-se do berço. Kolia olhava para ele fixamente, com uma expressão serena de pessoa adulta e sábia. Al-Saud pegou-lhe pelas axilas e levantou-o, e o menino emitiu um gritinho que transmitia alegria. Aproximou o nariz do pescoço rechonchudo e inspirou com anseio. «Sim, cheira a água de colónia para bebé», e de novo a picada de nostalgia lhe fez doer o coração. Cheirava a Matilde.

Eliah deslocou-se para a sala com Kolia nos braços, e instalou-se no cadeirão com ele sobre as pernas. Ao fim de uma hora passada a ver as caretas do menino, estudando-lhe as mãozinhas, o pulso roliço, as covinhas das bochechas e a forma da cara, pasmou-se ao constatar o quanto estivera entretido. «És o meu filho», desejara sussurrar-lhe, não fosse o caso de lhe ser impossível pronunciar as palavras em voz alta; também ainda não o chamara pelo nome, nem sequer para si. Ainda era apenas «o menino».

Apesar de se ter sobressaltado com o barulho do telemóvel, Kolia recompôs-se de imediato e tentou agarrar o aparelho várias vezes enquanto Al-Saud falava com Zoya.

– Onde estás?

– Em Milão. Em casa da Natasha, com o menino.

– Então vem cá, Eliah. O doutor Moretti acaba de me dizer que ela piorou. Temo que não passe desta noite.

O Dr. Moretti autorizou Al-Saud a entrar na Unidade de Cuidados Intensivos ainda que o horário das visitas tivesse terminado. As pestanas de Natasha, que antes eram espessas e agora estavam finas, mexeram-se quando Al-Saud sussurrou. A rapariga sorriu, e brotou-lhe sangue das gretas dos lábios. Arrastou as mãos sobre o lençol até tocar em Al-Saud, que lhas apertou com vigor a fim de estrangular o pranto que lhe subia pelo peito.

– Sossega, Tasha – articulou com dificuldade. – Kolia é meu filho. – Declarou-o num ato de compaixão, movido pela amargura na expressão da jovem; porém, ao pronunciar as palavras, a opressão que o perturbava abandonou-lhe o peito. – A minha irmã Yasmin confirmou-mo.

– Vais gostar dele? Vais levá-lo para viver contigo?

– Sim, já to prometi. Quero que estejas tranquila para que te recomponhas e voltes para casa com o menino.

– Estou tranquila, Eliah. Agora estou bem.

Natasha morreu no dia seguinte, sexta-feira, 2 de outubro, por volta da uma da tarde, e Al-Saud manteve-se ocupado com os trâmites legais e as questões do enterro, o que o impediu de refletir sobre o que a morte da mãe do seu filho implicava. Sobre Zoya caiu a responsabilidade de contactar a família Azarov em Ialta e comunicar-lhes a má notícia. Depois de desligar, a mulher passou um bom tempo a chorar no sofá da sala, enquanto Mónica a tentava consolar e Al-Saud a contemplava com expressão neutra.

Sepultaram Natasha na segunda-feira seguinte, 5 de outubro, pela manhã, no cemitério Monumental, no centro de Milão, no talhão destinado às famílias aristocráticas e a personalidades destacadas da política e da arte. Al-Saud prometeu uma doação generosa a uma inglesa ortodoxa se um sacerdote dissesse uma oração antes de o caixão baixar à terra.

Tratava-se de uma visão triste a que compunha o pequeno cortejo que cruzava o Famedio, a construção principal do cemitério, até ao parque; Eliah, Zoya, o fotógrafo que ajudara Natasha a conseguir trabalho em Milão e a sua esposa; Mónica e Kolia tinham ficado no apartamento da Via Taormina.

Uma vez cerrada a cobertura de mármore, Al-Saud entregou um envelope com vários milhares de liras ao sacerdote, agradeceu ao fotógrafo e à mulher e conduziu Zoya até ao automóvel negro reservado pelo Principe di Savoia, indicando ao motorista que os conduzisse ao número trinta e quatro da Via Taormina. Assim que entrou no apartamento, avistou Kolia sobre o tapete, rodeado dos seus bonecos e jogos. O menino levantou o olhar, agitou as mãos e sorriu, alheio à tragédia que se desenrolava à sua

volta. Al-Saud, impulsionado por uma força desconhecida, levantou-o do chão e abraçou-o. Kolia não lhe inspirava pena mas sim uma irreprimível necessidade de o proteger.

– Mónica – pediu, com o menino nos braços –, prepara uma pequena mala com a roupa de Kolia, os jogos e tudo o que lhe pertence. Vamo-nos embora amanhã de manhã. Venho buscá-lo às oito.

– E eu, senhor Eliah? Irei convosco?

– Quer continuar a cuidar de Kolia?

– Claro! Adoro-o como se fosse do meu sangue!

– Está bem. Nesse caso, virá connosco.

– Para onde?

– Vamos para uma cidade no Piamonte.

Zoya saiu da casa de banho. Tinha lavado a cara congestionada, tirado a roupa e vestido um roupão de banho. Encostou-se no peito de Al-Saud, e Kolia tentou puxar-lhe o gancho do cabelo.

– Zoya, quero que tomes conta das coisas de Tasha.

– Tomar conta? Não tenho cabeça para nada, Eliah.

– Quero que empacotes as coisas dela e que as dês, as vendas ou as envie à sua família em Ialta. O que achares mais conveniente.

– Aos Azarov convinha-lhes que vendesse tudo e lhes enviasse o dinheiro. Ainda que – disse, lançando um olhar em redor –, não creio que lucre muito com este lixo.

– Os Azarov passarão a receber uma quantia generosa mensalmente. Ocupar-me-ei disso.

Zoya olhou-o nos olhos, com um sorriso trémulo.

– És o homem mais generoso que conheço.

– Sim, sim – declarou Eliah com ar brincalhão –, sou o melhor. Paga o aluguer, fecha o apartamento e devolve as chaves. Ainda te resta algum do dinheiro que te dei? – Zoya acenou que sim. – Ocupa-te de tudo, por favor.

– Sim, vou fazê-lo.

– As fotografias de Tasha, em especial as que fez com Kolia... Quero que as leves para Paris e que as entregues à minha secretária. O mesmo se encontrares algum diário íntimo, cartas ou outras coisas mais pessoais, para que Kolia tenha recordações da mãe.

Zoya, incapaz de articular qualquer palavra, abanou a cabeça, concordando.

De tarde, Al-Saud reuniu-se com o advogado designado por Natasha, Luca Beltrami, para assinar a documentação com a qual se iniciaria o pedido de paternidade. Não havia problemas, assegurou-lhe Beltrami. Tratava-se de um caso sem conflito, com o acordo de ambos os progenitores.

– Num par de meses – prognosticou o advogado –, Kolia passará a chamar-se Nicolai Eliah al-Saud.

De repente, ao escutar aquelas palavras, Al-Saud sentiu-se invadido por uma emoção que nunca pensou experimentar em relação ao filho de Natasha Azarov. Pensou em Matilde, no quanto precisava dela, e também em como ficaria feliz quando lhe contasse sobre Kolia. Ou seria que o facto de outra lhe ter dado o que ela jamais lhe poderia oferecer a deixaria complexada e deprimida? Matilde não superara

a perda da fertilidade, o que a tornava insegura e desconfiada.

De volta ao hotel, e enquanto aguardava o jantar no quarto, Eliah decidiu telefonar à mãe que se encontrava em Jeddah, na Arábia Saudita; eram dez da noite, duas horas a mais do que em Itália. Sentou-se, ou melhor, recostou-se, soltou um suspiro para relaxar os músculos e apoiou o cotovelo no braço da poltrona, apertando as pálpebras à medida que os toques se repetiam. Yaluf, o sobrinho do velho mordomo da propriedade, Sadún, atendeu, e exclamou «Alá seja louvado» ao reconhecer-lhe a voz, retendo-o ao telefone vários minutos, que Eliah tolerou devido ao afeto que sentia pelo homem.

– Eliah, meu tesouro! – exclamou Francesca quando Yaluf finalmente lhe cedeu o telefone; a surpresa da mãe deu a Al-Saud a noção do pouco que costumava contactar com ela. – Como estás, meu amor?

– Preciso de ti, mamã.

Um frémito de alegria percorreu Francesca: era a primeira vez que o seu terceiro filho dizia ter necessidade dela.

– Estou aqui para o que quiseres, Eliah.

– Necessito que viajes para a Villa Visconti. Amanhã, se possível. Vou chegar por volta do meio-dia.

– Que se passa, filho?

– Nada, mamã. Não te preocupes. Amanhã explico-te.

– Posso ir com o teu pai?

– Sim. Traz roupa para uma grande temporada.

– Quão grande?

– Pelo menos, um par de meses.

Kamal Al-Saud apertou a mão da esposa, pousada à dele na poltrona do *Learjet* que os transportava até ao aeroporto de Turim, capital da região piemontesa, no norte de Itália. Francesca afastou a cara da janela para olhar para ele e sorriu com a intenção de o tranquilizar. Kamal sabia que estava nervosa e preocupada; não tinha pregado olho.

– Não deve ser nada de grave – animou-a. – Já averiguaste que Shariar e a família estão bem; Yasmin também. Alamán e Joséphine estão muito felizes em Paris. A tua mãe e Fredo asseguraram-te que gozam de excelente saúde. Quem pode estar mal?

– Não sei, Kamal. Achei-o esgotado, angustiado. Sinto que se trata de algo, não direi grave, mas pelo menos muito importante.

– Saberemos dentro de pouco tempo. Não quero que te angusties, meu amor. – Inclinou-se para lhe cheirar o pescoço impregnado de *Diorissimo*.

No aeroporto, os guarda-costas alugaram um automóvel para os conduzir a Châtillon, a cidade onde se situava a Villa Visconti, a uns setenta e cinco quilómetros a norte de Turim.

A meio do terreno da *villa*, propriedade da família de Fredo desde o século XVIII, erguia-se um castelo que o dinheiro dos Al-Saud conservara em esplêndidas condições. O automóvel deteve-se frente

à escadaria que conduzia à entrada, cuja porta dupla de carvalho com ferragens de bronze brilhava à luz das primeiras horas da tarde. Francesca desceu do veículo e inspirou o ar da montanha, aromatizado com a resina dos pinheiros e dos ciprestes que flanqueavam a casa. Deteve-se ao pé da escada de mármore, apoiou a mão sobre a balaustrada e dirigiu o olhar até cima; protegeu os olhos com a sombra das mãos e ficou quieta a observar o menino que Antonina, a sua mãe, carregava nos braços.

– *Ciao, carissimi! Benvenuti!* – saudou-os a anciã, que não obteve resposta.

Francesca pensou que se tratasse de Dominique, o mais pequeno de Shariar, ideia que descartou ao descobrir a cor azul-celeste, quase turquesa, dos olhos do menino; os de Dominique eram escuros como os do pai. Kamal pousou-lhe as mãos na cintura e obrigou-a a subir.

Fredo e Eliah encontravam-se no vestíbulo. Francesca cruzou o olhar com o do filho e percebeu o nervosismo que o dominava, coisa tão pouco frequente nele que só serviu para a desorientar ainda mais.

– Olha, *figlia mia!* – exclamou Antonina. – Olha que lindo *bambino!*

Parecia à Francesca que, apesar do entusiasmo da mãe, o menino estava a tornar-se um peso que os seus ossos não aguentariam por muito mais tempo. Tomou-o e observou-o de perto. O pequeno – não teria mais de sete ou oito meses, calculou – afastou-se para a estudar com um tão sério e concentrado que arrancou gargalhadas a Francesca e a Kamal.

– De quem é este menino? – Mal terminou a pergunta, soube que se tratava de uma questão retórica, porque a dúvida que a assaltara enquanto subia as escadas se esclareceu assim que a criança reagiu ao som da sua voz: franziu o sobrolho, apertou os lábios e dilatou as narinas, e Francesca retrocedeu trinta anos.

– É meu filho – ouviu Eliah responder.

– Sim. É igualzinho a ti – balbuciou, emocionada; ainda que desejasse ardentemente perguntar o nome dele, a emoção não o permitiu.

Juntaram-se numa das salas do rés do chão, na qual Fredo passava o tempo a ler, a responder cartas e a ver televisão. Francesca, mais recuperada, não se conformava a entregar Kolia à tal Mónica para que o levasse para dormir. Convenceu-se a separar-se do neto apenas quando o menino esfregou os olhos com os punhos e choramingou.

– Tive conhecimento de Kolia há umas semanas – explicou Eliah – e Yasmin confirmou que é meu. Com um exame de ADN – acrescentou.

– Quem é a mãe?

– Natasha Azarov, uma rapariga com a qual saí durante uns meses no ano passado. Desapareceu sem me dizer que estava grávida.

– Azarov? É russa? – interessou-se Kamal.

– Não, ucraniana.

– Aonde está? Porque não está com o filho?

– Morreu na passada sexta-feira. De leucemia.

A palidez súbita de Francesca recordou a Eliah a facilidade com que Matilde perdia a cor ou corava.

– Porque estás aqui em Itália?

– Natasha vivia em Milão. Trouxe o menino para a *villa* porque não posso sair com ele do país sem que a documentação que me atribui a paternidade esteja pronta. Levará uns meses. Dois ou três, julgo. Mamã, preciso que fiques com ele até que possa levá-lo para Paris. Mónica é uma boa mulher; conhece Kolia desde que nasceu e cuida dele muito bem. Não terás que fazer nada, mas preciso que alguém da minha confiança a supervisione.

Francesca consentiu de forma automática, apesar de meio desorientada. Claro, tinha a certeza de que Eliah era o pai de Kolia; ao segurá-lo nos braços foi como se visse o filho quando tinha a mesma idade. Antonina, a mais entusiasta e a que menos perguntas colocava, trouxe-lhe um álbum de fotografias velhas, onde constava um retrato de Eliah, no qual a semelhança com Kolia era notória.

– *Nonna*, posso ficar com esta foto?

– Sim, tesouro. Fica com ela.

Mais tarde, enquanto o menino os observava de uma cama improvisada, Francesca e Eliah permaneciam em silêncio junto à cabeceira. Kolia meteu uma chucha na boca e apertou, contra a sua barriguinha, uma ovelha de peluche. Começou uma atividade mecânica que parecia acalmá-lo e adormecê-lo: enrolava a franja com o indicador da mão direita.

– Por que é que a mãe desapareceu sem te dizer que estava grávida?

– Teve as suas razões. Não posso culpá-la.

Francesca anuiu, sabendo que não devia insistir.

– Já contaste a Matilde acerca do bebé?

– A Matilde e eu estamos separados.

Francesca moveu a cabeça de maneira mais rápida do que teria desejado e observou rapidamente o perfil do filho antes de voltar a fixar-se no neto. Ela conhecia aquele gesto: a compressão dos lábios com o agitar das narinas indicava a dor que tal declaração lhe causava.

– A Sofia disse-me que já está completamente restabelecida do ferimento que lhe fizeram no Congo.

– Eliah manteve-se imperturbável. – De qualquer modo... Gostas dela, meu amor? – Não pôde impedir-se de lhe acariciar as orelhas, o cabelo e o queixo áspero, sentindo saudades do tempo em que fora um bebé suave e gorducho.

– Mamã, achas que seria muito duro para a Matilde ter tido um filho com outra?

– Perguntas isso devido à sua esterilidade? – Eliah anuiu com um movimento impercetível, sem se voltar para ela. – Não conheço a Matilde muito bem, mas atrever-me-ia a dizer que amaria Kolia como se fosse dela.

Eliah girou o pescoço de maneira brusca e baixou os olhos para fundi-los com os da sua mãe. Ao descobrir a angústia que ensombrecia o rosto do seu filho, Francesca sentiu uma grande compaixão. Voltou a acariciar-lhe o rosto e sorriu para pronunciar as palavras que ele precisava de ouvir.

– A Matilde aceitará o teu filho porque é teu, e vai amá-lo porque não sabe fazer outra coisa. Não tenhas dúvidas.

Elijah inclinou-se sobre as costas da cadeira e fingiu interessar-se no bem-estar de Kolia para ocultar a emoção que lhe alterava as feições. A tensão nos músculos da cara foi cedendo graças à paz que lhe transmitia a imagem do filho, finalmente a dormir.

– Virei vê-lo com frequência – prometeu.

Capítulo 5

Rauf al-Abiyia atuava em contrarrelógio na corrida para assaltar o cargueiro *Rey Faisal*. Depois da entrevista com o agente de seguros de Everdale Insurance Brokers Limited, conhecia a rota que tomaria o barco saudita, muito favorável aos seus planos já que cruzaria o Canal de Suez, navegaria pelo Mar Vermelho e desembocaria no golfo de Adém, o Corno de África, onde os piratas somalis o aguardariam. Contudo, a operação apresentava algumas pontas soltas; por exemplo, a necessidade premente de instalar um aparelho no *Rey Faisal* que emitisse um sinal a denunciar a sua localização em alto-mar. Neste sentido, Yasif Qatara, o homem de Bengasi que alugaria o barco no qual o bolo amarelo iria ser transferido, sugerira-lhe que pusesse um radio localizador de onda larga numa zona perto da proa do barco saudita.

– Eu posso fornecer-to – propôs Qatara, lançando-se de imediato numa explicação ininteligível sobre frequências, ondas, sistemas de navegação e de triangulação.

– Ouve, Yasif, não compreendo nada do que me dizes. Dá-me o dispositivo, explica-me como e onde colocá-lo e não me aborreças mais. Serão os teus homens que terão de localizar o *Rey Faisal* em alto-mar; a mim cabe-me supervisionar a carga e a acompanhá-la até ao porto de Umm Qasr.

No terminal de contentores de Alcântara do porto de Lisboa, Al-Abiyia observava através de uns binóculos o cargueiro *Rey Faisal*, um barco imponente, de grande envergadura, perguntando-se como raio instalaria o aparelho – uma caixa branca de plástico, de uns trinta centímetros de comprimento por dez de largura – que arrastava com ele desde Bengasi e da qual se queria desembaraçar o mais rápido possível. Por breves momentos, ponderara esquecer a missão e desaparecer, mas logo se arrependia: sabia que pelo menos dois dos homens de Fauzi Dahlan tinham como missão seguir-lhe o rasto.

Passou um dia a estudar o movimento do barco. Ainda não se procedera ao carregamento dos bidões com o combustível nuclear; o *Rey Faisal* aguardava a sua vez enquanto outros barcos descarregavam. Uma escada branca usada unia a coberta à plataforma do cais. A tripulação ia e vinha, assim como os empregados do porto, incluindo dois oficiais da capitania.

Rauf voltou no dia seguinte envergando a farda dos empregados do porto. Para o conseguir, desenterrara os seus dotes de ladrão, desenvolvidos no campo de refugiados no Cairo. O funcionário lisboeta, escolhido por ter o seu tamanho, ficou em cuecas a tremer no meio da rua escura e desabitada que rodeava o porto.

Graças à vigilância do dia anterior, sabia que, por volta do meio-dia a atividade no barco ficava reduzida porque a tripulação praticava o azalá, a grande oração de sexta-feira, e até o guarda que permanecia no topo da escada se retirava para rezar. Subiu os degraus em passo firme e com cara erguida, aproveitando a segurança que lhe proporcionavam o uniforme e a identificação que pendia na

lapela da camisa. Não tivera tempo suficiente para executar o seu trabalho na perfeição: a fotografia no cartão não era a sua. Mas, numa inspeção rápida, ninguém notaria a diferença.

O golpe de sorte fê-lo sorrir e concluir que dessa vez Alá estava com ele: a portinhola ao cimo da escada estava fechada, mas sem cadeado. Empurrou-a. Ninguém apareceu, e pôde avançar até à proa por estibordo. A caminhada pareceu-lhe interminável: o barco era enorme (teria uns cinquenta metros de distância, da popa à proa). Por sorte, havia vários cantos onde esconder o rádio sinalizador. Decidiu segurá-lo com a faixa e envolvê-lo em torno do mastro curto, de metro e meio de altura, cuja utilidade constituía um mistério para o palestiano, e que, por alguma razão, estava coberto por uma tela plástica laranja com o logótipo da Aramco, a companhia petrolífera saudita. Retirou-a e pegou no aparelho envolvendo-o várias vezes na faixa, que rangia ao desenrolar do carrete, o qual cortou com um canivete *Victorinox*. Apertou o botão para ligar, e uma luz vermelha piscou. Segundo Qatara, a bateria duraria semanas. Depois, cobriu o pau novamente com a tela laranja.

Ao voltar compreendeu que a sua sorte acabava de mudar: o guarda tinha regressado. Al-Abiyia caminhou com o mesmo passo firme que usara para entrar e colocou um sorriso que o marinheiro não retribuiu. O homem repreendeu-o e Rauf fingiu que não compreendia a sua língua materna. Falou em inglês, explicando que, dada a natureza da carga, se dispunha-se a levar a cabo uma revisão de rotina com um aparelho que esquecera na oficina. Voltaria dentro em pouco. O marinheiro saudita deixou-o passar com uma expressão de poucos amigos e, vinte minutos mais tarde, Rauf al-Abiyia transpunha os limites do porto com destino ao hotel. Consultou as horas. Contava apenas com o tempo exato para chegar à estação de comboios e embarcar na próxima composição com destino a Madrid.

Quarta-feira, 7 de outubro. Al-Saud entrou nos escritórios da Mercure no George V muito cedo, ainda não eram oito horas. A fiel e eficaz Thérèse já lá se encontrava.

– Espero-a no meu gabinete, Thérèse. Traga-me uma chávena de café, por favor.

Assim que pousou a chávena, que soltava um aroma intenso e delicioso, a secretária começou a enumerar os assuntos que requeriam a decisão, a presença ou a assinatura do presidente de Mercure. Al-Saud bebeu os primeiros golos sem lhe prestar atenção. Por fim interrompeu-a, entregando-lhe um envelope.

– Thérèse, Matilde tem de receber este envelope hoje mesmo. Contrate uma empresa para que o entreguem neste endereço. – Num *post-it*, garatujou «*rua Toullier, número nove, segundo andar, apartamento B*». Sabia, pelas informações que recebia diariamente de Noah Keen e de Ulysse Vachal, os guarda-costas de Matilde, que esta passava alguns dias com a tia Enriqueta.

– Tratarei desse assunto imediatamente, senhor. Ontem chegou uma carta. É do senhor Falur Sayda – transmitiu Thérèse, referindo-se ao representante de Yasser Arafat em França.

Al-Saud lançou um olhar indiferente ao envelope. Supôs que continha a resposta ao orçamento que a Mercure elaborara em meados de setembro para se encarregarem do treino da Força 17, a *garde du corps* do *rais* Arafat, e convertê-la num grupo de elite. Tinham demorado na análise e na resposta,

pensou, sorrindo interiormente com desdém; na realidade, os palestinos não se podiam gabar da sua eficiência.

Thérèse ainda lhe tomou mais quinze minutos para despachar outros assuntos pendentes. Quando terminou voltou para a sua sala, e Al-Saud dispôs-se finalmente a ler a carta de Falur Sayda. Como não desejava instruir um grupo de soldados indisciplinados, de ideologia oposta à da OLP, elabora propositadamente um orçamento exigindo honorários exorbitantes e com cláusulas rigorosas. Levantou as sobrancelhas no fim da missiva: o *rais* aprovava o orçamento e pedia apenas algumas pequenas mudanças nas condições contratuais. Num *post scriptum*, Sayda assegurava-lhe que iniciara a purga sugerida por «sua alteza» para eliminar os elementos suspeitos de serem simpatizantes de Hamas. Al-Saud pousou a folha sobre a secretária e fixou o olhar num ponto indefinido enquanto pensava no cunhado, Anuar al-Muzara. Se conhecesse o seu paradeiro, iria à sua procura para o matar. O líder do braço armado de Hamas errara no dia em que ameaçara Matilde. Endireitou-se de súbito na cadeira e golpeou a secretária com o punho quando uma revelação lhe ocorreu: Anuar al-Muzara enviara Jürkens ao Congo para sequestrar a Matilde, tal como fizera na capela da Medalha Milagrosa. Como é que ele não pensara nisso antes? Uma vez que o berlinense falhara em ambas as ocasiões, o palestino decidira arriscar-se e enfrentá-lo com ameaças. Voltou a reclinar-se na cadeira quando se lembrou da afirmação de Juana, segundo a qual Jürkens defendera a vida à Matilde. «*Salve-a*», tinha-lhe suplicado, enquanto lha entregara, inconsciente e gravemente ferida. Não esquecia as palavras de Juana: «*Deu-me a impressão se interessava muitíssimo por Mat, como se estivesse apaixonado por ela.*»

– Merda! – O enigma tornava-se tão complexo e emaranhado que se sentia idiota. Estava atordoado, e o que minutos atrás se lhe tinha ocorrido como uma grande verdade – que Jürkens trabalhava por conta e ordem de Anuar al-Muzara – perdia validade à luz do comportamento estranho do berlinense. Como encaixava Natasha Azarov naquele quebra-cabeças? Onde entrava Orville Wright, o autor intelectual do assassinato de Roy Blahetter, segundo Martínez Olazábal?

Peter Ramsay, que entrou no seu escritório sorrindo e com ar juvenil, resgatou-o do labirinto de conjunturas onde mergulhara.

– Até parece que ganhaste a lotaria – aludiu Al-Saud num tom amargo.

– Mais do que isso! Voltei de Rutshuru porque o meu advogado, aquele que está a tratar do divórcio, me chamou para informar que a sentença será lida dentro de poucos dias. Leila e eu estamos a preparar tudo para o nosso casamento.

– Fico contente por vocês.

– A tua alegria aflige-me.

– Ultimamente não sou boa companhia para ninguém. Não faças caso. Vamos à sede. – Pôs-se de pé, vestiu o casaco e dispôs-se a sair. – Dentro de meia hora temos uma videoconferência com Mike e Tony. – Al-Saud referia-se aos outros sócios, que continuavam a orientar a missão no Congo Oriental.

Durante a videoconferência discutiram vários temas; entre eles, a pertinência de aceitar o encargo de Yasser Arafat. Tony Hill não mostrou grande vontade de continuar a provocar inimizades com a

Mossad.

– O nosso amigo Ariel Bergman já nos odeia o suficiente por causa do El Al. Não creio que um ato a mais ou a menos da nossa parte vá modificar essa opinião – contrapôs Mike. – Arafat está disposto a pagar-nos muitíssimo bem. Voto para que aceitemos a missão.

Al-Saud, a quem tinha sido entregue a tarefa de responder, pediu mais tempo para refletir.

– Por outro lado, Eliah – lembrou Peter Ramsay –, estarás a um passo da Arábia Saudita, podendo assim controlar o desempenho dos formadores e dos pilotos em Dhahran.

– Com todas as dificuldades que os governos nos colocam assim que avistam carimbos de um país inimigo num passaporte, a Arábia Saudita e Israel até podiam estar fisicamente nos antípodas um do outro – queixou-se Al-Saud.

– Não terás esse problema se usares o aeroporto que vão inaugurar em Gaza – sugeriu Ramsay.

Al-Saud concordou e, prosseguindo, perguntou:

– Fizeram progressos na busca do Jérôme?

– Pelo que averiguámos – respondeu Tony –, foi levado pelos *interahamwes* que atacaram a missão naquele dia.

– Desde aí, temos estado a investigá-los – continuou Mike. – Ainda que tenham chefes e cabos de guerra, cada unidade funciona de forma mais ou menos autónoma; e são muitas, milhares, diria eu, espalhadas pelo território que dominam. Encontrar Jérôme entre tantas possibilidades não será fácil.

– Mas podemos consegui-lo – opinou Al-Saud. – Como estão as coisas em Rutshuru?

– Tendo em conta a guerra de guerrilhas que ali se desenrolou – analisou Tony –, estamos muito bem. Para já, o nosso querido general Nkunda não voltou a atacar-nos e os empregados de Zeevi estão a extrair mais coltan do que o previsto.

– Estou a perceber a influência do Taylor nesta atitude – comentou Ramsay. – Talvez tivesse pedido ao general que nos deixasse em paz como forma de te pagar por lhe teres salvado a vida, Eliah.

Os demais sócios, que o conheciam, não esperaram resposta da parte de Al-Saud.

– Markov apanhou malária – anunciou Mike. – Doença de merda. Deixou-o prostrado no catre sem forças nem sequer para levantar uma mão. O doutor disse que tem tudo sob controlo, e que estará recuperado dentro de uma semana, dez dias no máximo.

Tomaram-se outras decisões relacionadas com as missões na Colômbia, Afeganistão, Eritreia e Sri Lanka, e deu-se por terminada a videoconferência com um brinde simbólico (no Congo com vinho de palma, e na sede com água mineral *Perrier*) à aquisição do *C-130*, que a Real Força Aérea Saudita entregariam no prazo de um mês.

Ao sair da sala de reuniões, Eliah encontrou-se com o irmão, Alamán, que conversava com Stephanie, a chefe do Departamento de Sistemas.

– Continuas irritado? – perguntou-lhe Alamán, sorridente, dando-lhe um abraço ao qual Al-Saud correspondeu com uma palmada nas costas. – Não te preocupes com o médico belga. Matilde jamais lhe prestará atenção.

– O que trazes aí? – Eliah apontou para os papéis que Alamán segurava.

– Vem, vamos para o teu gabinete. Quero mostrar-te o que a Stephanie conseguiu descobrir nos sistemas informáticos das empresas que fabricam os aparelhos para a reprodução de voz humana. Uma das quatro terá certamente desenvolvido o aparelho que Jürkens utiliza. – Fecharam a porta e sentaram-se frente a frente. – Conseguimos várias páginas com os nomes dos clientes que adquiriram o dito aparelho. Na sua maioria, são empresas, mas também constam muitos particulares. Mas não creio que nos sirva de grande coisa – preveniu Alamán.

Al-Saud não tinha vontade nenhuma de percorrer listas intermináveis. Teria preferido nadar algumas piscinas, esticar os músculos, tomar um banho e ir dormir, embora fosse só meio-dia. Levantou os olhos e cruzou o olhar com o do irmão.

– O que é que se passa? – perguntou-lhe Alamán. – Acho-te distraído.

– E estou – reconheceu Eliah. Há já algum tempo que pensava qual seria o melhor momento para contar ao irmão sobre Kolia, a morte de Natasha e o papel de Jürkens no seu prévio desaparecimento. Tantos problemas e incógnitas começavam a irritá-lo, a deixá-lo baralhado, a tirar-lhe a capacidade de raciocínio rápido. – Vá, vamos lá dar uma vista de olhos a esses nomes e acabar com isto de vez.

O dedo de Al-Saud ia deslizando pela lista. Os nomes, quer fossem de empresas quer de pessoas, não significavam nada para ele. Sentia que se tratava de uma busca infrutífera: não encontrariam informações valiosas daquela forma, Jürkens era escorregadio e hábil. O dedo deteve-se e voltou acima, e Al-Saud leu «Wright, Orville».

– Maldito filho da puta – vociferou, e Alamán, que se ocupava de clientes de outra empresa, fitou-o, espantado. – Aqui estás, maldito filho da puta!

Al-Saud partilhou então com o irmão a conversa que tivera há dias com o pai de Matilde.

– Espera, espera um momento, Eliah. Como diz a *nonna*, tenho um *pasticcio* na cabeça. Começa de novo, por favor.

Al-Saud suspirou antes de resumir as etapas do seu diálogo com Martínez Olazábal.

– E não é tudo. Há algo muito importante que também tenho de te contar.

Começou por Natasha Azarov, passando pela relação de ambos, iniciada e finda abruptamente no ano anterior, e continuou com o reencontro em Milão, quando ela lhe confessou o motivo da sua fuga.

– Jürkens ameaçou essa rapariga para que te deixasse? Mas quem é que esse merdoso pensa que é?! – Alamán pôs-se de pé a bufar. – Está em todo o lado!

– Não tenho como provar o que te estou a dizer agora, mas suspeito de que foi ele que cortou a borracha do líquido de travões do automóvel de Samara, e corroe o cinto de segurança. Foi ele que provocou o acidente no túnel da ponte d’Alma.

– Oh, não – murmurou Alamán. – Oh, não! Temos que deter esse assassino.

– Não sei onde raio possa estar escondido.

– Quem te odeia ao ponto de contratar alguém como o Jürkens para acabar contigo?

– Nigel Taylor.

– Achas que é capaz de tanto?

– Não sei.

– Então foi ele. Quem mais?

Al-Saud agitou a mão, como que para indicar uma alteração no rumo da conversa. Ficou quieto, com as mãos tensas, apertadas, o olhar fixo, sem pestanejar.

– Estou desesperado por causa da Matilde – confessou, sem levantar o olhar; Alamán supôs que o irmão pensara em voz alta, no que fora claramente um momento de fraqueza. Colocou-lhe a mão sobre o ombro.

– Sartori e Meyers não a protegem?

– Não, já não. Pediu-me que retirasse os guarda-costas. Garantiu que não era mais problema meu – manifestou, com uma gargalhada irónica. – Não é mais problema meu! Por favor!

– A Matilde está sem proteção? – enraiveceu-se Alamán.

– O que é que julgas? Claro que não! Destaquei o Noah Keen e o Ulysse Vachal, dois agentes que estavam na Libéria, para a proteger.

– Compreendo.

– Alamán, senta-te. Falta mais uma coisa.

– A sério?

Ao contar-lhe sobre Kolia, Alamán reagiu como Eliah estava à espera, com alegria. Tal como Yasmin, adorava a ideia de ser tio.

– Está em Milão com a mãe?

– Natasha morreu na sexta-feira passada. Tinha leucemia.

– Que tragédia, irmão!

– Foi por isso que me pediu que a fosse ver. Queria morrer tranquila, sabendo que eu cuidaria dele... de Kolia.

– Onde está agora? Refiro-me ao teu filho.

– A mamã e o papá estão com ele na *villa* até que possa ir buscá-lo a Itália e trazê-lo para aqui.

– Como é ele?

– A mamã e a *nonna* dizem que é igual a mim quando tinha a sua idade. Mas os olhos são azuis-celestes como os da Natasha.

– Poderia levar a Joséphine à *villa* para que o conhecesse.

– Seria ótimo.

O telemóvel de Eliah tocou, e este afastou-se para atender a chamada.

– *Papurri?* É a Juana.

– Juana! Que surpresa!

– Liguei-te para me despedir. Amanhã parto para a Argentina. – Depois de um breve silêncio, Juana acrescentou: – A Matilde não vai comigo.

– Ah, não? Porquê?

– Não quis voltar. Ontem aceitou o novo projeto da Mãos Que Curam. – Al-Saud susteve a respiração. – Vão destacá-la para a Faixa de Gaza.

– Deve estar contente. – O comentário, ainda que num tom neutro, chegou aos ouvidos de Juana carregado de amargura e de ressentimento.

– As únicas vezes em que a Mat foi feliz foram quanto esteve ao teu lado. És o único capaz de alcançar tal feito.

– E no entanto, da última vez que falámos ao telefone senti que estava muito fria e altiva.

– Oh, sim! Pois fica sabendo que, depois de desligar o telefone, desatou num pranto. Fria e altiva, pois claro! Estava desfeita. Mas a nossa Mat é orgulhosa e não iria mostrar o quanto se arrepende de te ter repetido todas aquelas patranhas que lhe foram contar em Rutshuru. – Al-Saud não controlou o sorriso nem a euforia que lhe aqueceu o peito. – Desde que terminou contigo e que nada se sabe de Jérôme, acho que só continua a respirar porque é uma função que depende do sistema nervoso autónomo.

– E mesmo assi, vai-se embora para Gaza.

– Explicou-me que enlouquece se não recomeçar a trabalhar. Mas não te liguei para te desanimar, *papurri* querido! Quis agradecer a tua amizade e tudo o que fizeste por mim.

Juana prosseguiu o seu discurso de despedida, ao qual Al-Saud prestava pouca atenção; ao invés, refletia sobre as últimas revelações. Sentia o otimismo crescer dentro de si e a luz a iluminar uma zona onde, até há pouco, só existiam sombras. A dor da sua ferida acalmara pelo simples facto de saber que Matilde se arrependera de lhe ter dito que não o respeitava e que não confiava nele. No entanto, a ferida em si não desaparecera. Precisava de mais. Exigiria mais.

– Juana, queres que te leve amanhã de manhã ao aeroporto Charles de Gaulle?

– Um cavalheiro até ao fim, *papurri*. Adoro-te. És o maior. Mas não te preocupes, O Eze leva-me.

– E que podes dizer-me acerca do meu amigo Shiloah? Há muito tempo que não falo com ele. – O longo silêncio confundiu Al-Saud; pensou que a chamada tinha caído. – Juana, estás aí?

– Sim, sim, *papurri*.

– O que é que se passa?

– O Shiloah deixou-me. Rompeu comigo no dia em que voltámos de Joanesburgo.

– Porquê?

– Porque se apaixonou por mim.

– Desculpa, mas não percebo...

– Eu também não até que o Shiloah me explicou que não pode ter filhos; ou melhor, que não quer ter filhos para não lhes transmitir uma doen...

– Sim, estou familiarizado com o problema do Moses.

– Pouco me importam os filhos, *papurri*, mas o Shiloah preferiu assumir o papel de campeão mundial dos idiotas em vez de ficar comigo, e deixou-me. Que apodreça! É ele quem perde.

– Juana, creio que nos calhou ter de lidar com pessoas teimosas e orgulhosas.

– As mais teimosas e orgulhosas do planeta! Grande puta que os pariu!

Terminada a chamada, Al-Saud telefonou a Thérèse, pedindo-lhe que marcasse um encontro com Falur Sayda para o dia seguinte. Acabara de decidir que aceitaria o trabalho de Yasser Arafat.

Pouco depois das dez da noite, quando se preparava para se deitar, soou o telefone.

– Estou? – perguntou inquieto ao reparar no adiantado da hora. Pensou em Matilde e logo a seguir em Kolia.

– Olá, Eliah. É o Nigel.

«Ao que parece», refletiu Al-Saud, «o dia das surpresas ainda não terminou».

O olho direito de Nigel Taylor – o que não estava vendado – olhou em redor em franca confusão até reconhecer a sala onde recuperavam os pacientes cirúrgicos. Fechou a pálpebra e continuou a dormir. Algum tempo depois – não saberia dizer se uma hora ou dez –, ao voltar a si, o seu espírito preparou-se para ver o rosto de Angelie – há muito que não pensava nela como *sœur* Angelie –; contudo, não conseguiu sorrir porque tinha a cara inchada.

– Nigel, diz-me se sentes dores – pediu-lhe a religiosa. Taylor encheu-se de alegria e ternura pela ansiedade com que ela o chamou; adorava o sotaque francês, a forma cadenciada como se deslocava pelo quarto, a frescura das suas mãos, a feminilidade dos seus movimentos, a doçura com que tratava Kabú.

– Não – respondeu, e Angelie, ao notar-lhe a voz áspera, fez-lhe chegar um sorvete à boca.

– É água. O doutor van Helger disse que já podes beber.

Refrescou a boca pastosa, saboreando a água mineral que lhe descia pelo esófago. Manteve o olho fechado por uns segundos, sabendo que Angelie permanecia por perto, expectante. Nunca se sentira amado. Com a primeira esposa, Mandy, era obrigado a suplicar por uma carícia ou um gesto de afeto. Ela não se preocupava em comprar-lhe o pão de que gostava nem o vinho que preferia; não lhe confeccionava as suas comidas favoritas: quando as desejava, Nigel tinha expressamente de as pedir à cozinheira; às vezes, quando voltava de uma missão que o mantivera afastado de Londres durante semanas, nem sequer a encontrava em casa. Não a culpava pela atitude negligente: nunca fora o que se chama uma mulher sadia e, verdade seja dita, fora ele quem a perseguira com a tenacidade de um cão de caça até a convencer a casar. Mandy permitira que ele a amasse, e ele convertera-a numa deusa, num objeto de veneração. Não a recriminava por nada, nem sequer pelo seu namorico com Al-Saud. Limitava-se a comparar como se sentira naquelas ocasiões e como se sentia naquele momento, envolvido e protegido pelos cuidados e atenção de Angelie.

– Vejo que sobrevivi – comentou, risonho.

– Kabú e eu estivemos a rezar para que a operação corresse bem.

A emoção inundou o olho direito de Taylor, provocando-lhe uma sensação entre o doloroso e o agradável na parte recém-operada; o efeito da anestesia estava a desaparecer.

– Doí-te? – angustiou-se Angelie. – Diz-me, Nigel. Não deves sofrer desnecessariamente.

A mão de Taylor subiu pelo antebraço de Angelie até ao cotovelo, exercendo uma pressão que a obrigou a inclinar a cara sobre ele. – Angelie, queres casar-te comigo? – sussurrou. Percebeu a tensão e o ar perplexo da religiosa, que era incapaz de disfarçar as emoções; a sinceridade era outra das qualidades dela que o encantava.

Angelie tentou afastar-se; Taylor, com uma força surpreendente para alguém que ainda sofria os efeitos da anestesia, manteve-a presa a centímetros do seu rosto.

– Que estás a dizer, Nigel? Estás a delirar?

– Nunca estive tão consciente e desperto como agora. Responde-me: queres casar comigo?

– Perguntas-me isso agora porque te sentes fraco. Não pensarás mais em mim quando saíres do hospital e voltares a ser o homem poderoso e cheio de dinheiro que conheci na missão há meses, o sujeito que vive em Londres, tem um avião privado e...

– Estás a ser cruel e injusta.

A vergonha tingiu de vermelho o rosto de Angelie.

– Não saberia como ser tua esposa – explicou em voz baixa e pesarosa. – Desde os dezoito anos que tenho servido o Senhor. Não sei como ser mulher.

– Podes ter a certeza que te portaste como uma esposa magnífica durante todas estas semanas em que tens estado junto a mim, tomando conta de mim, preocupando-te. És a esposa que qualquer homem desejaria ter ao seu lado. Já quanto a como sê-lo... Fica sabendo, Angelie, que, para uma religiosa, movimentas o traseiro de uma forma muito atraente.

Agradou-lhe que o sorriso de Angelie se deixasse ver e que ela cobrisse a boca a fim de esconder a vontade de rir, não se escandalizando nem fingindo ser púdica.

– Nigel, sou uma freira – interpôs por fim.

– Enumeraste várias desculpas para não me aceites como marido: a tua condição de religiosa foi a derradeira. Concluo, portanto, que não é assim tão importante.

«Só tu me importas, que Deus me perdoe.» Incapaz de mentir, mas também de traduzir por palavras o pensamento, Angelie guardou silêncio, tensa, perturbada, incómoda e feliz ao mesmo tempo.

– Angelie, diz-me uma coisa: se não fosses uma freira, aceitar-me-ias?

– Se não fosse religiosa, mas se fosse exatamente igual a mim mesma neste exato momento? – A pergunta desconcertou um pouco Taylor, que se limitou a assentir. – Não creio, Nigel.

– Porquê? Não gostas de mim nem um pouco?

As pálpebras de Angelie elevaram-se num movimento veloz, e os seus olhos escuros detiveram-se nos azuis de Taylor com um ardor e uma ira que o fizeram estremecer.

– Como podes duvidar de que gosto de ti?

– Confundes-me!

– Nigel, não estás a pensar com clareza. Não sei porque estamos a falar disso quando devias estar a descansar. Acabaste de sair da sala de operações!

– Não te mereço – pressionou Taylor. – Consideras-me um pecador incorrigível.

– Exatamente – Angelie conseguiu safar-se e abandonou o quarto.

Na manhã seguinte, Kabú apareceu sozinho, e explicou que a irmã Angelie não se sentia bem e que estava a descansar. Depois da visita do menino, Taylor refletiu sobre a sua vida: os inúmeros fracassos, as más decisões, entre as quais contava ter-se apaixonado pela freira, e as dívidas que lhe faltava pagar. Começaria por Eliah al-Saud; por isso, ligou a Jenny, a sua secretária em Londres, para que lhe conseguisse o número de Al-Saud. Horas mais tarde – eram mais de dez horas da noite em Paris –, ouviu a voz do saudita do outro lado da linha.

– Olá, Eliah. É o Nigel.

– Estás de volta? Estás em Londres?

– Não, continuo em Joanesburgo. Ontem fui submetido à segunda operação reconstrutiva.

– Correu bem?

– Ao que parece. Só o tempo o dirá. Nunca mais voltarei a ser o mesmo. Só espero que Van Helger me dê um aspeto medianamente tolerável. – Ao pronunciar aquelas palavras, arrependeu-se de imediato. Angelie, que o conhecera no seu esplendor e também deformado, continuava a gostar dele. – Na realidade não me importo muito – concluiu.

– Tenho que admitir que a tua chamada me surpreendeu – comentou Al-Saud.

– Precisava de te falar. Há questões entre que gostaria de esclarecer.

A chamada estendeu-se por quase uma hora. Taylor agradeceu a Al-Saud ter arriscado a vida para arrancá-lo da linha de fogo, salvando-o de uma morte certa. Após Al-Saud ter murmurado uma resposta, Taylor falou-lhe sobre Matilde: como a conhecera, como se apaixonara por ela e como a manipulara, movido pela ira e pelos ciúmes, ao tomar conhecimento que se ia casar com o seu pior inimigo.

– Alterei a história entre ti e a Mandy. Conteí uma mentira à Matilde e aproveitei-me do seu coração nobre e bondoso para a voltar contra ti. Gulemale deu-me as fotos que se converteram no golpe de misericórdia. Deixei-as no cacifo da Matilde. O resto já tu sabes.

– A verdade é que já não faz qualquer sentido falar disso. Sempre me arrependi de te ter traído. Não éramos amigos, mas éramos companheiros de trabalho, e o que eu te fiz foi uma patifaria. Não quero voltar a falar disso.

– Mas devido a isso, tu e a Matilde terminaram. – Al-Saud ficou em silêncio, que Taylor interpretou como sendo hostil; o inglês estava consciente da emoção animal e possessiva que invadia o antigo companheiro da *L'Agence* em relação à médica argentina; Eliah não lhe permitiria cruzar o limite que tinha traçado entre os dois. – Quero que saibas que Matilde conhece a verdade acerca de Mandy; fui eu próprio que lhe expliquei de que forma a minha mulher te assediou até conseguir alcançar os seus objetivos.

– Basta Nigel. Já chega – manifestou Al-Saud com bons modos, evitando demonstrar a tormenta que se desencadeara no seu interior. Matilde conhecia a verdade sobre Mandy Taylor e, mesmo assim, mantinha-se fria e distante, e declarava que já não era problema dele. «Com certeza», pensou, com amargura, «continuo a ser um mercenário, um homem de pouca confiança, indigno de respeito.

Certamente, as fotos de Gulemale são indesculpáveis».

– Como vão as coisas na mina de Rutshuru?

A pergunta apanhou-o de surpresa, e recordou-o da conversa com os sócios nesse mesmo dia.

– Pois... O teu amigo, o general Nkunda, não nos voltou a incomodar. – O risinho de Taylor confirmou as suspeitas esboçadas por Ramsay, que por trás do armistício tácito com o general tutsi se achava o dedo do mercenário inglês. – As outras frações continuam a importunar-nos, o que até calha bem – assim não nos aborrecemos.

– Soubeste alguma coisa do Jérôme? A Matilde andava destroçada. – «E tu aproveitaste logo para a consolar», pensou Al-Saud. – Quero ajudar-te a encontrá-lo. Nkunda tem espiões espalhados por todo o Congo. Algum lhe dará informações sobre a criança.

– Agradeço-te qualquer ajuda que possas dar-me neste sentido – concedeu Al-Saud, ainda que em tom altivo.

– Amanhã mesmo vou entrar em contacto com ele e falar-lhe acerca de Jérôme. Colaborará porque Jérôme é tutsi. Tens alguma fotografia atualizada?

– A minha prima Amélie deu-me uma.

– Por favor, envia-a à minha secretária. Ela fá-la-á chegar a Nkunda. Toma nota do endereço de *mail* dela, por favor.

Antes de se despedir, Al-Saud disparou à queima-roupa uma pergunta; a sua real intenção era analisar a reação de Taylor, ainda que através da linha telefónica, e não esperava uma resposta.

– Nigel, o que sabes sobre Udo Jürkens?

– Udo quem?

– Udo Jürkens. Talvez o conheças pelo seu verdadeiro nome: Ulrich Wendorff.

– Não o conheço ninguém com nenhum dos nomes. Quem é ele?

Depois da reunião com Falur Sayda, que se mostrou encantado de fechar o acordo para que Mercure treinasse a Força 17, Al-Saud entrou em contacto com Ariel Bergman, o chefe da Mossad na Europa. Ligou para o seu escritório na Haia, e o *katsa* não tardou a atender.

– Al-Saud, devo admitir que me apanhou de surpresa – expressou, à laia de saudação. No seu timbre pouco amistoso adivinhava-se que a irritação pela interferência de Al-Saud na tentativa de apanhar Mohamed Abu Jihad continuava latente.

– Sim, a surpresa deve ser grande, sobretudo depois do nosso último encontro nessa magnífica propriedade de Rutshuru.

– Porque me telefonou?

– Preciso de lhe pedir um favor. – Bergman conservou um silêncio cauteloso. – Tenho a certeza que o Instituto – Eliah designou a Mossad pelo nome pela qual é conhecida no mundo da espionagem – já sabe que tenho um contrato para treinar a Força 17 em Ramallah e Gaza. – O mutismo de Bergman, que perdurava, era eloquente. – Desta vez Bergman, vamos estar do mesmo lado da barricada: o seu

governo e as minhas atividades.

– Não vejo porquê.

– Porque uma autoridade nacional palestina forte beneficia Israel. Arafat não poderá combater nem o Hamas nem a Jihad Islâmica com uma estrutura militar ridícula.

– Nesse caso, do que precisa exatamente?

– De uma autorização especial, para mim e para os meus homens, que nos permita deslocarmo-nos entre os territórios ocupados e Israel. Não estou disposto a perder horas em *checkpoints* nem a submeter-me aos caprichos do Tsahal.

Bergman levou alguns segundos até responder.

– Suponho que, se negasse, você me iria recordar da existência dessa informação sobre armas químicas, que nos compromete e que guarda de forma tão zelosa...

– Não, não o faria. Neste caso, Bergman, estou a pedir-lhe um favor.

– Ligo-lhe mais tarde para confirmar se lho posso conceder.

– Quando? – pressionou Al-Saud.

– Amanhã. Al-Saud – disse depressa, antes que Eliah cortasse a chamada –, que fez com Abu Jihad?

– Bergman, esqueça o Abu Jihad. Ele já não é um problema, nem seu nem do seu governo.

– Está mesmo fora de jogo?

– Sim.

– Que garantias me dá?

– A minha palavra – garantiu Al-Saud, antes de desligar.

Rauf al-Abiyia viajou de Lisboa a Madrid de comboio. Alugou um automóvel na capital espanhola e devorou os quase quatrocentos e vinte quilómetros que o separavam de Almeria em três horas. Ali foi tentado pela ideia de se registar num hotel de cinco estrelas e ali ficar, durante uma semana, a dormir e a tomar banhos na piscina. Ao recordar-se que era 8 de outubro, o que significava que o *Rey Faisal* estaria a navegar pelas águas do golfo de Adém por volta do dia 20 e que em Bagdade esperavam o bolo amarelo, despachou-se e pôs-se ao caminho. Dirigiu-se ao porto de Almeria, que conhecia bem, e comprou um bilhete para entrar no *ferry* que o transportaria a Oran, onde contava com amigos que o tirariam sub-repticiamente da Argélia pelo deserto.

Em Oran, confirmaram-lhe as suas suspeitas: desde 7 de agosto as circunstâncias tinham-se tornado desfavoráveis, por conta dos atentados às embaixadas norte-americanas em Nairobi, no Quênia, e em Dar-es-Salaam, na Tanzânia. Não era fácil atravessar a região que fervilhava com agentes da CIA, velhos conhecidos de Al-Abiyia: mesmo que se ocultasse atrás de uma cara nova, não conseguiria descansar porque sabia que ainda tinha a cabeça a prêmio e que qualquer um, mesmo os homens de confiança de Fauzi Dahlan, o poderia entregar.

Depois de uma viagem esgotante, na qual utilizou vários meios de locomoção, desde camelos a avionetas desgongçadas, Al-Abiyia chegou a Cartum, a capital do Sudão, no sábado, 10 de outubro,

pela manhã. Por volta do meio-dia, depois de se ter instalado num hotel pouco luxuoso mas asseado, caminhou pela rua Nilo, utilizando o passeio que ladeava o rio mais largo do mundo, procurando refúgio na sombra das árvores. Teria preferido encontrar-se com o imã na mesquita, mas era muito arriscado: tanto as mesquitas como as madrassas estavam sob apertada vigilância.

O imã Al-Mahdi enviara-lhe uma mensagem pedindo que se encontrassem no parque Al-Shuhada, na avenida Gamma. O homem, um negro alto, de constituição forte e com a cabeça envolta num toucado branco, sorriu-lhe, desejou-lhe a paz em árabe e pegou-lhe no braço para que caminhassem lado a lado. Após fazer alguns comentários de circunstância sobre a beleza do parque, Al-Mahdi não se mostrou interessado em averiguar as razões pelas quais Al-Abiyia tentava contactar o seu amigo na Somália. Limitou-se a dar-lhe as indicações do lugar onde o encontraria e a senha para se identificar. Recebeu o seu pagamento em dólares e caminhou até à saída do parque.

No dia seguinte, Al-Abiyia viajou num avião a hélice que alugou em Cartum e que viria a aterrar numa pista da cidade de Bosaso, à beira do golfo de Adém, a qual, ainda que o piloto assegurasse que era legal, tinha uma certa aparência clandestina, como aliás tudo na Somália, um país sem governo legalmente constituído e afundado na anarquia.

Abordou um táxi cuja cor era impossível de discernir debaixo da capa de pó vermelho, e negociou o preço da viagem até ao centro da cidade. Bosaso deprimia-o; o aspeto decrépito das construções e a miséria do povo eram de mais até mesmo para a realidade africana. Os somalis viviam sobre um regime severo baseado na *sharia*, a lei islâmica, e até as meninas que ainda não tinham atingido a puberdade andavam totalmente cobertas, para grande espanto de Al-Abiyia.

Como o taxista lhe agradou, ofereceu-lhe vinte dólares por dia – um dinheirão, tendo em conta que o homem ganhava menos de um dólar, e num dia de sorte – para que fosse o seu motorista. O taxista, eufórico, conduziu-o ao único hotel decente. Pela tarde, ainda que a contragosto, levou-o até à zona da praia, onde moravam os pescadores. O táxi parou a uma distância prudente do bairro, e o taxista levantou as sobancelhas e abriu bem os olhos ao reparar que Al-Abiyia tirava uma pistola da parte de trás da cintura e a punha à vista, com o casaco aberto, de frente.

– Acompanha-me, Maluf – pediu Al-Abiyia ao taxista, temendo já não o encontrar quando regressasse.

O traficante palestiano precisou de nervos de aço para iludir os vigilantes antes de chegar ao chefe dos piratas. Adotou um comportamento submisso, não estabeleceu contacto visual com os locais e repetiu a senha a quem o questionou. Passearam-no pelo bairro, que era na realidade um aldeamento de casebres de chapa e cartão, meninos descalços e de barrigas inchadas, cães esfomeados e cheiros nauseabundos. Em várias ocasiões em que os rapazes os ameaçaram com as suas *AK-47*, arrependeu-se do plano para assaltar o *Rey Faisal* e pensou em dar meia-volta e regressar ao táxi, se é que ainda lá estava existia.

Não o fez porque detestava acobardar-se: a sua vida ter-se-ia tornado num inferno, como para a maioria dos refugiados palestinos, se não fosse um homem de recursos e de valor. Finalmente, aos

empurrões e aos gritos, conduziram-no a uma habitação construída num sítio desolado da praia aonde lhe apresentaram Falamé, o chefe dos piratas.

Falamé surpreendeu-o. Ao contrário do seu séquito, era um homem tranquilo e com bom ar. Alto, magro mas musculoso, de idade indefinida (entre os vinte e cinco e os quarenta), sorriu e indicou-lhe uma caixa de madeira para que se sentasse. Al-Abiyia pediu a Maluf, que tremia, que esperasse por ele no exterior da cabana. Falamé sentou-se e continuou o seu trabalho: tecia uma rede.

– Disse que quem o enviou foi o meu amigo Al-Mahdi.

– É isso mesmo. A senha é...

Falamé deteve-o, levantando a mão com a qual segurava o fuso.

– Senhor Al-Abiyia, não teria chegado aqui se não tivesse repetido várias vezes a senha. Porque é que me procurou?

– Porque a sua perícia no mar é famosa.

– Todos aqui são pescadores. Nascemos praticamente no mar e aprendemos a nadar antes de andar. Os nossos pais levavam-nos para os barcos desde os cinco anos. Sim, conhecemos o mar como ninguém – só que já não podemos viver da nossa profissão porque as grandes companhias pesqueiras devastam as nossas águas e levam tudo o que pescamos.

– Percebo. Necessito a sua perícia para assaltar um barco do qual extrairei a carga. – Falamé tirou os olhos da rede e fixou-os em Al-Abiyia. – Serei generoso no pagamento – apressou-se a acrescentar, incomodado pelo olhar do somali. – Muito generoso.

– Dê-me alguns detalhes e dir-lhe-ei se é possível.

Capítulo 6

Sentia saudades da Juana. Custava-lhe começar a travessia até à Faixa de Gaza sem a companhia e o apoio de sua irmã de alma. Não ajudava a levantar-lhe o ânimo o facto de Juana ter partido com o coração destroçado. A dor da amiga levava-a a enfrentar o que Al-Saud deveria ter sentido com cada uma das suas insolências e dos seus traumas não sanados. O lábio inferior tremeu-lhe; Matilde apertou o braço do assento do avião para reprimir o pranto. Perguntou-se se Juana teria razão: será que boicotava a relação com Eliah porque não se considerava digna de ser feliz? «Deus meu», rezou, «peço-te uma última oportunidade para o ver. Quero pedir-lhe perdão». A curta súplica surtiu um efeito imediato, aliviando-lhe a pressão no diafragma e suavizando a pontada no seu pescoço.

Dirigia-se ao aeroporto Ben Gurion em Telavive. Manteve-se quieta e direita enquanto o avião descolava, e esperou que passasse o momento crítico durante o qual costumava perder a calma. Quando Eliah a levava no seu avião privado até Londres, o momento da descolagem passara sem que ela o notasse e não manifestara qualquer reação. Nem todos os pilotos eram hábeis como ele, pensou, e a nostalgia voltou a ameaçar a frágil serenidade que tinha conseguido. Abriu o livro *Encontro em Paris*, e logo se sentiu envolvida pela narrativa do Nobel da Literatura, Sabir al-Muzara, ainda que cada palavra ao escritor se convertesse num tobogã pelo qual deslizava até onde não queria ir, até Eliah al-Saud. Era uma experiência simultaneamente fascinante e dolorosa reler aquele livro, reconhecendo nas personagens aqueles que tinha chegado a amar tanto nos últimos meses: Étienne era Eliah, Alex era Alamán e Yaelle, Yasmin; Salem era o autor e a sua irmã gémea, Sakina, era Samara, a falecida esposa de Eliah. Matilde sentia ciúmes ao ler as passagens amorosas de Étienne e de Sakina, e martirizava-se perguntando até que ponto refletiriam a verdade.

Nesta nova leitura prestou atenção às questões políticas da região que, antes de 1948, era conhecida como Mandato Britânico da Palestina, e da qual pouco, ou nada, sabia. Como a maioria das pessoas da sua idade, Matilde recordava-se das imagens televisivas de jovens com as cabeças envoltas nos lenços imortalizados por Yasser Arafat, os *keffieh*, que lançavam pedras aos tanques israelitas; lembrava-se dos cadáveres dos palestinianos que a multidão passeava pelas ruas no meio de gritos e de tiros para o ar. Matilde interrogava-se se não seria perigoso; afinal, aonde iriam parar aquelas balas?

O avião aterrou ao fim de quatro horas de viagem e, tal como tinha feito a 6 de abril desse mesmo ano, dia em que chegara à República Democrática do Congo, Matilde memorizou a sua chegada à Faixa de Gaza: quinta-feira, 15 de outubro, 1998. Ao contrário daquela primeira viagem a África, nesta estava só e ansiosa por ir buscar a bagagem, ultrapassar os controlos e assegurar-se de que, na sala das chegadas, estivesse à espera dela o médico norueguês Harald Bondevik, o chefe da missão Mãos Que Curam na Faixa. Notou que tanto na Imigração como na Alfândega as famílias de aspeto árabe – os

homens com barba e *keffieh* e as mulheres com o cabelo coberto – sofriam revistas exaustivas. Em contrapartida, com ela, depois de uma rápida olhadela ao passaporte argentino, carimbaram-no sem mais perguntas e nem sequer olharam para a sua bagagem.

O Dr. Harald Bondevik, um cinquentão de estatura média, rosto redondo, pequeno e bochechudo, levantou o cartaz que dizia «Matilde Martines» – o apelido sem acento e com «s» – perante a avalanche de passageiros que emergiu pelas portas automáticas. Matilde simpatizou logo com ele. O homem estendeu-lhe a mão energicamente e sorriu, fazendo com que os seus olhos rasgados se achinassem até quase desaparecerem.

– É magnífico tê-la em Gaza, doutora Martínez! – disse num inglês impecável, assim que entraram no automóvel branco com o logótipo vermelho da Mãos Que Curam, as mãos em forma de pombas.

– Trate-me por Matilde, doutor Bondevik.

– E tu trata-me por Harald. Há muito que rezamos por uma pediatra; por isso ficámos imensamente contentes quando nos avisaram que nos enviariam uma que tinha tido um desempenho excelente no Congo.

– A minha especialidade é cirurgia pediátrica.

– Ainda melhor! Ainda melhor!

Matilde pensou que Telavive, a cidade mais pujante de Israel, com os seus arranha-céus e as autoestradas de várias vias, se poderia confundir com uma qualquer cidade norte-americana exceto pela presença constante de soldados com uniformes verdes, botas pretas e fuzis a tiracolo. No caminho até ao sul, em direção à Faixa de Gaza, pôde observar a verdadeira cara de Israel: uma terra árida, rodeada de colinas povoadas de arbustos e envolta numa nuvem eterna de pó. Sorriu ao descobrir na estrada um sinal em forma de triângulo com o perfil de um camelo. *Beware of camels on the road* («Cuidado com os camelos na estrada») esclarecia um cartaz junto ao triângulo, também traduzido em hebreu e árabe. Nas estradas argentinas, lembrou-se Matilde, existia um cartaz semelhante, mas com a silhueta de uma vaca.

– A cidade de Gaza está a sessenta quilómetros a sul. É uma distância curta; no entanto, levaremos bastante tempo a chegar devido aos *checkpoints*.

Os postos de controlo erguiam-se em pontos estratégicos – cruzamentos, entradas de cidades, desvios –, e eram pontos de engarrafamento para o trânsito. Matilde notou de novo a minúcia com que revistavam os automóveis conduzidos por árabes. A eles, que viajavam com o logótipo da Mãos Que Curam, pediram-lhes apenas os passaportes e deixaram-nos passar.

– É impressionante a quantidade de soldados que há – comentou Matilde. – Inclusivamente mulheres.

– Não te esqueças de que Israel é um país que está em guerra há cinquenta anos. Salvo raras exceções, tanto os homens como as mulheres devem cumprir serviço militar durante vários anos.

– A sério?

– Sim. Após cumprirem, passam à reserva; no entanto, continuam anualmente a prestar um mês de

serviço.

– Incrível!

Ao chegar ao posto de controlo de Erez, no limite norte entre Israel e a Faixa de Gaza, Matilde ficou boquiaberta: era uma estrutura imponente de pré-fabricados, com casinhas e molinetes, que possuía um aspeto inexpugnável; ocupava a largura da estrada e estendia-se por vários quarteirões. Harald Bondevik explicou-lhe que Erez era a base da Brigada Givati, uma força de infantaria do exército israelita, o Tsahal. Matilde notou que, tal como os outros soldados com os quais se tinham cruzado no caminho, os de Givati vestiam uniformes verdes e botas de couro negro; distinguiam-se pelas boinas, que alguns metiam debaixo da dragona esquerda e outros usavam na cabeça, e que eram de uma intensa cor violeta.

Era assombrosa a quantidade de pessoas, principalmente de crianças, e também a de táxis amarelos e camionetas brancas que prestavam serviço de transporte aos que não tinham autorização para entrar ou sair com veículos. Os militares, alguns com cães, mostravam-se conscienciosos no momento de revistar os automóveis e os seus ocupantes, a quem obrigavam a sair e, por vezes, apalpavam à procura de armas (nem sequer as mulheres eram poupadas). Outros controlavam as identificações e formulavam perguntas. Matilde apercebeu-se que os soldados em contacto direto com os palestinianos protegiam as cabeças com capacetes.

Podia-se sentir o cheiro do medo dos palestinianos: notava-se nos olhares, nas expressões e nos movimentos controlados. Vislumbrava-se uma natureza dócil e uma qualidade de inatingível submissão e fatalismo que inspirou a Matilde uma combinação estranha de admiração e de pena, a qual lhe foi difícil conciliar com a imagem dos jovens envoltos em *keffieh*s, que lançavam pedras e se imolavam nos autocarros de Telavive. «Como em toda a parte, deve haver de tudo», decidiu. «Os aguerridos e os conciliadores.»

– São muitos os palestinianos que vão a Israel – comentou Bondevik. – Em Gaza não há trabalho – explicou – e procuram no país vizinho um salário fixo. Têm que suportar um inferno diário, quando saem e quando entram – acrescentou, fazendo uma breve pausa, como quem expressa uma opinião em voz baixa para não ser condenado. – Ah! – exclamou, de novo contente. – Aí está o tenente-coronel Bergman. Tornámo-nos amigos. É um homem bom, apesar de tudo.

Matilde, que ficara intrigada com o significado do «apesar de tudo», calou-se. O tenente-coronel, depois de mandar o veículo da Mãos Que Curam sair da fila, aproximou-se com um sorriso, sem prestar atenção aos soldados que se alinhavam e lhe prestavam continência.

Era um homem alto e magro, a quem o corte do uniforme realçava os braços e as pernas compridas. Quando se aproximou, Matilde pôde observar que a cara, ainda que grosseira, era atraente, com um nariz largo e marcadamente aquilino, sobrancelhas cerradas, negras e muito separadas, olhos pequenos de cor azul-celeste e lábios grossos. A cor mate da sua pele devia-se ao bronzeado. Estava armado com uma pistola metida no coldre e uma faca negra, presa ao cinto.

Bondevik atreveu-se a descer do automóvel devido à honra com que o tenente-coronel os distinguiu. Os dois homens deram um caloroso aperto de mão e falaram em inglês. Matilde não conseguia ouvir o

que diziam devido ao barulho em volta, que ressoava nas paredes de cimento.

– Matilde, sai, por favor. Gostaria de te apresentar o meu amigo Bergman.

Matilde desceu com a *shika* a tiracolo, as tranças louras, cujos extremos lhe acariciavam a cintura, e envergando um vestido sem mangas e solto, de bambula rosa com desenhos em *batik*, que quase arrastava pelo chão. Ao adivinhar o desejo que se ocultou por trás da expressão comedida do tenente-coronel Bergman, Bondevik perguntou-se se a rapariga teria consciência da sua beleza.

– Lior, apresento-lhe a doutora Matilde Martínez. Acaba de chegar e começará a trabalhar com a nossa equipa a partir de amanhã. É argentina – acrescentou, e o gesto sério e natural de Bergman abriu-se para evidenciar a sua estupefação.

– Argentina? De que parte, doutora?

– Da cidade de Córdoba.

– De Córdoba? – repetiu o militar.

– Pronunciou o nome – notou Matilde – com muita segurança. Conhece a minha cidade?

– Não, não, mas conheci alguém nascido lá que me falava com frequência dela.

– A sério?

– Não têm necessidade de continuar à espera – anunciou Bergman subitamente. – Chamarei um soldado para que...

– Não. – A negativa de Matilde atraiu os olhares de Bondevik e de Bergman. – Não me parece justo, tenente, que passemos à frente dos outros. – Expressou-se sem se intimidar e enfatizando o cargo do militar. – Seria uma falta de tato que poderia perturbar estas pessoas e irritá-las. Não, não, não me parece que devamos aceitar a sua oferta.

Bondevik não acreditava nos seus olhos nem os seus ouvidos. A «boneca», que parecia uma menina de quinze anos e não uma pediatra com vinte e sete, de acordo com o currículo que lhe fora remetido por correio eletrónico, acabava de mostrar um carácter de ferro, fazendo frente a um homem armado até aos dentes.

– Sim – acedeu o médico norueguês –, creio que a doutora Martínez tem razão, Lior. Esperamos a nossa vez.

– Como desejarem – respondeu o militar; não parecia ofendido mas pasmado. – Harald, foi um prazer ver-te. Doutora Martínez, desejo-lhe uma boa estadia em Gaza. Espero que tenha tempo para visitar Israel.

– Também o espero, tenente.

Na opinião de Bondevik, os palestinianos deveriam ter agradecido a Matilde a prontidão com a qual os soldados começaram a despachar os automóveis até chegar ao da Mãos Que Curam. Assim que deram aprovação ao norueguês e à argentina, aos quais somente pediram os passaportes sem sequer os obrigarem a sair do veículo, Bondevik entrou num túnel de seiscentos metros de comprimento, de paredes altas em cimento e o teto feito de chapas de fibra de vidro verde, que se encontrava muitíssimo congestionado com automóveis e todas as pessoas que o atravessavam a pé. No fim, esperava-os a Faixa

de Gaza.

O Congo era paupérrimo, mas a beleza das suas paisagens, da terra vermelha e fértil, e a distinção do seu povo, cujas peles negras brilhavam nas vestimentas de cores berrantes e cujos sorrisos contagiavam, apesar do horror circundante, ajudavam a alegrar o coração. Gaza, por seu turno, teria quebrado o ânimo do mais otimista. Matilde amara os congolenses; perguntava-se se amaria os de Gaza.

Em tom de brincadeira, Bondevik disse:

– Quando os israelitas querem dizer «vai para o inferno», dizem «vai para Gaza».

– Que triste – murmurou Matilde, e o sorriso de Bondevik esfumou-se.

– Evitaremos a estrada Salah al-Din e levo-te pela que passa à beira-mar, para que a tua primeira impressão de Gaza não seja tão desagradável.

Apesar de terem decorrido quatro anos desde a assinatura do Acordo do Cairo e de o dinheiro da União Europeia ter começado a fluir, a pobreza e a deterioração caracterizavam a Faixa de Gaza e os seus habitantes. Contudo, quando surgiu o Mar Mediterrâneo, a opressão causada pela visão da cidade, achatada e de uma tonalidade cinzenta uniforme, como se os edifícios e as casas se confundissem com a nuvem de terra, dissolveu-se. Matilde gostaria de ter pedido a Bondevik que parasse para poder sair e ir até à praia enterrar os pés doridos na areia, mas não o julgou totalmente apropriado. Para além disso, estava com pressa chegar e ir à casa de banho.

O automóvel da Mãos Que Curam deslocava-se pela avenida que ladeava a costa, a Al-Rasheed, a pouca velocidade para que a médica apreciasse o mar e a sua cor turquesa. Do outro lado da rua, sucediam-se edifícios de não mais de seis pisos, na sua maioria hotéis de construção recente; ali concentravam-se os investimentos com dinheiro europeu. Matilde avistou várias obras em curso, o que dava à cidade um aspeto pujante que, no início, a deprimiria. Mencionou-o a Bondevik.

– Há quem se queixe que não se constrói tanto como se deveria tendo em conta as doações feitas pela União Europeia, os Estados Unidos e alguns países árabes, como a Arábia Saudita. Afirmam que a maioria dos fundos vai parar aos cofres de Arafat.

Viraram à esquerda e entraram noutra artéria importante, a Omar al-Mukhtar, principalmente comercial, cheia de transeuntes e de automóveis velhos a cair aos bocados. A rua, com os seus negócios, barracas de rua e atividade febril, parecia-lhe bonita, em particular devido aos eucaliptos que faziam sombra sobre os passeios, apesar das paredes cobertas de fotografias de mártires, imolados em ataques suicidas, e dos grafitis.

– Quantos habitantes tem Gaza?

– Um milhão e duzentos mil, aproximadamente. Os palestinianos adoram ter filhos. Com uma média de cinco filhos por mulher, é uma das sociedades com taxa de natalidade mais elevada, algo que aterroriza os israelitas.

– Ah sim? E porquê?

– Porque os palestinianos são cada vez em maior número, e poderiam mesmo converter-se na

maioria em Gaza. Para mais, de uma população grande podem obter-se exércitos enormes. Os israelitas, em contrapartida, são mais parecidos com os europeus: têm, no máximo, dois filhos. As sociedades, à medida que se tornam mais sofisticadas e adquirem níveis económicos e culturais mais elevados, deixam de se reproduzir.

Matilde ficou a pensar naquilo de «cinco filhos por mulher» e sentiu inveja da fertilidade das palestinianas. Essa qualidade tornou-as simpáticas a seus olhos e predispô-la a gostar delas. Ansiava por conhecer uma palestiniana.

O trânsito intensificava-se, as buzinas prolongavam-se e algumas frases vociferadas ultrapassavam os vidros dos automóveis, que se mantinham fechados devido ao ar condicionado.

– Quais são os problemas mais prementes em matéria de saúde?

– Bem – começou Bondevik –, agora que o Tsahal...

– Disseste-me que o Tsahal é o exército, não é?

– Isso mesmo. Também é conhecido como Forças de Defesa de Israel, mas é menos comum. Dizia-te que, agora que o exército evacuou a Faixa como consequência dos Acordos de Oslo, já não há tantos mutilados e feridos por balas ou estilhaços, ainda que às vezes ainda apareça algum: não penses que o armistício é sempre respeitado. Neste momento, enfrentamos as doenças comuns de uma sociedade pobre, dificuldades às quais se junta a falta pessoal e de provisões, bem como a péssima qualidade da água e a impossibilidade de adquirir água mineral. Agradou-me saber que és pediatra porque as crianças são as mais afetadas. – Depois de uma pausa acrescentou, num tom sombrio: – Há muito cancro. – O coração golpeou o peito de Matilde. – Há muita dor. Na equipa temos uma psicóloga e um psiquiatra porque aqui, Matilde, há uma percentagem muito alta de pessoas com síndrome pós-traumático, ansiedade, depressão e transtornos de toda a espécie. Sofreram muito, muito – enfatizou.

– O que é que se passa realmente, Harald?

– Antes da assinatura do Acordo do Cairo, em maio de 1994, viviam com a ocupação israelita e os toques de recolher, que por vezes, quando havia um ataque suicida em Telavive ou em Jerusalém, se prolongava durante dias. Sabes o que é viver em estado de sítio? Não podes sair de casa para comprar alimento nem para ir ao hospital na eventualidade de te sentires doente ou de estares prestes a dar à luz. As crianças não iam à escola e os adultos faltavam ao trabalho. – Matilde olhou espantada para Harald. – Era mesmo assim, rigoroso – assegurou. – Se saíesses durante um toque de recolher e os soldados te apanhassem, disparavam, pura e simplesmente. Esta é a minha segunda vez em Gaza; a primeira foi em 1993, por isso falo-te com conhecimento de causa da ocupação militar. Penso que o mundo não faz ideia nenhuma do que acontece aqui. Eu mesmo não o sabia, apesar de me considerar um homem informado; os meios de comunicação dizem pouco ou nada da verdade. Depois dos Acordos de Oslo, isto, Matilde, adquiriu toda a aparência de um bantustão como os do *apartheid* sul-africano. Quando à autonomia da Faixa de Gaza, é muito relativa porque os israelitas continuam a controlar quase tudo, apesar de os soldados já não andarem pelas ruas. Principalmente, é-lhes negada a livre circulação: quase não podem sair da Faixa porque os israelitas não lhes dão as autorizações, e aqui não têm nada. Dependem de

Jerusalém ou do resto de Israel para tudo, especialmente quanto à saúde e ao trabalho.

Bondevik parou o automóvel em frente a um edifício baixo, com uma fachada deprimente e arruinada. Um silêncio entristecedor pairava no habitáculo, e ninguém falava enquanto desciam e tiravam as malas do porta-bagagens. Matilde observou que, no caminho até à entrada, havia uma banca com um toldo gasto com franjas brancas e negras, cujo dono Bondevik cumprimentou com familiaridade e onde comprou uma bolinhas castanhas que o palestiano retirou de uma panela com óleo a ferver.

– Hum – regalou-se o norueguês enquanto as bolinhas iam caindo no cone de papel. – Isto, Matilde, é faláfel. Um delicioso bolinho frito de legumes, tipicamente árabe. Vamos, pega tu no cartucho que eu tomo conta da tua mala. Abu Musa – disse em inglês, olhando para o vendedor que lhe pagava em *shekels*, a moeda israelita –, apresento-te a doutora Matilde Martínez. Acaba de chegar para se juntar à nossa equipa.

O homem, de uns cinquenta anos, sorriu, esticando o espesso bigode e revelando uma gengiva desdentada, e ofereceu-lhe a mão, que Matilde sacudiu com firmeza. Pediu ajuda a Bondevik para que traduzisse.

– Diz que nunca viu uma mulher tão bonita como tu, com olhos de prata, o cabelo de ouro e a pele de leite. Um poeta, não é? Os palestinos são assim.

– Como digo «obrigada» em árabe, Harald?

– *Shukran*.

– *Shukran*, Abu Musa.

– *Khader* – disse o vendedor ambulante, inclinando a cabeça.

– Acaba de te dizer: «À tua disposição».

Subiram ao terceiro andar pelas escadas, pois, ainda que o edifício possuísse um elevador, não havia eletricidade.

– Vais ter de te habituar a isto, Matilde. Cortam a água e a eletricidade com frequência. Tanto uma como a outra são fornecidas por empresas israelitas, e este tipo de corte é frequente porque as autoridades palestinianas não pagam.

– No Congo acontecia o mesmo. Não te preocupes, Harald. Estou preparada para condições adversas.

Bondevik concordou com um sorriso, ainda que Matilde tenha adivinhado a sua desconfiança. Estava habituada a que a julgassem pelo seu aspeto. De nada adiantava vestir-se como uma *hippie* e mostrar-se simples e sensata; à primeira vista, criam-na uma menina de bem, caprichosa, mimada e frágil.

Gostou do apartamento porque estava limpo e a luz, que passava entre os eucaliptos e entrava pela grande janela, refletia-se sobre o chão de granito e dava vida à sala de jantar. O seu quarto, também luminoso, era pequeno e acolhedor.

– Refresca-te na casa de banho, enquanto eu preparo algo para comer. Há já muito passou do meio-

dia. Tenho a certeza de que estás esfomeada. – Matilde assentiu, com um sorriso, contente por o seu chefe ser tão simpático. – Morro de fome. Vou ver o que Mara tem no frigorífico.

Al-Saud abandonou o complexo chamado Muqataa, a antiga prisão britânica que agora funcionava como a sede do governo de Arafat e que se situava nos subúrbios a norte da cidade de Ramallah. Acompanhavam-no quatro empregados da Mercure, soldados profissionais altamente qualificados que, com ele, poriam em ordem e treinariam a Força 17, o exército da Fatah. Os quatro homens acabavam de regressar vitoriosos da Colômbia, onde tinham resgatado um jornalista francês das mãos das FARC, informação que Al-Saud não incluiu no seu discurso de apresentação durante a reunião com o *rais* Arafat porque sabia que o líder palestino simpatizava com a guerrilha colombiana.

– Senhor Al-Saud – Arafat, ao contrário do embaixador Falur Sayda, não reconhecia o título nobiliário de Eliah –, quero que converta este grupo de rapazes insubordinados num comando de elite.

– É esse o nosso objetivo, *sayid rais*.

– O seu árabe é excelente, senhor Al-Saud – opinou Faisal Abu-Sharch, o chefe da Força 17, em cujo gabinete decorria a reunião.

– *Shukran*, coronel Abu-Sharch.

A reunião, já sem Arafat, durou uma hora, durante a qual se realizou um inventário da força do armamento, da quantidade de pessoas e respetivos graus, e se fixou o início do cronograma das atividades: não para o dia seguinte, sexta-feira, por ser um dia santo (o equivalente ao domingo no mundo cristão), mas para sábado. Às seis da tarde, Al-Saud e os seus homens estavam livres e dispunham-se a regressar ao hotel para descansar. Tinham aterrado no aeroporto de Atarot de manhazinha e, até à hora do encontro com Yasser Arafat, tinham estado no quarto de Al-Saud, no hotel Rei David de Jerusalém, a trabalhar na organização dos últimos detalhes do programa de treino esboçado em Paris, que começariam a executar ao amanhecer de sábado, 17 de outubro; tinham convocado os efetivos instalados em Ramallah para as seis da manhã.

No fim da reunião com as autoridades palestinianas, os efetivos da Mercure caminharam até à área de estacionamento, protegida pelas muralhas da Muqataa. Como o edifício ficava sobre um promontório, oferecia uma bela vista da cidade de Ramallah, que Al-Saud se deteve para apreciar. Corria então uma brisa leve, que lhe fez voar a madeixa da franja, lhe entrou pelo colarinho da camisa e fez a sua pele arrepiar-se. Apesar dos problemas e das preocupações, pensou em Matilde. Graças ao transístor que colara na bandoleira do seu *shika* e cuja bateria, de níquel-cadmio, se mantinha impecável, sabia a hora e o dia do voo que a transportara de Paris a Telavive-Yafo. Matilde já devia ter chegado à cidade de Gaza, a povoação mais importante da Faixa. Consultou a localização a sudeste no seu relógio *Breitling Emergency* e fixou a vista no horizonte, até ao local onde ela se encontrava. Sabir al-Muzara também lá estava. Ao recordar o amigo de infância, cerrou os lábios. Dias atrás chamara-o para lhe pedir que retirasse a proteção.

– Não posso ir dar aulas em Jabalia ou ir à universidade com dois guarda-costas sempre atrás –

contestara o jovem Nobel de Literatura. – Sinto-me ridículo.

– Prefiro que te sintas ridículo a que estejas morto – contra-atacou Al-Saud.

– Eliah, por favor – insistiu Sabir –, chama os teus homens e avisa-os de que o seu trabalho comigo acabou.

– Sabir...

– Ou o fazes tu, ou faço-o eu.

– Raios te partam, Sabir! Sabes que a tua vida corre perigo.

– Não mais do que a de qualquer outro gazense.

Al-Saud murmurou um insulto ao recordar a discussão que Al-Muzara acabara por ganhar, dado que, no dia seguinte, chamou os seguranças e ordenou que regressassem a Paris. Não podia fazer nada. Protegera o amigo enquanto este lho permitira. Sabir al-Muzara era adulto e sabia o que fazia. Tinha que respeitar a sua decisão.

Os seus homens despediram-se e distanciaram-se num *Nissan Pathfinder*. Contrariamente a Al-Saud, e sem dar crédito às autorizações especiais conseguidas pelo *katsa* Ariel Bergman, tinham decidido instalar-se num hotel de quatro estrelas situado num barulhento bairro do centro de Ramallah a fim de evitar o posto de controlo à saída de Jerusalém. Al-Saud arrancou e tomou rumo ao sul. Percebeu a vibração do telemóvel enquanto fazia fila no *checkpoint*. Era Noah Keen, o novo guarda-costas de Matilde. O pulso acelerou-se-lhe.

– Já está instalada num apartamento no terceiro piso de um edifício numa rua chamada... Omar Al-Mukhtar – leu o irlandês com dificuldade. – Amanhã, assim que o apartamento estiver livre, entraremos para colocar os microfones.

– Como chegou a Gaza?

– Um homem foi buscá-la ao Ben Gurion. Um tal de Harald... Bondevik – leu de novo –, pelo que conseguimos apurar. Deve ter uns cinquenta anos e é o chefe da missão da MQC na Faixa de Gaza. No *checkpoint* de Erez, um militar de alta patente aproximou-se do automóvel que Bondevik conduzia para o cumprimentar. A Dra. Martínez foi-lhe apresentada.

– Tiveram algum problema para passar o posto de controlo?

– Nenhum, senhor. Ao apresentarmos as autorizações especiais, permitiram-nos continuar sem nos pedirem as identificações.

– Muito bem.

– Que está Matilde a fazer agora?

– Almoçou com o doutor Bondevik no apartamento. Ele foi-se embora logo a seguir. Supomos que está sozinha, talvez a descansar, porque está tudo muito silencioso. Mais tarde enviarei as fotografias.

– Obrigado, Noah. Amanhã voltaremos a falar.

– Boa-tarde, senhor.

Por um instante, Eliah sentiu-se assaltado pela ansiedade para ver as fotografias, após o que mergulhou numa quase depressão. Aquele estado de espírito era recorrente, a situação voltava a repetir-

se: estava separado de Matilde, ela no início de uma nova missão para a Mãos Que Curam, ele à espera de informações, via Keen ou Vachal, a fim de conhecer a sua sorte, tentando adivinhar-lhe o estado da saúde e do ânimo através de fotografias que desfilariam no ecrã do computador. Engatou a primeira e avançou uns metros até ao posto de controlo. Perguntou-se se não seria uma decisão sábia acabar com a obsessão que tinha por Matilde Martínez, assim recuperando o domínio da sua mente e do seu coração. Não era a primeira vez que se punha esta questão; contudo, desta vez pressentiu o nascimento de um empenho novo, com uma fibra tenaz que o impulsionava a crer que, desta feita, conseguiria. Passaram alguns segundos antes que Al-Saud estalasse a língua e golpeasse o volante com as palmas das mãos. Era mesmo estupidez sequer pensar em terminar com ela!

A 20 de outubro pela manhã, Rauf al-Abiyia debruçou-se sobre a amurada do *Sirian Star*, o barco que navegava com a bandeira da Libéria, providenciado pelo homem de Bengasi, Yasif Qatara. Concluiu que, se não estivesse tão tenso pela missão que os esperava, teria admirado o amanhecer no golfo de Adém. Encontravam-se a mais ou menos quatrocentas e cinquenta milhas náuticas do porto de Bosaso, uns oitocentos e trinta quilómetros.

Com pouca vontade, encaminhou-se para a sala de transmissões, no espaço adjacente à ponte de comando, e entrou desejando os bons-dias ao radiotelegrafista, um malaio que, segundo Qatara, era hábil no seu ofício. O rapaz girou na cadeira com os auriculares colocados nas orelhas, e sorriu à laia de saudação.

Chegaram o capitão e o primeiro-oficial, ambos liberianos, e cumprimentaram-no com deferência. A tripulação, um total de vinte homens, também fora providenciada pelo homem de Bengasi. Não podia queixar-se; nos dias em que tinham estado confinados no barco, não houvera qualquer problema, nem sequer com os piratas somalis, cujo chefe, Falamé, passava o tempo a escrutar o horizonte, a verificar se os botes que se encontravam pendurados fora de borda estavam em condições e se as cordas, as escaleiras e as bestas para lançar as pequenas âncoras necessárias para trepar não estavam humedecidas ou estragadas.

– Alguma novidade? – perguntou o capitão ao radiotelegrafista.

– Nada por enquanto.

Al-Abiyia observou o equipamento – a miríade de botões, de luzes e de agulhas – e admirou quem fosse capaz de compreender o seu funcionamento. O outro telegrafista, um iraniano que falava árabe, explicara-lhe que, apesar do mau aspeto do *Sirian Star*, o seu equipamento de transmissão era excelente, topo de gama, permitindo-lhes não só captar a onda da radiobaliza colocada na cobertura do *Rey Faisal* como também a frequência regular do cargueiro saudita.

– Tem quatro rádios oscilantes que rastreiam frequências num espetro de quinhentas milhas náuticas. É assim que o encontraremos.

– Também cruzaremos a frequência de outros barcos?

– Sim, claro. Por essa razão, é importante estarmos alerta.

O capitão falou com o telegrafista malaio e deu-lhe uma série de indicações antes de convidar Al-Abiyia a tomar o pequeno-almoço. Saíram da superestrutura principal do barco e dirigiram-se à segunda, na popa, onde se encontrava o refeitório. Pelo caminho, viram a cabeça de Falamé que assomava por uma escotilha e convidaram-no a ir com eles. À frente de uma chávena de café, os três homens reviram os detalhes do plano de assalto; depois, o capitão abriu um mapa e mostrou as linhas que marcavam as rotas do *Sirian Star* e do *Rey Faisal*, obtido da documentação roubada à Everdale Insurance Brokers Limited. O capitão marcou o ponto aproximado onde acabariam por se cruzar em algum momento da tarde daquela terça-feira, 20 de outubro. Tudo parecia muito profissional aos olhos de Al-Abiyia, e isso tranquilizava-o.

A tranquilidade desapareceu quando, por volta do meio-dia, o telegrafista iraniano apareceu na ponte de comando para avisar que um barco da Quinta Frota dos Estados Unidos estava nas redondezas. O capitão liberiano explicou-lhes que a Quinta Frota, cuja base era em Bahrein, navega pelo golfo de Adém para dissuadir os piratas somalis.

– Nunca vão pensar que somos piratas – declarou a Al-Abiyia, com intenção de o acalmar. – Estamos muito longe da costa para que cheguem a essa conclusão. Para além do mais, os piratas não utilizam estes barcos mas sim barcos a motor.

– O que faremos quando aparecer o *Rey Faisal* e os homens de Falamé tiverem que o abordar?

– Roguemos a Alá para que, nessa altura, a Quinta Frota já se tenha distanciado.

Durante mais de duas horas, a tripulação de *Sirian Star* observou a silhueta da imensa nave norte-americana. Retomaram a respiração quando desapareceu da vista e do radar. Por volta das cinco da tarde, o radiotelegrafista anunciou que tinha sintonizado a frequência regular do *Rey Faisal* e também a da radiobaliza, determinando a sua localização com exatidão.

A passividade dos últimos dois dias a bordo converteu-se numa atividade intensa que, constatou Al-Abiyia com satisfação, era ordenada e precisa. Falamé tornou-se num líder vigoroso que vociferava ordens aos seus homens, os quais, por sua vez, puseram em funcionamento os motores dos cabrestantes até que os barcos tocaram a superfície do mar. Outros verificavam as armas, na sua maioria fuzis AK-47, lança-granadas e facas. Falamé tinha uma pistola de grande calibre.

O *Sirian Star* manter-se-ia na linha de horizonte, de onde se captaria o sinal da radiobaliza que iria guiar Falamé até à sua presa. O navio somali, equipado com uma bússola eletrónica e *walkie-talkies*, aproximar-se-ia do *Rey Faisal* depois do entardecer. A tripulação não daria pela presença dos somalis até ser demasiado tarde.

Falamé conhecia a disposição e a estrutura do barco saudita graças aos planos fotografados por Al-Abiyia. Subiriam os nove metros de altura que os separavam da cobertura por estibordo e deslocar-se-iam em silêncio até às três grandes estruturas do barco. Ele ocupar-se-ia da principal, onde estava a ponte de comando, o coração do cargueiro. Lidariam com uma tripulação de vinte e cinco homens, provavelmente desarmados – Falamé sabia que era regra geral entre os barcos petroleiros navegar sem armas de fogo, porque os fluídos que emanavam dos barris eram um rastilho eficaz quando ativados,

por exemplo, numa troca de tiros. Contudo, desta feita Falamé tinha algumas dúvidas: afinal, embora o *Rey Faisal* fosse um petroleiro, de momento transportava urânio.

Ao pôr do sol aproximaram-se com os botes, cujos motores não emitiam praticamente nenhum som; o pouco que produziam era absorvido pelo vento e pelo fluxo das ondas. Lançaram âncora servindo-se das bestas, e puxaram as cordas e as escaleiras assegurando-se de que estavam bem presas. Puseram os fuzis às costas e, a um movimento de mão do Falamé, iniciaram a subida com uma agilidade que teria maravilhado um trapezista. Já no convés, agacharam-se e, como iam descalços, moveram-se como fantasmas. A tripulação, desarmada, não opôs resistência porque sabia que aqueles robustos pescadores, afogados na miséria, na fome e no desespero, nada tinham a perder.

A uma ordem de Falamé, o capitão fundeou o barco e lançou as âncoras. O controlo do barco mudou assim de mãos: os vinte e cinco membros da tripulação foram enclausurados no refeitório, cujas janelas estavam ocultadas pelas cortinas. Al-Abiyia insistira que não queria que os homens do *Rey Faisal* soubessem que o objetivo da operação era o roubo da carga; o capitão do petroleiro saudita deveria pensar que se tratava de uma manobra para pedir resgate, usual naquela zona.

Por volta das dez da noite iniciaram a transferência dos bidões, que durou até ao amanhecer. A tripulação, que se encontrava no extremo mais distante do porão, trocou olhares desconcertados ao escutarem os ruídos amortecidos. Al-Abiyia instalou-se na cabina de controlo da grua do *Sirian Star* e daí comandou a operação para rececionar os bidões que bamboleavam sobre o mar, na brecha formada entre o barco com a bandeira liberiana e o petroleiro saudita. O primeiro-oficial, que, junto com um grupo de colaboradores, se tinha transposto para o *Rey Faisal* ultrapassando a distância graças aos barcos dos piratas e trepando pelas cordas e as escaleiras, não tão agilmente como os somalis, dirigia a manobra pela qual se tiravam os bidões com urânio do porão e os depositavam no convés do *Sirian Star*. Aí formou-se um engarrafamento, porque o *Sirian Star* só tinha uma grua enquanto o barco saudita possuía três. Os homens que trabalhavam no *Rey Faisal* sentaram-se à espera que os do *Sirian Star* desimpedissem o convés.

Apesar de um dos bidões se ter soltado e caído ao mar, Al-Abiyia qualificou a operação de bem-sucedida. Sentia-se orgulhoso e eufórico, pelo que distribuiu dólares a torto e a direito entre a tripulação do *Sirian Star* que, com tanta eficiência executara o trabalho de carga e descarga em alto-mar. Por volta das seis da manhã, Falamé realizou a sua última visita ao *Sirian Star*, onde recolheu o seu dinheiro e se despediu do capitão, do primeiro-oficial e de Al-Abiyia. Para além do suculento soldo obtido das mãos do traficante palestiano, ganharia ainda mais ao pedir resgate à Aramco pelo barco e pela tripulação.

Cinco horas mais tarde, enquanto o *Sirian Star* navegava pelo mar Árábico em direção a nordeste, o *Rey Faisal* aproximava-se de costa de Bosaso, onde os seus habitantes, na maioria pescadores de rede, não acreditavam no que viam. Nunca um barco daquele calibre tinha visitado o seu paupérrimo ancoradouro.

Matilde partilhava o apartamento da rua Omar al-Mukhtar com a psicóloga Mara Tessio, uma

italiana de Génova, quarentona e de carácter antipático, que falava pouco e levava uma vida solitária, separada do grupo: comia no quarto com a porta fechada, pelo que Matilde jantava quase todas as noites no apartamento dos seus colegas homens, que compensavam a antipatia de Mara, ou no dos seus vizinhos, os Kafarna, uma família que vivia no terceiro andar e que se mostrou amistosa, confiante e hospitaleira de um modo a que Matilde não estava habituada. Ao ficarem a saber que ela trabalhava no hospital Al-Shifa para a Mãos Que Curam, o seu bom trato transformou-se em admiração e agradecimento. Os Kafarna, apesar de serem um casal jovem, já tinham cinco filhos, quatro meninas e um rapaz, o mais pequeno, de dois anos, que Matilde abraçava e beijava quando, com a sua vozinha melodiosa, a cumprimentava desejando-lhe a paz. «*Salaam, tabiiba Matilde*» («A paz, Dra. Matilde»). Matilde soube mais tarde que a saudação dos judeus, *shalom*, também significava «paz». Com o passar dos dias, ia concluindo que aqueles dois povos, tão inimizados, tinham mais em comum do que pensavam.

Também era compensada da antipatia de Mara pelos colegas do hospital, os médicos e as enfermeiras gazenses, e os dos ambulatórios, que a Mãos Que Curam mantinha nos campos de refugiados de Al-Shati e Khan Yunis. Contudo, sentia a falta de Juana e do seu espírito otimista, das suas brincadeiras, dos seus palavrões, das suas ideias, bem como dos seus juízos lapidários; por vezes chegava mesmo a pensar que Juana era a voz da sua consciência. Comunicavam-se com frequência por telefone, quando a empresa israelita de comunicações se dignava prestar o serviço na Faixa, ou por correio eletrónico. A dona do cibercafé afeiçoara-se a ela e mandava-a avisar no hospital, que ficava perto, sempre que a internet estava operacional. Utilizava o mesmo metido para comunicar com Ezequiel e com as suas tias, Sofia e Enriqueta. Quanto ao pai, tinha recebido uma carta há tempos, datada de 29 de setembro, onde ele assegurava que estava bem, que ela não se preocupasse, que logo voltariam a ver-se; não lhe explicava porque desaparecera nem onde se encontrava. De vez em quando, Matilde tirava a missiva da carteira para observar a caligrafia familiar de Aldo e reler as suas palavras. Costumava demorar-se na data, 29 de setembro: o dia dos arcanjos, o mesmo dia em que N'Yanda lhe assegurara que Jérôme se encontrava bem; Matilde não acreditava que fosse uma coincidência.

A pouco e pouco, a médica argentina começava a conhecer várias palavras em árabe; uma delas, *nakba*, era utilizada pelos palestinianos para se referirem ao ocorrido em 1948, quando a criação de Israel lhes mudara a vida. Apesar de decorridos cinquenta anos desde a partição do velho Mandato Britânico da Palestina, até os mais jovens se recordavam do acontecimento apelidando-o de «catástrofe». Em boa verdade, não esqueciam porque a ferida continuava aberta, ninguém perdoava, o rancor crescia. Os israelitas ajustavam o torniquete sobre a Faixa, os terroristas palestinianos imolavam-se e as ilusões nascidas com os Acordos de Oslo desvaneciam-se após cinco anos de espera por uma melhoria nas suas vidas.

Intissar al-Atar, a enfermeira palestiniana do Al-Shifa com a qual sentia mais afinidade, disse-lhe uma vez:

– Todos exultaram com os Acordos de Oslo, mas o *Silencioso* já nos tinha advertido que o tempo

terminaria por demonstrar que eram um desastre.

– O *Silencioso*? – perguntou Matilde, porque pensou ter compreendido mal o inglês, duro e cortado, de Intissar.

– É assim que chamamos Sabir al-Muzara, o nosso Nobel da Literatura – contestou a mulher, sem fazer mistério do orgulho que sentia.

– Sim, já sabia.

– O *Silencioso* – reiterou Intissar. – Assim o apelidou a imprensa por nunca querer conceder uma entrevista. Os que o conhecem garantem que é realmente muito calado; porém, quando abre a boca expressa sempre uma verdade que nos deixa a todos sem palavras.

– Não é professor? É estranho que fale tão pouco...

– Sim, ensina na universidade, mas fora das aulas ouvem-no pouco. Pelo menos, foi o que me contaram. Como deves imaginar, não o conheço.

– Ele vive aqui?

– Sim, em Gaza! Consegues acreditar nisso, ainda mais sendo francês e podendo viver como um príncipe em Paris! De manhã trabalha na escola Al-Faluja, em Jabalia, e dá aulas na Universidade Islâmica e na de Al-Quds. Os israelitas respeitam-no – acrescentou, com ar altivo.

– Então como sabes tanto sobre dele?

– Um pouco pelo que dizem os jornais, mas também porque a esposa do meu primo Azzam tem uma amiga cujo irmão está casado com uma professora que também trabalha na Al-Faluja. Ela conhece-o.

– O que é que diz dele? – impacientou-se Matilde.

– Que é um santo, e muito bonito.

– É casado?

Intissar soltou um riso malicioso, e Matilde achou-a muito atraente.

– Não, é viúvo. Suponho que todas as mães das *muwatanín* estejam a conspirar para lhe conseguir uma esposa. Ele é a joia de Palestina, sobretudo desde que lhe atribuíram o Nobel.

– Disseste *muwata*...?

– *Muwatanín*, os nativos de Gaza. Nós somos *mehajerín*, refugiados, os que antes de 1948 vivíamos noutras cidades da Palestina. Viemos para aqui quando as nossas aldeias caíram nas mãos dos israelitas.

– Há diferenças entre os refugiados e os nativos?

– Sim, nós incomodamos os *muwatanín* como se estragássemos a paisagem. Acham-se superiores a nós, apesar de que eu *também* sou nativa. Nasci em Gaza – explicou, com ar ofendido. – Mas a minha *hamula*, o meu clã, a minha família – traduziu – é de Majdal: os israelitas chamam-lhe Ascalão. Se perguntares a qualquer um de onde é, ainda que seja uma criança de cinco anos, não te dirá: «Sou de Gaza», mas dar-te-á o nome da cidade dos seus avós. Que parvoíce! Isto é o passado. Perdemo-lo. Basta.

– E a tua mãe? – inquiriu Matilde, com um olhar sagaz, para desviar do tema da guerra e da partição da Palestina, que sempre a enfurecia. – Ela também conspira para que o *Silencioso* case contigo?

– Querida Matilde, vou evitar o casamento o máximo que puder. Aqui quando te casas, comesas a ter filhos e deixas de ser dona da tua vida.

– És jovem – animou-a Matilde, que sabia que a enfermeira só tinha vinte e cinco anos.

– Sou uma velha! Aqui casamo-nos com dezassete, dezoito anos, e passas da autoridade paterna para a do teu marido. Detesto isso! Não poderia ter estudado para ser enfermeira se tivesse casado tão jovem.

– A tua família pressiona-te?

– Se me pressiona? Fui viver com a minha irmã Nibaal porque o meu pai me pôs fora de casa.

Nibaal e o seu esposo acolheram-me e, por isso, o meu pai também não lhes dirige a palavra.

Apesar de se tratar de uma sociedade laica – muitas mulheres saíam sem cobrir a cabeça e gozavam de uma relativa liberdade; não existia a polícia religiosa, como na Arábia Saudita, e Arafat não se guiava pela *sharia*, a lei islâmica, proclamando que converteria a Palestina numa democracia –, a Palestina possuía, na sua base, um fundamento islâmico. Matilde adivinhava-o em comentários como os da sua amiga Intissar. Outros costumes lembravam-lhe que estava entre pessoas muito diferentes de si: o canto do muezim que, devido aos altifalantes colocados nos minaretes das mesquitas, se propagava pela cidade cinco vezes por dia, era uma das recordações mais precisas do seu primeiro dia em Gaza. Ainda estava a almoçar com Bondevik quando o apelo inundara a rua e calara as buzínadelas e o som das outras vozes. Matilde levantou-se e dirigiu-se à janela, de onde se avistava a torre da mesquita. Ficou a olhar e a escutar a voz gasta, mas agradável, do homem que cantava convocando os fiéis para a oração. Começou por se inquietar, sentindo-se um pouco alienada, mas esse sentimento mudou ao pensar: «Eliah sabe falar, ler e escrever árabe. Ele poderia traduzir-me o que diz este homem. Ele é muçulmano.» Continuou a escutar, mais tranquila, e o som monocórdio, quase um lamento, tranquilizou-a. O olhar pousou-lhe sobre uma fita adesiva de pintor que estava colada no vidro da janela, a bordear o caixilho de madeira e que também traçava diagonais formando um X.

– O que é isto?

– Um resto da época da ocupação – explicou o médico norueguês. – Colocavam-se para evitar que a onda expansiva dos morteiros e das bombas quebrasse os vidros, ou para quando os caças israelitas rompiam a barreira do som.

– Não os tiraram?

– Ninguém acredita que esta paz dure muito, se é que se pode chamar paz a isto.

O hospital Al-Shifa, situado na parte norte do bairro de Rimal, o mesmo onde vivia Matilde, era o maior complexo médico da Faixa de Gaza. Matilde ficou surpreendida, talvez porque esperasse um prolongamento da pobreza da construção urbana de Rutshuru, com os seus pisos únicos e de construção barata. O Al-Shifa, que em árabe significa «curativo, sanador», com a sua capacidade de quinhentas e oitenta e cinco camas e quatro andares de construção sólida sobressaía pela sua presença imponente numa cidade onde as grandes construções praticamente não existiam.

No seu primeiro dia de trabalho, na sexta-feira, 16 de outubro, Matilde vestiu-se com calças largas e

um camiseiro que abotoou até ao pescoço, apesar de fazer calor. Não cobriu o cabelo porque Bondevik lhe garantira que tal não era necessário, mas absteve-se de o deixar solto; fez duas tranças que enrolou na parte posterior da cabeça. Na opinião do médico norueguês parecia uma rapariga do Tirol; com ele concordaram Jonathan Valdez, o psiquiatra porto-riquenho, e Amílcar de Sousa, o traumatologista brasileiro. Foram os quatro a pé – o Al-Shifa ficava a sete quarteirões –, enquanto a punham ao corrente, durante a caminhada de quinze minutos, do funcionamento de um hospital de tal envergadura. Mara ficara no apartamento porque era o seu dia de folga.

Matilde sempre se integrara bem no ambiente de trabalho, e os seus colegas palestinos facilitaram-lhe a tarefa. Não os conheceu a todos no primeiro dia porque era sexta-feira e a maioria estava em casa ou nas mesquitas. Contudo, desde o princípio começou a correr a sua fama de cirurgiã de espantosa habilidade. Pouco depois de chegar no hospital nesse primeiro dia, enquanto Matilde, já com a bata da Mãos Que Curam e de estetoscópio ao pescoço, percorria as instalações com Luqmán Kelil, o chefe da equipa de Cirurgia, ouviu-se uma sirene à distância e, poucos minutos depois, o nome de Luqmán gritado aos altifalantes do hospital. O homem sorriu e disse a Matilde:

– O espetáculo vai começar. Vem, acompanha-me.

Tinham acomodado uma menina, com cerca de oito anos, numa maca, no extremo mais distante da entrada de uma galeria enorme, dividida em compartimentos por biombos. Ouviam-se os apitos dos aparelhos, o corrupio do pessoal de cirurgia e as vozes nervosas das enfermeiras e dos médicos. Ao aproximar-se, Matilde teve a impressão de que havia demasiado pessoal em torno da paciente, e que não atuavam com o profissionalismo esperado. Luqmán Kelil parecia ter tido a mesma ideia, porque falou de modo severo. Como se expressou em árabe, Matilde não compreendeu nada. Algumas enfermeiras e médicos afastaram-se com os rostos pesarosos enquanto outros lhe explicavam o caso. Kelil aproximou-se para examinar a menina.

– Uma granada – dirigiu-se a Matilde em inglês. – Ela e a irmã mais nova encontraram-na perto de casa. A irmã morreu e ela foi atingida por um estilhaço que lhe destroçou a perna.

Matilde ficou a olhar para a menina, cuja perna tão fina como o seu braço estava quase partida em duas na zona da coxa. Tinham-lhe controlado a hemorragia, ainda que tivesse perdido muito sangue, e preparavam-se para lhe fazer uma transfusão.

– Teremos que fazer-lhe uma amputação transfemoral – sentenciou Kelil.

Matilde sabia que perder uma perna era uma tragédia em qualquer latitude; contudo, em locais pobres e hostis como era o caso do Congo ou de Gaza, podia significar a segregação e a morte. Por outro lado, uma transfemoral, ou seja, uma amputação efetuada acima do joelho, precisava de um paciente com uma enorme quantidade de energia a fim de enfrentar a recuperação e conseguir adaptar-se, energia essa que aquela menina, tão debilitada, não parecia ter.

– Não – discordou, embora sabendo que a sua decisão não seria apoiada. – Podemos salvar-lhe a perna.

As enfermeiras que preparavam a pequena pararam as suas tarefas e olharam para ela; o mesmo fez

o Dr. Kelil. Matilde temeu que, por se lhe ter oposto em frente do pessoal feminino, o médico se irritasse e teimasse em cortar a perna.

– Quero dizer – explicou-se –, julgo que a poderíamos salvar se reconstruíssemos o tecido muscular...

– O osso está esmagado – recordou-lhe Kelil.

– Vejamos as radiografias – propôs Matilde.

– Ainda não as fizemos – interveio uma enfermeira, e Matilde pode ler o nome da rapariga bordado na bata branca: Intissar al-Atar.

Felizmente, Matilde enganara-se na sua presunção: Luqmán Kelil não se ofendera e até dera crédito à sua proposta. Rapidamente, correndo o risco que o tecido necrosasse, estudaram as radiografias com a assistência de Amílcar de Souza, o traumatologista da Mãos Que Curam. Decidiram tentar salvar a perna de Kalida.

– A granada poderia pertencer a qualquer um – explicou Kelil, enquanto escovava debaixo das unhas, em resposta à pergunta de Matilde –: às Brigadas Ezzedine al-Qassam, aos da Jihad Islâmica ou ao Tsahal. A qualquer um deles.

Praticar uma cirurgia tão complexa numa sala de operações desconhecida, servindo-se de aparelhos, apetrechos e materiais novos, e assistida por instrumentistas e enfermeiras de sala de operações que não falavam a sua língua e que ela via pela primeira vez era, sem dúvida, um ato de coragem; outros tê-lo-iam considerado descabido. A reputação de Matilde estava em jogo. A jovem médica sacudiu a cabeça numa tentativa de afastar os maus pensamentos. Nada lhe importava exceto que a menina não ficasse aleijada. Antes de empurrar as portas de vaivém com as mãos enluvadas no ar, pensou em Eliah e na Medalha Milagrosa que lhe oferecera e que lhe salvara a vida meses antes, em Viena. «Maria», rezou à Virgem, «guia a minha mão para que salve a perna de Kalida».

Matilde não sabia se Luqmán Kelil lhe permitia realizar a operação para descartar a sua responsabilidade, para lhe dar uma oportunidade ou porque não sabia mesmo como proceder. Com o decorrer dos minutos compreendeu que Kelil, assim como de Souza, a apoiava: estavam dispostos a dar a cara por ela. Não o disseram de forma explícita; Matilde simplesmente teve a certeza de que enfrentavam aquela complexa cirurgia como uma equipa, e isso animou-a.

A operação durou quatro horas e foi considerada um êxito. De qualquer maneira, as primeiras quarenta e oito horas, em que as infeções rondariam Kalida como espíritos demoníacos, ainda não tinham passado.

A mãe da menina beijou as mãos de Matilde depois de Luqmán ter falado com ela em árabe.

– O que é que lhe disseste? – perguntou Matilde, entre risonha e incomodada, enquanto a mãe da menina continuava a acariciá-la e falava com ela num linguajar ininteligível.

– A verdade: que foste tu que salvaste a perna da menina. Eu tê-la-ia amputado.

– *Shukran*, Luqmán.

A mulher, seguida por um enorme cortejo, abandonou o hospital para se ocupar do funeral da filha

que perdera. Não vieram ver Kalida durante três dias. Intissar ganhou a admiração e o carinho de Matilde durante esse tempo graças ao seu esforço para cuidar da pequena doente. Mantinha-se atenta aos antibióticos que lhe administravam por perfusão intravenosa, tirava-lhe a temperatura com frequência e controlava-lhe os sinais vitais a cada momento. Tornava-se minuciosa ao dar as diretrizes à sua companheira do turno da noite, que lhe sorria com condescendência e a enviava para casa. Quando a família de Kalida regressou ao Al-Shifa, Matilde e Luqmán anunciaram à mãe que a evolução da filha era muito favorável. Respondia bem aos antibióticos, e a ferida, com os seus drenos e suturas, tinha bom aspeto. Continuava na Unidade de Cuidados Intensivos, mas esperavam transferi-la para um quarto nos próximos dias.

Em Gaza, de forma muito rápida e algo caótica, o estrangeiro embebe-se da história e da problemática do povo palestino; até as crianças a conhecem e a difundem. Sem ser exceção à regra, a recém-chegada Matilde foi tomando conhecimento de um pouco da história daquele povo que, por se encontrar numa região estratégica do ponto de vista geopolítico, tinha sofrido invasões e dominações desde tempos imemoriais. Já lhe eram familiares os nomes das diversas facções e os dos seus líderes: sabia que a Fatah era o partido político de Yasser Arafat e um componente fundamental da OLP; embora fosse de origem sunita, declarava-se como uma organização laica. Marwan Kafarna, seu vizinho, contara-lhe que, desde a tomada do poder por Arafat, muitos se tinham filiado na Fatah para obter emprego, o bem mais escasso da Faixa.

Aprendera igualmente que o Hamas, criado por um antigo xiita chamado Ahmed Yassin, era uma organização considerada terrorista pelos Estados Unidos e por Israel. O Hamas defendia que salvaria a Palestina do sionismo através do Islão. O seu braço armado, as Brigadas Ezzedine al-Qassam, perpetravam os ataques suicidas contra civis em cidades israelitas, investidas traziam muitos problemas aos palestinianos – o governo de Benjamin Netanyahu aplicava castigos coletivos como se toda a população da Faixa tivesse sido pessoalmente responsável pela matança. O Hamas contava com adeptos entre os gazenses porque, para além das atividades políticas, desenvolvia tarefas sociais: com os donativos recebidos do estrangeiro através do antigo sistema da *hawala* – uma vez que o Hamas fora proscrito, não podia receber dinheiro do estrangeiro por vias legais –, fundavam-se escolas, dispensários, atribuíam-se subsídios e, sobretudo, criavam-se postos de trabalho.

Somava-se ao leque de organizações a Jihad Islâmica, de carácter religioso e muito elitista, na opinião de Marwan. Não lhes interessava melhorar a condição de vida dos palestinianos a não ser através da luta contra o «império sionista». Também reivindicavam muitas das matanças de civis em Israel.

– Porque matam civis? – horrorizou-se Matilde.

– O Hamas instituiu como um dos seus princípios fundadores somente assassinar soldados israelitas; porém, após o massacre que o israelita Baruch Goldstein concretizou em 1994, o Hamas, para se vingar, intentou ataques contra civis.

– Como dizia Gandhi – lembrou Matilde – «olho por olho, e o mundo ficará cego».

– Sim, é verdade – concordou Firdus Kafarna, a esposa de Marwan –; mas aqui há tanta dor, tanta impotência, tanta raiva, que as pessoas acabam por enfraquecer e por ser objeto destes grupos violentos. Nós, Matilde, temos sorte porque Marwan tem um emprego na comissão administrativa da UNRWA que nos permite contar com um salário digno, mas somos uma minoria. Os restantes vivem da esmola das Nações Unidas.

Outra das coisas que Matilde aprendeu foi que a UNRWA (United Nations Relief and Works Agency), criada em 1949 pelas Nações Unidas para ajudar os refugiados palestinianos de maneira provisória, continuava ainda, cinquenta anos depois, a exercer as suas funções. Era tão velha quanto o conflito e tornara-se a agência mais antiga daquele organismo internacional. Intissar explicou-lhe que a maioria dos habitantes dos campos de refugiados vivia dos subsídios e dos alimentos proporcionados pela UMRWA.

– Esta situação – declarou a enfermeira – é humilhante para eles, desmoraliza-os e tira-lhes a dignidade; mas, sem a ajuda da UNRWA, morreriam de fome.

Matilde absteve-se de comentar que, de acordo com os resultados das consultas de crianças que ela conduzia nas duas últimas semanas, uma percentagem alarmante apresentava ainda assim sinais de desnutrição.

Marwan Kafarna ensinou-a a reconhecer a filiação de cada família através dos adornos que embelezavam as suas salas. Por exemplo, se encontrasse um cartaz ou uma fotografia de Abu Ammar – assim chamavam os palestinianos a Yasser Arafat –, significava que a família pertencia à Fatah. Se na sala estivesse o rosto barbudo de Fathi Shiqaqi, acabava de entrar na casa de um membro da Jihad Islâmica. O assassinato do seu líder às mãos da Mossad, em outubro de 1995, quase deitara por terra a débil paz e ainda se pagavam as consequências das retaliações. Se, em contrapartida, avistasse a fotografia de George Habash ou um esboço de Handala, a caricatura de um menino palestiniano imortalizado pela mão de Naji Al-Ali, conhecido admirador de Habash, estava em casa de simpatizantes da Frente Popular para a Libertação da Palestina, uma organização marxista e, consequentemente, oposta à religião. A fotografia de Anuar al-Muzara (Matilde avistara-a na rua), o líder das Brigadas Ezzedine al-Qassam, bem como a de Ahmed Yassin, colocavam-na frente a partidários da causa do Hamas.

– Anuar al-Muzara? É parente do escritor, de Sabir?

– São irmãos! – exclamou Firdus. – Mas são inimigos mortais. Sabir é um adepto da não violência, tal como Gandhi, que acabas de citar. O irmão, por seu lado, acha que o terror é a única forma de reavermos a Palestina.

– Em contrapartida – prosseguiu Marwan, sem deixar tempo a Matilde para digerir o que acabava de descobrir (que um dos irmãos de Samara, cunhado de Eliah, era um terrorista) –, encontrarás em todas as casas palestinianas uma pintura, uma fotografia, uma gravura, um tapete, o que quer que seja, da mesquita de Umar. – Assinalou a pintura pendurada atrás dele, com a famosa cúpula dourada.

– Essa mesquita está em Jerusalém, não é?

– Sim. Por isso verás esta imagem em todas as nossas casas: para nós, os palestinos, perder Jerusalém é uma ferida que não cicatriza.

Nem sequer as crianças fizeram barulho quando Matilde se levantou para admirar o óleo com a Cúpula da Roca, como também é conhecida a mesquita de Umar. A família Kafarna susteve a respiração, como se esperassem a aprovação da médica argentina por quem começavam a sentir tanto carinho. Ao baixar os olhos, Matilde cruzou o olhar com o do seu amigo Marwan; estavam cheios de lágrimas.

– Matilde – disse o homem –, tudo o que a maioria dos palestinos querem é ter uma vida normal.

Matilde tinha acabado de sair da sala de operações, um pouco atordoada depois de um dia de trabalho duro. Não se queixava porque, como sabia por experiências passadas, aquele estado servia para a manter afastada de pensamentos destrutivos. Visitou Kalida, já instalada num quarto, que a recebeu com um sorriso que lhe oprimiu a garganta, pois fazia-a recordar o do seu Jérôme. Aconselhados por Matilde, ainda não lhe tinham confessado que a irmã morrera devido à explosão da granada. Como nem Kalida nem os seus parentes falavam outro idioma, comunicavam-se por sinais e, todos os dias, Matilde sentia crescer nela a necessidade de aprender árabe. Entretanto, compreendiam-se com o movimento das mãos e as caretas. Nesse dia, Matilde entregara uma pequena prenda à criança: uma bonequinha com um vestido cor-de-rosa e sandálias pretas que comprara numa loja da rua onde morava. Pela reação da menina, Matilde teve a impressão que nunca recebera uma prenda. Sentia-se muito unida a Kalida, especialmente depois de saber que o pai dela estava encarcerado numa prisão israelita por motivos políticos. Aldo, o seu pai, também estivera preso, mas por fraude. Não obstante, o sofrimento era o mesmo. Matilde riu-se porque a mãe de Kalida se mostrava tão desconcertada como a filha perante a insignificante oferta.

Desceu ao refeitório do hospital para tomar um café com leite, ainda que possivelmente tivesse que se conformar com chá, uma vez que o governo de Netanyahu voltara a fechar os postos fronteiriços, e os alimentos escasseavam. Talvez se decidisse a não tomar nada porque, se preparavam a infusão com água da torneira, teria um gosto salobro; de mais a mais, Bondevik proibira-a de beber aquela água porque, por mais que a fervessem, o alto teor de cloro não desaparecia. «Adicionam cloro em excesso porque a água corrente se mistura com os esgotos», explicara-lhe o médico norueguês. «No final não sei qual o pior: se o remédio se a cura», notou. Matilde surpreendeu-se ao descobrir que o problema mais importante dos congolenses era o mesmo que o dos gazenses: água potável.

Sentou-se na mesa com os seus colegas da Mãos Que Curam, Jonathan e Amílcar, que programavam umas pequenas férias depois de várias semanas sem descanso. Dada a intensidade do trabalho, Matilde praticamente não gozara as suas folgas, pelo que Harald Bondevik lhe havia prometido que, de ali a umas semanas, lhe concederia três dias. Se a Faixa de Gaza não estivesse fechada nessa altura, planeava visitar Jerusalém.

Matilde despediu-se dos seus colegas e saiu do refeitório para regressar ao terceiro piso, onde faria o seu turno. Passou pela receção, cumprimentando as telefonistas com um «*Masa'a alkair*» («Boa-tarde») e um acenar da mão. Afastava-se da entrada, apinhada de gente, sobretudo mulheres com crianças, quando um tumulto a alcançou. Virou a cabeça sobre o ombro e viu avançar um grupo de pessoas a passo rápido. O homem que encabeçava a ruidosa comitiva levava nos braços uma menina com não mais de três anos, empapada em sangue. A julgar pelo aspeto cinzento do homem, ter-se-ia dito que ele também estava quase a ficar exangue. O seu gesto desolado tocou o coração de Matilde, que correu até ele e lhe estendeu os braços para que lhe entregasse a criança, o que o homem fez de imediato, como se a criança queimasse. A menina chorava e mexia-se; era um bom sintoma.

– Fala inglês? Francês? – tentou Matilde.

– Sim, sim, francês – respondeu rapidamente o homem. – Sou o pai dela. Bateu contra uma porta.

– A menina fala francês?

– Sim, sim. Chama-se Amina.

Matilde dirigiu-se à enfermaria, com o homem e a sua comitiva atrás. Não tinha notado que a barulheira na entrada abrandara, nem que um murmúrio se levantava entre os presentes; também não reparou nos olhares assombrados que trocavam.

– Só você pode entrar – disse Matilde, e o homem dirigiu-se em árabe aos seus acompanhantes.

A menina tinha parado de chorar para gritar «Papá! Papá!». O modo como chamava o pai destroçava o coração de Matilde. Uma enfermeira ajudou a deitá-la numa maca e, juntas, examinaram o corte na testa, que sangrava profusamente. Não poderia cosê-la se continuasse a mexer-se assim; também não o queria fazer com a menina tão tensa: estava convencida que um bom processo de cicatrização se relacionava de forma direta com a falta de tensão no tecido no momento da costura. Como não queria sedá-la, pediu à enfermeira que lhe segurasse as pernas, apertou uma compressa na ferida e inclinou-se no seu ouvido. Sussurrou-lhe o nome várias vezes e, quando a criança se calou, ainda rígida, cantou-lhe *Alouette, gentille alouette*, sempre com a gaze sobre o corte.

– *Alouette, gentille alouette. Alouette je te plumerai. Je te plumerai la tête. Je te plumerai la tête. Et la tête. Et la tête. Alouette. Alouette.* – Calava-se durante alguns momentos, assaltada pela recordação de Jérôme, e engolia para dissolver a obstrução na garganta. Percebia que a rigidez de Amina se dissipava e que a sua respiração se tornava mais lenta. Atreveu-se a afastar-se um pouco e a fixar-lhe os olhos, sem deixar de cantar. Continuou com *A tartaruga Manuelita*, *O elefante Trompita*, *Os Reis Magos*, *A minha barba tem três cabelos*, e até lhe cantou *Zorro* e a *Marcha de São Lorenzo*, ao esgotar o repertório de canções infantis. Para sua grande surpresa, esta última foi a preferida de Amina, que pediu que voltasse a cantá-la. «*Encore une fois*», pediu-lhe, e a vozita provocou-lhe um riso emocionado. Matilde reparou que o homem e a enfermeira riam também, mas não desviou a atenção da menina. Antes de cantar a *Marcha de São Lorenzo* de novo, pediu à enfermeira em inglês que, lentamente, soltasse as pernas da criança e que a fosse preparando a anestesia. Coseu-a cantando-lhe e falando-lhe o tempo todo; os seus lábios não pararam de se mover nem por um segundo, como se neles residisse o

segredo do feitiço que mantinha a criança quieta e relaxada. Felizmente, a porta era de madeira e não necessitava a vacina antitetânica, pelo que, assim que fechou a ferida, o trabalho estava concluído. Matilde pôs as mãos por baixo das costas de Amina e levantou-a lentamente para que não enjoasse. A menina ficou sentada nas bordas da maca, com as pernas no ar e uma expressão atordoada, como quem desperta num sítio desconhecido. Matilde pediu uma gaze embebida em água e, enquanto limpava os restos de sangue seco da cara de Amina, elogiava-a.

– És tão valente, Amina! Nunca cosi uma menina tão valente como tu.

– Obrigado, doutora. – Ouviu a voz trémula do pai, e voltou-se. O sorriso de cortesia desvaneceu-se quando reconheceu o homem.

– Oh – balbuciou –, o senhor é Sabir al-Muzara. – O homem baixou a cabeça, com humildade, um pouco envergonhado também, e sorriu enquanto concordava. – Eu... Não o reconheci há momentos. Desculpe. Sou uma grande admiradora sua. Li todos os seus livros. – Al-Muzara levantou o olhar e expressou a sua surpresa arqueando as sobrancelhas. – Todos – sublinhou Matilde.

– Obrigado.

– Fiquei tão contente quando lhe foi atribuído o Nobel da Literatura. É uma honra para mim conhecê-lo, senhor Al-Muzara! – exclamou, sentindo-se como aquelas fanáticas que correm aos gritos atrás do seu cantor favorito. Um silêncio incómodo sobreveio na sala de urgências. Várias enfermeiras observavam-nos.

– É a primeira vez que Amina leva pontos – manifestou o escritor. – Creio que tinha mais medo do que ela. Era tanto sangue – comentou, angustiado, e olhou o peitilho da camisa, onde as manchas começavam a adquirir uma tonalidade castanha.

– É uma zona que sangra muito – explicou Matilde. – O corte era profundo. Vai cicatrizar bem, e tenho a certeza de que irá desaparecer com o tempo.

– Agradeço-lhe que a tenha tranquilizado.

– Não podia cosê-la naquele estado de nervos, e não queria sedá-la. Também não queria cosê-la enquanto vocês a seguravam: é muito violento.

Sabir al-Muzara ficou a observá-la abertamente com um sorriso nos lábios e um olhar curioso, como se lhe tivesse aparecido um ser de outra espécie, o qual lhe interessava estudar. Matilde, que começou a sentir o rosto quente, voltou-se para Amina que não perdera nenhum detalhe do diálogo entre o pai e a senhora. Pegou-a nos seus braços e entregou-a ao homem.

– Vou prescrever um analgésico caso a menina se queixe que lhe dói. Poderá tomar uma dose de seis em seis horas. Gostaria de a voltar a ver dentro de dois dias.

– Como limpo a ferida?

– Não, não. Com a ferida não faça nada. Evite molhá-la. Se se molhar mude só a gaze.

– Como se chama, doutora?

– Matilde Martínez.

– Martínez é um apelido espanhol.

– Sim. Sou argentina. – Um pouco nervosa, consultou a hora no relógio que Eliah lhe oferecera. – Senhor Al-Muzara, tenho de o deixar. Estão à minha espera na cirurgia.

Sabir al-Muzara estendeu-lhe a mão e Matilde apertou-a com firmeza.

– Vemo-nos dentro de dois dias, doutora Martínez. Obrigado por tudo.

– De nada. Adeus, querida. – Em pontas dos pés, beijou a menina que descansava a bochecha grossa no ombro do seu pai, e Al-Muzara ficou surpreendido pelo seu perfume de bebé.

Dois dias mais tarde, quando o prémio Nobel de Literatura cruzou a porta do Al-Shifa, várias enfermeiras e também o pessoal administrativo acorreram à entrada para lhe dar as boas-vindas. Sabir Al-Muzara, com a sua conhecida sobriedade no falar, anuí-a e sorria. Como lhe pediam autógrafos, entregou a menina a uma mulher que o acompanhava e com a qual ela parecia estar familiarizada.

– Já chegou! Já chegou! – Intissar correu à mesa na qual Matilde e Luqmán Kelil partilhavam um café.

– Quem? – desorientou-se Matilde, e riu-se perante o gesto exasperado da enfermeira.

– Quem havia de ser? O *Silencioso*! Veio para que viesses a filha.

Kelil também a acompanhou porque desejava conhecer o outro Nobel palestino: afinal, Yasser Arafat recebera o Nobel da Paz em 1994. O sorriso de Al-Muzara ao avistar Matilde não passou despercebido. As pessoas abriram espaço para o deixar passar, e a médica avançou até ao escritor; no entanto, primeiro aproximou-se de Amina, que lhe pediu uma canção. Matilde tomou-a nos braços e beijou-a.

– Boa-tarde, senhor Al-Muzara. Obrigada por a trazer.

– Boa-tarde, doutora.

Afastaram-se conversando sobre a evolução da ferida e de como se tinha sentido a menina. Pouco depois, Matilde tirou as luvas de látex, lançou-as para um cesto e declarou que a ferida da menina se encontrava em ótimas condições. A protuberância desapareceria com a desinflamação do osso.

– A contusão não me preocupa – assegurou. – O senhor Al-Muzara sabia que o osso frontal é o mais duro do esqueleto humano?

– Sabir, por favor. Trate-me por Sabir e por tu. Somos demasiado jovens para tanta formalidade. – Aproveitando que só ali estava uma enfermeira e que, pelos vistos, não compreendia francês, Al-Muzara disse: – Matilde, gostaria muito de te agradecer o que fizeste pela Amina.

– Não há nada que agradecer, Sabir. É o meu trabalho.

– Sim, mas executaste-o de um modo que me surpreendeu. Foste muito humana no cumprimento das tuas funções, e isso não é uma postura fácil de encontrar entre os médicos.

– Ora... Existem muitos médicos que são bondosos.

– Esta noite vão uns amigos jantar a minha casa. Gostaria que também viesses. – Matilde ficou estupefacta. – Se puderes e se não for um incómodo – apressou-se o homem a acrescentar, gaguejando.

«Para alguém apelidado de *Silencioso*», pensou Matilde, «fala bastante».

– Sim, com muito gosto. Posso levar uma amiga? Quer tanto conhecê-lo. Levaremos qualquer coisa

– apressou-se a acrescentar.

– Não será necessário.

Por volta das oito horas, em frente à casa do *Silencioso*, segurando massas secas numa mão e com a outra a segurar a alça da mala, Intissar tremia.

– Não tenho coragem.

– Vamos lá – animou-a Matilde.

– Não me mentiste quando garantiste que ele aprovou a minha vinda?

– Claro que não!

– É lindo! – elogiou a enfermeira. – É o homem mais bonito que já encontrei. É tão alto...

Matilde achava-o um pouco desajeitado: notara que os ombros lhe caíam para a frente, como se lhe pesassem. No entanto, admitia que o sorriso, ainda que pouco constante, era bonito; e os olhos, enormes, escuros e amendoados, tinham-na surpreendido: não sobressaíam nas fotografias das capas dos livros. Recordou o retrato de Samara sobre o piano de cauda na casa da avenida Foch, e notou de imediato a semelhança.

Antes de partirem para casa do *Silencioso*, enquanto se decidiam sobre o que iam vestir, Matilde reparou que Intissar, com uma habilidade chamativa, cobria a cabeça, a cara e o pescoço com um lenço negro. Era a primeira vez que a via envolta nele.

– Porque te cobres, Intissar?

– Porque não sou assim tão atrevida que consiga ir a casa de um homem que não é meu *mahran*, meu parente – explicou –, sem cobrir a cabeça com o *mandil*.

A mulher que acompanhara o *Silencioso* ao hospital na tarde do incidente abriu-lhes a porta. Apresentou-se como Ariela Hakim e, embora para Matilde isso não significasse nada, Intissar soube logo que estava perante uma judia. Na realidade, a mulher era israelita: a enfermeira adivinhou-o logo pelo sotaque hebraico que se adivinhava no árabe perfeito que Ariela falava.

Amina corria pela sala perseguida por uma jovem que a intimava a parar. A menina acabou por se agarrar às pernas de Matilde e levantou a cara para lhe sorrir com malandrice, mostrando-lhe os dentes e semicerrando os olhos.

– Deverias estar quietinha, Amina. Vem – disse, e levantou-a nos seus braços.

Com o passar dos dias, Matilde compreendeu que a casa do *Silencioso* era mais uma espécie de um clube social do que um lar. Apesar de ele e Amina morarem sozinhos, nunca lá se encontravam menos de dez convidados. Os amigos entravam e saíam como lhes apetecia: ficavam para comer, mesmo sem convite expresso, ou abriam o frigorífico e petiscavam o que houvesse caso tivessem fome; deitavam-se na cama de hóspedes para fazer uma sesta ou na cama da Amina, ou até na de Al-Muzara se as outras estivessem ocupadas. A casa de banho raras vezes estava livre e a cozinha parecia um campo de batalha.

Sabir al-Muzara atravessou a sala desviando-se de crianças e pessoas ao vê-la entrar com Amina nos braços. Brindou-a com um sorriso e Matilde reparou no suspiro de Intissar, que se mantinha atrás dela.

Trocaram cumprimentos e apresentações e, depois de entregarem as massas a Ariela Hakim, a pessoa que parecia estar no comando das questões culinárias, e de lavarem as mãos no tanque (a casa de banho estava ocupada), sentaram-se à mesa. Matilde ofereceu os seus préstimos para ajudar a servir. Sabir, sorrindo, rejeitou a proposta com a cabeça. Nessa noite, os convivas foram sete adultos e quatro crianças. Amina comeu sentada ao colo de Matilde: habituada a vê-la de touca cirúrgica, fora impossível afastar a criança das tranças grossas e loiras da «médica que canta».

– Não é assim que ela se chama – corrigiu-a Ariela, num francês correto. – O nome dela é Matilde.

Contrariamente aos outros convidados, com as suas poses de intelectuais e de filósofos, Ariela Hakim ria e conversava com naturalidade, ainda que saltasse à vista que era tão inteligente e culta como os seus companheiros. Agradou à Matilde de imediato. Semanas mais tarde, quando a amizade entre elas ficou mais firme, Matilde perguntou-lhe:

– Ariela, não tens medo de viver entre gazenses, sendo israelita?

– Absolutamente nada! – Riu-se como se qualificasse de divertida e extravagante a pergunta de Matilde. – Nos sete anos que vivo como correspondente em Gaza, nunca, nem uma única vez, fui agredida, insultada, nem sequer olhada de lado. Numa ocasião, estava a cobrir o funeral de um ativista do Hamas assassinado pelo Shabak no campo de refugiados de Khan Yunis, e desloquei o ombro. Sem reparar, atordoada pela dor, pedi ajuda em hebreu. Imagina! Uma israelita, em pleno velório de um líder assassinado pela nossa polícia secreta, a gritar em hebreu.

– Uma situação perigosa, no mínimo.

– Mas não. As pessoas aproximaram-se, conduziram-me a um táxi e ajudaram-me a entrar nele. Alguém pediu ao taxista que me levasse ao hospital. O taxista esperou que me pusessem o ombro no lugar, levou-me de novo para Khan Yunis aonde tinha deixado o meu carro e não quis cobrar nada! Tenho muitas histórias que demonstram que, contrariamente ao que se pensa no mundo, os gazenses são pessoas pacíficas e tolerantes. Às vezes explodem, claro, porque a situação é tão injusta que era preciso ser de pedra para não reagir.

Amina acabou por adormecer nos braços de Matilde. Sabir, ao desembaraçá-la do peso para levar a filha para o quarto, murmurou-lhe:

– Come. Não comeste nada. – Em voz alta pediu: – Ariela, traz à Matilde um pouco mais de *kidra*. O dela está frio.

Matilde comeu a porção de ensopado de arroz com grão-de-bico e especiarias sob os olhares dos outros comensais. Já repara que, desde a sua chegada a Gaza, três semanas antes, tinha aumentado de peso; não que o fizesse de propósito ou porque comesse com mais apetite, mas porque os seus colegas de trabalho e os seus vizinhos, os Kafarna, contribuía para isso. Firdus chamava-lhe *nahiifa*, esquelética. Realmente, não havia como os palestinianos para convencerem a alguém de alguma coisa: com os seus modos meio autoritários, meio sedutores, obtinham o que quer que fosse. Matilde perguntava-se como não tinham ainda conseguido formar um Estado.

Era em sociedade que o carácter sóbrio e silencioso de Al-Muzara sobressaía. O seu mutismo

distinguiu-se entre o verborreia dos amigos, que discutiam acaloradamente sobre o Próximo Oriente, exibindo-se. Falavam todos ao mesmo tempo e ninguém escutava verdadeiramente o outro, exceto Ariela. Matilde soube que a israelita, oriunda de Telavive-Yafo, era jornalista, correspondente na Faixa de Gaza de *O Independente* e do *Últimas Notícias*, os jornais dos Moses. Descobriu também que Ariela decidira viver em Gaza quando poderia ter gozado da comodidade e dos avanços tecnológicos de uma cidade do primeiro mundo como Telavive.

– Como poderia escrever sobre o que se passa aqui – explicou ela a Matilde, dias depois – se não partilhasse a vida desta gente? Não seria nem profissional nem sério.

Os convidados de Al-Muzara falavam, falavam; era admirável que, entre declarações, fossem capazes de encaixar a ingestão de quantidades enormes de *kidra* sem se engasgarem: tratava-se de uma atividade na qual, obviamente, tinham alguma prática. No entanto, quando o anfitrião abria a boca na intenção de articular algo, o mutismo invadia a sala como que por magia. A um dado momento, quando Ismail Saleh, um membro do Conselho Legislativo que representava a oposição, se envolveu num discurso violento contra Yasser Arafat, Al-Muzara manifestou-se:

– Abu Ammar não é santo da minha devoção, e vocês bem o sabem. Mas é o homem que converteu a causa palestina no maior problema do mundo, e é preciso reconhecê-lo.

Também foi ele que tomou a palavra quando, depois de pedir desculpas pela sua ignorância, Matilde perguntou como tinham chegado as coisas àquele ponto de caos, perigo e imprevisibilidade.

– Esta terra tem sido cobiçada desde tempos imemoriais: é a passagem que comunica com os continentes europeu, africano e asiático e que, se tal fosse possível, teria unido o mundo árabe, desde o Magreb, no norte de África até ao Iraque. Tal ter-nos-ia transformado numa nação poderosíssima. Depois da Primeira Guerra Mundial, quando os turcos otomanos perderam o que eles chamavam o Distrito Palestino, esta região foi repartida entre os vitoriosos: a França e a Inglaterra. Assim foi fundado o Mandato Britânico da Palestina. Entretanto, em fins do século XIX, e como consequência da perseguição à qual se submetiam os judeus, nasceu o sionismo, cujo objetivo era criar um Estado onde os judeus pudessem viver em paz e tranquilidade. A terra eleita foi esta, porque na Bíblia se afirma que a Palestina ou, melhor dizendo, Israel, lhes havia pertencido na Antiguidade. Os sionistas, poderosos em Inglaterra, começaram a pressionar para que a comunidade internacional lhes entregasse a Palestina. A Declaração Balfour, em 1917, na qual lorde Balfour, um membro do Parlamento britânico, se declarou favorável à fundação de um Estado judeu no Mandato Britânico da Palestina, foi o primeiro passo relevante na luta sionista. O genocídio judeu às mãos dos nazis durante a Segunda Guerra Mundial constituiu o detonador para a criação do Estado judeu. Em novembro de 1947, as Nações Unidas promulgaram a Resolução 181, na qual recomendavam a partilha do Mandato Britânico da Palestina criando dois Estados, um árabe e outro judeu. No mesmo dia da conclusão do Mandato, a 14 de maio de 1948, os judeus fundaram o seu Estado, e os Estados árabes declararam-lhe guerra, a primeira entre árabes e israelitas. Os árabes abandonaram as suas povoações, que tinham ficado do lado judeu, e assim nasceu um dos maiores movimentos de refugiados do mundo. Mais de setecentas e cinquenta mil

peessoas mudaram-se para Gaza, o Líbano, a Síria, o Egito e a Jordânia. Os meus avós, com o meu pai, que era muito pequeno, saíram de Nablus porque os militares jordanos lhes deram a certeza de que poderiam regressar em poucos dias. Tudo isto está correto, mas também existe outra realidade. Décadas depois, com o aparecimento dos historiadores israelitas revisionistas, como Ilan Pappé, foi possível provar que Israel tinha fabricado parte da história e que, na realidade, milhares de árabes tinham abandonado as suas cidades porque os israelitas os expulsavam, os matavam, ou então, sabendo a sorte que os esperava, porque fugiam devido ao medo. Fosse por que razão fosse, aqueles refugiados não mais puderam regressar às suas terras, as quais ainda sentem como suas, sem se importarem que agora as casas e os terrenos estejam nas mãos de judeus.

– Receberam alguma indemnização? – perguntou Matilde, recebendo como resposta uma gargalhada geral.

– Não, nenhuma – respondeu-lhe Al-Muzara, sério, no seu modo pedagógico nada condescendente. Matilde concluiu que o escritor gostava de falar quando tinha a oportunidade de ensinar alguma coisa.

– Apesar da Resolução 194 da ONU – disse Ariela Hakim – exigir a Israel que deixasse regressar os refugiados aos seus locais de origem ou então que os indemnizasse pelas suas perdas, nada foi feito, nem num sentido nem no outro.

– Os Estados Unidos – expressou León Abbud, um engenheiro químico, professor na universidade de Birzeit, na Cisjordânia, e da Islâmica, em Gaza – conduziram trinta nações numa guerra contra o Iraque em 1991, a fim de obrigar Saddam a cumprir a Resolução 678 da ONU, que determinava um prazo para Hussein se retirar do Kuwait. Muitas mulheres e crianças iraquianas morreram durante o sangrento bombardeamento de Bagdade – então, porque não fazem Israel cumprir as resoluções da ONU que lhe dizem respeito?

– Porque Israel – respondeu-lhe Ariel Hakim – é o aliado mais importante dos Estados Unidos na região: não podem correr o risco de o irritar.

– A primeira guerra – retomou Al-Muzara –, a de 1948, transformou-se numa humilhação para os Estados árabes que a promoveram, porque foram vencidos por um Estado que acabava de nascer. Outra humilhação ocorreu em 1967, na Guerra dos Seis Dias, onde Israel sai novamente vencedor, estendendo desta feita os seus limites até à Faixa de Gaza, à Cisjordânia e ao lado este de Jerusalém, e transformando os palestinianos que habitavam nessas zonas em prisioneiros dentro das suas próprias terras. Os aldeamentos judeus nos territórios ocupados só serviram para aumentar o ódio e o abismo que os separa. – Bebeu um gole de café e acrescentou: – Apesar da Resolução 242 da ONU ordenar a Israel que volte aos limites anteriores à Guerra dos Seis Dias, isso nunca aconteceu. – Suspirou, repentinamente cansado. – Há cinquenta anos que estamos em guerra e nenhuma das duas partes alcançou os seus objetivos: nós, o de ter um Estado, eles, o de viver em paz, numa terra onde ninguém os persiga nem os mate. É um paradoxo, mas no seu próprio Estado os judeus continuam a ter tanto medo como quando viviam na Berlim nazi. Este é só um resumo, Matilde, e não muito bom. O conflito tem milhares de arestas.

– Em que se equivocaram os árabes?

Sabir al-Muzara gostou da pergunta da médica argentina e sorriu-lhe com aspeto cansado.

– É difícil responder a essa pergunta porque é tentador dar uma olhadela às circunstâncias dos primeiros momentos do conflito, e isso, historicamente falando, é um erro. Como homem às portas do século XXI poderia dizer-te que nos enganámos ao não aceitar a Resolução 181 da ONU, que dividia o Mandato Britânico da Palestina em dois estados. Os sionistas aceitaram-na, mesmo que também eles não estivessem muito de acordo com a partilha proposta. No entanto, em 1948, recusar parecia um passo lógico para os árabes. Sem dúvida – declarou, com mais convicção e depois de uma pausa que o auditório não ousou romper –, equivocámo-nos em eleger a violência como meio de conseguir o nosso fim. Só nos trouxe desgraças.

– Há pouco, Sabir – aludiu Yusuf Jemusi, o imã da mais antiga mesquita da cidade de Gaza, a Al-Omari, que não se encontrava afiliada a nenhuma facção –, disseste que respeitavas o facto de Abu Ammar ter convertido a causa palestiniana no maior problema do mundo. Agora declaras que a violência foi um erro. Devo recordar-te que Abu Ammar usou a violência para se fazer ouvir. Como explicas isso?

Al-Muzara soltou uma pequena gargalhada: há muito que se acostumara aos desafios que lhe lançava o imã.

– Limitei-me a declarar o que penso do *rais*, e não a julgar os seus métodos. Prefiro o ramo de oliveira que Arafat segura à sua espingarda – acrescentou, referindo-se ao famoso discurso que o líder palestino pronunciara na sede das Nações Unidas em 1974. (*«Hoje vim com um ramo de oliveira numa mão e uma espingarda na outra. Não permitam que deixe cair o ramo de oliveira.»*)

– A verdade é que, devido à patetice dos nossos líderes, à cegueira dos radicais e a atos de terrorismo – prosseguiu Al-Muzara –, os palestinianos têm desperdiçado boas oportunidades para acabar com este horror. O comportamento dos fanáticos e dos radicais só convém à direita israelita, dando-lhes a desculpa perfeita para depois cometerem todo o tipo de injustiças contra nós. A violência pôs-nos no centro das críticas da comunidade internacional; dessas críticas derivaram os Acordos de Oslo. Que outra coisa poderia fazer Abu Ammar, debilitado como estava, simultaneamente cercado e só, senão pactuar com os seus inimigos, assentindo num acordo que é claramente desfavorável para a Palestina e que está cheio de falhas?

– Apoiar o Iraque na Guerra do Golfo foi o princípio do fim para ele – recordou Omar Sadir, um ativista da Fatah que viva em Rafah, ao sul da Faixa da Gaza.

Enquanto as mulheres lavavam os pratos (tarefa na qual impediram Matilde e Intissar de participar) e os homens se instalavam em almofadas dispostas sobre o tapete da sala para fumarem o narguilé, Matilde, com Intissar colada a ela, foi conhecer o resto da casa – afinal, sabia que os Kafarna iriam fazer-lhe perguntas e não queria desiludi-los. Não encontrou retratos ou cartazes de líderes palestinianos, e nem sequer a fotografia da Cúpula da Roca, mas sim fotografias de pessoas que posavam com o *Silencioso*, na sua maioria figuras destacadas da política e da cultura internacional, e

muitos retratos de Amina.

– Esta deve ter sido a esposa dele – murmurou Intissar, que permanecera calada durante todo o jantar.

– Era muito bonita – opinou Matilde, e sentiu um frio no rosto, sinal de que tinha empalidecido subitamente. Acabava de localizar uma fotografia na qual o *Silencioso* posava com Shiloah e Eliah. Calculou que tivessem uns dezasseis ou dezassete anos. Só Shiloah sorria; estando no meio, estendia os braços para atrair os amigos, que conservavam uma atitude circunspecta. Matilde reteve o impulso de esticar a mão e afastar a madeixa de Eliah, que lhe caía sobre os olhos.

– São os meus melhores amigos. – A voz de Al-Muzara sobressaltou-as. – Desculpem, não era minha intenção assustá-las.

– Não faz mal – balbuciou Intissar, corando.

– Dizia-lhes que são os meus melhores amigos, Shiloah e Eliah. Conhecemo-nos desde crianças.

Matilde não conseguia compreender o que a mantinha calada, que força a impedia de proclamar que aquele rapaz com ar brigão, olhos verdes-esmeralda e cabelo negro como o carvão, que se tornara num homem magnífico, que a amara e a quem ela, devido à sua própria estupidez, perdera, era o amor da sua vida. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e manteve-se de costas, lutando para recuperar o controlo, enquanto Sabir respondia às perguntas de Intissar. Num reflexo, esticou a mão e tirou um livro de uma estante, folheando-o sem prestar atenção até que constatou que era uma obra de Sabir al-Muzara; deduziu-o pela fotografia na contracapa porque era uma edição árabe. Surpreendia-a a alienação que lhe provocava aquela língua. No Ocidente, e devido à influência do latim, era fácil deduzir palavras, e até frases, de outros idiomas. Com o árabe, essa familiaridade tornava-se impossível; nem sequer se escrevia da direita para a esquerda, mas ao contrário.

– É *Encontro em Paris* – comentou Al-Muzara, colocando-se ao seu lado.

– Nunca o teria adivinhado. Sabia que era um dos teus por causa disto – indicou, assinalando a contracapa. – É para mim impossível distinguir uma palavra neste mar de símbolos, ainda que admita que adoraria aprender.

– Posso ensinar-te – ofereceu-se o *Silencioso*.

– Oh, não, não, de modo nenhum. Tu és um homem extremamente ocupado.

– Sou professor de língua árabe. Foi o primeiro diploma que obtive em Paris. Depois estudei Filosofia e Letras, mas o meu primeiro amor é o ensino da língua. Seria um prazer ensinar-te.

– Obrigada, mas dá para perceber que és um homem muito ocupado... – insistiu Matilde.

– ... Porém organizado – retorquiu Sabir com um sorriso. – Poderia dar-te aulas quando saís do hospital.

– Se não tiver nenhuma urgência de última hora, por norma saio às sete. Exceto às quintas, porque estou de banco noturno.

– Às segundas e às quartas estou em casa às sete. Parece-te bem se começarmos na próxima segunda?

– Só se me permitires pagar-te.

– Já me pagas vindo à minha terra, que não é um paraíso nenhum, para curar a minha gente. É o suficiente para mim, Matilde. Ensinar-te a minha língua é o único modo que tenho de te retribuir um ato de caridade de proporções imensas.

– Sou feliz por poder fazê-lo – balbuciou a jovem médica, impressionada, não tanto pelas palavras do *Silencioso*, mas pela paixão com que as pronunciava.

As duas jovens foram-se embora alguns minutos depois. Matilde temia que Intissar estivesse aborrecida ou ciumenta, mas a enfermeira não parecia nada aborrecida, caminhando a lado da médica argentina com um sorriso enlevado. Na rua só se ouvia o ranger das sandálias sobre o pavimento coberto de areia que o vento arrastava da praia. Voltaram a pé, porque a casa do *Silencioso* também ficava no bairro de Rimal.

– Ah – suspirou Intissar –, não sabes o quanto aprecio poder andar pelas ruas à noite.

– Antes não podiam?

– Durante anos, os toques de recolher obrigavam-nos a fechar-nos nas nossas casas às oito da noite. Nessa altura nunca poderíamos ir jantar fora como acabámos de fazer. Às vezes, quando as coisas se complicavam, o toque de recolher durava dias inteiros.

– Harald comentou comigo que em certas ocasiões não podiam sair durante dias. – Intissar assentiu.
– E a escola, o trabalho, e...?

– E a vida; era o que ias perguntar? Tudo parava, Matilde. Se não tivesses sido providente e não tivesses guardado alimentos e água suficiente, tinhas que te aguentar. Se te sentisses mal e precisasses de ir ao médico, tinhas que te aguentar. Se chegara a tua hora de parir, tinhas de o fazer sozinha em casa. E isto não era o pior. O pior era dormir a pensar que o Shabak poderia invadir a tua casa no meio da noite para levar o teu pai ou o teu irmão, acusados de atividades terroristas. Ainda hoje em pleno verão, quando o calor é insuportável, dormimos de pijama e camisa de dormir porque nos ficou o trauma de nos poderem vir buscar – não queríamos que nos encontrassem seminus e dar-lhes outro motivo para nos humilharem. Já era suficiente que destruíssem as nossas casas. – A voz de Intissar tinha adquirido aquela coloração que Matilde aprendera a relacionar com o rancor pelos israelitas.

– Quem é o Shabak?

– A polícia secreta israelita, a que trabalha dentro das fronteiras do país. Para os países estrangeiros têm a Mossad.

Matilde já ouvira falar da Mossad, aquando dos atentados à embaixada israelita em Buenos Aires e à sede da AMIA (Associação Mutual Israelita Argentina).

– Ah, mas nem todos os soldados israelitas são maus. – O meio sorriso de Intissar e o seu olhar doce revelaram que evocava um em particular. – Durante a Intifada, os soldados subiam aos terraços de nossas casas para vigiar e impedir qualquer início de manifestação. Houve um que estive de guarda no nosso edifício durante vários dias. Era tão bonito – suspirou a palestiniana. – Os meus irmãos mais pequenos e os seus amigos lançavam-lhe pedras desde a rua e, claro, nunca o atingiam. Em vez disso,

partiam os vidros do nosso apartamento e os dos vizinhos. Eu estava presente quando o soldado tirou a espingarda e lhes disse num árabe límpido: «Sabem? Não me agrada estar aqui a invadir a vossa terra, mas tenho ordens para cumprir. Podem ter a certeza que não vou disparar, por muitas pedras que me possam atirar. De qualquer maneira, penso que é lamentável que continuem a partir os vidros dos vossos vizinhos.» Deu meia-volta e voltou para o terraço. Os miúdos não lhe atiraram mais pedras. Eu, às escondidas (se me apanhassem, lapidavam-me!), levei-lhe um sumo de alfarroba. Agradeceu-mo tanto. Era tão bonito e amável. E era asquenazim! – Passaram alguns segundos: a bonita recordação de Intissar acabou por se afundar num mar de outras tantas, bastante mais dolorosas. – Sabes, Matilde? Espero nunca mais escutar um toque de recolher. Acho que não o suportaria. Não consigo esquecer a amargura daqueles dias de aprisionamento. A incerteza matava-nos.

– Porque é que os toques de recolher duravam tanto?

Intissar sacudiu os ombros e imprimiu um esgar depreciativo à boca.

– Bah! Porque algum maluco jihadista ou das brigadas decidia imolar-se num autocarro de Jerusalém, e todos pagávamos por isso! Israel gosta de infligir castigos coletivos, e Gaza é o seu local de eleição.

– Porquê castigar todos?

– Não sei. Talvez nos queiram eliminar a todos, sejamos ou não terroristas.

– É uma loucura.

– Claro que é! Seria como se a ETA... Já ouviste falar da ETA? – Matilde anuiu. – Seria como se alguém da ETA pusesse uma bomba em Madrid, e o exército espanhol invadissem Bilbao e castigasse toda a população.

– Isso seria o mesmo que considerar que todas as pessoas de Bilbao apoiam a ETA.

– *À priori*, é exatamente o que os soldados israelitas pensam: «És árabe, portanto és terrorista.»

Têm-no gravado a fogo no coração.

– É terrível!

– Esta é a nossa *nakba*. A nossa catástrofe.

Na quarta-feira, 4 de novembro, por volta das onze da noite, Al-Saud relaxava na banheira do seu quarto no hotel Rei David, em Jerusalém. Pensava em Kolia. Umas horas antes, ao falar ao telefone com Francesca, soubera que o filho estava com febre. A avó, que parecia revitalizada desde a chegada do bisneto à Villa Visconti, tirou o telefone à filha e esclareceu:

– *Non ti preoccupare, caro*. Kolia tem os dentes a romper, e é por isso que está febril.

De qualquer modo, Al-Saud teria gostado que Matilde o visse e confirmasse que o menino apenas sofria por causa dos dentes. Demorava-se neste pensamento quando o telemóvel tocou. Era Ulysse Vachal. Apesar de se afirmar que paulatinamente iria arrancar Matilde do seu coração, cada vez que os seus homens lhe ligavam para o informar das suas atividades, o pulso acelerava-se-lhe e uma inquietação geral levava-o a atravessar a habitação a passos largos enquanto falava com eles.

Obviamente, persistir em vigiá-la e em receber notícias dela diariamente não contribuía para o seu objetivo de a esquecer.

– Esta noite foi jantar em casa de um homem. – A notícia teve o efeito de uma bofetada em plena cara. – Pelo que conseguimos averiguar, chama-se Sabir al-Muzara.

Ainda que no primeiro momento Al-Saud se tenha sentido aliviado, logo a seguir estremeceu de ciúmes, dúvidas e desconfiança. Matilde admirava poucas pessoas; Sabir era uma delas. Nunca esqueceria o entusiasmo com o qual ela se referira ao prémio Nobel da Literatura durante a viagem de Buenos Aires para Paris. Como não contara a Sabir sobre Matilde, o amigo não podia saber que estava perante a sua mulher. «Minha mulher», repetiu, sorrindo com amargura. Estava apaixonado e sabia-o; qualquer tentativa de se desfazer da recordação de Matilde era inútil. Pensava nela como sendo a sua esposa, sentia-a como tal, sabia-a sua. Assim seria, para sempre. Estava eternamente condenado.

Com um estalido da língua, saiu da banheira e cobriu-se com o roupão, ajustou o cinto com um gesto violento e dirigiu-se para o piso superior. Abriu o portátil para rever o correio eletrónico: esperava um contrato que Thérèse se comprometera a enviar-lhe ainda nesse dia. Como prometido, a eficiente secretária remetera o contrato; no entanto, Al-Saud nem sequer abriu a mensagem ao reparar que o nome de Juana Folicuré se encontrava na coluna dos remetentes. Era a primeira vez que Juana tentava contactar com ele assim. Abriu a mensagem de pé, ansioso, como acontecia sempre que o assunto era Matilde. Sorriu ao ler o cabeçalho: «Querido *papurri*», dizia. E continuava: «Ao fazer limpezas na minha casa, onde guardo coisas de quando eu era bebé (sem exagero), encontrei umas fotos que, parece-me, gostarias de conservar. Amanhã vou enviá-las por correio, ao teu cuidado, para a Mercure, mas por agora vou digitalizá-las e enviá-las por *mail*. Espero que gostes tanto delas como eu. Adoro-te, *papurri*. Juani» O antivírus levou mais tempo do que o habitual para controlar os arquivos – pelo menos era essa a sua impressão, ou talvez fosse a ansiedade que o tornava tão impaciente. Abriu a primeira imagem e, inconscientemente, sorriu. Eram Matilde, Ezequiel e Juana em miúdos. Calculou que deveriam ter cinco anos porque estavam vestidos com o uniforme típico de jardim de infância. Matilde estava entre Ezequiel e Juana, que se abraçavam; nesse abraço, seguravam Matilde numa atitude protetora. Parecia-lhe a menina mais bonita que já tinha visto, e passou-lhe o indicador pela ponta do nariz, sarapintado de sardas; era baixinha e muito magra – nisso não mudara –, e tinha o cabelo de um louro quase branco, comprido e aos caracóis. Rapidamente, deslizou a segunda fotografia: Matilde e Juana em fato de banho, junto a uma piscina. A julgar pelas silhuetas, que conservavam a qualidade assexuada das crianças, Al-Saud calculou que tivessem cerca de dez anos. Matilde não sorria, e era flagrante a tristeza que lhe emanava do olhar. Na terceira fotografia, apareciam de novo «os três mosqueteiros», como eram apelidados na academia Argüello. Era óbvio que estavam de saída para uma festa elegante: Ezequiel envergava fato e gravata, Juana brilhava numa blusa de lantejoulas prateadas e Matilde um camiseiro de cetim azul-frança. Ao passar para a quarta foto, a emoção obrigou-o a sentar-se. De novo «os três mosqueteiros», e aí não teve dúvidas da idade de Matilde: dezasseis anos, quando lhe haviam detetado o cancro. Mesmo com o boné de basebol na cabeça, notava-se que não tinha cabelo. Al-Saud estendeu a

mão e, antes de a apoiar no ecrã, sobre o rosto enfraquecido e cheio de olheiras da sua Matilde, notou que tremia. Retirou-a de repente e tentou dominar o estremecimento que, como uma onda em expansão, passava da sua mão às outras extremidades e o invadia até às vísceras. O tremor acabou por se alojar no seu rosto e na sua garganta, e as cordas vocais agitaram-se como as de uma guitarra. Um calor conquistou-lhe os olhos, e a imagem no ecrã ficou desfocada. Continuou a resistir, num ato extremo de autodefesa, porque sabia que, se cedesse à dor, ficaria devastado e a sua decisão iria por água abaixo.

A represa rachou, e Al-Saud entregou-se a um pranto dolente e amargo que resumia as difíceis situações que tinha atravessado nas últimas semanas; contudo, tudo acabava nela, em Matilde. Com o resto podia ele: sabia-o, conhecia a sua força. Ela era o seu ponto fraco. Mais espantado do que aborrecido compreendeu – ainda que não fosse a primeira vez que refletia acerca disso – que nunca ninguém lhe provocara sentimentos tão intensos, contraditórios e, sobretudo, tão sinceros como os que lhe suscitava Matilde Martínez. Não havia dúvidas. Ela era o seu destino. Só ela o fazia sentir-se vivo e honesto. Com ela, valia a pena começar o dia.

Na tarde em que Matilde lhe retirou os pontos da testa, Amina fez uma descoberta assombrosa: a médica que cantava era também uma estupenda contadora de histórias. E nada agradava mais a Amina do que ouvir contar histórias.

Na segunda-feira, 16 de novembro, na sua terceira lição de árabe em casa do *Silencioso*, Matilde chegou munida de luvas de látex, pinça, gaze e álcool iodado para tirar os pontos à menina; assim evitaria fazê-lo no hospital o que, segundo ela, assustava as crianças. No entanto, apesar de estar nos joelhos do pai e na sala da sua própria casa, Amina começou a mexer-se e a choramingar ao avistar a pinça.

Matilde guardou a pinça, olhou para Sabir e perguntou-lhe:

– Já te falei alguma vez de um menino chamado Jérôme? – Amina continuava a choramingar e a lutar para se escapar ao pai. – É um menino negro do Congo.

– Não, nunca me tinhas falado dele – respondeu Al-Muzara, em tom pausado e com uma cadência que simulava interesse.

– Conheci-o num hospital, como a Amina. Também se tinha magoado e precisei de o curar. Mas Jérôme tinha medo e escondeu-se debaixo de um móvel.

Matilde levantou-se e dirigiu-se a uma cristaleira de pernas altas. Baixou-se e mostrou o espaço entre o chão e o móvel.

– Meteu-se por baixo e ninguém conseguia tirá-lo de lá.

Naquele momento, a atenção de Amina era completa: parara de tentar fugir e permanecia em silêncio. A história continuou, embelezada e alargada. Jérôme acabou por se tornar num herói, e Matilde teve de reprimir uma gargalhada ante o gesto descomedido da menina ao contar-lhe que Jérôme era capaz de trepar a palmeiras tão altas como minaretes somente com a ajuda dos pés e das mãos. Acabou a história, e Amina nem se apercebeu de que a médica que lhe cantava e contava histórias retirara os

fios da testa.

– Conta outra, Matilde!

Era a primeira vez que a chamava pelo nome. Matilde olhou para ela, apreciando a carinha redonda e pequena, de bochechas coloridas, olhos castanhos rasgados, e boca pequena e carnuda. Envolveu o indicador num dos caracóis negros que lhe acariciavam os ombros e apertou-lhe o queixo afogado entre as bochechas.

– Quando terminar a minha aula de árabe, conto-te outra história.

– Do Jérôme?

– Sim – assegurou, rindo ante a avidez com a qual Amina a olhava, as mãos juntas ao queixo como se rezasse. Era muito precoce e faladora, qualidade que não herdara do pai. Zeila, a ama, apareceu entretanto e levou-a para a cozinha.

– Espanta-me a capacidade hipnótica que exerces sobre Amina – admirou-se o *Silencioso*.

– Que idade tem ela?

– Faz três anos a 15 de dezembro.

– É muito loquaz para a idade.

– Sim – sorriu Sabir. – É porque cresceu entre adultos.

Matilde recordou-se que Sabir al-Muzara tinha estado preso desde meados de 1991 até princípios de 1996. Se Amina nascera em dezembro de 1995, as datas não coincidiam. Seria realmente sua filha?

A partir desse dia, Matilde inventava histórias protagonizadas pelo herói Jérôme e até chegou a desenhá-lo a pedido de Amina, que o queria conhecer. Lamentou não ter feito uma cópia da fotografia que Amélie tirara ao menino na missão. Telefonar-lhe-ia – se é que já tinham reparado o telefone – ou mandar-lhe-ia uma mensagem – se já tivessem restabelecido a conexão da internet no cibercafé – a pedir-lha.

Com o decorrer dos dias e dos relatos, Matilde deu-se conta do bem que lhe fazia partilhar as recordações do seu adorado Jérôme com Amina e Sabir, que dispensava o mesmo interesse que a filha para conhecer as aventuras do menino do Congo. Foi o *Silencioso* que se lembrou que Matilde deveria passa-las para o papel.

– Escrever? Um livro de histórias para crianças? – pasmou-se a médica.

– Porque não? As tuas histórias de Jérôme são bonitas, cheias de magia e enquadradas por um lugar exótico e misterioso. Se as redigisses em francês, eu poderia pedir à minha editora em Paris que as lesse.

– Sabir, o meu francês é muito básico.

– Como deve ser o modo de escrita para a compreensão de uma criança. Para além disso, o teu francês não é básico, é muito bom! Se preferires, posso corrigir os textos antes de os enviar à minha editora.

Matilde começou a sonhar com a ideia de um livro ao qual intitularia *Jérôme, o Menino da Selva ou As Aventuras de Jérôme* e que dedicaria aos dois homens da sua vida. Sim, disse para si própria, iria

fazer-lhe bem escrevê-lo, como lhe fazia bem relatar as aventuras do seu pequeno, ainda que pô-las por escrito seria melhor porque ficariam gravadas no papel, algo mais duradouro do que as palavras pronunciadas. Desse modo, partilharia com muitas crianças a existência de Jérôme; pressentia que, de algum modo, essa experiência a ajudaria a superar a solidão na qual se achava perdida. Às vezes tinha a impressão que só ela se lembrava dele, como se se tratasse de uma fabulação.

Capítulo 7

Jérôme fingia dormir sobre a esteira na cabana de Karme. Há dez dias que passava as noites amarrado a um bloco de cimento. Não sabia o tempo que duraria o castigo por ter tentado fugir. Maldizia a sua sorte. Depois de ter deambulado pela selva durante mais de um dia, os homens de Karme tinham-no encontrado.

Soube manter-se a salvo dos perigos do bosque tropical, bem alimentado e hidratado, até que os *interahamwes* o surpreenderam dormindo sobre um colchão feito com folhas de samambaia. Na realidade, estava perdido porque, contrariamente à vez anterior, quando fugira com a mãe e a pequena Aloïs, não tinha noção de onde se localizava Rutshuru; Karme tivera o cuidado de lho ocultar, e Jérôme desconhecia a localização do novo acampamento.

Teria preferido vaguear para sempre pela selva do que cair de novo nas mãos daqueles demónios que o obrigavam a fazer coisas más, ações que o envergonhavam e o torturavam enquanto dormia. Não esquecia as pessoas que caíam mortas sob as rajadas das AK-47, nem o sangue que brotava dos seus corpos, nem os gritos pungentes, nem o pranto. Já não olhava para a cara dos cadáveres: fizera-o uma vez, e os olhos da mulher, abertos e proeminentes, parados e opacos, perseguiam-no mesmo de dia.

Como Matilde lhe tinha ensinado a falar com a sua mamã Alizée, pedia-lhe que fosse o fosse buscar e o levasse para onde ela estava. Já não queria estar ali, com Karme. Depois de tanto tempo, tinha a certeza de que Eliah e Matilde o tinham esquecido ou, pior ainda, de que tinham sabido das suas tropelias e já não gostavam dele. «Adoro-te Jérô», assegura-lhe Matilde tempos atrás, na missão. «O que quer dizer “adoro-te”?» «Quer dizer que penso sempre em ti, que quero que estejas bem, que me preocupo contigo, que gosto de estar contigo, que gostaria de estar sempre contigo e nunca me separar de ti. Que te amo com todo o meu coração.» Mordeu o lábio para impedir que o pranto se soltasse. Ouvia Karme, que se aproximava da cabana. Odiava-o por tê-lo separado de Matilde e de Eliah e por tê-lo obrigado a tornar-se alguém de quem eles já não gostavam; era principalmente por isso que o odiava. Ao reprimir-se para não chorar, fazia força e, de entre as pálpebras, brotavam-lhe lágrimas que se refletiam na penumbra.

Voltou a cara para a parede de barro e canas de bambu.

Jérôme notou que, para além de Karme, um dos seus homens de confiança acabara de entrar na cabana.

– Não faças barulho que o miúdo está a dormir – exigiu Karme.

– Este tutsi vai acabar por nos trazer problemas.

– Este tutsi acabará por se tornar no melhor guerreiro *interahamwe*. Deixa comigo. É o mais inteligente deles todos. Até mais do que tu! – resmungou, apertando os lábios para reter o riso.

– Vai ser a nossa ruína!

– Não. Será a nossa maior vingança. Imaginas um tutsi *interahamwe* a caçar a sua própria raça?

– Será a tua ruína – repetiu o homem. – Tive notícias de que há gente, gente muito importante, que o procura sem descanso. Oferecem dinheiro por informações sobre ele.

Ao ouvir aquelas palavras, Jérôme suspendeu a respiração.

– Quem te disse isso?

– Hoje, quando fui incógnito a Rutshuru, ouvi-o num bar. A recompensa é muito boa. Qualquer um nos pode trair para ficar com o dinheiro.

A notícia fez subir lágrimas de alegria e de alívio aos olhos de Jérôme. «Mamã, já não me venhas buscar», rezou. «A Matilde e o Eliah ainda me adoram e vão tirar-me daqui.»

– Diana?

– Sergei? – A voz ansiosa da rapariga fê-lo sorrir numa mistura de satisfação masculina e pura alegria. – És tu?

– Sim.

– Estás a ligar-me do Congo? – estranhou a jovem.

– Não. Estou em Paris. Acabei de chegar.

O corpo de La Diana vibrou de emoção. A boca secou-se-lhe tão subitamente que, ao tentar falar, a língua colou-se ao palato fazendo as palavras morrerem-lhe na mente.

– Diana, estás aí?

– Sim – conseguiu balbuciar, num timbre desagradável.

– O que é que se passa? Não estás contente por eu estar cá?

– Claro. – Teria exclamado: «Estou feliz, Sergei!», se os nervos não lhe tivessem atado a língua e contraído a traqueia. Passados uns segundos, a felicidade misturou-se com a preocupação de ter de o enfrentar de novo. Depois de tanto tempo, cerca de dois meses, exigiria Sergei o que ela ainda não se atrevia a dar-lhe? Ou estaria pronta? Não faltara a nenhuma das sessões com o Dr. Brieger, e podia constatar os benefícios que delas resultavam para a sua alma: dormia melhor, não se sentia assediada e começara a sorrir. No entanto, ainda a incomodava que a tocassem, nem que fosse por casualidade. Entregar-se a Markov era uma prova de fogo que ela duvidava estar pronta para enfrentar.

– Estás livre agora?

– Não. Vou estar com a senhora Arafat até às seis. Depois serei rendida.

– Vemo-nos em tua casa? Às sete? – No silêncio de La Diana, Markov adivinhou o pânico. – Diana, meu amor, quero que fiques descansada. Não acontecerá nada que não desejes.

«Eu desejo! Desejo-o tanto! E tenho tanto medo que te canses de esperar por mim! La Diana suspirou e propôs, em tom comedido:

– Às oito? – Queria ter tempo para mudar de roupa, embelezar-se e preparar o jantar.

– Estás a dificultar-me as coisas – fingiu aborrecer-se Markov. – Estou ansioso por te ver. Mas se te

convém às oito, às oito será.

Os minutos que faltavam para as seis da tarde tornaram-se horas. Mas assim que La Diana passou o turno da Sr.^a Arafat ao colega, o tempo pareceu voar, e a jovem começou a ficar nervosa, julgando que não conseguiria pôr-se tão bonita como desejava. A campainha da porta soou às oito menos cinco, no exato momento em que ela terminava de colocar rímel nas pestanas. Correu para o quarto e perfumou-se generosamente com *Fleurs d’Orlane*, o perfume que Yasmin lhe recomendara. Deu uma espreitadela ao espelho e gostou do que viu. Carregou no botão e ouviu o som do trinco a soltar-se, juntamente com o chiar da porta do rés-de-chão ao abrir-se.

Nem sequer tinha verificado se era mesmo ele. Entreabriu a porta e retrocedeu para o interior, como quem espera um assassino e não o homem que ama.

– Diana? – Markov empurrou a porta e enfiou a cabeça. Procurou com os olhos até os deter nela. – Diana – murmurou. – Estás... Estás...

– Gostas? – afligiu-se, enquanto alisava a cintura e acomodava a blusa de cetim.

– Se gosto? – Markov entrou e fechou a porta; rodou a chave. – Estás lindíssima! Deixaste-me sem palavras.

La Diana detestava corar, porque achava que tal era sinal de fraqueza, pelo que adotou uma atitude pouco amigável e não se dirigiu para ele. Fixou os olhos azuis-celestes na bolsinha de papelão que Markov segurava; uma bolsa tão pequena e feminina dava um ar ridículo a um homem daquele tamanho que era impossível não reparar.

– Não pretendes cumprimentar-me? – La Diana levantou o olhar, e Markov sorriu-lhe com ternura. – Vem, Diana. Aproxima-te – pediu, colocando a bolsinha em cima da mesa.

La Diana avançou, tentando caminhar de forma bamboleante, tal como Yasmin lhe ensinara. Parou a uns passos dele. Markov estendeu-lhe a mão.

– Vamos devagar – propôs, e La Diana sentiu vontade de chorar, movida pelo amor que lhe inspirava a paciência e a compreensão dele. – Começemos por nos tocar com as pontas dos dedos. – O contacto, ainda que insignificante, afetou-os com intensidade, e tanto o sorriso brincalhão do russo como o esgar tímido de La Diana se desvaneceram. – Tive tantas saudades – disse Markov em voz baixa, como se temesse espantá-la, e atreveu-se a entrelaçar os dedos nos dela e a apertar-lhe a mão.

– Eu também. Nem sabes quantas.

– Quero sabê-lo. Até às lágrimas?

La Diana assentiu e atreveu-se a levantar a mão livre e a roçá-la sob o queixo barbeado e oleoso por causa do *aftershave*. Fechou os olhos e cheirou os dedos em busca do aroma da loção que ele usava depois de se barbear.

– Senti a falta do teu cheiro.

– Diana! – Markov ultrapassou o espaço que os separava e abraçou-a. A tensão, tão real e manifestada pelo corpo dela, inquietou-o. Correndo o risco de soltar os seus demónios, segurou-a com suave firmeza. – Calma, Diana, calma. Sou eu, o teu Sergei. Cheira-me. Reconhece-me usando o olfato,

como fazem os animais.

La Diana, com os olhos fechados, colou o nariz ao rosto de Markov e arrastou-o pelo queixo; pôs-se nos bicos dos pés para lhe cheirar a testa, movendo-se depois para baixo até sentir o calor que a corrente sanguínea imprimia no pescoço, onde o aroma do *after shave* se intensificava.

– Sim, és tu.

– Quem? Diz – pediu-lhe o russo, como que numa súplica.

– Sergei.

– O teu Sergei?

– O meu Sergei.

A excitação aturdiu-o; zumbiam-lhe os ouvidos e tremiam-lhe os pulsos. Surpreendia-o o domínio que se estava a autoimpor para não a deitar no sofá e penetrá-la de imediato. Numa manobra sensata, afastou-a com o pretexto de a observar. Certas noites, antes de se deitar, era atormentado por uma memória: a da reação de La Diana depois de a ter tentado beijar, quando algo se quebrara nela e a jovem bósnia ficou presa numa dimensão de sofrimento e de ultraje. Não permitiria que a passasse por aquela experiência novamente.

– Estás tão linda! – exclamou, encaminhando-a para o sofá. – Maquilhaste-te?

– Não gostas?

– Adoro!

– A Yasmin ensinou-me. Pedi-lhe que me levasse às compras e que me ensinasse a ser mulher. Para ti – esclareceu, depois de uma pausa.

Markov atraiu-a de novo para o seu peito e procurou de onde vinha o aroma delicioso, fresco e ao mesmo tempo penetrante, que flutuava em torno de La Diana.

– O teu perfume... está a enlouquecer-me.

– Eu também gosto muito. São flores. Simplesmente flores.

La Diana olhou de novo para o russo. Na excitação dos primeiros momentos, não tinha reparado no quanto estava magro e debilitado. Passou a ponta do indicador pelas manchas escuras que, como sanefas, lhe contornavam os olhos. Olhou para ele e franziu o sobrolho de modo inquisitivo.

– Sim, não estou em forma, eu sei. Apanhei malária no Congo e estive muito mal.

– Meu Deus! – Markov gostou da expressão aterrada de La Diana e o modo como tapou a boca; descobriu-lhe as unhas pintadas. – Não sabia de nada. Ninguém me contou. Se tivesse sabido tinha ido cuidar de ti.

– A sério? Tinhas ido cuidar de mim?

– Sim, sim – respondeu, mais tímida, refreando-se para não ocasionar um cataclismo de paixão que ele não conseguisse reprimir.

– Fui um tolo, então – censurou-se. – Exigi que o Ramsay não te dissesse nada para não te preocupar. Se soubesse que estavas disposta a correr em meu auxílio, tinha-lhe pedido que exagerasse o meu estado.

Fê-la rir: das coisas novas que La Diana tinha conquistado, rir-se era a sua preferida.

– Amo-te, Diana.

La Diana começou a soluçar. Ao princípio, Markov não notou porque pensou que ainda se estivesse a rir. Além disso, ela escondia a cara. Quando uma lágrima lhe caiu sobre a mão, obrigou-a a levantar o rosto.

– Não chores, por favor.

– Não te mereço.

– Diana, não importa se nos merecemos ou não. Só quero estar contigo. Sou feliz a teu lado. Quando não estou contigo, não deixo de pensar em ti.

– Eu também não. Estás constantemente nos meus pensamentos. Às vezes julgo que vou enlouquecer. O doutor Brieger diz que, enquanto eu não superar a minha fobia, tu tornar-te-ás a minha obsessão.

– Assim é que eu gosto – concordou ele, risonho. – Quero ser a tua única obsessão.

– Quero que me beijes. – O pedido de La Diana apanhou-o de surpresa e não soube o que dizer. – Entendo a tua confusão. A última vez que o fizeste, comportei-me como uma psicótica.

Markov envolveu-lhe o rosto com as mãos.

– Diana, não há nada que eu deseje mais do que beijar-te. Mas não quero causar-te nem um instante de sofrimento.

– Quero que me beijes – declarou, menos decidida.

– Tens que me prometer uma coisa. Durante o beijo, vais fechar os olhos e manter o contacto comigo através do olfato. O fio que te atará à realidade e que te impedirá de voltar àquela outra será o cheiro, o odor da minha pele e o da tua. Compreendeste?

Pousou os seus lábios sobre os de La Diana e sussurrou para a acalmar. Depositou beijos diminutos na cara dela, que estava fria; em simultâneo, arranjava maneira de lhe falar da primeira vez que a vira, da impressão que ela lhe tinha causado, alternando estes relatos com saídas criativas que a faziam rir. De vez em quando, perguntava-lhe: «Sentes o meu cheiro?» ou dizia-lhe «Estou aqui. Diz o meu nome», e ela, obediente, sussurrava: «Sergei». Foi La Diana quem fez o primeiro avanço mais audaz. Ainda no sofá, aproximou o tronco até o encaixar no de Markov e pressionou a boca contra a dele, que, depois de um instante de incerteza, a abriu para acolher os lábios dela.

– Estás aqui comigo? – perguntou-lhe o russo sem se afastar, golpeando-a com o hálito, que cheirava à menta do dentífrico, misturado com o odor do *aftershave* e o do *Fleurs d’Orlane*.

– Sim, estou aqui. Contigo.

– Desejo-te tanto. – Penetrou-a com a língua e manteve-se quieto, esperando a sua recusa. Percebeu o alvoroço das mãos de La Diana sobre os seus ombros, que não se decidiam a empurrá-lo nem a atraí-lo. – Gostas? Gostas de sentir a minha língua na tua boca? Quero que me lambas os lábios com a tua. Vamos, não tenhas vergonha. Este momento é só nosso. Enquanto nos agrada aos dois, não temos que dar explicações a ninguém. – Calou-se de repente quando a língua de La Diana lhe percorreu o lábio

inferior de canto a canto. Agradou-lhe que não se lhe tivesse entorpecido a língua; tinha-a sentido esponjosa. – Meu Deus, Diana. Fá-lo outra vez. – Ela soltou uma gargalhada marota e satisfê-lo, desta vez, no lábio superior. – Chupa-me.

As línguas terminaram entrelaçando-se no exterior. Brincaram, tocaram-se (primeiro com timidez, depois com ousadia), lamberam-se mutuamente, esconderam-se, procuraram-se, até que a excitação, espessa e quente, obrigou Markov a deitar La Diana sobre o sofá, onde lhe devorou os lábios e introduziu a língua sem joguinhos nem considerações. La Diana, apanhada sob o peso do russo, viveu um instante de pânico que lhe tirou o fôlego. Para cheirar precisava de conseguir inspirar, pelo que tentou visualizar os pulmões a insuflar. Lembrou-se das palavras de Al-Saud quando este lhe ensinara *krav maga*: «*Volta aqui! Deixa de pensar em Rogatica! Respira! Diana, respira. Ficas cansada se não fizeres como te indiquei*». Ao enchê-los, os aromas familiares anularam os outros associados ao terror – a *vodka*, fumo e suor – e ligaram-na de novo à realidade. «Disfruta», ordenou a si própria. Penetrou-o com a língua. Markov gemeu de prazer e La Diana surpreendeu-se com o orgulho e alegria que aquele som lhe provocou. «Estou a beijá-lo! Ele está a beijar-me!» Não existiam palavras para descrever a sensação de triunfo e de excitação.

A mão de Markov subiu pela cintura de La Diana até parar sobre um peito. A rapariga deteve-o. O beijo terminara. La Diana sorriu-lhe, tão orgulhosa e satisfeita que a insatisfação dele se evaporou.

– Diana, se este foi o teu primeiro beijo – brincou –, fico excitado só de pensar como farás quando adquirires prática.

– Tens a certeza de que estive bem? – O gesto de beatitude de Sergei provocou-lhe uma gargalhada. – Quero que na segunda-feira venhas comigo à sessão com o doutor Brieger. Ele quer conhecer-te.

Markov aquiesceu e disse:

– Vamos sair para celebrar o nosso primeiro beijo!

La Diana alegrou-se por entrar novamente no velho *Mercedes Benz* de Markov e passear com ele como se fossem um casal normal. Jantaram num restaurante da rua Marbeuf, onde Markov lhe entregou a bolsinha.

– Comprei-tas no *free shop* do de Gaulle. – La Diana pegou numa caixinha de plástico vermelha, em cuja tampa se lia, em letras prateadas, *Swarovski*. Abriu-a e encontrou um par de argolas de cristal azuis, lapidados como diamantes e pendurados num fio, muito fino, de ródio de cerca de quatro centímetros de grossura. – Vi-as e achei que combinavam com a cor dos teus olhos.

– Sergei, é a coisa mais bonita que já me ofereceram em toda a minha vida. – O riso incrédulo dele impeliu-a a insistir. – Garanto-te que é a primeira vez que me oferecem algo tão valioso e tão gracioso. Nós éramos muito pobres.

– Não penses nisso. Põe-nas, quero ver como te ficam.

Ela fez-lhe a vontade. Apanhou o cabelo e agitou um pouco a cabeça; agradou-lhe a sensação do roçar das pedras no pescoço. Markov, que raras vezes apreciava os detalhes nas mulheres, surpreendeu-se com a luz que o cristal captava e o modo como se refletia sobre a pele branca e os olhos azuis-

celestes de La Diana.

– Tu és a coisa mais bonita que já vi em toda a minha vida – disse sem pensar; depois, sentiu-se piroso.

– Sinto-me bonita quando estou contigo – atreveu-se La Diana a confessar.

– O que é isso que tens ao pescoço? Nunca to tinha visto antes.

La Diana, uma agnóstica confessa, fechou o punho à volta da Medalha Milagrosa que comprara no convento da rua do Bac e que pedira a um sacerdote para benzer. Tinha sido um impulso. Poucos dias antes, depois de entregar a proteção da Sr.^a Arafat ao seu colega, fora passear sem rumo. Como estava deprimida, não queria voltar para casa. Pensou em visitar Leila mas desistiu quase de imediato; a felicidade da irmã, que estava com Ramsay, não lhe provocava inveja mas incomodava-a, pois fazia realçar a sua miserável vida. Deambulou pelas ruas e deteve-se à entrada do convento da Companhia das Filhas da Caridade, onde o irmão, Sándor, quase morrera meses atrás. Lembrou-se da história da Medalha Milagrosa e de como esta salvara a vida a Eliah durante o assalto à sede da OPEP. Ignorou os numerosos turistas e peregrinos e entrou na loja onde vendiam os artigos religiosos. Comprou uma medalha de prata, de uns três centímetros de comprimento por dois de largura, e um fio.

– Se quiser – informara-a a religiosa que atendia na loja – pode mandá-la benzer. O padre Lambert fá-lo-á quando acabar a missa.

Encostou-se no umbral da capela que tantas imagens de horror lhe evocava até que a paz do lugar, acentuada pela voz constante do sacerdote e pelo aroma do incenso, a sedaram e apagaram as cenas de tiros, gritos e tensão. Havia pouca gente a ouvir a missa. Quando se puseram de joelhos para a consagração, La Diana imitou-os. Levantou os olhos e fixou-os na imagem de Nossa Senhora. Ao refletir mais tarde, em casa, convenceu-se que a voz que então se ouvira não tinha saído dela. Na realidade, a voz falara *por* ela, prendendo-a a uma promessa que, paradoxalmente, não lhe custaria cumprir. A voz dissera: «*Cura-me Maria. Permite-me ser feliz com o Sergei Markov como qualquer mulher o seria junto ao homem que ama, e eu prometo-te que concederei o perdão aos sérvios que me causaram este mal tão grande*». Não se pôs de pé quando os outros o fizeram. Permaneceu de joelhos, chorando com a testa no genuflexório, e não notou que a missa terminara e que a capela se esvaziava. Reagiu quando o padre Lambert lhe tocou no ombro e lhe perguntou se precisava de alguma coisa.

– Sim, padre – apressou-se a responder. – Quero que benza a minha medalha.

– Benzerei a medalha e a ti.

Saiu renovada do convento da rua do Bac, como se água milagrosa lhe tivesse lavado a alma e o coração.

Markov continuava a observá-la com um olhar inquisidor; esperava uma explicação.

– Tens outro admirador que te dá presentes? – perguntou, meio a brincar, meio a sério.

– Claro que não! Comprei-a eu. É semelhante à que salvou a vida de Eliah em Viena.

– Tu não és do tipo religioso – recordou-lhe Markov.

– Eu sei. Foi um impulso. Não tem nada de mal.

– Claro que não.

Nessa noite, enquanto Markov dormia na sua cama (depois de terem partilhado outro beijo apaixonado), La Diana sentou-se em frente do computador, conectou-se à internet e escreveu uma mensagem a Matilde. Ninguém melhor que ela para compreender a magnitude do progresso que tinha alcançado. «*Ainda não dei o passo final, mas vou conseguir. Como tu o fizeste, Matilde. O que acabo de alcançar e o amor de Markov dão-me força.*»

Depois do êxito da operação para conseguirem o bolo amarelo saudita, Rauf al-Abiyia conduziu o *Sirian Star* pelo rio Shatt al-Arab até ao porto iraquiano de Umm Qasr, no qual ancorou em finais de outubro, evitando com sucesso os barcos da Marinha norte-americana que atestavam no golfo Pérsico. Ao tomar conhecimento da chegada das duzentas toneladas de óxido de urânio, Saddam Hussein e os seus colaboradores ficaram impressionados e muito satisfeitos: o *Príncipe de Marbella* recuperou assim a admiração do *rais*, perdida após a deserção de Mohamed Abu Jihad.

De um só golpe, o desvio do *Sirian Star* proporcionou-lhes combustível nuclear para alimentar as trinta centrifugadoras, cuja construção estava praticamente terminada, e capacitar as centenas de ogivas nucleares, de uma potência destrutiva semelhante à da bomba largada sobre Hiroxima. É certo que tinha havido um atraso resultante do ataque porfírico sofrido pelo professor Orville Wright, mas os seus assistentes tinham-no substituído sem problemas. O *sayid rais* manifestou orgulho na sua gente.

Após a «façanha do urânio», como Rauf al-Abiyia chamava à operação no seu íntimo, o traficante mencionou a Fauzi Dahlan que necessitava de férias, as quais lhe foram concedidas. Tal como sonhara, Al-Abiyia passou-as no seu iate em Marbella, dormindo, comendo e fazendo sexo, um deslize que o Corão proibia e que ele achava merecer depois de dar tanto à causa árabe. Regressou a Bagdade, sítio onde nunca teria voltado a pôr os pés se não soubesse que os homens de Dahlan o vigiavam dia e noite.

– *Salaam*, Rauf! – saudou-o Dahlan, e abraçaram-se. – Estás magnífico. Vejo que descansaste.

– Sim, descansei.

– Pronto para voltar a prestar serviços ao *rais*? – O sorriso de Rauf escondeu a contrariedade que aquelas palavras lhe causaram. – Queremos que encontres Mohamed Abu Jihad e que o tragas para aqui. Tem que nos prestar contas pelo roubo do nosso dinheiro e pela sua traição.

Al-Abiyia anuiu, exibindo expressão imutável, apesar da decisão que recentemente tomara; não se acobardaria nem voltaria atrás. Durante as férias, apanhara um valente susto quando o seu gerente de conta do Bank Pasche no Liechtenstein, com o qual ele e Abu Jihad trabalhavam, lhe confirmou um depósito de dois milhões e meio de dólares, sem dúvida o dinheiro roubado pelo sócio, que, talvez motivado pela culpa, o devolvera. Imediatamente, sem um instante de remorsos, Al-Abiyia ordenou a transferência para sua conta pessoal numa entidade financeira com sede na ilha de Man, no mar da Irlanda. Depois dos meses de tortura às mãos dos carrascos de Dahlan, devido à traição do seu irmão, Abu Jihad, achara-os uma merecida recompensa.

– Por outro lado – acrescentou Fauzi –, Mohamed sabe demasiado. Na realidade – disse, e o seu

rosto começou a ensombrecer –, sabe tudo sobre o projeto nuclear. Não pode andar por aí à solta sem controlo. Poderia cair nas mãos da CIA. Nem quero pensar nisso. Encontra-o e trá-lo para Bagdade.

Rauf concordou e calou-se. Encontraria Abu Jihad, entregá-lo-ia ao carneiro de Bagdade e que Alá tivesse piedade dele.

Donatien Chuquet não conseguia definir se a afeição que o filho mais velho de Saddam Hussein, Uday, manifestava subitamente por ele seria uma vantagem ou se acabaria por o prejudicar. Não necessitava de um título em psicologia para entrever o carácter psicopático do jovem herdeiro ao trono presidencial. Os pilotos seus alunos, num ato arrojado, misto de rebeldia e saturação, tinham-lhe contado anedotas incríveis protagonizadas por Uday, nas quais não faltavam assassinatos com armas extravagantes, como uma faca elétrica ou um bastão de basebol, e abusos sexuais. Certo é que aquela amizade, até ao momento, lhe tinha trazido benefícios: graças à intervenção pouco diplomática de Uday Hussein, Fauzi Dahlan, um verdadeiro incómodo, tinha-o autorizado a ir a Bagdade em duas ocasiões, permitindo-lhe que abandonasse a Base Zero por uns dias. Com o passar do tempo, Chuquet convencia-se de que, se fomentasse a amizade com o primogénito, este se tornaria num salvo-conduto para poder sair com vida daquele buraco infernal. O instinto dizia-lhe que os iraquianos não lhe perdoariam o facto de conhecer o local secreto.

Durante as suas estadias na capital iraquiana não pôde tirar os óculos de sol, sob o risco de danificar a retina. Pouco se importou. Uday conduziu-o ao seu gabinete e permitiu-lhe fazer várias chamadas de um telefone com linha segura: a primeira para o seu gerente de conta no Atlantic Security Bank da Grande Caimão; a segunda para os filhos, em Paris.

Ganhara a admiração de Uday simplesmente por ser piloto de guerra e pelos seus conhecimentos sobre caças, bombardeiros e aviões polivalentes. O rapaz sabia pouco, apesar de ter participado no planeamento da estratégia militar iraquiana durante a Guerra do Golfo; pelo menos, era o que afirmava.

– Quando vais decidir quais são os dois pilotos designados para a missão? – pressionou o herdeiro iraquiano na viagem de regresso à Base Zero.

– Têm pressa? Pensei que ainda não tinham conseguido os aviões.

– Sim, é verdade – confirmou Uday, entristecido. – Conseguir os dois aviões está a tornar-se um pesadelo. Agora estamos a tentar comprá-los usando contactos que temos em outros países, funcionários que, por uma comissão, venderiam qualquer coisa.

Na sua segunda visita a Bagdade, Uday deixara-o novamente utilizar a linha segura para telefonar à família. Também ligou ao amigo, Normand Babineaux, porque andava a congeminar uma ideia que decidira guardar como trunfo; talvez, pensou, poderia até necessitar de usá-la como um segundo salvo-conduto.

– Estou, Normand! Sou eu, o Chuquet.

– Ah, Donatien! Como estás?

– Estou a ligar para te prevenir que acabo de transferir para a tua conta os cinquenta mil francos que

te devia.

– Oh! Pois... Obrigado.

A notícia da devolução do dinheiro satisfez de tal forma Babineaux que, quando Chuquet o questionou acerca do *Sukhoi* que era propriedade do príncipe Turki Al-Faisal, se dispôs logo em satisfazer a sua curiosidade. Quando desligou a chamada, Chuquet já sabia onde se encontrava o caça russo: em que hangar, quais as medidas de segurança que o rodeavam, em que estado se encontrava e quantas vezes Al-Saud o tinha pilotado. Também quis saber se o mercenário tinha voltado a casar, ao que Babineaux, um pouco desconcertado, respondeu que não; ainda que, esclareceu, Lorian Paloméro, irmão do piloto do *Gulfstream V* de Al-Saud, tivesse a certeza de que estava muito apaixonado por uma rapariga argentina, de seu nome Matilde.

A amizade com Uday Hussein transformou-se numa fonte de informação secreta da qual, para dizer a verdade, Chuquet teria preferido não ter conhecimento. Por exemplo, Uday convidou-o a percorrer, com um à-vontade insensato e espantoso, a zona da Base Zero que lhe era vedada, e onde trabalhava o sobancelhudo, cujo nome também acabou por saber: Orville Wright, um génio da física nuclear e do *design* de armamento.

A revelação do que se criava naquela área da base subterrânea pôs-lhe a mente em branco e, pela primeira vez, o mantra «quatro milhões de dólares» não foi suficiente para afugentar o medo. Naquele instante, compreendeu a magnitude da missão que os pilotos levariam a cabo. Não se limitariam a entrar no espaço aéreo saudita e israelita – iriam também lançar bombas atómicas sobre cidades importantes.

Depois de um mês e dez dias na Faixa de Gaza, Matilde fez um balanço e concluiu que, à semelhança do que lhe havia acontecido no Congo, se tinha apaixonado pelo local e pelas suas gentes, apesar dos frequentes cortes de luz, de a água saber a sal e ser escassa, de o telefone funcionar quando lhe apetecia, de engolir areia nos dias de vento e de o trabalho se tornar cada vez mais difícil por falta de provisões, como consequência do fecho dos cruzamentos fronteiriços.

Gostava de Gaza não porque fosse uma bela cidade, porque não o era: as ruas tinham buracos, nos quais (no dizer dos seus habitantes) se podia até viver; as calçadas tinham as pedras levantadas; nas construções (a maioria de pouca qualidade) ainda se viam as sequelas da guerra – a alvenaria picada, a pintura estalada, as persianas com espaços vazios, os vidros cruzados com fita de pintor e até ruínas. Sobretudo, tratava-se de uma cidade pobre na qual mais de setenta por cento da população economicamente ativa carecia de um emprego e vivia dos subsídios da UNRWA.

Naquela tarde de quarta-feira, 25 de novembro, como o *Silencioso* lhe queria mostrar o mítico campo de refugiados de Jabalia, ao norte da Faixa de Gaza, não teriam aula de árabe. Matilde e Intissar, que ficaria a tomar conta de Amina – Zeila estava doente –, caminhavam a passo apressado pelas ruas de Rimal.

– Antes – explicava Intissar –, nos dias felizes em que podíamos ir trabalhar em Israel, tudo era mais fácil e aqui vivia-se outro ambiente. Os homens voltavam a casa, depois de uma longa jornada de

trabalho, sabendo que receberiam um ordenado para sustentar as suas famílias.

– E agora?

– É quase impossível conseguir uma autorização de trabalho em Israel. Muitos atravessam a fronteira por caminhos clandestinos e oferecem-se para trabalhar ilegalmente mas, se são apanhados, são presos. O risco é muito grande.

– Deixa-me adivinhar – retorquiu Matilde. – As autorizações não são concedidas e os *checkpoints* fecham-se devido aos ataques terroristas, não é? – Intissar concordou. – Não estão conseguir muito com esses ataques.

– Na realidade, não – concordou a palestiniana. – Às vezes penso que os concretizam não como parte de uma estratégia refletida e bem planeada mas apenas para descarregar a raiva que os consome. É o mesmo quando bombardeiam as cidades israelitas que estão perto da Faixa de Gaza.

– É mesmo?

– Sim, com foguetes de fabrico caseiro conhecidos por Qassam, porque são construídos e lançados pelas Brigadas Ezzedine al-Qassam, sobretudo a partir do limite norte da Faixa de Gaza.

– O irmão do *Silencioso*... – sussurrou Matilde.

– Sim, é verdade. Dizem que se têm um ódio de morte. Como o *Silencioso* luta por um Estado binacional e é contra os atos de violência...

– Não receia que o matem? Tentaram fazê-lo em Paris no início deste ano.

– Sim! Que momento de tensão foi vivido aqui! Ficámos muito preocupados, e só descansámos quando a imprensa assegurou que tinha saído ileso. – Intissar parecia evadir-se noutros pensamentos por momentos; por fim, retomou o tema dos foguetes Qassam. – Ascalão e Sderot, duas cidades israelitas a norte de Gaza, são os destinos favoritos dos foguetes. Sabias que muitas crianças israelitas morreram por causa deles? – Matilde negou abanando a cabeça, sem levantar os olhos. – Envergonha-me o que os do Hamas fazem. O meu irmão, que durante alguns meses teve a sorte de conseguir trabalho em Sderot, contou-me que nas ruas existem refúgios anti foguetes: têm cerca de quinze segundos para entrar neles e proteger-se antes que o foguete caia na cidade.

– Porquê só quinze segundos?

– É o tempo que decorre entre o momento em que os radares do Tsahal detetam o foguete e o impacto. Maldito Hamas! – resmungou, com o rosto encarniçado. – Desabafo contigo porque não posso fazê-lo com mais ninguém. É tabu falar mal deles. E perigoso.

O *Silencioso* ainda não tinha chegado e Amina estava a cargo de uma vizinha, que voltou para a sua casa quando Intissar lhe garantiu que tomaria conta dela. A criança pediu para ir à casa de banho e Intissar acompanhou-a. Matilde ficou só na sala e, como sempre, a fotografia de Eliah aos dezasseis anos – o *Silencioso* confirmara a idade – atraiu-a com uma força magnética à qual não podia, nem queria, resistir. Acariciou-lhe o queixo com a ponta do indicador e fez o dedo descer pelo corpo magro do homem até se deter na parte inferior da moldura.

– As mulheres acham-no irresistível, não é?

Virou-se sobressaltada. O *Silencioso* contemplava-a com olhos faiscantes e um meio sorriso. Acabara de chegar: ainda trazia os tapetes e os livros sob o braço e as chaves do carro na mão.

– Agora compreendo porque é que na realidade te chamam o *Silencioso*: moves-te como um gato.

Um silêncio intencional caiu sobre eles. Matilde não desviou o olhar quando mencionou:

– Eliah e eu namorámos.

– Eu sei. – Perante a surpresa que invadiu Matilde, o *Silencioso* explicou-lhe: – O Shiloah contou-me.

A ilusão de que, na realidade, foi-se Eliah quem lho tivesse referido, desvaneceu-se. Surpreendido, o *Silencioso* observou a mudança instantânea no tom dos olhos de Matilde: da prata polida mudaram para um matiz semelhante ao mercúrio sem brilho.

– Sim, fomos namorados – repetiu. Sentiu-se estúpida por utilizar a palavra «namorados». Juana tê-la-ia criticado por ser tão antiquada. Deveria ter dito «casal», pois era o que tinham sido, muito mais do que simples namorados. Contudo, não o fez e ficou com a sensação que teria corado se o tivesse tentado.

– Julgo que foram muito mais do que namorados.

Matilde ficou a olhar para ele com as sobrancelhas arqueadas, perguntando-se se aquele homem possuiria capacidades extrassensoriais. Há já algum tempo que o achava capaz de qualquer prodígio. Não se demorou muito nesse pensamento, mas ponderou longamente a sua incapacidade em pronunciar «casal», obstinando-se em descobrir o porquê da hesitação. Uma voz interna julgou-a duramente ao ripostar: «Na verdade, nunca foste mulher dele, porque nunca te entregaste como uma mulher se entrega a um homem. Sempre reservaste um lugar obscuro, silencioso e, principalmente, secreto para te distanciares, lamberes as feridas e sentires pena de ti mesma, como fazem os cobardes.»

– A tua esposa era muito bonita, Sabir – elogiou para se desviar do tema, apontando para uma das fotografias.

– Sim, a Maira era a minha vida. Sofreu ao meu lado, e isso atormenta-me – comentou, depois de um instante de silêncio.

– Tenho a certeza que te amava.

– Claro que sim, mas sofreu muito por minha causa, especialmente durante os meus anos em Ansar Tres. Na prisão – especificou. Matilde baixou os olhos; ninguém melhor que ela conhecia a profundidade do sofrimento quando um ser amado estava das grades.

– Ia visitar-te?

– Sempre que o permitiam. E quando ia, só o facto de a ver era suficiente para eu encontrar um sentido à vida. Um dos guardas, um homem extremamente bondoso, do qual nos tornámos muito amigos, permitia-nos estar juntos. Uma concessão que poderia ter-lhe custado o emprego, e que nos deu a Amina.

– A Amina foi concebida na prisão?

Al-Muzara sorriu e assentiu.

– Quando a Maira anunciou que estava grávida, o pai dela quase que a pôs na rua porque pensou que me tinha sido infiel. Tive de lhe escrever uma carta a explicar.

– Gostaria de a ter conhecido.

– Vocês as duas ter-se-iam dado muitíssimo bem. A Maira era tão doce... – Calou-se de repente e baixou a cara. – Podíamos ter sido felizes. Morreu semanas depois de eu obter a liberdade.

– Oh, não. O que aconteceu?

– Um acidente estúpido. Foi atropelada.

– Olá, Sabir! – Intissar irrompeu na sala com a Amina.

– Olá, papá!

– Olá, Intissar. Olá, meu tesouro.

Matilde e Sabir apressaram-se a partir para o campo de refugiados de Jabalia. Amina e Intissar decidiram acompanhá-los. Naquela altura do outono, em finais de novembro, os dias encurtavam e a noite caía de repente. Não obstante, ao entrar no campo de refugiados, encontraram-no desperto, cheio de vida e, por sorte, iluminado. Estacionaram o automóvel para se movimentarem a pé nas ruelas estreitas, a maioria de terra.

Matilde constatou que um campo de refugiados palestino não se parecia em nada com um congolês, exceto no excesso de população e no mau cheiro. Na realidade, um campo de refugiados em Gaza era similar a um bairro de lata na Argentina. Os campos de palestinianos contavam com cinquenta anos de existência e, ao longo desse tempo, tinham adquirido a fisionomia de uma cidade decrepita; os do Congo não tinham mais de quatro anos e ainda se assemelhavam a um acampamento.

O *Silencioso* explicou-lhe que, na Faixa de Gaza, existiam oito campos de refugiados: Al-Shati, Bureij, Jabalia (o maior), Khan Yunis, Deir al-Balah (o mais pequeno), Maghazi, Nuseirat e Rafah. Embora as casas, construídas com fundos da UNRWA, fossem de aglomerado, notava-se a baixa qualidade e a precaridade na utilização de tetos de chapa cobertos por tijolos e estruturas metálicas que impediam que voassem. Em média, uma família era constituída por dez membros, que se amontoavam numa habitação de vinte metros quadrados. O cheiro era nauseabundo; o *Silencioso* explicou que o sistema de esgotos era velho e funcionava mal.

– Desde 1967, quando os israelitas se apoderaram da Faixa de Gaza, investiu-se muito pouco, para não dizer nada, nas infraestruturas da zona. Tão-pouco o fizeram os egípcios, entre 1948 e 1967. Agora – prosseguiu o *Silencioso* –, a Autoridade Nacional Palestiniana vê-se a braços com uma região decrepita e escassos fundos para a reparar.

– A maioria dos fundos – opinou Intissar, empregando o timbre ao qual recorria quando estava irritada – é usado para pagar à polícia e à Força 17, para que venham vigiar-nos e maltratar-nos. Quase nada vai para as escolas ou para os hospitais, e muito menos para as infraestruturas.

– Também existe muita corrupção – acrescentou o *Silencioso*. – Shiloah Moses propôs um projeto para criar uma instalação industrial dessalinizadora aqui, na Faixa de Gaza. Uma dessalinizadora converte a água do mar em água potável. Moses está a angariar fundos para iniciar os trabalhos:

evidentemente, doará grande parte da sua fortuna pessoal, mas o governo saudita, ao que parece, financiará a maior fatia.

Como tinham fome e não queriam parar, o *Silencioso* comprou sandes de *kebab* de cordeiro numa banca de rua. Matilde comeu o seu sem matutar muito nas condições de higiene da banca, como fazia de cada vez que comprava faláfel a Abu Musa. Foi surpreendida: a sandes estava deliciosa. Para beber, compraram sumo de alfarroba a um vendedor ataviado com um fez de cor púrpura e fúchsia, e cafetã a condizer, que carregava uma pipa de bronze ao ombro, similar a um grande narguilé, com um bico por onde vertia o sumo para um copo descartável. O vendedor dava uma nota de cor ao ambiente cinzento e triste do campo de refugiados.

– Estes vendedores de sumo de alfarroba estão vestidos com os trajes típicos de Gaza.

– É muito saboroso. E está fresco.

Os meninos da escola Al-Faluja, onde o *Silencioso* dava aulas, reconheceram-no e aproximaram-se para o saudar. Seguiram-no ao longo do percurso, falando em uníssono e ultrapassando-os para observarem Matilde, cujas tranças compridas e loiras atraíam a curiosidade, com todo o descaramento. Sem êxito, Amina tentava cativá-los.

Algumas ruelas eram tão estreitas que tinham de colocar-se aos pares para caminhar, o que transformava o cortejo que seguia o *Silencioso* numa longa fila, como uma cauda de vestido de noiva. Os adultos, ao repararem quem a encabeçava, abordavam-no para o saudar, para o felicitar pelo Nobel e para lhe garantir que concordavam com as suas ideias de irmandade, paz e de um Estado binacional. Jantaram numa pensão onde o proprietário teimou em convidá-los e não quis sequer ouvir falar em que o *Silencioso* pagasse a conta. O pequeno local ficou a abarrotar de gente; muitos permaneciam na parte de fora, a espreita, tentando captar os comentários do *Silencioso* para os poderem repetir aos que tinham ficado ainda mais afastados; apesar de que, em abono da verdade, o prémio Nobel da Literatura de 1997 se dedicar mais a escutar, a comer e a aquiescer do que propriamente a falar. Matilde, que não tinha fome depois da sandes de *kebab*, comeu também porque se apercebera, graças às visitas constantes aos seus vizinhos, os Kafarna, da natureza sensível dos palestinianos em relação à comida, que ofereciam como uma homenagem ao hóspede; se este recusasse, interpretavam isso como uma afronta. Assim, a sua figura delgada ia adquirindo formas. Nua, gostava de estudar essas mudanças em frente ao espelho, sobretudo as do traseiro, o qual, anteriormente mole e arrebitado, ia adquirindo proporções alarmantes. «Oxalá pudesses ver agora a tua tarântula, Eliah.»

No caminho de regresso à cidade de Gaza, com Amina adormecida ao colo, Matilde meditava sobre o que tinha visto e ouvido no mítico campo de refugiados de Jabalia, onde em 1987 tivera início a Intifada.

– Sabir, porque apoias a ideia de um Estado binacional? Porque não dois Estados?

– Tem a ver com os assentamentos de israelitas nos territórios ocupados. Tanto aqui, na Faixa de Gaza, como na Cisjordânia, o governo de Telavive cedeu as nossas terras a colonos israelitas, que se estabeleceram, as trabalharam e construíram as suas vidas nesses lugares. Agora é impossível expulsá-

los. Seria traumático para eles, e o ódio e o rancor ressurgiriam. Já houve demasiado sofrimento, tanto para eles como para nós.

Matilde viu o primeiro assentamento israelita no dia seguinte. O seu colega Osama Somar, um cirurgião geral que admirava a habilidade da argentina no bloco operatório, convidou-a a jantar em sua casa, a sul da Faixa, na cidade de Rafah. O percurso, bastante acidentado, não lhes permitia avançar a grande velocidade, o que dava a Matilde a oportunidade de admirar a paisagem que, à medida que se aproximavam do sul, se enchia de dunas. A certo momento, Osama deteve-se e Matilde olhou para a frente. Apercebeu-se que estavam na interseção de duas estradas e que militares israelitas lhes tinham barrado o caminho.

– O que se passa?

– Vês aquela urbanização? – Matilde aquiesceu. – É o aldeamento de Katif. Os soldados obrigam-nos a travar cada vez que um colono israelita vai a sair do assentamento. Esta estrada – indicou, mostrando o caminho que se estendia até à direita – é de uso exclusivo dos colonos e está guardada pelo Tsahal.

– Está em excelentes condições – admirou-se Matilde.

– Eles são ricos.

Matilde fixou a atenção em Katif. Apesar de se encontrar bastante afastada, pôde apreciar a qualidade das construções, as pequenas casas com telhado de duas águas, que formavam um cenário de beleza edílica e de abundância inusitado na Faixa. Um jipe conduzido por militares saiu do aldeamento e travou junto aos soldados que retinham o trânsito, os quais prestaram continência quando um oficial de alta patente desceu do veículo e se aproximou. Matilde reconheceu-o de imediato: era Lior Bergman, o tenente-coronel que comandava a Brigada Givati. O homem caminhou até ao automóvel de Osama e deteve-se do lado de Matilde, que se apressou a baixar o vidro. Bergman começou por se dirigir ao condutor em árabe. Depois, ao desviar o olho, reparou na médica. O seu espanto foi evidente.

– Boa-tarde, doutora Martínez – cumprimentou em inglês, tirando a boina violeta.

Matilde ficou surpreendida por ele se lembrar do seu apelido.

– Boa-tarde, tenente-coronel Bergman.

– Como tem passado os seus dias em Gaza?

– Muito bem – retorquiu. – As pessoas da Faixa são excelentes anfitriões. – Bergman concordou com um sorriso. – Apresento-lhe o doutor Osama Somar, que me convidou a conhecer a sua família.

Os homens apertaram as mãos, situação que resultou incómoda, mesmo violenta, para ambos.

– Os israelitas também são bons anfitriões – continuou Bergman. – Neste caso, herdámos do patriarca Abraão a mesma qualidade que os nossos primos, os árabes: a da hospitalidade.

– Não tenho a menor dúvida.

Lior Bergman endireitou-se, falou com severidade em hebreu e voltou a inclinar-se à janela.

– Já podem seguir – indicou em inglês. – Desejo-vos paz.

– Obrigado – responderam Osama e Matilde em uníssono.

O Dr. Somar arrancou e, depois de conduzir alguns minutos em silêncio, lançou a pergunta que Matilde já esperava:

– Conheces este oficial israelita?

– É a segunda vez que o vejo. O doutor Bondevik apresentou-mo no dia em que cheguei. Encontrámo-lo no cruzamento de Erez.

– Parece ser um bom homem.

Matilde não fez comentários e preferiu falar sobre a criança que tratara nessa manhã. A casa dos Somar, uma propriedade localizada num amplo terreno, era antiga e de construção sólida. Foram recebidos pelos cinco filhos de Osama e pela sua esposa, Um Amir, de quem Matilde averiguou o verdadeiro nome (*Um Amir* é o nome que as mulheres árabes adotam quando nasce o primogénito: «*um*» significa «mãe» em árabe): Ghaada.

Antes de entrar, Osama quis mostrar-lhe o pomar de árvores frutíferas. Orgulhava-se das suas figueiras, dos limoeiros, das laranjeiras, das amendoeiras e, sobretudo, das oliveiras; algumas das árvores tinham sido plantadas pelos seus antepassados há mais de trezentos anos. Pela informação, Matilde deduziu que os Somar faziam parte dos *muwatanín*, ou seja, dos nativos de Gaza; por isso possuíam uma casa grande e um terreno enorme.

– Este é um tipo de cato, não é? – interessou-se Matilde, que os avistara ao longo do caminho, formando uma espessa mata espinhosa.

– Chama-se sabra – respondeu Ghaadab. – É típico da região.

– Sabra são igualmente os israelitas nascidos em Israel – acrescentou Osama.

Durante o jantar, no qual Matilde trouxe uma boa porção de comida, incentivada pelos seus anfitriões, a jovem médica também se dedicou a observar a decoração. Como habitualmente, a Cúpula da Roca ocupava um local privilegiado. Reparou numa fotografia de Yasser Arafat, pelo que supôs que os Somar simpatizavam com a Fatah.

– Somar, é verdade que as famílias nativas de Gaza se sentem incomodadas com os palestinianos que chegaram em 1948?

Ghaada tapou a boca e riu, numa atitude marota, como que deliciado por terem feito aquela pergunta ao marido.

– Bem... Olha... Tratou-se de uma conjuntura extremamente complexa para todos. Para eles, que estavam a viver uma situação traumática por terem de abandonar tudo o que possuíam, e para nós, que nos víamos invadidos por uma horda de gente que não tinha que comer nem onde dormir. Sabes que a Faixa de Gaza é uma das zonas do planeta com mais densidade populacional? Isso, agravado pelo facto de as infraestruturas nunca terem acompanhado o crescimento demográfico, fez com que a vida seja de muita miséria, sobretudo para os refugiados, que cada dia são mais pobres.

– Eu sou filha de refugiados – anunciou Ghaada com orgulho. – A minha família é de Simsim. No seu lugar, hoje está o *kibutz* Gvaram. Lembro-me bem, querido esposo, que os teus pais não estavam nada felizes por tu teres reparado numa jovem do campo de refugiados de Deir al-Balah. Afinal,

tinham-te destinado a uma jovem pertencente a uma das velhas famílias.

– Que não era tão bonita como tu, pelo que ninguém me teria convencido a abandonar-te para casar-me com ela. Nem sequer os meus pais.

Custava a Matilde acreditar no que ouvia. Intissar oficiava a tradução, enquanto o pai de uma paciente explicava que, depois de dias de trâmites legais, tinha obtido uma autorização para viajar para Telavive, mas apenas para a criança; a sua tinha sido negada, possivelmente porque estivera preso em Ansar Tres, a prisão israelita.

– O que pretendem as autoridades israelitas? – admirou-se Matilde. – Que Minetar, com apenas cinco anos, viaje sozinha para fazer a ressonância magnética?

O pai, um jovem viúvo, contemplava-a com o fatalismo ao qual ela nunca se acostumaria e que, por vezes, a enervava. Parecia uma criança à espera da solução de um adulto.

– Oh! Que complicação tão grande! – suspirou. – Irei com Minetar. Pedirei autorização ao meu chefe. De certeza que terá de assinar alguns papéis para o efeito.

– Sim, sim, não há problema – apressou-se a dizer o pai, e Matilde parou a observá-lo: ainda que nesse momento se mostrasse contente com a solução, a médica acreditava que no dia da partida se angustiaría de não poder acompanhar a filhinha e de ser obrigado a colocá-la nas mãos de uma quase desconhecida: duas semanas antes, Minetar chegara ao Al-Shifa com a tez azulada e uma apneia notória; o coração estava a falhar-lhe.

– Consegui uma vaga no hospital Dana’s Children para depois de amanhã, sexta-feira, 4 de dezembro – anunciou Matilde. – Iremos e voltaremos no mesmo dia.

– Isso se os Tsahal não se lembrarem de fechar a passagem de Erez – lembrou Intissar.

Bondevik achou a ideia de Matilde acompanhar Minetar disparatada; tratava-se de uma responsabilidade de risco.

– Harald – argumentou Matilde –, nós, os médicos da MQC, não estamos perante pacientes normais nem situações vulgares, pelo contrário. Sabes que precisamos de fazer este exame a Minetar com urgência. Por agora, conseguimos mantê-la estabilizada com medicamentos, mas não sabemos até quando resistirá o coração. Temos que encontrar o que causa a falha.

– Se não dão a autorização ao pai da menina, não poderia acompanhá-la outro parente, ou talvez um amigo?

– Em primeiro lugar, a família de Minetar vive em Ramallah. Ela e o pai estão sós em Gaza. Em segundo, tu sabes melhor do que ninguém os dias que perderíamos enquanto um amigo ou um vizinho aguardasse a autorização. Poderia ser tarde de mais.

Contrariado, Bondevik, depois de discutir com o diretor do Al-Shifa, concedeu-lhe a autorização. Satoshi, um enfermeiro de origem japonesa, da equipa da Mãos Que Curam, iria com elas. Embora o condutor da ambulância fosse palestiano, tinha uma autorização de saída da Faixa de Gaza graças ao seu estatuto junto do organismo humanitário. O veículo em que seguiriam era branco, com o logótipo

vermelho das mãos em forma de pombas.

Puseram-se a caminho às sete da manhã e enveredaram pela estrada Salah al-Din, que os conduziu diretamente até ao posto de controlo de Erez. A fila de automóveis era considerável, apesar de se tratar de um dia festivo para os muçulmanos, a sexta-feira. Matilde, que estava na parte de trás da ambulância, controlava os sinais vitais de Minetar, que se mantinha tranquila devido ao sedativo. A médica afastou a cortina da janela para dar uma vista de olhos ao exterior. Notou que estavam perto dos postos de controlo. Num canto, apercebeu-se de vários homens, alinhados, de joelhos e com as mãos atrás das costas; não pareciam estar amarrados.

– O que se passa, Ismail? – perguntou, em inglês, ao condutor. – Porque é que aqueles homens estão alinhados de joelhos?

– Devem ter tentado entrar em Israel clandestinamente, pelas dunas, e apanharam-nos. Aquela camioneta azul deve ser a que os transportava. Ou então encontraram explosivos ou armas.

Matilde concentrou-se na linha de homens vigiada por dois soldados. Um deles gesticulava com a mão na qual segurava um cigarro e ria zombeteiro; notava-se claramente que estava a fazer pouco dos detidos. Deu um piparote no nariz do que estava mais perto. O homem afastou a cara e manteve-se sereno. O soldado deslocou-se para atrás do prisioneiro, ficando de costas para Matilde, deitou fora o cigarro e moveu os braços para abrir as calças. Matilde abafou um grito no mesmo momento em que Ismail soltava um insulto em árabe quando o jato de urina tocou a nuca do palestiniano.

Matilde apoiou a mão aberta sobre o vidro num gesto para deter o rapaz que, de joelhos ao lado do que estava a ser humilhado, tirou uma faca oculta na parte traseira das calças e a cravou na perna do soldado que urinava, o qual desatou aos gritos e, com o pénis de fora, ficou a olhar para o sítio onde o tinham ferido. O outro soldado reagiu batendo com a culatra na cara do atacante, que caiu inconsciente.

Matilde soube, pela rapidez com a qual as calças do soldado se cobriam de uma mancha obscura e brilhante, que lhe tinham seccionado a artéria femoral. Se não estancasse a hemorragia nos próximos segundos, esvair-se-ia em sangue.

– Ismail, fica na ambulância com a menina. Não a deixes sozinha, aconteça o que acontecer. Satoshi, vem comigo. Traz a mala.

Saltaram do veículo e correram para o local onde as pessoas se aglomeravam em torno do soldado, que caíra, subitamente debilitado. Às cotoveladas e aos gritos, Satoshi e Matilde afastaram todos os que lhes impediam a passagem até ao ferido. Ao reconhecerem os uniformes brancos com o logótipo da Mãos Que Curam, deram-lhes espaço. Matilde calçou umas luvas de látex antes de se servir da faca do soldado para lhe rasgar as calças. Satoshi passou-lhe uma compressa para que limpasse o sangue. Sem dúvida nenhuma, pela cor e qualidade, provinha da femoral: jorrava a um ritmo constante, em sintonia com as pulsações do rapaz. Matilde fez a única coisa que podia fazer naquelas condições precárias: levantou os joelhos, esticou os braços e aplicou pressão direta com várias compressas esterilizadas. Satoshi, sem que ela lho dissesse, já colocara uma máscara para oxigenar o paciente.

– Satoshi, canaliza-lhe duas veias. Utiliza cateteres *Insyte 14* ou *16* e administra-lhe cristaloides

líquidos. Que alguém me traga uma ou duas mantas, por favor! – gritou em inglês: o objetivo era evitar a hipotermia.

Matilde levantou o olhar ao reparar que dois cobertores caíam sobre o tronco do soldado. O próprio tenente-coronel Bergman estava a colocar-lhos. Os seus olhares cruzaram-se.

- Uma ambulância está a caminho. Vamos levá-lo para o hospital de Sderot.
- É provável que o golpe tenha seccionado a femoral.
- Está cansada? Quer que continue a pressionar?

Matilde sacudiu a cabeça. Teria aceitado de boa vontade; tinha os braços entorpecidos, doíam-lhe os joelhos e as pernas tremiam-lhe. Mas decidiu não arriscar: retirar a pressão, ainda que fosse por alguns segundos, poderia ser fatal. Suspirou, aliviada, quando ouviu a sirena e o chiar dos travões. Os paramédicos atuaram diligentemente, enquanto escutavam o relato de Satoshi. Um substituiu Matilde e fez pressão sobre a perna do soldado antes que o instalassem numa maca. Colocaram-no no veículo e, em poucos minutos, cruzaram o posto de controlo em direção a Erez.

Matilde tirou as luvas com um suspiro e colocou-as numa bolsa que entregou ao enfermeiro japonês, que mais tarde a descartaria num recipiente de resíduos. Sentia a presença de Bergman atrás de si. Deslocou-se até às coisas e voltou a calçar novo par de luvas. Aproximou-se do palestiano que recebera o golpe de culatra, o qual já tinha recuperado a consciência, mas permanecia inclinado. Sorriu-lhe e mostrou-lhe a lanterna prateada, afastando-lhe as pálpebras enquanto acendia e apagava a luz para estudar o reflexo da pupila. Estava normal. Verificou a contusão na cara. Tinha um hematoma e o osso começara a inflamar.

- Tenente-coronel, traduza, por favor. Eu não falo árabe.
- Sim, sim – respondeu o militar, solícito.
- Quantos dedos vê? – Matilde mostrou-lhe o indicador e o médio.
- Dois – respondeu o homem.
- Como se chama?

O rapaz respondeu com segurança. Matilde ajudou-o a levantar-se e advertiu-o que poderia sentir tonturas e náuseas.

- É preciso fazer-lhe uma radiografia e mantê-lo em observação por umas horas – disse a Bergman.
- O golpe foi brutal.
- Vou pedir ao Al-Shifa que enviem uma ambulância.

Matilde tirou as luvas, introduziu-as dentro da mesma bolsa e voltou para juntar as suas coisas. Satoshi e Ismail esperavam por ela na ambulância para passar o posto de controlo.

- Obrigado, doutora Martínez. Sei que salvou a vida do meu soldado.
- O seu soldado baixou as calças e urinou na nuca deste homem. Peço-lhe, por favor, que permita que ele se lave.

Bergman vociferou ordens em hebreu e dois subalternos conduziram o palestiano com urina nas costas ao interior do posto de controlo.

– Obrigada – insistiu.

– Só cumpri o meu dever.

– Eu sei. De qualquer modo, sinto-me em dívida para consigo. – Tirou um cartão pessoal do bolso do uniforme e entregou-lho. – Aqui tem os meus números de telefone. Qualquer coisa que necessite, não hesite em ligar-me.

– Obrigada.

– Matilde. – Não a surpreendeu a familiaridade do trato mas que, tal como no encontro de há dias, Bergman se lembrasse do seu nome de batismo; afinal, Bondevik só o mencionara quando os apresentara. – Sinto-me envergonhado pelo comportamento do meu soldado. É minha responsabilidade.

– Tenente-coronel, não exagere.

– Gostaria de lhe mostrar a outra face desta moeda chamada conflito israelo-palestiniano. Nós não somos os monstros que o mundo pensa. Também sofremos e padecemos nesta contenda.

– A guerra, tenente...

– Poderia tratar-me por Lior?

– A guerra, Lior, é um cancro que devora tudo. Nem sequer os vitoriosos saem indemnes. Há que evitá-la a todo o custo. Agora tenho de ir. A minha paciente espera-me na ambulância. Vamos a Telavive para fazer uma ressonância magnética.

– Desta vez, permite-me acelerar as coisas para que passem mais rapidamente?

– Desta vez, sim – aceitou Matilde, sorrindo-lhe.

Bergman escoltou-a até à ambulância e estendeu-lhe a mão, que Matilde tomou com energia.

– O que é que me dizes? Permites-me levar-te para ver uma parte do meu país?

– Não, Lior. Não porque não queira conhecer o teu país nem a outra face da moeda, como tu dizes, mas porque de momento tenho muito trabalho.

– Quero voltar a ver-te – declarou o militar, sem rodeios.

Matilde negou com a cabeça e sorriu-lhe novamente.

– É muito complicado agora, Lior. Lamento. Adeus.

No dia seguinte, quando Matilde se apresentou no Al-Shifa, apesar de ser o seu dia de descanso, todo o pessoal, do diretor até às empregadas de limpeza, estavam já ao corrente da sua façanha na passagem de Erez. A muitos, todavia, não lhes agradava que tivesse salvado a vida de um soldado israelita que urinara na nuca de um palestino, e começaram a mostrar-se antipáticos e a não a cumprimentar.

Sergei Markov estava a passar uns dias inesquecíveis com La Diana. Dizia que a vida, com os seus dissabores, rotinas e problemas, valia a pena se, de tempos a tempos, se passasse uma temporada tão divertida, relaxada e feliz como a que partilhava com a mulher que amava. Markov não perdia a esperança de terem uma vida normal como casal. Os progressos eram encorajadores, assim como o diagnóstico do Dr. Brieger, que o russo conhecera na segunda-feira anterior.

As férias, no entanto, terminaram rapidamente. No dia anterior tinha falado com Al-Saud, que precisava dos seus serviços em Ramallah, para fazer a formação dos Força 17 na técnica de *rappelling* e em outras disciplinas – no Congo, Markov revelara-se um excelente instrutor.

– Diana e eu formámos uma boa equipa na mina de coltan, treinando os soldados – recordou. – Poderia convocá-la também, chefe.

– Foi-lhe atribuída uma tarefa de proteção em Paris.

– Eu sei.

– Ah, tu sabes. Por acaso estás em contacto com ela?

– Sim. Ela e eu..... Enfim, estamos a fazer uma tentativa...

– Compreendo. Mas talvez Diana não queira deixar a sua posição em Paris.

– Não a acho muito entusiasmada. Disse-me que ser guarda-costas a aborrece.

– Não obstante, uma mulher entre soldados muçulmanos – interpôs Al-Saud – não é muito sensato.

– Diana saberá ganhar o respeito de cada um deles.

– Suponho que disso saibas bastante. – Markov riu. – Muito bem. Para já, quero-te aqui na segunda, 7 de dezembro, à primeira hora. Fala com as minhas secretárias para que te organizem a mudança. Reservar-te-ão um quarto no hotel de Ramallah onde está alojada o resto da equipa.

Com a ida para Ramallah *in mente*, Markov entrou no apartamento de La Diana, que lhe dera uma cópia das chaves. Lavou as mãos e preparou um expresso na cafeteira que tinham comprado antes de ele regressar ao Congo, e que acabara por ficar na cozinha de La Diana. Sentou-se na poltrona da sala de jantar para o saborear enquanto sonhava acordado. A campainha da porta despertou-o. Era Sándor. A surpresa foi mútua: Markov imaginava o irmão de La Diana em Rutshuru, na mina de coltan e Sándor estranhara encontrar o russo ali sozinho. Aquilo superava a advertência de Yasmin, que o prevenira sobre a relação entre os dois. Ficara contente pela irmã; significava que as feridas infligidas pelos sérvios estavam a sarar. Além do mais, gostava muito de Markov.

– Markov, que surpresa! E a minha irmã?

– Ainda não chegou. – Sándor levantou o sobrolho. – Preparo-te um expresso?

– Sim. Cheira bem.

– Pensei que estavas no Congo – apressou-se a comentar o russo.

– O Tony e o Mike deram-me uns dias de folga. A realidade é que não aguentava mais o calor, os mosquitos e todas as pestes do Congo. Além disso, queria ver a Yasmin. E tu, que fazes? Já te recuperastes completamente da malária?

– Sim, maldita doença. Sentia-me como um bebé. Ontem falei com o Al-Saud: quer que vá a Ramallah, para treinar os soldados de Yasser Arafat.

Sentaram-se à mesa a beber os cafés. Markov fixou o olhar em Sándor, e este soube que ele iria abordar o tema.

– Sanny, creio que imaginas porque me encontraste aqui. A tua irmã e eu estamos... a tentar... enfim, amamo-nos e estamos a lutar para que ela supere o seu trauma, o que lhe causaram aqueles filhos

da puta dos sérvios.

– Yasmin contou-me. Disse-me que Diana lhe ligou há algum tempo para lhe pedir que a acompanhasse: foram comprar roupa, perfumes, maquilhagem. Queria que lhe ensinasse a ser mulher. Depois confessou-lhe que está apaixonada por ti. – Markov sorriu com um traço de tristeza. – Ela não te está a facilitar as coisas, pois não, Sergei?

– Não é culpa dela, Sanny. Não sabes o esforço que está a fazer por mim. Está a ser seguida pelo psiquiatra que curou a Leila.

– À Leila foi a Matilde quem a curou.

– Sim, sim, mas o Brieger está a ajudá-la muito. Fomos juntos a uma sessão na passada segunda-feira. Gostei do tipo e ela sente-se confortável com ele.

– Sim. Fico contente por ela, Sergei. Considero-te um amigo, um bom amigo, por isso estou feliz que a minha irmã e tu se entendam.

– Sanny, quero falar contigo sobre um assunto muito sério. – Sándor olhou para ele e o brilho frio, quase ameaçador, dos olhos azuis-celestes, deu a entender a Markov que o bósnio suspeitava sobre o que pretendia discutir. – Quero vingá-la. *Necessito* de o fazer.

Como Markov tinha posto música, não ouviram o barulho da chave. La Diana manteve a porta entreaberta para ouvir o que Markov e Sándor conversavam. Parecia-lhe ter ouvido o termo «vingar».

– Sim – concordou Sándor –, eu também. É uma dívida que tenho para com as minhas irmãs e que saldarei um dia. Se me ajudares, será mais fácil.

– Percebi que nem todos os oficiais e soldados morreram no dia em que o comando a cargo de Al-Saud invadiu Rogatica.

– Não. Muitos foram julgados e condenados à prisão. Alguns já estão livres. Os soldados rasos nem sequer foram submetidos a julgamento.

– Podemos procurá-los.

– Vou pedir ajuda ao Eliah. Ele tem contactos nos serviços secretos de vários países. Poderá conseguir-nos informações sobre o paradeiro desses cabrões.

– Não! – A voz de La Diana fez com que Sándor e Markov saltassem dos seus assentos e que, de modo instintivo, fizessem deslizar as mãos para debaixo das camisas, a fim de sacarem as pistolas.

– Não voltes a fazer isso, Diana! – repreendeu-a Markov. – Podíamos ter-te dado um tiro.

– Não quero vingança – repetiu a jovem, tocando quase de forma automática na Medalha Milagrosa.

– O quê?

– Não quero vingança, Sanny.

– Mas eu quero.

– E eu também – juntou-se Markov. – Quero destruir os que te magoaram.

– Também eu queria. Planeei a vingança muitas vezes; passei noites inteiras a imaginar os tormentos aos quais submeteria aqueles que nos destruíram em Rogatica. Mas agora tudo mudou. Quero esquecer e já não desejo magoar ninguém. Nem sequer a eles.

– Estás louca! – repreendeu-a Sándor.

– Talvez, mas é esse o meu desejo.

– E quanto à Leila?

La Diana lançou ao irmão um sorriso entre o sagaz e o triste.

– Achas realmente que a Leila querera que sujes as mãos com o sangue daqueles que nos humilharam? Duvido, Sanny. – Aproximou-se e acariciou o queixo do irmão. – Sanny, nós os três encontrámos a felicidade aqui, em Paris. O melhor é deixar o passado para trás. Se formos atrás dos sérvios, tudo ressurgirá. Não, não quero. Quero esquecer e perdoar.

– Perdoar! – Markov parecia furioso e ofendido. – Perdoar aqueles que te fizeram sofrer o indescritível?

– Sándor disse-me uma vez que os sérvios tinham ganho porque me roubaram a alma e me transformaram num ser duro e implacável. Tinha razão. Não quero converter-me num monstro indo à caça desses miseráveis. Quero esquecer, Sergei! E quero paz.

Sándor abraçou a irmã e beijou-lhe a testa. Saiu do apartamento sem pronunciar uma palavra. Um silêncio incómodo interpôs-se entre La Diana e Markov. Olhavam-se através do espaço da sala de jantar.

– Não te entendo, Diana.

– Eu sei. Mas preciso que me apoies nesta decisão, Sergei. É muito importante para mim, para a minha cura.

O russo concordou, com um gesto severo, e foi para a cozinha com as chávenas de café. A partir daquele instante, uma sombra cobriu tudo: o apartamento, os rostos dos dois, os seus sorrisos e os seus diálogos. Markov fixou-se na ideia de fazer amor com La Diana antes de partir para Ramallah e pressionava-a ao ponto de assédio.

Na noite de domingo, no dia anterior à viagem, chegou inclusivamente a penetrá-la, e a rapariga sofreu uma crise de nervos. Ao recuperar o domínio, pôs-se a chorar desgostosa.

– É um horror para mim! Tudo volta à minha cabeça! Até consigo sentir o cheiro deles!

– Tomo um banho no meu *aftershave* para que me reconheças, para que saibas que sou eu! Faz um esforço, Diana!

La Diana, embrulhada nos lençóis, continuou a chorar sentada no meio da cama. Markov estalou a língua e meteu-se na casa de banho, onde se vestiu antes de abandonar o apartamento. Partiu para Ramallah sem se despedir. Durante a viagem, questionou-se sobre a origem da fúria que o tinha levado a magoá-la. Tinha ciúmes. Ela preferia perdoar àqueles desgraçados, compadecia-se dos que a tinham violentado durante meses sem mostrar um pinga de humanidade, em vez de lhes devolver golpe por golpe, humilhação por humilhação. Na sua opinião, não existia melhor cura do que essa.

Dias mais tarde, Al-Saud ligou a La Diana, e percebeu de imediato que a jovem bósnia não estava bem. Teria preferido que lhe respondesse no habitual tom seco e cortante, ao invés daquele timbre angustiado. Relacionou-o com o seu trabalho como segurança de Suha Arafat.

– Quero que venhas a Ramallah. Necessito da tua ajuda para a formação dos soldados da Força 17.
«É onde está Markov», pensou La Diana, e aceitou.

Capítulo 8

Na segunda-feira, 7 de dezembro, Juana Folicuré saiu do *minibus* no terminal de autocarros Retiro e esperou que lhe entregassem as bagagens. Tinha viajado durante toda a noite, a partir de Córdoba. Cansada, meio desanimada – o terminal Retiro conseguia deprimir até a pessoa mais alegre do mundo –, atravessou a praça Força Aérea Argentina, onde se erigia a torre dos Ingleses, e chegou ao Sheraton, de onde partiam as camionetas com destino a Ezeiza. Pagou o bilhete, verificou que o motorista arrumara a bagagem nas traseiras e sentou-se à espera da hora de partida. Olhou para o relógio: oito e trinta e cinco da manhã. O avião para Paris só descolava às duas da tarde.

A mãe, a quem confessara o seu romance falhado com um israelita, advertira-a que ir a Telavive e impor-se a Shiloah era um ato descabido e impulsivo. Juana aceitava a imprudência do seu comportamento; concordava que se tratava de uma medida extrema. Afinal, Shiloah não lhe respondia às mensagens de correio eletrónico e só lhe atendera o telefone uma vez, soando muito sério e quase mal-educado.

– O que vais fazer se ele não quiser receber-te? – preocupava-se a mãe.

– Vou para um hotel e venho-me embora no dia seguinte. E mando-o à merda!

Como tinha pouco dinheiro, a mãe emprestou-lhe o necessário para pagar a passagem. As poucas poupanças que lhe ficaram do seu trabalho no Congo seriam utilizadas para custear as deslocações, comida e alojamento em Telavive, no caso de Shiloah lhe bater com a porta na cara. Ia dar-lhe uma última oportunidade para recomeçar. Se não aceitasse, Juana voltaria para a Argentina e retomaria o seu trabalho no hospital Garrahan, dado que a licença sabática de um ano acabava a 31 de dezembro.

«Mas que raio de ano, este 1998!», pensou, enquanto se punha na fila para o *check-in* em frente aos balcões da Air France. Quase doze meses antes, ela e Matilde tinham apanhado o mesmo voo para embarcar numa aventura que lhes mudara a vida. Matilde conhecera Eliah e Jérôme, e Juana, Shiloah. Nenhuma delas era feliz. Matilde chorava pelo amor perdido de Eliah e pelo desaparecimento de Jérôme, enquanto Juana lançava a última cartada, tentando convencer o teimoso Shiloah que se estava nas tintas para filhos biológicos; para ela, adotar ou parir ia dar ao mesmo.

Sorriu ao pensar que estaria a poucos quilómetros de Matilde. Decidira que não regressaria à Argentina sem vê-la, embora soubesse que não seria fácil. Na ocasião da sua primeira visita a Telavive, nos princípios de março, Shiloah explicara-lhe que era difícil entrar nos territórios ocupados, como eram conhecidos a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. Esclareceu-a que a dificuldade não seria a sua origem – geralmente, os argentinos eram bem-vindos a Israel e à Palestina – mas sim os postos fronteiriços, que estavam a maior parte do tempo fechados.

Não dormiu durante a viagem. Chegou ao aeroporto Charles De Gaulle e não teve tempo para nada:

o seu voo de ligação com destino a Telavive saía em menos de uma hora. Correu para o portão de embarque e chegou ao avião mesmo a tempo. Arrumou a mala no compartimento e, antes de ocupar o seu lugar, foi à casa de banho. Decidiu maquilhar-se antes de encontrar Shiloah; não o faria com aquela cara de morta. Tentou acalmar-se quando se instalou. Calculou que o avião aterraria por volta do meio-dia: faltavam poucas horas para o encontro.

Ninguém a esperava no aeroporto David Ben Gurion e sentiu-se deprimida ao lembrar-se da ocasião em que Shiloah a aguardava, ansioso e feliz. Tinham feito amor mal puseram o pé na mansão e só mais tarde Juana, vestida com a camisa de Shiloah, se dedicou a percorrê-la. Estavam sós; Shiloah dera o dia às empregadas de serviço doméstico, a fim de disfrutarem juntos daquele primeiro dia. E se estivesse em Jerusalém? Desde que fazia parte do Knesset, passava muito tempo nessa cidade, sede do parlamento israelita. Na verdade, ficava a pouco mais de cinquenta quilómetros de Telavive-Yafo, e a viagem levaria menos de uma hora. Ligar-lhe-ia para o telemóvel para o avisar que esperaria por ele à porta de casa.

O aspeto solitário da mansão de Shiloah não augurava nada de bom. Os estores de enrolar estavam descidos, apesar de ser uma da tarde. A lanterna do alpendre estava acesa, como se ninguém a tivesse apagado desde a noite. Tocou à campainha várias vezes e atreveu-se a rondar pelos lados da casa e a espreitar pelas ranhuras entre as ripas dos estores de madeira. Da casa em frente, uma mulher observava-a, enquanto concluía «aquela rapariga é árabe».

Juana ligou para o telemóvel de Shiloah e praguejou baixinho quando a atendeu o correio de voz.

– Shiloah, é a Juana. Estou à porta de tua casa em Telavive. Acabo de chegar da Argentina. Temos que falar. Vem, por favor.

Sentou-se nas escadas da entrada à espera. «E se está de viagem pela China?» Apertou os olhos para impedir que lágrimas escapassem. Como sempre, a sua mãe tinha razão: aquela viagem e a ideia de reconquistar Shiloah eram uma loucura. Apoiou a cabeça na parede do alpendre, enjoada de sono e de fome. «Se dentro de uma hora não me ligar nem vier, vou-me embora. Bem, duas horas.»

Um incómodo no pescoço acordou-a. Ao cabo de alguns segundos, viu que se tratava da antena de um *walkie-talkie* que um homem, de fato preto e óculos de sol, usara para a despertar. Falou-lhe em hebreu, rápido e grosseiro, e ela, ainda atordoada, respondeu-lhe em castelhano. O homem obstinava-se em expressar-se naquela língua, mais antiga do que o próprio mundo e que só os israelitas teimavam em usar. Juana pôs-se de pé de um salto e gritou-lhe em inglês:

– Não compreendo o que raio estás a dizer! Eh, larga isso! – exigiu a um outro homem que tentava abrir-lhe a mala. Como o homem persistia na sua intenção, Juana deu-lhe uma palmada na mão; acabou por ser algemada e atirada para dentro de um veículo, que arrancou fazendo chiar os pneus.

A vizinha de Shiloah observava com atenção o espetáculo da janela da sua cozinha, congratulando-se por ter denunciado a presença de uma árabe suspeita. Tinham-lhe respondido membros do Shabak, dada a importância da personagem em questão. Shiloah Moses não era apenas um dos homens mais ricos de Israel, dono de um império, mas também um membro destacado do parlamento, a quem, em

janeiro desse ano, tinham tentado assassinar em Paris.

– Senhor Moses – chamou-o a secretária, assomando-se à porta da sala de reuniões dos escritórios em Jerusalém –, desculpe a interrupção, mas trata-se de uma urgência.

Moses pediu desculpa aos engenheiros noruegueses que iriam construir a fábrica dessalinizadora na Faixa de Gaza, e afastou-se em direção à jovem.

– O que se passa, Tamar?

– O chefe do Shabak de Telavive está ao telefone.

Moses franziu o sobrolho e ordenou que transferissem a chamada para o seu gabinete.

– Senhor Moses, o meu nome é Yitzhak Sapir, chefe do...

– Sim, sim, senhor Sapir. O que é que se passa?

– Conhece uma senhora chamada... Juana Fol-i-qui-rré?

Shiloah sentiu um golpe no peito.

– Sim, sim – disse, num fio de voz. – Que se passa com ela?

– Está aqui, no nosso posto. Detida – acrescentou.

– Detida! O quê? Como? Juana está em Telavive? Como é possível? Disse detida? Liberte-a imediatamente, senhor Sapir! Ponha-a ao telefone! Já!

– Shiloah? – disse Juana, após alguns minutos.

– Juana, pelo amor de Deus! Estás bem? Fizeram-te alguma coisa?

– Nada, querido – declarou, com sarcasmo. – Excetuando algemar-me, meter-me num automóvel, revistar as minhas coisas em busca de bombas e de me tratarem como uma terrorista, não, estes gatinhos simpáticos não me fizeram nada.

– Passa-me o Sapir!

Shiloah ouviu Juana dirigir-se em inglês ao chefe do Shabak, que tomou o telefone rapidamente.

– Senhor Sapir, quero que escoltem a minha noiva...

– A sua *noiva*?

– Sim, senhor Sapir! A minha noiva! Quero que a escoltem até ao meu escritório em Jerusalém. – Shiloah indicou-lhe em que sítio do edifício do parlamento se encontrava.

Mesmo sem cabeça para recomeçar a reunião com os engenheiros noruegueses, Moses empenhou-se em terminá-la porque o tempo urgia e ele queria que comesçassem os estudos do solo e as escavações antes do fim do mês. Por cortesia, deveria ter convidado os noruegueses para um almoço tardio. Não o fez. Terminada a reunião, despediu-se deles até ao dia seguinte, fechou-se no gabinete e limitou-se a esperar por Juana. Consultava o relógio de cinco em cinco minutos e bebia café. Juana em Israel! Não queria admitir como se sentia feliz. Tentava aborrecer-se com ela por ser impulsiva, louca, insensata e só conseguia sorrir como um tonto ao imaginar que tinha atravessado meio mundo para o encontrar. Precisava de a ver, saber que estava bem; depois, enviá-la-ia de volta para a Argentina.

Pôs-se de pé de um salto ao ouvir a voz de Juana e a de Tamar, a pedir-lhe que aguardasse. Shiloah Moses saiu antes de a secretária bater à porta. Fez um exame atento e severo à sua «noiva», como se

estivesse a verificar que nenhuma parte lhe faltava, antes de lançar um olhar ao oficial do Shabak. O homem aproximou-se e estendeu a mão, ao mesmo tempo que se apresentava. Shiloah agradeceu-lhe de modo cortante que tivesse acompanhado Juana, e despediu-se.

– Anda – pediu-lhe, e, com um sinal, indicou-lhe que entrasse no seu gabinete. – Tamar, preciso que vá comprar o livro que lhe pedi ontem. Agora.

Para a jovem secretária, a mensagem era clara: «Vá-se embora». Vestiu o casaco, colocou a carteira ao ombro e saiu – regressaria dentro de umas horas.

Juana não recordava ter sentido aqueles tremores alguma vez. A expressão «ficar sem força nos joelhos» estava correta. Disfarçando, pousou a mão no rebordo da secretária em busca de apoio. O gesto de Shiloah transmitiu-lhe a mesma impressão que a sua casa em Telavive: estava fechado para ela.

– O que fazes aqui?

– Olá, Shiloah. Como estás?

– Sem disposição para brincadeiras.

– Eu também não. Há dois dias que viajo, o mesmo tempo que não durmo. Não como nada decente há horas e estou derreada. Mas não me importo. Fi-lo porque queria ver-te. Claro, que não te censuro por nada. Esta decisão foi minha. A única coisa que pretendo é que permitas que me sente e que me ofereças uma chávena de café e um copo de água.

– Sim, sim, claro. Senta-te – concordou, contrariado, e dirigiu-se para a cafeteira. – Desculpa a minha falta de cortesia. Apanhaste-me de surpresa.

– Imagino. Peço-te desculpa se te causei algum problema com a polícia. Não fiz nada, juro-te. Sentei-me à porta de tua casa, foi tudo.

Shiloah agitou a mão, no gesto de quem tira importância a um assunto. Entregou-lhe uma chávena de café e vários pacotes de açúcar.

– Obrigada – agradeceu Juana. – Estava a morrer por um café.

– Queres comer alguma coisa? Posso pedir que nos tragam comida. Almoçaste? Não, claro que não.

– Neste momento não tenho fome – admitiu Juana, cujo estômago só suportaria líquidos. Sorveu o café, quente e doce, e sentiu-se melhor.

– Pelo amor de Deus, Juana! – exclamou Shiloah de novo, ainda que não no tom irritado que usara anteriormente. – O que fazes aqui?

– Vim ver-te. Que mais poderia ser? Não julgas que Israel é um destino turístico que me atrai, pois não? A única coisa que me interessa neste país és tu. E aqui me tens. Como não respondes aos meus *mails* nem te dignas atender o telefone quando te ligo, não me deixaste outra saída.

Shiloah fez uma careta que pretendia comunicar exasperação. Juana fez-se desentendida, mesmo que, no seu íntimo, tremesse de medo. Nada estava a acontecer como ela planeava; o esforço económico e físico estava a ponto de ir por água abaixo. Pousou a chávena na secretária e levantou-se. Dirigiu-se a Shiloah e deteve-se a alguns passos. Olhou-o fixamente até que ele desviou o olhar.

– Agora que estou aqui, frente a ti, apercebo-me de que vim procurar uma resposta. Se me

responderes com honestidade, vou-me embora e deixo-te em paz. De acordo? – Moses concordou, sem estabelecer contacto visual. – És feliz desde que tomaste a decisão de me afastar? Olha-me nos olhos e responde-me com sinceridade – implorou.

Juana escondeu o impacto produzido pela desolação que viu nos olhos de Shiloah, cuja tonalidade ambarina, tão exótica, carecia do brilho habitual; até as pestanas, antes fartas e de uma intensa cor escura, pareciam sem vida. Lia no seu semblante o debate que sustinha entre mentir ou responder com franqueza.

– Não. Não tenho sido feliz. Antes pelo contrário.

– Bem – respondeu Juana, de ânimo derrotado –, nesse caso já somos dois. Quero que saibas que nunca, nem quando terminei com o Jorge, senti a amargura, a angústia e a infelicidade que me causaste ao arrancares-me da tua vida. Creio que a decisão de não ter filhos não me causa nem um quarto da dor que me estás a causar com esta separação. Bem, já está. Agora vou-me embora. Adeus, Shiloah.

Deu meia-volta rapidamente porque não fazia tenção de desatar a chorar à frente dele. «Já me humilhei que chegue», censurou-se, e caminhou em direção à porta.

– Juana, onde vais? – Como ela continuasse a afastar-se, Shiloah moveu-se rapidamente e segurou-a pelo pulso. – Não – exigiu, exaltado. – Não – repetiu, quando Juana tentou soltar-se, enquanto lhe dirigia um olhar acusatório.

– Não, o quê? – conseguiu a jovem perguntar sem que lhe falhasse a voz.

– Por favor, não vás.

Há muito que não se tocavam, e a mão de Shiloah sobre a pele de Juana afetou-os profundamente. Juana não conseguiu perceber se Moses começou a massajar-lhe a palma da mão com o polegar de maneira consciente ou num ato irrefletido, produto da tensa situação.

– Não me quero ir embora, Shiloah. Não quero.

– Juana! – exclamou Moses com a voz perturbada, abraçando-a. – Sua louca! És louca! Porque me queres se estou amaldiçoado?

– Não estás amaldiçoado! Eu amo-te, Shiloah!

Moses afastou-a para envolver-lhe o rosto magro e escuro nas mãos.

– Tu és a minha bênção, Juana.

– Aleluia! Até que enfim percebeste!

Depois de uma gargalhada, Shiloah beijou-a, começando apenas por esmagar os seus lábios contra os dela, até que percebeu as mãos de Juana no seu traseiro e a excitação o sacudiu da cabeça aos pés. Penetrou-a com a língua ao mesmo tempo que lhe desabotoava os *jeans*.

– Não tenho preservativos – lamentou-se.

– Estou a tomar a pílula – disse ela, ofegante, corada, bonita e apressada para libertar a ereção que se anunciava debaixo das calças do fato.

– Oh, por favor! – gemeu Moses quando Juana engoliu o seu pénis e o chupou. – Juana!

– Esta loucura, a de vir procurar-te a Telavive, fi-lo na realidade por isto – disse ela. E, com a ponta

da língua, lambeu as gotas de sémen que brotavam da glândula. – Shiloah Moses, tens a verga mais bonita que já vi na minha vida.

Fizeram amor na secretária, contra a parede e sobre a alcatifa, até que, cansados de reprimir os gemidos, decidiram fechar-se o resto da tarde no apartamento que Moses comprara em Jerusalém desde que pertencia ao parlamento. Por volta das sete, exaustos e transpirados, tomaram um duche juntos.

– Esta noite tenho um encontro com Eliah para jantar.

– Eliah está em Jerusalém? – espantou-se Juana.

– Sim. Preferes ficar em casa? Ligo-lhe e cancelo.

– A verdade é que estou podre de cansaço, mas por nada deste mundo perderia a oportunidade de ver o papurri.

No dia seguinte, quando a Juana conseguiu vencer a prostração que lhe causavam o síndrome dos fusos horários e a maratona de sexo, telefonou à mãe para lhe dizer que estava viva e com Shiloah; depois ligou o computador para se ligar à internet. «Mat», escreveu, *«não caias de cu: estou em Jerusalém. Shiloah e eu fizemos as pazes. A minha felicidade é tão grande, minha amiga, que até poderia andar no ar. Quando nos virmos conto-te os pormenores. Tenho uma novidade para ti: ontem à noite jantamos com o papurri. Sim, está em Jerusalém! Desde há um pouco mais de mês e meio. Parece que trabalha para Yasser Arafat em Ramallah. Sabe que estás na Faixa de Gaza.»*

Na tarde de quarta-feira, 9 de dezembro, Matilde parou no cibercafé para consultar a sua correspondência eletrónica. A mensagem de Juana perturbou-a; ficou a reler as mesmas linhas um bom bocado.

«Desde há um pouco mais de mês e meio.» «Sabe que estás na Faixa de Gaza.»

– O que é que lhe aconteceu, Matilde? – perguntou-lhe a proprietária, no seu inglês tosco, ao notar que as lágrimas lhe caíam pelo rosto. – Recebeu alguma má notícia?

A médica sacudiu a cabeça e tentou sorrir.

Matilde tinha esperado com entusiasmo os seus primeiros três dias livres. Devido ao trabalho intenso que tinha levado a cabo, muitas vezes sem respeitar as folgas, Harald Bondevik autorizou-a, no segundo mês de trabalho – geralmente era um benefício de que só gozavam no terceiro mês – a disfrutar de um curto descanso. Matilde decidira conhecer Jerusalém e o *Silencioso* oferecera-se como guia turístico. Convidaram Intissar, que depressa começou a tratar da autorização para sair da Faixa de Gaza, sem êxito. O pai negou-se a assiná-la, sem sequer lhe permitir entrar na que tinha sido a sua casa.

– Por que tem o teu pai que a assinar? – espantou-se Matilde. – Tu não és maior de idade?

– Maior de idade! – ironizou Intissar, entre lágrimas. – As mulheres árabes nunca o são. Se o meu pai estivesse morto, teria que pedir ao meu irmão que assinasse, ou então ao meu marido.

– Porquê? – inquiriu Matilde, admirada.

– Em 1995, a Autoridade Palestina, para acalmar os ânimos dos partidos islâmicos, impôs como

condição que as mulheres, para poderem obter as autorizações, apresentassem o pedido assinado pelos pais, maridos ou tutores homens. Como o meu pai está zangado comigo e não tenho marido, estou presa dentro da Faixa. Ainda que deva admitir que, mesmo que o meu pai assinasse, os israelitas jamais me outorgariam a autorização. Dão-na a conta-gotas e em casos muito concretos.

As palavras de Intissar provocaram uma sensação de aperto em Matilde, e a médica argentina interrogou-se quanto às palestinianas. Conhecia Intissar – uma grande lutadora, uma mulher valente que enfrentava os desígnios mais enraizados e antigos da sociedade, e que pagava por isso; conhecia Firdus Kafarna, que, ainda que amada pelo seu marido, não terminara o secundário porque os pais tinham acertado o casamento quando fizera dezasseis anos. Às vezes, Matilde descobria nos seus olhos escuros uma ânsia reprimida de liberdade. Também conhecia Nibaal, a irmã de Intissar, cujo marido a tratava com respeito e que demonstrara o seu amor ao receber Intissar em sua casa, se bem que aquele tivesse insinuado que também o tinha fizera por estar interessado no salário que ela ganhava no Al-Shifa. Entrevia uma cultura de abuso e de repressão que, dada a sua posição no hospital e a convivência com ocidentais, não descobria completamente.

Na manhã de sexta-feira, 11 de dezembro, pronta para a sua primeira visita à cidade sagrada das três religiões monoteístas, Matilde perdera um pouco o interesse na viagem. Saber que Eliah al-Saud estava tão perto e que nunca tentara procurá-la ou entrar em contacto com ela drenara a pouca força recuperada durante os dois meses em Gaza. Ou será que apenas tomara conhecimento da sua presença ali na noite de quarta-feira, quando jantara com a Juana?

Terminado o turno da noite, Matilde encaminhou-se para a casa de banho para mudar de roupa e passar água na cara para espevitar. No silêncio pouco habitual da área de pediatria, concentrou-se no som áspero que faziam as socas ao roçarem no chão de granito, o qual exteriorizava o seu abatimento; ia arrastando a alma ao mesmo compasso dos pés.

No vestiário do hospital, lavou-se, penteou-se e, como se ia encontrar com Juana – o único pensamento que lhe roubava um sorriso –, pôs rímel nas pestanas para que ela não lhe perguntasse: «Deram-te alta da morgue, amiguinha?». Tinha de admitir que não estava com boa cara; esforçou-se um pouco mais e escondeu as olheiras com maquilhagem; a noite de plantão deixara as suas marcas. Ao enfiar os *jeans* brancos – há muito tempo que não os usava –, confirmou o que já suspeitava: a influência dos hábitos culinários dos palestinianos refletia-se no corpo; lamentou não ter trazido outros, como também ter-se apressado a enviar para a lavandaria do hospital as calças mais folgadas com as quais tinha ido trabalhar na quinta-feira de manhã. O mesmo lhe aconteceu com a camiseta lilás com florzinhas brancas: colava-se-lhe ao peito de maneira escandalosa; subiu o decote, que antes não lhe parecia tão pronunciado, e decidiu cobrir-se com a bata da Mãos Que Curam enquanto não saíssem de Gaza. Teria ficado envergonhada se andasse pelas ruas a bambolear o enorme traseiro e a sacudir os seios, especialmente numa sexta-feira, dia em que os fiéis vão à mesquita para orar e escutar o sermão do imã, e as mulheres os acompanham tapadas dos pés à cabeça.

Encontrou Intissar na receção do rés do chão num tal estado de excitação que apenas fez realçar

ainda mais o seu estado de desânimo.

– Tira a bata! – ordenou-lhe a palestiniana, que frequentemente a fazia lembrar Juana.

– Não, as calças estão indecentes e não tenho outras. Estão muito apertadas graças a ti e à tua irmã, que me alimentam como se fosse um peru na engorda para o Natal.

– Nós não festejamos o Natal.

– Nesse caso, seja o que for que festejem comendo muito.

– O *Eid al-Fitr*, no fim do ramadão.

Para não suscitar comentários entre os colegas do hospital, Matilde preferiu que o *Silencioso* não a fosse buscar ao Al-Shifa, e dirigiu-se até sua casa. Intissar acompanhá-la-ia. Aquelas artérias urbanas, das quais nasciam ruelas que desenhavam trajetos labirínticos, tinham-se-lhe tornado tão familiares como as do bairro de Nova Córdoba e, assim como os *graffiti* nas paredes das cidades argentinas, Matilde acostumara-se aos cartazes com as fotografias dos *shuhada* – mártires dos ataques suicidas – e às pinturas em caligrafia árabe. Também faziam parte da paisagem os anciãos sentados nos passeios, que interrompiam momentaneamente a sua higiene oral com o *miswaak* – um palito de madeira com uma ponta como se fosse uma escova – para as cumprimentar, como se as conhecessem desde crianças. Alguns fumavam o narguilé, cujo perfume se misturava com os aromas intensos da rua; outros dedicavam-se a observar os transeuntes. Matilde sorriu ao imaginar o quanto estes homens a teriam espantado se os tivesse visto nas ruas de Buenos Aires, vestidos com as suas jilabas até aos pés e *keffieh* vermelhos ou pretos, às vezes até verdes; em Gaza, surpreendia-se ao ver alguém com roupas ocidentais, como também lhe chamava a atenção encontrar uma mulher sem o *mandil*, o lenço com o qual as palestinianas cobrem a cabeça, como era o caso da sua amiga Intissar, a qual, por usar o cabelo solto e a descoberto, ouvia por vezes o insulto *safra*, que significa «mulher desavergonhada».

– É difícil para um palestiniano com menos de quarenta anos ter autorização para entrar em Israel – comentou Intissar. – É quase impossível. Deprime-me vê-los aí, sentados, sem fazer nada, perdendo a dignidade.

Matilde recordou um caso anedótico, contado por Ariel Hakim, que realçava tanto a natureza ocorrente dos palestinianos como o grave problema do desemprego na Faixa. A jornalista israelita avistara um grupo de homens jovens que, sentados num bar, bebiam e pouco falavam. Ariela aproximou-se e perguntou o que estavam a fazer. Um deles tomou a palavra para responder: «Estamos à espera de chegar aos quarenta anos para que nos permitam trabalhar em Israel.»

– Por que é que os menores de quarenta anos não obtêm autorização? – inquiriu Matilde.

– Porque, segundo o governo israelita – explicou Intissar –, se tiveres menos de quarenta, és mais propenso a imolar-te num autocarro em Jerusalém ou em Telavive.

Amina saiu para as receber com um garganteio alegre e escondeu a cabeça entre as pernas de Matilde.

– Conta-me uma história, Matilde! – A argentina levantou-a e fê-la girar no ar, provocando gritos de alegria na menina, que a prendeu pelo pescoço para lhe dar vários beijos. – Conta-me uma história! –

insistiu, ao que Matilde aceitou durante a viagem, na qual o *Silencioso* conduzia calado e com um ligeiro sorriso perante as suas ideias engenhosas e humorísticas.

– Há dias acabei de corrigir os teus primeiros contos – interrompeu-a, olhando pelo retrovisor. –

Praticamente não dás erros, gramaticais ou ortográficos.

– Trabalhei com o dicionário ao lado, o que nos fizeram comprar no *lycée* quando começámos o curso.

– O conto do Jérôme e a família de gorilas brancos não tem nada a ser corrigido.

Matilde sorriu, consciente de que corava. Que o prémio Nobel da Literatura de 1997 fizesse um elogio ao seu conto era uma experiência que nunca teria pensado vivenciar.

– Como tiveste a ideia?

– Recordei-me de uma lenda que o Jérôme me contou sobre gorilas albinos. Juntei-lhe aspetos fantásticos, como os gorilas saberem falar e serem sábios.

– Quero ir ver o Jérôme! – exigiu Amina. – Vamos ver o Jérôme, papá?

– A Matilde já te explicou que ele vive muito longe, num lugar chamado Congo.

– E também que estava perdido – lembrou-se a criança. Um silêncio que não era incómodo, mas apenas triste, apoderou-se do habitáculo do automóvel. – Vamos buscá-lo? Se está perdido deve ter medo.

– O tio Eliah anda à sua procura – explicou Al-Muzara, e a menina, satisfeita com a resposta, pediu a Matilde que a penteasse.

– Ela conhece o Eliah?

– Viu-o algumas vezes. Não o reconheceria, mas o nome dele é mencionado com frequência lá em casa. Além do mais, de vez em quando ele manda-lhe encomendas com roupas, brinquedos, livros e bonecas... Já sabes, conquista-se qualquer mulher com isso.

– Sim – sussurrou Matilde.

– De facto, toda a roupa que hoje traz vestida foi presente do Eliah, até os sapatos e as meias.

– É muito bonito – murmurou, enquanto se recordava das ocasiões em que Al-Saud a cobrira de presentes, temendo que o considerasse frívolo. «Mais uma coisa para me arrepender», torturou-se.

Levaram duas horas para atravessar o posto de controlo de Erez, mas passaram sem problemas. Matilde apresentou o seu passaporte argentino e Sabir o seu passaporte francês, bem como o da filha, também de nacionalidade francesa. Matilde procurou discretamente o tenente-coronel Lior Bergman, mas não o avistou entre os soldados.

Pouco antes de chegar a Jerusalém, o *Silencioso* anunciou:

– Vamos primeiro ao hotel Rei David. Tenho um encontro com Sandrine, a minha editora. Está na cidade e quer ver-me. Não te importas, pois não? – Matilde assegurou que não. – Além disso, quero saber a opinião dela sobre os teus primeiros contos. Enviei-lhos por *mail* assim que terminei de os corrigir e prometeu-me um comentário para hoje.

– Oh! – inquietou-se. – A sério?

– Sim. Depois vamos ao bairro arménio, onde reservei dois quartos, um para mim e Amina, e outro para ti, numa pensão muito simples, porém limpa e decente, na qual fico sempre que visito Jerusalém. Os donos conhecem-me há anos. Espero que gostes.

– Tenho a certeza que sim.

– Chefe – disse Noah Keen –, estamos a caminho de Jerusalém. A doutora Martínez dirige-se para aí com o senhor Al-Muzara.

– Sós?

– Não. Com eles viaja a filha de Al-Muzara.

– Que sítio ocupa Matilde no automóvel?

– Vai no banco de trás, com a menina.

– Avisá-me quando chegarem à cidade.

– Sim, chefe.

Al-Saud saiu da banheira de hidromassagem e envolveu-se no roupão. Entrou no compartimento onde estavam os lavatórios e contemplou a sua imagem no espelho. Matilde estava a caminho. Um estremecimento de antecipação fê-lo arrepiar a pele sob o roupão de algodão. Apoiou as mãos sobre o mármore, inclinou o tronco e a cabeça para a frente, e retesou os músculos conscientemente, um a um. Expulsou o ar com um sopro sonoro e recomeçou o exercício no sentido contrário, para relaxar as extremidades, o estômago, os ombros, mesmo os maxilares e os dedos dos pés, até voltar a sentir domínio completo sobre o próprio corpo.

Percebia uma leveza no ânimo, uma disposição entre o divertido, o irascível e o benévolo que ele sempre relacionava com Matilde e que o predispunha a desembrulhar uma característica do seu temperamento: aquela veia simultaneamente frívola, malévola e passional da qual ele não gostava, mas que, considerando o que lhe provocava, não conseguia, nem queria, subjugar. Escravizado por aquela disposição, escolheu uma roupa que lhe dava um ar juvenil, despreocupado e desportivo e que, ao mesmo tempo, realçava a elegância do seu corpo. Há muito tempo que não usava o seu perfume favorito (o preferido dela, também): *A Men*, de Thierry Mugler, e esfregou-o generosamente sobre a cabeça, no pescoço e nas mãos, que depois passou pelo queixo acabado de barbear. O ardor que lhe provocou o álcool sobre os poros sensíveis espalhou-se em todas as direções.

Minutos depois, a notícia que lhe foi transmitida por Noah Keen através do telefone – que o automóvel de Sabir al-Muzara acabava de chegar ao edifício do hotel Rei David –, deixou-o momentaneamente mudo. Devido a algum propósito secreto, os deuses entregavam-lhe Matilde de bandeja.

Matilde espreitou pela janela para apreciar a construção do hotel, que se destacava como uma fortaleza medieval.

– No mês de julho de 1946 – disse o *Silencioso*, enquanto conduzia o automóvel até à entrada do Rei

David –, este hotel sofreu um atentado por parte do Irgun, o braço armado do Haganah, uma organização sionista do início do século xx. Toda a ala sudeste ruiu. Quase cem pessoas morreram e muitos ficaram feridos.

– Porquê? – espantou-se Matilde. – Porque é que os sionistas fizeram isso?

– Para assustar os ingleses que, naquela altura, eram a autoridade no Mandato Britânico da Palestina, e obrigá-los a abandonar a colónia palestiniana. Os oficiais ingleses viviam no hotel.

– Então os ingleses e os sionistas não estavam de acordo – comentou Matilde.

– Bem – disse o *Silencioso* –, pelo menos é o que queriam fazer crer. Mas não te esqueças do que te contei: foi a declaração de um aristocrata inglês, lord Balfour, que deu aos sionistas esperança para se instalarem nesta terra.

Embora ao lado da entrada existissem portas convencionais, Amina decidiu que entrariam pela porta giratória e obrigou Matilde, que a trazia ao colo, a sair e a entrar várias vezes até que um grupo de mais de vinte japoneses veio pôr fim à diversão. A receção do hotel, depois de um largo corredor ladeado pelos balcões de atendimento, abria-se num espaçoso recinto. Sabir já o conhecia e não se impressionou perante o luxo; Matilde, por seu lado, julgou-o muito abaixo da sumptuosidade do George V. Não obstante, calculou que o custo de um quarto deveria ser muito elevado.

O *Silencioso* afastou-se em direção à receção para que o pusessem em contacto com o quarto duzentos e vinte e dois, o da sua editora. Matilde e Amina instalaram-se num dos muitos sofás que enchiam a receção, à volta de mesas. Prontamente, apresentou-se um empregado de mesa para as atender mas Matilde, com um sorriso, recusou em inglês. «Aqui um café» pensou, «deve custar uns vinte dólares».

– Matilde?

Voltou-se no sofá e deu de caras com o olhar exultante do tenente-coronel Lior Bergman.

– Lior! – exclamou, levantando-se a fim de contornar um grupo de sofás e de o cumprimentar com um vigoroso aperto de mãos. – Que surpresa!

– Apresento-te o meu irmão, Ariel Bergman. – Novo aperto de mãos. – Ariel acaba de chegar. Vive no estrangeiro. Não nos víamos há semanas. Ariel – virou-se para o homem à sua esquerda –, apresento-te a doutora Matilde Martínez, da Mãos Que Curam. Ela salvou a vida do soldado de que te falei: controlou a hemorragia.

– A sério? – Ariel Bergman levantou as sobrancelhas e parecia queimá-la com um olhar azul-celeste, os olhos tão claros que acentuavam os seus rasgos de réptil. – Ninguém diria. Parece uma adolescente.

Lior Bergman riu-se e Matilde teve a impressão de que o tenente-coronel estava a ter um comportamento invulgar, diferente dos seus habituais modos circunspectos.

– Agradeço-lhe o elogio, senhor Bergman – respondeu Matilde. – Na realidade, tenho vinte e sete anos e sou cirurgiã pediátrica. Foi uma casualidade que estivesse ali no momento em que o soldado foi apunhalado...

– Sim – interrompeu Ariel Bergman –, soube que foi atacado por um palestiniano de Gaza.

– O soldado – esclareceu Matilde, endurecendo o tom – estava a urinar na nuca de outro palestiniano.

– Bom, bom – cortou Lior Bergman –, não discutamos acontecimentos desagradáveis. Só tenho a dizer-lhe, Matilde, que o soldado está fora de perigo e a recuperar em casa.

– Não lhe aplicaram uma sanção por ter humilhado um detido?

– Inicie um inquérito – informou evasivamente Bergman; com um gesto, indicou-lhe que ocupassem uns sofás vazios. – Por favor, Matilde, acompanha-nos num café.

– Estou com um amigo e a filha – indicou a médica.

Sabir al-Muzara, que estava de volta dos seus assuntos na receção, aproximou-se com um sorriso que, na opinião de Matilde, conseguiria conquistar o coração mais recalcitrante. Apresentou-os e tanto Lior como Ariel, ao perceberem que apertavam as mãos ao prémio Nobel da Literatura de 1997, alteraram as suas expressões e ficaram mudos.

– Gostariam de tomar um café connosco? – convidou-os o *Silencioso*. – A minha editora, a quem viemos cumprimentar, vai demorar a descer.

Ariel Bergman sentou-se e passeou o olhar entre o irmão e Matilde Martínez, a filha mais nova de Mohamed Abu Jihad. O destino ria-se-lhe na cara. Havia mais de quinze anos, desde a morte de Ivana, que o seu irmão não se mostrava tão feliz e entusiasmado com nenhuma mulher. Mencionara Matilde minutos depois de o cumprimentar, quando não se viam há várias semanas. A própria mãe não teria reconhecido o homem conversador e risonho que tinha à frente. Perguntou-se se o facto de Matilde ser argentina e ainda por cima da mesma cidade que Ivana, era o que o atraía nela. Era bonita, sem dúvida, ainda que de feições um tanto acriançadas. Admitia que o aspeto dela o desconcertara: poucas vezes admirara um traseiro tão bem feito e atraente, que as calças brancas expunham em todo o seu esplendor. Os seios, decidiu, eram desproporcionados para o tamanho do tronco, sobressaindo demasiado do decote. Afastou as imagens da mulher-miúda sem roupa porque eram uma traição a Lior, o qual, não havia dúvidas, tinha uma paixoneta pela médica da Mãos Que Curam. Recordou-se de Eliah al-Saud e desejou que as informações de que já não estavam juntos fossem corretas, para bem do irmão. Depois da morte de Ivana na explosão de um autocarro em Jerusalém, há quinze anos, Lior não conseguira relacionar-se de maneira estável com nenhuma outra mulher. Por vezes, Ariel convencia-se de que a melhor parte do irmão também morrera naquele dia. Nessa manhã, na receção do Rei David, sorriu ao constatar que recuperara o Lior de antigamente.

Al-Saud observava o grupo de uma posição conveniente. À reação espontânea de abalo seguiu-se outra de alarme, que se fundiu com terceira, de especulação. Eliah perguntava-se porque Bergman parodiava aquele encontro casual com Matilde: com certeza, seguia a pista de Aldo Martínez Olazábal e planeava usar a filha como isco para o conduzir a uma armadilha. Observou o homem que estava com ele, provavelmente um *katsa* que o acompanhava na missão. Pelo modo como se comportava com Matilde – todo sorrisos, olhares intensos e desculpas estúpidas para lhe tocar no braço ou na mão –, Al-

Saud presumiu que tinham elegido o método da sedução para a enrolar; ainda que, a julgar pelo mutismo de Matilde, não estivesse a ser bem-sucedido, o que o satisfazia de uma maneira que a raiva e os ciúmes se negavam a admitir. A sua natureza rancorosa e vaidosa impediam-no de reconhecer que estava ali, não porque desejava brincar com ela e fazê-la sofrer, mas sim porque decidira recuperá-la a todo o custo.

Marcou um número no telemóvel e colocou o aparelho na orelha sem desviar o olhar do grupo reunido a uns metros, ao qual acabava de se juntar uma mulher jovem e atraente, evidentemente conhecida de Sabir. Al-Saud verificou o momento em que o telemóvel de Ariel Bergman vibrou no bolso do seu blusão.

– *Shalom*.

– *Allô*, Bergman. Fala Al-Saud.

– O que deseja?

– Não lhe fica bem o vermelho. – O *katsa* girou a cabeça, sobressaltado. – Venha ter comigo à casa de banho do *lobby*. Agora.

O agente da Mossad abriu a porta da casa de banho, e Al-Saud ergueu-se da sua posição indolente sobre a borda de mármore dos lavatórios. Sem pronunciar uma palavra nem tentar algum gesto desafiador, arrancou do abastecedor um molho de toalhas de papel, que dobrou antes de as entalar debaixo da porta, como um travão.

– Isto cheira-me a *déjà-vu* – disse Al-Saud com um sorriso evidentemente hipócrita. – Recorda-me a altercação que tive com os seus *kidonim* no hotel Summerland, em Beirute. Tenho a impressão de que já se passaram vários anos, quando só foi há alguns meses.

– O que quer?

– Que se afastem de Matilde, você e esse brutamontes que o acompanha. Já.

– Não tenho que lhe dar explicações, Al-Saud. No entanto, digo-lhe que este encontro, por mais que lhe custe acreditar, foi fortuito, obra do acaso.

– É mesmo impossível.

– O homem que classificou de «brutamontes» é o meu irmão mais novo, Lior. É tenente-coronel do exército. Condecorado. Um herói de guerra. – A confissão desorientou Al-Saud, que semicerrou as pálpebras num olhar especulativo e ficou em silêncio. – Conheceu a doutora Martínez em Gaza e está... interessado nela. Não penso arruinar as suas intenções de a conquistar só porque você está obstinado em que me vá embora. Devo recordar-lhe que este é o meu país. É você quem pode ter de o abandonar a qualquer momento.

– Somente Israel sustém que Jerusalém é parte do seu país. A comunidade internacional declara o contrário.

– Seja como for, Al-Saud, mas não me tirará daqui. Vim almoçar com o meu irmão no restaurante deste hotel, como qualquer cidadão faria, e não faço tenção de ir embora. Sabe? Adoro o *meze* daqui. Recomendo-lho. É de uma variedade e qualidade insuperáveis. Já agora, soube que você e a filha de

Abu Jihad já não estão juntos.

– Estou a avisá-lo...

– Não tem nada que me avisar. Lior tem o direito de a conquistar. Se quiser, salte para o meio e lute por ela de forma honesta. Gostaria de assistir; aliás, não perderia esse combate por nada.

Ariel Bergman tirou a cunha de papel com a ponta do sapato e saiu. Al-Saud voltou-se para o espelho e, ao observar-se, sentiu-se estúpido e enganado. Dirigiu-se à receção com o humor de um touro de lide, ao qual o picador tivesse cravado demasiadas vezes a garrocha no lombo.

Matilde concluiu que a visita a Sandrine, a editora, se prolongaria e perderia horas preciosas que destinara a percorrer uma das cidades mais antigas do mundo, cheia de tesouros culturais e de pontos de interesse. O facto de o tenente-coronel Bergman e o irmão se terem unido ao grupo confirmava essa opinião. Matilde dissimulou um suspiro quando Lior Bergman os convidou para almoçar num dos restaurantes do hotel, o King's Garden, localizado no terraço que dominava o jardim e a piscina. O militar exibiu um sorriso de orelha a orelha quando o *Silencioso* e Sandrine aceitaram o convite. Depois, desviou o olhar para Matilde, a quem evitara deliberadamente, e o sorriso aprofundou-se: na realidade, tornou-se sugestivo, quase impertinente, como o de um adolescente que consegue o que quer. Matilde devolveu-lhe um esgar inocente e franco, e voltou-se para Sandrine, que dominava a conversa desde que chegara.

Amina, aborrecida por estar quieta e a ouvir uma língua que não compreendia – tinham passado para o inglês – abandonou o colo do pai e passou, contornando os pés dos adultos, até Matilde, indo enterrar o rosto entre as suas pernas com um suspiro de enfado. Matilde massajou-lhe as costas e inclinou-se para lhe beijar a parte de trás da cabeça.

– Amina – censurou o *Silencioso* –, vais sujar as calças brancas de Matilde.

A menina e Matilde entreolharam-se e lançaram uma gargalhada marota.

– Conta-me uma história de Jérôme, Matilde.

– Agora não, Amina – interveio o *Silencioso*.

– Sabir, meu irmão, que fazes aqui?

Bastaram estas poucas palavras a Matilde; não precisou sequer voltar-se no sofá para identificar o dono daquela voz, o indiscutível tom autocrático, cuja frequência de onda a penetrou pela nuca e lhe percorreu o corpo como se fosse oco. A expressão de Sandrine, que rapidamente mudou da estupefação para a apreciação, confirmou que era Eliah al-Saud.

Al-Saud, sem lhe dirigir um olhar, rodeou o grupo de poltronas em direção ao seu amigo de infância, que se levantara e lhe saíra ao encontro com uma expressão que manifestava um profundo contentamento. Deram um abraço e trocaram umas frases em árabe, cujo significado Matilde captou parcialmente. Al-Muzara ocupou-se das apresentações; deixou a Matilde para o fim.

– Bem – disse com voz divertida –, à Matilde já a conheces.

– Sim – admitiu Al-Saud, e, pela primeira vez, moveu a cabeça, dignando-se a olhar para ela. – Olá,

Matilde.

– Olá – respondeu depressa, com voz desfalecida. Teve a certeza de que, com base na desenvoltura com que ele a cumprimentara, ninguém teria adivinhado o que haviam significado um para o outro, ao passo que a sua reação resultara pateticamente reveladora.

Contrariamente à atitude que teve para com Sandrine, inclinando-se para lhe depositar um beijo em cada face, a ela nem sequer lhe estendera a mão; aliás, depois daquela primeira olhadela apática, voltara a atenção para o grupo e não voltara a olhá-la, como se o lugar de Matilde estivesse vazio. A médica ter-se-ia levantado e fugido para longe dali, para poder lambar as feridas e recompor-se em paz, se não tivesse a certeza que a precipitação só pioraria a situação.

– Vem, senta-te connosco – convidou-o o *Silencioso*. – Não sabia que estavas em Jerusalém! Que surpresa agradável! O que fazes aqui?

Al-Saud comportou-se de acordo com a sua máxima de nunca revelar os verdadeiros objetivos e intenções que o guiavam, pelo que, depois de uma leve inclinação de cabeça e de um sorriso subtil, todos continuaram sem saber porque se encontrava ali. A conversa, de novo nas mãos de Sandrine que, de modo inequívoco, estabelecia preferência pelo recém-chegado, desenvolveu-se fluida e cordialmente. Matilde, contudo, não teria sido capaz de a reproduzir. O coração rugia-lhe nos ouvidos e só escutava fragmentos, nos quais não se detinha porque o cérebro se obstinava em resolver o enigma que Eliah al-Saud representava. Devia dar crédito àquela indiferença, ou justificá-la pelo rancor? Ainda a amava ou, cansado dela, conseguira esquecê-la? Repetia para si mesma que não o podia culpar; no entanto, uma raiva crescente levantava-se no seu íntimo. Afinal, argumentava interiormente, as fotografias com Gulemale teriam afetado qualquer uma, sem falar do caso com Mandy, a esposa de Nigel Taylor, que este adaptara aos seus fins imorais. Eliah *tinha* de a compreender.

Não conseguia dominar o desespero com que o contemplava, ofuscada pela sua beleza, exacerbada pela elegância desportiva com que se vestira. Não lhe conhecia aquele colete amarelo-pastel *Tommy Hilfiger*, nem a camisa azul-celeste cujas mangas enroladas deixavam adivinhar a sinuosidade dos músculos. As calças *Lacoste*, em tecido impermeável cor de giz, adicionavam luz ao conjunto. Sem que o pudesse impedir, as hóspedes do hotel paravam para o admirar, como se Eliah se tratasse de uma escultura de deus grego moldada em luzes e sombras, na qual os olhos verdes, desimpedidos devido ao penteado puxado para trás com gel, emergiam com o fulgor dos de um felino na noite. Marginalizada, Matilde achou irresistível a análise na qual embarcara, e reparou em vários detalhes, como o cinto de couro branco *Gucci*, com as costuras grossas em azul-marinho, ou os sapatos náuticos em camurça azul-celeste de *Ferragamo* ou os óculos *Ray Ban Wayfarer* de tartaruga pendurados no decote em V do colete amarelo. À medida que completava a inspeção, temia deixar-se trair pela crescente opressão que sentia na boca do estômago; não falava, com medo de a voz soar estridente, nem bebia o sumo porque tinha a certeza de que emitiria ruído sibilante quando o líquido atravessasse o nó que lhe obstruía a garganta. Permanecia quieta como uma múmia, aparência que não conseguiu manter quando o desejo e a ânsia por ele a invadiram: Al-Saud, ao mudar de posição, apoiou o tornozelo esquerdo sobre o joelho direito,

fazendo com que as calças, ao subirem, deixassem a descoberto o facto de não trazer meias e revelassem a pele escura, de pilosidade negra, cujo contacto ela evocava com óbvia clareza. Pigarreou, mexeu-se na poltrona, arranjou a sua *shika* sem necessidade, beijou Amina, adormecida nos seus braços, retirou-lhe o cabelo do rosto, inclinou-se para apanhar o copo com sumo (ainda que, no último momento, tivesse desistido, ao recordar que podia fazer barulho ao engolir). O tenente-coronel Lior Bergman, sentado a seu lado, interpretou que não bebia porque Amina a impossibilitava: assim, de modo cavalheiresco, entregou-lhe o copo com um sorriso, e Matilde viu-se obrigada a ingerir.

Al-Saud seguiu o movimento entre o irmão de Ariel Bergman e Matilde com um olhar assassino, não perdendo de vista o modo casual com o qual o militar israelita lhe roçara os dedos, tanto ao dar-lhe o copo como ao retomá-lo. Ter-lhe-ia apagado aquele sorriso ao murro.

– Sabir, querido – disse Sandrine –, é esta a Matilde de quem me falaste, a autora daqueles contos maravilhosos?

– É, sim – afirmou o *Silencioso*.

Al-Saud dirigiu a Matilde um olhar ardente e dominador que, ao início, a perturbou mas que, segundos depois, estranhamente, a libertou do estado de estupefação em que ficara com o seu aparecimento.

– É verdade, Matilde? – surpreendeu-se Lior Bergman. – Escreves contos?

Matilde anuiu, consciente tanto de ter corado como do triunfo que significava ter surpreendido Eliah. Este sentiu a mão de Sabir al-Muzara a apertar-lhe o antebraço para o deter quando, ao ver Lior Bergman beijar a mão de Matilde para a felicitar, o amigo esteve a ponto de lhe saltar em cima.

– Calma – sussurrou-lhe em árabe.

Remexeu o braço até Sabir o soltar. Odiou Matilde com a mesma intensidade que o dominara durante os primeiros dias após o rompimento no Congo, quando se propusera esquecê-la porque Mat acabara de se tornar uma estrela inalcançável, muito acima das suas possibilidades.

– Os teus contos são extraordinários, Matilde – elogiou-a Sandrine. – Prenderam-me como a uma criança, podes ter a certeza. E o pequeno Jérôme é o herói perfeito.

– Usaste o Jérôme nos teus contos?

A censura cortou-lhe a respiração e teve um efeito imediato no grupo. O ar parecia ter congelado.

– Eliah, por favor, irmão... – replicou o *Silencioso*.

– Já tenho fome! – declarou Ariel Bergman, e levantou-se. – Vamos para o terraço? A nossa mesa está reservada para a uma e meia. Já está quase na hora.

– Sim, sim – anuiu Sandrine, e os outros, ainda afetados pela agressividade no tom de Al-Saud, começaram a abandonar os assentos com ar intimidado.

O *Silencioso* apressou-se a desembaraçar Matilde do peso de Amina e Lior Bergman ofereceu-lhe ajuda para se levantar.

– Obrigada, Lior – murmurou Matilde, seguindo o grupo ao lado do israelita que, para a animar, ia enumerando as especialidades do King's Garden.

Al-Saud fechava o cortejo e, com um olhar loquaz, indicou a Ulysse Vachal que os seguisse no exterior. Caminhou atrás de Matilde tentando ocultar, com o passo despreocupado, que o seu ritmo cardíaco se alterara depois de reparar no traseiro da médica dentro dos *jeans* brancos justos. Adquirira uma dimensão e uma aparência novas, como o de uma africana, como se não pertencesse ao corpo da Matilde que ele conhecera mas se tratasse de algo acrescentado. Pensar em percorrê-lo com as mãos abertas causou-lhe uma pontada tal nos testículos que o obrigou a alterar o passo e lhe fez franzir ao de leve o sobrolho. Conhecia de cor o antigo desenho do traseiro da argentina que, apesar da magreza, era extravagante e apetecível. Imaginou-o com aqueles quilos a mais. «Tarântula» pensou, quase lançando uma gargalhada. Os seios dela, ocultos até então pelo corpo adormecido de Amina, tinham sacudido quando Matilde se levantara.

Na esplanada, enquanto o empregado juntava as cadeiras à mesa, Al-Saud aproveitou uma confusão entre Lior Bergman e Sandrine para ocupar o lugar junto a Matilde. A francesa ficou do lado oposto, e Bergman teve que se conformar com o lugar em frente da jovem médica. Eliah desdobrou o guardanapo e um rastro de *A Men*, que brincou sob as fossas nasais de Matilde, transtornou-a ao ponto de não ouvir quando o empregado de mesa lhe perguntou o que desejava tomar. A mão de Lior atravessou a mesa e roçou-lhe o braço para a chamar à realidade.

– Matilde, que queres beber? – perguntou-lhe com uma doçura que quase lhe arrancou lágrimas. A hostilidade de Al-Saud encolerizava-a; que tivesse quebrado a sua promessa e utilizado aquele perfume submergira-a em diversos níveis de tristeza. Usara *A Men* sem ela. «Sem mim», repetiu, cheia de dor e de melancolia. Assim decorria a vida de Eliah, sem ela, quando anteriormente tinham sido tudo um para o outro. Ele estava inteiro enquanto ela se desmoronava a olhos vistos. Expulsara-a de vez, cansado das suas suspeitas e reclamações.

– Água – pediu.

– Sem gás – acrescentou Al-Saud.

– Sim, sem gás – confirmou, mirando Eliah, que continuava concentrado na leitura do menu, de soslaio. Levantou olhar e deu com o de Lior Bergman, entre o curioso e o inquisitivo. «É por causa dele que me rejeitas?», perguntavam-lhe os olhos azuis-celestes.

Ariel Bergman sugeriu *meze*, um prato que quase todos, exceto Matilde e Sandrine, conheciam e apreciavam. A editora francesa perguntou o que era e o agente da Mossad explicou-lhe que lhes trariam uma grande quantidade de acepipes típicos da cozinha mediterrânea oriental. Para os que bebiam álcool, pediu-se *raki*, um licor transparente e anisado que, ao ser misturado com gelo, adquire uma tonalidade leitosa. Amina, que com tanto movimento acordara, ficou fascinada pela alteração da bebida, que julgou ser um truque de magia, e insistiu em prová-la, o que causou a hilaridade dos adultos.

Passados uns minutos e superada a impressão inicial, Matilde recobrou a presença de espírito e acostumou-se a estar perto de Al-Saud, cujo corpo delgado e atlético pressentia maciço e enorme. Queria falar-lhe, perguntar-lhe como estava, o que tinha sido dele naqueles quase quatro meses de separação. Abster-se-ia de fazer perguntas sobre Jérôme, não somente para que não interpretasse mal o

seu interesse, mas também porque sabia que, se tivesse alguma informação sobre o seu paradeiro, ele já lhe tinha comunicado. De qualquer modo, queria solucionar o erro cometido da última vez que haviam falado por telefone. Atormentava-se, questionando se não seria tarde de mais. Lior não ocultava a devoção que ela lhe inspirava e em Al-Saud não se evidenciavam sinais de ciúmes.

Serviram o *meze*, que consistia numa variedade de aperitivos: beringelas assadas, em escabeche e fritas, pepinos, cebolas doces, queijo de cabra, pedaços de frango com molho de nozes, puré de favas e de grão-de-bico, tomates secos, *laban* – uma espécie de iogurte azedo –, azeitonas pretas temperadas, fiambres e beterrabas, acompanhados com pão pita, o qual se sugeria ensopar em azeite. Lior ia enchendo o prato de Matilde, designando em detalhe todos os ingredientes de cada aperitivo. Matilde sorria e levava minúsculas quantidades à boca, que ajudava a descer com água. Não tinha fome. Al-Saud, pelo contrário, devorou várias porções e deu razão a Ariel Bergman: o *meze* fora uma boa opção.

Para sobremesa, não demonstraram o mesmo espírito regionalista e optaram por gelado. Matilde pediu um chá de camomila. A calma recuperada no início do almoço, a qual, compreendia-o agora, se relacionava com a alegria de ter Eliah a seu lado, desaparecera, e uma angústia, que lhe oprimia o diafragma e lhe provocava náuseas, tomava o seu lugar. Temia que tudo terminasse demasiado depressa, que o *Silencioso* e Eliah se despedissem e que ela perdesse uma nova oportunidade por cobardia e orgulho.

Soltou um suspiro com o qual chamou a atenção de Lior, mas, felizmente, conseguiu reprimir uma exclamação ao notar que era Eliah quem lhe apertava o ombro e a acariciava entre as omoplatas com o polegar. Não se atrevia a mexer-se temendo que ele parasse o lento vaivém do dedo. Olhou-o de revés: ele ferrava o olhar em Lior Bergman e no irmão daquele, o tal Ariel, com um sorriso subtil que constituía ao mesmo tempo um gesto de vitória e de desafio.

Como Matilde havia apanhado o cabelo num carrapito que lhe deixava o pescoço exposto, Al-Saud rodeou-lho por trás com a mão esquerda, ocultando-o por completo. Matilde reteve o fôlego. Al-Saud fez o polegar deslizar para cima e para baixo, à altura do queixo; com cada carícia, demorava-se na depressão onde o decote nascia, o que provocava em Matilde um arrepio que lhe endurecia o clitóris, até lhe causar pontadas que gritavam por alívio.

– Ah! – exclamou Sandrine – Não sabia que eram um casal.

Matilde não pronunciou palavra, e Al-Saud limitou-se a concordar com um sorriso. A conversa prosseguiu, ainda que num clima de perplexidade desde que Al-Saud decidira marcar Matilde como sua, com o instinto de territorialidade de um leão. As expressões não refletiam incómodo ou vergonha: apenas se tinham transformado num reflexo da própria excitação de Matilde. Cativados pelo contraste da mão escura e pilosidade negríssima sobre o pescoço translúcido, hipnotizados pelo lento vaivém do polegar, os restantes convivas comiam e murmuravam comentários transcendentais.

Matilde, cujo enrubescimento diminuía até se transformar numa palidez manifesta, convenceu-se de que aquela demonstração não representava interesse genuíno por parte de Al-Saud, mas uma batalha que travava na guerra da rivalidade natural entre machos. Mexeu-se na cadeira, o que fez que Al-Saud

interrompesse as carícias, mas sem lhe retirar a mão do pescoço. Procurou na sua *shika* até encontrar um pedaço de papel e uma caneta. A sinceridade e a valentia, considerou de forma animada, seriam recompensadas como nos filmes: com um final feliz. Esticou o papel sobre a sua agenda, rabiscou umas palavras e pressionou-o sobre a perna esquerda de Al-Saud. A mão direita dele encontrou-se com a dela debaixo da mesa, coberta por uma toalha comprida. O ligeiro murmúrio do papel não os denunciou porque, nesse momento, Amina cantava em árabe.

Al-Saud, convencido de que iria ler uma sentença ordenando-lhe que a deixasse em paz, só com extrema dificuldade conseguiu subjugar a impressão que lhe causaram as palavras «*Perdoa-me, meu amor*», como se uma maré se tivesse levantado no seu íntimo, enchendo-o de felicidade. Contudo, era conhecido pelo seu coração duro e calculista, e a ferida que outras palavras de Matilde lhe haviam causado há quase quatro meses não cicatrizaria com tanta facilidade; tal ofensa exigia uma compensação maior. Eliah amachucou o papel e atirou-o ao chão, recebendo o brado afogado de Matilde como um golpe.

– O que é que se passa, Matilde? – quis saber Amina. – Dói-te a barriga?

– A cabeça, meu amor.

– Conta-me uma história de Jérôme.

– Ah, Jérôme! – proclamou Sandrine ao recordar o tema interrompido na receção. – Quem é esse rapaz? Por acaso existe?

A tensão sofrida desde a aparição de Eliah tornou-se insuportável e Matilde pôde ouvir o rangido do seu dique de contenção. Sentiu uma câibra onde, há um momento, Al-Saud a massajara. Sentiu as lágrimas quentes a desfocar o rosto querido de Amina.

– Jérô... – conseguiu articular com a voz seca, antes de arrastar a cadeira e correr para o interior do hotel.

Os homens puseram-se em pé de imediato. Al-Saud estendeu um braço em direção ao militar israelita.

– Não se intrometa, Bergman. Este é um assunto entre a Matilde e eu. Jérôme é o nosso filho e está desaparecido.

Não ficou para avaliar os efeitos da bomba que soltara. Arremessou várias notas sobre a mesa, apanhou o bilhete do chão e afastou-se a passos largos. No *lobby*, um pacote informou-o de que a senhora loura e baixinha lhe perguntara pela casa de banho. Esperou-a do lado de fora. Impaciente, a ponto de quase irromper, estando-se nas tintas para o escândalo, viu-a sair com os olhos inchados e o nariz encarnado. Ela avistou-o na penumbra, ao fundo do corredor, e deteve-se, invadida por uma sensação de *déjà-vu*: uma noite, num restaurante japonês de Paris, onde, para a beijar pela primeira vez, Eliah se impusera à força.

Al-Saud avançou lentamente, sentindo a desconfiança e o medo de Matilde.

– O que queres?

– Falar contigo.

– Ficou claro que não temos mais nada a conversar quando amachucaste a minha nota e a atiraste ao chão.

Sustiveram um olhar como o dos animais que se medem antes de se lançarem numa luta. Matilde tinha tantas críticas a fazer-lhe: Eliah espezinhara o seu pedido de desculpas, não esperara que ela despertasse em Joanesburgo, não respondera às suas chamadas, perfumara-se com *A Men*...

– O que há entre ti e o Bergman?

Matilde exalou ruidosamente, furiosa, e tentou contorná-lo a fim de regressar ao terraço do hotel. Al-Saud colocou-lhe a mão debaixo da axila e puxou-a, esmagando-a contra si. Imobilizou-a fechando-lhe os braços à volta do tronco e puxando os dela para trás, até que as mãos de ambos acabaram por se tocar na base das costas de Matilde.

– Se não me queres para ti, deixa que outros me queiram! – atirou-lhe, enquanto lutava para se soltar.

– *Jamais!*

Al-Saud cerrou o punho ferozmente para lhe segurar os pulsos e ela reteve o queixume de dor ao sentir o ardor nos tendões. O carrapito desprendeuse e um formigueiro invadiu Eliah quando o cabelo de Matilde lhe roçou a mão e o antebraço. Foi um efeito intenso: a suavidade e a delicadeza dos caracóis dela sobre a sua pele tensa, de pelagem crispada. Para combater esse instante de desconcerto e debilidade, aprofundou a imobilização; os seus dedos morderam-lhe a carne e sorriu com uma expressão perversa quando Matilde apertou os lábios e as pálpebras para suportar o ardor nos pulsos.

Os dois respiravam entrecortadamente e calados. Matilde abriu os olhos a pouco e pouco, ao ritmo que as dores iam desaparecendo. Al-Saud aguardava-a numa atitude combativa. No conjunto de pálpebras escuras e sobranceiras grossas e negras, o verde-esmeralda dos olhos surgia como um farol no meio da noite. «É de mais», pensou Matilde. Demasiado bonito, excessivamente poderoso, marcadamente dominante, extremamente convencido. De mais para ela. Não se atrevia a lidar com um homem cuja natureza se assemelhava à de um deus: umas vezes alcançava extremos de bondade que a atordoavam; noutras, tornava-se um ser mau, de grande capacidade destrutiva, como a das armas que colecionava. Ficou a olhar para ele, sem pestanejar, diretamente nos olhos, a observar o fogo que ardia nele, uma fogueira enorme que jamais se extinguia. As suas chamas atraíam-na; a sua dança hipnotizava-a. Não sentia medo: só temia distanciar-se do calor que irradiava.

Matilde esticou-se sobre a ponta dos pés até que o seu rosto se deteve a escassos milímetros do de Eliah. Desafiou-o com um olhar que Al-Saud reconheceu e respeitou. Ficou quieto, com uma expressão neutra: a de um deus incrédulo que não espera prodígios de uma criatura inferior. Sempre com os olhos fixos nos dele, sem os desviar um instante, Matilde arrastou a ponta do nariz sobre o lábio superior e o queixo de Al-Saud para impregnar as suas fossas nasais com *A Men*, cuja fragrância indecifrável – laranja, chocolate, pimenta, madeiras – desatou uma catarata de recordações felizes. Não o beijou. Chupou-lhe a boca como se lambesse a base de um gelado que está a derreter-se. A língua dela arrastava-se de um canto ao outro da boca dele, separava-lhe os lábios, roçava-lhe os dentes, as

gengivas; entretanto, Matilde não desviava o olhar. Sentia Eliah ceder: adivinhava-o na respiração que lhe golpeava a pele com uma frequência crescente; e nas mãos que, de modo intermitente, se afrouxavam e se ajustavam à volta dos seus pulsos.

– Existe algo mais lindo que a tua boca? – A pergunta retórica de Matilde obteve uma resposta incisiva, proferida numa voz tensa:

– Sim, o teu cu.

Eliah agiu de repente: soltou-lhe os pulsos, apertou-lhe as nádegas e penetrou-lhe a boca com a língua. As mãos livres de Matilde voaram-lhe até à nuca e os dedos treparam-lhe pelo couro cabeludo até encontrar cabelo mais comprido que pudesse segurar, perto do alto da cabeça. A jovem aplicou força, magoando-o; como vingança, ele mordeu-lhe o lábio inferior. O tempo parecia suspenso enquanto Matilde lhe puxava o cabelo e Eliah lhe cravava os dentes na carne mole da boca. Frustrava-o não lhe causar dor ao apertar-lhe o traseiro; o tecido grosso e apertado das calças impedia-o de afundar os dedos na carne. As suas respirações agitadas misturavam-se, os seus olhos devoravam-se. A tensão crescia – ninguém parecia disposto a afrouxar o tormento que infligia ao outro.

Al-Saud deixou de a morder e proferiu um palavrão. Matilde viu-se a ser arrastada até à casa de banho dos homens. Eliah abriu a porta com a parte lateral do corpo, sem prestar atenção às queixas dela nem às suas tentativas para escapar. O árabe revistou os três compartimentos com Matilde agarrada; estavam vazios. Servindo-se da mesma cunha de papel com a qual havia travado a porta para conversar com Ariel Bergman, colocou Matilde frente ao espelho e, quando esta tentou voltar-se, agarrou-a pela nuca e inclinou-lhe o tronco, molhando-lhe os seios com os restos de água que humedeciam o mármore do lavatório.

– Fica assim. Vou comer-te por trás.

A médica argentina soltou uma gargalhada curta, nervosa, que a fez sentir-se estúpida e, ao mesmo tempo, leve e feliz. Não a incomodava que Al-Saud assumisse a posição dominante. Penetrá-la-ia numa casa de banho pública como faria com uma prostituta de rua, e ela iria permitir-lho. A excitação estava a transtorná-la; ele acabou por cortar o fio que a ligava à sanidade mental ao baixar-lhe as calças aos puxões e fazendo a mão deslizar com prontidão dentro das cuecas para a fechar sobre o seu monte de Vénus. Eliah soltou um suspiro, como se tivesse enfiado a mão em fogo em água fria; apoiou a testa no ombro de Matilde, carregando o peso do seu corpo contra o dela, que sentiu a borda de mármore na zona pélvica. O bafo dele queimava-lhe a curva do pescoço.

Al-Saud descansou sobre Matilde uns segundos, sem consciência que a estava a magoar ao oprimir-lhe a vulva com tal sofreguidão. O seu coração agitou-se ao encontrar os olhos de Matilde no espelho, brilhantes de desejo, o lábio inferior inchado e vermelho devido às dentadas e as auréolas escuras sobre os seus peitos, como as que teria apresentado uma mãe à qual transbordasse o leite. Isto, estranhamente, atiçou a sua luxúria de um modo incontrolável e soube que algo feroz e sem escrúpulos se desencadeava dentro de si. Sentiu um pouco de medo por ela porque, naquele ponto, sabia que era capaz de qualquer coisa. Matilde desperdiçou a tentativa de submeter a besta quando, com voz insegura, o chamou pelo

nome:

– Eliah... Por favor...

Maravilhava-o e enfurecia-o que ela tivesse o poder de transformar o seu pénis em ferro com a simples menção do seu nome. Dominado pela mesma predisposição violenta, despojou-a da sua *shika*, que acabou no chão, introduziu-lhe a mão direita no decote da blusa e lutou com o *soutien* até lhe tirar os seios, que ressaltaram com o ímpeto das manobras, totalmente para fora.

– *Mon Dieu* – sussurrou, extasiado perante o quadro que compunha o vermelho intenso dos mamilos eretos em contraste com a brancura dos seios. O seu tamanho aturdiu-o. Tal como o traseiro de Matilde, haviam aumentado. Tentou conter o direito na sua mão mas o seio transbordava-a.

Matilde inclinou-se sobre o lavatório com um movimento convulsivo e agarrou-se às torneiras quando Al-Saud lhe estimulou os mamilos com os indicadores sem lhe soltar os peitos, uma e outra vez.

– Olha para nós no espelho – ordenou-lhe em francês, e Matilde fez-lhe a vontade.

Enlouqueceu-a a imagem projetada à sua frente: excitava-a ver-se, vê-lo, como se estivessem a num filme pornográfico. As mãos dele sustinham-lhe os seios, que pendiam, quase roçando o mármore, os dedos apertavam-lhe os mamilos. Matilde gemia e contorcia-se, esforçando-se por manter os olhos abertos para não perder um instante da imagem mais erótica que já tinha contemplado.

– Deveria castigar-te por pores em perigo o nosso amor – reclamou Eliah, sempre na sua língua.

– Então, castiga-me, Eliah – respondeu ela, também em francês.

A mão direita de Al-Saud abandonou-lhe o peito para poder baixar-lhe as cuecas até ao joelho. Sem romper o contacto visual através do espelho, o árabe explorou-lhe o traseiro como um cego que reconhece algo com a ajuda do tato. A curva das nádegas tinha-se pronunciado, a sua turgência também.

– Mereces que te dê uma sova e te deixe o traseiro vermelho.

– Fá-lo.

Que não o culpasse depois, justificou-se; aquele jeitinho dócil e, por momentos, desafiador, não ajudava a acalmar o monstro que quebrara as amarras e que se apoderara dele e de qualquer réstia de sensatez. Uma parte temia magoá-la; outra regozijava-se com a ideia. Pôs-se de joelhos. Reservara a visão do seu traseiro para o fim. E sim, resultou melhor do que a sua mente imaginara: mais gorducho e espevitado, mais mole, mais branco, perfeito.

Matilde ofegou e estremeceu ao dar-se conta que Al-Saud lhe separava as nádegas e afundava a língua nelas. Como a escandalizava, queria exigir-lhe que parasse; as palavras atrapalhavam-se-lhe nas cordas vocais, de onde só emergiam gemidos de gozo, produto da massagem extravagante e antinatural.

– Eliah! – clamou por fim, sufocada pelo misto de prazer e vergonha, quando a língua de Al-Saud ultrapassou os limites e tentou penetrar-lhe o ânus. – Não! Não! – implorou, mortificada.

– Cala-te! Vou fazer o que quiser. – No entanto, abandonou as práticas sinistras e levantou-se. Matilde, meio desfalecida, inclinada sobre o lavatório e agarrada às torneiras como que à espera que um furacão a arrebatasse, levantou a cara e reprimiu uma exclamação; nunca o tinha visto daquela maneira, tão desfigurado, tão fora de si, as feições alteradas numa careta que condensava raiva, luxúria e uma

grande quantidade de angústia.

– Meu amor, o que é que se passa? – A boca secou-lhe de repente e os olhos exaltaram-se quando Al-Saud lhe acariciou a redondez do traseiro. Não compreendia porque a excitava tanto a combinação daquela carícia suave e lenta com o olhar torturado dele no espelho. A mão movia-se como o teria feito sobre a cabeça de uma criança. A esquerda continuou a desenhar-lhe os contornos das nádegas enquanto a direita se ocupava a amassar-lhe os seios e a apertar-lhe os mamilos. Matilde tentou deslizar a mão porque desejava tocar-lhe a ereção. Ele deu-lhe a entender que devia renunciar àquela tentativa sobrepondo-se mais sobre ela, gesto que implicou que o gume do mármore lhe torturasse de novo os ilíacos.

– O que há entre ti e o Bergman? – Al-Saud sabia que não existia nada; caso contrário, os seus homens tê-lo-iam informado. No entanto, necessitava de uma desculpa para a mortificar, para a castigar por tê-lo feito sofrer, por não o respeitar, nem o admirar, por não confiar nele, por fazê-lo sentir-se inferior e indigno do seu amor.

– Nada. – A sua resposta, expressada com a voz de menina que ele conhecia de cor, que lhe abrandava o coração e o enternecia, naquele momento excitou-o tanto como o seu traseiro de tarântula. Naquela tarde tudo se transtornava. A realidade tomara um carácter inverosímil: e ali estavam eles, apanhados num vórtice de loucura, vingança e sexo, chegando ao extremo de fazer amor numa casa de banho pública do *lobby* de um hotel em Jerusalém. Nada entre eles era normal.

Descarregou a mão sobre a nádega esquerda do traseiro de Matilde e depois sobre a direita. Matilde reprimiu o alarido que se materializou no rubor da sua cara e no cintilar dos seus olhos.

– Nada! Entre Bergman e eu não existe nada!

Beliscou-lhe dolorosamente o mamilo direito, depois o esquerdo, e voltou a açoitar-lhe as nádegas.

– Não foi o que me pareceu!

– Por favor! – Porque não largava as torneiras e se defendia? Que perversa disposição a mantinha estoica, sem desatar aos gritos, e a obrigava a padecer as palmadas e os beliscões? Seria porque a excitavam? Davam-lhe gozo? O traseiro fervilhava-lhe e os mamilos ardiam-lhe, e ela gozava. «Sou perversa», recriminou-se, e gemeu de gozo quando Al-Saud introduziu o indicador e o médio dentro da sua vagina molhada.

– Com que direito te serviu a comida? Com que direito?

– Porque gosta de mim! – O seu mau feitio explodiu. – Porque me deseja! Ah! – exclamou, e ergue-se na ponta dos pés, num ato mecânico, quando o dedo médio de Al-Saud lhe penetrou no ânus.

Elijah falou-lhe através do espelho – não elevou o tom de voz, não retirou o dedo, não deixou de lhe amassar o peito direito.

– Tu só me queres a mim, só me desejas a mim. Tu és só para mim.

Matilde contemplava-o daquela posição em suspenso, sustida pela ponta dos pés e pelo corpo dele, os músculos tensos, a mente em plena anarquia. Alguém tentou abrir a porta, sem êxito; a cunha de papel fazia bem o seu trabalho. Matilde nem sequer ficou nervosa, enfeitiçada como estava pelas

palavras de Eliah. Lembrou-se então do quanto desejava recuperá-lo e compensá-lo pela ferida que lhe causara em Rutshuru.

– Claro. – A voz soou-lhe tensa, reflexo do incómodo que sentia. – Tu és tudo para mim, Eliah. Tu és o único. Tu és o amor da minha vida.

Sem desviar o olhar ameaçador com que a fuzilava pelo espelho, Al-Saud retirou o dedo, e Matilde lamentou-o. «Outra vez», teria pedido, se a vergonha e a culpa não a afligissem. Al-Saud colocou-se de novo de joelhos para venerar o seu traseiro.

– Matilde... – O fôlego ardente magoou-lhe a pele. Passou a cara pelas nádegas avermelhadas e sensíveis, incapaz de reparar que a arranhava com a barba, assim aumentando o seu padecimento. Sentiu ciúmes do seu próprio traseiro, como se este tivesse adquirido uma individualidade que o convertia numa parte alheia que Al-Saud quisesse e desejasse mais do que a ela.

– Eliah...

– O quê?

– Quero-te... agora... Não posso mais. – Voltou-se para ficar de frente para ele e suspirou, aliviada, quando o mármore lhe tocou as nádegas quentes. – Beija-me – pediu com timidez, como se a confiança entre eles não fosse infinita.

Al-Saud segurou-a com firmeza: colocou uma mão na parte posterior da cabeça e a outra foi parar ao seu sítio predileto, quente devido aos maus-tratos. Beijou-a com lambidelas lânguidas, e Matilde, às cegas, tateou a fivela do cinto, abriu-lhe as calças e baixou-lhe os *boxers*. Al-Saud gemeu e sacudiu o tronco quando Matilde lhe agarrou no pénis com ansiedade.

– Preciso-o dentro de mim agora – confiou-lhe, com os olhos fechados e murmurando junto dos seus lábios; não queria olhar para ele, não lhe queria descobrir o triunfo e a satisfação de macho espalmado na cara. – Passou tanto tempo desde a última vez. Eliah, por favor...

– O que necessitas dentro de ti? Como se chama isto no teu país? Diz.

– Pénis.

– Não! Como o chamam vulgarmente? Quero que me digas coisas indecentes.

Decorreram alguns segundos de silêncio, aprofundado pelas respirações agitadas, até que Matilde pronunciou, com os olhos fechados:

– Quero a tua pila dentro de mim. – Depois da grosseria levantou as pálpebras e, ao descobrir a excitação desenvergonhada que provocava em Al-Saud, ganhou coragem. – Quero a tua verga bem no fundo. A tua verga dura e enorme.

– Gostas da minha verga? – Al-Saud fechou a mão sobre a de Matilde e obrigou-a a movê-la sobre o seu falo. – Gostas? – Ela humedeceu os lábios e aquiesceu. – Onde gostarias que to metesse? Aqui? – sugeriu, adorando o olhar que ela lhe lançou ao pressionar-lhe a entrada do ânus. – Não, aí é melhor não – concluiu, com um sorriso de viés.

Cumpriria a promessa, porque nunca renunciava à sua palavra: iria possuí-la por trás. Obrigou-a a inclinar-se de novo sobre o mármore e obrigou-a a levantar o traseiro.

– Estás toda inchada e molhada. Quente, como uma brasa, meu amor.

– Desejo-te tanto!

– É, não é? – O tom irónico não a magoou; sabia-o ferido e mal-humorado e estava disposta a ser paciente. – Só para isto é que me queres? – Colocou o pénis em ereção entre as nádegas e pressionou. – Para o resto, não me respeitas nem confias em mim. Sou o teu macho para te fazer gozar, o que te ensinou a gozar – sublinhou –, mas não o homem da tua vida.

– És tudo para mim, Eliah: o meu amante, o meu homem, o meu companheiro, o meu amigo, o meu mestre. É em ti que confio e confiarei, toda a vida. Tu sabes.

– Não, não sei. Não foi o que disseste em Rutshuru naquela noite. – As últimas palavras brotaram com esforço, pronunciadas com voz tensa, ao mesmo tempo que se forçava para dentro dela. O pénis deslizou pela vagina, drenando-lhe a pouca força que ainda possuía. Apoiou a cara entre as omoplatas de Matilde e, sem a afastar, censurou-a: – Magoaste-me. Muito.

Matilde apertou os lábios e engoliu várias vezes o nó que lhe tornava a garganta pesada e espessa. Queria falar e não conseguia dominar a emoção que lhe cortava o fôlego. Desejava exprimir o quanto o amava, como jamais tinha amado nem amaria ninguém, e que o amor que sentia por ele era eterno, imenso e poderoso. Conseguiu balbuciar «perdão» entre soluços e num tom que a envergonhou. Al-Saud levantou a cabeça de modo brusco e, depois de uns segundos de espanto, inclinou-se sobre ela e beijou-lhe o rosto húmido de lágrimas. Matilde estendeu o braço para trás até lhe agarrar os cabelos com frenesim. Al-Saud sussurrou para a acalmar enquanto ela repetia «perdão» vezes sem conta, e procurava a boca dele.

Ouviram a porta a ser forçada e as palavras iradas no corredor. Al-Saud segurou-a e enterrou-se dentro dela. Matilde abriu as torneiras para que o ruído do jorro camuflasse os gemidos, e fechou-as de imediato por considerar um desperdício imperdoável. Que os ouvissem, disse para si mesma sob a influência de um espírito louco, leviano e livre. Nada lhe importava exceto Eliah e a paixão imensa que compartilhavam.

A porta abanava, as vozes elevavam-se e Al-Saud continuava a possuí-la. Olharam-se no espelho, até que ele rompeu o contacto para fixar o olhar nos seios de Matilde que balançavam em cada investida.

– As tuas mamas – gaguejou, sem fôlego –... assim... grandes... excitam-me. – Reclinou-se sobre as costas de Matilde, que ficou paralela ao chão, encostada ao mármore. Al-Saud apoderou-se dos seus peitos e, com o mesmo ardor com que lhe massajara os mamilos, mordida-lhe o trapézio direito e golpeava-a com a pélvis. Matilde pôs a cabeça de lado e oprimiu a boca contra o bíceps esquerdo de Al-Saud para amortecer o seu desaforo, e para que os que estavam do lado de fora não a ouvissem. Ele, pelo contrário, não se privou de nada, e grunhiu e gemeu como se estivessem na intimidade de uma casa. Quando ficou satisfeito retirou-se dela, subiu as calças e ajustou o cinto, para depois a ajudar a vestir-se (apercebera-se de que as mãos lhe tremiam), recolhendo a *shika* do chão e pondo-lha a tiracolo.

– Acho que não consigo andar – disse Matilde, e Eliah segurou-a pela cintura.

A julgar pela barafunda, juntara-se uma pequena multidão. Al-Saud chutou a cunha e abriu a porta. Um silêncio caiu sobre o grupo. Matilde fechou os olhos e apoiou o rosto no peito de Eliah.

– Senhor Al-Saud! – assustou-se um dos *concierges*.

– Lamento, Jacob – expressou-se em inglês. – A minha esposa sentiu-se mal.

– Oh! A sua esposa?

Al-Saud lançou-lhe um olhar de advertência, e as orelhas e o rosto do *concierge* ficaram vermelhas. Parecera incrédulo e impertinente, assim ofendendo um dos melhores clientes do hotel, respeitado devido à generosidade das suas gorjetas. A fim de atenuar o disparate, o *concierge* ordenou à pequena multidão que dispersasse para os deixar passar.

– Precisa alguma coisa da farmácia, senhor Al-Saud?

– Por agora não, obrigado.

O grupo observou o casal a encaminhar-se para os elevadores. Uma rapariga da limpeza comentou ao ouvido da colega:

– Se aquela está maldisposta, eu sou a Meryl Streep. Viste-lhe as bochechas todas coradas? Estes dois acabam de dar uma rapidinha.

– Quem pode censurá-la? O senhor Al-Saud é uma brasa!

Assim que as portas do elevador acabaram de se fechar, Matilde levantou o rosto rosado para Eliah e sorriu como uma menina apanhada numa travessura.

– Que vergonha! Tenho a certeza de que todos sabem o que estivemos realmente a fazer.

Al-Saud admirou-a em silêncio, com uma expressão severa que lhe pulverizou o sorriso. Aprisionou-a contra a parede, segurando-lhe a nuca e beijando-a com uma ânsia desmedida, da qual se arrependeu quando Matilde se afastou para recuperar o fôlego. Apoiou a testa na cabeça dela e Matilde sentiu os pelos eriçarem quando o ouviu dizer em francês:

– Não consigo evitá-lo. Contigo é sempre assim: exagerado, incontrolável, louco.

– Só comigo – exigiu-lhe, num murmúrio. – És só para mim.

Al-Saud segurou-a pelos ombros para lhe falar.

– Tens alguma dúvida de que és a única que me põe neste estado minutos depois de fazerem amor? – Guiou-lhe a mão para a frente das calças, para que apreciasse a dureza do seu membro.

Criticara-a por algo que, na realidade, não era culpa sua, mas sim fruto daquela paixão com traços de loucura que se apoderava dele como um demónio, por ela o desconcentrar; se alguém estivesse à espreita, teria acabado com a sua vida facilmente. Era essa a razão pela qual os guerreiros japoneses, os samurais, eram celibatários e destinavam a sua energia sexual à luta. Takumi *sensei* defendia que as mulheres debilitam e que, principalmente, distraem. Matilde distraía-o, não conseguia tirar os olhos dela nem parar de a desejar. Desde o início, alarmara-o a fome constante que despertava nele: não somente fome do seu corpo, mas dos seus sorrisos, da sua companhia, dos seus comentários, da sua atenção; sobretudo, da sua atenção. Amava-a de uma forma quase demente.

– Não – sussurrou ela, contristada –, não tenho dúvidas.

Amava inclusive o movimento das suas pestanas quando levantava as pálpebras para o mirar. Adorava que o olhasse assim, corada depois do sexo, e que lhe sorrisse com timidez. Desejava que pronunciasse o seu nome: não importava quando nem onde (bastava até que lhe pedisse para passar o sal), porque Matilde não o fazia com frequência; às vezes, tinha a impressão que ela evitava chamá-lo de propósito, ideia que logo descartava, pois achava-a incapaz de tal baixeza. Estremecia com aquela vergonha por conta de algumas práticas, especialmente depois de tudo o que tinham experimentado juntos. Venerava cada centímetro do seu corpo com a mesma devoção com que admirava a sua mente e o seu espírito.

Ao entrar no quarto, o telemóvel de Al-Saud tocou. Era o *Silencioso*.

– Matilde está contigo?

– Sim.

– Como está?

– Melhor. Ouve, irmão, ela vai ficar comigo este fim de semana.

– Sim, sim, claro. Vou deixar o saco dela na receção.

– Obrigado. Sabir, espera. A Matilde quer falar contigo.

Matilde sentia-se mortificada por deixar o amigo sem mais nem menos.

– Sabir, perdoa-me. Estou tão envergonhada! O que vais fazer? Voltas para Gaza?

– Voltar? Não. Sandrine convidou-me para ser o seu guia. Aproveita o teu fim de semana com o Eliah. Não te preocupes connosco.

– Obrigada por compreenderes. Vemo-nos na segunda-feira.

– *Ila-liqaa*. (Até que nos encontremos de novo.)

– *Ila-liqaa* – respondeu-lhe Matilde.

Fechou a porta e caminhou em direção a Al-Saud que fazia uma chamada de outro telemóvel. Agradava-lhe o modo como as suas sandálias se afundavam na esponjosidade da alcatifa azul-marinho que cobria a entrada e o vestíbulo. Colocou o telemóvel no bolso da frente das calças de Al-Saud e afastou-se para estudar o quarto, que mais parecia uma casa: havia até uma escada que descia, pelo que deduziu tratar-se de um *duplex*. Ao atravessar uma ombreira, moldada em madeira ricamente talhada, Matilde encontrou-se num aposento enorme, com desníveis que marcavam por um lado o *living*, com poltronas e sofás em abundância, mesas para café, uma televisão enorme, uma aparelhagem e um bar e, por outro lado, uma sala de jantar com uma mesa de vidro para doze comensais. Perguntou-se qual seria o custo por noite de uma *suite* tão luxuosa e decidiu não falar do assunto com Eliah porque o tema do dinheiro, e do modo como ele o gastava, ocasionava fricção entre eles. Tinha de aceitar que Eliah al-Saud vinha de uma das famílias mais ricas do mundo, que sempre tinha vivido na opulência e que, para ele, estar num quarto de cinco mil dólares por noite (ou mais) era habitual.

No meio da sala, cuja decoração lembrava a dos escritórios da Mercure no George V, Matilde girou sobre si mesma, sem acreditar que se encontrava ali. Havia tanto tempo que não se permitia aquela

felicidade. Sentia-se atordoada e não sabia como agir. A voz de Al-Saud, que se ouvia desde o vestíbulo, reconfortou-a. Era incrível que conseguisse falar ao telefone com tanta serenidade minutos depois de ter feito amor numa casa de banho pública. Ela ainda não se recompusera, não somente do desassossego devido às pessoas que forçavam a porta, mas também da atitude agressiva dele, que, paradoxalmente, a levava a um nível de excitação devastador. As entrepernas e o ânus ainda lhe latejavam, e sentia a viscosidade do sémen a deslizar-lhe pelas pernas. Ansiava por um banho. Onde seria a casa de banho? E a cama?

Acelerou-se-lhe o coração de súbito ao pensar no milagre do qual só agora começava a ter consciência: acabavam de fazer as pazes. Receara que, depois de a possuir como a uma prostituta a descartasse para se vingar, para a castigar. A presunção, que agora cria injusta, desvanecera-se ao ouvir Al-Saud dizer ao *Silencioso* que passariam juntos o fim de semana. Invadiu-a uma vontade de começar a correr pela sala, de desatar aos gritos e às gargalhadas, de saltar em cima das poltronas, como a avó Celia nunca lhe teria permitido. Abriu as janelas, que davam para uma varanda-terraço, e caminhou para o exterior com os braços abertos em cruz, rindo e dando graças a Deus. Inspirou o ar fresco que vinha dos jardins do hotel: havia vida ali, nas palmeiras, nas plantas floridas, e a energia que emanava estava em sintonia com a que ela própria sentia. À volta da piscina, as pessoas apanham sol, e os empregados de mesa passeavam-se com as bandejas cheias de garrafas e copos altos.

O sorriso foi-se transformando num gesto de angústia à medida que a carinha de Jérôme se começou a desenhar na sua mente. Os sons que flutuavam desde o jardim calaram-se. Então ouviu o seu riso e o «mamã» com o qual ele a tornara tão feliz. Inclinou o tronco na balaustrada e inspirou profundamente para conter a onda de pânico e tristeza. «Não, não, meu Deus, não me tires este momento de felicidade com o meu Eliah. Quero estar bem para ele.»

Não o ouviu aproximar-se mas sentiu-o na pele. Conhecia-lhe aquele hábito, o de mover-se como um felino, como se devesse ocultar a sua presença. Quase sufocou com o alívio que sentiu quando os seus braços a envolveram e os seus lábios lhe beijaram a nuca.

– Desculpa-me – sussurrou-lhe – tinha de fazer umas chamadas importantes.

Matilde girou no seu abraço e ocultou a cara no colete amarelo, que também cheirava a *A Men*. Não queria que a visse ainda porque restavam vestígios das lágrimas por Jérôme.

– Matilde, o que é que se passa?

– Eliah, quero pedir-te perdão pelas coisas que te disse em Rutshuru. – Al-Saud contemplava-a com uma ternura que lhe dificultava prosseguir. Ele afastou-lhe umas madeixas e beijou-lhe a testa. – Meu amor, juro-te que o disse sem pensar, por raiva e ciúme. Não era o meu coração que falava. Assim que te vi saltar pela janela, percebi o quanto te magoei e teria corrido atrás de ti se não tivesse ficado paralisada de medo.

– Medo de quê?

Matilde acariciou-lhe os maxilares, onde a barba deixava um rasto azulado.

– Que me confirmasses que te tinha perdido.

Al-Saud esmagou-a contra o peito. Esteve quase a confessar-lhe que tinha tentado esquecê-la, arrancá-la da sua cabeça, do seu coração, da sua virilidade, e que, desde o princípio, tudo o que intentara fora inútil. Matilde era o seu sol, sem o qual ele não podia viver. Surpreendeu-se tanto como a ela ao declarar:

– Sei que sou pouco para ti, que o meu espírito é muito inferior ao teu. – Matilde inspirou de um modo brusco, afastou-se dele e segurou-lhe no rosto. – Uma vez em Rutshuru disse-te que sabia que não me admiravas pelo meu trabalho, pelo meu modo de ser, pelas coisas que tinha feito no passado. – Expressava-se rapidamente, com nervosismo e em francês. – Nunca pensei que me pesaria tanto não contar com a admiração da mulher que amo, talvez porque esta é a primeira vez que amo alguém. Quero que saibas que ganhei o julgamento contra a *Paris Match*. Eles apelaram, claro, mas não tiveram sorte. Serão obrigados a retificar as mentiras que contaram sobre mim e...

Matilde deslizou a mão, que ainda descansava no rosto de Al-Saud, e apoiou-a sobre os seus lábios.

– Eliah, meu amor, tenho vergonha das coisas que te disse e do meu comportamento pedante, que te levaram a pensar que estou acima de ti. O teu coração é tão grande e tão meu, e comove-me tanto que o queiras ocultar e que somente o entregues a mim. Nunca admirei alguém como te admirei no dia em que nos salvaste a vida a mim, à Siki e à mãe. Não terias podido fazê-lo sem o treino de soldado. Amo-te e admiro-te mais do que a qualquer outra pessoa. Não encontro ninguém que me inspire tanta devoção e confiança como tu. Salvaste-me a vida no dia do ataque e nunca te agradeci convenientemente.

Al-Saud apertou-a num abraço febril que lhe comprimiu as costelas e lhe esvaziou os pulmões. Matilde ficou quieta, padecendo e, ao mesmo tempo, disfrutando da sua brutalidade, que, para ela, se comparava à magnitude do amor que se professavam. Al-Saud apercebeu-se do seu gesto brusco e relaxou os músculos. Matilde levantou o olhar.

– Eliah, não voltes a pensar que o teu amor por mim é uma obsessão que nos fará mal. Não voltes a dizê-lo, por favor. O teu amor é o que faz com que a minha vida seja perfeita. Nunca mais me deixes.

Al-Saud sacudiu a cabeça e sorriu, com os lábios inseguros e os cantos trémulos. Abraçou-a de novo, e assim permaneceram durante alguns minutos até que o árabe recuperou a compostura e afrouxou a pressão.

– Recordo vagamente o dia do ataque, quando me punham numa maca. Pensei ver-te e isso foi o suficiente para me tranquilizar, para saber que tudo se solucionaria. Diz-me que eras tu que lá estavas.

Limpou a garganta antes de responder.

– Era eu, sim.

– Depois (não sei quando nem onde, talvez tenha sonhado) disseste-me algo. Eu ouvia palavras soltas e esforçava-me para retê-las, mas não tinha forças. É verdade que me falavas?

– O tempo todo, e segurei-te as mãos enquanto estávamos no helicóptero e depois, no avião.

– Eu sabia que não o tinha imaginado. O que me dizias?

As vozes provenientes do jardim, o tilintar das louças e o ruído dos mergulhos, ganharam intensidade no silêncio que caiu sobre eles. Matilde separou-se do peito de Al-Saud ao perceber-lhe a

rigidez. Tinha a cabeça erguida e contemplava o horizonte. O queixo tremia-lhe, e a linha estranha em que se transformaram os seus lábios servia-lhe para controlar o pranto. Matilde cobriu-lhe o rosto com as mãos e tentou que se virasse para ela, mas ele obstinou-se em manter a postura.

– Olha para mim, por favor – Al-Saud moveu o pescoço lentamente até que o seu olhar atormentado encontrou o dela. – Amo-te, Eliah. Amo-te mais que à minha própria vida. Dá-la-ia com gosto por ti, meu amor.

Mais uma vez, Al-Saud não teve consciência da força que empregou para colá-la ao seu corpo. Arqueou-se sobre ela, afundou a cara na curva do pescoço, e desatou a chorar. Desde aquela tarde, esforçava-se por apagar as imagens de Matilde ferida na cave da missão, do sangue que saía do seu ventre, da palidez anormal do seu rosto, de como estava tão débil, pequena e vulnerável. Não queria revivê-las porque, irremediavelmente, perdia a compostura, o equilíbrio e a harmonia.

Matilde não emitiu qualquer som enquanto Al-Saud desabafava a sua angústia; acariciava-lhe a nuca e as costas, tentando transmitir-lhe a sua energia. Amou-o ainda mais, se é que era possível, devido ao choro, àquela humanidade que o aproximava mais dela. Certa que, para um homem orgulhoso e seguro de si como Eliah al-Saud, aquela demonstração de debilidade se qualificaria de imperdoável, mudou de estratégia e as suas mãos, até então comprometidas em carícias maternas, tornaram-se atrevidas e apertaram-lhe as nádegas, apalpam-lhe o volume, abriram o fecho das calças e deslizaram para o interior, para testar a dureza que inchava e adquiria temperatura por baixo do tecido de algodão dos *boxers*.

– Meu Deus, Matilde... Vais matar-me.

Arrastou-a até à sala e, entre beijos desmedidos e movimentos bruscos para se libertarem da roupa, terminaram no sofá, onde Al-Saud caiu sentado e Matilde se montou nele. Tirou-lhe o colete e abriu a camisa para meter os dedos nos pelos que lhe cobriam os peitorais e para lhe estimular os mamilos com os dentes. Al-Saud sentiu o esticão nos testículos quando estes se tornaram duros e pesados, uma dor voluptuosa que o fez soltar um palavrão e deitar a cabeça para trás. Desesperado para acalmar a pulsação do seu membro, afundou os dedos na carne das ancas de Matilde e guiou-a até à sua ereção. Ela deslizou com um gemido que afogou a inspiração ruidosa dele. Manteve-se imóvel, dando-se uns instantes para aceitar o tamanho e o calor da carne de Eliah, que palpitava na sua vagina, ainda sensível da cópula na casa de banho.

– Meu amor, quero que saibas que durante todo este tempo, não estive com ninguém.

Matilde, surpreendida, limitou-se a anuir. Recordou-se de Gulemale e de uma imagem que às vezes a assaltava, cortando-lhe a respiração: a boca da congolesa em torno do pénis que ela alojava naquele momento no seu interior. Al-Saud conseguiu varrer aquele pensamento ao encerrar os lábios à volta do seu mamilo, chupando-o. O prazer transtornou-a, e Matilde, num delírio de ofegantes faíscas verdes, imaginou-o como uma corrente de fogo e de gelo que lhe sulcava o tronco e lhe explodia entre as pernas libertando uma energia que a impulsionava num movimento oscilante.

Al-Saud cravou os dedos na cintura de Matilde e tornou-se de pedra, a cabeça hirta sobre o encosto,

as pálpebras tão apertadas que as pestanas emergiam como pontas curtíssimas, e o pescoço tão rígido que os tendões sobressaíam como cordas esticadas. Embora lhe tivesse causado uma rajada de dor, Matilde não se queixou porque observava os esforços que ele fazia para não ejacular, para que ela tivesse um orgasmo antes ou em simultâneo com ele. Beijou-lhe a maçã de Adão, gratificada pelos restos de perfume que emanavam da pele quente e suada. Al-Saud soltou o ar resfolegando e inspirou várias vezes antes de lhe pedir:

– Deixa-me ver por onde estamos unidos.

Matilde elevou ligeiramente a pélvis e, mesmo para ela, foi perturbante a imagem da sua vulva e da zona púbica imberbes e alvas em contraste com a pelagem espessa e negríssima de Eliah. Levantou-se um pouco mais, até que uma porção de carne escura e entumecida saiu dela. Al-Saud observou a união dos seus corpos com um olhar cobiçoso antes de retomar o vaivém que o colocou de novo profundamente dentro dela.

Não tinham fechado as janelas e os vizinhos, uns judeus ortodoxos de Beersheva que lanchavam na varanda, pararam de mastigar e até de respirar, quando uns gemidos lamentosos e grunhidos roucos e ininterruptos os alarmaram. A esposa baixou os olhos, envergonhada. O homem, que levou algum tempo a identificar as notas mais graves como clamores masculinos e os gemidos mais agudos como os de uma mulher e a perceber que não eram fruto de padecimento físico, mas sim o oposto, entrou no seu quarto e ligou para a receção. Foi Jacob atendeu a queixa.

Enquanto se recompunha de um orgasmo devastador, Al-Saud, com a cabeça no encosto do sofá e os braços em cruz, ainda dentro de Matilde, que descansava sobre o seu peito, relembra-se das vezes em que tinham feito amor: um pouco espantado, concluiu que sempre, até naquela difícil primeira vez, a médica o satisfizera de uma maneira completa e conseguida. Em tantas ocasiões, disse, poderia ter existido uma em que a sua disposição, ou a de Matilde não fosse a melhor; ou que lhe custasse a ejacular, ou a ela ter um orgasmo; repassou mais opções, ainda incrédulo por com ela ser sempre perfeito, demolidor, tremendo. Vicioso. Matilde era uma droga. Ou melhor, meditou com ironia, era uma doença e amá-la, o remédio. Mais uma vez, entre eles nada era normal.

– Matilde. – Ela emitiu um som como resposta. – Meu amor, vamos tomar banho.

Cheiravam a fluidos do sexo, a suor e a perfume; tinham a pele pegajosa e húmida.

– Só se formos juntos.

– Sim, juntos. Vamos fazer tudo juntos a partir de agora.

– Não consigo pôr-me de pé. Dói-me até o cabelo.

– Fica assim. Põe as pernas em meu redor.

– Não quero que saias de mim.

– Não vou sair.

Atravessou a sala com Matilde pendurada, ainda dentro dela. Desceu as escadas, de onde, logo a seguir a uma curva pronunciada, se obtinha uma visão do quarto. Custou-lhe romper a magia e depositá-

la na cama. Fechou as cortinas para esconder a nudez da sua mulher e acabou de se despir. Preparou a banheira, ligou o sistema de hidromassagem e, pela primeira vez em quase dois meses, sentou-se na borda para estudar o conteúdo das garrafinhas de *La Prairie* à procura de sais ou de essências para perfumar a água; era algo de que as mulheres gostavam.

– Aqui estou eu. – Levantou os olhos do frasco de gel para banho e descobriu-a encostada no batente da porta, nu, exceto pelo relógio de ouro (a única coisa dele que conservara), com os olhos sonolentos e um rubor saudável no rosto. Ainda tinha os mamilos eretos, inchados e escuros, a pele branquíssima – sempre lhe causava espanto que fosse tão branca; não como Francesca, a sua mãe, mas de um branco antinatural, como o do giz, como o do leite –, o cabelo louro tão comprido que lhe cobria o traseiro e as ancas. Recordava-lhe uma imagem que não conseguia identificar. De repente lembrou-se: *O Nascimento de Vénus*, de Sandro Botticelli. Notou que não se tratava somente do seu traseiro e dos seus seios, toda ela estava mais redonda e com mais curvas.

Matilde não só não se incomodou com o escrutínio de Al-Saud como fez o mesmo, embriagando-se com a imagem do seu corpo bronzeado, coberto de pelo, que não ocultava as ondulações que formavam os músculos marcados pelos anos de exercício físico. Seguiu-lhe os movimentos dos músculos da perna esquerda quando se levantou: o gêmeo, o bíceps femoral e, em especial, o quadríceps cuja linha, que se tornava volumosa antes de morrer no joelho, indicava vigor e solidez. *Ele* causava a impressão de firmeza e integridade. Observou-lhe o pénis saciado e o seu corpo respondeu de imediato: os mamilos doeram-lhe, o clitóris palpitou e a vagina humedeceu. Antes que Al-Saud se aproximasse, pôs a mão no monte de Vénus e, com um olhar carregado de significado e uma voz meio enrouquecida devido aos gritos de prazer, disse-lhe:

– Ainda te sinto aqui, dentro de mim.

– És a mulher mais bonita que alguma vez conheci.

– Estou mais gorda.

– Dou graças a Alá por isso! – exclamou, levantando-a. – Como aconteceu esse milagre?

– Comida árabe e palestinos, uma combinação infalível. – Matilde suspirou quando a água quente entrou em contacto com as suas partes íntimas. – Nunca na vida tinha conhecido pessoas que dessem tanta importância à comida. Os Kafarna, os meus vizinhos, com quem janto quase todos os dias, ofendem-se, como se estivesse a desprezá-los, se não comer e repetir. Com a irmã de Intissar, uma amiga minha do hospital, é a mesma coisa!

– Isso lembra-me a minha *nonna*, a siciliana. – Al-Saud entrou na banheira e acomodou-se no colo de Matilde, que o rodeou com as pernas e os braços. – De qualquer modo, gostei que hoje quase não tivesses provado o que te serviu o tal Bergman.

– Contigo ao meu lado, surgido assim do nada, não conseguia: parecia que tinha um nó no esófago.

Um silêncio cómodo embalou-os. O ronronar ligeiro do motor de hidromassagem e o borbulhar da água não demoraram a fundir-se com a serenidade. Matilde adormecia, exausta depois do plantão noturno. No entanto, à beira de um sono profundo, despertava delicadamente e sorria, feliz por ter Eliah

entre as suas pernas. Pensou que ele dormisse, por isso ficou surpreendida quando o ouviu dizer, baixinho:

– Quando estávamos a levar-te para Joanesburgo e pensei que te perdia, dizia-te que te amava, que eras a única coisa que eu tinha, e suplicava-te para que não me deixasses, que lutasses pela vida; porque, sem ti, a minha existência não fazia sentido. Não *faz* sentido – enfatizou.

– Meu amor.

Al-Saud voltou a cabeça, e a sua boca encontrou a de Matilde, suave e disponível. Beijaram-se sem a pressa anterior, lentamente, saboreando-se, tirando partido daquele momento sublime e íntimo.

– Quando acordei no hospital de Joanesburgo e a Juana e o Ezequiel me contaram que lá não estavas, que tinhas ido embora... Quis morrer – terminou, com a voz afetada.

– Apesar de tudo, continuava irritado contigo; como o doutor van Helger me garantiu que já não corrias perigo, decidi ir-me embora.

– Quase te perdi, não é? Para sempre.

– Não. – Depois de uma pausa, Eliah disse: – Quero que falemos do que causou a nossa discussão em Rutshuru, da Mandy Taylor e das fotos de Gulemale. – Al-Saud percebeu nas suas costas a tensão que se apoderava de Matilde. Pegou-lhe nas mãos e beijou-lhe as palmas. – Não tenhas medo. É importante que entre nós haja confiança e que possamos abordar qualquer assunto.

– Nigel Taylor confessou-me como se passaram as coisas entre ti e a mulher dele. Contou-me que ela era bipolar, altamente instável e caprichosa, e que te perseguiu até te conseguir.

– De qualquer modo, nunca me vou perdoar por ter traído a confiança de Taylor. Foi um erro envolver-me com uma mulher casada. Era demasiado jovem e estúpido e a vaidade subiu-me à cabeça. Quanto à Gulemale, não passou do que viste nas fotos. Não fomos para a cama. Ela e eu...

– Compreendo – interrompeu-o Matilde, incomodada e um pouco angustiada. – Além disso, não estavas comigo quando aconteceu. Estávamos zangados. Pelo menos foi o que alegou a tua admiradora número um: que podias fazer o que quisesse e com quem quisesse porque eu te tinha arrancado da minha vida. Não é preciso dizer-te quem é a tua advogada.

– Juana é a melhor amiga que alguém pode ter.

– Já sei que estás ao corrente de que ela e o Shiloah se reconciliaram. – Al-Saud anuiu. – Juana escreveu-me e contou-me que jantaram juntos no outro dia. Combinámos encontrar-nos hoje.

Al-Saud voltou-se completamente e enfrentou-a com um olhar ardente.

– Duvido muito. Acho que só te deixo sair daqui a alguns dias.

Matilde riu, invadida por uma felicidade que ligava ao amado: a plenitude, a saciedade e a vontade de viver, as três sensações juntas, só as sentia nos seus braços.

– Ainda me custa a acreditar que estou aqui, contigo, amando-te, amando-nos! Os dois, em Jerusalém!

– Não é por acaso – corrigiu-a Al-Saud, enquanto, de gatas, inclinava a cabeça para estimular um mamilo de Matilde com o queixo. – Aceitei um contrato em Ramallah, com a Autoridade Nacional

Palestiniana, quando Juana me contou que vinhas para Gaza com a Mãos Que Curam.

– Agora compreendo porque é a melhor amiga que podes ter.

Al-Saud poderia ter-lhe explicado que nem sequer o encontro no Rei David tinha sido casual. Pretendia abordar o tema dos guarda-costas, mas deixaria isso para o último dia. Aquelas primeiras horas com Matilde, depois de quatro meses de abstinência, seriam dedicadas a amá-la, venerá-la e mimá-la.

– Lava-me – pediu-lhe. – Depois, lavo-te eu.

Matilde obedeceu: lavou-o com movimentos delicados, ainda que meticulosos. Al-Saud lavou-lhe o cabelo e depois colocou-a frente ao espelho para lho secar. Sorria quando os olhos de Matilde se cerravam.

– Estás cansada?

– Um pouco. Às quintas faço o turno da noite.

Al-Saud envolveu-se no roupão do hotel antes de fazer o mesmo a Matilde. O dela ficava-lhe enorme e arrastava-se pelo chão. Pediu comida; enquanto aguardavam, deitaram-se na cama, de lado, um em frente ao outro. Matilde desenhou com o indicador as partes que ela considerava que favoreciam aquela masculinidade agressiva no rosto de Eliah: o buço, marcado e contundente; a fenda do queixo; o osso um pouco avultado das sobrancelhas; e o corte quadrado dos maxilares. O nariz e a boca, de uma delicadeza quase feminina, emergiam para equilibrar a dureza das feições. Aproximou-se para lhe cheirar a base do pescoço.

– Puseste *A Men*. – Trocaram um olhar sério e eloquente. – Rompeste a promessa.

– Não, não rompi.

– Naquela noite, em Londres, prometemo-nos...

– Recordo-me muito bem daquela noite, Matilde. Sei o que nos prometemos. Hoje pus *A Men* porque sabia que te ia ver. – «Muito bem», cedeu, «tereis de abordar o tema da proteção agora». – Sabia que vinhas a Jerusalém e planeei encontrar-te. Há meses que não usava este perfume.

– Foi Sabir que te contou – declarou a argentina, contente porque, apesar de tudo Al-Saud não quebrara a promessa.

– Não. Foram os homens que te protegem. – O sorriso de Matilde desvaneceu-se e entreabriu os lábios para falar; as palavras não saíram. – Sim, sei que pediste que retirasse os guarda-costas. Não vou esquecer nunca aquele telefonema, mas não consegui ser tão irresponsável e deixar-te sem proteção, não com aquele louco à solta. – «Já para não falar de Anuar al-Muzara», matutou.

– Mas...

– Matilde, meu amor. – Passou-lhe a mão pela cintura e atraiu-a para si. – Achas que posso viver minimamente tranquilo sem saber que estás protegida por profissionais? Pelo amor de Deus, aquele tipo foi atrás de ti até ao Congo!

– Eliah... – choramingou, encostando-se contra o tronco de Al-Saud, que a segurou e a beijou várias vezes na cabeça.

– Como podes pensar que não ia cuidar de ti, o meu tesouro mais precioso?

– Obrigada.

Sim, era certo: quando apelava com aquela vozinha congestionada de menina, como o piar de um passarinho, punha-o duro como o mármore. Procurou-lhe a boca, mordeu-lhe o lábio inferior e chupou-lho; depois, com o queixo, separou-lhe as abas do roupão em busca de um mamilo, que sabia ser a sua parte mais erógena. Uma voz racional insistia que a deixasse sossegada, que estava extenuada depois de uma noite de trabalho e de várias horas de sexo duro; outra, a que dominava a sua natureza de Cavalo de Fogo, incitava-o a continuar.

– Eliah, tenho medo desse tipo.

– Comigo aqui, tens medo?

– Não, quando estou contigo nunca tenho medo. – Curvou-se e entrelaçou os dedos nos cabelos de Al-Saud quando a boca dele lhe apertou o mamilo. – Porque me persegue? O que é que ele quer? Ele... – tentou continuar, mas ficou sem fôlego. – Ele não é normal.

Al-Saud não queria falar de Udo Jürkens, não queria refletir sobre o que tinha averiguado nos últimos tempos, especialmente, o que Aldo Martínez Olazábal lhe contara. Tratava-se de uma teia infernal onde três nomes saltavam à vista – Orville Wright, Udo Jürkens e Anuar al-Muzara –, embora não conseguisse perceber qual a ligação entre eles. Naquele momento, em que a felicidade de ter recuperado Matilde cobria as sombras com luz, preferia nem pensar nisso.

– Não é normal – repetiu Matilde. – A voz dele... é... Não é uma voz humana. Aterrorizou-me.

– Pensamos que tem um dispositivo nas cordas vocais – explicou, sem abandonar os beijos e as carícias.

– Ah! sabias. Como?

– Matilde – disse com frustração –, não estou de braços cruzados no que diz respeito a este assunto. Alamán e eu temos andado a investigar: sabemos o nome dele e que tem uma voz distorcida, possivelmente devido a um dispositivo nas cordas vocais. Talvez lho tenham colocado depois de lhe removerem um tumor – e, ao dizer isso, recordou que Orville Wright o pagara.

– É possível. Como se chama?

– Udo Jürkens – disse Al-Saud entre dentes, depois de hesitar –, ainda que o seu nome verdadeiro seja Ulrich Wendorff.

– Ulrich Wendorff. A mim tratou-me por Ágata. – O comentário atraiu a atenção de Al-Saud. – Sim, tenho a certeza que foi esse o nome. Além disso, olhou-me de um modo estranho.

– Estranho como?

– Como se me conhecesse e gostasse de mim. Olhou-me com carinho.

Al-Saud lembrou-se das palavras pronunciadas por Juana na ocasião fatídica: «*Ele salvou-a, Eliah. Tenho a certeza de que a trouxe até aqui e de que a salvou de morrer exangue lá fora. Quando me disse “Salve-a”, fiquei com pele de galinha. Disse-o com tanto sentimento, com tanta amargura.*»

Tocaram à porta da suite. Era, sem dúvida, o serviço de quartos com o jantar. Eliah levantou-se,

arranjou o roupão e compôs a franja, ainda húmida, para trás. Tirou do bolso das calças a carteira e, ao fazê-lo, um pedaço de papel caiu no tapete. Matilde reconheceu-o imediatamente: era o bilhete que lhe escrevera no restaurante, pedindo-lhe perdão. Quando o teria ele apanhado?

– Espera aí. Já volto.

Matilde aquiesceu e levantou-se assim que ele desapareceu na escada. Pegou no bilhete e conservou-o nas mãos fechadas. Regressou à cama. Doíam-lhe os músculos das pernas, da barriga, dos braços, como se tivesse feito ginástica muitos anos depois de ter parado. Sorriu, enquanto se esticava como um gato e ouvia os estalos nas articulações e sentia o ardor que se propagava pelos seus membros. Prestou atenção ao que acontecia no piso superior: ouviu vozes que falavam em árabe (graças às aulas de Sabir, podia distingui-lo do hebreu), o tilintar da louça e soube o momento em que colocavam os pratos sobre a mesa de vidro. Depois de umas palavras, ouviu o barulho da porta a fechar-se. Sorriu-lhe ao vê-lo nos últimos degraus. Al-Saud devolveu-lhe o sorriso e Matilde desejou que só risse desse modo para ela: de outro modo, quem não cairia no feitiço daquele rosto perfeito e resplandecente? Al-Saud meteu-lhe as mãos sob as costas e levantou-a.

– Vamos comer. Vou ser tão insistente como os palestinianos para que comas muito, para que o teu traseiro de tarântula e as tuas mamas sejam grandes e bonitas para mim.

Matilde olhou-o de soslaio. Enquanto a mão dele deslizava para baixo do roupão e lhe repassava a curva do traseiro, Matilde esticou o bilhete e mostrou-lho.

– Caiu quando tiraste a carteira. Quando é que o apanhaste do chão?

– Antes de sair do restaurante.

– Quase tive um ataque quando a arremessaste!

– Quase me pus a gritar de alegria quando li o que dizia.

– Então dissimulaste muito bem.

– Ainda estava irritado, ciumento e com raiva; queria fazer-te sofrer.

– Meu Cavalo de Fogo rancoroso. – Colocou-se em bicos dos pés e acariciou-lhe o maxilar com o nariz. – Takumi avisou-me que os Cavalos de Fogo são rancorosos e vingativos.

– Sim, sim. Takumi *sensei* portou-se como um verdadeiro amigo no dia em que te descreveu o meu signo. – Pressionou-a para que comesse a andar e guiou-a até à escada, com uma mão na parte inferior das costas dela.

– Também disse que assim que quando consegue o seu objetivo se aborrece depressa. A rotina enfada-o.

Al-Saud parou na curva da escada e colou-a na parede com um empurrão da sua pélvis. Descansou a mão esquerda junto à cabeça de Matilde e, com a outra, segurou-lhe os maxilares, sobre os quais fez pressão até que a boca dela sobressaísse num beijo.

– Isso preocupa-te muito, não é? Faz-te desconfiar de mim, correto?

– Não – respondeu.

– Não? O que vais fazer então? Porque eu sou assim.

Afrouxou a pressão da mão para que ela respondesse.

– Farei com que cada dia seja diferente para ti, para que não te aborreças da rotina nem te canses de mim. Nunca serei a mesma, vou-te sempre surpreender. Mas, principalmente, nunca te tirarei a liberdade, Cavalo de Fogo.

Sem lhe retirar a mão da cara, beijou-a selvaticamente e ela respondeu-lhe com igual excesso. Enredou os dedos no cabelo dele e mexeu a cabeça de um lado para o outro para continuar o jogo descontrolado das línguas, enquanto uma febre se expandia pelas mãos de Al-Saud. Sentia-as por todo o corpo: exigentes, cruéis, ardentes; magoavam-na. Uma corrente fria roçou-lhe as pernas e compreendeu que Al-Saud lhe abrira o roupão; de facto, conseguia sentir a aspereza do roupão dele nos mamilos.

– Pelo amor de Deus! – resmungou, desesperado. – Quero ter-te outra vez – admitiu, num tom culpado e irritado.

– Eu também, meu amor. Por favor, aqui, na escada, contra a parede.

Sem separar a boca da dela, Al-Saud desatou o nó do cinto e abriu os lados do roupão com sacudidelas impacientes. Matilde ofegou quando a sua pele entrou em contacto com a pele. A necessidade de o ter dentro de si era tão avassaladora que quase a induzia a desatar aos gritos de frustração.

– Chupa-me – ordenou-lhe Eliah, metendo-lhe o dedo anelar na boca. – Muito. Chupa-me muito.

Matilde, confusa, acedeu e acabou por sentir um grande deleite ao dar-lhe prazer. Al-Saud agarrou-a pelas nádegas e levantou-a. Os pés de Matilde elevaram-se sobre os degraus alcatifados e as pernas enroscaram-se-lhe nos quadris másculos. Convulsionou-se, inalou pesadamente e surpreendeu-se ao sentir que ele a penetrava ao mesmo tempo pela vagina e pelo ânus: uma sensação poderosa, desconcertante, escandalosa, que aumentava o prazer. Segurou-se nos ombros de Al-Saud com a força que teria usado para impedir uma queda fatídica.

– Eliah... – deixou escapar, e o nome dele brotou como um som afogado, um clamor dolente e espantado.

Al-Saud expressou-se em francês, como sempre fazia quando a paixão por Matilde o cegava.

– Matilde, amo-te. Quero possuir-te de todas as maneiras que um homem pode possuir uma mulher.

Roy Blahetter pedira-lho várias vezes, quando o consumir do seu matrimónio pelas vias ditas normais não parecia ser possível. Matilde negara sempre, sem dissimular o asco e a rejeição. Com Al-Saud, porém, era diferente. Desejava-o com uma ansiedade tal que a surpreendia. Não obstante, exprimiu:

– Tenho medo.

– Não, meu amor, não. Achas que seria capaz de te magoar?

– Não.

– Descontraí. Vamos, Matilde, respira. Estás muito tensa.

Al-Saud acomodou a pélvis e afundou-se um pouco mais nela. A excitação acelerava-lhe as pulsações a níveis que teria alcançado depois de duzentas flexões. Fechava os olhos, via formas às

cores, como num caleidoscópio, que latejavam ao ritmo do bombear do sangue. Num determinado momento, o devaneio causado pela luxúria dissipou-se, como as nuvens depois de uma tempestade, e a felicidade por tê-la ali, por possuí-la, tão sincera e honestamente, e por receber a sua entrega confiada, quase o sufocou. As lágrimas embaciaram a imagem de Matilde, da sua venerada Matilde. Limpou os olhos ao roupão dela: não queria perder nenhum pormenor da sua expressão arrebatada pelo prazer. Amava a visão dos incisivos quando entreabria os lábios para respirar ofegante; adorava sentir-lhe o sopro na cara e observar o esgar estático quando atingia o orgasmo. Não tardou a segui-la, estimulado pelas suas próprias investidas e pelas contrações vaginais. Explodiu dentro dela e um som visceral brotou dele, um grunhido rouco que foi mudando de frequência até se transformar em gemidos obscuros, que faziam eriçar a pele de Matilde. Tinha a impressão que Al-Saud não terminaria nunca. Empurrava-a contra a parede uma e outra vez, como se ansiasse chegar a um lugar ao qual não conseguia aceder. A cada investida, banhava-a com a sua semente e gemia.

As suas vizinhas, duas irmãs mexicanas que visitavam a Terra Santa pela primeira vez, pararam o jogo de canasta e trocaram olhares de horror até que a voz torturada se calou. Depois, como que saídas de um transe hipnótico, decidiram ligar para a receção.

– Por favor, Matilde – ofegou Al-Saud, assim que os seus espasmos e grunhidos cessaram. – Valha-me Deus... – Levantou as pálpebras e encontrou-a com os olhos muito abertos. Retirou-lhe o dedo do ânus e ela franziu ligeiramente o sobrolho. – E tens medo que me farte de ti? Creio que não tens consciência do que significas para mim, do que me fazes sentir, do que provocas em mim. Se pudesses ler a minha mente, jamais duvidarias de mim. Sei que não tens experiência com homens, por isso vou dizer-te que não penses, nem por um instante, que o que partilhamos é comum. Pelo contrário, é tão pouco frequente que a maioria das pessoas procura-o a vida inteira e nunca o encontra.

Matilde anuiu, ainda atordoada. Escondeu a cara no peito de Al-Saud e ajustou as pernas à volta dele, que desceu os degraus para a levar até à casa de banho, para que se recompusesse. Ele decidiu tomar um duche.

– Não posso acreditar na intensidade do prazer que me fizeste sentir desta vez – disse-lhe Matilde quando o viu começar a secar-se. – Foi... Não estava à espera.

Al-Saud dirigiu-lhe um olhar sério, ainda os seus olhos brilhassem.

– Vamos comer. Estou morto de fome.

Felizmente, o árabe pedira novamente *meze*, escolhendo os bocados mais apetitosos para Matilde que, por sua vez, brincava com a comida, tentando simultaneamente regressar ao tema de Udo Jürkens. Al-Saud, depois de lhe exigir que não se preocupasse, disse-lhe que não queria falar dele. Perguntou-lhe pelo trabalho no hospital de Gaza e Matilde contou-lhe tudo o que pôde sobre os doentes, em especial Kalida, a quem tinham conseguido salvar a perna, os problemas dos palestinianos, a falta de água potável, a desnutrição, os cortes de luz e telefone, a quantidade de pessoas com depressão e com síndrome pós-traumático. Contou-lhe também sobre a sua amizade com o *Silencioso* e como se tinham conhecido.

– Então, Sabir dá-te aulas de árabe? – repetiu sem a olhar, concentrado numa beringela.

– Sim. Mas não penses que avancei muito.

– É um idioma muito difícil para os ocidentais – comentou Eliah, sem entusiasmo, e Matilde sorriu perante os seus ciúmes óbvios.

– Acho que Sabir gosta da Intissar, a minha amiga enfermeira no Al-Shifa – comentou, e Al-Saud respondeu-lhe com um aceno.

Matilde estendeu o braço através da mesa e apertou-lhe a mão. Ele levantou a vista de imediato.

– Eliah, o que é que se passa?

– Não consigo evitá-lo – manifestou-se, sem a olhar. – É mais forte do que eu. Os ciúmes... Nem deixaria que o meu próprio irmão te tocasse.

Matilde, surpreendida pela revelação, ficou em silêncio.

– Confias em mim? – perguntou-lhe, por fim.

– Claro! É... Trata-se de mim. É um problema que nasceu com o nosso amor, que nunca tinha sentido e que preciso de resolver. Não posso pôr-te louca nem irritar-me cada vez que um homem se aproxima de ti.

– Sobretudo se são Alamán e Sabir, que gostam tanto de ti. – Al-Saud emitiu um grunhido. – Vamos dormir, meu amor. Eu sei que não é muito tarde, mas estou de rastos.

Com o entardecer levantara-se um vento fresco, pelo que Al-Saud ligou o aquecimento, que logo amornou o quarto. Depois de lavar os dentes, Matilde abriu os lençóis, deitou-se e espreguiçou-se, nua. Al-Saud, sério, observava-a enquanto tirava o roupão. Matilde chamou-o com um gesto sedutor e ele, de joelhos sobre o colchão, inclinou-se sobre ela, desenhando com os lábios a cicatriz no flanco esquerdo do baixo-ventre, ainda rosada. «Matilde!», gritou no seu íntimo, aterrorizado pela possibilidade de a perder.

– Vamos dormir abraçados – pediu-lhe ela, e apagou as luzes. – Eliah?

– Hum?

– Sentes-te tão feliz como eu?

– Mais.

– Não é possível.

– Mais – obstinou-se.

Amparou-a no seu peito e o corpo de Matilde moldou-se-lhe à curva do tronco. Ainda nem cinco minutos tinham passado quando a respiração dela indicou que adormecera. Eliah afundou o cotovelo na almofada e, graças à luz da lua que entrava por uma fresta dos cortinados, dedicou-se a contemplá-la. Na realidade, Matilde não imaginava o que despertara nele; talvez nem sequer ele próprio conseguisse atribuir-lhe um nome; o que aquela pediatra com cara de menina lhe inspirava era inexprimível e inexplicável. Acalmaria, com o passar dos anos? Fazia a pergunta a si mesmo com alguma frequência, não porque o temesse – sabia que, ainda que a paixão se atenuasse, nunca deixaria de a amar –, mas porque suspeitava que não aconteceria: com eles seria o oposto, o fogo aumentaria. Pressentia-o sem

justificação, talvez ainda perturbado pelo último orgasmo.

A reconciliação com Matilde tivera um efeito tão poderoso sobre o seu ânimo que o fazia sentir-se eufórico e desperto. Saiu da cama e subiu à sala, onde ligou o portátil. Apesar do trabalho pendente – contratos para ler, mensagens para responder, orçamentos para rever – pôs-se a consultar as informações que recolhera sobre Udo Jürkens ou Ulrich Wendorff. Tinha visto aquele nome, Ágata, em algum lugar. Exclamou devagar, em triunfo, quando encontrou o nome num arquivo fornecido recentemente por um contacto da CIA na Alemanha, que detalhava a composição do grupo Baader-Meinhof. Scheinber, Ágata, nascida em Berlim a 4 de julho de 1953, e falecida em Viena a 21 de dezembro de 1975, durante o assalto à sede da OPEP orquestrado pelo terrorista venezuelano Ilich Ramírez, mais conhecido por Carlos, o *Chacal*. Havia uma fotografia da rapariga, pouco nítida e a preto e branco. Tornava-se difícil conseguir estabelecer uma semelhança com Matilde; no entanto, após uma observação mais atenta, Al-Saud pôde comprovar os pontos em comum: a mulher era loura, de cabelo comprido, olhos grandes e claros e tinha uma cara oval, regular e harmoniosa.

– *Merde!* – praguejou, ao mesmo tempo que descarregava o punho sobre a secretária.

Udo Jürkens, uma máquina de matar, era um maníaco convencido de que Matilde era Ágata Scheinber. A informação não trazia esclarecimento ao quebra-cabeças: era um acréscimo que o confundia ainda mais.

Não soube o que a acordou. Fê-lo sem sobressaltos. Abriu as pálpebras e viu a claridade através de uma janela cujas cortinas tinham sido abertas. O tamanho e a fosforescência da lua eram inverosímeis, tal como a escuridão do céu sem estrelas.

Sentiu-o entre as pernas, as quais, notou, estavam abertas para ele: à sua boca, à sua gula, à sua voracidade, à sua devassidão. À sua desfaçatez. Guiara-a através do sexo com destreza e sabedoria e agora exigia mais. Nunca lhe chegava: era assim a sua natureza. Ela queria dar-lhe tudo para que o Cavalo de Fogo que o possuía não lhe ordenasse que a deixasse. Temia perdê-lo como à vida. Os meses de separação tinham-lhe ensinado que o ambiente se tornaria cinzento sem ele, que a música não soava tão bem, nem a comida tinha o mesmo sabor, que sorria com pouca frequência e que, pela manhã, pressentia que o dia seria enorme e tedioso.

Curvou as costas e emitiu um brado lento, obscuro. O prazer tomou-a de surpresa: ainda a envolviam os eflúvios do sono, e a mente oscilava entre o torpor e os seus pensamentos. As mãos dispararam com vontade própria até à cabeça dele e os dedos prenderam-se nas madeixas de azeviche. Elevou a pélvis para ir ao encontro da sua língua, que ele movia com mestria para, mais uma vez, lhe dar prazer.

– Eliah...

O chamamento atraíu-o como uma ordem. Os seus lábios, húmidos e salgados, apoderaram-se dos dela, e a língua invadiu-lhe a boca com o mesmo excesso que não se incomodara em refrear desde a primeira cópula na casa de banho do *lobby*.

– Eliah – sussurrou novamente; desta vez, a sua voz acalmou-o.

Ele distanciou-se, afundou os punhos na almofada e estendeu os braços. As mãos dela apoiaram-se ligeiramente sobre os seus ombros tensos e iniciaram um movimento subtil, como o esvoaçar de uma libelinha, sobre a sua pele. Ele fixava-a, espantado perante o efeito da luz da lua no prateado dos olhos. Para ela, as palavras seriam um desperdício: bastava-lhe aquele olhar para entender o que ele queria explicar e não sabia como. As suas pernas rodearam-no com delicadeza tal que ele quase nem sentiu o peso. Apaziguava-o, hipnotizava-o. Não se cansava de a olhar, atento às suas ordens, às mudanças nas suas feições, que, embora subtis, exerciam um efeito concludente na sua disposição.

– Recordo-me da nossa primeira noite em Rutshuru – sussurrou. – Acordei-te e amámo-nos.

– Queria esquecer-te – confiou-lhe ele, depois de um silêncio; a coloração da sua voz e o seu semblante cheio de sombras comoveram-na. – Quando descí à cave da missão e te vi cheia de sangue e com uma palidez que nunca tinha visto num ser humano, tive vontade de agarrar na minha pistola e dar um tiro nos miolos.

Os dedos dela, ligeiros instantes atrás, tentaram afundar-se nos tríceps branquiais, duros e inchados. Mordeu o lábio, ao mesmo tempo que um ardor lhe inundava o nariz e os olhos.

Ele continuou, implacável.

– Queria esquecer-te por isso, para conservar a sanidade mental. Não consegui, não consigo! Não consigo tirar da minha cabeça a visão do teu corpo sem vida. Matilde – articulou com dificuldade –, aterroriza-me pensar que posso perder-te. Essa visão ainda me tortura.

O seu desespero atingiu-a como uma descarga elétrica e, num ato reflexivo, fechou o punho sobre a medalha deformada que pendia entre eles e beijou-a.

– Não, não – soluçou, incapaz de lhe prometer que nunca o abandonaria porque, dentro dela, habitava um demónio, o qual, há onze anos, lhe arrebatara a ilusão de ser mãe; talvez um dia regressasse para lhe arrancar a vida. Finalmente, e com a mesma veemência dele, embora recriminando-se por ser egoísta, rogou-lhe: – Não me esqueças, Eliah! Não quero que me esqueças! Porque para mim é a morte.

– Não, meu amor, não. Vês bem que não consegui.

– Sou uma maldição? – perguntou, com medo e quebrada.

– És o que eu tenho de mais bonito, a prenda mais preciosa. Meu tesouro. Meu amor. Minha vida. Minha Matilde.

Penetrou-a quase com mansidão e meteu-se dentro dela com um balançar prudente, como se temesse rasgá-la. Olharam-se durante todo o tempo. Não fecharam os olhos, nem sequer quando as respirações se aceleraram e das suas bocas se escaparam arquejos de prazer. Tal como a noite de lua cheia em Rutshuru, aquela também teve algo de mágico: acabaram juntos e nunca perderam o contacto visual porque decidiram que só a imagem do outro sentindo prazer poderia arrasar com aquelas outras que os mortificavam. Matilde também ficara obcecada com um pensamento negro do mesmo género: por vezes, de repente e sem motivo algum, imaginava-o a cair de costas sobre a pista de um aeroporto, com uma bala no coração.

No domingo, 13 de dezembro, passava das duas da tarde quando Irina, do serviço de limpezas do Rei David, se aproximou da porta da *suite* 621, uma das mais luxuosas, e, com um piparote, fez balançar o cartão de *Do not disturb* que pendia no trinco desde sexta-feira às primeiras horas da tarde. Madalena, sua colega, aproximou-se e deu-lhe uma cotovelada ao leve nas costas.

– Há três dias que estão aí fechados. A fazê-lo! Dia e noite! Não saíram nem um instante. A Miriam diz que também o fizeram na casa de banho do *lobby*. O senhor Al-Saud limita-se a pedir comida e a deixar a bandeja na porta, como estás a ver. – Mostrou a do pequeno-almoço, no chão do corredor. – Também pede toalhas e sabonetes. Até houve queixas de outros hóspedes devido aos gritos!

– Oh! – admirou-se Irina.

– E não é tudo. Ontem, o senhor Al-Saud mandou comprar vaselina!

– Valha-me Deus! Cala-te, Madalena! Ainda nos faltam quatro horas pela frente e não temos nenhum homem à mão.

– Ah – suspirou Madalena –, como gostaria de ser a mulher que está agora com ele. Sexo, sexo e nada mais que sexo com aquele garanhão.

Matilde e Eliah tinham partilhado muito mais do que sexo: tinham entregado os seus corações para os transformar num só. Viveram aqueles três dias com a intensidade que lhes marcava a paixão. experimentaram estados de alma opostos, passaram das lágrimas ao êxtase, do riso à solenidade, falaram dos seus temores, enfrentaram os fantasmas e juraram-se amor eterno.

No sábado de madrugada, depois de fazer amor à luz da lua cheia, dormiram profundamente. Matilde despertou de súbito, transpirada, com o ritmo cardíaco descontrolado e uma palpitação no estômago. Fragmentos do pesadelo voltavam à sua mente para a aterrorizar. Desfez-se do abraço de Eliah com as mãos trémulas e correu para a casa de banho, onde se inclinou sobre a sanita, assaltada por náuseas, mas limitou-se a vomitar um pouco de bílis. Enxaguou a boca entre soluços. Não queria ver o seu reflexo nos espelhos, nem voltar para a cama; sentou-se no chão da casa de banho, num tapete, junto à sanita. Colou as pernas ao peito e escondeu a cara nos joelhos. «Não, não», garantia a si própria. «Não, isto não vai acontecer outra vez»; contudo, o pesadelo fora tão real que não conseguia acalmar-se. A imagem da sua avó Celia irrompendo por aquele quarto de hotel, agitando um papel e vociferando, em frente a Eliah: «Matilde, outra vez! Tens cancro outra vez! Está aqui escrito! Aqui estão os resultados! Outra vez, cancro!», repetia-se sem parar na sua mente. Eliah olhara-a, primeiro perplexo, depois com dor. O sobressalto que lhe provocou a expressão dos seus olhos verdes acordara-a. Porque é que aquele sonho desagradável não ficava no mundo dos sonhos, como a maioria?

Al-Saud mudou de posição para continuar a dormir. O instinto obrigou-o a verificar se Matilde estava a seu lado. Saltou da cama quando não a viu e correu para a casa de banho.

– Matilde! – ajoelhou-se e acolheu-a nos seus braços. – Matilde, meu amor.

– Abraça-me com força – suplicou-lhe, dominada por um pranto lancinante. – Nunca me abandones. Não tentes esquecer-me de novo.

– Não, não, como poderia? O que se passa? Porque estás assim? Porque estás a chorar?

A angústia na voz de Al-Saud aprofundou o desespero e a tristeza de Matilde, e o seu choro aumentou. Não se opôs quando Eliah a levantou nos braços e a levou de novo para a cama. Encostou-se a seu lado e cobriu ambos com o lençol, que Matilde agarrou com a mão fechada e colocou debaixo do queixo; de vez em quando utilizava-o para limpar o rosto. Chorou até ficar aliviada e tranquila. Al-Saud rodeava-a com o corpo, acariciava-lhe o cabelo e beijava-lhe a têmpora.

– Desculpa. Tiveste um despertar horrível.

– Não importa. Tudo o que importa é que estejas bem. O que é que se passou?

– Tive um pesadelo. Sonhei que estávamos aqui, tu e eu, felizes, e que a minha avó Celia entrava no quarto aos gritos, sacudindo um papel e a gritar para mim...

– O quê? O que gritava a tua avó?

– Que o cancro tinha voltado! Que tinha os resultados! «Matilde, tens cancro outra vez!», dizia-me, como se me culpasse. – Matilde afundou a cara no peito nu de Al-Saud. – Tenho tanto medo! Às vezes tenho tanto medo...

– De quê? De que volte?

– Sim. A primeira vez... Não o posso provar, apesar de ser uma mulher de ciência, não sei como o provar... O cancro... Eu penso que o cancro vive em alguns de nós e declara-se quando padecemos de grandes sofrimentos: a primeira vez apareceu-me quando o meu pai foi preso. E agora, como então, estou a sofrer muitíssimo! – Al-Saud ajustou o seu abraço sentindo-se impotente; sabia o que lhe diria. – Com a nossa separação sofri tanto!

– Estamos juntos de novo! – apressou-se a recordar-lhe em francês; a culpa por aqueles quatro meses de distanciamento emudeceu-o, até que recuperou o ânimo e proclamou com veemência: – Nunca! Ouviste? Nunca mais voltaremos a separar-nos!

– Nunca! Mas eu continuo a sofrer apesar da alegria que é estar aqui contigo.

– Por causa do Jérôme – declarou, e Matilde mexeu a cara contra o seu peito para concordar.

– Não o suporto, Eliah! – explodiu de repente. – Não suporto a ideia de não o ter comigo! O que estará a viver? Não suporto pensar no seu sofrimento, no seu medo! Meu Deus, que dor! Quero o meu menino aqui comigo, agora! Oh Deus, não me faças isto! Devolve-mo!

Cada brado dela cravava-se nas vísceras de Al-Saud como uma punhalada.

– Matilde, *regarde-moi*. – Ela obedeceu-lhe e levantou as pestanas, húmidas e aglutinadas, para o vislumbrar através do véu de lágrimas. – Vou fazer o que nunca fiz na vida, simplesmente porque nunca nasceu em mim a necessidade de o fazer. Agora necessito e vou fazê-lo. – Matilde afogou um soluço ao vê-lo cerrar nos punhos a deformada Medalha Milagrosa. – Vou pedir a esta medalha e ao poder da santa que representa, a esta medalha que te salvou da morte uma vez para que me fizesses feliz, e que me salvou da morte em Viena...

– Para que me fizesses feliz – interpôs ela, com voz insegura e cismada.

– Pedirei que te proteja sempre de todo o mal, que nunca te separe de mim, que sempre te dê saúde e que te faça feliz; pedir-lhe-ei também que me permita encontrar Jérôme para mantê-lo a salvo,

connosco. Por esses favores, prometo-lhe que abrirei uma clínica, que porei em teu nome e que chamaremos de Medalha Milagrosa, para que aí possas curar gratuitamente todos os pobres, doentes e inválidos que encontres no mundo. – Al-Saud beijou com ardor o coto da medalha. – Juro!

Matilde, com um gesto desmedido de olhos muito abertos, lábios separados e fossas nasais dilatadas, ficou a olhá-lo, perplexa. Não havia lugar para palavras. Abraçaram-se e os seus troncos entrechocaram-se nas tentativas de controlar as respirações alteradas e a vontade de chorar. A sua boca procurou a dela e, ao primeiro contacto dos seus lábios, sentiram alívio, os seus peitos soltaram-se da opressão e as suas respirações entraram em compasso ao ritmo do beijo. Selaram o pacto com um ato de amor.

No sábado à tarde, deitados na espreguiçadeira da varanda-terraço, enquanto admiravam o pôr do sol, riam ao evocar algumas histórias de Jérôme. Ainda que não o mencionassem, os dois sabiam que era um bom sintoma falar dele sem se afogarem em pranto. Matilde induzia-se a conservar o bom humor, não somente para não mortificar Eliah, mas também para demonstrar a confiança que lhe inspirava o seu pacto com Nossa Senhora. Depois da promessa de Al-Saud, meditara longamente e chegara à conclusão que, durante aqueles quatro meses, se convencera de que não o encontrariam; sem uma explicação lógica, soube que a sua má predisposição impedira que o achassem. Não o mencionaria a Al-Saud, porque este iria pensar que perdera o juízo, mas, no seu íntimo, sabia que era assim. Quis telefonar a N'Yanda, a única que lhe atirara uma corda à qual se agarrar durante aquela tempestade, e falar-lhe sobre a crença que nascera no seu coração. A partir daquele momento, todas as manhãs pensaria: «Hoje é o dia em que o Jérôme voltará para mim.»

– Lembras-te do dia em que nos encontrou na missão enquanto nos beijávamos?

– Sim, lembro-me. E lembro-me da cara com que nos olhou. Primeiro pensei que ia ficar zangado, mas depois sorriu e correu para nós.

– Perguntou-me se eras a minha namorada.

– Sim, e tu disseste-lhe algo ao ouvido.

– Disse que te ia pedir para casares comigo. E ele perguntou-me: «Então, vais ser meu pai?» Quando lhe disse que sim, abraçou-me e beijou-me várias vezes.

– Meu tesouro, o que ele mais queria era ter de novo uma família. Era o que mais desejava.

– E é o que lhe daremos, meu amor.

– E nós ficaremos a dever-lhe a possibilidade de ser pais. E de amar como pais. Sinto tanto a falta dele, Eliah!

Al-Saud decidiu que chegara o momento de lhe falar de Kolia. Obrigou-a a levantar-se. Matilde olhou para ele, estranhando, enquanto se sentava, à índia, no extremo oposto da espreguiçadeira. Al-Saud levantou-se, pôs as pernas para fora do assento, uma de cada lado, entrelaçou os dedos e inclinou o tronco. Para Matilde, era evidente que se preparava para anunciar algo importantíssimo. Esticou o braço, tocou-lhe as mãos unidas, ele aprisionou a dela e beijou-a.

– Meu amor, o que se passa? Não me assustes.

– Não te preocupes, não é nada de mal. Pelo contrário. É só que... Não, não, tenho confiança no teu

coração. Não conheço nenhum mais bondoso do que o teu, Matilde.

– Conta-me, o que quer que seja. Nada que possas dizer-me fará mudar o meu amor por ti. Nunca mais vou duvidar de ti, da tua integridade, da tua nobreza. Juro-te pela minha vida.

– Nunca te falei de Natasha Azarov.

– Sei quem é. Saíste com ela durante algum tempo.

– Sim, no ano passado. Depois, um belo dia, desapareceu e nunca mais soube dela. Até há pouco, quando se pôs em contacto comigo e me pediu que nos encontrássemos.

– Viste-a? – Matilde odiou os ciúmes que a alteraram e procurou mostrar-se imparcial, à altura da promessa que acabava de fazer.

– Sim, pediu-me que fosse a Milão, onde vivia.

– Vivia? Não vive mais em Milão? – «Agora vive na casa da avenida Elisée Reclus, em *minha* casa?»

– Por favor, deixa-me contar-te e não me interrompas. Isto não é fácil...

– Está bem – expressou, num tom arrependido e com as pulsações descontroladas.

– Viajei para Milão e, ao vê-la, compreendi a razão pela qual ela não teria podido ir a Paris para encontrar-se comigo. Estava muito doente, com leucemia.

– Eliah...

– Contou-me que fora obrigada a fugir de Paris porque um tipo a ameaçou – tinha decidido não mencionar Udo Jürkens para não a atormentar sem necessidade – e que se instalara em Milão, onde tinha um amigo fotógrafo que poderia conseguir-lhe trabalho como modelo.

«*Modelo? Então é bonita?*»

– Por que te chamou? – optou por perguntar. – Para que queria ela ver-te em Milão?

– Queria ver-me para me dizer que, quando fugiu de Paris, estava grávida de um filho meu.

Por muitas vezes que tivesse presenciado o fenómeno, a palidez súbita que se apoderava do rosto Matilde, a qual igualava a cor dos seus lábios com a cor da sua pele, numa tonalidade acinzentada, sobressaltava-o sempre. Passou-lhe o seu sumo de frutas e pediu-lhe que bebesse. Ela obedeceu de um modo automático.

– No início, não quis acreditar. *Nunca* tive relações com ela sem preservativo. Nem uma única vez. Por isso recusei-me a acreditar. Ela jurou-me que Kolia...

– Kolia... – a voz suave e débil de Matilde perturbou-o e teve de a tocar. Esticou as mãos e entrelaçou os seus dedos com os dela.

– O nome dele é Nicolai Eliah. Natasha deu-lhe o nome do pai dela, que é ucraniano. O diminutivo de Nicolai em russo é Kolia.

– Nicolai Eliah... Kolia... Que bonito nome.

– Matilde, meu amor...

– Estou bem – assegurou. – Surpreendida, claro. Continua, por favor.

– Pedi à Yasmin que fosse a Milão e que recolhesse amostras do meu sangue e do de Kolia para

fazer análises de ADN e confirmar se o que a Natasha dizia era verdade. De acordo com a Yasmin, não há dúvidas: o Kolia é meu filho.

Matilde cobriu o rosto e começou a chorar. Eliah estalou a língua e deslizou na espreguiçadeira até a estreitar nos seus braços.

– Meu amor, não chores. Isto não muda nada, nada entre nós.

Matilde emergiu do seu abraço, pegou no rosto barbudo entre as mãos e beijou-lhe os lábios.

– Não estou a chorar por... Não penses, por favor... Eliah, estou tão feliz por ti, porque tu podes, tu tens um filho.

– Matilde! – Abraçou-a de novo e afundou a sua cara na concavidade do seu pescoço. – Matilde, meu amor.

– Não te vou mentir, Eliah: teria gostado de ser eu a dar-te filhos. Filhos que fossem teus e meus. Que tu os pusesses dentro de mim, que eu os parisse e que os amamentasse. Também não vou negar-te que sinto ciúmes da Natasha, que...

Al-Saud calou-a com um beijo cujo ardor era inverosímil depois de dois dias a amarem-se louca e ininterruptamente. Com aquela declaração, ela tornava o seu sereno interior num mar embravecido. Com que facilidade o dominava! Com que facilidade destruía a sua temperança! Uma virtude que Takumi *sensei* lhe inculcara e da qual ele se orgulhava, era aniquilada com poucas palavras de Matilde.

– Matilde – soprou-lhe sobre os lábios, saboreando o gosto salobro das suas lágrimas –, quando conheci o Kolia, quando pus os meus olhos nele pela primeira vez, pensei em ti. Trago-te sempre comigo.

– O que é que pensaste?

– Pensei: Matilde, *aide-moi*. E agora peço-te de novo: Matilde, ajuda-me.

– Sim, meu amor, sim; sim, amor da minha vida. Tudo o que eu conseguir.

– Obrigado – agradeceu, emocionado; sorriu ao lembrar-se de outra recordação. – Um dia, em que vi a Natasha muito mal, olhei para o Kolia e pensei: «Se a tua mamã morrer (oxalá que não), vou-te dar outra, que é o meu tesouro e o amor da minha vida, e que, apesar de tudo, te vai fazer feliz.»

Matilde dirigiu-lhe um sorriso vacilante e humedeceu os lábios antes de perguntar:

– Como está ela? Como está a Natasha?

– Morreu.

Matilde baixou o olhar e pensou que a mesma doença que a privara de ser mãe arrebatara a Kolia a sua. Sentiu uma pena infinita por Natasha, que não veria crescer o filho, e sentiu-se ligada a ela, porque talvez também não visse Jérôme crescer.

– Quando? Quando morreu?

– No início de outubro.

– E o Kolia? Onde está agora?

Com que facilidade o chamava pelo nome! Já ele precisara de algumas semanas para deixar de usar «o menino» sempre que se lhe referia.

– Em Itália, em casa da *nonna*. Os meus pais também lá estão, e uma peruana, Mónica, que o conhece desde que nasceu. Acho que é boa pessoa. Não o posso tirar de Itália até que estejam concluídos os trâmites jurídicos do processo de paternidade. É uma formalidade, na verdade, mas leva tempo.

– Eliah?

– O que é, meu amor?

– Se a Natasha não tivesse morrido, terias casado com ela?

– Não! Porque o faria? – A sua reação era desmedida: seria a razoável se Matilde lhe tivesse perguntado se planeava casar-se com, por exemplo, Yasser Arafat. – Não a amava, Matilde. Nunca a amei. Além do mais, só pensava em reatar contigo. Ia dar o meu nome ao menino, sustentá-lo, visitá-lo e tudo o que se espera de um pai, mas não ia casar-me com ela.

Aquela afirmação serenou-a; sentiu-se elogiada. Baixou o rosto, que espelhava a sua culpa e a vergonha, e sorriu, satisfeita. Afugentou também os fantasmas que tinham começado a arruinar a alegria que implicara a notícia da existência de Kolia, o menino que era do sangue de Eliah.

– Matilde – disse rapidamente, com medo do que ela pudesse responder –, fizeste de mim o homem mais feliz do mundo por me amares. Não sei como expressar o que sinto pelo facto de ter uma mulher como tu. Em troca de tudo o que me dás sem que eu o mereça, eu ofereço-te o meu filho, porque ninguém será melhor mãe do que tu para ele. E ao Jérôme, um irmão.

Al-Saud deu uma gargalhada ao apreciar o rubor que invadia o rosto de Matilde. Ela saltou-lhe ao pescoço e sussurrou:

– Obrigada por este presente tão maravilhoso! Sinto-me orgulhosa e honrada por me pedires para ser a mãe do teu filho. Prometo-te que vou amá-lo e cuidar dele como se tivesse saído de dentro de mim.

Al-Saud caiu sobre ela na espreguiçadeira; a cabeça de Matilde ficou onde se costumam colocar os pés. Cobriu-a com o seu corpo seminu. Matilde curvou as costas quando Eliah, que deslizou as mãos sob a única peça de roupa que ela vestia, uma camisa dele, lhe roçou os seios com a parte calejada da mão.

– Já me excitaste.

– Porquê? O que é que eu fiz?

– Não sei. Excitaste-me porque... Simplesmente por seres tu.

Amaram-se no refúgio da varanda, longe da balaustrada aberta ao vazio, protegidos pela intimidade que lhes ofereciam os enormes vasos de terracota com fetos e fícus. No entanto, nada amortizava os lamentos lânguidos de Matilde, nem as inalações roucas e aguçadas de Al-Saud, que se distanciavam com a brisa do entardecer e continuavam a escandalizar o hotel.

Ele caiu, exausto, sobre ela. Matilde mexeu a cabeça até encontrar um pequeno espaço por onde inspirou ar fresco. Al-Saud levantou-se sobre um cotovelo e afastou-lhe as madeixas da cara, beijou-lhe as pálpebras fechadas e os lábios entreabertos.

– Gostarias de ver fotos?

– Do Kolia? – Al-Saud assentiu. – Sim, muito.

Abandonaram a espreguiçadeira quando conseguiram reunir forças para se separarem e se levantarem. Matilde sentiu uma tontura e procurou o abrigo que representava o corpo dele. Entraram abraçados, e assim continuaram enquanto Al-Saud ligava o portátil e procurava os arquivos com as fotografias que Alamán e Joséphine, de visita a Villa Visconti, tinham tirado a Kolia.

– Porque sorris? – Matilde acariciou-lhe os lábios.

– Porque o Alamán está apaixonado pelo Kolia. Ele e Joséphine foram conhecê-lo a Itália e tiraram... não sei... umas cem fotos com uma câmara digital e mandaram-mas. Há uma... – disse, e digitou habilmente com uma mão, sem soltar Matilde. – Sim, esta. Esta é a minha favorita.

Matilde observou-o de soslaio e descobriu o orgulho que lhe intensificava o verde dos olhos. Olhou para o ecrã e soltou uma exclamação. Poucas vezes vira um bebé tão bonito como Kolia. A fotografia era muito boa, um grande plano do menino sentado numa poltrona, estilo Luís XV, de tecido verde-musgo. Parecia um príncipe.

– Eliah... É tão bonito. Tão parecido contigo.

– Sim? Achas?

– Sim. Excetuando a cor dos olhos, o resto herdou de ti. Olha a boca – aproximou o indicador do ecrã. – E a forma das pálpebras. Meu Deus, é um dos bebés mais bonitos que já vi. E podes ter a certeza de que foram muitos. Parece tão saudável. Olha as bochechas. Vês? Esses sacos de gordura são as suas reservas. Está muito bem nutrido.

– Há pouco tempo teve febre.

Embora sem o demonstrar, enquanto continuava a estudar o retrato de Kolia, o coração de Matilde encheu-se de ternura; a preocupação de Al-Saud era encantadora vinda de um duro homem de negócios, de um mercenário.

– Os dentes devem estar a romper – sugeriu, para tranquilizá-lo. E ele surpreendeu-a ao manifestar com euforia:

– A *nonna* disse o mesmo! Que bom que me confirmes que é isso!

Não o teria dececionado explicando-lhe que só depois de um exame exaustivo teria podido pronunciar um diagnóstico; pelo contrário, insistiu que se tratava de um sintoma próprio da dentição.

– Amo-te por estares tão orgulhoso do teu filho.

– Nosso filho – corrigiu-a.

Al-Saud tirou da carteira a fotografia que a sua avó Antonina lhe oferecera e mostrou-a a Matilde.

– É igual a ti – pasmou-se, enquanto segurava, junto ao ecrã, o retrato de Eliah aos oito meses. – As mulheres vão assediá-lo. Vai ser estupendamente bonito, como o pai.

– Ah, sim? Pareço-te *estupendamente bonito*?

– Não, tu és um bicho canalha, como diria a Juana. Não compreendo porque gosto tanto de ti.

Al-Saud deixou-se cair na poltrona e arrastou-a para o seu colo; torturando-a com cócegas, obrigou-a a jurar-lhe tudo o que quis. Ela, por seu lado, conseguiu roubar-lhe a fotografia de quando era bebé.

– Em que dia nasceu o Kolia?

– Vinte e dois de fevereiro.

– Sendo assim, tem... Daqui a poucos dias completa dez meses. Que vontade de o conhecer, de pegar nele e de o beijar todo!

Al-Saud acariciou-lhe a cara e contemplou-a, orgulhoso não somente dela, mas também de si próprio, por ter escolhido uma mulher íntegra e nobre como companheira para a vida. Olharam-se em silêncio, de repente entristecidos porque sabiam que, no dia seguinte, a magia terminaria. Matilde descansou a sua testa na dele.

– Há tantos planos a fazer, tantas coisas para falarmos.

– Mas estamos juntos. Para sempre, Matilde. É tudo o que importa.

– Sim, é tudo o que importa.

– Matilde, meu amor, quero que falemos dos teus guarda-costas. Markov e Diana estão comigo em Ramallah. Gostaria que se ocupassem de novo da tua proteção. São muito bons e vais sentir-te confortável com eles. – Matilde suspirou e concordou. – Sei que não gostas, que te parece um assédio...

– Não, não, está bem. Com Diana e Markov sinto-me à vontade.

– São muito discretos. Ninguém notará nada.

– Obrigada, Eliah. Obrigada por cuidares de mim, apesar da minha estupidez.

– Quantos meses durará ainda a tua missão em Gaza?

– Quatro.

– Então vou falar com a Thérèse e pedir-lhe para reservar uma pausa para nos casarmos em maio. É tudo o que me importa, que tu sejas a senhora Al-Saud. O resto, vamos vendo.

– Sim, meu amor, sim.

No domingo, por volta das quatro da tarde, Matilde passeava nua pelo quarto; enquanto recolhia as suas roupas e pertences, falava ao telefone com Juana. Al-Saud observava-a da cama, com os braços a fazer de almofada. Um sorriso, entre o satisfeita e o pretensiosa, mantinha-lhe os cantos da boca levantados. Matilde baixou-se para recolher um par de meias e voltou o rabo para ele. A reação foi instantânea: a boca encheu-se-lhe de saliva, os olhos alteraram-se e o seu pénis palpitou. No dia anterior, ela finalmente tinha-lho entregado, num ato de infinita confiança que ele entesourava, para lhe oferecer o orgasmo mais prodigioso de que tinha memória. O dela fora igualmente sublime, nas suas próprias palavras. Eliah saltou da cama e segurou-a, passando-lhe o braço pelo ventre. Ela continuou ao telefone, enquanto ele se dedicava a admirar a curva que formavam o fim das suas costas e o nascimento do traseiro mais arrebitado que conhecia. Acariciou a redondez de uma nádega, depois da outra, assim, várias vezes.

Ao sentir a ereção de Eliah na anca, Matilde girou o corpo até encontrar os olhos dele, turvos de excitação. Despediu-se de Juana, desligou o telefone e atirou-o para cima do colchão.

– Eliah, o *checkpoint* de Erez fecha às seis da tarde. Não vamos chegar a tempo.

– Levo-te amanhã de manhã – propôs, com o olhar e as mãos de novo nas nádegas dela.

– Não. Amanhã entro às sete e tenho uma cirurgia às oito. Estive semanas à espera para a fazer: primeiro, os medicamentos não chegavam...

– Está bem, está bem – resignou-se, soltando-a para poder ir à casa de banho e começar a vestir-se. Matilde deteve-o, agarrando-se a ele pela cintura e arrastando os lábios pelas suas costas.

– Não faças isso se não queres terminar comigo entre as tuas pernas. – Ela depositou pequenos beijos no contorno do músculo grande dorsal. – Isso também não.

Matilde colocou-se à frente dele e manteve uma certa distância ao apoiar-lhe as mãos nos peitorais.

– Achas que não me fecharia contigo aqui, para sempre? Que não quero tanto como tu continuar a fazer amor? Que não te desejo, e te desejo e te desejo? Parece que, quanto mais o fazemos, mais te desejo.

Al-Saud atraiu-a para si e apoiou o rosto barbudo na sua cabeça.

– Sim, comigo acontece o mesmo – admitiu, num tom aborrecido. – Contigo, nunca é bastante.

– Não falta muito que seja toda para ti.

– Já sei que terei de te partilhar sempre mas, quando nos casarmos, vou pedir o iate ao meu velho e vamos desaparecer durante um ano no alto-mar.

– O iate do teu pai tem tripulação? Não quero que me oiçam gritar como aqui. Acho que até o cozinheiro sabe o que estivemos a fazer. Quando passarmos na receção vou enfiar a cabeça dentro da *shika*.

Al-Saud deu uma gargalhada.

– Lamento informar-te de que sim, o iate tem tripulação. Mas levaremos o mínimo possível e indispensável e obrigaremos todos a usar tampões para os ouvidos.

– Muito bem.

– Matilde, na próxima semana vou a Gaza.

– Sim? Ai, que alegria!

– Há lá uma unidade da Força 17, o exército da Autoridade Nacional Palestiniana que estou a treinar, que tenho que avaliar. Talvez vá na terça-feira. Aviso-te por telefone.

– Se funcionar.

Umás horas mais tarde, de regresso ao hotel Rei David depois de ter deixado Matilde no posto de controlo de Erez, para que atravessasse num táxi autorizado, e após ser tranquilizado por Ulysse Vachal, que lhe confirmou que a médica chegara sem problemas ao apartamento que ocupava na rua Omar al-Mukhtar, Al-Saud recebeu uma chamada do seu antigo comandante, o general Anders Raemmers, que o inquietou. Convocava-o para uma reunião de emergência na terça-feira seguinte, 15 de dezembro, na sede da *L'Agence* em Londres, o que destruiu os seus planos de ir a Gaza.

Capítulo 9

Na segunda-feira, 14 de dezembro, de manhã cedo, La Diana recebeu com emoção a ordem de Eliah: iria mudar-se para a Faixa de Gaza e retomaria a sua tarefa como guarda-costas de Matilde. Embora o trabalho de «sombra» a aborrecesse (preferia mil vezes missões como a do Congo ou as de instrução, como a que levavam a cabo em Ramallah), aceitara o novo encargo com entusiasmo, porque o parceiro seria Sergei Markov. As coisas entre eles iam de mal a pior. Melhor dizendo, não iam a lado nenhum. A atitude do russo desconcertava La Diana. Mal chegara a Ramallah, procurou-o para reclamar por ele ter partido de Paris sem se despedir, e Markov lançou-lhe à cara o facto de ela ter perdoado às bestas que a tinham reduzido «àquilo»: assim mesmo, expresso com um gesto e uma expressão depreciativos. Custava-lhe a crer que o homem bom e atencioso que a resgatara do inferno com tanta paciência se tivesse convertido em alguém intratável e rancoroso. Não tinham voltado a tocar-se e ela lembrava-se, com vergonha, da última vez que tinham tentado fazer amor em Paris.

Tratava-se de uma ideia estúpida, sabia-o; não obstante, não podia evitar pensar que, perto de Matilde, iriam de alguma forma restabelecer a harmonia. Afinal, já notara que Matilde exercia uma influência peculiar sobre as pessoas: Leila, Eliah, Yasmin, ela própria... Rodeava-a uma certa energia cálida e suave, embora poderosa, que transformava o mau em bom, a sombra em luz. Essa ideia quase raiava a superstição, estava consciente disso, mas aferrar-se-ia àquela esperança para não se despenhar na tristeza.

Markov, por seu turno, recebeu a ordem de Al-Saud com má cara. O árabe ergueu o sobrolho e olhou-o fixamente antes de declarar:

- Não te quero para esta incumbência com essa atitude, Markov. Sê sincero comigo.
- Não, chefe. Para mim é uma honra tomar conta da Mat... da doutora Martínez. Trata-se da Diana. Não estamos de boas relações.
- Sinto muito, mas terão de chegar a um acordo: vocês são os guardas com os quais Matilde se sente mais cómoda.

Na terça-feira pela manhã, Ulysse Vachal entregou as chaves do apartamento alugado na cidade de Gaza a Markov e a La Diana. Ele e o companheiro, Noah Keen, preparavam-se para regressar a Paris, onde Peter Ramsay os iria pôr a par da próxima missão de ambos, no Camboja. A Mercure acabara de assinar um contrato com o governo de Hun Sen para aniquilar os últimos focos de Khmers Vermelhos.

- Neste momento – informou-os Vachal – Noah está a tomar conta dela no hospital. Ela trabalha principalmente no terceiro piso, na parte de cirurgia, mas costuma passear-se por todo o edifício.
- Diana – disse Markov, com aquele tom autoritário e desapegado que ele empregava há algum tempo quando se lhe dirigia – irás substituir Noah. Eu encarregar-me-ei de estudar os arredores do

apartamento de Matilde e do hospital.

La Diana assentiu com expressão neutra e escolheu um dos dois quartos para deixar a bagagem.

– Estas são as chaves do meu automóvel – indicou Vachal, estendendo-as a Markov. – Noah irá dar-te as dele em Al-Shifa, Diana.

– Al-Shifa?

– Assim se chama o hospital onde trabalha a doutora Martínez, embora ela também costume visitar uns ambulatorios financiados pela Mãos Que Curam nos campos de refugiados de Al-Shati e de Khan Yunis. São sítios infernais, cheios de vielas e de gente da pior laia.

– Que outros sítios é que ela frequenta? – perguntou Markov.

– Janta diariamente com os seus vizinhos, os Kafarna, uma família que ocupa um apartamento no mesmo andar que ela. Estão limpos. Visita amiúde a casa do escritor Sabir al-Muzara, amigo do chefe; aqui está a morada. – Entregou-lhe um papel com um mapa para chegar à casa do *Silencioso*. – E também vos aponte o endereço de uma enfermeira do Al-Shifa, Intissar al-Atar, onde a doutora vai frequentemente. São muito amigas.

– Obrigado, Ulysse.

Os três abandonaram o apartamento em direção ao Al-Shifa. Markov conduzia o automóvel e Vachal ocupava o lugar de pendura. La Diana, sentada atrás de Vachal, observava o perfil de Markov e imaginava-o perto do seu rosto, prestes a beijá-la. Afastou o olhar e observou a rua Al-Yarmok, uma artéria importante onde se encontrava o apartamento que iria dividir com o russo e que atravessava a Omar al-Mukhtar, onde vivia Matilde. A Al-Yarmok apresentava bastante movimento e várias lojas; não obstante, a pobreza e a falta de trabalho eram notórias: sobressaíam nos automóveis velhos e desconjuntados, na má qualidade das construções, nas roupas dos homens – as mulheres iam demasiado cobertas para se poder ajuizar –, na quantidade de cães escanzelados, nas crianças descalças e, sobretudo, nas expressões desvanecidas dos naturais de Gaza.

Encontraram Noah Keen dentro do automóvel, estacionado na vereda em frente ao hospital, perto da entrada das ambulâncias.

– O movimento é permanente – lamentou-se Keen –: veículos e gente a toda a hora! A doutora Martínez costuma entrar muito cedo, às sete e picos, e sai dali às seis e tal da tarde. Às quintas-feiras, fica até mais tarde porque tem banco noturno. As sextas e os sábados são os dias de descanso, mas não os costuma respeitar e vem trabalhar na mesma.

Keen entregou-lhes uma pasta que continha retratos-robô e fotografias de Udo Jürkens e de Anuar al-Muzara.

– A este conhecemo-lo bem – indicou Markov, assinalando a fotografia de Udo Jürkens, e La Diana comprazeu-se com o facto de ele utilizar a primeira pessoa do plural para se exprimir. Aquilo fê-la sentir-se parte dele, do seu trabalho.

La Diana despediu-se de Vachal e de Keen com um parco cumprimento e sem dirigir sequer uma olhadela a Markov; atravessou a rua e encaminhou-se para o hospital. Sentia o olhar do russo na nuca:

compreendeu que era a raiva, e não o desejo, que o alimentava; tal fê-la estremecer. Encontrou Matilde na cafetaria, sentada sozinha a uma mesa, embora o lugar fervilhasse de médicos e de enfermeiras. Desde que salvara a vida ao soldado israelita no posto de controlo de Erez, os seus colegas palestinianos, ao princípio tão amigáveis, tratavam-na com fria cortesia. Matilde perguntava-se se eles, enquanto médicos, teriam permitido que o rapaz se esvaísse em sangue, sem destinarem um pensamento ao juramento de Hipócrates. Ou tal juramento não existia no Médio Oriente?

Ao reparar em La Diana, Matilde esboçou um sorriso que lhe revelou a dentadura, inundando-lhe os olhos de um fulgor prateado. Pôs-se de pé e saiu para a receber. Embora distante, La Diana apercebeu-se do seu calor reconfortante. Erguendo-se, Matilde abraçou-a; La Diana, tão arisca ao contacto humano, descontraiu-se contra aquele corpo miúdo com a confiança de uma criança no regaço materno.

– Como estás? – perguntou-lhe Matilde, olhando-a nos olhos.

A médica argentina era das poucas pessoas que La Diana conhecia que fixava os olhos nos do seu interlocutor e raramente os apartava.

– Tu não estás bem, pois não?

La Diana, incapaz de falar, sacudiu a cabeça e tentou sorrir, embora só tenha esboçar um esgar contrafeito.

– Depois falamos. Agora tenho de ir. – No ambulatório, esperava-a uma criança de três anos com um divertículo de Meckel no intestino delgado, que Matilde planeava extirpar o quanto antes.

– Matilde – chamou-a La Diana com voz insegura –, Eliah pediu-me que te desse isto. – Tirou um sobrescrito do bolso traseiro dos *jeans* e estendeu-lho.

– Obrigado.

La Diana assentiu e viu-a afastar-se. De qualquer modo, pensou, as coisas iriam melhorar.

Passados quase quatro meses da sua chegada à Base Zero, Donatien Chuquet, instado pela pressão de Fauzi Dahlan e também de Uday Hussein, informou-os de que, dos oito pilotos postos sob o seu escrutínio e análise, nenhum se encontrava à altura do altíssimo risco que significava irromper no espaço aéreo de países como a Arábia Saudita e Israel. Não obstante, decidira-se pelo *Profeta* e pelo *Falcão de Prata*. Ao escutar aqueles nomes, Fauzi Dahlan sorriu com afetação, como se tivesse concordado com a seleção.

– Udo – disse ao gigante que se colocava atrás dele, e com o qual Chuquet se empenhava em não estabelecer contacto visual, com o afã de quem evita os olhos de um *pitbull* – avisa os outros pilotos que se apressem. Irão abandonar a Base Zero ainda hoje.

Chuquet foi dominado por um arroubo de inveja pelos pilotos que iriam emergir daquele buraco escuro e deprimente, construído nas entranhas da terra para voltarem ao sol e ao ar puro. Uma careta que captou no rosto de Uday (uma inclinação da comissura esquerda e um semicerrar de pálpebras) puseram-no alerta. Ao longo daquelas semanas de amizade, tinha vindo a descobrir a linguagem daquela cara redonda, coberta de barba e com olhos grandes e negros. Percebeu então que os seis pilotos

rejeitados nunca iriam sair da Base Zero com vida. Talvez o próprio Uday se encarregasse de os liquidar; Chuquet também descobrira que a comentada inclinação de Uday para a violência e para o sadismo não era um mito.

Na última viagem a Bagdade, Uday Hussein conduziu-o ao seu faustoso escritório no edifício do Comité Olímpico, do qual era presidente, onde se vangloriara dos feitos do seu país em matéria desportiva. Chuquet ficou surpreendido ao descobrir a paixão iraquiana pelo futebol e a obsessão com que Uday Hussein se propusera converter a seleção nacional numa equipa tão famosa quanto a alemã ou a argentina. Também lhe contara que, na semana anterior, após terem perdido um encontro amigável com a equipa do Bahrein, mandara prender sete jogadores que, quanto a ele, tinham sido os culpados da derrota; mantinha-os há cinco dias no sótão da sede da Amn-al-Amm, a polícia secreta do regime, um lugar sinistro ao qual chamavam «o ginásio» devido aos instrumentos e as máquinas usadas para torturar. Os futebolistas podiam, ainda assim, considerar-se afortunados: além de lhes mandar rapar o cabelo, Uday apenas ordenara que fossem açoitados com cabos elétricos.

– Vem – convidou-o, depois de lho mencionar entre gargalhadas –, vou levar-te ao ginásio para os veres.

Entraram na câmara de tortura e dirigiram-se para as celas – uma espécie de casinhas feitas de rede metálica – onde os jogadores jaziam sobre catres de cerca de quatro centímetros de espessura. Todos se ergueram ao avistarem Uday, que se aproximava com três cabos na mão. O iraquiano abriu o cadeado e entrou. Chuquet encolheu-se ao primeiro açoite e descobriu, aturdido, a coloração que a pele adotava no sítio onde o hematoma começava a assomar. Não conseguia afastar o olhar da ação daqueles braços que brandiam os cabos. Era ostensivo que Uday desfrutava a aplicação do castigo; os queixumes e as súplicas excitavam-no, ao invés de lhe despertarem um pouco de compaixão – qualidade, concluiu Chuquet, da qual carecia.

Para seu bem, Chuquet manteve o semblante alegre depois daquele emprego de crueldade, intimamente desejando que Uday lhe sugerisse regressar ao hotel. Não se atrevia a pedir-lho, nem sequer a comentar que se sentia cansado, por temer ofendê-lo. O herdeiro de Saddam Hussein não deveria contar com muitos amigos, a julgar pela forma como se agarrara a ele. Chuquet reuniu coragem e decidiu suportá-lo, na crença de que poderia vir a ser o seu salvo-conduto para a liberdade e o resto dos quatro milhões de dólares.

Ainda no decurso da visita a Bagdade, Uday convidara-o para uma festa. Os anfitriões vieram recebê-los à porta e Chuquet perguntou a si próprio se Uday, além do seu narcisismo, notaria aquela hospitalidade fingida. A mulher parecia pálida e balbuciava palavras ocas. O esposo mostrava-se mais composto: sem falar, indicou-lhes o interior da casa. Alguns convidados dançavam e outros comiam e bebiam em mesas dispostas em torno à improvisada pista de baile. Eles ocuparam uma mesa vazia, e foram logo atendidos. Apesar de muçulmano, Uday bebia álcool livremente, tal como o seu pai; de vez em quando, dava-se até ao luxo de *snifar* cocaína. Ofereceu alguma Chuquet, que recusou, sorrindo.

– Estou velho para isso, meu amigo – desculpou-se. – O meu coração não iria resistir.

Por fim, o motorista de Uday apresentou-se e Chuquet desejou fugir, ao vê-lo entregar uma espingarda ao patrão.

– Uma *AK-47* – elucidou Uday, e o sorriso descobriu-lhe a dentadura: as enormes favolas descansavam no seu lábio inferior, dando-lhe o aspeto de um roedor. – A minha arma favorita – acrescentou, enquanto travava o carregador com habilidade. – Nunca te atraiçoa e funciona sempre, mesmo molhada ou com areia.

Pelo canto do olho, Chuquet apercebia-se de que vários convidados, os mais afastados do campo visual do filho do presidente, saíam sub-repticiamente da sala. Uday colocou tampões de borracha nos ouvidos e deu um par a Chuquet, que os pôs depressa. O outro disparou para o teto quatro vezes. A saraivada resultou ensurdecadora num recinto fechado com o teto baixo e, embora tivesse os ouvidos protegidos, Chuquet sentiu a onda sonora a penetrá-lo e a sacudi-lo interiormente. Uday, com a coronha da arma apoiada na coxa, voltou o pescoço para os dois lados, para observar a assistência, que parecia congelada. Segundos depois, os convidados irromperam em aplausos que agradaram a Uday, porque sorriu e inclinou a cabeça antes de devolver a arma ao seu servidor.

A partir daquelas experiências vividas durante a sua última visita a Bagdade, Chuquet voltou a perguntar-se se os pilotos que condenara à morte quando os afastara da missão iriam morrer às mãos daquele homem de trinta e quatro anos, dois metros de altura e personalidade letal.

Uma vez o gigante, a quem chamavam Udo, abandonando o escritório de Dahlan para cumprir a ordem, Chuquet, que temia não conseguir a maior parte do seu pagamento devido ao fracasso da missão, insistiu:

– Senhor Dahlan, quero realçar que *o Profeta e Falcão de Prata* são excelentes pilotos, mas que...

– Sim, sim – enxofrou-se Dahlan. – Já o sublinhou várias vezes, Chuquet. Eles também não estão prontos para a missão. Mas estamos a pagar-lhe uma fortuna para isso, não é verdade? Para que você os prepare a preceito.

Como explicar-lhes, sem os irritar (especialmente a Uday), que aqueles homens estavam psicologicamente devastados? Que os seus nervos não iriam resistir? Que lhes custava concentrarem-se e prestarem atenção? Que, pesasse embora a boa alimentação e o exercício diário, estavam enfraquecidos porque os seus espíritos também o estavam?

– O pagamento do governo do Iraque é mais do que generoso – admitiu ele, captando o esgar satisfeito de Uday pelo canto do olho – mas sem aviões a sério para treinarem, é...

– Os simuladores não bastam?

– Seria muito mais eficaz se treinassem em aviões reais.

– Isso é impossível, senhor Chuquet. Os AWACS e os satélites norte-americanos iriam aperceber-se; ou, o que seria pior, poderiam descobrir a localização da Base Zero. Não podemos dar-nos a esse luxo.

– Conseguiram os aviões? – atreveu-se ele a perguntar.

– Ainda não – respondeu Uday Hussein. – Estamos a trabalhar nisso – acrescentou, de maneira evasiva e amarga, pelo que Chuquet percebeu que estava longe de os conseguir.

– Os treinos – prosseguiu o francês – teriam de ser feitos em voo rasante, de maneira a que nenhum radar nos possa detetar; dessa forma, poderemos também guiar os aviões para os espaços aéreos israelita e saudita, embora o último não me preocupe tanto, até porque eles têm regiões que não estão cobertas pelo radar.

– De qualquer modo – negou-se Dahlan –, nem em voo rasante nem em voo de outro tipo. Há demasiado em jogo. Arriscar-nos-íamos se trouxéssemos os aviões para cá, e depois se os fizemos descolar e andassem a sobrevoar aquela zona, tudo porque você precisa de fazer treinos. Seria uma bela maneira de atrair a atenção dos nossos inimigos!

– Assim sendo, como pensam transportar os aviões que usaremos na missão até aqui?

– Em plataformas de camiões – informou Dahlan. – Bem disfarçados, para que ninguém suspeite de nada.

– Camiões? Senhor Dahlan, alguma vez viu um *Mig* ou um *Mirage* de perto? Advirto-o que não são pequenos.

– Senhor Chuquet – imitou-o Dahlan – alguma vez viu os camiões que transportam colunas pré moldadas de vinte metros de altura e cinquenta toneladas de peso?

– Não creio que os tenha visto – gargalhou Uday, dando uma palmada no ombro de Chuquet. – Meu amigo, não te preocupes. Iremos trazer-te os aviões.

Chuquet contemplou-o com incredulidade. Aquele assunto não lhe parecia estar encerrado, de modo algum. Por vezes, perguntava a si próprio se não estaria a lidar com um grupo de esquizofrénicos. Se conseguissem, por exemplo, que um funcionário corrupto do governo da Malásia lhes vendesse um caça, pretenderiam eles trazê-lo num camião desde a Malásia? Se admitisse a suposição, um pouco inverosímil naquela altura, de que estava a lidar com gente normal e inteligente, a menção dos camiões podia querer dizer que estavam prestes a conseguir os aviões, provavelmente num país limítrofe: na Síria, na Jordânia, talvez no próprio Irão. A única certeza era que, sem aviões, a missão não iria concretizar-se e, sem a missão, ele não veria o resto dos quatro milhões de dólares.

– Vem – convidou-o Uday – acompanha-me numa visita ao nosso génio nacional, o professor Orville Wright.

«O *Sobrancelhudo*», suspirou Chuquet e sorriu.

– Uday – chamou-o Dahlan, incomodado e nervoso –, não creio que o *rais* goste que interrompam o doutor...

– Fauzi, és leal ao meu pai e ao partido, e eu respeito-te e gosto de ti por isso. Mas não te atrevas a tomar liberdades que não te concedi. Se eu, que sou o primogénito do presidente, decido mostrar ao meu amigo Donatien aquilo que estamos a fazer aqui em baixo, é porque tenho as minhas razões. Mas faço-o, sobretudo, porque confio nele. Tal como o meu pai, eu reconheço um traidor antes de ele saber que me irá atraiçoar. E Donatien não é um desses.

Gérard Moses apressou-se a ocultar a fotografia de Eliah al-Saud na gaveta da sua secretária quando

um dos seus ajudantes bateu com os nós dos dedos na porta entreaberta para anunciar a sua presença. Moses despachou-o com presteza, pedindo-lhe que fechasse a porta ao sair. Voltou a extrair a fotografia e contemplou-a com um sorriso ténue e doce. Desde o seu último ataque de porfíria, que superara por milagre, que era acometido por um estado de alma inconstante, uma permanente polaridade que o levava a debater-se entre agarrar-se à personagem séria, profissional e decente que Eliah al-Saud conhecia, ou àquela de um tresloucado, livre e espontâneo, capaz de fazer e de dizer qualquer coisa. Num desses momentos de euforia, dez dias antes, telefonara ao seu irmão Shiloah com a desculpa da conclusão de um trâmite do processo da herança de Berta, para averiguar sobre ele, o seu amado Eliah.

– Continua com aquela médica, a argentina? – perguntou, esforçando-se por soar indiferente.

– Não, romperam: creio que, desta vez, para sempre.

Com a evocação da resposta de Shiloah, recreou-se a alegria eufórica que a notícia lhe causara. Beijou a fotografia sobre os lábios de Eliah e guardou-a no bolso do avental. Saiu do gabinete, abandonou a zona de trabalho, onde os empregados se esfalfavam a construir as centrifugadoras, e caminhou com passo enérgico para o quarto. Entrou e, com movimentos nervosos, desfez-se do avental. Foi à casa de banho e libertou o pénis, já ereto. Não lhe convinha excitar-se: as pulsações subiam-lhe e, mesmo assim, era difícil subjugar o desejo que acabava de se apoderar dele, submergido noutro dos seus estados tresloucados, daqueles que o enchiam de coragem e o faziam sonhar com abrir o seu coração a Eliah.

Colocou a fotografia numa saliência em frente do espelho e começou a acariciar o membro. Teria gostado de telefonar para o seu apartamento em Herstal, acionando à distância o atendedor de chamadas, para ouvir novamente a voz de Eliah a agradecer-lhe a prenda (a unidade de controlo de fogo que lhe enviara): contentou-se em recriá-la mentalmente – grave, meio enrouquecida – e acelerou as carícias até as converter em fricções rápidas. Tentara muitas vezes aliviar-se com homens, e também com mulheres, e nunca conseguira uma ereção na presença de estranhos a quem só o pagamento interessava. Aterravam-no. Não era homossexual nem heterossexual: pertencia a Al-Saud.

Regressou ao laboratório, agora mais sereno, e proferiu um insulto em voz baixa ao avistar o filho mais velho de Saddam Hussein e o piloto francês. Sorriu-lhes na mesma, sem contudo mostrar os dentes castanhos, uma habilidade desenvolvida na adolescência.

– Professor Wright – disse Uday – viemos ver as centrifugadoras em funcionamento.

Por sorte, o bolo amarelo chegara em enormes quantidades na terça-feira, 17 de novembro, pelo que as primeiras dez centrifugadoras – as outras vinte ainda não estavam finalizadas – trabalhavam dia e noite para enriquecerem o urânio a colocar nas ogivas das bombas ultra leves que iriam ser largadas sobre Telavive e Riade, primeiro, e nas outras, que formariam um arsenal cujo objetivo era dissuadir o pior inimigo do Iraque: os Estados Unidos.

Embora só pudessem ver as centrifugadoras em ação atrás de um vidro duplo, envergaram capacetes e fatos de proteção antes de entrarem no setor respetivo. Moses levava na mão um dosímetro, um aparelho que media o nível de radiação ao qual se expunham, para o qual lançava frequentes olhadelas.

– Quando é que o urânio para a primeira bomba ficará pronto? – pressionou-o Uday.

– Já está – anunciou Moses, com humor displicente. – Pusemos as primeiras centrífugas a trabalhar depois de recebermos o bolo amarelo, o que sucedeu há vinte e oito dias; conseguimos centrifugar, em cada uma, duas doses de bolo amarelo e estamos a enriquecer a terceira. Ainda faltam uns três dias para completar este último processo.

– Quanto urânio enriquecido nos dá cada centrífuga?

– Oh, bom, só alguns gramas. Em cada processo obtemos um bocado de combustível deste tamanho – explicou, servindo-se do polegar e do indicador para delinear uma silhueta quadrada pouco maior do que um selo.

– Isso irá bastar para uma bomba? – Uday soava incrédulo.

– Com o poder destrutivo de Hiroxima.

– Será suficiente – afirmou o primogénito, e sorriu.

Só um observador atento, e munido de binóculos de grande potência, se teria apercebido o ligeiro tremor naquele setor do contraforte. Segundos mais tarde, esse mesmo observador verificaria, estupefacto, que a superfície se deslocava para revelar uma concavidade no sopé da montanha. Tratava-se de uma placa de betão e ferro, camuflada com pedras, arbustos e terra, que deslizava para permitir que uma furgoneta abandonasse a Base Zero com os seis pilotos descartados por Chuquet. Udo Jürkens observou a parte traseira do veículo, que brilhou em contacto com a luz do sol, antes de premir o botão para selar novamente a placa e devolver à montanha o seu aspeto desértico e solitário. Ouviu-se a voz do motorista no *walkie-talkie*.

– Aqui, Babel. Estamos a caminho.

– Muito bem – respondeu Jürkens. – Seguimos-te com o radar, Babel, e permaneceremos em contacto via rádio.

Não havia risco de intercetação, ou melhor, existia um risco mínimo: a frequência de onda mudava automaticamente a cada três minutos para despistar os sistemas de triangulação.

Os pilotos, encantados por abandonarem aquele sítio infernal, suportavam sem se queixarem os solavancos da furgoneta, cujas rodas perfilavam os acidentes do terreno, mais apto para cabras do que para automóveis, por muito equipados que estivessem com tração às quatro rodas. A furgoneta corcoveou, pareceu tossir uma ou duas vezes e deteve-se.

– Aguardem aqui – indicou o motorista aos passageiros. – É o carburador.

Remexeu no porta-luvas, extraíndo uma bolsa de ferramentas, e saiu do veículo com o rádio na mão, fechando a porta atrás de si.

– Nabuco, aqui Babel – disse o homem ao microfone do *walkie-talkie*. – Estás à escuta?

– Sim, Babel. Aqui Nabuco. Estou à escuta.

– Estou prestes a entrar no baile de máscaras.

Um dos pilotos, aquele que ocupava o primeiro assento junto à janela do lado direito, observou com

curiosidade as manobras do motorista, que extraía um artefacto negro da bolsa de ferramentas e o colocava sobre a cara. O homem arqueou as sobrancelhas ao reconhecer a mesma máscara que tantas vezes ajustara sobre o seu próprio rosto, tanto na guerra contra o Irão como na do Golfo, a fim de se proteger dos gases letais.

– Hei! – exclamou para o piloto, e o seu chamamento morreu perante um som seco, como aquele que se produz ao selar algo a vácuo.

Os outros inquietaram-se nos assentos e puseram-se de pé; um deles tentou abrir as portas, em vão. Os restantes golpeavam os vidros com os punhos cerrados, enquanto gritavam, insultavam e choravam: finalmente, tinham compreendido o que os esperava.

– Nabuco – chamou o motorista pelo rádio – a câmara está selada.

– Avança – ordenou Udo Jürkens. No momento exato em que premiu o botão azul de um controlo remoto, os ocupantes da furgoneta, que tentavam partir os vidros com os punhos e as malas, viram que o sistema de ventilação emanava um bafo amarelo de um odor canforado quase impercetível.

O *soman*, criado pelos nazis no fim da Segunda Guerra Mundial, é um dos agentes nervosos mais letais que existem, para o qual não existe antídoto. Na sua forma vaporizada, o efeito é quase imediato pelo que, passados poucos segundos, os pilotos denunciaram os primeiros sintomas – fluxo nasal, olhos irritados, náuseas e vômitos – que pioraram rapidamente até lhes provocarem convulsões e paralisia muscular. O motorista continuava impávido enquanto observava os esgares disformes dos pilotos e as convulsões epiléticas dos seus corpos. Por fim, a paralisia dos pulmões induziu uma falha respiratória que acabou com eles.

– Missão cumprida, Nabuco – informou, enquanto colava a máscara às janelas da furgoneta e confirmava que ninguém se mexia.

– Babel, queima-os – ordenou Udo Jürkens.

O motorista colocou um trapo na entrada do depósito de combustível, aproximou um isqueiro e afastou-se a correr para se esconder atrás de umas rochas. A chama inflamou o trapo e perdeu-se dentro do tanque. Alguns segundos depois, a furgoneta explodiu e o fogo devorou o veículo e os corpos envenenados.

Rauf al-Abiyia sabia que as capitais do tráfico internacional de armas eram Antuérpia e Hamburgo. O traficante começou a sua peregrinação pela cidade belga, onde o seu contacto era um libanês que geria um restaurante de comida árabe na rua pedonal próxima da famosa catedral e a poucos quarteirões do rio Escalda. Avistou o gerente assim que transpôs o umbral. Optara por visitá-lo à hora do almoço de propósito: o estabelecimento fervilhava de turistas e de empregados de escritório, e era fácil passar despercebido. A verdade é que, apesar das mudanças que a cirurgia plástica trouxera à sua fisionomia, não se sentia completamente seguro. E se alguém de Bagdade, do Ibn Sina, por exemplo, tivesse vendido à Mossad fotografias com as suas novas feições? Talvez estivesse a ficar um pouco paranoico; de qualquer modo, não sobrevivera sessenta anos naquele mundo de ódio, traição e morte por possuir

uma índole confiante. Fazer parte da lista negra da Mossad não era brincadeira. Os israelitas eram gente de recursos e, se o quisessem morto, mais tarde ou mais cedo, iriam consegui-lo. Voltou a questionar-se se o seu sócio não se encontraria a vários metros debaixo de terra ou no fundo do mar. «Não», pensou «os agentes da Mossad gostam de tornar pública a eliminação de outro dos inimigos de Israel, a fim de infundirem o medo. Teriam usado a imprensa para nos avisar», concluiu, «como fizeram quando mataram Alan Bridger, Kurt Tánveider e Paul Fricke». Sem esquecer o irmão de Bridger, Hansen. Além disso, não conseguia esquecer que o dinheiro fora devolvido à conta, e que somente Abu Jihad poderia tê-lo transferido. Ou tratar-se-ia de uma cilada da Mossad? «Não sejas maníaco! Para que é que fariam algo do género? Onde estás tu, Mohamed, maldito sejas?» Alguns dias antes, visitara o *El Matilde* em Puerto Banús. Como era óbvio, ninguém lá entrava há muito tempo: a capa de pó que se acumulava da coberta até aos móveis do interior denunciava o abandono do barco. Detivera-se a contemplar um retrato da filha mais nova de Mohamed, Matilde, que se encontrava no camarote do amigo. «Talvez», pensou, «se a usássemos como isco...»; porém, descartou a ideia – talvez, em caso extremo, voltasse a ponderá-la. Afinal, também gostava de Matilde e recordava a sua doçura nos tempos da prisão de Córdoba, quando ela lhes preparava tortas, pudins, marmeladas, figos em calda, tricotava roupa grossa e comprava-lhes jogos para matar o tempo porque, quando soube que Rauf al-Abiyia ajudara o pai a atravessar os primeiros tempos de abstinência, converteu-o no destinatário das mesmas peças que fazia para Mohamed: se lhe tricotava um colete para o inverno, outro semelhante ia para Rauf; se fazia bolachas de aveia, uma porção também lhe estava destinada; e se preparava geleia de ameixa, um frasco idêntico acabava nas mãos dele. Matilde raramente falhara a visita semanal no cárcere, mesmo quando a quimioterapia a debilitava e lhe custava, inclusive, a falar. Ele recordava-a: emagrecida, com o gorro de baseball a cobrir-lhe a calva, olheirenta e com os lábios gretados. O certo é que Matilde fora a única alegria de Mohammed, e sua, durante os anos infernais na prisão do bairro San Martín, em Córdoba.

O gerente libanês do restaurante não o reconheceu. Não obstante, Al-Abiyia pronunciou a senha e confessou-lhe a sua identidade. O homem franziu o sobrolho e cerrou a boca num inequívoco sinal de desagrado, depois de o estudar e decidir que não lhe estava a mentir. Com uma inclinação quase impercetível da cabeça, o libanês fez-lhe sinal para que o seguisse até ao seu escritório. O ruído abrandou e os odores a fritos e a peixe esfumaram-se quando Al-Abiyia fechou a porta.

– O que fazes aqui, Rauf? Não sabes que estás marcado e que a Mossad pôs a tua cabeça a prémio? Eles devem estar a rondar o meu estabelecimento como lobos famintos, à espera de te lançarem a corda ao pescoço.

– Eu sei, mas tens de admitir que será extremamente difícil reconhecerem-me.

O libanês expeliu um sopro que lhe levantou o bigode e lançou-se sobre a poltrona. Não convidou Al-Abiyia a sentar-se.

– Com os tipos da Mossad, nenhuma precaução é suficiente. Quero que desapareças. Sairás pela porta da cozinha...

– Antes preciso de saber se tens alguma ideia de onde é que eu posso encontrar Mohamed.

– O teu sócio? Não sabes o paradeiro dele? – Al-Abiyia negou, com um gesto neutro. – Estás a ver? Não o encontras porque a Mossad o liquidou.

– Sei que ele está vivo. Preciso de o encontrar. Quando foi a última vez que o viste?

– Vejamos, deixa-me puxar pela memória. – O libanês pôs o queixo entre os dedos e semicerrou os olhos. – Sim – sussurrou – sim: recordo-me de que veio ver-me antes da morte de Alan Bridger.

– Alan morreu a 12 de abril.

– Pois Mohamed esteve aqui pouco antes. Não posso precisar quando. Não se apresentou com os seus pedidos habituais de espingardas, Semtex e lança-granadas. Não, não. Estava à procura de algo mais pesado.

– Bolo amarelo – completou Al-Abiyia.

– Exatamente. Para quem era?

– Não voltaste a saber dele? – perguntou o Príncipe de Marbella, observando de soslaio o seu contacto e ignorando a pergunta.

– Soube que viajou para o Congo para visitar a nossa querida *Madame* Gulemale – declarou ele, com acento cáustico.

«Gulemale», repetiu ele para si próprio com a mescla de desejo, medo e raiva que aquela mulher poderosa e desavergonhada lhe inspirava. Mohamed desaparecera logo após a visita à mansão da congoleza, em Rutshuru. Tê-lo-ia ela entregue à Mossad? Era uma das possibilidades. Ele suspirou. Planeara averiguar o paradeiro do sócio sem recorrer à ajuda de Gulemale porque não queria ficar a dever-lhe favores. A pressão de Bagdade tornava-se incontrolável, pelo que estar com suscetibilidades não demonstrava senso comum. Iria recorrer a Gulemale: era o caminho mais direto.

Devido à situação convulsa que se vivia no Congo, Al-Abiyia deduziu que Gulemale se iria manter longe da região. Ou talvez estivesse em Kigali, a capital do Ruanda e sede da Somigl, a sua empresa? O conflito não tinha transposto as fronteiras, pelo que se vivia em paz naquele país. Como sempre, iria apelar à sua sorte e viajaria para Paris, a cidade favorita da congoleza; talvez a encontrasse no Ritz; ou ter-se-ia ela instalado no Dorchester, em Londres? Fosse onde fosse que viesse a encontrá-la, tinha a certeza de uma coisa: não delataria a sua presença, não lhe daria tempo para atuar, não lhe telefonaria para combinar um encontro ao qual, além dela, iria provavelmente encontrar os *katsas* da Mossad; iria surpreendê-la, razão pela qual necessitava de confirmar onde é que ela se encontrava.

Começou pelo Ritz, em Paris. Deteve-se na receção com um ramo de vinte e quatro rosas e entregou-as à empregada.

– São para *Madame* Gulemale. – Desconhecia o apelido, embora tivesse calculado que aquela informação iria chegar.

– Ela saiu – participou-lhe a empregada.

– Será que volta cedo?

– Não saberia informá-lo. Quer deixar as flores aqui? Nós ocupar-nos-emos de as manter na água até que *madame* regresse.

– Muito bem – disse e pensou: «Missão cumprida»; quisera averiguar se a congoleza se hospedava no Ritz e acabava de o conseguir com espantosa facilidade.

Montou guarda no L’Espadon, um dos bares do hotel. Passadas cinco horas, várias chávenas de café e após ter lido quatro jornais, viu-a avançar, majestosa, pelo centro do salão, envolta num casaco de pele de visom que a cobria por completo, com a cabeleira solta e mais longa do que nunca, exótica com aquela madeixa loura que nascia na frente e pendia para trás. Os empregados de mesa sorriam-lhe e cumprimentavam-na, e os clientes voltavam as cabeças à sua passagem. Rauf levantou-se, dobrou o *Courrier International* e depositou-o sobre a mesa antes de caminhar em direção à mulher.

– Gulemale – chamou-a, enquanto um empregado de mesa a ajudava a tirar o casaco. A congoleza voltou-se com um sorriso, que se desvaneceu ao descobrir um rosto desconhecido.

– Quem é você? – perguntou, logo que o empregado se afastou. – Porque é que me trata com tanta familiaridade?

– Somos amigos.

– Não o conheço, senhor, pelo que lhe pedirei que se retire e me deixe sozinha.

Al-Abiyia achou aquela exibição divertida e desatou a rir.

– Não sei o que é que lhe parece tão engraçado. Por favor, vá-se embora.

Gulemale ocultou a surpresa enquanto sustinha o olhar dele, ponderando entretanto as alternativas e as suas consequências. Indispor Saddam Hussein, um dos ditadores mais brutais do mundo, não estava certamente nos seus planos.

– Não sei onde é que está o teu sócio, Rauf. Chegou a minha casa lá para o fim de maio. Desapareceu no dia 25, de madrugada.

– Desapareceu de tua casa? – pasmou-se o Príncipe de Marbella.

– Sim, com a ajuda do genro. A Mossad ia, presumivelmente – mentiu a mulher, simulando desconhecimento –, atacar a minha casa para o levar dali naquela noite.

– O genro? Qual genro?

– Eliah al-Saud, o noivo da sua filha Matilde.

– Quem diabo é esse?

– Oh, Rauf, tu não queres cruzar-te no seu caminho. Asseguro-to eu.

O momento da despedida aproximava-se. Angelie, sentada junto à cama de Kabú, observava-o enquanto ele dormia. Três dias antes, tinham-no submetido à última cirurgia reconstrutiva para lhe implementar novos enxertos, e a criança ainda se sentia dorida e inquieta. Por sorte, dormia, embora lhe tivesse exigido que o despertasse quando Nigel Taylor se apresentasse para se despedir. Naquele dia, terça-feira, 15 de dezembro, depois de quatro meses de internamento, o inglês iria deixar o hospital Chris Hani Baragwanath: o seu rosto ainda estava inchado e manchado por causa das nódoas negras, e com derrames nos olhos, mas, dia após dia, iria recobrar o aspeto normal.

Desde a proposta de casamento que Taylor tinha, sem dúvida, enunciado sob o efeito da anestesia,

que Angelie se mantivera afastada. Visitava-o pouco, e só com a desculpa de ir buscar Kabú, que preferia passar o tempo com o inglês. Não conseguia verificar se por trás da fria cortesia de Nigel Taylor se escondia um coração destroçado, ofendido pela recusa, ou enojado consigo próprio por ter pedido uma freira desenxabida em matrimónio. Questionava-se acerca daquilo que o inglês teria pensado ao propor-lho. Sem dúvida que a droga da anestesia lhe toldara o entendimento. Porém, às vezes assaltava-a uma vontade louca de correr para o seu quarto, de cuidar dele e de o mimar, como havia feito até aquela proposta brotar dos seus lábios secos. A verdade é que também desejava aceitá-lo como esposo e renunciar à vida como missionária. De um momento para o outro, aquilo que constituía o eixo da sua existência esfumara-se: no seu lugar, encontrava-se Nigel.

Angelie olhou para a revista que descansava sobre a mesa de cabeceira e agradeceu a Deus por não se ter precipitado nos momentos em que a sua alma fervilhava, estimulada pelo sonho de se converter na senhora Taylor. Dias antes, pegara na publicação por acaso (ou talvez não, meditava), enquanto aguardava notícias do Dr. van Helger, que operava Kabú pela terceira vez; inquieta e assustada, folheara a revista sem grande atenção. Havia uma secção dedicada às figuras sul-africanas com fama internacional, como Charlize Theron; o olhar de Angelie deteve-se sobre uma fotografia. Já não foi a tempo de suster o curto queixume que lhe brotou da garganta. A modelo Daphne van Nuart sorria para a câmara, enquanto posava sobre o braço do noivo, o empresário londrino Nigel Taylor. Procurou a data da revista: maio de 1998. Tratava-se, portanto, de algo recente. Aquela magnífica e escultural loura tinha-o provavelmente visitado no Chris Hani Baragwanath sem que ela o tivesse sabido. Esforçou-se por ficar ofendida e irritada e só se sentiu feia, velha e insignificante. Decidiu conservar a publicação.

Naquele momento, prestes a despedir-se de Nigel Taylor para sempre, lançou uma olhadela à fotografia de Daphne van Nuart, que se convertera num baluarte, na melhor defesa contra o atraente inglês e os seus sonhos irrefletidos e precipitados; empertigou-se na cadeira, simulando decisão e firmeza, que se converteram em tremores e palpitações assim que ouviu baterem à porta. Entreabriu-a, espreitando pela fresta. Taylor sorriu-lhe sem entusiasmo e Angelie teve a certeza de que, com a língua colada ao paladar, não iria conseguir articular nem uma palavra. Acabou de abrir a porta e afastou-se para lhe franquear a passagem.

Kabú remexeu-se sobre as almofadas e abriu os olhos. Tentou sorrir sob as ligaduras e esticou a mão em direção a Taylor, cuja pressa em lhe pegar e o modo como a beijou emocionaram Angelie. Manteve-se afastada, num aturdimento de tremores, eriçamentos, palpitações e lágrimas. «Terei de me aproximar», pensou: em muitas ocasiões, o francês de Taylor não bastava para que o menino o compreendesse.

- Como te sentes? – ouviu-o a perguntar a Kabú.
- Doía-me, mas *sœur* Angelie chamou a enfermeira e já passou.
- Muito bem. Tu és o menino mais valente que conheço.
- Tu também és valente, Nigel.
- Que tal a minha nova cara? – perguntou-lhe o inglês, com uma disposição brincalhona; esticou o

pescoço, virando-o para revelar o lado esquerdo, o que fora destruído pelo estilhaço da granada.

– Um desastre – respondeu o menino e Taylor conteve-se para não se voltar, atraído pela gargalhada de Angelie. Imaginou-a a cobrir a boca e a encolher os ombros.

– Sim, não é? Estava melhor antes.

– Oh, não! – exclamou Angelie. O rosto dela aqueceu de repente, envergonhado pela própria sinceridade e pela forma como Taylor a olhava, por cima do ombro, com um olhar simultaneamente incandescente e ressentido.

– Gostas da minha nova cara, Angelie? – perguntou-lhe em inglês; ela não pestanejou nem respirou. – É estranho. Julguei que te causava repulsa.

Como poderia ela sonhar ser a esposa de um homem daquela estatura se, perante um comentário, ficava perplexa, muda, sem fôlego e com taquicardia, tal qual uma adolescente inexperiente? Nunca aprenderia a mover-se nos círculos de gente rica e aristocrática nos quais ele brilhava; iria envergonhá-lo.

Nigel Taylor sorriu-lhe com ar malévolo e voltou a cabeça para o menino com lentidão deliberada.

– Quando é que te dão alta?

Kabú encolheu os ombros em sinal de desconhecimento, pelo que o inglês voltou a olhar para Angelie, que pigarreou antes de responder:

– O doutor van Helger prometeu-nos que passaríamos o Natal na missão. Se Deus quiser, no dia 23, ao meio-dia, iremos embora.

– Eu virei cá buscar-te, Kabú.

– Oh, mas isso não será necessá...

– Eu virei cá buscar-te – insistiu Taylor com voz tonitruante, e Angelie deu um passo atrás. – Cuida bem de ti, Kabú, para que o doutor van Helger não tenha razões para te reter mais tempo.

Kabú abraçou o pescoço do inglês e choramingou:

– Vou sentir a tua falta.

– Eu também, meu amor.

Ele nunca lhe chamara «meu amor». Pronunciara a expressão em inglês, *my love*, e Angelie garantiu a Kabú que a traduziria mais tarde. Ao passar junto dela, Taylor deteve-se e ordenou-lhe:

– Acompanha-me, Angelie. Quero falar contigo.

A alegria e o pânico assaltaram-na em conjunto e com o mesmo vigor. Girou sobre os pés, atarantada, até que Taylor a agarrou pelo cotovelo e a arrastou para fora dali.

– Eu sei que não te sou indiferente, Angelie, apesar disto – afirmou Nigel, indicando as cicatrizes e as nódoas negras.

– Claro que não! – scandalizou-se. – A tua ferida não me importa absolutamente nada.

– Então porque é que tens estado fria e distante comigo desde que te pedi que fosses minha mulher?

– Não digas isso! Não suporto que o digas!

– O quê? Minha mulher? – Angelie assentiu, de olhos fitos no chão. – Eu quero que sejas minha

mulher – repetiu, com um sorriso entre o maligno e o terno. – Quero que te cases comigo e que venhas viver para minha casa em Londres e que durmas comigo todas as noites e que façamos amor muitas vezes... – Taylor deu uma gargalhada perante o rosto horrorizado de Angelie. – Fazer amor assusta-te? É isso? – Angelie negou aquilo com uma sacudidela da cabeça, embora pensasse que sim, que *aquilo* também a aterrava. – Se não me rejeitas pelo meu aspeto, se o meu aspeto não te causa repulsa, há algo que te perturba. Eu quero que mo digas.

– Eu sou freira – sussurrou, numa voz tão baixa que Nigel se agachou para a ouvir.

– Que se lixe! Não me venhas com essa, Angelie! Crês que sou estúpido, que não sinto o mesmo que tu? Que não me apercebo de como me observas quando julgas que não estou a olhar para ti?

«Oh, bem», pensou a religiosa, «pelo menos, tenho a certeza de uma coisa: ele tem um ego maior do que a cúpula do Vaticano». Não obstante, aquele defeito, em vez de a desiludir, impeliu-a a amá-lo com renovada devoção, como se o defeito o aproximasse mais dela, daquela coisa pouca que era. Viu-o a consultar as horas, obviamente num *Rolex* cujo preço ela não queria saber, e a ensaiar um gesto impaciente.

– Tenho de me ir embora. – Angelie sufocou uma exclamação quando Taylor a agarrou pelos braços e a obrigou a pôr-se nas pontas dos pés para a aproximar da sua boca. – Eu próprio virei buscar-vos a 23, Angelie. E tu e eu falaremos seriamente. Espero que tenhas uma boa desculpa para me dares pelos maus-tratos destes últimos dois meses...

– Maus-tratos? Eu...

– Maus-tratos – repetiu, com os lábios próximos dos dela. – Evitaste-me até não poderes mais e, sempre que estivemos juntos, trataste-me com desprezo.

– Desprezo! Que disparate!

– Sim, foi de facto um disparate! – Taylor agarrou-a pela nuca e pela cintura antes de se apoderar da sua boca. Sem considerações, de modo violento, e embora adivinhando que se tratava do primeiro beijo de Angelie, obrigou-a a separar os dentes para penetrar a sua boca virgem. Aquela ideia, a da virgindade, excitou-o, quando há tempos a teria julgado um estorvo. Impaciente por natureza, preferira as suas conquistas com experiência: detestava os melindres e as cenas de pânico que associava à imperícia.

Embora tivesse começado com frieza intencional, quase como um ato de vingança, o beijo foi-se prolongando, desenfreado, de uma forma que Taylor não calculara. Engoliu Angelie com lábios famélicos ao mesmo tempo que penetrava e lhe acariciava o interior da boca com ânsia inesperada, alheio à atividade do hospital e aos que os observavam, incrédulos. Por trás da nuvem de desejo repentino, ouvia-a queixar-se e remexer-se, instando-o a refrear-se sem o conseguir. Apercebeu-se então que a respiração cálida de Angelie lhe golpeava a pele, e aquele simples facto provocou-lhe uma ereção. Ela não tardou a ficar quieta e a render-se, e Taylor suspirou ao sentir que ela se agarrava à sua nuca e que as suas mãos, pequenas e obsequiosas, se enredavam no seu cabelo, agora comprido. Os movimentos de Angelie, a maneira como reagia ao seu beijo, a forma como utilizava o corpo,

evidenciavam a sua falta de prática, o seu desconhecimento, a sua inocência. Ele estreitou o abraço, refreou as carícias e afundou a penetração até lhe alcançar a garganta. Soltou-a pouco depois, olhou-a fugazmente e, antes que ela abrisse os olhos, deu meia-volta e afastou-se pelo corredor.

Angelie não se atreveu a erguer as pálpebras senão vários segundos depois, até a sua audição lhe indicar que Taylor tinha desaparecido. Estremecendo, abraçou-se e pousou uma mão sobre os próprios lábios, quentes, húmidos e palpitantes. Emitiu uma curta exclamação no instante em que tomou consciência daquilo que acabava de suceder. Correu para dentro do quarto, pegou na revista e folheou-a com um desespero que chamou a atenção de Kabú. Fixou-se na fotografia de Daphne van Nuart e de Taylor para recuperar o senso comum; não obstante, a sua convicção já não era tão firme.

Na terça-feira, 15 de dezembro, por volta das dez da noite, Matilde regressou, escoltada por Markov, ao apartamento da Mãos Que Curam, na rua Omar al-Mukhtar. Ceara em casa de Al-Muzara para celebrar o aniversário de Amina. Também festejavam o regresso de um amigo, Ibrahim, depois de dez anos na prisão.

– Não deve existir família na Faixa de Gaza que não tenha, ou não tenha tido, um familiar na prisão – explicou-lhe o imã Yusuf Jemusi.

Tinham prendido Ibrahim em «Ansar 3», a prisão israelita situada no deserto do Neguev, em 1988, durante a Intifada, quando contava apenas dezassete anos. Fora condenado a dezoito anos de prisão: graças aos acordos de Oslo, a pena fora reduzida e pudera sair em liberdade. Sabir conhecera-o durante o seu próprio cativeiro.

Matilde observava Ibrahim através da mesa: reparou que estava taciturno, e perguntava-se que género de vicissitudes teria suportado no cárcere, para parecer tão alquebrado.

A médica meditava ainda acerca do povo palestino, enquanto introduzia a chave na porta do seu apartamento. Ao entrar, entrevistou Mara Tessio ao telefone. A sua companheira italiana surpreendeu-a com um sorriso, um gesto que Matilde não lhe conhecia.

– *Ah, eccola qua! Matilde è appena arrivata.* – Dirigiu-se a Matilde em inglês: – Matilde, o teu noivo ao telefone. – Passou-lhe o auscultador. – Não sabia que te ias casar.

Matilde recebeu o telefone e destinou à companheira um olhar aturdido. «Não sabias», pensou, «porque nunca me diriges a palavra».

– Olá.

– Olá, meu amor.

A voz de Al-Saud provocou-lhe um estremecimento. Apertou o punho em torno do auscultador e semicerrou os olhos.

– Sinto a tua falta – disse. – Muitíssimo.

Al-Saud sorriu e recostou-se na poltrona do avião. Uma sensação agradável percorreu-lhe o corpo e afrouxou-lhe os músculos, retesados desde a reunião na sede da *L'Agence*. Só Matilde detinha a habilidade e o poder de o resgatar dos obscuros cismas nos quais a decisão que acabava de tomar o fazia

afundar-se.

– Ah, sim? Nem metade daquilo que eu sinto, com certeza.

– O dobro. Onde estás?

– No meu avião, a caminho de Paris. Hoje tive uma reunião em Londres, algo que surgiu no último momento, no domingo.

– Sim, eu sei. Recebi hoje a carta que enviaste pela Diana.

Matilde meteu a mão na *shika*, que ainda lhe pendia do ombro, e retirou a missiva. Cheirou-a; conservava um rasto de *A Men*, que devia impregnar a mão com a qual ele lhe escrevera aquelas linhas em francês. Comoveu-se ao repassá-las mentalmente. *«Amor da minha vida. Trinta e um de dezembro de 1997, o dia em que o teu cabelo chamou a minha atenção no aeroporto de Ezeiza – nunca imaginei que seria o começo de algo tão grande e sublime que, às vezes, me corta a respiração. Sou feliz, Matilde. Nunca antes o tinha sido, não deste modo tão pleno. Tu fazes-me feliz. Reverencio cada momento contigo: no avião, em Paris, em Ruão, em Londres, em Rutshuru; mas os dias vividos dentro do quarto do Rei David converteram-se na recordação mais poderosa e importante da minha vida. Senti a tua confiança, a tua entrega, o teu amor – ao recebê-los, converti-me numa pessoa melhor. Por te amar, eu sou melhor, já to disse. Não sei o que é que tu obténs ao amares-me (talvez nada), mas quero que saibas que podes usar-me como teu apoio, a tua rocha. Estarei sempre a teu lado para aquilo que quiseres.»*

– E? Que me dizes? – quis saber Al-Saud.

– Amor da minha vida – disse ela com o acento e a disposição de quem vai escrever uma carta –, eu amo-te mais do que a tudo o resto: do que à vida, à morte ou ao tempo. Se for verdade aquilo que Juana afirma – que vivemos uma infinidade de vezes e que nos reencontramos sempre com aqueles que amámos noutras vidas –, eu prometo-te que te amarei até ao meu último sopro. Não poderei evitar amar-te, uma e outra vez, adorado Eliah. O que é que eu obtenho ao amar-te? A possibilidade de, pela manhã, quando abro os olhos, sorrir e sussurrar o teu nome. Digo: «Eliah» e penso em quanto a vida é bonita só porque fazes parte dela. Tu dás sentido a tudo, meu amor. Mudaste-me de uma maneira tão profunda, sinto que cresci tanto a teu lado, que me curaste com as tuas mãos e me libertaste dos grilhões e fantasmas que me aterrorizavam. És o meu redentor e, até teres irrompido na minha vida, não sabia que caminhava a arrastar a alma.

No silêncio que caiu sobre a linha, ambos ouviam os esforços mútuos para reprimir a emoção. Al-Saud conseguiu desfazer o nó que lhe atava a garganta, implorando:

– Matilde, jura-me que nunca mais nos vamos separar.

– Juro-to, Eliah. Nada voltará a interpor-se entre nós. Só Deus poderia separar-nos, mas, agora, Ele querera que sejamos felizes. – A médica pigarreou e continuou, de modo mais casual: – Como te correram as coisas em Londres?

– Como te contei, chamaram-me para uma reunião urgente no domingo à noite, e arruinaram os meus planos de ir a Gaza para te ver.

– Quando virás?

– Lá para o fim da semana, talvez. Amanhã planeio ficar em Paris. Aproveitarei para me ocupar de uns assuntos, e assinar os papéis necessários para o nosso casamento. Irei com certeza necessitar de uma fotocópia do teu passaporte, e talvez da tua certidão de nascimento. Thérèse dir-mo-á amanhã.

– Posso pedir a Juana que requeira uma cópia da certidão. Quando falámos, disse-me que planeia ir a Córdoba, com Shiloah, pelo Natal.

– É uma boa ideia. Amanhã confirmo-te se é necessário que lha peças.

– Como estás? – quis saber Matilde. Al-Saud apertou as pálpebras: estava cansado e preocupado.

– Com vontade de estar contigo.

– Morro pelos teus abraços.

– E por fazer amor comigo?

Matilde ronronou e Al-Saud riu baixinho.

– Não me faças pensar nisso se estás a milhares de quilómetros de distância. É cruel.

– Quando são as tuas folgas?

– Sexta-feira e sábado.

– Na sexta, irei buscar-te ao posto fronteiriço de Erez e passaremos o fim de semana no Rei David.

Que te parece?

– Queria que já fosse sexta.

– A que hora queres que esteja aí?

– Acabo o meu turno às sete da manhã. Às oito, oito e meia, se o posto fronteiriço não estiver muito complicado, eu estarei do outro lado.

– Matilde?

– O que é, meu amor?

– Juana contou-me há tempos... Bom, disse-me que tu, devido à operação que te fizeram...

– Eliah, não fiques nervoso, nem incomodado. Eu quero que falemos abertamente do cancro e da minha esterilidade. Tu ensinaste-me que eu não tenho de me envergonhar por causa disso.

– É claro que não tens de nada de que ter vergonha!

– Então, porque é que estás nervoso?

– Não quero que penses que me imiscuo nas tuas coisas.

– As minhas coisas são as tuas coisas.

– Quero perguntar-te pela medicação que tens de tomar, e como é que a consegues aí em Gaza. Como disseste que às vezes faltam coisas básicas, achei que algo mais complicado ia ser ainda pior...

– Eu amo-te, Eliah. – Al-Saud sorriu e descontraiu-se, apoquentado pela necessidade dela, do seu corpo, do seu fôlego, do seu olhar. – Amo-te por pensares nisso quando sei que tens mil coisas na cabeça. Não te preocupes, meu amor. A Mãos Que Curam encarrega-se de os comprar em Paris e de mos enviar. Foi assim no Congo.

– E o que é que acontece se eles se esquecerem de o fazer ou se não chegam a tempo? Ou se os

israelitas fecharem a Faixa e os medicamentos não puderem entrar?

– Nessa eventualidade extrema, nem tu mos poderias trazer.

– Oh, eu conseguiria, não tenhas dúvidas.

– Sim, imagino que sim – sorriu Matilde. – És um homem de muitos recursos. Sentir-te-ias mais tranquilo se te desse o nome dos medicamentos e mos trouxesses na sexta-feira?

– Sim.

– Então toma nota. – Depois Matilde perguntou-lhe, num tom brincalhão: – O que é que disseste à Mara, a rapariga que te atendeu o telefone? Ela sorriu-me pela primeira vez.

– Disse-lhe que era o teu futuro esposo e falei-lhe em italiano quando me apercebi do seu sotaque. Isso fê-la amaciar.

– Diz outra vez que és o meu futuro esposo.

– Para mim, já sou teu marido. Disse-te uma vez que não preciso que um funcionário, um padre ou um imã me digam que tu e eu estamos unidos para sempre.

– Sim, basta apenas que nós o saibamos – concordou Matilde, e Al-Saud apercebeu-se da sua apatia.

– E tu, meu amor, como estás? Sentes-te bem?

Matilde suspirou: não lhe queria contar que os três casos de cólera que se tinham apresentado naquele dia a preocupavam porque o iria angustiar em vão. Acreditava que iriam controlar o surto e que aquilo não iria ganhar maiores dimensões. O Ministério da Saúde da Autoridade Nacional Palestiniana fora imediatamente avisado para que analisasse a água do campo de refugiados de Nuseirat, de onde provinham as três crianças contagiadas.

– Estou boa... Um bocado cansada.

– É tarde. Porque é que chegaste tão tarde? Eu fiquei preocupado quando a tua companheira me disse que ainda não tinhas chegado.

– Com Markov e Diana colados a mim? – troçou. – Fica tranquilo. Nada de mau se irá passar comigo.

Al-Saud mordeu o lábio e apertou o punho sobre o joelho. Ela não podia calcular a extensão da sua angústia.

– Eu sei que nada de mau se irá passar contigo, mas não consigo evitar a preocupação.

– Quando voltas a Jerusalém?

– Provavelmente quinta-feira à noite ou sexta de manhã cedo, para poder estar em Erez às oito. Na quarta-feira, pelo caminho, farei escala em Itália: vou visitar o Kolia.

– Ah, que vontade de ir contigo, de lhe pegar ao colo e de o beijar! Por favor, Eliah, por favor, tira uma fotografia com ele e traz-ma de presente. E quando o tiveres nos braços, dá-lhe muitos beijos da minha parte. Prometes-mo?

– Prometo-te tudo isso.

A alegria perceptível na voz de Matilde fê-lo feliz, e Eliah voltou a recostar-se, esticando as pernas. Encheu-se de paz e arredou da mente a responsabilidade que a empresa titânica que lhe tinham

encomendado há algumas horas iria implicar.

Aquele dia, terça-feira, 15 de dezembro, começara em Londres, quando o seu *Gulfstream V* aterrou no aeroporto London City. Tal como o seu velho comandante, o general Raemmers, lhe assegurara, um *Mercedes Benz* azul aguardava-o na pista. Os empregados do aeroporto nem sequer se aproximaram para requererem a documentação. Al-Saud entrou no automóvel, o qual, meia hora depois, entrava no edifício de uma velha fábrica abandonada na qual, vários metros debaixo de terra, se encontrava uma das bases de serviços de informações mais avançadas do mundo; um sítio que, durante algum tempo, fora tão familiar a Eliah al-Saud quanto a sua casa paterna em Paris.

Assim que os sistemas o alertaram acerca da chegada de Al-Saud, Raemmers apertou os botões do casaco e encaminhou-se para a área dos elevadores, a fim de o receber. As portas abriram-se e o general dinamarquês sorriu com alegria genuína ao ver quem ele considerava um dos melhores soldados entre todos com que trabalhara. Era uma pena que não fosse mais submisso, ou que aceitasse a cadeia de comando sem questionar muito: na sua postura hierática e na severidade da sua expressão adivinhavam-se as complexas arestas da sua personalidade. O general soubera-o desde o princípio: os psicólogos e o psiquiatra encarregados da avaliação do Cavalo de Fogo tinham-no advertido de que se tratava de um homem que não aceitava a autoridade, nem sequer a paterna, pelo que era inadequado para um grupo de elite militar. No entanto, aquela absoluta segurança em si próprio, o ego gigantesco que possuía e a necessidade de dominar através de uma subtil rede que entrelaçava em torno dos outros, eram a âncora na qual radicava a força inigualável daquele homem. Outras qualidades ajudavam a esconder o defeito, como o domínio fluente de várias línguas, a destreza para pilotar aviões de guerra – era piloto condecorado da *L'Armée de l'Air* – e a competência numa série de disciplinas de artes marciais orientais, como o ninjútsu, o *Shorinji Kempo* e o karaté, do qual era cinturão negro, sexto *dan*. Raemmers ainda se lembrava de uma demonstração de *Taijutsu*, uma das técnicas que formam o ninjútsu, que consiste em lutar corpo a corpo, feita por Al-Saud. Naquela ocasião, Al-Saud exigira ao seu opositor que se armasse com um *nunchaku* – uma matraca – enquanto solicitava que lhe atassem as mãos. Minutos depois do início do combate, os outros alunos e treinadores do ginásio da *L'Agence* tinham abandonado os seus treinos para observarem aquela maestria na arte da luta.

«Deve ser importante, para que o general se ter incomodado a vir até aqui e me receber pessoalmente», cismou Al-Saud ao sair do elevador. Apertaram as mãos antes de empreenderem o caminho até ao coração da base a partir da qual se vigiava o mundo.

– Tenho de te avisar – disse Raemmers – que temos convidados. – Al-Saud continuou a caminhar e disfarçou a surpresa por trás da seriedade imperturbável dos seus olhos; o acesso de estranhos ao quartel-general da *L'Agence* era raro. – A gravidade da informação que me forneceste em Milão ultrapassava-nos, e o secretário-geral decidiu dividi-la com os governos de França, do Reino Unido e dos Estados Unidos que, por sua vez, o participaram à CIA, ao SIS, à DGSE (Raemmers estava a falar da *Direction Générale de la Sécurité Extérieure*, o serviço secreto francês) e à Mossad.

– À Mossad? Israel não faz parte da NATO.

– Eu sei – manifestou o general, de semblante carregado – mas Israel é o aliado número um dos Estados Unidos e foram os norte-americanos que exigiram que fossem convocados, sendo, tal como são, o principal alvo iraquiano.

Ao entrar na sala de reuniões, Al-Saud não ficou surpreendido ao deparar-se com Ariel Bergman. Ambos trocaram olhares que denunciaram o desagrado mútuo. Raemmers apresentou-lhe Jerry Masterson, da CIA, perito no Médio Oriente, Albert Seigmore, do SIS e a Germain Mureau da DGSE. Quando foi a vez de Bergman, Al-Saud interrompeu o seu antigo comandante e esclareceu:

– Eu já conheço o senhor Bergman. – O outro limitou-se a inclinar a cabeça.

Cumprimentou os antigos companheiros, com os quais planeara tantas missões, com um abraço, e tomou assento no lugar habitual, apreciando o facto de o terem deixado livre. Depois do café e da água terem sido servidos, Raemmers entrou no tema.

– Quem é a sua fonte? – disparou Bergman.

– Não o revelarei – respondeu Al-Saud, com o olhar fixo no general dinamarquês. – Se me convocaram para que lhes proporcione esse dado, desperdiçaram o vosso tempo e o meu.

– Senta-te, Cavalo de Fogo – pediu-lhe Raemmers. – Não te chamámos para nada desse estilo. Senhor Bergman, agradecer-lhe-ia que me permitisse terminar a minha exposição.

– Sinto muito, general.

Durante a exposição de Raemmers, Al-Saud percebeu que os olhares dos agentes secretos se fixavam nele, como se procurassem a resposta a uma adivinha; começava a intuir que a convocatória não se limitava a um interesse em extrair mais informação, mas uma questão de maior relevância.

– Este é o ponto – explicou Raemmers – onde para a informação que o Cavalo de Fogo me proporcionou no primeiro de outubro. Durante este tempo, temos estado ocupados a investigar os nomes e as situações.

Um ecrã transparente desceu por trás da alta figura de Raemmers e iluminou-se com a fotografia de Udo Jürkens. Um dos colaboradores da *L’Agence*, o chefe do Departamento de Informática, que não só administrava os complexos sistemas dos quais a organização se servia como recolhia os dados, pôs-se de pé e expôs o que sabia acerca do berlinense; nada de novo para Al-Saud. Sucederam-se as fotografias de Roy Blahetter e do seu avô, dono de um dos laboratórios mais importantes da América do Sul; falaram bastante sobre a morte do engenheiro nuclear argentino e, com um programa informático, compararam a fotografia de Jürkens com o retrato-robô esboçado graças ao contributo da enfermeira do hospital Européen Georges-Pompidou, de serviço na noite do crime.

Al-Saud endireitou-se na poltrona quando o chefe do Departamento de Informática anunciou que iam exhibir a única fotografia de Orville Wright que tinham obtido. Era de péssima qualidade, parecendo, como era efetivamente, a imagem congelada de uma câmara de vídeo-segurança de escassa definição.

– Este homem é um mistério – apontou ele. – Escreveu artigos para as revistas mais prestigiadas, trabalhou em algumas universidades norte-americanas e europeias, e, no entanto, pouco se sabe sobre ele. Os seus editores asseguram que lidam sempre com ele pelo telefone, por correio eletrónico e

tradicional. Parece evitar as fotografias ou a captação pelas câmaras das universidades onde trabalhou.

– Estivemos no MIT – interveio Jerry Masterson, o agente da CIA – e entrevistámos as poucas pessoas que mantiveram contacto com ele. Não dava aulas e passava a maior parte do dia fechado num laboratório do subsolo, investigando e escrevendo. Essas poucas entrevistas forneceram-nos os traços gerais que nos permitiram esboçar este retrato-robô – explicou, indicando ao chefe da Informática que o projetasse no ecrã.

Al-Saud lançou o torso para diante, sobre a mesa e parou de respirar. «Gérard» pronunciou para si mesmo. «Não, não», corrigiu-se, «estou obcecado com esta ideia e *creio* vê-lo; mas não, ele não é assim». Um instante depois, o comentário de Germain Mureau, da DGSE, destruiu a sua convicção.

– Orville Wright. Esse não é o nome de um dos irmãos que construíram e pilotaram o primeiro avião?

«*Elijah, brincamos aos irmãos Wright? Eu sou o Orville e tu és o Wilbur.*» A recordação nublou-lhe a vista e, ao esticar a mão para pegar no copo de água – a sua língua colou-se imediatamente ao céu da boca de modo doloroso –, reparou, com um estranho sentimento de alheamento, que a mão lhe tremia. «Não», insistiu, «quantos Orville Wright existem no mundo? Milhares, talvez milhões», especulou. Convenceu-se de que se tratava de uma presunção vã; não obstante, no seu interior algo acabava de se quebrar: a confiança que Gérard Moses lhe tinha sempre inspirado. As implicações de Orville Wright e do seu melhor amigo serem a mesma pessoa eram tão atrozes e sinistras que Elijah rejeitou a ideia e preferiu concentrar-se em Ariel Bergman, que se levantara para mencionar o roubo de várias toneladas de bolo amarelo, o que o fez evocar a conversa com Aldo Martínez Olazábal. Sem dúvida que o Príncipe de Marbella conseguira alcançar o objetivo que Mohamed Abu Jihad havia falhado.

– Tratou-se de um roubo digno de um filme de Hollywood. Usaram piratas somalis para atracarem o barco e, durante a noite, descarregaram os barris com urânio e passaram-nos para outra embarcação, segundo supomos. Uma missão arriscada, quase impossível. Temos estado a analisar o tráfego naval entre o Corno de África e a costa do Iraque que, como sabemos, é um dos mais intensos do mundo; centenas de navios poderiam ter transportado essa quantidade de bolo amarelo.

– Existe a certeza de que o bolo amarelo era para Saddam? – perguntou Albert Seigmore, o agente inglês.

– Tendo em conta a informação de que dispomos – aqui, Raemmers tomou a palavra –, sim, estamos quase certos de que o urânio era para ele; e, o que é ainda pior, que acabou nas suas mãos. O roubo, como lhes expliquei ao princípio, ocorreu na noite de 20 de outubro, há quase dois meses, o que nos leva a deduzir que Hussein conta já com o mineral em bruto para pôr as centrifugadoras em funcionamento.

– Outro dado que poderia ser julgado irrelevante nesta análise, mas na minha opinião não é – prosseguiu Bergman –, é o das tentativas de roubo de aviões de guerra, a primeira das quais ocorreu há meses no aeródromo da fábrica que a Dassault possui em Istres, no sul de França, quando se apropriaram de um *Rafale*, que acabou por explodir no ar, matando o piloto. O outro foi perpetrado no

fim de setembro. Tratou-se da subtração de um *Mig-31* exposto na exposição aérea Aero India, em Bangalore. Dessa vez, o piloto foi resgatado com vida. O homem fora ameaçado e obrigado a sequestrar o avião: por quem nem o próprio sabia. Ainda assim, deu-nos as descrições dos seus rostos, embora isso não nos tenha ajudado. A família do piloto apareceu morta após do fracasso da missão.

– Se pusermos todas as peças na mesa – propôs Raemmers –, quer dizer, o invento de Roy Blahetter nas mãos de Saddam, o roubo de duzentas toneladas de bolo amarelo e as tentativas de roubo de aviões, podemos inferir que o presidente iraquiano não só se propõe criar um arsenal de armas nucleares, como também está a planear lançá-las sobre uma ou mais cidades.

– Porquê supor a última coisa? – questionou o agente francês. – Apenas porque tentaram roubar dois aviões? Já aconteceu antes. A espionagem industrial, sobretudo entre empresas produtoras de tecnologia, é normal. Além disso, para que é que o Iraque quereria roubar aviões, se tem uma frota de *Mirages* e *Migs*?

– Tinha – interveio Al-Saud. – Depois da Guerra do Golfo, é sabido que ficou reduzida a nada. Além disso, se Saddam ainda conserva alguns caças, essas aeronaves não receberam manutenção durante anos. E, asseguro-vo-lo eu, uma máquina daquelas tem de receber os mesmos cuidados de um bebé recém-nascido para funcionar corretamente. Se é verdade que pretendem violar o espaço aéreo de um país e lançar uma bomba atômica, terão de o fazer com um avião de última tecnologia e que se encontre em perfeito estado.

– Os observadores da ONU, peritos em armas e em aviões que vivem o Iraque desde 1991 – contribuiu Raemmers – enviaram-nos um relatório que coincide com as conjecturas do Cavalo de Fogo. Ainda têm aviões, mas estão em mau estado. Como é óbvio, e como parte das sanções da ONU devido à invasão do Kuwait, estão proibidos de comprar peças e de os reparar. Toda esta informação, meus senhores – a inflexão no tom do general anunciou que se aproximava o momento de decidir a ação –, põe-nos perante uma situação crítica. É evidente que Saddam pretende bombardear uma cidade com as suas bombas atômicas; talvez mais do que uma. Os seus inimigos são muitos; não obstante, nós cremos que Israel, a Arábia Saudita e o Irão são os que mais hipóteses têm de se converter no objeto da sua ira.

– Que o plano propõe, general? – perguntou Seigmore.

– Proponho que nos infiltremos nas entranhas do regime de Bagdade e que descubramos onde se encontra o local, ou locais, nos quais estão a enriquecer o urânio para, tal como Israel fez em 1981 com o reator Osirak, os neutralizar. Não sabemos com quanto tempo contamos: talvez semanas, com alguma sorte. Se é verdade aquilo que a fonte do Cavalo de Fogo assegura, isto é, que a centrífugadora de Blahetter completa em dias aquilo que as tradicionais levam meses ou anos a conseguir, então, o tempo é o nosso pior inimigo.

Como era óbvio, Eliah al-Saud acabava de confirmar a sua presunção: eles queriam infiltrá-lo em Bagdade.

– Cavalo de Fogo – falou Raemmers. – Se bem te conheço, já sabes porque é que te convocámos.

– Sim, general. Mas não me parece.

– Escuta-me...

– Não, general – disse ele, pondo-se em pé. – Os meus dias como elemento da *L’Agence* acabaram.

– Tu és o único capaz de o fazer.

– General! – exclamou Al-Saud, rindo com ironia. – Quer-me fazer crer que, de entre todos os agentes franceses, ingleses, norte-americanos e israelitas, não existe um que possa levar esta missão a cabo?

– Nenhum com todas as suas qualidades, Al-Saud. – A voz de Bergman ficou suspensa na hostilidade que nasceu do olhar de Eliah. Entre eles, as questões tinham superado as meramente políticas e de negócios para passarem ao plano pessoal, desde que o irmão mais novo do *katsa* se apaixonara por Matilde.

– O domínio da língua e dos costumes de um país islâmico são fundamentais para uma missão como esta; por isso, necessitamos que se trate de um nativo ou de alguém que tenha nascido numa sociedade árabe. O Instituto *tinha* um agente árabe em Bagdade. Há meses que perdemos contacto com ele – confessou Bergman. – Calculamos que tenha sido descoberto, e não contamos com outro para iniciar esta missão. Não é fácil recrutar um espião com as condições que uma infiltração deste género exige.

Por seu turno, os agentes do SIS, da CIA e da DGSE garantiram não ter espiões no regime de Bagdade, desvalorizando os elementos com os quais contavam: ou não falavam árabe com fluência, ou não sabiam imitar o sotaque iraquiano ou não contavam com os traços físicos apropriados.

– O relatório elaborado pela equipa de psicólogos e psiquiatras – explicou Raemmers –, os mesmos da época em que trabalhavas para nós, Cavalo de Fogo, asseguram que tu és o homem ideal.

Al-Saud exalou pelo nariz, rindo sarcasticamente enquanto passeava o olhar sobre os seus interlocutores: se se negasse iriam começar a acontecer coisas estranhas aos seus bem, à sua empresa, aos seus aviões, à sua gente, até ele acabar por aceitar a missão. Era óbvio que não o estavam a convocar por capricho, mas sim porque careciam dos recursos adequados. Nunca o teriam enredado num assunto que constituía um dos pontos mais secretos e prioritários das agendas dos países do Ocidente de livre vontade – tinham-no feito porque a situação era de desespero.

– Vocês afirmam que o meu domínio do árabe é fluente, e assim é. É uma das minhas línguas maternas. No entanto, o meu sotaque é saudita, especificamente da zona Leste do país. Irão descobrir a minha origem mal declare «*salaam*».

– Cavalo de Fogo – interveio Raemmers – há anos, quando te convocámos para que tomasses parte da nossa equipa, uma das tuas qualidades que nos atraiu não foi somente o facto de falares fluentemente tantas línguas: foi também a tua capacidade de imitares sotaques. Alguns dias de preparação bastarão para que fales árabe com sotaque iraquiano.

Al-Saud fixou um olhar rancoroso no seu antigo comandante, que o susteve com dignidade até que o primeiro emitiu um estalido e afastou o olhar. Alguém tinha de descobrir onde se encontravam as malditas centrifugadoras para as destruir, refletiu. Se Saddam se armava com um arsenal atómico, o mundo iria converter-se numa caldeira em ebulição. Pensou em Matilde e nos filhos de ambos, Kolia e

Jérôme, e uma sensação ambígua acabou por lhe amargar o humor. Não queria arriscar-se porque a possibilidade de perder a vida e os deixar sozinhos era real; também não podia esquivar-se porque eles, os seus tesouros mais preciosos, habitavam o mundo que podia estar em perigo. Também ponderou que talvez fosse a única forma de descobrir quem era verdadeiramente Orville Wright.

– Os teus honorários serão generosos, Cavalo de Fogo – interpôs Raemmers.

– Oh, sei que sim, general, isto é, se eu decidir aceitar. Antes disso, gostaria de tratar de um assunto com o representante do Instituto. É privado. Poderia facilitar-nos um local para conversarmos?

Os restantes trocaram expressões de assombro; Bergman, por seu lado, continuou inescrutável. Raemmers assentiu e convocou pelo intercomunicador o seu assistente, que os levou para uma pequena sala anexa ao gabinete do general dinamarquês.

– O trauma dos cidadãos de Telavive depois da chuva de mísseis *Scud* que Saddam lançou sobre eles durante a Guerra do Golfo ainda não está curado – declarou Eliah, assim que o *katsa* atravessou o umbral e ele próprio fechou a porta. – Se a notícia de uma ameaça nuclear chegasse aos meios de comunicação seria aterrador. A população iria enlouquecer.

– Suponho que você se poderia servir dos diários do seu amigo Moses, *O Independente* e o *Últimas Notícias*, para propagar a informação.

– Oh, bom, talvez do *Últimas Notícias*. *O Independente* continua nas mãos do velho Gérard e ele, como ultra sionista, não iria publicar nada que pudesse prejudicar o governo de Israel. Já Shiloah é farinha de outro saco, como você bem sabe, com aquelas ideias de um estado binacional e tudo o mais. O bairro dele, Ramat Aviv, foi um dos mais castigados pelos *Scuds*, pelo que suponho que uma notícia deste teor o fosse interessar de sobremaneira.

– Eu conheço o seu método cobarde, Al-Saud. O que é que quer?

Al-Saud sorriu com uma careta destituída de alegria.

– Vinda de um membro do Instituto, que faz da extorsão uma das suas armas favoritas, essa acusação de cobardia é engraçada. Também – exprimiu, encolhendo os ombros –, não estamos aqui para discutir moral ou ética. É provável que a informação da ameaça nuclear nunca seja filtrada.

– O que é que quer?

– Na realidade, são você e o seu país que querem um serviço meu. Ou compreendi mal há um bocado?

– Não – admitiu o israelita, a contragosto. – Mas sei que você irá exigir algo em troca da sua infiltração no coração do regime baathista.

– Sim, irei fazê-lo. Exigirei que, qualquer que seja o resultado da minha missão em Bagdade, quer viva ou morra, quer descubra o segredo ou não, o Instituto elimine Mohamed Abu Jihad da sua lista negra. Quero que ele retome a sua vida normal, que possa andar livremente pelas ruas com a certeza de que nada de mau lhe irá suceder.

– Voltar à sua vida normal? – espantou-se o agente israelita. – Voltar a fornecer armas ao carniceiro de Bagdade, às Brigadas Ezzedine al-Qassam? É ele a sua fonte, não é, Al-Saud? Foi o pai da doutora

Matilde que lhe disse...

Ariel Bergman não conseguiu concluir: deu por si com a face esmagada contra o chão de mármore, as mãos seguras atrás das costas e um joelho de Al-Saud entre as omoplatas.

– Bergman, se voltar a pronunciar o nome da minha mulher, despoletará uma fúria tão gigantesca em mim que não sei do que é que serei capaz. Ela fica fora disto; fui claro? – Bergman assentiu contra o mármore. – Bem: agora que nos pusemos de acordo acerca deste ponto, podemos continuar a nossa conversa.

Al-Saud soltou-o e olhou-o do alto do seu metro e noventa e dois centímetros de altura enquanto o *katsa* se punha de pé e sacudia a camisa. Mediram-se a uma distância prudente. Para surpresa de Al-Saud, não descobriu ira nem rancor nos olhos azuis-celestes de Bergman, mas sim um ar arrependido, talvez mesmo envergonhado.

O israelita refletia que Al-Saud, como poucas vezes havia acontecido com um civil na história do seu país, os tinha a todos na mão: não só escondia documentação acerca das armas químicas que se produziam em Ness Ziona, como contava com todos os elementos necessários (nomes, datas, lugares e meio de comunicação) para armar uma confusão na imprensa com consequências imponderáveis. Na verdade, Israel não tinha modo de o pressionar a aceitar o papel de infiltrado. Decidiu mudar de tática; não se podiam dar ao luxo de perder alguém a quem o papel caía como uma luva.

– A sua mulher fica fora disto, e peço-lhe desculpas por a ter mencionado. Foi uma imprudência da minha parte. Sinto muito.

– Aceito as suas desculpas. Agora que este ponto ficou esclarecido, gostaria de voltar a Abu Jihad. Há algum tempo atrás, Bergman, dei-lhe a minha palavra de que ele não voltaria a comerciar armas, nem com Bagdade, nem com mais ninguém. Agora quero um juramento do seu governo que o eliminarão da lista negra e que nenhum acidente automobilístico ou de qualquer outra natureza se irá abater sobre ele. Não importa que eu morra na missão de Bagdade. Deixarei instruções precisas para que o inferno desabe sobre Israel caso algo mau lhe suceda, a ele ou a qualquer membro da sua família.

– Como imaginará, Al-Saud, não tenho autoridade para...

– Bergman, não me venha com invenções. Você é o chefe da Mossad na Europa.

– Não é como você imagina. Eu detenho um certo poder, mas uma decisão deste calibre obriga-me a consultar o *memuneh*. – Bergman aludia ao diretor da Mossad, Efraim Halevy. – Irei fazê-lo imediatamente. Pedirei ao general Raemmers uma linha segura e vou telefonar-lhe. De qualquer forma, ele aguarda uma chamada minha sobre o resultado da reunião.

Abandonaram a sala e voltaram sem falar, ao recinto onde os outros esperavam o veredito de algo que ignoravam. O assistente do general dinamarquês encarregou-se de fornecer a Bergman uma linha segura. Enquanto o *katsa* fazia a chamada, começaram conversas murmuradas entre os agentes e o pessoal da *L'Agence*. Raemmers aproximou-se de Al-Saud e inquiriu-o com o olhar.

– Decidiste aceitar?

– Tenho, por acaso, outra saída, general? Se eu não o fizesse, iriam começar os problemas com as

minhas contas bancárias, as minhas propriedades, os meus empregados... Um controlador fiscal qualquer do Ministério das Finanças iria tornar-se particularmente exigente e pesado ao rever as minhas declarações oficiais de impostos; mentiras voltariam a ser publicadas... Eu conheço este mundo, general. Iriam fazer-me a vida muito difícil.

Raemmers baixou o olhar antes de dizer:

– Eu não o aprovaria.

– Eu sei, general, mas o senhor não é o dono do circo.

– É bem verdade. Iremos preparar-te adequadamente, Cavalo de Fogo. E seremos o teu escudo enquanto lá estiveres.

– Quando eu estiver em Bagdade, general, serei o meu único escudo.

– Não, não. Temos muita experiência em infiltrações e contamos com tecnologia de ponta. Não te deixaremos sozinho.

Ariel Bergman deteve-se sob a ombreira da porta, procurou Al-Saud com o olhar e assentiu, baixando as pálpebras.

– General – expressou Eliah em voz alta –, aceito a missão.

Matilde, com Amina nos braços, aproximou-se da parede povoada de fotografias que adornavam a sala do *Silencioso*. Como de costume, os seus olhos procuraram a imagem de Eliah aos dezasseis anos. Esticou o braço e acariciou-a. Amina endireitou-se no ombro de Matilde e disse:

– Esse é o tio Eliah.

– Sim, tesouro, é o tio.

A médica sentiu o impulso de lhe enviar uma bênção. Desde o dia anterior, quando tinham falado ao telefone que uma inquietude sem origem nem sentido a assaltava. A inquietude, o medo, misturava-se com a ansiedade: cobiçava-o entre os seus braços, para o pôr a salvo dos perigos do mundo. Ela, com o seu metro e cinquenta e nove e os seus quarenta e três quilos – na realidade, alguns mais desde que estava em Gaza – iria protegê-lo do mal. Continuou a contemplar as fotografias até se deter numa do *Silencioso* com os irmãos, Anuar e Samara. Não lhe parecia estranho que Eliah se tivesse apaixonado pela irmã gémea de Sabir, que aos quinze anos fora uma preciosidade de cabelo comprido, negro e ondulado, e uns olhos que denotavam a sua origem árabe: escuros, profundos e misteriosos. Anuar, alto e magro como o *Silencioso*, embora com uma postura mais direita, fixava o olhar na objetiva da câmara com o cenho carregado e os lábios tensos. Entrevia-se no seu rosto uma alma atormentada pela morte dos pais e pela desdita do povo palestino.

O *Silencioso* aproximou-se com o ritmo impercetível que o caracterizava e ficou-se ao seu lado. O facto de Amina não tirar os braços de Matilde chamou-lhe a atenção. Não devia desconcertar-se, refletiu. Matilde era, sem dúvida, um espírito muito especial.

Sabir estendeu a mão e tocou a fotografia.

– Sinto a sua falta deles – admitiu. – Sinto falta de ter irmãos. Anuar e eu éramos bons amigos antes

de ele radicalizar e perder o bom senso.

– Não tens medo, Sabir? – sussurrou Matilde.

– Não. Oh, bom, talvez um pouco, por ela. – Assinalou Amina, que adormecera sobre o ombro de Matilde. – O nosso amigo comum – mencionou, risonho, e tocando na fotografia de Eliah – incumbiu dois dos seus homens de me protegerem.

– A sério?

– Sim. Mas há uns tempos pedi-lhe que os retirasse. Não me sentia cómodo com eles atrás de mim, por todo o lado. Tornavam-me conspícuo.

– Entendo. Porque é que vives em Gaza, Sabir?

– Parece incompreensível, não é?

– Não, não. É só que, com o teu prestígio e a tua fama, poderias viver comodamente em Paris ou onde desejasses. Aqui tudo é tão difícil, desde suportar os cortes de água até ao sufoco que advém deste cerco.

– Esta é a minha causa, Matilde, e a do meu povo. Embora os meus irmãos e eu tenhamos nascido em solo francês, os nossos pais inculcaram-nos o amor pela Palestina. Depois da sua morte... Bom, tudo se intensificou em nós, sobretudo em Anuar e em mim.

– Qual é o aspeto mais difícil de viver em Gaza?

O *Silencioso* expulsou o ar e fixou a vista na fotografia do seu irmão, o terrorista.

– É levantarmo-nos pela manhã e termos vontade de continuar a viver.

Matilde afastou a mão das costas de Amina e apertou a mão de Sabir, o qual, como a maioria dos palestinianos, apanhado entre a violência israelita e a da sua própria gente, parecia vergado e abatido.

– Não tens fotografias de Gérard Moses? – perguntou, para mudar de assunto. – Eliah falou-me dele mas eu não vejo nenhuma.

– Não, não tenho nenhuma. Gérard nunca se deixa fotografar.

– Deveras? Porquê?

– Não sei se Eliah te contou que ele padece de uma doença muito estranha...

– Sim, de porfíria.

– Pois... A doença deixou-lhe uma marca desagradável no rosto. Nós, que o conhecemos desde pequenos, estamos habituados à sua fisionomia, mas as restantes pessoas não, e há gente que não se incomoda em ocultar a repulsa que Gérard lhes provoca. Isso magoa-o muito. Causa-lhe complexos. Por isso, nunca permite que lhe tirem fotografias.

– Eu entendo. Teria gostado de o conhecer. – Perante o mutismo de Sabir, cujo olhar permanecia sobre a fotografia onde estava com os irmãos, Matilde perguntou-lhe: – O que é que estás a escrever agora?

– A pergunta que todos os jornalistas me fazem.

– A ti não, porque não aceitas dar entrevistas – brincou Matilde. – No fim de contas, mereces bem a alcunha que te deram. Dá-me uma resposta, que eu depois vendo-a a quem me der mais. Pode ser que

assim consiga comprar um tomógrafo para o Al-Shifa.

Após uma gargalhada que chamou a atenção dos outros convivas, recostados noutra sala, Sabir respondeu:

– Está quase acabado. É um romance sobre a vida de Sahira, uma jovem da faixa de Gaza, filha de refugiados.

– Que ideia tão acertada, escrever sobre a vida de uma palestiniana. Eu apercebo-me de que para elas é mais difícil do que para vocês, homens.

– Não tenhas dúvidas – inflamou-se o escritor –, sobretudo se provêm de lares onde a religião é lei!

Desde 1967, quando Israel ocupou a Faixa e a Cisjordânia, e tantos palestinianos acabaram presos, começou a operar-se uma mudança entre as mulheres. Até então existia uma clara distinção entre os domínios público e privado de uma família e a mulher estava confinada em exclusivo ao último. Consegues imaginar, Matilde? De repente, mulheres que não tinham autorização para abrirem a porta da sua própria casa encontram-se sozinhas, sem marido e com várias crianças para alimentar. Algumas nem sequer sabiam ler ou escrever e tiveram de enfrentar um mundo para o qual não estavam minimamente preparadas. Estavam quase tão indefesas como Amina. Não obstante, demonstraram a sua força e seguiram em frente. Claro que, quando os maridos regressaram a casa depois de anos de prisão, depararam-se com uma realidade oposta àquela que haviam deixado. As suas mulheres saíam para a rua sem eles, iam às compras ao mercado, pagavam as contas, trabalhavam naquilo que podiam, discutiam ao mesmo nível com as autoridades palestinianas, enfrentavam os tipos do Tsahal, lidavam com a falta de água, de luz e com o recolher obrigatório... Este cenário agravou-se durante a Intifada, quando tantos homens foram para a prisão e todos os males que assolam a Faixa duplicaram. As mulheres sofreram um tal batismo de fogo que era impossível pedir-lhes que voltassem a ser como antes. Muitos decidiram tomar uma segunda esposa, mais tradicional; quando isso acontecia, a primeira esposa pedia o divórcio, escandalizando meio mundo.

– Irás refletir tudo isso no teu livro? – O *Silencioso* assentiu. – Será estupendo. Sei que vou gostar muitíssimo dele. As palestinianas são admiráveis.

– Elas, por serem assim e eu, pelas minhas ideias de paz e de um Estado binacional, ganhámos o ódio dos setores islâmicos.

– Quando o irão publicar?

– Sandrine quer que saia em maio.

«O mês no qual me casarei com Eliah», recordou Matilde, ainda incrédula.

– Temes que os setores religiosos tentem alguma coisa contra ti?

– Claro: afinal, estão sempre a tentar dominar as almas rebeldes. Foram muito duros com as feministas; chegaram até a matar algumas. E como o seu poder cresce à medida que os Acordos de Oslo perdem o seu brilho e o povo se desilude, estão a ganhar terreno. Ainda que a Autoridade Nacional Palestiniana professe uma doutrina laica, para apaziguar a Jihad Islâmica e o Hamas viu-se obrigada a realizar concessões que prejudicam a liberdade das mulheres, como aquilo da autorização para viajar ter

de ser assinada pelo esposo.

– Sabir, o que é que achas que sucederá? Por vezes, parece-me que estamos num compasso de espera, que algo mau está para acontecer.

– A pressão está a acumular-se. As pessoas em Gaza não têm trabalho e dependem da UNRWA para sobreviver, mas trata-se tão-só disso: sobreviver, uma vida de miséria. Ninguém sabe porque é que o dinheiro doado pelos países ricos não se converte em empreendimentos, criando trabalho para as pessoas de Gaza. Ninguém compreende porque é que Arafat, para agradar a Israel, gasta tanto do seu orçamento na Força 17 e, sobretudo, na polícia, amedrontando e perseguindo o seu próprio povo. É um cenário infernal, apto para qualquer vileza.

Matilde pensou no rapaz de dezassete anos que operara nessa manhã. Tinham-no encontrado uns vizinhos do campo de refugiados de Bureij, ao amanhecer, entre uns arbustos do caminho. Matilde não se recordava de ter visto um corpo tão golpeado e mutilado; todos os centímetros quadrados de pele sangravam. Os atacantes tinham tentado cortar-lhe a língua. Não contavam com cirurgias plásticas, pelo que Matilde e o seu colega, Luqmán Kelil, um dos poucos que continuava a tratá-la com simpatia, se aplicaram num trabalho meticuloso, com pontos pequenos, conscientes de que, se a língua não cicatrizasse corretamente, a capacidade da fala do jovem iria com certeza ficar prejudicada. O mais difícil fora decidir que o rim esquerdo não tinha salvação, devido aos pontapés que recebera na parte inferior das costas.

– É um *jasusa* – explicou-lhe Intissar, fora da sala de operações.

– *Jasusa*?

– Um colaboracionista dos israelitas. Se os descobrem, matam-nos.

Matilde ordenara que o paciente, de seu nome Salah Tamari, continuasse sedado a fim de evitar o horror de sentir que os músculos, os membros, a pele inteira, se tinham convertido no mapa daquele conflito que já levava cinquenta anos e nenhuma solução. Durante o dia, a médica voltara várias vezes à Unidade de Cuidados Intensivos, por temer que as enfermeiras não se ocupassem do jovem, devido à acusação que o convertia em pária. Numa dessas visitas, roçou-lhe a mão com a ponta dos dedos e perguntou a si própria: «O que é que o inimigo te terá oferecido para que vendas a tua gente? Uma autorização para trabalhar em Israel, uns poucos *shekels*, comida para a tua família?»

Voltou à realidade da casa do *Silencioso* quando o ouviu sussurrar:

– As autoridades israelitas convertem as pessoas comuns em gente enfurecida, capaz de qualquer coisa. – Com uma entoação que transmitia uma pena funda e enraizada, manifestou-se: – Ninguém no mundo sabe quão terrível e cruel foi a ocupação militar israelita.

– Não, não o sabemos – concordou Matilde.

Al-Saud passou a quarta-feira, 16 de dezembro, nos escritórios da Mercure, no George V, fazendo enlouquecer as secretárias e os estagiários com pedidos, consultas, envios, compras, fotocópias e quejandos. Convocou de urgência o advogado, o Dr. Lafrange, que apareceu sorridente, para lhe

anunciar que o recurso interposto pela *Paris Match* fora indeferido e que esperavam para breve a sentença favorável a Eliah por parte do Tribunal de Apelação.

– Uma soberba indenização monetária e um artigo de retificação e desagravo publicado a duas páginas na revista. Será uma estupenda prenda de Natal – disse; em seguida, lembrou-se de que o seu cliente era muçulmano.

– Lafrange – disse Al-Saud – encarregue-se de doar à Meia-Lua Vermelha palestina o dinheiro que obtivermos com a sentença, e garanta também que tal chegue aos ouvidos do público.

– Assim farei.

– Que também informá-lo de que modificarei o meu testamento. Quero que substitua os meus três irmãos por estas duas pessoas. – Al-Saud fez deslizar um papel com o timbre da Mercure sobre a secretária. O advogado viu os dois nomes. – São a minha noiva e o meu filho. Todos os meus bens serão para eles agora.

– Sim, sim, claro. Disse o seu filho, senhor Al-Saud? Não sabia que tivesse descendência. Ou trata-se do filho da sua noiva?

Eliah comentou sumariamente com ele a aparição de Kolia. Passou o telefone do Dr. Luca Beltrami, o advogado milanês que se ocupava de aprontar o processo de paternidade e que forneceria os dados da criança para o novo testamento; quanto à documentação de Matilde, o que quer que ele precisasse ser-lhe-ia entregue por Thérèse em poucos dias.

– No caso do meu falecimento ou desaparecimento – continuou Al-Saud – e sendo o meu filho menor de idade, a sua tutela legal recairá na minha noiva, a doutora Martínez. Quero que isso fique bem claro.

– Sim, sim, assim se fará – aquiesceu o causídico.

Mais tarde, numa situação pouco frequente, Al-Saud encontrou-se na sala de reuniões da Mercure para almoçar com os seus três sócios: Tony Hill e Mike Thorton, acabados de chegar do Congo, e Peter Ramsay. Meses depois do início da missão em Rutshuru, voltavam a encontrar-se. Apesar de exibirem o bronzeado saudável das peles das Caraíbas, Tony e Mike pareciam cansados: tinham deixado a mina nas mãos de Zlatan Tarkovich e de Dingo, escolha que tanto Eliah como Peter aprovaram.

– Desde que Nkunda desistiu de nos cercar e atacar – declarou Mike Thorton –, a situação tranquilizou-se ao ponto de se tornar aborrecida. Os únicos que trabalham são os engenheiros de Zeevi e os mineiros.

– Obrigamos os nossos a treinar e adestrar os nativos para que não percam a forma – informou Tony Hill.

– Voltaram a aparecer casos de malária? – interessou-se Peter Ramsay.

– Sim, um mineiro, mas Doc assegura que ele se reestabelecerá sem sequelas. A verdade é que dois casos em tantos meses é excelente – opinou Mike.

– Daqui a poucos dias, planeio ausentar-me por dois meses – anunciou Al-Saud e os seus sócios observaram-no com expressões de divertimento, que se dissiparam perante a seriedade de Eliah;

conheciam-lhe bem aquele gesto de gravidade. – Durante dois meses, vou estar totalmente incomunicável.

Elijah planeava contar toda a verdade aos seus sócios; para a sua família e, sobretudo, para Matilde, iria inventar uma história acerca de uma missão em plena selva amazónica, para disfarçar a impossibilidade total de contacto.

– Não aceites! – enfureceu-se Thorton.

– Mike, se eu não aceitar, sabes o que virá a seguir. Irão fazer-nos enlouquecer: teremos inspetores a entrar e a sair deste escritório até nos fazerem perder o juízo. As transferências bancárias irão falhar e os nossos pagamentos irão acabar na conta de uma velhinha em Laos. Os nossos melhores clientes rescindiriam os contratos. Tentativas de roubo, acidentes estúpidos... Iriam criar-nos problemas atrás de problemas até que eu aceitasse a maldita missão.

– Contamos com a documentação para pressionar Israel.

– Não estamos só a falar deles: pois não te acabei de explicar que me convocaram para ir à sede da *L'Agence*? Estavam lá a CIA, o SIS e a DGSE e a eles não lhes importa Israel. Talvez os Norte-americanos se preocupem um pouco, mas a França e o Reino Unido estão-se pouco a lixar. A ameaça é muito séria; tão séria, que eles estão desesperados. Por essa razão, farão qualquer coisa para que eu aceite.

– Elijah, irmão, é uma missão verdadeiramente fodida.

– Eu sei.

Naquela tarde, antes de deixar o escritório, Al-Saud chamou Thérèse ao seu gabinete. A mulher sentou-se à frente dele e pousou uma pasta onde juntara os papéis exigidos pelo município do septième arrondissement para a celebração de um matrimónio civil, e que a secretária marcara para julho próximo assim que Al-Saud telefonara do Congo a pedir-lhe que se ocupasse da organização da sua boda com Matilde. É certo que ele indicara depois que esquecesse de tudo aquilo; porém, na segunda-feira anterior, Elijah ligara-lhe de Jerusalém para lhe solicitar que recomeçasse as diligências. Thérèse estava feliz; sentia um grande afeto pelo seu chefe e queria bem a Matilde.

– Tenho a fotocópia do passaporte de Matilde – informou-o. – O senhor lembra-se que ma enviou do Congo? Também me exigem a certidão de óbito do esposo de Matilde, o que não será um problema visto que faleceu aqui, em Paris. Já iniciei os trâmites e vão entregar-ma daqui a dez dias. Os seus documentos... Sim, tenho tudo. Só falta que cumpram o requisito da análise pré-nupcial. Ficará para quando regressarem. Podem apresentar-se 48 horas antes da celebração do matrimónio. Não será problemático.

– Diga-me que datas estão disponíveis – pediu Elijah com uma ansiedade que obrigou Thérèse a morder o lábio para disfarçar o riso.

– Os dias 5, 12 ou 17 de maio.

– Fica o dia 5 – escolheu ele.

– Mas, senhor, se a Matilde só regressa de Gaza no fim de abril, terá tempo para os preparativos? O vestido, o penteado, os sapatos, a maquilhagem...

– Thérèse, não quero saber se ela aparecer para casar de camisa de dormir. – Desta vez, a secretária deu mesmo uma risadinha. – De qualquer modo, peço-lhe que também se ocupe desses detalhes. Algo clássico. Consulte a minha irmã – resolveu.

– Senhor, definirei os assuntos relacionados com o cabeleireiro e a maquilhagem e selecionarei algumas lojas, aconselhando-me com a senhorita Yasmin, para depois acompanhar Matilde se ela o desejar, mas não irei comprar o vestido nem os sapatos. Todas as mulheres querem ocupar-se disso.

– Está bem, então.

– Senhor, o joalheiro da sua mãe, Jean-Louis Baptiste, espera-o às sete.

Al-Saud lançou uma olhadela ao seu *Rolex Submariner* e preparou-se para partir. Enquanto vestia o sobretudo de pelo de camelo, foi indicando à secretária:

– Até ao fim do ano, Thérèse, poderá comunicar comigo através do meu móvel. Depois, vou desligá-lo durante algumas semanas. Qualquer urgência deverá ser resolvida com os meus sócios ou com o meu irmão Alamán.

– Sim, senhor.

Elijah estacionou o *Aston Martin* perto da praça Vendôme, onde se encontra a casa-mãe da Cartier. Jean-Louis Baptiste, um dos empregados mais antigos da firma, que assessorava Francesca há anos, saiu para o receber e apertou-lhe a mão.

– Como a sua secretária me adiantou que se tratava de um anel de noivado, tomei a liberdade de selecionar alguns.

Atravessaram o piso inferior, um recinto sumptuoso, alcatifado, com paredes forradas de madeira e colunas brancas, e contornaram vitrinas com a forma de cúpulas de cristal que protegiam joias e relógios, até alcançarem a escadaria coberta por um tapete vermelho, a qual, a partir do patamar, se abria em dois lanços. Baptiste e Al-Saud tomaram o da direita. No escritório do joalheiro, Al-Saud manteve-se em pé, em frente da secretária coberta por um lenço de veludo azul-escuro, sobre o qual se encontravam mais de cinquenta anéis, a maioria com pedras preciosas, essencialmente diamantes, que soltavam lampejos iridescentes sob o influxo das luzes dicróicas. Baptiste guardou silêncio enquanto Al-Saud estudava os objetos, pensando em Matilde e no anel que não lhe entregara na noite do seu aniversário, na Ministry of Sound. Queria comprar-lhe um novo, que não se relacionasse com aquela má recordação. Teria escolhido a joia com maior quantidade de brilhantes, ou uma de um só brilhante de mais de onze quilates, de acordo com a informação de Baptiste, o qual, conhecendo a fortuna dos Al-Saud e o seu apreço pelo luxo, se surpreendeu quando o Elijah levantou um anel simples, de platina com um solitário de apenas cinco quilates, cujo engaste não apresentava qualquer peculiaridade.

– Boa escolha – elogiou o joalheiro, ainda assim. – O *Solitaire 1895*, um clássico entre os clássicos. Crê que essa seja a medida adequada para o anelar da senhorita?

– Talvez lhe esteja um pouco grande.

– Nenhum problema, senhor Al-Saud. Faremos aqui os ajustes correspondentes.

Al-Saud pagou com o seu cartão de crédito *American Express Centurion*, assinou o talão no valor de sessenta e seis mil quinhentos e cinquenta francos (aproximadamente catorze mil dólares), e foi-se embora. Ao entrar na casa da avenida Elisée Reclus e ainda que Marie e Agneska pululassem, perseverantes nos seus deveres, e Leila tivesse ido até à garagem para o animar com as suas demonstrações de carinhos e os seus sorrisos, ele teve a impressão de que era um espaço vazio e gelado que o recebia. Subiu ao primeiro piso, saltando degraus, e lançou-se sobre a mesa de cabeceira, em cuja gaveta escondia o porta-retratos com a fotografia de Matilde no Jardin du Luxembourg. «Meu amor», sussurrou para si próprio, enquanto lhe acariciava os lábios e os evocava a sucumbir sob a autoridade dos seus. Uma necessidade pura e visceral do corpo de Matilde deixou-o tenso e alterou-o, como acontece a um viciado que luta contra a urgência de saborear o vício. Por sorte, Leila não cumprira a ordem que ele decretara, sob o efeito da raiva e do orgulho, no dia em que Matilde regressara de Joanesburgo, pelo que as coisas dela continuavam no armário. Eliah destapou o *Paloma Picasso*, vaporizou-o sobre a mão e ficou largos minutos com os olhos fechados e o nariz enterrado na palma. «Sim, pareço um viciado», refletiu.

Já o esperavam. Eliah telefonara-lhes do *Gulfstream V* mal aterrara no aeroporto de Turim, garantindo que estaria na Villa Visconti dali a duas horas. As três mulheres, Francesca, Antonina e Mónica, a ama peruana, precipitaram-se sobre Kolia para lhe darem banho, mudarem a roupa, o perfumarem e, de um modo geral, o apaparicarem com tanto entusiasmo que lhe provocaram um acesso de choro, algo extremamente raro, pelo que o avô Kamal tomou as rédeas do assunto e afastou o menino das «mãos das bruxas», como ele o definiu.

– A única coisa que te peço – exigiu Francesca – é que o ponhas a praticar «papá».

Eliah estacionou o automóvel alugado na entrada coberta de neve e saiu carregando um monte de embrulhos; embora extremamente ansioso, devido a um hábito inveterado, quase automático, conseguiu ocultar a sua aflição atrás de um semblante grave e sereno. Recebeu com paciência os beijinhos e os afagos da mãe e da *nonna*, e abraçou o *nonno* Fredo, enquanto procurava Kolia. Finalmente, entregou os embrulhos a Mónica e perguntou-lhe:

– Onde está o meu filho?

– Aqui vem ele – ouviu-se a voz inconfundível de Kamal que, segundos mais tarde, atravessou a ombreira com o menino pela mão. – Apresento-te o rei da casa.

Não lhe tinham contado que, se guiado pela mão, o menino já caminhava; queriam fazer-lhe uma surpresa. Francesca estudou a expressão do seu filho com a ânsia que Eliah lhe despertava sempre e, em seguida, sorriu ao descobrir que a alegria e a emoção transbordavam nele e lhe eivavam a máscara de homem duro, um efeito semelhante àquele que ocorria quando ele consumia Matilde com o olhar, julgando que ninguém lhe prestava atenção. Descobrir a paixão e o amor incondicional que o seu filho era capaz de experimentar operava uma espécie de revelação sobrenatural em Francesca, deixando-a

muda e sem fôlego.

– Kolia, *amore!* – exclamou Antonina. – Olha quem veio visitar-te? O papá! Papá! – repetiu várias vezes.

Elijah acocorou-se para estudar o avanço do filho. Ficara estupefacto ao vê-lo aparecer; era inverosímil que tivesse crescido tanto em tão pouco tempo. As suas perninhas bamboleavam e avançavam num compasso lento enquanto Kolia fixava o olhar no estranho parado a alguns metros. A seriedade com que o menino o observava e também o facto de franzir o sobrolho como um adulto eram características encantadoras.

– Kolia – chamou-o Kamal; o menino levantou a cabeça e sorriu-lhe. – Este é o teu papá – disse em árabe e Kolia seguiu o dedo do avô, que apontava o estranho.

Elijah estendeu os braços e chamou-o em francês.

– Kolia, vem, filho. Vem ao papá.

O menino deteve-se, soltou a mão de Kamal e gatinhou com uma velocidade que o pasmou. Elijah levantou-o e fê-lo rodopiar acima da sua cabeça, esforço que Kolia recompensou com as gargalhadas mais cristalinas e puras que se recordava de ter ouvido. Elijah apertou-o contra o peito e deu-lhe beijos, por ele e por Matilde. «Matilde, meu amor, se pudesses ver aquilo que eu vejo agora!»

Extasiada e muda, Francesca refletiu, perante a demonstração tão expansiva e carinhosa do filho, que algo de bom lhe acontecera naqueles últimos tempos. Continuou a cismar e, passado um bocado, concluiu: «Trata-se de Matilde».

Depois de Elijah ter tirado o casaco e de se ter refrescado, sentaram-se a partilhar um aperitivo antes do almoço. Kolia, que não mostrava desejo algum em abandonar os joelhos do pai, soltou uma salva de «papás», que, embora soando mais a «papapapapa», suscitaram aplausos e aclamações, os quais lhe provocaram um novo acesso daquele riso que emocionava Elijah.

– Agora – declarou ele –, terão de lhe ensinar a dizer «mamã».

Sem levantar a vista, disfrutando o aroma do pescocinho de Kolia, Al-Saud sorriu perante o mutismo dos seus pais e dos seus avós. Por fim, ele procurou o rosto de Francesca para anunciar:

– Matilde e eu iremos casar-nos a 5 de maio.

Francesca saltou do sofá e precipitou-se sobre o filho para o abraçar e beijar.

– Estou tão feliz por ti, meu amor! Tão feliz – exclamou, ufana da sua percepção.

– Obrigado, mamã.

Kamal inclinou-se para lhe apertar os ombros e o beijar na testa.

– Creio que é uma das raparigas mais doces e boas que conheço.

Elijah assentiu em sinal de aquiescência. Enquanto Fredo lhe desejava todo o género de bênçãos, Elijah apercebeu-se de que a *nonna* abandonava a sala, parecendo furiosa.

– O que é que se passa com a *nonna*?

– Desculpa-a – intercedeu Fredo. – Está ciumenta.

– Depois explico-to – sussurrou-lhe Francesca.

Kolia não dormiu a sesta nesse dia porque a chegada do pai, os presentes, os mimos, os risos, os aplausos e as fotografias o levaram a um estado de exaltação tal que deitá-lo foi uma missão impossível. Passou o tempo inteiro sempre de mão dada com o pai ou nos seus braços. Por volta das sete, Francesca viu-o a esfregar os olhos e queixar-se, e decidiu que chegara a hora do banho. Eliah arregaçou as mangas e, ajoelhado junto à banheira, deu banho pela primeira vez ao filho. Francesca, sentada num banquinho a seu lado, ia dando as indicações necessárias.

– Falaste de Kolia a Matilde?

– Sim.

– O que é que ela disse?

– Não o imaginas?

– Se a conheço um pouco – conjecturou Francesca –, acredito que ficou muito feliz.

– Supões bem, mamã. Tem muita vontade de o conhecer. E disse-me que lhe queria bem e cuidaria dele como se fosse dela.

– Deus a abençoe.

– Sim, que Deus a abençoe sempre.

Francesca fixou o olhar na cabecinha húmida do neto e deixou passar alguns segundos para apagar o acesso de choro que a resposta do filho provocara.

– O amor que sentes por ela – conseguiu exprimir, pouco depois – lembra-me aquele que sinto pelo teu pai, que é infinito e eterno.

– Sou muito feliz, mamã.

– E irás fazê-la feliz, como o teu pai me fez a mim.

Mónica ocupou-se de dar de comer a Kolia, que devorou um bife e uma porção de puré de abóbora. Al-Saud não queria acreditar no apetite do filho e quis ser ele próprio a dar-lhe a sobremesa, puré de maçã com mel. Satisfeito e limpo, Kolia adormeceu na cadeirinha. Eliah levou-o até ao quarto, pousou-o no berço e tapou-o com dois cobertores; a noite prometia ser gelada.

– Ele dorme bem? – perguntou num murmúrio.

– O teu filho é um santo, Eliah – assegurou Francisca. – Dorme oito horas seguidas. E já viste como é que ele come. É um prazer vê-lo a devorar tudo.

– Voltou a ter febre? Matilde assegurou-me que é por causa dos dentes.

– Fica tranquilo, amor. O teu filho está nas melhores mãos.

– Eu sei, mamã. – Eliah abraçou-a na penumbra do quarto e inspirou o perfume dela, *Diorissimo*, que associava sempre à sua própria infância. – Obrigado por me ajudares com Kolia. Quando concluir uns assuntos que tenho pendentes e Kolia puder sair de Itália, vou levá-lo para Paris.

– Eliah, o teu pai e eu estamos felizes por cuidar de Kolia. Trata dos teus assuntos pendentes, casa-te com Matilde e depois leva o meu neto.

– Não tens vontade de voltar a Jeddah?

– Não, de todo.

– Mamã, o que é que se passa com a *nonna*?

– O problema da tua *nonna* não é com a Matilde, mas sim com o pai dela, o Aldo Martínez

Olazábal. – Francesca tomou o braço do filho e conduziu-o para fora do quarto de Kolia. – Eliah, Aldo foi o meu primeiro namorado.

– *Quoi!*

– Sim, é verdade. Um amor de verão que me mudou a vida.

– Mamã...

– Eu sei que isto te apanhou de surpresa, filho, mas quero que saibas que não guardo rancor a Aldo, em absoluto. Eu era a filha da cozinheira, e ele o filho rico de uma senhora importante de Córdoba; nunca lhe teriam permitido casar-se comigo. A senhora Celia, a mãe de Aldo, ameaçou retirar-lhe o apoio económico se ele não desposasse a Dolores, a mãe de Matilde. Aldo, que não era má pessoa mas era imaturo e inseguro, cedeu e casou-se com a herdeira rica de Buenos Aires. Eu, para o esquecer, afastei-me da Argentina e foi assim que conheci o teu pai, o meu verdadeiro amor. – Francesca conteve a cara de Eliah entre as mãos, e sorriu ao dizer-lhe: – Como vês, o sofrimento que significou o abandono de Aldo teve um significado ou, melhor dizendo, dois: eu conheci o teu pai e tu e Matilde vieram a este mundo para se amarem.

Capítulo 10

Mal chegou a Erez, Al-Saud apercebeu-se de que o posto fronteiriço estava fechado; adivinhava-se pela fila interminável de automóveis e de camiões e pelo mal-estar das pessoas. Estacionou na berma da estrada, consultou as horas, oito menos um quarto da manhã, e tirou o telemóvel do bolso do blusão. Telefonou a Markov.

– Sim, senhor – confirmou-lhe o russo –, estamos no posto fronteiriço, mas dizem-nos que está fechado até nova ordem. Podem passar horas, talvez dias, até que reabra.

– Markov, não saiam daí. Já volto a ligar.

Fez outra chamada.

– *Allô*, Bergman. Sou Al-Saud.

– O que precisa? – perguntou o agente do Mossad, sem a animosidade do passado.

– Estou na passagem de Erez. O posto de controlo está fechado. Quero entrar em Gaza ou então que facilitem a saída da minha noiva.

– Al-Saud, não sei porquê, mas você pensa que eu sou dono de Israel e que tenho o condão de fazer mexer tudo...

– Deixe-se de merdas, Bergman. Não embarcarei na missão que tanto lhe interessa, a si e às autoridades do seu país, sem antes ver a minha mulher. Faça o que tiver de fazer, telefone a quem tiver de telefonar mas eu quero que Erez esteja aberto daqui a meia hora.

Ao ver a fila de automóveis e a multidão congregada junto ao posto de controlo, Matilde soube que a passagem estava fechada e o mal-estar que a dominava desde terça-feira intensificou-se até a conduzir a um estado de desespero a raia o choro. Pediu a Markov que averiguasse a situação. Diana, que estava junto a ela no automóvel, tentou falar com Eliah.

– Não responde, Matilde. Vai parar ao atendedor de chamadas.

Eram sete e um quarto da manhã. Tinha procurado chegar cedo ao local, já adivinhando a provável demora. Agora, podia ter de ficar ali horas, talvez dias. Os olhos marejavam de lágrimas deslizando pelo rosto. Precisava de ver Eliah, de lhe tocar, de o ouvir, de o beijar, de sentir o seu calor e escutar os seus murmúrios. Sabia que algo não estava bem, percebera-o durante a conversa telefónica; quanto mais ele se empenhava em ocultar a sua preocupação, mais ela sobressaía.

Markov aproximou-se da janela e informou-a de que a passagem permaneceria fechada até ordem contrária.

– O que é que isso significa?

– Quer dizer que só voltam a abrir quando der na gana aos israelitas. Tanto pode ser daqui a meia

hora como daqui a duas semanas. O mais certo é daqui a duas semanas.

Matilde sentiu um aperto, como lhe oprimissem a garganta e recordou a angústia na voz de Intissar quando ela lhe explicara o que era viver na Faixa.

– Porque é que fecharam a passagem? – quis saber Diana.

– Os soldados não dizem nada, mas correm vários boatos. Uns dizem que é porque há casos de cólera, outros asseguram que ontem, na passagem de Karni, apanharam um camião que tentava atravessar com plástico explosivo.

O posto fronteiriço de Karni, localizado a Noroeste da fronteira da Faixa, fora aberto depois dos Acordos de Oslo, como passagem exclusiva de camiões que importavam e exportavam produtos. Matilde não compreendia porque é que o posto fronteiriço de Erez tinha de ser encerrado se o problema tinha acontecido em Karni. Por outro lado, se o encerramento era motivado por casos de cólera, estes eram poucos e circunscreviam-se ao campo de refugiados de Nuseirat, que já de quarentena.

Sentiu-se tentada em ir à procura de Lior Bergman para lhe pedir uma exceção, mesmo que isso representar-se passar por uma humilhação. Rejeitou a ideia quase de imediato, ao pensar no rancor que o militar israelita lhe guardaria depois do almoço no King's Garden. Observar a multidão de palestinianos com crianças e embrulhos, cujas necessidades para entrar em Israel deviam ser mais urgentes e graves do que a dela acabou por suplantar a ideia de recorrer a Bergman. Viu passar duas ambulâncias e perguntou-se quem estaria lá dentro e porquê. Avistou um camião com caixas de laranjas prestes a apodrecerem caso não fossem entregues no porto de Haifa ou no mercado de Telavive-Yafo. Os mais velhos transiam-se dentro dos seus casacos para afugentarem o frio vindo do mar. As crianças, cansadas e aborrecidas, choravam e esperneavam. Uma mãe amamentava, sentada sobre uma mala. Matilde dedicava-se a observá-los e a compadecer-se para se esquivar da decisão que tinha de tomar, ou seja regressar à cidade de Gaza ou ficar ali, e esperar que os israelitas lhes franqueassem a passagem.

Por volta das oito e meia, Markov regressou a correr para o carro e entrou todo exaltado.

– Abriram o posto. As pessoas dizem que é um milagre.

Embora se tratasse de um tempo recorde, os quarenta minutos que eles levaram a atravessar a fronteira, pareceram eternos a Matilde. Enquanto Markov apresentava os passaportes e as suas autorizações especiais ao soldado israelita, Matilde avistou Lior Bergman a olhá-la fixamente do edifício que servia de comando à brigada a seu cargo, a Givati. Estava vestido com o uniforme verde e com a boina violeta enfiada sob a dragona esquerda. Tirou os óculos de sol e enfiou-os, por fora, no bolso superior do casaco. Matilde agitou a mão através da janela e ensaiou um sorriso amigável e descontraído.

Lior Bergman estivera a observá-la durante largos minutos, tentando atraí-la com o poder do seu desejo. Quem era o casal que a acompanhava? O homem encarregava-se de tudo; foi ele que saiu do veículo e apresentou os documentos de identificação. No instante em que ela se apercebeu da sua presença e os seus olhos enormes se fixaram nos dele, Bergman sentiu um calor no peito que lhe provocou pele de galinha. O sorriso de Matilde converteu-se na luz verde para avançar.

– Bons dias, tenente – cumprimentou ela, ao mesmo tempo que pensava: *Não me faças perder mais tempo, por favor.*

– Não combinámos que me chamarias Lior?

– Sim, lamento. Bom dia, Lior.

– Bom dia, Matilde. Tive pena que não tivesses voltado para a mesa na sexta-feira passada.

– Sim, sinto muito. Mas não me sentia bem.

– Não sabia que tinhas um filho.

– Um filho?

– Al-Saud disse que Jérôme é vosso filho e que está desaparecido.

– Sim, embora não seja legalmente nosso filho: enquanto tratávamos dos trâmites da adoção, ele foi sequestrado na selva oriental do Congo.

– Compreendo.

Lior Bergman não podia saber o efeito que as suas palavras exerciam sobre ela. O facto de Eliah, sabendo da existência de Kolia, chamar publicamente «filho» a Jérôme, comoveu-a e uma felicidade com traços de amargura arreigou-se-lhe na alma.

– Souberam alguma coisa dele? – Matilde baixou o olhar e meneou a cabeça para negar, uma atitude que o militar soube interpretar, tendo mudado o tema da conversa. – Tiveste sorte, Matilde. Supunha-se que o posto fronteiriço estaria fechado o dia inteiro. Mas acabo de receber uma chamada muito intempestiva a ordenarem a reabertura.

– Fico contente, sobretudo pelos doentes que estão nas ambulâncias, pelas mães com crianças, pelos idosos e por aquele senhor com o camião cheio de laranjas.

Há muito tempo que Lior Bergman não corava nem se envergonhava. Aquela rapariga, bastante mais nova do que ele, com sotaque doce, cantarolante e quase inaudível, tinha-lhe atirado à cara o conflito palestino-israelita com um sorriso; não obstante, ele tinha-o recebido com a contundência de um disparo. Ele desejava-a. Desejava-a como nunca tinha desejado outra mulher, nem sequer Ivana – com que vivera um amor verdadeiro, porém adolescente e imaturo e ele, que há quinze anos arrastava o luto, começava a aperceber-se do formigueiro da sua curiosidade por tudo aquilo que nunca tinha experimentado com o seu corpo e o seu espírito adultos.

– Vais para Jerusalém?

– Sim.

– Amanhã é o meu dia de folga. Gostaria de te mostrar a cidade. Vivi ali toda a vida, conheço a cidade como ninguém.

– Agradeço-te, Lior, mas tenho o fim de semana cheio de compromissos.

– Certo – declarou. – Talvez tenha mais sorte na próxima vez.

– Adeus, Lior, já nos deixam avançar.

– Sim, sim continuem. Até logo, Matilde.

– Aí está Al-Saud – anunciou Markov, logo que o automóvel entrou no território israelita.

Matilde, instalada no banco de trás, endireitou-se, e apoiando-se nos espaldares do assento da frente procurou-o com os olhos desenfreados. Distingui-lhe a cabeça, o seu cabelo enegrecido acima da multidão.

– Para, Markov! – Precipitou-se para fora antes que os guarda-costas pudessem reagir. Estes seguiram-na, entre insultos balbuciados.

Matilde correu até Al-Saud, envolta num halo de alegria, desespero e angústia. Eliah distinguiu-lhe o cabelo dourado e viu-a avançar por entre a multidão e a deter-se para evitar embrulhos, pessoas e carros. Foi ao encontro dela em passos largos, afastando quem se interpunha, balbuciando «*af-wan*» (com licença) e «*shukran*» (obrigado) à medida que ganhava terreno na sua corrida para a ter. Matilde lançou-se nos seus braços com abandono e agarrou-se a ele com uma ânsia tão eloquentes que Al-Saud pressentiu que se desmoronava à sua frente, que caía de joelhos e começava a chorar como uma criança. Ele apertou-a com força, inconscientemente, na sua pressa de afogar o grito que lhe trepava pelo peito. Matilde ergueu os olhos para o observar.

– Porque choras, meu amor? – sussurrou Eliah, em francês.

– Porque pensei que não te veria hoje. O posto estava fechado... E não... Ninguém sabia quando voltariam a abri-lo. E eu fiquei louca de angústia a pensar que não te veria. Não iria conseguir suportar a...

Al-Saud calou-a com um beijo tão delicado quanto o abraço fora de implacável.

– Já aqui estás, comigo – tranquilizou-a contra os seus lábios. – Achaste que permitiria que nos mantivessem separados?

– Que podias tu fazer? – choramingou Matilde.

– Já aqui estás – repetiu.

– Leva-me para o hotel, Eliah. Vamos para o hotel. Preciso de ti. Só para mim.

Al-Saud descobriu La Diana e Markov que os contemplavam a uma distância prudente e inclinando a cabeça, comunicou-lhes que podiam ir-se embora. Sem pronunciar palavra, Markov deu meia-volta e encaminhou-se para o automóvel. La Diana entrou depois dele.

– Onde é que queres que te deixe? – perguntou o russo, sem olhar para ela, com um ar acrimonioso.

– Reservei um quarto num hotel de Jerusalém que Sabir al-Muzara me recomendou. Reservei-o para nós – respondeu depois de uma pausa e baixando os olhos, dominada pela vergonha e pelo medo da humilhação.

– Tenho outros planos. Além disso, para que é que queres ir comigo para um quarto de hotel? Tu és incapaz de me dar seja o que for!

Markov arrependeu-se do que disse ainda antes de terminar a frase. La Diana inspirou de maneira violenta, procurou com mão incerta a maçaneta da porta e saltou do automóvel como se tivesse visto lá dentro uma serpente cascavel. Caminhou a passo rápido até à zona dos táxis. Markov, petrificado no assento, viu-a afastar-se. Reagiu golpeando o volante com a palma da mão e balbuciando insultos atrás de insultos. Porque desejava magoá-la? De onde nasciam o ódio e a ira que o dominavam desde há

semanas? Porque sentia ciúmes pelo facto de La Diana ter perdoado os seus torturadores? Ele não compreendia. Porque é que se negava a entender que destruindo-os, iria destruir o demónio que lhe tinham espetado nas entranhas, e que a impedia de ser mulher? Apoiou a testa no volante e exalou com angústia. Estava confuso, não sabia como ajudá-la, contava apenas com a sua mestria na arte de aniquilar o inimigo e ela repelia-o.

Al-Saud e Matilde percorreram os quase setenta quilómetros que separam Erez de Jerusalém partilhando olhares e carícias, e confessando o quanto tinham sentido a falta um do outro. Não se importavam com a espera nos postos de controlo que povoavam a rota, pelo contrário, aproveitavam para se beijarem loucamente, escandalizando, de igual modo, muçulmanos e judeus ortodoxos.

– Não sei se aguentarei estes quatro meses – confessou Matilde e Al-Saud sorriu-lhe sobre os lábios porque, pela primeira vez, ele sentia ser o primeiro na vida da sua mulher.

– Ai, sim? – averiguou ele. – Não aguentarás? Porquê?

– Porque quero acordar contigo todas as manhãs no nosso quarto da avenida Elisée Reclus.

– O nosso quarto... Isso soa-me muito bem, meu amor.

No hotel Rei David, o rececionista assegurou-lhes que a suite presidencial, a mesma do fim de semana anterior, estava pronta para os receber. Mal transpuseram o umbral, ouviu-se o toque do telemóvel de Al-Saud, que decidiu atender; ele estava à espera de uma chamada de Raemmers.

– São só uns minutos – prometeu. – Depois, desligo-o.

O telefone tinha-os interrompido por quatro vezes durante a viagem, sempre por questões de trabalho e Matilde apercebeu-se do que é que significava para ele destinar-lhe aquele dia, com tantas questões e problemas. Ela pousou a *shika* e a mala num sofá do vestíbulo e dirigiu-se para a sala, onde a visão da mesa posta com o pequeno-almoço a encheu de um regozijo que não soube explicar. Ainda que a toalha branca cobrisse o vidro por completo, os pratos, os talheres e os alimentos apenas ocupavam um dos lados. Ela colheu um jasmim do vaso, inspirou o seu perfume e, num gesto natural, enfiou-o atrás da orelha. Aproximou-se de um espelho e desfez as tranças. Ajeitou os caracóis e a flor e disse a si mesma que estava linda para ele.

Descontraída, estudou a composição do pequeno-almoço: tostas, *croissants* – pelo cheiro, estavam mornos – compotas, manteiga, um bolo com natas sobre um prato com gelo, um prato com frutas cortadas – morangos, bananas, maçãs, kiwis, mangas e ananás – cereais, iogurte e leite fresco. Pegou num pedaço de fruta, molhou-o nas natas e levou-o à boca.

Sobre o aparador de mogno brilhante, distinguiu dois *réchaud* de prata com as chamas no mínimo. Levantou a tampa da primeira e o aroma de ovos mexidos em manteiga com presunto inebriou-a e com água na boca; no segundo, ficou inebriada pelas fragrâncias de canela, aveia e leite. Junto ao *réchaud*, tinham colocado uma chaleira elétrica e a cafeteira, que mantinham a uma boa temperatura o café negro intenso.

– Pedi que nos esperassem com o pequeno-almoço pronto. – A voz de Al-Saud envolveu-a com a

mesma veemência que os seus braços tinham empregado no posto de Erez. Ao rodar sobre os calcanhares deu com ele na entrada da sala. Já despira a camisola amarela cor de milho com detalhes de azul-marinho e envergava uma camisola interior branca e justa que lhe assentava estupendamente bem com os *jeans* azuis gastos. Ela fixou o olhar no grosso cinturão, com fivela de bronze e nas botas texanas em pele de cobra, com pontas de prata e disse a si mesmo que aquelas duas peças de roupa resumiam o temperamento poderoso e atemorizador do homem que tinha à sua frente.

Avançaram até ao meio da sala ao mesmo tempo, incitados pela mesma ânsia. O encontro não foi delicado. Matilde tomou impulso em direção ao pescoço de Al-Saud e agarrou-se ao seu torso, rodeando-o com as pernas. Ele enfiou as mãos sob as nádegas dela e apertou-as por baixo da saia branca e larga. Subiu às cegas os três degraus que os separavam da sala de jantar, enquanto Matilde lhe agarrava a cabeça e se mantinha colada à sua boca. O beijo não era beijo, era uma mistura de lábios, línguas, gengivas, respirações agitadas e salivas candentes. Separaram-se quando Al-Saud a depositou sobre a mesa e a contemplou sem pestanejar com aqueles olhos negros de luxúria, enquanto a desembaraçava das sandálias franciscanas, aquelas que ela tinha usado no voo entre Buenos Aires e Paris; também lhe tirou as meias cor-de-rosa e a saia, eriçando-lhe a pele. Matilde endireitou-se para que Al-Saud lhe tirasse a camisola e a camisa. Ela aproveitou e despojou-o da camisola interior que, ao sair, lhe despenteou o cabelo.

Ela voltou a deitar-se e gemeu quando o frio do vidro, que se sentia através da toalha, lhe lambeu as costas e lhe acentuou a intumescência dos mamilos que, eriçados sob a renda do corpete, atraíram o olhar de Al-Saud. Este inclinou-se, para os apertar com os lábios. Matilde agarrou-se aos seus ombros nus e arqueou-se um bocado para resistir ao espasmo que a sulcava e protelando o convite para que ele se apoderasse do seu corpo.

– Lembras-te – perguntou-lhe Eliah, em francês – do dia em que fiz amor contigo na Mercure, sobre a mesa da sala de reuniões?

Matilde anuiu, de olhar fixo no grosso pescoço de Al-Saud, nos tendões tensos, na jugular pulsante, na maçã de adão aguçada e protuberante, e deslizou as mãos até dar com a sua nuca de cabelo rapado. O contacto do cabelo grosso curto e pontiagudo na palma da sua mão atçou-lhe inexplicavelmente a libido. Qualquer pormenor dele a inflamava.

– Fala – exigiu-lhe. – Diz-me qualquer coisa. – Ela gostava do efeito que as suas palavras surtiam no pescoço dele.

– Há pouco, quando te voltaste e eu te vi com o cabelo solto com a flor – Matilde apoiou as pontas do indicador e do médio sobre a maçã de Adão e acompanhou o seu percurso – tive vontade de estar contigo numa praia da Polinésia. Sozinhos. Nus.

– Quero que faças amor comigo numa praia deserta.

– Sim – assegurou ele, com ferocidade e afastou-se para lhe tirar as cuecas de renda.

Parecia assombroso que a visão do seu monte de Vénus mal coberto por uma penugem loura, apenas perceptível ao tato, continuasse a afetá-lo como pela primeira vez. Tratava-se de uma imagem

perturbadora porque correspondia ao corpo de uma criança. E o que era Matilde senão uma criança? A pequena, doce, inocente bondosa e perfeita Matilde. O seu ventre, afundado entre as cristas ilíacas, palpitava e a cicatriz esculpida pela esquirola ondulava na sua cor magenta. O movimento do umbigo que, como um barco no meio das ondas, subia e descia, turvava-lhe a vista, enchia-lhe a boca de saliva, secava-lha um segundo depois. Com o rosto embrenhado no monte de Vénus, esticou os braços e cerrou as mãos sobre a renda que cobria os peitos.

– Tenho fome – manifestou –, tenho fome da minha Matilde.

Ele abandonou-a por um momento. Ela lançou a cabeça para um lado e, com os olhos fechados, repassou cada sítio por onde ele tinha imprimido um rasto candente: a pressão nos mamilos, a palpitação na boca do estômago, o ardor no monte de Vénus e a inflamação entre as pernas. Ela ouvia-o no outro lado da mesa, fazia ruído com a louça, removia os pratos. Sem vontade, levantou as pálpebras e descobriu-o com o bolo de natas e o prato de frutas nas mãos, que apoiou a um lado. Arqueou ligeiramente a coluna quando ele se inclinou para lhe tirar o corpete. Ela arfou e enredou os dedos no cabelo de Eliah quando este lhe sugou os mamilos e depois os soprou. O contacto da sua respiração com a pele húmida tornou a sua intumescência numa instância dolorosa.

– Eliah... – suplicou-lhe e abriu as pálpebras de repente.

Al-Saud estava a untar-lhe os mamilos com natas. Ela riu quando ele lhe pôs pedaços de morangos e mordeu o lábio quando ele capturou a fruta e a ponta do mamilo entre os dentes. Ela temia que ele a mordesse e esse temor aumentava-lhe as pulsações do coração bem como do clitóris e da vagina. Ela agarrou-se novamente aos seus ombros e apertou-lhe a carne dura e tépida sem conseguir enterrar os dedos.

Al-Saud soltou o mamilo para varrer as natas que cobriam a auréola e o seio com a língua, até que só restou a fruta para devorar e os seus dentes acicataram-na outra vez enquanto lhe massajava o clitóris com os dedos pegajosos de natas, acabando por o limpar com a língua. Matilde explodiu num orgasmo que vibrou entre os lábios de Eliah. Observou-a desde a posição onde se encontrava, entre as suas pernas, estudou nesse transe até que a cabeça dela se inclinou para um lado. Às vezes, os seus seios, no frenesi da respiração enlouquecida, ocultavam-lhe o queixo, o lábio inferior, o nariz e as pestanas; outras vezes, não.

– Matilde – precisou de dizer enquanto perguntava a si mesmo como poderia deixá-la, e colocar-se em risco, quando devia a ela o facto de se sentir vivo. – Matilde. – Aproximou a sua cara à dela, descontraída, formosa, acesa, sublime. – Matilde, eu amo-te mais do que tudo neste mundo. – Ela sorriu, um sorriso debilitado pela satisfação. – Antes de ti, estava morto. Tu és a minha vida. Jura-me que nunca me deixarás. Jura-me que nada irá voltar a separar-nos. – Se ela lho jurasse, ele voltaria são e salvo do Iraque, eles iriam casar-se a 5 de maio e nunca mais se voltariam a separar. – *Jure-moi!* – exigiu novamente, apertando-lhe a cintura num gesto controlador.

O desespero que se adivinhava na sua voz comoveu-a e a inquietude que tinha nascido depois do telefonema de terça-feira regressou. Sempre de olhos fechados, ela tateou cada detalhe do seu rosto.

– O que é que se passa, meu amor?

«Tenho medo de partir deste mundo antes de ter sido feliz a teu lado!»

– Eliah, eu juro-te aquilo que me pedires. Sobretudo, juro-te que seremos felizes. Juro-te fidelidade, amor eterno e que nunca te vou deixar sozinho neste mundo. Só penso no dia do nosso casamento, em estarmos juntos em Paris, em fazer a vida que sempre sonhei ao lado do melhor homem, do meu Eliah, do meu adorado Cavalo de Fogo. – Tomou-lhe o rosto entre as mãos e obrigou-o a aproximar-se da sua boca. – Hoje e amanhã esqueçamo-nos de tudo, por favor. Amemo-nos sem pensar no futuro. Ama-me, Eliah, por favor.

– Sim, sim, sim. – Al-Saud arrastava os lábios pelo torso de Matilde e recolhia a doçura das natas, que despertava a sua fome e o seu desejo.

Traçou um caminho de ananás e de bananas desde o vale entre os seios dela até ao umbigo, que corou com um kiwi e regou a fruta com iogurte. O concerto de sensações que a assaltavam enlouqueciam-na: a tensão devida ao frio do iogurte, as cócegas provocadas pelas gotas soltas que resvalavam para as costas, a irritação causada pela barba incipiente, a dor quando os dentes dele não mediam a energia aplicada na mordida, a excitação quando o iogurte deslizava entre os lábios da sua vulva e Al-Saud o recolhia com a língua e limpava cada recanto, cada interstício, cada fenda, cada oco dessa parte do seu ser que encerrava o segredo do prazer.

Ela soube que Al-Saud se preparava para libertar o pénis quando ouviu o estrépito da fivela de bronze a golpear o vidro da mesa. Ergueu-se sobre os cotovelos e aguardou com curiosidade e emoção o momento em que ele iria baixar os *boxers* e o seu falo saltasse cá para fora. As cuecas acariciavam o volume enquanto ela descia. Os lábios de Matilde entreabriram-se ao descobrirem a mata de pelo negro que contrastava com o branco da roupa. O membro ressaltou devido à ação do elástico e à ereção. Matilde sentou-se na beira da mesa e tomou-o entre as mãos. Riu com astúcia quando Al-Saud lhe agarrou os ombros, inspirou de maneira sonora e franziu o rosto num esgar dorido.

– Gosto de te ter em meu poder – provocou-o, enquanto iniciava uma massagem que quase hipnótica. Gostava de ver a glândula aparecer e desaparecer entre os seus dedos, da cor intensa que adquiria com cada carícia, a humidade que assomava pela fenda que o coroava; aperceber-se na palma da sua mão o latejar das veias que o sulcavam, o calor que aumentava, a dureza que se acentuava, tudo a impressionava. Queria-o na sua boca com natas, com iogurte e com fruta. Separou Al-Saud da aresta da mesa e baixou-se. Ele colocou as mãos sobre a berma coberta pela toalha e fechou-a nos seus braços.

– Pega-lhe outra vez – exigiu-lhe ele num sussurro torturado e de olhos fechados. – Ah! – exclamou, ao sentir a untuosidade fria das natas sobre a glândula.

– Eliah.

O poder da voz dela conduziu-o de novo à realidade e deparou-se com os olhos de Matilde que já não eram de prata, mas de azeviche, enormes e embora parecesse incoerente, carregados de uma lascívia que não lhe tirava um grama de inocência. A criança e a mulher. O púbis de uma criança no corpo de uma mulher. A excitação de Al-Saud alcançava níveis descomunais. Os testículos latejavam-lhe, duros e

quentes.

– Por favor... – suplicou, e Matilde sorriu com malícia.

– Sabes que mais, Eliah? – disse ela enquanto continuava a encher-lhe a glândula de natas batidas. – Eu descobri que me converteste numa puta. – Estupefacto de excitação e de amor, ele viu-a a pôr-se de joelhos. – Antes de te conhecer, eu nunca pensava em sexo. Agora, pelo contrário, gosto mais de sexo do que a Juana. Estive a semana inteira a pensar em fazer-te isto.

O semblante de Al-Saud alterou-se quando os lábios carnudos de Matilde se ajustaram em redor do seu pénis e desceram até o engolirem pela metade. Proferiu um rugido e o estremecimento que o sacudiu quando Matilde lhe barrou os restos de natas da glândula com a língua o obrigou a devolver as mãos à aresta da mesa. Retirou-se da sua boca num ato desesperado. Ele urgiu-a a pôr-se de pé e levantou-a no ar pelas nádegas. Matilde agarrou-se ao torso de Eliah, rodeando-o com os braços e com as pernas.

– Beija-me – exigiu-lhe. Por vezes, questionava-se porque sentia tanta necessidade que ele a beijasse enquanto a possuía, e chegou à conclusão de que essa ação – o unir das bocas, o intercambiar de hálitos e saliva, o entrelaçar das línguas ou o conter da língua do outro na própria garganta – era, na sua opinião, muito mais íntima, pessoal e reveladora do que a própria cópula. Lembrava-se dos beijos partilhados com o marido, Roy Blahetter, e meditava: «A paixão de um beijo não se pode disfarçar.»

– Toma-me contra a parede.

Alienado pela excitação, Al-Saud grunhiu ao ouvir a súplica de Matilde e, ao aperceber-se da humidade quente do seu hálito na orelha, moveu-se com as calças caídas em redor dos joelhos até apoiar as costas da mulher contra a parede.

– Que queres tu que eu te faça contra a parede?

– Quero que me metas a tua verga na vagina e a tua língua na boca, ao mesmo tempo.

Ele comprazeu-a em tudo, impaciente por fazê-la gozar até a deixar sem sentidos, se isso fosse possível, para que ela nunca se questionasse se outro o faria melhor, se iria encontrar mais prazer nos braços de outro, para a satisfazer até à saciedade, até a enjoar de orgasmos para que não o esquecesse durante os meses de separação e para que não procurasse consolo noutro, no militar israelita, por exemplo. A mera ideia disto encolerizou-o e ele possuiu-a com a violência de uma fera raivosa, como se o seu falo fosse uma faca que se cravava com fúria uma e outra vez na carne dela para a matar. Beijou-a com pequenas mordidas até se aperceber do gosto do sangue na boca e empurrou-a contra a parede para que o seu pénis lhe marcasse as entranhas. Ela nunca se queixou e a sua aceitação submissa serviu apenas para lhe atizar o humor cruel e demandante. Os gemidos de Matilde no alívio, uns guinchos que ela sufocou no seu ombro, talvez porque se lembrava do escândalo que tinham protagonizado no fim de semana anterior, encheram-lhe o sentido da audição até o ensurdecem. Ele esvaziou-se nela com uma ejaculação tão violenta quanto o ato, que por uns segundos o privou de ar nos pulmões.

Matilde devorou-o com o olhar; ela amava a paralisação que o acometia enquanto ele a molhava com a sua semente, aquele gesto estático de lábios tensos, o espaço apertado entre as sobrancelhas e os

tendões inflamados e tensos. O primeiro som que lançava quando o ar conseguia passar pelas suas cordas vocais sobressaltava-a, um gemido dorido que se ia despojando do timbre debilitado até adquirir uma nota obscura, prolongada e de contrabaixo. Depois, retomava as investidas, mais curtas e profundas, encorajado pelas últimas expulsões de sémen. Com isto, perdia a força e desmoronava sobre ela. Naquele caso, ele apoiou a testa sobre o seu ombro, onde absorveu ingentes porções de oxigénio, caldeando-lhe a pele, molhando-a.

Matilde libertou-se para se baixar porque se apercebia do tremor involuntário dos músculos de Al-Saud, submetidos a um exercício tão severo. Ele, extenuado, permitiu-lhe colocar os pés no chão; não obstante, encerrou-a entre os seus braços e colou-a ao seu corpo. Uma vez recuperado o hálito, ele ameaçou-a ao ouvido:

- Matilde, não te atrevas a deixar-me.
- Tu também não – respondeu ela, e agarrou-lhe o pénis, que ainda não perdera a intumescência.

Al-Saud abriu os olhos abruptamente e Matilde escondeu a impressão que estes lhe causaram; havia mais do que o fogo habitual, do que a paixão, do que a exigência do homem machista e possessivo que era; havia angústia. Ela afastou-lhe as mechas de cabelo da testa, acariciou-lhe as bochechas e não retirou as mãos ao voltar a perguntar-lhe:

- O que é que se passa, Eliah?

Al-Saud obrigou-se a esboçar um sorriso sossegado.

- Minha puta – balbuciou ele com ternura e beijou-a na testa.
- Sim, sou uma puta por tua culpa.
- Não, *uma* puta não. *A minha* puta.
- Sim, a tua puta exclusiva. Não me imagino a fazer isto com mais ninguém. Vamos tomar banho.

Estamos pegajosos.

- E doces – acrescentou ele e agarrou-lhe num seio e levantou-o para chupar-lhe o mamilo.

– Vamos – insistiu ela e a boca de Al-Saud emitiu um som semelhante ao da cortiça que abandona a garrafa quando Matilde o privou da sua diversão. Ele viu-a a afastar-se, até às escadas que conduziam à casa de banho.

- Não faças isso – ordenou-lhe ele.
- O quê? – quis saber ela, sem se voltar nem se deter.
- Menear assim o traseiro.
- Não o meneio de propósito, senhor Al-Saud. É a minha forma de caminhar.
- Isso excita-me – afirmou ele e seguiu-a com uma ereção que Matilde vislumbrou sobre o ombro e que a fez rir. – Não faças troça – advertiu-a ele.

Ela, sem parar de rir, correu pelas escadas abaixo. Antes de a seguir, Eliah muniu-se do frasco de vaselina que tinha mandado comprar no sábado anterior.

Ele encontrou-a dentro do duche. A água quente corria e o vapor inundava o recinto. Com um ânimo

brincalhão, Matilde colou-se ao vidro esmerilado com os lábios em forma de um beijo e Al-Saud, apoiado num pé enquanto tirava a bota texana, exclamou para si mesmo, aturdido pela sensualidade dela: «*Mon Dieu!*» A silhueta do seu corpo adivinhava-se atrás do vidro mate e translúcido; por outro lado, os seus lábios, os seus mamilos e o seu púbis que pressionavam a divisória, distinguiam-se com bastante clareza. Ele sentou-se sobre a tampa da sanita e continuou a debater-se com a bota sem afastar a vista do espetáculo.

– Que parte de mim queres? – perguntou Matilde, com um sotaque voluptuoso e desafiador. – Os meus lábios – ouviu-se o som de um beijo –, os meus seios – mexeu-os em círculos sem os afastar do vidro – ou *ta petite tondue, mon amour*. Ah, já sei o que quer o senhor Al-Saud! – Deu uma volta e apoiou as nádegas sobre o vidro. – Talvez o senhor Al-Saud prefira isto?

– Matilde – sussurrou, surpreendido pelo talante dela, feliz e triste, e toda a coleção de sensações e de sentimentos que Matilde avivava no seu interior, que naquele momento estava em chamas. Ele pigarreou para recuperar o controlo da sua voz. – Estás a brincar com o fogo.

– Estou preparada, senhor Al-Saud. Sinto-me muito descontraída.

Acabou de se desembaraçar das botas e das calças num frenesi impaciente que provocou a gargalhada de Matilde. Ao vê-lo aproximar-se do chuveiro, brandindo a ereção como uma espada, ela acobardou-se. Al-Saud inclinou a boca num sorriso sarcástico.

– Voltas atrás agora? Onde está a minha Matilde revolucionária?

– És tão grande – resmungou ela, ao ver o pénis.

– O mesmo da outra vez.

– Parece maior.

– Cobarde! – riu-se ele e obrigou-a a dar meia-volta e a colar o rosto ao vidro. Aproximou-se do seu ouvido para lhe exigir: – Pede-me aquilo que queres que te faça. – Massajou-lhe o clitóris e o ânus ao mesmo tempo – Chama-me senhor Al-Saud e pede-mo.

– Por favor, senhor Al-Saud – sussurrou –, penetre-me por aqui.

– Por onde?

– Pelo... não consigo dizê-lo.

Al-Saud riu e beijou-a no pescoço com a mansidão que não tinha mostrado a manhã inteira. Ele massajou-lhe alternadamente o clitóris e o ânus com o jorro do chuveiro manual. Por fim, Matilde ficou inerte contra o vidro. Al-Saud besuntou-a com vaselina, fez o mesmo com o seu membro e penetrou-a lentamente. Imaginou a cena a ser vista por um intruso que entrasse naquele instante: a bochecha, as mãos abertas, os mamilos encarnados, o ventre palpitante e as coxas trementes de Matilde esmagados contra o vidro e a figura dele, escura e ameaçadora, difusa, erguendo-se atrás dela. E fantasiou com aquilo que o intruso iria ouvir: os suspiros ansiosos, os soluços de prazer e os seus clamores roncados, misturados com os ruídos surdos da água, ao embater no mármore do chão. O orgasmo, ao qual chegaram ao mesmo tempo teve um efeito portentoso em Al-Saud que caiu de joelhos e arrastou Matilde com ele. Falou-lhe quase sem fôlego, de maneira entrecortada e em francês.

– Quero que saibas... que... em toda a minha vida... eu tinha sentido... algo... semelhante. – Ele fez deslizar os lábios pela sua bochecha rosada e húmida. – Obrigado por seres minha. Por me dares o teu corpo sem restrições. – Matilde pôs os braços para trás, para se agarrar à nuca de Al-Saud, que lhe cingiu a cintura com as mãos. – Por me ofereceres tanto prazer. Por confiares em mim. Por me fazeres sentir importante porque sou importante para ti.

– Eu faço-te feliz? É o que mais desejo na vida.

Havia tanta genuína preocupação, tanta candura, na pergunta que Al-Saud pressentiu que iria começar a chorar. Onde iria ele obter a frieza necessária para a deixar partir depois daqueles dias juntos? Como iria ele viver aquelas semanas longe da sua Matilde?

– Sim, feliz – respondeu com voz tensa. – Mais do que isso. E eu, faço-te feliz?

– Já to disse muitas vezes: tu és a minha vida.

Envolvidos nos roupões, confortáveis na calidez do quarto – lá fora, fazia frio e chuviscava – tomaram o pequeno-almoço à hora da refeição seguinte. Al-Saud devorou os ovos com presunto enquanto Matilde saboreava a aveia fervida no leite e perfumada com canela. Acabaram a fruta, os bocados que restavam no prato e beberam café. Saciados, instalaram-se confortavelmente no sofá a conversar. Matilde abandonou o regaço de Al-Saud para espiolhar os CD musicais.

– O que é que gostarias de ouvir? Há *jazz*, música clássica, música folclórica judia... Ah, Edith Piaf! Gosto dela.

– Tinha uma voz extraordinária. Põe-na a tocar. Há anos que não a ouço.

Tratava-se de uma seleção dos seus temas mais conhecidos. O primeiro era, obviamente, *La vie en rose*. Matilde colocou o CD e, ao voltar-se para regressar ao sofá, chocou com Al-Saud.

– Tenho vontade de dançar contigo.

Matilde assentiu, comovida pela delicadeza com que apoiou a mão na cintura e a atraiu para o seu corpo. Ela descansou a face sobre o peito de Al-Saud e mexeu-se ao ritmo dele.

– Traduz-ma, por favor.

Al-Saud apontou à aparelhagem com o controlo remoto, premiu *play* outra vez e *La vie en rose* recomeçou. Em voz baixa e ao ouvido de Matilde, foi traduzindo os versos.

– «*Olhos que fazem baixar os meus, / um sorriso que se perde na sua boca / Aqui está o retrato sem retoques / do homem a quem pertenço. / Quando me toma nos seus braços / e me fala devagar, / eu vejo a vida cor-de-rosa. / Diz-me palavras de amor / palavras do dia a dia / e isso causa-me algo. / Ele entrou no meu coração. / Uma porção de felicidade / cuja causa eu conheço. / Ele é para mim / aquilo que eu sou para ele / na minha vida. / Ele disse-mo, / jurou-mo pela vida*».

Seguiu-se-lhe *Non, je ne regrette rien* e Al-Saud confessou-lhe que era uma das suas canções favoritas.

– «*Não, / nada de nada, / não me arrependo de nada. / Nem do bem que me fizeram / nem do mal, / tudo isso é igual para mim. / Não, nada de nada. / Não, não me arrependo de nada. / Está pago,*

varrido, / esquecido. / Não me importa o passado. / Com as minhas recordações / acendi um fogo. / As minhas tristezas, / os meus prazeres, / já não preciso deles. / Dispersados os meus amores / e todos os seus tremores / dissipados para sempre, / começo do zero. / Não, / nada de nada, / não me arrependo de nada. / Nem do bem que me fizeram / nem do mal, / tudo isso é igual para mim. / Não, nada de nada. / Não, não me arrependo de nada. / Porque a minha vida, / porque as minhas alegrias / hoje / começam contigo».

Com a última estrofe, Matilde agarrou-se às abas do roupão de Eliah e escondeu o rosto para chorar. As canções continuaram e Al-Saud não as traduziu. Guardou silêncio enquanto a continha no seu abraço e lhe tocava ao som das baladas.

– Emocionei-me porque sinto que escreveram esta canção para mim.

– Dizem que foi isso que Edith disse quando a ouviu pela primeira vez.

– A sério? – Matilde elevou o rosto e Al-Saud barrou-lhe uma lágrima com o polegar. – Então, ela sofreu muito antes de encontrar o verdadeiro amor.

Ele ficou a olhá-la até que Matilde ter voltado a procurar refúgio no seu peito, ocultando-lhe os olhos. Ela não podia saber o dano que lhe tinha causado com esta frase. *«Então, ela sofreu muito antes de encontrar o verdadeiro amor.»* O sofrimento de Matilde, a luta contra o cancro, as suas perdas, os seus temores, os seus padecimentos, não existia nada que lhe produzisse a desolação que imaginá-la a sofrer significava.

Por fim, Matilde disse:

– Edith Piaf também amou tanto como eu te amo. É óbvio para mim. Ninguém pode cantar assim sem sentimento.

– Dizem que amou muitíssimo um *boxeur* que morreu num acidente aéreo. Ela nunca se recompôs.

Voltaram a entreolhar-se fixamente. Nela, o pânico pareceu evidente. Ele soube dissimulá-lo.

Matilde acordou num sítio escuro e desconhecido.

– Eliah? – disse, com a voz adormecida e esticou a mão para lhe tocar; não estava. – Eliah? – Endireitou-se, assustada. – Eliah!

Ouviu passos. Provinham do piso superior. O coração galopava-lhe na garganta. Permaneceu quieta e ansiosa, à espera.

Al-Saud precipitou-se pelas escadas abaixo. Abriu as cortinas para que as luzes do jardim do hotel e o ténue resplendor da lua, que as nuvens tempestuosas tentavam engolir, se filtrassem no quarto e o iluminassem levemente, sem resplendores impetuosos. Viu Matilde sentada na cama, com o roupão aberto e caído num ombro, o cabelo despenteado e um brilho sobrenatural nos olhos.

– Estou aqui – tranquilizou-a e entrelaçou os seus dedos com aqueles que ela lhe oferecia. – O que é que se passa? – Ele obrigou-a a encostar-se a seu lado. – Outro pesadelo?

Matilde enrolou-se em Al-Saud, que tornou mais profunda a cavidade do seu corpo para a conter.

– Não. Acordei confusa. Não sabia onde estava. Estava a chamar-te e tu não me ouvias.

- Eu vim logo que te ouvi.
- Que horas são?
- Pouco passa das oito.
- Dormi muitas horas, não?
- Sim, por sorte. Estavas exausta.

– O turno das quintas-feiras à noite mais o sexo com o meu futuro esposo deixam-me de rastos. O que é que estavas a fazer?

- Estava a trabalhar.
- Tens muito trabalho?
- Bastante.
- E estar comigo tira-te tempo, não?

Al-Saud enterrou o nariz na tepidez com aroma a bebé do pescoço de Matilde.

- Sim, muitíssimo tempo – brincou ele.
- Pura perda de tempo, senhor Al-Saud, ou a sua futura esposa compensa-o de algum modo?
- Ela já fez algumas tentativas para me compensar, mas eu ainda não estou totalmente satisfeito.
- Que mulher tão desrespeitadora! – Matilde desanichou-se para lhe olhar o rosto. Ela passou-lhe o

indicador pelos lábios e delineou o sorriso que despontava.

– A mais desrespeitadora de todas. Mas eu suporto-a na mesma porque ela é linda. Ninguém é como ela.

– Amo-te, Eliah. – Matilde aproximou a sua boca da dele. Primeiro tratou-se de um intercâmbio de hálitos húmidos e tépidos, e de olhares fixos e ávidos, seguidos por um roçar de lábios e carícias subtis. – Não sei o que é que fiz para te merecer, não me importa. A única coisa que te peço é que nunca me falhes.

Al-Saud passou-lhe o dedo pela aresta do maxilar, admirado pelo corte perfeito da cara, o delicado oval de pómulos pronunciados, que terminava num queixo pequeno, pontiagudo e, ao mesmo tempo, arredondado.

– Não posso crer que algo tão valioso como tu seja só meu.

– Toda tua e somente tua. – Matilde voltou a encolher-se contra o torso de Al-Saud. – Conta-me algo belo.

– Ter estado ontem com Kolia é algo belo?

– Sim! – Al-Saud riu quando Matilde acendeu o candeeiro, se sentou na cama como os índios e instou-o com olhos fulgurantes. – Conta-me tudo. Todos os detalhes. Está crescido? Está bom? Tiraste a fotografia que te pedi? Continua a ter febre? Já lhe nasceram os dentes?

As gargalhadas de Al-Saud detiveram-na.

– Só a minha Matilde é capaz de amar profundamente alguém que não conhece.

– Como é que poderia eu não amar o filho do amor da minha vida?

Al-Saud atraiu-a para a sentar na concavidade que as suas pernas formavam. Descreveu-lhe a

jornada dividida com o seu filho de quase dez meses e referiu-lhe os pormenores mais importantes, como o de que ele caminhava com ajuda e dizia «papá», que a sua sobremesa preferida era a maçã esmagada com mel e que gostava de dormir com um ursinho de pelúcia, uma prenda do fotógrafo amigo de Natasha. Não mencionou a revelação da sua mãe, o facto de Natasha e Aldo Martínez Olazábal terem estado noivos; preferia não trazer o nome dela à baila porque sabia o desaparecimento do seu pai preocupava mais Matilde do que a carta.

– Tirei imensas fotografias.

– Mas tiraste uma com ele como te pedi, tu e Kolia sozinhos?

– Sim, tirou-ma o meu pai. Ficou bastante boa. Não tive tempo de as imprimir. Tenho-as no computador.

– Manda-ma por *mail*. – Al-Saud disse que o faria. – Eu também tenho uma coisa bela para te contar.

– Conta-mo.

– Lembras-te de Sandrine, a editora de Sabir que conhecemos na sexta-feira passada? – Al-Saud anuiu outra vez. – Quer publicar os meus contos! Os contos de Jérôme.

– Meu amor... É incrível, Matilde. Também escritora, minha tarântula?

– Confesso-te que nunca pensei que a ideia de os publicar me entusiasmasse tanto. Quando Sabir mo sugeriu, não me pareceu uma coisa importante. Agora, em troca, tenho a impressão de que é um sonho tornado realidade. Além disso – baixou os olhos, esfregou as mãos e Al-Saud soube que ela iria mencionar Jérôme – é como se de algum modo Jérôme estivesse perto de mim. Não quero esquecê-lo, Eliah! – exclamou. – Não quero que ele fique no nosso passado.

– Não, não, nunca. – Ele estendeu-se e cobriu-a com o seu corpo; os seus braços envolveram-na, o peso das suas pernas deram-lhe força, os seus beijos recordaram-lhe que ela não estava só, os seus lábios barraram-lhe as lágrimas, as suas palavras de amor reconfortaram-na. – Meu amor, não esqueças a promessa que fizemos. Tenho a certeza de que a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa nos vai ajudar.

– Sim – suspirou ela, entre soluços –, como é óbvio. Terei fé. E sabes que mais? Prometo à Virgem que destinarei tudo o que eu ganhar com a venda dos meus livros à clínica para os pobres do mundo.

– Será a clínica mais bem equipada de Paris porque estou certo que o teu livro será um *bestseller*.

– Deus te oiça, meu amor.

Al-Saud conduziu-a por outros caminhos para a afastar da ferida aberta que era o desaparecimento de Jérôme e pediu-lhe que lhe falasse do seu trabalho, dos seus pacientes, da situação em Gaza; isso distraía-a sempre.

– É a segunda vez que estás em Jerusalém – comentou Al-Saud – e não conheces nada exceto este hotel. Vamos sair hoje para jantar?

– Não. Não quero sair do nosso ninho. Aqui tenho tudo aquilo de que necessito. Não me interessa conhecer Jerusalém.

– Está bem. Pedirei que nos tragam o jantar. Enquanto dormias, o Shiloah telefonou. Querem

almoçar conosco amanhã. Apetece-te?

– Bom, isso sim. Eu sinto muito a falta de Juana. Tenho saudades dela.

Ambos se refugiram num cómodo mutismo. Na mente de Matilde, ressoavam as estrofes de *No, je ne regrette rien*. Algumas horas antes, ela adormecera no sofá a ouvi-la pela enésima vez e tinha acordado na cama.

– Eliah, tu crês que, se o amor termina, é porque nunca foi verdadeiro?

Al-Saud demorou alguns segundos, para meditar.

– Eu não teria sabido como responder a essa pergunta antes de te conhecer. Agora posso dizer que é impossível acabar com o verdadeiro amor.

– E se as pessoas mudam? E se de repente a pessoa que amas com todo o teu coração já não é a mesma?

– Não imagino a situação na qual deixaria de te amar. Talvez pudesse zangar-me contigo, inclusivamente enfurecer-me, mas deixar de te amar... Não, disso não sou capaz.

No sábado de manhã, levantaram-se cedo, tomaram banho juntos depois de fazerem amor e subiram em roupão para tomar o pequeno-almoço. Com uma chávena de café na mão, Matilde sentou-se nas pernas de Al-Saud em frente ao computador e viram as fotografias de Kolia. Matilde estava admirada pelo sentimento que crescia nela e perguntava-se se poderia amar o filho de Eliah como amava Jérôme. Ela desejava-o, ansiava amá-lo com a mesma classe de amor infinito e poderoso que Jérôme lhe inspirava. Queria os dois com ela. Fantasiava com os quatro na casa da Avenida Elisée Reclus.

– À noite – começou a falar no meio de um silêncio – quando apago a luz para adormecer, imagino-nos, a ti e a mim, a Kolia e a Jérôme na piscina da tua... da nossa grande casa. – Sorriu no escuro, como uma louca, imaginando-se a brincar com Jérôme na água. – Eu estou na parte baixa com Kolia, tentando ensiná-lo a boiar. E Jérôme aproxima-se, à procura de abrigo, porque tu o queres apanhar. Chama-te «papá» e quase que me causa mais alegria do que ouvi-lo a chamar-me «mamã». Não sei porquê.

Al-Saud abraçou-a ao mesmo tempo que clamava interiormente: «Porquê, meu Deus? Porque é que tiras Jérôme a Matilde, que só veio a este mundo para fazer o bem? Que queres tu que eu faça para lho devolveres?»

– Ocorreu-me que, se eu sonho com ele, se o torno uma parte dos meus maiores desejos, então vou trazê-lo de volta. Tu acreditas no poder do amor? – Al-Saud, incapaz de falar, anuiu. – O nosso amor irá trazê-lo de regresso. Gosta dele, Eliah. Ama-o para que ele o sinta e não se renda.

Al-Saud transformou a energia do pranto num beijo esmagador, no qual o gosto salobro das lágrimas de ambos se dissolveu nas suas línguas, se misturou com as suas salivas, e acabou seca com os suspiros.

– Tu ensinaste-me a amar, Matilde. Eu sabia que se aceitasses Kolia e o amasses, eu o amaria também. Eu aprendi a amar Jérôme em Rutshuru, porque o amor que tu lhe tinhas era tão grande que contagiava. Era impossível resistir a gostar dele. – Inspirou profundamente antes de afirmar: – Prometo-te que quando estivermos os quatro juntos, nos vamos meter na piscina e brincaremos e riremos, e toda

esta dor ficará no passado.

– Então, vou dizer o mesmo que Edith Piaf: *Je me fous du passé*.

Al-Saud riu com o choro emperrado na garganta, um som afetado e comovido, não só pela frase de Matilde, mas também pelo fervor com que ela o tinha exprimido, uma paixão violenta tão imprópria dela, tão alheia às suas feições de fada, que o impressionou.

– Sim, meu amor, sim, o passado não nos irá atrapalhar nada, logo verás.

Matilde voltou a observar a fotografia no ecrã, a fotografia de Eliah com Kolia nos braços, os dois com aspeto severo, muito erguidos e a vista cravada na objetiva da câmara. Um impulso levou-a a arrastar os dedos pela carita de Kolia.

– Meu pequerrucho – sussurrou ela. – Como é que pudeste duvidar que fosse teu? É tão óbvia a parecência. Até na seriedade se parece contigo.

– Ele é mais simpático. Está sempre a rir-se.

O almoço na companhia de Shiloah e de Juana foi retemperador. Os gestos mais austeros e os ânimos mais abatidos teriam sucumbido à alegria eterna de Shiloah Moses e às ironias e às brincadeiras de Juana. Comeram num restaurante do bairro Givat Ram, de Jerusalém, onde se encontravam o edifício do Knesset e a Universidade Hebraica.

– Passaremos o Natal em Córdoba – explicou Juana. – Quando regressar, começarei a preparar-me para que me reconheçam as habilitações. E tentarei entrar no hospital Hadassah, aqui, em Jerusalém.

– Tens de o fazer em hebraico? – preocupou-se Matilde.

– Não, por favor! As únicas coisas que sei dizer em hebraico são *shalom*, *Rosh Hashamá* e *Yom Kippur*, e nem sequer sei o que significam! – Shiloah puxou-a para perto dele e beijou-a entre gargalhadas. – Por sorte, estes israelitas estão conscientes do idioma horroroso que têm e permitem-me que o faça em inglês. No entanto, sim, tenho de me comprometer a ter lições de hebraico se conseguir um lugar no Hadassah.

Matilde observava Juana, cuja plenitude e felicidade exultavam e sorria de maneira inconsciente. Nem sequer necessitava de lhe perguntar se sentia a falta da família ou do seu país. Arrastou a mão pela mesa e apertou a da sua amiga. Elas entreolharam-se e a seguir os seus olhos ficaram húmidos.

– Estou tão feliz por ti, Juani.

– E eu por ti, minha amiga.

– Juana – chamou-a Al-Saud –, quando estiveres em Córdoba, poderias fazer-nos um favor?

– Claro, queridinho. Do que é que precisas?

– Preciso que obtenhas uma cópia da certidão de nascimento de Matilde. – Depois de uma pausa, acrescentou: – Para iniciar aos trâmites do nosso casamento.

Juana lançou um alarido e saltou da cadeira para abraçar Matilde e Al-Saud. Shiloah pôs-se de pé para felicitar o seu amigo e a noiva.

– Quando? Quando é que se casam?

– A cinco de maio – respondeu Matilde. – Marquem-no nas vossas agendas.

– Não o perderia por nada deste mundo! – assegurou Juana e ao vislumbrar o cenho franzido de Shiloah, voltou-se para lhe exigir: – Não faças essa cara de cu! Shiloah – revelou ela aos seus amigos – quer que nos casemos o quanto antes e eu não.

– Terás de o fazer mais cedo ou mais tarde – queixou-se o israelita –, ou os tipos da Imigração irão meter-te numa caixa e enviar-te de volta com o teu avô sírio e eu não irei mexer um dedo para te salvar. Além disso, se quiseses trabalhar no Hadassah...

– Está bem, está bem – claudicou Juana e beijou-o na bochecha –, iremos casar-nos mas isso será na Argentina e mais lá para a frente. Ainda quero ser livre – declarou ela com trejeitos e gestos histriónicos.

Saíram do restaurante e Matilde tomou a amiga pelo braço.

– É paradoxal que eu e tu acabemos sempre na mesma – exprimiu Juana. – Apercebeste-te de que, tal como tu, eu nunca terei filhos? Tu por culpa do maldito cancro. Eu por culpa da maldita porfiria dos Moses.

– Acabas sempre por me imitar, Juana Folicuré – brincou Matilde.

– Sim, mas esta saiu-me bem, embora não tão bem como quando pinte o cabelo de louro. Por favor! Parecia uma prostituta barata.

– Juani, não terei filhos das minhas entranhas, mas terei Jérôme.

– Sim, amiga minha. Eliah vai encontrá-lo, não duvides disso.

– Não duvido, Juani. Além disso, tenho uma coisa para te contar – disse, dispondo-se a contar-lhe aquilo que dizia respeito a Kolia.

Al-Saud e Moses caminhavam alguns passos atrás. Não apartavam a vista das mulheres enquanto conversavam.

– Decidiram viver em Jerusalém?

– Eu prefiro Telavive, tu sabe-lo, mas com a minha atividade no Knesset é mais cómodo para mim ficar aqui durante a semana. De qualquer modo, não posso descuidar os meus negócios em Telavive. Sou daqueles que creem que o olho do amo engorda o gado. O mais provável é eu convencer Juana a conseguir um trabalho num bom hospital de Telavive e eu vá e venha todos os dias. São somente cinquenta quilómetros.

Al-Saud continuou a avançar de olhar sempre fixo no chão. «Fica em Jerusalém e não voltes a Telavive até eu to dizer!», ter-lhe-ia ordenado ele. Saddam Hussein nunca iria bombardear uma das cidades santas do Islão. Por outro lado, Telavive era o seu alvo favorito. A impotência oprimia-o, não podia confiar a verdade ao seu amigo, tinha feito um juramento de silêncio; por outro lado, o perigo insinuava-se, Shiloah não descansaria até o descobrir. «Daqui a poucos dias, eles viajarão para Córdoba e só voltarão lá para o início de janeiro», calculou. «Depois, Shiloah irá levar o seu tempo a persuadir Juana a desistir de entrar no Hadassah, se é que o consegue. Quem sabe se, durante esse tempo, eu não terei conseguido descobrir o sítio onde enriquecem o urânio e constroem as bombas». Ele deprimiu-se ao refletir que nem sequer em Jerusalém estariam a salvo; a onda radioativa também os alcançaria ali.

– Irmão – disse Al-Saud – tenho algo importante para te dizer. – Ele também lhe contou o caso de Kolia.

Depois dessa caminhada pelas ruas de Givat Ram, regressaram ao estacionamento.

– Diz-me Matilde – quis saber Moses –, gostaste de Jerusalém?

Al-Saud adorou vê-la corar antes de admitir que não conhecia a cidade.

– Duas vezes em Jerusalém e este desgraçado não ta mostrou!

Depois de lançar uma olhadela entre o risonho e o reprovador ao seu amigo, Shiloah dispôs-se a emendar o erro, dando a Matilde a possibilidade de conhecer uma das cidades mais velhas do mundo. Como não havia muito tempo – tinham de se pôr a caminho de Erez por volta das quatro e meia –, Shiloah levou-os à Cidade Antiga para mostrar a Matilde e a Juana, em honra da religião que professavam – Juana esclareceu que ela não professava nenhuma religião –, a Igreja do Santo Sepulcro. Apesar de ser judeu, Moses conhecia de cor a história do templo construído sobre o sítio que é considerado o túmulo de Cristo e Matilde aprendeu mais da história do cristianismo naqueles minutos do que durante os anos que passou junto da sua avó e nos Capuchinhos. Embora restasse pouco tempo, Shiloah insistiu em visitar o lugar mais sagrado para os judeus, o Muro das Lamentações. Matilde deteve-se em frente do último vestígio do Templo de Jerusalém com um ânimo incrédulo; não obstante, ao elevar a vista e estudar aquelas pedras milenárias, por cujos resquícios a vida se abria sob forma de ervas daninhas, uma energia tomou-a de assalto, cortou-lhe a respiração e apagou-lhe o sorriso. Apertou a mão de Eliah e, durante largos minutos, como se estivesse em transe, com a vista imóvel, repetiu o nome de Jérôme. O sussurro das orações dos judeus ortodoxos e o seu balancear constante hipnotizavam-na.

Al-Saud observava-a de soslaio e segurava-lhe a mão. Entregou-lhe a sua lapiseira *Montblanc* e um dos seus cartões de visita ao vê-la remexer na *shika*; ele sabia que ela planeava deixar uma súplica. Matilde utilizou a sua agenda para apoiar o cartão e escrever no verso; ela ocupou-o por completo. Mostrou-a a Eliah, antes de a introduzir numa ranhura. «*Senhor, permite-nos encontrar o nosso Jérôme com vida e concede-nos, a Eliah e a mim, a graça de envelhecermos juntos e de vermos os nossos filhos, Kolia e Jérôme, tornarem-se homens de bem. Matilde Martínez.*» Regressou aos braços de Al-Saud depois de colocar o pedido numa ranhura entre as pedras.

– Irei a Gaza contigo. – A luz que envolvia Matilde agitou-lhe o coração. – Voltarei na segunda-feira à tarde.

Ainda que ele tivesse de viajar urgentemente para Londres, para iniciar o treino antes da infiltração, acompanhá-la-ia a Gaza e passaria outra noite a seu lado, talvez a última. Não se atrevera a dizer-lhe que não a veria durante semanas, talvez meses, quiçá nunca mais. A separação estava a tornar-se impossível.

Nessa noite de sábado, Matilde não regressou à missão Mãos Que Curam na rua Omar Al-Mukhtar, tendo-se instalado no hotel Al-Deira, na cidade de Gaza, um dos tantos hotéis construídos desde 1994

com fundos provenientes da União Europeia, na avenida Al-Rasheed, aquela que costeia o mar Mediterrâneo. A escolha do hotel não era um capricho. Quando visitava a Faixa, Yasser Arafat alojava-se ali e Al-Saud planeava um encontro no dia seguinte, para o advertir que deixaria nas mãos dos seus homens o treino da Força 17. Uma das condições impostas pela Autoridade Nacional Palestiniana fora a participação direta de Al-Saud: o *rais* não iria gostar da sua deserção.

Jantaram no *restaurante* de Sabir al-Muzara, com vários outros comensais. Matilde estava habituada à pequena multidão que rondava o *Silencioso*. Deixou Eliah na sala com Amina – ocupada em desfilar para ele a roupa que lhe tinha oferecido como prenda de aniversário – e foi até à cozinha com a jornalista israelita Ariel Hakim. Sabir, que estava a picar tomates, pediu-lhes que preparassem a salada de beringelas e que enchesse os recipientes com *hummus*, um puré de grão-de-bico temperado com alho e *laban*, um iogurte agri-doce com o qual os árabes acompanham a maioria dos pratos.

A conversa derivou para os palestinianos que eram israelitas e Ariela assegurou que lhes era conferido um tratamento de cidadãos de quarta categoria; proibiam-lhes o cumprimento do serviço militar, por exemplo, uma situação que os marginalizava, inclusivamente na obtenção de empréstimos.

– Em Israel, se não foste soldado, há muitas portas que se fecham, sobretudo as laborais. Por vezes, nem se consegue alugar um apartamento só porque não foste soldado.

– Mas isso não devia ser proibido? – perguntou Matilde. – No fim de contas, têm de lutar contra a sua própria gente.

– Claro que sim! – lembrou Ariela. – O que não é lógico é que, por não o cumprirem o serviço militar, eles se convertam em párias. Por exemplo, os estudantes da *Yeshiva*, quer dizer, aqueles que estudam teologia hebraica, estão isentos do serviço militar; não obstante, conservam todos os seus direitos de cidadãos israelitas.

– Porque é que estamos a falar disto? – quis saber o *Silencioso*.

– Porque a um amigo meu árabe, de Beersheva, negaram-lhe um empréstimo por não ter cumprido o serviço militar. É de loucos!

– Em qual banco? – Ariela Hakim deu-lhe o nome. – Um amigo meu trabalha nesse banco. É um alto funcionário da sede em Telavive. Vou ver o que posso fazer.

– Haverá algum canto da terra onde não tenhas amigos, Sabir? – brincou Matilde.

– Bom... – resmungou, enquanto parecia estar a refletir. – Não creio ter amigos entre os esquimós – assegurou e deu uma ligeira cotovelada em Matilde.

Começaram a rir os três. Eliah, que, da sua posição na sala seguia com olhos tempestuosos o diálogo, sentiu ciúmes. Sem prestar atenção àquilo que Amina lhe explicava acerca das suas sandálias, endireitou-se e entrou na cozinha. O *Silencioso* adivinhou o seu humor mal lhe lançou uma olhadela. Ariela e Matilde passaram a seu lado com as mãos ocupadas de pratos e tigelas e sorriram-lhe.

– Senta-te – convidou-o o *Silencioso* enquanto punha o pão de pita num cesto. – Tira essa cara. Se os ciúmes matassem, eu já estaria morto.

Al-Saud adotou uma atitude tensa até o olhar amável do seu amigo o submeter. Apoiou os

antebraços na toalha, entrelaçou os dedos e inclinou a cabeça.

– Perdoa-me, irmão. Não sei o que é que se passa comigo. Não consigo controlá-lo.

– Oh, não sejas tão melodramático! É lógico. É a tua mulher e estás louco por ela. A parte animal que temos em nós domina-nos.

– É mais do que estar louco por ela, o que é certo. É minha, Sabir. Entendes? É o único ser que sinto ser realmente meu neste mundo. Porém, às vezes...

Sabir falou sem olhar para ele.

– Gostarias de saber que *tu* és o único que ela sente como se fosse seu neste mundo, não é verdade? Que tu és o primeiro e o último, não é assim? O seu alfa e o seu ómega.

A sabedoria do amigo deixava-o sempre espantado. Ele era muito jovem e, no entanto, possuía o talento de ver o oculto, aquilo que se agitava na mente e na alma e não se podia explicar. Sabir decompunha-o e transformava-o em frases sólidas e coerentes que elucidavam aquilo que, até momentos antes parecia ser inextrincável.

– Sim – admitiu. – Às vezes ela parece-me inalcançável.

– Foste tu quem a pôs lá em cima. Castigas-te por causa de Samara ou por outro demónio qualquer que ocultas e eu desconheço. Seja como for, reprimes-te para não ser feliz. Mentas a ti próprio, dizendo que Matilde não te pertence, fazendo-a sentir mal por isso. Ela não é um dos teus aviões, Eliah. Ela ama-te loucamente e isso é tudo o que precisas de saber para estares tranquilo. – Ele olhou-o de soslaio e sorriu. – Eu conheço-te, irmão. Se fosse por ti, encerrá-la-ias numa torre para não a partilhares com ninguém. Mas acabarias por matá-la. Matilde é um ser que carece de liberdade, e de uma confiança admirável.

– É essa confiança que me deixa louco de preocupação, Sabir. Para Matilde, somos todos santos até que se prove o contrário.

– Meu amigo, estás a considerá-la uma tonta e isso não é justo. Deixa-a ser como é, tal como ela to permite e vivam os dois na harmonia que a confiança dá. Quanto ao resto encomenda-o a Alá.

– Tu sabes que eu não sou crente.

– Tu não és incrédulo, Eliah, antes te crês todo-poderoso. Mas existe sempre um momento nas nossas vidas em que necessitamos de Deus, por muito invencíveis que sejamos.

Depois do jantar, Al-Saud abandonou a reunião de homens e dirigiu-se para a cozinha, onde Matilde acabava de secar os pratos. Ele deteve-se atrás dela, sustentando-lhe a pélvis com ligeireza e sussurrou-lhe.

– Vamos para o hotel. Não aguento mais.

Matilde voltou-se com ligeireza e as suas pestanas elevaram-se com a lenta cadência de um leque de penas antes de lhe revelar os olhos enegrecidos.

– Sim, vamos.

Entraram no quarto aos tropeções, enredados num beijo abrasador. Seria a última noite durante muito tempo e Al-Saud tinha prometido a si próprio convertê-la numa recordação memorável para

Matilde. Ambos se desfizeram das suas roupas com urgência como se estas lhes estivessem a picar o corpo e voltaram a confundir-se num abraço de peles nuas, cujo fricção intensificou as sensações, fustigando-lhes as zonas erógenas com batimentos, pulsações e formigueiros.

Al-Saud envolvia-a nos seus braços, percorria-a com as mãos – as costas, os glúteos, os seios. Por uma janela aberta penetrava a fria brisa noturna, que soprava o *voile* das cortinas e arrastava os rugidos distantes das ondas que lambiam a praia e se misturava com as respirações ansiosas dos amantes e os seus ofegos angustiados. A luz do balcão banhava os corpos com uma luminosidade mortiça na qual o cabelo de Matilde adquiria um brilho opaco. Al-Saud encheu a sua mão com um punhado de madeixas e escondeu o nariz para aspirar os restos de *Paloma Picasso*, que ele lhe tinha trazido de Paris e com o qual ela se tinha perfumado nessa manhã, antes de fazerem amor. Voltou a abraçá-la, abrumado pela energia sexual que o fazia sentir um titã em comparação com a sua Matilde, pequena e desvalida. Matilde, por seu lado, notava o desespero com que Eliah a estava a amar.

Sem deter o beijo, Al-Saud tateou até arrancar o cobertor da cama, que acabou no chão. Deitou-se de costas e Matilde cavalgou-o. O contacto da púbis húmida e quente sobre a pele sacudiu-o e os testículos retesaram-se num espasmo doloroso que o obrigou a arquear-se e a soltar um gemido mudo. Matilde inclinou-se e apoiou os lábios na boca entreaberta para se encher de fôlego.

– Quero que me digas quais são as tuas preferências – pediu-lhe Eliah –, quais as coisas que gostarias que te fizesse. Quero que mo digas, quero conhecer os teus gostos, Matilde. Quero dar-te tanto prazer quanto o que me dás a mim. – Viu-a duvidar e insistiu: – Por favor, conta-me as tuas fantasias.

Matilde confessou-lhe ao ouvido:

– Tudo aquilo que me fizeste me deu prazer, meu amor, mas aquilo de que mais gosto é quando usas a língua para me chupar o que quer que seja, os mamilos, o umbigo, o clitóris. Sabes o que é o que eu penso? Que quando pões a tua língua entre as minhas pernas, partilhamos a mais absoluta intimidade, mais do que quando me penetras. Só a confiança infinita que tenho em ti me permite abrir-me assim.

Matilde afastou-se para o fitar e ficou impressionada com o espetáculo dos seus olhos, que lhe percorriam o rosto, estudando-a minuciosamente e com a mesma ferocidade com que as suas mãos lhe massajavam os glúteos. O seu mutismo excitava-a, a sua expressão séria mantinha-a inquieta.

– Põe-te de joelhos à altura da minha cabeça. – Embora aquilo a envergonhasse, Matilde não se atreveu a contradizê-lo e obedeceu-lhe. – Inclina-te para a frente e apoia-te à cabeceira da cama. Baixa-te até ficares com a tua vagina ao nível da minha cara. – Matilde duvidou e Al-Saud obrigou-a, atraindo-a para ele. – Eu fico duro só de ver-te nessa posição.

O hálito tépido de Eliah golpeou-lhe a vulva e Matilde estremeceu. A primeira passagem da língua fê-la gritar tal como o seguinte e o sucessivo, até que as ondas de prazer desbarataram os últimos vestígios de vergonha e cortaram os freios da contenção. Isto não se reduzia à ação da língua; também contavam a posição, que implicava uma entrega absoluta, as mãos dele, que trepavam por ela vindas de trás e lhe acariciavam e a firmeza que ele empregava a comprazê-la. Matilde recebia o prazer que Al-Saud lhe prodigava com o espírito livre e aquele gozo fazia-a sentir-se invencível, amada e desejada. As

bolhas de excitação que lhe borbulhavam no corpo misturavam-se com as de uma felicidade que a fazia proferir gritos de prazer, rir e pronunciar o seu nome.

De olhos fechados, Al-Saud imaginava a postura deles e o sangue pulsava-lhe na glândula. Matilde lançava a cabeça para trás e com as pontas do cabelo acariciava-lhe o queixo, o pescoço e a parte superior do peito e aquele simples roçar converteu-se num estímulo que se dispersou pelas suas extremidades nervosas, queimando-lhe a pele como se estivesse em carne viva. O orgasmo de Matilde explodiu e vibrou nos seus lábios. Ele amou-a pela sua índole de fêmea, pela sua paixão, pela sua confiança para se deixar guiar e por desfrutar aquilo.

O orgasmo tinha-a colhido até ao umbigo, tinha-a sacudido e quando ela pensou que estava a acabar, a língua de Eliah conduziu-a a outro, que ela sentiu até às plantas dos pés. Depois de alguns segundos de quietude com a testa apoiada nos antebraços que descansavam sobre a cabeceira da cama, ela moveu-se cuidadosamente para trás, elevou-se sobre o falo palpitante de Al-Saud e, sem afastar o olhar, resvalou sobre ele e enterrou-o na sua carne. Eliah gemeu violentamente e ao cravar os dedos na cintura de Matilde, magoou-a sem se aperceber disso. Matilde apoiou as suas mãos sobre as dele, indicou-lhe que afrouxasse com uma ligeira pressão e inclinou-se para lhe falar.

– Acabamos de partilhar a intimidade mais plena e profunda que pode existir entre um homem e uma mulher. De agora em diante, quando estivermos com outras pessoas, vou olhar para ti e pensar: «É o único deste mundo a quem permito que me beije a alma».

Matilde sentiu-o a expandir-se dentro dela e a mudança na tonalidade dos seus olhos, que se mimetizaram com a penumbra ao adquirirem uma coloração escura, afetou-a. Ela ia endireitar-se quando Al-Saud voltou a colá-la aos seus lábios para lhe falar em francês.

– Tu e eu somos um só. – E recordou-lhe a estrofe de *La vie en rose*: – *C’est elle pour moi, moi pour elle dans la vie. Tu le jures, Matilde? Pour ta vie?*

– *Oui, je le jure pour ma vie.*

Pouco depois, esgotados e saciados, partilharam um silêncio durante o qual ainda se ouviam as suas respirações ofegantes. Matilde deitou-se de lado e Al-Saud colou-se às suas costas, e cingiu-a com o braço direito. Ele disse a si próprio que o momento tinha chegado.

– Amanhã ao meio-dia viajo para Paris.

– Mas estás de volta no fim de semana, não?

– Não. – Algo naquele «não» perturbou-a e ela voltou-se para lhe ver a cara. – Meu amor... – Al-Saud afastou-lhe o cabelo da testa –, iremos ficar sem nos vermos durante várias semanas. Aceitei uma missão no Brasil, na Amazónia, que irá demorar algum tempo. Não será fácil estarmos em contacto. – Como odiava mentir-lhe e causar-lhe dor!

A opressão no peito de Matilde expandiu-se até lhe retesar o rosto e lhe inundar os olhos. A premonição cumpria-se, a angústia que a acompanhava desde terça-feira encontrara a sua justificação. Ele ia embora.

– Não me mintas, Eliah, diz-me a verdade. É uma missão perigosa?

– Não. Apenas levará tempo, é só isso.

– De que é que se trata? Podes dizer-mo?

– Um empresário contratou-nos para proteger os seus engenheiros enquanto montam uma fábrica de celulose no coração de Mato Grosso.

– Porque é que tu tens de ir?

– Não chores, suplico-to.

– Não choro, não choro – assegurou e sorriu com lábios inseguros, enquanto Al-Saud lhe limpava as lágrimas com o dedo. – Perdoa-me. Não faças caso, iludi-me com a possibilidade de passarmos juntos o nosso primeiro Natal.

Al-Saud fechou os olhos e colou a sua testa à de Matilde. Odiava Raemmers, Bergman, Roy Blahetter, Saddam Hussein e todos aqueles que o separavam do seu tesouro.

– Será a última missão deste tipo que tomarei a meu cargo, prometo-to. Depois de casarmos... – Matilde calou-o, colocando-lhe o indicador sobre os lábios.

– Não, Cavalo de Fogo. Não quero que o nosso casamento se converta numa prisão. Se, no futuro, tiveres de aceitar este tipo de trabalho, não desejo que o recuses por minha causa.

– Não é por ti, é por mim. Pensas que é fácil deixar-te?

Eles abraçaram-se em silêncio.

– Quando voltarás?

– Daqui a dois meses.

«Dois meses!», bramou a alma de Matilde, estonteada pelo medo e pela tristeza.

– Talvez menos – aventou Al-Saud, motivado pela dor que transparecia nas feições de Matilde, embora sem convicção. – Vou telefonar-te sempre que puder, e pensar em ti a cada segundo do dia. O tempo voa, meu amor, e daqui a dois meses, quando voltarmos a estar juntos, iremos começar a planear o nosso casamento.

– Sim – balbuciou a jovem médica.

– Eu amo-te, Matilde, mais do que à minha própria vida, mais do que a qualquer outra coisa. Já to jurei inúmeras vezes, eu sei, mas quero que não o esqueças. *Nunca*. – Entreolharam-se na penumbra e Matilde apercebeu-se que o brilho, com lampejos esmeralda, se devia às lágrimas não vertidas por Al-Saud. – Volto já. Vou buscar uma coisa.

Completamente nu, a coberto da noite, o corpo, largo e flexível, deslizava com a graça da qual ele não tinha consciência e que o envolvia num ar de arrogância sedutora. Al-Saud passou as costas das mãos pelos olhos, antes de remexer na mala. Regressou à cama e apresentou a Matilde um estojo de joalharia. O símbolo da Cartier (os dois «C» entrelaçados frente a frente, com nervuras em ouro) refulgiu sobre o couro vermelho; Matilde reconheceu-o das épocas de abundância dos Martínez Olazábal quando o pai, para obter o perdão da sua mãe, a subornava com joias. Premiu um botão e levantou a tampa. Al-Saud acendeu o candeeiro. Dentro da caixa repousava um anel de noivado, um solitário, uma joia simultaneamente simples e magnífica.

– Gostas?

A médica argentina levantou as pálpebras e encontrou-o expectante, como uma criança, e envaideceu-se ao concluir que Eliah mostrava a poucas pessoas esse seu lado vulnerável.

– Obrigada – sussurrou, com a voz quebrada. – Obrigada, obrigada! É lindíssimo.

– Ter-te-ia comprado algo mais sofisticado, com um diamante mais quilates...

– Não, não. Este é perfeito. É... impressionante e, ao mesmo tempo, simples, como eu gosto. Há harmonia e equilíbrio no desenho. Pensaste em mim ao comprá-lo, naquilo que me compraz e por isso, por me pores sempre em primeiro lugar, é que eu te amo.

– Tu és a única coisa que importa. Tudo aquilo que tenho só ganha sentido se tu estás. E também Kolia, claro. – Al-Saud tirou-lhe a caixinha das mãos, extraiu o anel e colocou-lho na mão esquerda. – Matilde – suspirou, depositando pequenos beijos na palma da mão, na ponta dos dedos, na linha da vida da argentina. – Amor meu, amor da minha vida. – Elevou o olhar. Matilde susteve a respiração. – Para mim, já somos marido e mulher. Para mim, és a minha esposa até que a...

– Não o digas! Por favor, não o digas. Para mim, nem sequer isso poderá separar-nos.

– Nem sequer isso – lembrou ele. – Fica-te bem? O diâmetro do anel é adequado?

– Está perfeito.

– Não o tires – pediu-lhe Al-Saud. – Nunca o tires. Que saibam que tens dono.

– Só para as cirurgias. Depois, andarás sempre comigo. E tu, nunca tires a Medalha Milagrosa.

– Jamais.

– Eliah, já só desejo que estes dois meses sejam passado.

– Passarão num instante, meu amor.

Matilde sorriu. Embora se instasse a si própria a enfrentar aquele mau momento com boa cara, para não o dececionar, não conseguia afastar a ideia de que acabavam de viver uma despedida.

Capítulo 11

O *Cessna 560 Citation* da Spider International obteve a autorização do controlador de voo e aterrou no aeroporto Oliver Reginald Tambo, em Joanesburgo. Era quarta-feira, 23 de dezembro, e Nigel Taylor pensou que, ainda que só se tivessem passado oito dias desde a despedida de Angelie, a ele parecia-lhe um ano. Havia chegado a Londres enraivecido por conta do beijo que lhe arrancara no corredor do hospital, e dedicara-se ao trabalho e a pôr ordem na sua vida imerso num furacão emocional. Descarregava a frustração na secretária, nos empregados, nos sócios e até nos clientes.

– Jenny! – vociferava pelo intercomunicador; quando a secretária aparecia, ficava a olhar para ela, à espera que lhe contasse que conversara com Angelie, o que não sucedera nos oito dias de separação e que ele, ele!, não se atrevera a pedir-lhe.

De noite, encostado à *chaise-longue*, só (recusava todos os convites que lhe chegavam) e enquanto saboreava o travo ardente do *Lagavulin*, perguntava a si próprio qual era a origem daquela raiva. Às vezes assustava-se, imaginando que cerrava as mãos em redor do pescoço delgado de Angelie e que lho apertava até lhe arrancar à força a promessa de que casariam. Porque é que ela o recusava? Teria a ver com a sua condição de religiosa? Não, o beijo trocado desmentira-o: ela correspondera com inexperiência, é certo, porém, de forma apaixonada.

Nigel desceu a escada do *Cessna* e mostrou-se impaciente com os funcionários do aeroporto que lhe exigiram o passaporte e a cédula. Queria chegar ao Chris Hani Baragwanath, queria vê-la. Meia hora mais tarde, em frente à porta do quarto de Kabú, respirou fundo e fechou os olhos, tentando acalmar-se. Alguns risinhos filtram-se pelo buraco da fechadura, trespassando a madeira e fazendo-o sorrir pela primeira vez em muito tempo. Encostou a orelha à porta e escutou Kabú e Angelie, sem os conseguir compreender. Que bem que se davam! A jovem freira cuidava do menino com a devoção de uma mãe, e o *enfant sorcier* procurava-a com a necessidade de um filho. Queria-os aos dois: Kabú e Angelie faziam parte do mesmo sonho de felicidade e de paz.

Kabú percebeu o sobressalto de Angelie, que coincidiu com o bater na porta. A religiosa interrompeu o abraço, pôs-se de pé, alisou a camisa e ajeitou o cabelo.

– Vai abrir, tesouro. De certeza que é o doutor van Helger que vem despedir-se.

– Não – contradisse-a Kabú. – É o Nigel.

Angelie sorriu, nervosa, e afastou-se para simular que se ocupava das malas.

– Olá, Nigel!

Taylor não falou e Angelie sentiu a emoção dele como se se tratasse de uma experiência pessoal. Percebeu que levantara Kabú nos braços e que o beijava repetidamente. O riso da criança transportava também a felicidade do homem. Permaneceu de costas, aturdida, envergonhada, corada até a raiz do

cabelo. Ouviu o rangido dos sapatos dele sobre o linóleo e aspirou-lhe o perfume, que a envolveu como um manto. Taylor avançava na sua direção, não tinha escapatória; Angelie obrigou-se a si próprio a erguer-se e a virar-se para o enfrentar. Teria gostado de sair dali a correr, de forma que ele não visse que tinha as bochechas coradas, certa de que a desfeavam.

– Olá, Angelie.

– Olá, Nigel.

Ele sorria com presunção, perfurando-a com os seus olhos azuis. A cicatriz do lado esquerdo desinflamara bastante e a beleza do rosto saxão estava intacta, segundo o seu ponto de vista. Taylor não afastou o olhar enquanto falava com Kabú:

– Na bolsa há prendas para as enfermeiras. Vai levar-lhas, Kabú. Jenny pôs os nomes nos embrulhos.

Nigel pousou-o no chão e o menino pegou no saco antes de abandonar o quarto. Angelie forçou um sorriso.

– Isso foi muito atenc...

Taylor saltou a curta distância que os separava, agarrou-a pela nuca e pela cintura, e beijou-a ardentemente. Ambos conservaram uma posição rígida. Angelie cerrava os olhos e Nigel contemplava-a através de uma névoa de raiva e desejo, até que começou a mover os lábios, sentindo os dela relaxá-los ao mesmo ritmo. Ouviu-a choramingar, sem compreender se tal se devia ao medo ou à excitação. Mantinha-a apertada, sabendo que a magoava. Angelie tentou falar e ele aproveitou para lhe invadir a boca com a língua, tão exigente e agressiva como o seu abraço. Aquela carícia foi-se despojando da fúria, que se convertia em paixão vigorosa. Nigel voltou a sentir-se completo e feliz graças a ela, por estar junto a ela, dentro dela. Por fim, soltou-a e Angelie cambaleou.

– Porque é que me fazes isto? – gritou, enfurecida. Taylor pensou que nunca a vira assim tão irritada, e tão esplêndida, com a boca brilhante de saliva (o facto de ela não se preocupar em limpá-la envaideceu-o), os olhos escuros convertidos em dois poços de fogo. – Porque é que me beijas assim, sem me perguntar, como se eu não contasse? Porque é que me tomas de assalto como se eu fosse uma qualquer?

– Porque, se to perguntasse – respondeu, com uma ousadia que não sentia –, não mo deixarias fazer. E eu quase morri de vontade: não pensei noutra coisa nestes oito dias.

«Por acaso não viste Daphne van Nuart, durante o tempo que estiveste longe de mim?»

– E tu, Angelie, pensaste em mim?

– Claro que sim. Não te rias – não te atrevas a fazer troça!

– Meu amor – Taylor tentou agarrar-lhe os braços, mas ela escapou-se –, não estou a fazer troça. A tua sinceridade comove-me. Outra no teu lugar teria dito que não, que não tinha pensado em mim.

– Oh, bom, talvez devesse seguir o exemplo dessas outras das quais gostas tanto.

A ironia parecia tão imprópria em Angelie que ele ficou boquiaberto, voltando a questionar-se sobre o que é que existiria por trás da sua recusa.

– Não gosto de nenhuma, exceto de ti – disse, por fim.

– Pois! – exclamou a religiosa, e Nigel ergueu o sobrolho, entre o confuso e o atordoado. Kabú irrompeu pelo quarto e acabou com a discussão.

Um *statu quo* tenso e frágil definia a situação no Congo desde há um par de meses. Cada facção controlava um setor do país e pareciam todos conformar-se com isso. O exército do Uganda, por exemplo, apoderara-se da região norte, enquanto o ruandês imperava no Leste; o governo congolês conservava a soberania no setor ocidental e no Sul. Renitentes em exporem os seus exércitos e o armamento em batalhas desnecessárias, os comandantes, num acordo tácito, abstinham-se de iniciar ataques. Os chefes das milícias rebeldes eram farinha de outro saco e, ainda que todos mantivessem alianças com um país, de um modo geral atuavam livremente. Eram eles que geravam o caos, a anarquia e deixavam uma esteira de morte e de vidas destroçadas após a sua passagem pelas aldeias.

O *Cessna 560 Citation* obteve autorização para aterrar no aeroporto da cidade de Goma, a capital da província de Kivu Norte, que estava sob o domínio do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, o grupo militar rebelde do general Laurent Nkunda, um dos clientes da Spider International. O general teve inclusivamente a deferência de enviar Osbele para os recolher.

– Senhor Taylor! – alegrou-se o enfermeiro. – Que alegria vê-lo, senhor! E restabelecido.

– Como estás, Osbele? Obrigado por me vires buscar.

– O general está ansioso por vê-lo.

– Antes iremos à Missão São Carlos – disse, indicando Angelie e Kabú, que se mantinham atrás dele. – Ajuda-os com as malas, por favor.

Na missão, aguardavam com expectativa a chegada de *sœur* Angelie e de Kabú. Apesar da guerra, que suportavam desde agosto, naquele dia os ânimos encontravam-se entusiasmados, tanto o das crianças como o dos adultos, que corriam de um lado para o outro, dispendo pranchas e cavaletes, estendendo toalhas, instalando cadeiras, atizando o fogo onde se cozinhavam o peixe e as verduras em folhas de banana, manjar que tinham reservado para a festa de boas-vindas.

Do terreiro da capela, Amélie passeava o olhar pelo prédio da missão, tudo controlando que nada ficasse para o último momento, sobretudo a colocação das tochas que os iriam alumiar uma vez que a noite caísse de súbito sobre eles, como acontece perto do Equador. Desde o começo da guerra, a Guerra de Coltan, como ela a denominava com ironia, a população da missão aumentara consideravelmente. Às vezes, tinha a impressão que a missão se convertera num campo de refugiados: a comida escasseava; os medicamentos, tal como os médicos, tinham desaparecido desde que a Mãos Que Curam decidira abandonar o país. Não os culpava: a região oriental do Congo era considerada pelas Nações Unidas uma das mais perigosas do mundo. A sua prima Matilde era uma testemunha felizmente viva de tais horrores.

Ao pensar em Matilde, lembrou-se irremediavelmente de Jérôme, do qual nada se sabia. Amélie angustiou-se, perguntando a si própria como iria explicar a Kabú que o melhor amigo, pelo qual ele perguntava sempre quando falavam pelo telefone, desaparecera há quase quatro meses, devorado pela

selva ou sequestrado por algum grupo rebelde. O seu primo Eliah procurava-o, sem descanso, mas também sem resultados.

E como estaria a doce e meiga Angelie? Ao longo daquele tempo de distanciamento da missão, Amélia apercebera-se, durante as conversas telefónicas, de uma subtil, mas firme, transformação na sua querida amiga e companheira. Não tinha dúvidas de chegaria escoltada pelo galante Nigel Taylor; tratava-se de um palpite que, acreditava, era certo. Angelie não falava de outra coisa senão de Taylor. *O senhor Taylor disse-me, o senhor Taylor contou-me, o senhor Taylor é tão amável, o senhor Taylor saiu bem da cirurgia, o senhor Taylor foi-se embora*, este último comentário num tom de tristeza.

O *Jeep Rescue* emergiu de entre a moita que ocultava o caminho de acesso à missão – uma medida que Eliah sugerira para confundir os rebeldes que por ali vagueavam – e a multidão pareceu inflamar-se. Corriam atrás do veículo em alvoroço, com as mãos no ar. Amélie chegou com custo a Kabú, que Taylor sustinha nos braços e elevava acima das pessoas.

– Tesouro, tesouro meu! – exclamou, e Nigel inclinou-se para que a religiosa o beijasse. – Bem-vindo, Kabú!

– *Merci beaucoup, sœur Amélie.*

– Sentimos tanto a tua falta! Olha que lindo que ficaste! Lindíssimo!

Kabú estremeceu de felicidade e lançou-se para os braços de Amélie.

– Tesouro meu. Que valente foste, Kabú! Deve ter doído.

– Um bocado – admitiu a criança. – Onde está Jérôme? Não o vejo em lado nenhum.

Angelie, angustiada pelas demonstrações de carinho das companheiras, estremeceu-se ao ouvir a pergunta de Kabú. Há algum tempo, Nigel contara-lhe sobre o desaparecimento de Jérôme; naquele momento, amou-a por estar atenta ao menino e o proteger.

Amélie inclinou-se até os pés de Kabú pousarem no chão. Firmou as mãos sobre os seus ombros, olhou-o nos olhos e pediu-lhe:

– Kabú, tesouro, quero que sejas forte. Não tenho uma boa notícia para ti. – Aqueles olhos enormes, ternos e confiantes, apesar de toda a violência que tinham já testemunhado, devastou-a; a superiora continuou, com voz roufenha: – Jérôme não está na missão.

– Foi viver com Matilde e com Eliah?

– Não, meu amor. Desapareceu há algum tempo. Supomos que os rebeldes o sequestraram.

– A sério? – balbuciou o menino; os olhos ficaram rasos de lágrimas. Com o acordo da madre superiora, voltou-se e procurou alguém entre as pessoas.

Angelie admirou-se por ele se refugiar nos braços de Nigel, e não nos seus. No entanto, não sentiu ciúmes: pelo contrário, ficou feliz ao ver que se amavam. Correu para a capela e, depois de atravessar a entrada, caiu de joelhos e começou a chorar.

Era a primeira vez que alguém o procurava para que ele o consolasse. Durante os anos de casamento, Mandy nunca o fizera, à exceção da noite em que, sob a ação das drogas e do álcool, lhe

confessara a aventura com Al-Saud. No entanto, ele não lhe permitira desabafar, pelo contrário: abandonara-a, para a encontrar morta dias mais tarde. Desta feita, não iria dececionar Kabú. Levou-o nos braços até à casa das religiosas, sentou-se no sofá da sala, cingiu-o e beijou-o como nunca tinha feito com uma criança, nem sequer com os sobrinhos. Aquele contacto gratificou-o; prometeu a si próprio que se iria converter no pai daquele menino, custasse o que custasse.

– *My love* – chamou-o –, prometo-te que o encontraremos. Juro-to, meu amor.

– É o meu melhor amigo, o único que tenho.

– Eu sei. Iremos encontrá-lo e voltarão a ser amigos.

– Queria tanto que me visse sem queimaduras.

– E irá ver-te! Não duvides.

Kabú ficou junto de *sœur* Tabatha, que o conduziu ao orfanato para que mudasse de roupa antes do jantar, e Taylor foi buscar Angelie à capela, para onde a vira refugiar-se. Estava, ajoelhada no reclinatório do banco da frente, a vista fixa no Cristo crucificado. Notava-se que estivera a chorar. Taylor ajoelhou-se junto dela e falou-lhe baixinho:

– Gostaria que olhasses por mim como olhas para Ele.

– Já te olhei com muito mais devoção, asseguro-te.

– Eu amo-te, Angelie.

A religiosa continuou a contemplar Cristo. Por fim, decidiu-se a perguntar-lhe:

– Porque é que me amas, Nigel? Eu não sou mais do que uma simples missionária. Não conheço o *glamour* do mundo, não sei o que é viver na abundância, não tenho ligações nos círculos onde tu te moves, não sou formosa, nem sequer bonita, o meu corpo é insulso...

– És linda, e o teu é o corpo de uma mulher cheia de fogo. Estou apaixonado como um tonto por ti: pela tua sinceridade, pela tua autenticidade, por conheceres o mundo verdadeiro e não cenários de fantasia barata e fútil. Amo-te, desejo-te e quero fazer amor contigo.

– Não posso crer que estamos a falar disto aqui, diante d’Ele.

– Segundo me disseste uma vez, enquanto convalescia da minha segunda operação, Deus é amor. É misericórdia pura, amor puro. Por acaso julgas que Ele não pode entender isto que sentimos um pelo outro, e que é tão forte? Afinal, somos criaturas Suas!

Angelie sentou-se e Taylor ficou-se a seu lado.

– Como está Kabú?

– Mais tranquilo.

Inclinou a cabeça e olhou para as mãos, unidas em oração sobre as pernas, entre as quais assomava um lenço. Na realidade, apertava-as para não sucumbir à vontade de acariciar o seu amado Taylor.

– Como te adorei no instante em que te vi a consolá-lo! Que alegria me deu o facto de ele te procurar!

– Meu amor! – Nigel caiu de joelhos e descansou a cabeça no regaço de Angelie. Agarrou-a pela cintura e escondeu a cara nas saias de algodão a fim de conseguir inspirar o aroma da sua pele, que lhe

nascia entre as pernas. Ouviu-a a ofegar e, um instante depois, percebeu que lhe enredava os dedos no cabelo louro. Uma corrente de prazer que brotava das mãos de Angelie atravessou-o do cocuruto aos pés e deixou-lhe o sexo a latejar. Lembrou-se de que, nos seus últimos encontros com mulheres, lhe custara excitar-se: tudo o aborrecia. E, no entanto, somente por lhe acariciar o couro cabeludo, ela provocara-lhe uma ereção como não experimentava há anos! Excitava-o a ignorância de Angelie naquelas artes, desconhecadora do poder que detinha sobre ele.

– Irás deixar-me – ouviu-a murmurar. – Irei abandonar tudo por ti: a missão, que é o meu lar, as minhas companheiras que são as minhas irmãs, os meus meninos, que são os meus filhos; e irei contigo porque te amo como nem sequer a Ele, que Deus me perdoe e tenha piedade da minha alma. Depois, tu irás deixar-me, e eu ficarei perdida no mundo porque só conheço isto, só sei viver deste modo. Nessa altura, porém, será tarde de mais.

Nigel Taylor endireitou-se e contemplou-a com uma careta entre o atónito e atormentado.

– Isso é o que pensas de mim? – Como Angelie se permanecia calada, Taylor elevou o tom de voz: – Diz-mo! Isso é o que pensas de mim? – Nigel viu-a assentir e pareceu-lhe incrível que aquele gesto etéreo lhe causasse uma amargura tão profunda. Ela nunca mentia, aquilo que dizia era aquilo que pensava. Tratava-se de uma rara qualidade num ser humano; não obstante, ela possuía-a e, se bem que isso o cativasse, naquele momento teria preferido que ela fosse astuciosa e que lhe mentisse. Pôs-se de pé e afastou-se para o corredor central. – Acabo de prometer a Kabú que irei encontrar Jérôme e que o diabo me leve se não o faço! – Angelie agitou-se e cobriu a boca. – E a ti, eu prometo que serás minha, custe o que custar. E cada dia que acordares ao meu lado, irás arrepender-te de me teres magoado por me julgares um lixo.

– Nigel...

Ele foi-se embora tão rapidamente que não lhe deu tempo para articular a palavra «perdão».

– *Sœur Amélie*, posso falar consigo?

– Claro, senhor Taylor. Vamos sentar-nos. A ceia está quase pronta. Chame o seu amigo para que se junte a nós.

– Não, não. Agradeço-lhe mas nós estamos de partida. Está quase a anoitecer. Acompanha-me até à sala? Necessito de lhe falar a sós.

– Com certeza.

Amélie sentou-se na sua cadeira, aquela que mais ninguém, exceto ela, ocupava, e Taylor tomou assento no sofá.

– Senhor Taylor, antes de falar, permita-me que lhe agradeça por tudo...

– Não, por favor, Amélie. Posso chamar-te Amélie?

– Sim, claro.

– Não me agradeças nada. Eu sinto-me mal.

– Direi somente isto: que Deus te compense com paz e saúde.

– Obrigado. Queria falar contigo para te comunicar que tenciono adotar Kabú e casar-me com Angelie.

– Bom, tu não és de rodeios!

– Eu sei que esta é uma declaração surpreendente. Atrevo-me a esta sinceridade contigo porque sei que és uma mulher inteligente e sensata.

– Não te mentirei, Nigel. Aquilo que me dizes não me apanha de surpresa, de todo, embora eu julgasse que o sentimento era só dela, e não correspondido.

– Porquê? – questionou-a Nigel, incomodado. – Porque é que eu não iria apaixonar-me por uma mulher tão maravilhosa como ela? Também tu me julgas frívolo e estúpido, não é verdade?

– Eu não julgo ninguém; pelo menos, tento não o fazer, seguindo o conselho de Nosso Senhor Jesus Cristo. De qualquer modo, a simplicidade com que vivemos é tão distinta da opulência na qual tu vives que pensei que o brilho que te rodeia te impediria de ver o que emana da minha querida Angelie.

– Pois eu vi-o, Amélie, e estou cego de amor por ela.

– Eu gosto de todas as minhas irmãs em Cristo, mas sinto por Angelie um amor muito profundo, como aquele que os meus irmãos de sangue me inspiram. Poucos a conhecem como eu. Ela não se dá a conhecer porque a sua humildade é proverbial, mas possui uma das mais sábias e bondosas almas que já encontrei.

– Eu sei.

– Sofreu muitíssimo desde tenra idade. Sabias que foi encontrada num caixote do lixo, na rua, uma recém-nascida?

– *Oh, God! Oh, for Christ's sake!*

– Calculam que teria três ou quatro dias de vida quando a encontraram. Estava roxa de frio e com a pulsação muito baixa. As Irmãs da Misericórdia Divina acolheram-na e criaram-na. Uma vida muito dura, a do orfanato. As freiras daquela época eram severas e entendiam mal muitas coisas. De qualquer modo, a vida religiosa é a única que ela conhece; pelo menos aqui, connosco, as suas feridas cicatrizaram. Tu assusta-la, Nigel. Bastaram-me dois minutos para o perceber: ela ama-te e venera-te, mas teme-te com a mesma intensidade.

– Eu adoro-a, Amélie. Porque é que não me contou sobre o seu passado? Nós passávamos horas a falar no hospital.

– Pensa bem, Nigel. Angelie falava-te dela, ou de nós e das crianças?

– Pois agora que o mencionas, é verdade: nunca falava de si própria. Tagarelava sobre a missão, Kabú, mencionava-te a ti e ouvia-me a falar... sobre mim. Que vaidoso! Fui um pomposo!

– Oh, não! Não te sintas mal. Angelie é mesmo assim: consegue que as pessoas lhe confiem os seus segredos mais obscuros; nunca condena, nunca emite um juízo, limita-se a escutar e a compreender. Além disso, nunca a ouvirás falar sobre as suas penas porque detesta causar tristeza ou constrangimento aos outros. Aspira unicamente a ser uma fonte de alegria para os que ama; assim mo garantiu.

– Angelie é a minha alegria. Creio que foi por isso que me apaixonei: a sua ternura, o modo como

me olhava quando eu falava sobre as minhas coisas, como se se tratasse do assunto mais interessante da história da humanidade. Fazia-me sentir único, importante. – Amélie riu perante o retrato certo de Angelie. – Eu amo-a, Amélie, mas ela rejeitou-me. Tem medo de mim: acabou de mo confirmar. Teme deixar-vos por minha causa e que eu a abandone depois. Receia não se encaixar no meu mundo de *glamour* – declarou, enfatizando com desprezo estas últimas palavras. – Eu não o faria! Ser-me-ia impossível rejeitá-la. Ela converteu-se numa parte essencial da minha existência.

– Nigel, eu entendo o teu fervor. Não julgues que lá por ser freira, sou feita de madeira. Seja como for, aconselho-te a agires com prudência. As tuas ânsias poderiam parecer bajuladoras a qualquer outra, mas não a Angelie. Sugiro-te que vás devagar. Deixa que ela te conheça, que descubra a tua nobreza, que ganhe confiança em ti.

– Poderei vir cá visitá-la?

– Bom, deves entender que me pões numa posição difícil, convertendo-me do nada na mãe de uma menina casadoira. Que disparate! – riu. – Supõe-se que deveria correr contigo daqui aos tiros, mas eu só desejo a felicidade de Angelie. Serás bem-vindo sempre que nos vieres visitar, *a todas*, e desde que te comportes com o decoro que a situação exige. Será ela que acabará por decidir o que fazer. Enfim, estou a ver que vou perder a minha irmã em Cristo mais querida. E o meu *enfant sorcier*.

– Como te expliquei, quero adotar Kabú. Sei que a situação política é caótica, mas tenho contactos em Kinshasa e muito dinheiro para comprar... perdão. Quero eu dizer que o meu dinheiro será uma grande ajuda para alcançar o meu objetivo. Apoiar-me-ás?

– Falarei com os meus amigos da Associação de Adoção Internacional do Congo, em troca de um favor.

– Aquilo que quiseses!

– Diz ao teu general Nkunda que deixe de ser néscio e que permita aos camiões da Cruz Vermelha e da Mãos Que Curam...

– A Mãos Que Curam não abandonou a sua missão aqui?

– O pessoal médico foi evacuado, mas continuam a gerir a entrega de mantimentos, medicamentos e outros recursos necessárias, que não chegam aos hospitais por culpa dos rebeldes de Nkunda.

– Falarei com ele. Tenho a certeza de que me ouvirá.

– Então, conversarei com os meus amigos da Associação de Adoção. Nigel, uma última pergunta.

– Diz.

– O que é que se passa com a Matilde? Até há poucos meses, o teu interesse por ela era mais do que evidente.

– A Matilde fazia parte de um plano de vingança que fez ricochete. Uma pendência com Eliah al-Saud que já saldei de outra forma. Agora, eu e a Matilde somos bons amigos.

– Alegra-me sabê-lo. Nigel, espero por ti amanhã para a Missa do Galo, às oito da noite. Será dita pelo padre Bahala. É claro que estás convidado para o jantar da véspera de Natal: será uma refeição muito simples; afinal, estes são tempos de guerra. Ah, e poderás cá ficar e passar a noite, na cabana com

os outros homens, se te apetecer.

– Perfeito.

No dia seguinte, quinta-feira, 24 de dezembro, Taylor foi recebido pelo general Laurent Nkunda, que se encontrava de excelente humor; como cristão confesso, ou melhor, fanático, desfrutava os preparativos da festividade do nascimento de Cristo. Depois de falarem de negócios – assessoria acerca do armamento, compra de munições, fuzis e lança-granadas, matizes do treino das tropas, questões da alimentação –, Taylor atirou-se de cabeça ao tema que mais lhe interessava: encontrar o amigo de Kabú. Estendeu várias cópias da fotografia de Jérôme que, há tempos, Eliah al-Saud fizera chegar a Jenny e esta, a Nkunda.

– Sim, sim – afirmou Nkunda, apoiando a ponteira do seu bastão sobre o retrato do menino –, sem dúvida que este rapazinho é um digno filho tutsi. Magro como uma vara e alto como uma girafa. Quase que chega aos ombros desta religiosa.

– Quero oferecer dinheiro por qualquer informação certa sobre o seu paradeiro.

– Caríssimo senhor Nigel, esse seu amigo, o senhor da mina do arroio velho, já ofereceu dinheiro suficiente para tentar quem quer que fosse, e não obtivemos nenhuma informação relevante. Quinhentos mil dólares não são pouca coisa e, no entanto, até agora, nada.

– Iremos redobrar a recompensa – decidiu Taylor. – Ofereceremos um milhão de dólares, distribuiremos estas fotografias, colaremos cartazes nas aldeias e nas cidades. Alguém tem de saber algo dele!

– Eu tenho espiões por toda a parte, o senhor sabe-o, Nigel. Eles asseguram que nunca o viram.

– Os rebeldes que atacaram a missão naquele dia eram *interahamwes*. Eu sei que também têm brigadas por toda a parte, e que é difícil conhecer-lhes os movimentos. Pode assegurar-me de que tem espiões em *todos* os seus grupúsculos?

– Não, isso não posso – admitiu Nkunda. – Sobretudo – acrescentou, e o seu semblante escuro e brilhante crispou-se – porque ainda não consegui encontrar esse demónio do Karme, maldita criatura infernal! Antes, tinha-o sempre vigiado, mas ele descobriu o Patrice, o espião que nos preveniu no dia do ataque à missão. Torturou-o e lançou-o numa das minhas minas, para que o encontrássemos. Foi degolado. Filho da puta! É claro que também mudou o local onde costumava estar acampado.

– É imperativo encontrá-lo! Não tenho dúvidas de que foi ele que levou o Jérôme.

– Não é assim tão fácil, caríssimo senhor Nigel. A selva é um labirinto criado por Deus Nosso Senhor e, como tal, é perfeita para alguém se esconder durante muito, muito tempo. Além disso, outras coisas podem ter acontecido a esse rapazito: aterrorizado pelo barulho das armas, pode ter fugido para a selva, ter-se perdido e acabado como jantar de algum animal. Ou, simplesmente, pode ter morrido por falta de comida ou água.

– General, tenho a certeza de que Karme tem Jérôme na sua posse. O milhão de dólares será seu se conseguir averiguar a nova localização desse *interahamwe*. Eu sei que é um homem de recursos, que

tem contactos por toda a parte. Alguém estará disposto a ajudá-lo em troca de dinheiro.

Laurent Nkunda assentiu com expressão ausente, sem afastar a vista dos retratos de Jérôme que povoavam a mesa.

– Sim, por dinheiro baila o macaco – lembrou Nkunda.

Nigel Taylor passou o resto do dia a falar com os seus empregados – mercenários que treinavam os soldados rebeldes, alguns com menos de catorze anos – e a reforçar as tropas que realizavam os ataques ao exército congolês quando este se atrevia a ultrapassar os limites tacitamente estabelecidos. À tarde analisou o inventário de armas e de munições, e reuniu-se com o estado-maior do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, para traçarem estratégias. Um dos membros do Congresso, aquele que Taylor considerava mais lúcido, o comandante Bakare, deu-lhe a sua opinião acerca da possível localização do grupo de Karme.

– Se eu fosse o *interahamwe* – disse – e a minha última localização conhecida tivesse sido esta – assinalou um ponto no mapa –, sem dúvida que me moveria para aqui, mais perto do estado-maior, mais para mais porque assim tem o rio perto e pode arranjar água.

Taylor levantou a vista e fixou-a em Nkunda, o qual tirou o charuto da boca e assentiu, com ar derrotado.

– Está bem, está bem. Irei enviar um grupo de reconhecimento para que registe a zona que indica Bakare. De qualquer modo, eu reafirmo: é como procurar uma agulha num palheiro.

Taylor deu a reunião por concluída e foi-se embora. Planeava tomar um duche, embora tivesse de se servir daqueles cubículos de lata e dependesse de Osbele para que este lançasse água sobre ele. Naquela noite, queria cheirar bem para Angelie.

Donatien Chuquet não costumava dar importância às celebrações do fim do ano. Normalmente, passava o Natal e o Ano Novo sem o ânimo festivo das outras pessoas. Naquela ocasião, a tantos quilómetros dos filhos, num país que estava a converter-se numa armadilha e atormentado pelas dúvidas, a proximidade das festas deprimiu-o. Comentou-o com Uday, que decidiu alegrá-lo. Contra a vontade de Fauzi Dahlan, que julgava as visitas frequentes de Chuquet a Bagdade pouco sensatas, na noite de 24 de dezembro Uday Hussein instalou o piloto francês no hotel Palestina, um dos melhores da cidade, ordenando-lhe que se preparasse porque ele iria buscá-lo por volta das oito.

Chuquet vestiu-se com esmero e até se perfumou, uma forma de compensar a sua decadência. Falara com os filhos pelo telefone, e os miúdos questionaram-no amiúde sobre quando voltaria. «Em breve, em breve», mentiu-lhes. Como faltavam dez minutos para as oito, assomou a uma das janelas da *suite*, localizada no décimo sexto piso, e contemplou o céu anoitecido. Baixou o olhar e admirou a rotunda iluminada e engalanada da praça Firdos («paraíso» em árabe) e o edifício do hotel Sheraton Ishtar. Ao longe era possível distinguir a negrura que correspondia ao rio Tigre, o qual, até há uma hora atrás, ainda era visível. Recordou o monumento faustoso que avistara a caminho do hotel – duas enormes mãos que sustinham, cada uma, um sabre de 43 metros, cujas extremidades se cruzavam, chamado As

espadas de Qadisiyah. O motorista de Uday explicou-lhe que o «amo Saddam» o mandara construir para celebrar a vitória sobre o Irão. Chuquet recordava que, dessa guerra, não tinham surgido vencedores; a maioria dos analistas políticos assegurava que se tratara de um empate. Ele absteve-se de o comentar, e continuou a estudar a arquitetura de Bagdade, cujas joias, que revelavam um passado pujante, perdiam o brilho ao contrastarem com o estado calamitoso das ruas, as hordas de indigentes, os resíduos que se acumulavam nas esquinas, as matilhas de cães esfomeados, as carroças, puxadas por cavalos e burros escanzelados, carregadas de lixo, e outros espetáculos típicos de um país alquebrado após duas guerras.

O toque do telefone sobressaltou-o. O porteiro avisou-o de que o esperavam na receção. Mal se abriram as portas do elevador, avistou Uday ao longe, o qual, com um copo de *whisky* e um charuto entre os lábios, tentava seduzir uma jovem muito bonita. Aproximou-se fingindo alegria e forçou um sorriso. O filho do presidente saudou-o ruidosamente e deu-lhe um abraço. Mal se separaram, Chuquet percebeu que algo não estava bem.

– Tu não és o Uday.

Donatien voltou-se de repente ao escutar uma gargalhada atrás de si e viu o verdadeiro Uday sentado numa poltrona, também com um charuto na boca e um copo de *whisky* na mão. O herdeiro do Iraque pôs-se de pé e dirigiu-se a Chuquet, que ia igualmente ao seu encontro.

– Donatien, julgaste mesmo que era eu – declarou, satisfeito.

– É muito parecido contigo.

– Apresento-te o meu duplo, Latif Yahia. Queria testá-lo contigo.

O rapaz, tendo abandonado o seu papel de primogénito do presidente, mostrou-se submisso e tímido. Chuquet sabia que aquilo que o movia era o medo, de Uday e da posição que ocupava.

Os membros da família Hussein, especialmente Uday, eram odiados, e tinham-se convertido em alvos de atentados em várias ocasiões.

Após um desfile por festas privadas e discotecas, comendo e de bebendo em excesso, e após disparar para o teto com uma pistola e a *AK-47*, Uday cismou em mostrar-lhe um dos oito palácios que o seu pai possuía em Bagdade, o Al-Faw, também conhecido como Palácio da Água, devido ao imenso lago artificial que o rodeia, e onde Saddam Hussein gostava de pescar e de caçar patos, e os filhos de esquiar.

Uday ocupava uma das muitas residências que circundavam o palácio, cujo luxo era apenas uma sombra do fausto e da opulência que Chuquet poderia encontrar na construção principal, a qual, segundo o amigo, contava com sessenta e dois quartos e vinte e nove casas de banho. Donatien recordou as hordas de mendigos, e refletiu que uma tal situação de disparidade não iria aguentar-se por muito mais tempo.

Uday lançou-se sobre uma poltrona e consultou a hora. Quatro da manhã.

– Como estás, Donatien? Esqueceste-te que no teu país é Natal e de que estás longe dos teus?

– Claro! Nada como a hospitalidade de um árabe. Vocês são anfitriões naturais e são famosos no

mundo por isso.

Falaram de insignificâncias durante um bocado enquanto uma criada, de serviço a noite inteira, enchia a mesa com aperitivos e bebidas. Como Uday, imprevisível, continuava de bom humor e não estava drogado – um pouco excitado sim, mas não *alto* – Chuquet atreveu-se a mencionar-lhe a sua grande preocupação: o êxito da missão.

– Uday, tu transformaste-te no único amigo que tenho num país distante e estranho. Foste amável e generoso e eu devo-te fidelidade. – Com os meses, o francês aprendera muitas coisas acerca dos Hussein, e uma característica destacava-se: valorizavam a fidelidade dos seus acólitos acima de qualquer outra qualidade. – Por isso serei sincero contigo. Nem o *Profeta* nem o *Falcão de Prata* levarão esta missão a bom termo. São bons pilotos, mas este trabalho não requer um bom piloto, requer alguém genial. Talvez o *Profeta* consiga levar adiante a invasão da Arábia Saudita mas, definitivamente, nenhum conseguirá violar o espaço aéreo israelita e alcançar o objetivo.

– E se eles não conseguirem cumprir a missão, tu não verás um centímo do resto dos quatro milhões de dólares, não é verdade?

– É – assentiu –, eu não verei um centímo e vocês serão motivo de riso do mundo inteiro. Perderemos os dois e eu não gosto de perder, Uday. Além disso, nesta altura, ambos sabemos que vocês estão em graves apuros para conseguir os aviões.

– Basta de tanto blá-blá-blá! Diz-me de uma vez por todas qual é a tua ideia.

– O meu plano é utilizar o melhor piloto que conheço, o melhor que *L'Armée de l'Air* viu, para que ele se ocupe de Israel. O *Profeta* irá bastar-nos para atacar a Arábia Saudita: conheço o país de cor, por aí não há problema. Não te esqueças de que eu estive na base aérea de Al-Ahsa desde que vocês invadiram o Kuwait até nós nos retirarmos da zona, já 1991 ia adiantado.

– E quem seria esse *golden boy* da aviação? – interessou-se Uday.

– O seu nome é Eliah al-Saud.

O filho do presidente recobrou a sobriedade e endireitou-se na poltrona.

– Al-Saud? Dos Al-Saud da Arábia Saudita?

– Sim.

– Merda! Com que então, é um bom piloto?

– Bom? É um ás da aviação! Com ele, sim, atrevo-me a afirmar que lançaria a bomba sobre Telavive, e teria até hipóteses de escapar com vida!

– Um saudita a prestar-nos um serviço como esse... Seria um prazer matá-lo a seguir, se sobreviver. Onde é que ele está? Onde é que podemos encontrá-lo?

– Essa é a parte difícil. Pediu a passagem à reserva há anos e voltou à vida civil. Há uns meses, li um artigo sobre ele na revista *Paris Match*...

– Eu sempre quis sair na *Paris Match* – divagou Uday – mas eles nunca tiveram interesse em entrevistar-me.

– Depois do teu país se converter numa potência nuclear, não restará nenhuma revista no mundo que

não deseje entrevistar-te. Afinal de contas, tu és herdeiro. Como te estava a dizer, li há meses um artigo sobre Al-Saud que garantia que ele se convertera num mercenário. A sua empresa chama-se... Ah, maldita seja, não me lembro! Começava por «m»: Merk... Merle...

– Não te preocupes – interrompeu-o Uday – vou pôr a *Mukhabarat* na pista dele. Vamos encontrá-lo, mais cedo ou mais tarde. E quanto aos aviões?

– Eliah al-Saud irá consegui-los para nós.

Depois de dias de averiguações infrutíferas sobre um tal Eliah al-Saud, genro de Mohamed Abu Jihad, Rauf al-Abiyia decidiu regressar a Bagdade. Entrou no gabinete de Fauzi Dahlan e deteve-se de repente ao ver que este não estava sozinho. O urso com cara de buldogue a quem chamavam Udo estava atrás da sua poltrona, como um mastim.

– Entra, entra, Rauf – convidou-o Dahlan, com o tom amistoso que o primeiro começara a detestar depois de ele o ter mandado cometer torturas durante três meses. – Senta-te. Desejas tomar alguma coisa?

– Não, obrigado, Fauzi. Gostaria de falar contigo. A sós – esclareceu, sem olhar para o urso com cara de buldogue.

– Fala à vontade, Rauf. Udo é a minha sombra.

Al-Abiyia assentiu e começou:

– Dou-me por vencido, Fauzi. É impossível encontrar Mohamed. Onde quer que ele se tenha escondido, é um lugar estupendo, porque eu garanto-te que percorri todos os sítios onde *eu* me teria escondido, e nada. Não há rasto dele: é como se tivesse sido engolido pela terra.

Dahlan pôs-se de pé e bateu na secretária, o que sobressaltou Al-Abiyia.

– A terra não o engoliu, Rauf! Continua ali fora com o nosso segredo, que poderia render-lhe milhões se ele decidisse entregá-lo à CIA ou à Mossad. Tens de o encontrar. – Uma pistola de grande calibre surgiu na mão de Dahlan, que descansou o cano na testa de Al-Abiyia. – Eu quero Mohamed Abu Jihad aqui antes que o *rais* mande que me cortem as bolas por tua culpa.

– Está bem, está bem – balbuciou o Príncipe de Marbella, imediatamente alterado pelo medo. – Tenho uma pista, que me foi fornecida por *madame* Gulemale. Diz que foi um tal Eliah al-Saud quem o tirou da sua residência, daquela que Gulemale tem no Congo Oriental, e que o escondeu.

Pelo canto do olho, Al-Abiyia apercebeu-se de uma subtil alteração na máscara de ferro do tal Udo, cuja razão não soube adjudicar.

– De que é que nos serve esse dado? Conheces por acaso esse Eliah al-Saud? O seu apelido já me assusta. O que é que sabes dele? Vive em Riade? Onde é que ele está agora?

– Eu conheço-o.

Rauf al-Abiyia não refreou a tempo a exclamação que dele brotou ao escutar o som incharacterístico da voz do urso. Seria ele, na realidade, um robô? Com a sua idade e experiência, perdera muita da capacidade de se surpreender, e acreditava em tudo.

– Tu conhece-lo, Udo? – interessou-se Dahlan.

– Sim, muito bem.

– Sabes onde encontrá-lo? – Jürkens assentiu. – Então, de que é que estamos à espera? Vamos buscá-lo!

– Não será fácil apanhá-lo – admitiu Jürkens. – O tipo é uma máquina de matar. Pertencia a um grupo militar de elite, é perito em várias artes marciais e anda sempre armado. Eu próprio não conseguiria aproximar-me a menos de cem metros: iria reconhecer-me – garantiu Udo, pensando nos retratos-robô que, há algum tempo, tinham revestido as paredes de Paris, sem mencionar a oportunidade (essa sim, fugaz) de lhe ver a cara, hipótese que tivera no aeroporto de Viena quando Al-Saud tirara a máscara de gás. – Mas sei quem nos poderia ajudar a encontrá-lo e a trazê-lo para cá.

– Fala – instou-o o iraquiano, e Jürkens lançou um olhar maldoso a Al-Abiyia. – Fala com confiança. Rauf já demonstrou a sua lealdade.

– Anuar al-Muzara é cunhado dele. Montar uma armadilha a Al-Saud ser-lhe-ia mais fácil. Por uma boa quantia, Al-Muzara entregar-no-lo-ia com gosto. – Udo Jürkens acabava de arriscar a pele. Se Gérard Moses, o seu chefe, soubesse que fora ele a pôr os iraquianos na pista de Al-Saud, iria matá-lo com os venenos que o *rais* lhe oferecia para a sua coleção. Coragem, pensou de si para si: afinal de contas, aquela situação exigia alguma ousadia – com Al-Saud de permeio, ele nunca teria Ágata.

Fauzi Dahlan voltou a ocupar a poltrona, apoiou os cotovelos sobre a secretária e uniu as mãos sobre os lábios, como numa oração, enquanto examinava aquela informação. Por fim, ergueu a vista e fixou-a em Al-Abiyia.

– Que relação existe entre Eliah al-Saud e Mohamed?

Al-Abiyia não queria pronunciar a palavra «genro» porque o nome de Matilde viria por arrasto, e ele queria preservá-la daqueles animais tanto quanto possível.

– Não sei – mentiu; e Udo Jürkens, que suspeitara que o Príncipe de Marbella conhecia o vínculo que os unia, suspirou, aliviado. Se Ágata caísse nas mãos do regime de Bagdade, seria difícil salvá-la.

– Garantes-nos que Anuar al-Muzara no-lo entregaria em troco de dinheiro?

– Sim – confirmou Jürkens. – Não lhe importará que o regime de Bagdade seja sunita, nem que a sua lealdade seja para com os xiitas. O seu grupo terrorista enfraquece sem os petrodólares de Khadafi, e Al-Muzara está desesperado para comprar armas e assim engendrar um atentado que sobressalte o mundo.

– Se conheces Eliah al-Saud, Udo – raciocinou Dahlan –, poderias ir buscá-lo em troca de nada, provando a tua lealdade ao *sayid rais*.

– Fauzi, se estou fechado em Bagdade e te pedi asilo, é porque a minha cara é demasiado conhecida na Europa, que é onde se encontra Al-Saud.

– Ofereci-te uma cirurgia como aquela que fizemos a Rauf. Olha que bem que ele ficou. Esteve a passear pela Europa e ninguém o reconheceu.

Jürkens não se dignou a olhar para ele, nem contestou a sugestão. Ele não alteraria as feições do seu

rosto; caso contrário, Ágata não o reconheceria.

– Bem – convenceu-se Dahlan – vejo que continuas inamovível. Como é que iremos entrar em contacto com Al-Muzara? É sabido que não é fácil dar com ele.

Como estava certo de que o palestiniano abandonara o seu refúgio em Chipre, Jürkens julgou que deveria contactá-lo através dos columbogramas codificados que só Gérard Moses era capaz de redigir. Ficou nervoso: ver-se-ia obrigado a planear cuidadosamente o pretexto que iria invocar junto do seu chefe para lho pedir. Moses era um génio, possuía uma inteligência prodigiosa e também um instinto muito desenvolvido; se bem que a porfíria ultimamente lhe afetasse mais o raciocínio, como o cientista estava consciente dessa deterioração mostrava-se mais irascível e desconfiado do que nunca. Udo instou-se a si próprio a não perder a calma. Porque é que Moses haveria de suspeitar? O facto do regime de Bagdade estar a planear convocar Al-Muzara nunca levaria Moses a desconfiar que a segurança de Eliah al-Saud estava em jogo. Quem levaria o columbograma para Paris? Udo olhou de soslaio para Rauf al-Abiyia. Não havia outra opção, teria de ser o Príncipe de Marbella. Ele não voltaria a Paris, pelo menos não com aquele rosto.

– Fauzi – informou –, tenho que ir à Base Zero.

– Não respondeste à minha pergunta, Udo. Como é que iremos contactar Anuar al-Muzara?

– Não será fácil. O tipo prescinde da tecnologia e esconde-se muito bem. Levarei algum tempo a encontrá-lo, mas conseguirei. Confia em mim. O primeiro passo será ir até à Base Zero. O segundo, viajar para Paris. – Udo moveu a cabeça e fixou-se em Al-Abiyia, que baixou a cara de imediato. – Imagino que o teu amigo se poderá encarregar-se disso.

– Sim, irá fazê-lo – assegurou-lhe Dahlan.

Angelie Trouvée apercebia-se de que uma estranha disposição se apoderava dela naquela noite; talvez, supôs, aquilo fosse consequência da taça de champanhe bebera à meia-noite, uma excentricidade naquele canto do planeta e naqueles tempos de guerra que, tal como outras gentilezas, tinha chegado pela mão de Nigel Taylor. Ele entregara-lhe uma caixa cor de laranja que dizia *Hermès* e continha um lenço de seda, com caleches estampadas, extremamente colorido – violeta, branco, cor-de-rosa, fúcsia –; um festim de luzes e de tons que ela, como *sœur* Angelie, nunca se atreveria a usar. Tratava-se do artigo mais caro, suave e precioso que possuía e iria estimá-lo como a um tesouro porque Nigel o escolhera propositadamente para si.

No momento em que os festejos terminaram, e a missão adormeceu – Taylor dividia a cabana com os homens que ali eram acolhidos –, Angelie começou a acalmar-se e a observar a mudança na sua disposição, uma alteração que não tinha vontade, ou intenção, de reprimir. Em todos aqueles anos como missionária em África, nunca abandonara o refúgio da casa para se aventurar durante a noite, conhecida como a pior das inimigas dado os perigos que ocultava – mosquitos, animais ferozes, rebeldes –; não obstante, naquela noite, Angelie desejava sair: passear pela propriedade, ver as formas que a vegetação adotava na escuridão, sentar-se no cadeirão de rede suspenso como Joséphine e Alamán costumavam

fazer, e fantasiar que Nigel estava junto dela. Cobriu-se com o roupão, atou o lenço *Hermès* e pintou a boca com um lápis labial que Juana lhe oferecera em Joanesburgo. Sorriu ao recordar a médica argentina, tão vivaz. «Para quando visitares o Nigel», dissera-lhe com descaramento, ajuntando uma piscadela de olho. Obviamente, Angelie ainda não o usara. Naquela noite, porém, contemplou-se no pequeno espelho do seu quarto e sorriu, antes de se maquilhar pela primeira vez.

Não havia luzes acesas pois não podiam permitir-se desperdiçar o combustível dos geradores. A escuridão não a perturbou, por a lua crescente brilhava com uma intensidade tal que semeava felicidade, impelindo-a a saltar, rodopiar e correr. Angelie deslocava-se com ligeireza, sentindo-se formosa e subtil. Sentou-se debaixo do pequeno toldo do cadeirão de rede suspenso que a protegeria do orvalho noturno, inspirou a frescura do ar e fechou os olhos. Em seguida, os seus pensamentos encheram-se da cena que tinha vivido com Taylor antes que a missa começasse, quando o inglês se esgueirara para dentro da casa principal e a encurralara no seu quarto.

– Senhor Taylor!

– Senhor Taylor? – repetira ele, entre o ofendido e o risonho. – Já não sou Nigel?

– Sim, claro que sim. O que fazes aqui, Nigel?

– A Amélie convidou-me para a missa, e para o jantar também. Isso incomoda-te?

– Não, absolutamente! Pelo contrário. Kabú está à tua espera, muito ansioso.

– Já estive com ele. E agora quero estar contigo.

– Nigel, vamos sair daqui, por favor. Isto não é correto. Eu continuo a ser uma freira e esta é a missão onde vivo.

– Eu sei. Só queria estar um momento a sós contigo. Pensaste em mim ontem e hoje?

– Sim – admitiu, e Taylor esboçou um sorriso que suprimiu em seguida, temendo que o interpretasse mal. – Penso continuamente em ti de há uns meses a esta parte: desde o primeiro dia em que te vi. Domingo, três de maio. – Taylor foi abalado por um arrepio. – Avistei-te ao longe – continuou ela a contar, sem o fitar – e fui-me aproximando. Quando tiraste os óculos, pensei: «Tem a cor de olhos mais bonita que já vi.» Depois, enquanto conversavas com as raparigas, riste por causa de um qualquer comentário de Amélie, e aconteceu-me algo estranho.

– O quê?

– A tua maçã de Adão – disse ela, assinalando o local correspondente no próprio pescoço – agitou-se, subiu e desceu, e isso provocou-me um formigueiro aqui – deslizou a mão até à boca do estômago – uma sensação que nunca tinha experimentado. Eu segui-vos para dentro de casa e observei-te, da cozinha, enquanto a Edith te tentava sacar dinheiro. – Taylor deu uma gargalhada nasalada e lenta. – Eu ofereci-me para acompanhar o Kabú porque pensei que isso me daria a oportunidade de conversarmos, quando estivéssemos a planear o internamento e tudo o mais; em troca, acabei por me tornar muito amiga de Jenny. Como é que ela está?

– Jenny? Bem, suponho eu – pigarreou Taylor. – Nunca lhe pergunto. Agora que me lembro, ela falou-me de ti e achou que eras encantadora.

– Tens uma grande colaboradora, Nigel. Cuida para que ela tenha sempre boa opinião de ti.

– Continua a falar-me de ti. – Nigel avançou até Angelie e viu-a retroceder, entrincheirando-se atrás da pequena cama.

– No domingo, trinta de agosto, telefonei para a missão, e *sœur* Amélie contou-me que tu e Matilde tinham sido levado para o Chris Hani Baragwanath, gravemente feridos. Quase perdi a compostura junto do telefone público. Averiguei na receção e informaram-me de que estavas na Unidade de Cuidados Intensivos. A minha angústia por saber que te encontravas num estado grave misturou-se com a minha felicidade por te ter ao pé de mim e poder cuidar de ti.

– Nunca ninguém me tratou com tanto amor e delicadeza.

– A tua mãe não o fazia quando eras pequenino e adoecias?

– Era a ama que cuidava de mim. A minha mãe acompanhava o meu pai nas suas viagens, estava pouco em casa. Além disso, passava a maior parte do ano no colégio interno.

Angelie aguçou o olhar que fixara em Taylor e inclinou a cabeça com a intenção de descobrir o substrato oculto daquela declaração. Sem se deter, Taylor, contornou a cama num impulso e abraçou-a. Fê-lo com delicadeza, para não a espantar, e expeliu o ar que refreara nos pulmões quando Angelie descansou no seu peito e o abraçou.

– Porque é que me temes? – perguntou-lhe, num sussurro veemente.

– Porque és diferente – respondeu a religiosa, muito íntegra –, estás nos meus antípodas. A tua vida é o oposto da minha – continuou, interrompendo o abraço.

– Eu só quero ser feliz contigo.

– Não irias consegui-lo. Não posso dar-te o que necessitas.

– Eu só preciso de ti, e da paz que me concedes, Angelie!

Angelie abriu a gaveta superior da cómoda e extraiu a revista que trazia consigo desde Joanesburgo. Abriu-a na página quarenta e três – sabia-a de cor – e entregou-a a Taylor.

– Este és tu, é o teu mundo; esta é a mulher que combina contigo, e não eu.

– Por favor! – exclamou o inglês, nervoso. Angelie reparou que a revista lhe tremia nas mãos. – Eu nem me lembro do nome dessa rapariga!

– Chama-se Daphne van Nuart. A revista é de maio deste ano, e diz aqui que vocês estão noivos.

– Noivos! A única coisa de que me lembro dela é que, quando bebia muito, o que acontecia frequentemente, dava gargalhadas idiotas que me irritavam sobremaneira.

– Então porque é que namoravam?

– Angelie, não fomos namorados. Saímos algumas vezes, sem compromisso. Daphne era... é deslumbrante – respondeu, com a sinceridade que a religiosa lhe ensinara a valorizar. – Passado um bocado, porém, o deslumbramento desvaneceu-se e ela causava-me asco.

– Não digas isso, por favor. Não digas que um ser humano te repugna.

– Sinto muito – murmurou, cabisbaixo, e colocando a revista sobre a cama.

– Vamos para a capela. A missa está prestes a começar.

Angelie passou ao seu lado e Nigel deteve-a, agarrando-a pelo braço; cingiu-lhe o pescoço com uma mão e acariciou-lhe a nuca.

– Tu temes-me porque pensas que serei inconstante no que sinto, porque crês que te serei infiel com mulheres como essa – sacudiu a cabeça em direção à revista –, porque me cansarei de ti?

– Sim, por tudo isso e também me temo a mim. Pergunto-me como seria Angelie Trouvée no papel de esposa de Nigel Taylor. A que é que ela se iria dedicar? Não sei fazer outra coisa senão servir. Sou missionária, Nigel. Não sei se conseguir deixar de o ser.

– Deus pôs-me no teu caminho porque a tua missão agora é salvar-me, Angelie.

– Vamos – insistiu ela, e Taylor deixou-a partir.

O cadeirão de rede suspenso embalava-a e Angelie, com os olhos fechados, sorria ante a memória daquela conversa apesar de, na verdade, não haver nada para sorrir. Incomodar Nigel com as suas afirmações, por muito honestas que fossem, perturbava-a. A dor alcançou-a como uma espada e cravou-se-lhe no peito, causando-lhe uma pontada que a impediu de desfrutar a missa e a ceia, e se acentuou quando Nigel lhe entregara o lenço *Hermès*, e tocara com segunda intenções. Com aquele momento ainda fresco, oculta na noite, embalada pelo movimento da rede, Angelie reconquistava a serenidade e as suas pulsações normalizavam-se.

– Um tostão pelos teus pensamentos.

– Oh, Nigel, pregaste-me um susto de morte!

– Desculpa-me. Estavas tão linda a sorrir e com os olhos fechados que não quis denunciar a minha presença antes. Em que é que estavas a pensar? Em mim, de certeza.

– Tens de admitir que a humildade não é uma das tuas virtudes.

Taylor riu com vontade e Angelie indicou-lhe que baixasse o tom com a mão.

– Posso sentar-me? – Angelie assentiu. – Não conseguias dormir? – A religiosa corroborou, com a cabeça baixa. – Eu também não. O ar da cabana é sufocante. Além disso, cada vez que fechava os olhos, tu aparecias-me e tiravas-me o sono.

– Sinto muito – disse ela, risonha. – Aqui está-se muito bem – declarou.

Apoiou as mãos aos costados, sobre o almofadão, esticou os braços e encheu o peito para aspirar o aroma da selva. Taylor moveu os dedos até tocar os dela; Angelie voltou a cara para o lado oposto, mas não se afastou. Permaneceram alguns minutos em silêncio, conscientes do ponto onde as suas energias se enredavam, envoltos, sem o saberem, por uma emoção semelhante: a de estarem tranquilos e simultaneamente agitados. Angelie moveu a cabeça para sussurrar:

– Daqui a doze dias irá cumprir-se a data na qual eu devo renovar os votos perpétuos. Fazemo-lo anualmente.

– E irás renová-los? – conseguiu Taylor perguntar, aterrado.

– Não. – Angelie sentiu o forte aperto na mão e entrelaçou os seus dedos nos de Nigel para lhe infundir paz; pressentira o pânico na voz dele.

O medo paralisou-o e Nigel não se atreveu a romper o mutismo para lhe perguntar aquilo que mais

desejava saber. Custava-lhe a respirar, não conseguia articular as palavras, e por isso decidiu esperar até recuperar o domínio das suas faculdades. Guardou silêncio e, tal como Angelie, varreu a escuridão. A quietude dela alcançava-o como um perfume, a sua serenidade impregnava-o. Por fim, arranhou coragem e formulou a pergunta:

– Serás minha?

– Não sei ser mulher, Nigel.

Taylor voltou o rosto e ficou a contemplar o perfil dela à luz da lua.

– Angelie, tu és uma mulher. Não sabes, mas exsudavas feminilidade.

– Nunca ninguém me ensinou a ser mulher. Tenho medo de que te iludias.

– Apaixonei-me por ti porque sabias do que é que eu necessitava sem que tivesse de to pedir. Isso deslumbrava-me. Não sei como é que fazias, mas se eu me sentia incomodado, aproximavas-te, suavemente, e acomodavas-me as almofadas; se eu tinha sede, punhas-me o sorvete entre os lábios; e se a ferida me doía, chamavas a enfermeira e exigias que aumentasse o soro. Ouvi-te mais de uma vez a usares de firmeza quando não te queriam fazer caso. – Angelie sufocou o riso. – Nunca ninguém me amou desta forma, tão silenciosa e ostensiva. Quando estava casado com a Mandy, que era até mais bonita do que a Daphne van Nuart, garanto-to, a única coisa que queria dela era que cozinhasse para mim, que me mimasse, me escolhesse a roupa, comprasse o meu pão favorito ou o meu vinho preferido. Não fique perturbada: não é que eu quisesse que ela fosse minha criada. Aliás, era meu grande desejo que ela se realizasse como pessoa. É só que... Julgava que, se ela se ocupasse desses detalhes, isso significava que me amava. Eu não a condeno: a Mandy simplesmente não sabia como fazê-lo e eu, por orgulho, nunca lho pedi. Então chegaste tu... Angelie, meu amor, tu lias-me a mente e o coração.

Angelie, que sorria e se empenhava a manter os olhos no chão, prometeu-lhe:

– Eu comprar-te-ei o teu vinho favorito e o pão que preferes se me disseres quais são. Fá-lo-ei de bom grado, Nigel. Nada me dará maior alegria que comprazer-te.

– *Sweetheart!* – exclamou Taylor, envolvendo-a nos seus braços e esmagando-a contra o torso. – Desejo tanto que sejas minha mulher. Minha mulher para sempre.

– Nigel, como é que uma mulher se sente?

Taylor agarrou-a como se ela fosse uma criança, a cabeça encostada contra o seu peito, escutando o seu coração descontrolado.

– Uma mulher sente o amor do seu homem, e todo o seu corpo, tal como a sua alma, vibra e se regozija.

– A sério? Ensina-me.

– Por exemplo, se o seu homem lhe faz isto – ele acariciou-lhe a boca e o pescoço com os lábios entreabertos –, a pele da mulher eriça-se e o seu estômago formiga.

– Sim, é verdade – admitiu Angelie, com os olhos fechados e uma entoação que evidenciava o seu assombro.

– E se lhe introduz a língua como símbolo de posse, a mulher costuma gemer, como se lhe doesse

mas, na realidade, é apenas porque a sensação é tão agradável que ela não consegue reprimir o som que lhe sai da boca, com quando comes uma comida muito boa e fazes «hummm».

– A sério? Mostra-me.

Taylor penetrou-lhe a boca com suavidade e amou-a pelo modo inseguro como ela o deixou. Ajustou as mãos à cintura de Angelie enquanto aprofundava o beijo e a ouvia ofegar.

– Tenho razão?

– Sim – murmurou Angelie, arquejante.

– E se o homem a quer enlouquecer de amor, então as mãos dele perdem a vergonha, e ele toca-a nas zonas mais deliciosas e ocultas.

Angelie abriu lentamente as pestanas e descobriu a expressão inquisitiva de Taylor.

– Mostra-me.

Ela ficou impressionada por ele a contemplar daquele modo, antes de lhe sentir os lábios a beijarem os seus e as mãos a deslizar por baixo, primeiro do roupão e a seguir da camisa de dormir, como se a conhecesse. Angelie teve a impressão de que o seu corpo possuía botões secretos dos quais ela ignorava a existência, até ao momento em que Taylor, com uma destreza espantosa, os premia para pôr em funcionamento mecanismos que a deixavam ofegante e a mergulhavam num remoinho cujas voltas e reviravoltas quase a fazia perder o juízo. Fechou as pernas de modo automático, para se defender, quando os dedos de Nigel lhe separaram os lábios da vulva.

– Deixa-me acariciar-te aí – pediu-lhe o inglês, sem afastar a boca. – O segredo está nesse sítio. Esse é o sítio que eu quero que seja meu, e só meu, para sempre.

– Tenho vergonha.

– Eu sei. Vamos devagar.

Angelie afrouxou a tensão dos músculos, separou lentamente as pernas e a sua tímida entrega excitou Taylor, que levou alguns segundos a recuperar o controlo. Beijou Angelie, sussurrou-lhe que se acalmasse, que confiasse nele, que lhe permitisse fazê-la feliz; em nenhum momento os seus dedos pararam de a acariciar, tornando-se mais exigentes à medida que a reação de Angelie o encorajava. Sentia-a vibrar, aceder aos níveis mais altos de prazer; apercebia-se disso pelo modo como os dedos dela se enterravam na sua nuca e no braço, na tensão das suas pernas, na sua respiração esgotada e superficial, na demanda dos seus lábios, até que ele afastou a boca da dela para a escutar no alívio. Nunca imaginou que gozaria tanto ao vê-la ter um orgasmo pela primeira vez.

Angelie disse a si própria que só Deus detinha a criatividade e a generosidade suficientes para oferecer ao ser humano uma sensação tão surpreendentemente maravilhosa. Ainda com os olhos fechados, enterrou a cara na camisa de Taylor e beijou-lhe o peito. Ele não retirara a mão de entre as suas pernas, e ela não se atrevia a pedir-lhe que não o fizesse.

Taylor inclinou-se e falou-lhe ao ouvido:

– Serás minha mulher?

– Sê-lo-ei se me prometeres fazer-me isto de vez em quando.

O inglês riu baixinho e no riso fundiram-se a alegria, a ternura e o puro divertimento. Não se lembrava de outros momentos em que se tivesse deleitado tanto como na companhia da missionária católica.

– Juro-to. Todos os dias, várias vezes por dia, o que tu quiseses. E tu a mim?

– Não sei como – admitiu, enfrentando. – Quero que me ensines, Nigel. Quero ser tua mulher.

Abraçaram-se, e Taylor, que optou por não falar porque temia desatar a chorar, abraçou-a, embalou-a e beijou-lhe a fronte, o nariz, as pálpebras e os lábios, tentando comunicar-lhe com gestos a devoção que ela lhe inspirava.

– Obrigado, Angelie – exprimiu, finalmente. – Obrigado, meu amor, por tanta felicidade. – Angelie passava-lhe a mão pela testa, acariciava-lhe a bochecha e olhava-o com um sorriso beatífico. – Eu sei que estás assustada, que temes deixar tudo isto, o teu mundo, mas prometo-te que não te arrependerás de me teres aceitado. Vou viver para te fazer feliz.

– Eu sei. Obrigado por todos os presentes que me deste esta noite. – Ela roçou o lenço *Hermès* com a ponta dos dedos. – Pu-lo e pinteí os meus lábios a pensar em ti.

– E dizes-me que não sabes ser mulher? Isso é ser mulher.

– Obrigado também por queres adotar Kabú. Já não conseguiria separar-me dele. Quero-o connosco.

– Dar-te-ei tudo aquilo que me pedires. Antes, disseste-me que te perguntavas o que é que irias fazer no caso de te converteres em minha esposa. Eu acabo de ter uma ideia. Iremos constituir uma fundação, do teor que tu determinares, e dedicar-te-ás a fazer obras de caridade com os meus milhões. Que te parece?

– Deveras? Oh, Nigel! – Ela endireitou-se no cadeirão de rede suspenso. – Tenho tantas ideias! E poderemos trabalhar em conjunto com Amélie. Sim, é uma ideia maravilhosa! Obrigado, Nigel!

– Não me chames Nigel. Chama-me «meu amor».

– Nigel, meu amor, amor meu, meu único e adorado amor – enunciou, afundando os dedos no cabelo que cobria a nuca do homem, e segurando-o com firmeza, ao mesmo tempo que aproximava o rosto da sua boca. O instinto indicou-lhe que estava no bom caminho, que aquilo o comprazia. Beijaram-se loucamente e Angelie agiu de forma mais segura, como se o domínio de uma arte que ela nunca utilizara lhe tivesse chegado como que por magia, ignorando como conseguia a sua língua fazer aquilo à de Nigel.

– E agora? – O hálito candente e veloz de Taylor atingiu os lábios dela. – O que é que nós temos que fazer para que tu saias da ordem?

– Pediremos uma dispensa ao bispo de Kinshasa e enviaremos uma carta à superiora em Paris; irão seguramente dizer-me que reflita, que não abandone a obra do Senhor, que fale com o meu confessor.

– Não irão convencer-te, pois não? Não irão separar-te de mim, fazendo-te sentir culpada e pecadora? Angelie, não lhes permitas!

A angústia que se apoderou dele, um homem que ela vira enfrentar três cirurgias com firmeza de

ânimo, sem nunca se queixar ou lamentar, surpreendeu-a. Segurou-lhe o queixo e olhou-o fixamente.

– Só Deus detém o poder para me afastar de ti, e tenho a certeza de que Ele está do nosso lado. Não temas, meu amor. Nada me afastará de ti. Nada! Juro-to. Sou tua, para sempre.

Nigel descontraíu-se e colou a sua testa à da sua mulher.

Udo Jürkens estava preocupado por causa de Gérard Moses: o chefe não era o mesmo desde o último ataque de porfíria. Por um lado, a sua inteligência e os seus conhecimentos científicos pareciam intactos. Continuava à frente do projeto das centrifugadoras e da construção das bombas atômicas ultraleves, e o seu desempenho tinha a mesma solidez. Por outro lado, fazia perguntas que revelavam alguma dispersão da mente; confundia-se, tinha crises de ira, chorava e ria, tudo isto em questão de minutos.

Desde que trabalhava como homem de confiança de Fauzi Dahlan, Udo passava a maior parte do tempo em Bagdade e visitava pouco a Base Zero. Perguntava a si próprio se Moses estaria a tomar a medicação, a comer a cada duas horas e a dormir bem. Duvidava muito. A deterioração do cientista evidenciava-se nas suas feições emagrecidas e de linhas profundas. Como há algum tempo não era pintava, o cabelo embranquecera, dando-lhe a aparência de um velho. Por um instante, Jürkens temeu que Moses fosse incapaz de recordar a linguagem codificada que o próprio inventara na adolescência e através da qual comunicava com Anuar al-Muzara, utilizando pombos-correio. Por fim, a sua mente pareceu desbloquear-se e ele escreveu o que Udo lhe pediu. A docilidade do cientista assombrava o berlinês, até que este o viu deter a lapiseira, voltar ligeiramente a cabeça e perguntar-lhe, com uma expressão desconfiada:

– Para que é que queres enviar esta mensagem a Anuar?

– Fauzi quer contactá-lo.

– Para quê?

– Não me disse.

– Não me mintas, Udo! Julgas que sou algum idiota? Dahlan e tu são unha com carne. Ele conta-te tudo. Diz-me para que é que o regime de Bagdade quer convocar Al-Muzara. Se não o fizeres, não escrevo a mensagem, e logo veremos como é que eles se arranjam para o encontrarem.

– Fauzi quer encarregá-lo do sequestro de uma pessoa.

– Para quê?

– Para a matarem. Trata-se de um antigo fornecedor de armas que conhece o projeto da centrifugadora e que eles supõem que está prestes a conseguir o urânio. Não sabem onde está, ninguém o consegue encontrar, desapareceu do mapa com vários milhões de *rais* no bolso. Eles temem que tenha vendido a informação à Mossad ou à CIA. Sendo assim, todos nós corremos perigo. Não lhe queria contar para não o preocupar, chefe.

Jürkens inspirou profundamente aliviado quando Moses assentiu, aparentemente satisfeito com a informação, e continuou a garatujar a mensagem encriptada. Ao imaginar a reação do chefe caso este

viesse a inteirar-se de que Fauzi planeava contratar Al-Muzara para dar caça a Eliah al-Saud, Udo foi percorrido por um calafrio.

Capítulo 12

«*Show time*», pensou Eliah al-Saud enquanto estacionava o desengonçado *Renault 11* no fim do pórtico da rua Al-Mutanabbi, no centro de Bagdade. Tratava-se de uma área que sunitas e xiitas partilhavam sem conflitos, e era considerada a rua dos intelectuais, povoada por cafés, tabacarias e, sobretudo, de livrarias em estabelecimentos e vendas ambulantes; estas últimas ocupavam as veredas, cobrindo inclusivamente o asfalto, deixando apenas um caminho sinuoso para os viandantes; por vezes avançava-se aos saltos entre as montanhas de livros, apesar de o inventário ter descido drasticamente nos últimos tempos porque os vendedores temiam que os agentes da *Mukhabarat*, que se infiltravam entre o gentio e simulavam ser compradores, descobrissem os livros proibidos. Outro costume dos vendedores ambulantes de livros usados era expô-los sobre o *capot*, o tejadilho e a bagageira dos automóveis, pelo que essa fora a forma escolhida pela equipa que planeara a emboscada que colocaria Eliah al-Saud no caminho de Qusay Hussein, o segundo filho de Saddam, para a concretizar. O objetivo da missão era fazer com que Al-Saud ganhasse a admiração e o agradecimento de Qusay, convertendo-se assim num homem do círculo de confiança do futuro *rais* iraquiano porque, se bem que não se falasse abertamente do tema, era sabido que Uday, graças às suas excentricidades e atos de sadismo, há muito perdera o direito ao trono.

Há quatro dias que Al-Saud se apresentava na feira e expunha os seus livros para venda. Os outros vendedores começavam a habituar-se à sua presença: alguns aproximavam-se para conversar, não com a intenção de se darem bem com ele, mas sim para esclarecerem se era um deles ou um membro do serviço secreto dos baathistas à caça de dissidentes. Perguntaram-lhe se provinha do Norte, dado o seu sotaque, ao que Al-Saud respondeu que fora criado numa comunidade agrícola entre Mossul e as ruínas de Nínive, mais perto da segunda, o que lhe valeu o apodo de «o *Assírio*», por Nínive ter sido a capital daquele império. Cada resposta, cada palavra, cada gesto, resultavam do adestramento minucioso e exigente ao qual o tinham submetido durante uma vertiginosa quinzena numa mansão no sul de Inglaterra. Dois intelectuais iraquianos, resgatados por um grupo de comandos de uma prisão no norte do país, construída nos contrafortes do monte Haji-Ebrahim, e cujos corpos conservavam os estigmas da tortura – um cobria com uma pala a concavidade vazia do olho direito, arrancado com uma tenaz –, instruíram-no acerca das características do país e da cultura dos quais ele iria fingir ter feito parte desde o seu nascimento, e encheram-no com aspetos tão variados e díspares como as comidas e as bebidas das diferentes regiões e as questões mais intrincadas e complexas do partido Baath. Falaram-lhe de Saddam Hussein, da sua personalidade e dos seus gostos – Eliah ficou surpreendido ao saber que o *rais* professava uma predileção fanática pelo filme *O Padrinho*, de Francis Ford Coppola e pela trilogia *A Guerra das Estrelas*, de George Lucas –, da sua família, do seu círculo, das suas fobias, da sua infância

infeliz em Tikrit, das suas mulheres. Também lhe falaram sobre o primogénito, que qualificaram como um psicopata, e de Qusay, o qual, apesar de um perfil discreto, ganhara a confiança e o respeito do *rais* devido à sua inteligência e ao seu carácter comedido e frio. Confirmaram-lhe também aquilo que Aldo Martínez Olazábal lhe confidenciara, meses antes: que Fauzi Dahlan era o braço-direito de Qusay. Empenharam-se especialmente em ensinar-lhe a distinguir os diversos sotaques do árabe do Iraque, e não ocultaram o seu assombro a comprovar que Al-Saud imitava a pronúncia dos montanheses na perfeição – talvez apenas algumas sílabas, aquelas que implicavam o som de um «t» e de um «r» juntos, o denunciasses, pelo que trabalharam nessa componente específica um pouco mais. Eliah explicou-lhes que aprendera com o seu motorista, Medes, um iraquiano de origem curda, que ele retirara do Iraque quando comandava um grupo da *L'Agence* que tentava descobrir a localização de uma fábrica de fosgénio, um gás utilizado no desenvolvimento de armas químicas. O curdo indicara-lhes a localização da fábrica, poupando-lhes trabalho e tempo. Tratara-se de uma posição camuflada com a técnica de engenharia russa conhecida por *maskirovka*: uma unidade produtora de gases letais dissimulada entre as cabanas de uma aldeia de pastores sem rebanhos à vista, uma aldeia-fantasma perdida na solidão das montanhas, à qual chegavam ocasionalmente camiões que partiam carregados de barris selados. Graças a Medes e com a ajuda de binóculos de longo alcance, o grupo identificou o edifício semienterrado onde o fosgénio era fabricado, marcou-o com um dispositivo de infravermelhos e avisou o porta-aviões da NATO que navegava nas águas do golfo Pérsico para que iniciasse o ataque aéreo que, três horas mais tarde, destruiu a instalação e a aldeia artificial. Concluída a missão, Al-Saud levou Medes para Paris e conseguiu que o declarassem refugiado político. Tempos depois, ao fundar a Mercure, empregou-o como seu motorista e homem de confiança. A gratidão do curdo não conhecia limites e Al-Saud sabia-o.

Raemmers, que se instalara com ele na mansão inglesa, perguntou-lhe:

– Confias mesmo nesse tal Medes?

«Em Paris, costumava até confiar-lhe a vida de quem mais amo», pensou, ao relembrar as vezes em que o curdo fora o motorista de Matilde, e assentiu, pelo que Medes acabou por tomar parte da missão no Iraque. Para mais, servia como uma luva aos planos da *L'Agence*: iria fazer-se passar pelo pai de Eliah, ajudando-o com a entrega de mensagens nas caixas de correio secretas, o que iria aliviar um pouco a pressão sobre Al-Saud, evitando que se expusesse em vão. Embora temesse voltar ao Iraque, e especialmente a Bagdade, o coração do regime que massacrara a sua família e amigos com armas químicas em 1988, Medes aceitou; o pagamento que iria receber da NATO não fora o menor dos seus incentivos. Tanto Al-Saud como Medes foram submetidos a uma simples intervenção cirúrgica mediante a qual, com anestesia local, lhes foi colocado um *chip* localizador: em Al-Saud na face interna da coxa direita, e a Medes na barriga da perna esquerda. Os satélites iriam localizá-los durante vinte quatro sobre vinte e quatro horas.

Apoiado no *Renault 11*, simulando estar à espera de clientes para os livros, Al-Saud continuou a recordar a temporada de treino para aquela missão: apesar de passar o dia a analisar filmagens, diapositivos e documentos do Iraque, treinando e preparando o seu disfarce, tivera tempo e

possibilidade de falar com Matilde, uma concessão que Raemmers permitira a contragosto. A doçura de Matilde suavizava-lhe o mau humor, porque nem ele se aguentava. Voltar a receber ordens e depender dos planos traçados por outros ia contra a sua natureza de Cavalo de Fogo e estava a tirá-lo dos eixos. Na noite anterior ao início da missão, quando comunicara a Matilde que deixaria de lhe poder telefonar durante algum tempo «porque se iria penetrar mais na selva», os esforços dela para chorar e para se mostrar contente e otimista emocionaram-no. A médica lançou-lhe uma ladainha de bênçãos e rogou-lhe que não se separasse da Medalha Milagrosa; então, foi a vez de Al-Saud apertar os lábios e retesar o pescoço para não desatar a chorar. Como é óbvio, a medalha não iria acompanhá-lo porque, ainda que se tivesse convertido num toco de metal, um estudo minucioso teria detetado que se tratava de um símbolo cristão, sem mencionar que os dissidentes afirmavam que os homens iraquianos não costumavam pendurar joias ao pescoço. Separar-se da medalha e enviá-la de volta a Paris revelou-se mais difícil do que Al-Saud calculara. Uma sensação de vazio acompanhou-o durante dias até que, com a têmpera do seu carácter, conseguiu recobrar a confiança e afastar aquilo da consciência.

A operação para entrar no Iraque começou num sábado, 9 de janeiro de 1999, quando Al-Saud e Medes partiram para a Arábia Saudita. Foram recebidos por pessoal da CIA na base aérea de Al-Ahsa. Se bem que tivessem preferido utilizar a de Dhahran, desistiram quando souberam que havia empregados da Mercure a trabalhar na base.

Disfarçados com turbantes e túnicas largas, e com barbas hirsutas – há semanas que não se barbeavam –, Al-Saud e Medes foram conduzidos numa camioneta todo-o-terreno até um local, a três quilómetros do limite norte da Arábia Saudita, onde uma pequena caravana de beduínos os aguardava. Aí, montaram a camelo e, ao fazê-lo, Al-Saud franziu o sobrolho: os pontos da ferida na face interna da coxa tinham sido retirados há alguns dias e aquilo ainda lhe doía. Internaram-se no deserto de Al-Hajarah, no sul do Iraque e vaguearam durante dois dias, guiados pelos beduínos, que não se serviam de bússolas naquele mar de dunas uniformes e eternas. Alimentavam-se de tâmaras e do leite das cabras – que avançavam ao lado dos camelos, metendo-se entre as suas patas e irritando-os – e com algumas lebres que a pontaria de Al-Saud ou que os robustos falcões dos povoadores do deserto lhes forneciam; racionavam o café e a água, mas não passavam sede.

Na quarta-feira, 13 de janeiro, avistaram o rio Eufrates, onde tomaram banho e Al-Saud fez a barba, mas não o bigode que, negro e bastante espesso, «à amo Saddam», lhe cobria grande parte do lábio superior. Contemplou-se num espelho de bolso, e mexeu a boca para agitar o bigode – conseguiria suportá-lo por uns meses. Os dissidentes tinham feito finca-pé para que ele o usasse, já que era considerado um distintivo do homem iraquiano que respeitava o seu líder. Refrescados, retomaram a marcha para oeste, seguindo o curso do rio. Detiveram-se nos arredores da cidade de Nassíria, onde se despediram dos beduínos da mesma maneira que se tinham encontrado: sem espalhafatos nem perguntas. No mapa da cidade fornecido por *L'Agence*, marcaram-lhes a vermelho o percurso até à estação de autocarros. Naquele 13 de janeiro, tomaram o último para Bagdade, a trezentos e dez quilómetros: demoraram nove horas a cobrir aquela distância, dado o mau estado da estrada e as duas

ocasiões em que o motor do veículo começou a sobreaquecer e foi imperioso deter-se. Às primeiras horas de 14 de janeiro entraram em Bagdade pela zona sul. Al-Saud notou a tensão que se apoderou de Medes e compreendeu-o; o motorista, acusado de ser um rebelde curdo, sofrera a tortura numa das muitas câmaras que Saddam Hussein mantinha para tal fim em Bagdade. Permaneceu em silêncio, com a cara voltada para a janela, enquanto observava pela primeira vez a cidade, a qual, no início de 1991, bombardeara durante semanas. A memória do massacre no *bunker* do bairro de Amiriyah causou-lhe um nó no estômago, como sempre acontecia quando imaginava aqueles quatrocentos civis, na sua maioria mulheres e crianças, carbonizados pela ação do *AS 30L* que introduzira no sistema de ventilação do abrigo. Decidiu esvaziar a mente, pois não podia dar-se ao luxo de se distrair.

Apesar da hora matinal – ainda não eram sete – o tráfego era caótico e o autocarro avançava lentamente, sobretudo porque a maioria dos semáforos não funcionava. Continuou a observar os subúrbios, cujo aspeto pobre e maltratado não se alterou ao adentrar-se na zona central e mais comercial da capital iraquiana. Era a imagem exata de um país devastado por vinte anos de guerras e sete de sanções por parte da comunidade internacional.

Tal como lhes tinham assegurado os tipos da logística da *L'Agence*, encontraram o *Renault 11* desengonçado, com os faróis partidos e a pintura vermelha descascada – as portas do lado do pendura eram de um cinzento-pardo – no estacionamento do terminal de autocarros. Al-Saud tinha as chaves. Ao abrir a mala para guardar a bagagem, deparou-se com uma grande quantidade de livros usados, pelo que Al-Saud e Medes se viram forçados a colocar os seus pertences no banco de trás da viatura. Uma hora depois, já com outro mapa, estacionaram o *Renault* em frente de um portão verde, de aspeto envelhecido e sujo (como tudo o resto na cidade), na rua Abu al-Atahiyah do Al-Jadriya, na península formada por uma curva pronunciada do rio Tigre, a qual, por sua vez, comporta aquele bairro e uma das zonas mais famosas e comerciais da cidade, o bairro de Karrada.

O portão anónimo correspondia ao da entrada na pensão que lhes fora indicada como alojamento. A dona, uma anciã que os recebeu vestida de negro e com um lenço cingido à volta da cabeça – apenas se lhe viam as sobrancelhas –, sem sequer lhes perguntar os nomes guiou-os para os dois quartos com comunicação que lhes ia arrendar; mostrou-lhes a casa de banho, a única da pensão, e pediu-lhes que não a utilizassem naquele momento porque tinham cortado a água, pelo que Medes e Al-Saud agradeceram aos céus terem urinado nos sanitários do terminal de autocarros. A mulher informou-os de que lhes iria cobrar cento e três mil e quatrocentos dinares por semana, cujo valor de câmbio era de uns trinta e quatro dólares e cinquenta cêntimos, uma tarifa caríssima para uma pocilga como aquela, pelo que se deduzia que a renda incluía uma percentagem destinada ao silêncio e à descrição da senhoria.

Al-Saud pousou as malas sobre a cama, que teria uns 50 a 55 centímetros de largura, e estudou o piso de betão e as paredes nuas de pé-direito alto, de cujos vértices o papel de parede, descolorido e com manchas de humidade, pendia, solto. Havia vários buracos para ventilação que funcionavam como paliativo da falta de janelas. Al-Saud calculou que uma fuga seria complicada, caso lhes caíssem em cima naquele lugar sem saídas alternativas.

Medes, que aprendera recentemente a manusear o rádio para transmitir mensagens encriptadas (a incumbência fora-lhe passada na mansão de treino, depois de ter confessado que fora o radiotelegrafista de serviço dos rebeldes curdos), colocou, sobre uma mesa pequena e de pernas largas junto à sua cama, a maleta que continha o aparelho de vanguarda que ficaria camuflado entre livros, pastas e outros objetos pessoais, desde pincéis da barba a um isqueiro e a um fervedor de água. Para evitarem o risco de intercetação – parte da rotina da *Mukhabarat* e da polícia secreta, a Amn-al-Amm, consistia em realizar tarefas de triangulação para descobrir transmissões clandestinas –, o equipamento de rádio contava com uma funcionalidade de agilidade de frequência, através da qual dividia o tempo de emissão em trechos breves e mudava o canal para cada um deles. Aquele modo de transmissão, muito seguro e indecifrável, requeria que tanto Medes como os homens da *L'Agence* estivessem ligados ao mesmo tempo, pelo que os dias e as horas de transmissão tinham sido previamente combinados durante o treino em Inglaterra. Medes, que aprendera que salvar a pele dependia da prudência no manuseio do rádio, disse para si próprio que, além da tecnologia do aparelho, o radiotelegrafista deveria tomar as suas próprias medidas de segurança, tais como reduzir ao mínimo a duração das emissões, mudar a frequência de chamada e da transmissão de dados, e deslocar o rádio – num dia, transmitir da mesquita de Hayder Khana, na avenida Al-Rasheed; no outro, fazê-lo da casa de banho de um café na rua Falastín; noutro ainda, do Monumento aos Mártires, perto do bairro de Al-Thawra. A maleta era pequena, fácil de transportar e pouco chamativa, e o mesmo acontecia com a pequena antena parabólica desdobrável; por sua vez, a bateria de níquel-cádmio duraria meses. No entanto, Eliah não achava graça a ter de se servir de um rádio; nisso concordava com o cunhado, Anuar al-Muzara, que prescindia de qualquer tipo de tecnologia para comunicar; teria preferido limitar-se ao uso de caixas de correio secretas, como quando realizara o seu único trabalho de infiltração para *L'Agence*, durante o qual ganhara a confiança de um grupo de militares sérvios, trabalho esse que resultara no assalto ao campo de concentração de Rogatica que dera azo à libertação das irmãs Huseinovic. Eliah lembrou-se que, naquela oportunidade, como não tinha nada a perder, antes de iniciar a missão de espionagem aceitara a ampola de tetrodotoxina, um veneno extraído do fígado e dos órgãos sexuais do peixe balão e sem antídoto conhecido: preferia suicidar-se a morrer lentamente às mãos de um verdugo sérvio. Se bem que desta feita também lha tivessem oferecido, Eliah não a aceitou porque ponderar a ideia do suicídio seria como uma traição a Matilde; iria lutar até ao fim para sobreviver, mesmo se caísse nas mãos do inimigo. Pelo contrário, Medes aceitou a ampola e ocultava-a numa espécie de pequeno coldre axilar.

Avisou Medes que voltaria num par de horas e ordenou-lhe que não acendesse o rádio transmissor até ao seu regresso. O curdo assentiu com expressão neutra, e pôs-se a arrumar a roupa no armário. Tinham-lhe lembrado de que Al-Saud era o chefe da missão e que lhe devia obediência absoluta, facto que Medes não objetou; afinal, o seu chefe era um dos poucos homens que admirava e em quem confiava cegamente.

Al-Saud saiu da pensão e, antes de ligar o *Renault 11*, consultou o mapa da cidade que conhecia de cor. Decidira comprovar a existência das duas caixas de correio secretas que, juntamente com o rádio de

Medes, formavam o sistema de comunicação com Raemmers em Londres e com os agentes no terreno.

Como todas as cidades antigas que cresceram sem planeamento, Bagdade é caótica e intrincada, com grandes artérias das quais nascem ruas pequenas, com pouco movimento. Al-Saud passou perto da embaixada dos Estados Unidos, tomou a rua Yafa e atravessou a ponte Al-Jumhuriya. No outro lado do Tigre havia uma fábrica destruída pelos bombardeamentos de 1991. Ao longe, numa plataforma que servira de molhe, várias crianças brincavam e mergulhavam no rio. As suas vozes e os risos contrastavam com a sordidez e a decrepitude do edifício em ruínas, chocando.

Elijah entrou. Feixes de luz emanavam das janelas sem vidros sobre os pedaços de betão e outros despojos; o rangido das suas botas ao pisar os detritos competia com o bater das asas dos pássaros, que se aninhavam nos tirantes de ferro próximos do teto; cheirava a mofo e a esterco de morcego. Consultou o plano e encontrou a caixa de correio sem problemas. Tratava-se de uma pequena caixa de ferro verde escondida num buraco de um muro, por trás de um arquivador desconjuntado. A chave rodou dentro da fechadura e Al-Saud levantou a tampa. Não havia nada. Fora acordado que ele voltaria de três em três dias para verificar a caixa ou deixar ali uma mensagem.

A segunda caixa fora colocada longe do centro de Bagdade, para norte, num barranco natural do Tigre, onde crescia uma abundante vegetação. Consistia num jarro de vidro escuro, com uma tampa hermética, submersa pelas águas e atada a um tronco com um fio de pesca transparente. Ali encontrou uma folha do jornal oficial de Bagdade, o *Babel*, que ele não se incomodou a analisar porque sabia que a mensagem estaria escrita com tinta invisível na margem direita da página par. Ocultou a folha no bolso interior do casaco e observou os arredores antes de regressar ao automóvel. Chegado à pensão, fechou-se no seu quarto para iniciar o processo de revelação com os três reagentes, cuja aplicação combinada faria surgir as palavras perante os seus olhos como num passe de magia. Durante os seus dias como espião na Sérvia, as mensagens tinham sido escritas com tinta comum, o que implicara riscos desnecessários. Para aprender a técnica das tintas invisíveis, Al-Saud exigiu a Raemmers que este convidasse um perito, empregado e sócio minoritário da Mercure, o falsificador russo Vladimir Chevrnikov, mais conhecido por Lefortovo, a passar alguns dias no sul de Inglaterra. Este recomendou que tanto a tinta como os reagentes fossem disfarçados em frascos de medicamentos, embalagens de comida ou artigos de higiene a adquirir nas lojas iraquianas, e não chamariam a atenção em caso de revista. Mesmo assim, Al-Saud exigiu que Lefortovo fosse contratado para falsificar os seus documentos de identificação: só confiava na sua perícia.

Após o processo de revelação, cujas três fases demoravam cerca de uma hora, a mensagem manifestou-se em linguagem codificada. Al-Saud, porém, decifrou-a em pouco minutos: «*Show time. [Dia] 19 às 15:30.*» Al-Saud não precisava de mais informações; o resto fora planeado na mansão inglesa, o que não implicava que Elijah estivesse satisfeito. Julgava que a operação era demasiado arriscada, que andava a tatear o caminho e que muito do seu êxito dependia do acaso, o que era inaceitável.

Elijah colocou a página do jornal dentro de um balde de lata e ateou-lhe fogo, observando como o

papel se retorcia e adquiria uma coloração escura, exceto nas partes onde havia reagente, que brilhava com uma tonalidade esbranquiçada antes de ficar em chamas. Pensou em Matilde e tentou acalmar-se. Markov e La Diana iriam protegê-la com as suas vidas e, perante algum inconveniente, podiam sempre contactá-lo pelo telefone privado de Raemmers. Só teriam de pronunciar «Cavalo de Fogo» em inglês a quem os atendesse para que *L'Agence* resolvesse o problema. Raemmers prometera-lho e Al-Saud confiava no seu antigo comandante.

Perguntou-se se a água teria voltado: desejava tomar um banho e deitar-se. No dia seguinte, sexta-feira, 15 de janeiro, muito cedo, iria pela primeira vez à rua Al-Mutanabbi com a livraria móvel. Não importava que se tratasse do dia em que os muçulmanos iam à mesquita e não trabalhavam; a feira dos livros usados de Bagdade não conhecia dias de folga.

Três e vinte da tarde de terça-feira, 19 de janeiro. «*Show time*», pensou Eliah, ao consultar o relógio, um modelo velho cujo bracelete de couro estava prestes a partir-se e condizia com a sua indumentária – calças de flanela cinzenta e camisa de manga curta de um tom indefinido entre o branco e o amarelo-pálido – e o seu calçado, umas sapatilhas velhas e poeirentas.

Apoiado sobre o *capot* do *Renault 11* coberto de livros, e com os braços cruzados sobre o peito, deu uma olhadela à parte final da rua Al-Mutanabbi, um sítio afastado, onde a atividade, o movimento e as vozes languidesciam. O golpe seria levado a cabo em dez minutos. Embora o homem tivesse entrado no edifício com o rosto oculto por uma *keffieh*, Al-Saud sabia que se tratava de Qusay Hussein de visita à amante, um hábito que se repetia todas as quintas-feiras, à mesma hora. Os seus guarda-costas, dois rapazes robustos, vestidos com roupas elegantes, os rostos cobertos por barbas espessas e os olhos escondidos por trás dos óculos escuros, aguardavam-no dentro do *Mercedes Benz*. Ao local onde Al-Saud se encontrava chegava a música de ritmo árabe que se filtrava pelas frinchas das janelas do automóvel.

Qusay abandonou o edifício passados alguns minutos das três e meia. Os seus homens desceram do *Mercedes Benz* e a música alteou-se. Enquanto um mantinha a porta de trás aberta e cravava a vista no chefe, que atravessava o passeio, o outro, com as mãos enfiadas no casaco, vigiava os arredores. Al-Saud, que atendia um cliente interessado num livro de arte caldeia, observava a situação pelo canto do olho, pensando que os guarda-costas não sabiam que iriam morrer dentro de poucos segundos.

Os três homens da *L'Agence*, cobertos dos pés à cabeça com um traje de neopreno negro, lançaram-se de uma varanda e aterraram sobre o teto do *Mercedes Benz*, em cima de um dos guardas e no passeio, diante de Qusay, que se escapuliu para a esquerda. Um dos homens de negro correu atrás dele. Al-Saud cobriu a distância que o separava do lugar do assalto, onde os guarda-costas se debatiam numa luta corpo a corpo com dois dos atacantes, embora lutassem com desembaraço. «Têm uma boa técnica», admitiu Eliah, antes de aplicar um falso golpe na nuca de um dos assaltantes que caiu, inconsciente, com um queixume abafado pelo passa-montanhas de neopreno. O outro sacou de uma pistola com dificuldade e matou o guarda-costas com o qual lutava, que tombou no chão com uma bala na testa. Ato

contínuo, o atirador demorou um segundo para apontar e disparou contra o segundo guarda-costas, que Al-Saud libertara, e que corria em direção a Qusay Hussein. O homem caiu de bruços, com duas balas nas costas.

Al-Saud aplicou-lhe um pontapé voador e a arma do soldado da *L'Agence* terminou a vários metros, do outro lado da rua, em cima de um monte de livros cujo dono, um dos poucos sentados naquela parte mais solitária, observava o confronto sem pestanejar. Al-Saud lançou-se sobre o seu antigo companheiro e aplicou-lhe um golpe fingido na garganta com o cotovelo; de seguida agarrou-lhe o pescoço por trás e tirou-lhe a *SIG Sauer P220* com cartuchos de pólvora seca que sabia estar na parte posterior do cinturão do seu opositor.

O outro assaltante, que a alguns metros submetia Qusay, já sem *keffieh* e com uma manga do casaco pendente a ocultar-lhe a mão esquerda, deteve-se ao perceber que o seu companheiro era ameaçado por um desconhecido. Al-Saud fixou o olhar durante alguns milésimos de segundo no filho de Hussein, que não escondia o pânico e, sem pronunciar palavra, disparou. O homem de negro que mantinha Qusay prisioneiro, caiu sem proferir um som. Al-Saud aplicou uma coronhada na nuca do que segurava, que caiu a seus pés e ficou inconsciente no passeio. de seguida, desfez-se da arma lançando-a na sarjeta.

– Entre no automóvel! – ordenou ele a Qusay; como o viu a hesitar, apressou-o: – *Yallah! Yallah!* (Vamos! Vamos!)

Qusay Hussein lançou-se de cabeça no assento traseiro do *Mercedes Benz* e Al-Saud arrancou sem esperar que as portas se fechassem. Fez marcha-atrás e afastou-se da feira aos ziguezagues e fazendo chiar os pneus. Na primeira esquina, guinou o volante e o automóvel fez um pião. Tomou a avenida Al-Rasheed, dando uma mostra dos seus dotes de condutor enquanto se esquivava a alta velocidade entre o trânsito congestionado; subiu o passeio e vários vendedores ambulantes acabaram também a voar.

Qusay, que entretanto conseguira fechara a porta de trás, fez outro tanto com a do pendura. Expirou ruidosamente e deixou-se cair contra o assento. Deu uma sacudidela nervosa, ou melhor, colérica, acabando de arrancar a manga e atirando-a ao chão. Extraiu um maço de *Marlboro*, mas demorou a acender o cigarro porque a mão lhe tremia e ele não acertava com o isqueiro. Al-Saud observava-o pelo retrovisor; os seus olhos encontraram-se. Qusay deu uma longa passa e baixou as pálpebras.

– Não nos seguem – disse Eliah. – Para onde é que o levo?

– Primeiro, apaga essa música detestável.

– Sim, *sayidi*.

– Agora diz-me quem és.

– Ninguém. Um vendedor de livros da rua Al-Mutanabbi.

– Não há ninguém com essa pontaria e que luta como eu te vi a ti que só venda livros.

Al-Saud sorriu e admitiu:

– Já fui soldado.

– Arriscaste-te muito disparando contra aquele tipo comigo a alguns centímetros de distância.

Podias ter-me matado.

– Não, *sayidi* – respondeu Al-Saud, de modo respeitoso e sem jactância.

Qusay Hussein refletiu que nenhum soldado raso do exército iraquiano estava preparado para aquela exibição de habilidades. Olhou para o perfil do homem: o bigode negro, sem cãs, fê-lo calcular que mal ultrapassara a trintena.

– Sabes quem sou eu?

– Agora que lhe vejo o rosto, sim. É o segundo filho do amo Saddam.

– Não o sabias quando te decidiste a ajudar-me?

– Não, a *keffieh* escondia-o muito bem.

– Então, porque é que o fizeste?

Qusay viu-o agitar os ombros com indiferença, admirado com o facto de o homem se mostrar tão seguro: não tremia como ele que, por muito que apertasse os punhos e dobrasse os dedos dos pés para dentro, não conseguia refrear o medo.

– Julguei que queriam sequestrá-lo para pedir um resgate. Ao ver o automóvel e os dois guarda-costas, disse para mim próprio que o senhor era um homem rico.

– Leva-me ao palácio Al-Faw.

– Sim, *sayidi*.

– Sabes onde fica?

– Sim, *sayidi*.

– De onde és? O teu sotaque é nortenho.

– Sou de Ayasio, uma aldeia entre Mossul e as ruínas de Nínive. Só lá há agricultores e criadores de cabras, *sayidi*.

Qusay Hussein indicou-lhe que virasse à direita na rua seguinte.

– O que é que vieste fazer a Bagdade?

– Vim procurar trabalho. Por agora, dedico-me a vender os meus livros para ganhar uns dinares e pagar a pensão. Na verdade, tenho que voltar rapidamente a Al-Mutanabbi, ou não restará nem um. Talvez também roubem o meu carro, que é o único que tenho. Desde que saí do exército, as coisas não nos têm corrido bem, ao meu pai e a mim.

Qusay limitou-se a assentir e não voltou a falar. Despiu o que restava do casaco e ajeitou a gravata para evitar chamar a atenção dos guardas de serviço no acesso principal ao palácio. O *Mercedes Benz* transpôs o imponente arco triunfal que assinala a entrada no edifício e passou junto à guarita devagar; cujos guardas de vigia saudaram o filho do amo Saddam, lançando uma olhadela desconfiada ao motorista desconhecido. O automóvel avançou até se deter debaixo de um pórtico de colunas de mármore com cerca de dez metros de altura. Qusay gostou do facto do homem não comentar o fausto do lugar; na verdade, nem sequer parecia constrangido perante a vista daquele edifício e do lago artificial. Dois mordomos saíram para o receber.

– Sai – indicou ele a Al-Saud; aos empregados do palácio, todavia, ordenou: – Conduzam-no à casa

de banho, para se refrescar, e a seguir à cozinha, para que coma e tome aquilo que desejar. Quando acabar, quero-o no meu escritório.

– *Sayidi* – interveio Al-Saud – agradeço a sua amabilidade mas, na verdade, tenho de regressar a Al-Mutanabbi ou ficarei sem nada.

– Esquece-te de Al-Mutanabbi e faz aquilo o te digo! – Qusay deu meia-volta e atravessou o vestíbulo circular com passo enérgico.

Os mordomos mostraram-se hospitaleiros e, depois de lhe darem alguns minutos para que se recompusesse numa luxuosa casa de banho (onde o brilho dos grifos dourados reverberava sobre o mármore negro), conduziram-no à cozinha, onde o acolheram com cubinhos de *halva* banhados em mel, pistácios e chá doce. Eliah, que preferia os salgados, mal mordiscou a *halva*, guardou vários pistácios no colete e deu dois goles no copinho de chá. Minutos depois, cruzava o umbral do escritório de Qusay. «Consegui», pensou, sem entusiasmo mas com soberba e alguma raiva, por aquela ser uma missão infernal e demasiado instável.

Qusay, sentado numa secretária estilo Luís XIV, falava ao telefone; com um sinal, indicou a Eliah que se sentasse. Al-Saud obedeceu. Qusay relatava o ataque. Quando proferiu «*baba*», Eliah concluiu que falava com Saddam: discutiam acerca dos grupos interessados em liquidá-los, que não eram poucos, e optaram pelos adeptos do regime iraniano dos Ayatollahs. Al-Saud observou que, ao tamborilar o cigarro contra a beira do cinzeiro, a mão de Qusay ainda tremia; notou o mesmo quando o iraquiano pousou o auscultador do telefone.

– Como é que te chamas?

– Kadar Daud, *sayidi* – respondeu Eliah, enquanto fazia o gesto de extrair o documento de identificação da carteira, ao que Qusay se opôs.

– Qual era a tua patente no momento em que pediste dispensa do exército?

– Eu era um soldado da Guarda Republicana, *sayidi*, e o senhor era o meu comandante.

Perante aquela informação, Qusay arregalou os olhos e permitiu que o seu assombro transparecesse. A Guarda Republicana era o braço de elite das forças armadas iraquianas, concebida como guarda pessoal de Saddam Hussein, se bem que as suas funções se tivessem ampliado no decurso dos anos. Aqueles que integravam as suas fileiras não eram meros recrutas mas fanáticos do regime baathista, dispostos a darem a vida para proteger o *rais*. Eram soldados por vocação, bem-educados – «Daí», inferiu Qusay, «que este homem se dedique aos livros» –, disciplinados e sujeitos a um treino de elevada qualidade.

– Porque é que pediste dispensa? – Al-Saud olhou-o fixamente, parecendo incomodado, e não lhe respondeu. – Não recebias soldo – aventou Qusay.

– Não, *sayidi*.

– Durante quanto tempo?

– Um ano. Depois da Guerra do Golfo, as coisas ficaram muito difíceis para nós – acrescentou Eliah, parecendo querer justificar a falta de pagamento.

Qusay suspirou, esmagou a beata no cinzeiro de ouro e inclinou-se sobre a secretária. Voltou a perguntar:

– Qual era a tua patente?

– Sargento-mor, *sayidi*.

«Era da tropa», disse Qusay para os seus botões.

– A que divisão pertencias?

– À Oitava, *sayidi*. A As-Saiqa.

– Qual era a tua brigada?

– A das Forças Especiais.

– Estou a ver – murmurou o filho do presidente –, a elite da elite. – Qusay permaneceu em silêncio, com a vista cravada no ex-soldado. O facto de este não baixar o olhar nem o suster com pedantaria comprazeu-o. Havia uma qualidade serena naquele homem que o fazia sentir-se à vontade. – O teu desempenho de hoje foi incrível. Poucas vezes vi um homem lutar somente com as mãos e vencer três profissionais armados como tu conseguiste.

– O exército iraquiano investiu muito dinheiro em mim e noutros camaradas, *sayidi*. Em 1990 enviaram-nos para Moscovo, onde fomos treinados durante quase um ano pelos peritos da Spetsnaz GRU. Tudo o que sei, devo-o à generosidade do amo Saddam. Para mim, foi muito duro abandonar a Guarda Republicana. Era a minha vida – acrescentou, num tom quase inaudível.

– Eu percebo, Kadar.

O telefone tocou. Al-Saud escutava o ronronar do outro lado da linha, sem entender palavra. Qusay desligou e disse:

– Era o chefe da Polícia. Quando eles chegaram, já não havia vestígio dos homens que me atacaram. Os vendedores de livros asseguram que uma furgoneta parou; fora colocados lá dentro e levados.

– Calculei que existiam outros por ali, à coca. Por isso é que insisti daquela maneira, tão rude, que se metesse no carro, *sayidi*. Temia que nos caíssem em cima. Peço-lhe desculpas.

– Está bem, está bem – desvalorizou Qusay. – Sei que o fizeste para me salvares a pele. O teu automóvel e os teus livros estão intactos. Um polícia irá ficar junto deles até que os vás buscar.

– *Shukran yaziilan, sayidi*. (Muito obrigado, senhor.)

– É o mínimo que posso fazer, Kadar. Tu salvaste-me a vida. Por favor, escreve aqui o teu nome completo, a morada e o telefone.

Qusay entregou-lhe papel e uma lapiseira e Al-Saud escreveu depressa os dados. Pôs-se em pé quando viu que Hussein se levantava. O iraquiano abriu a carteira e tirou várias notas de dólar, que apresentou a Al-Saud; Eliah contemplou por um instante, antes de lançar um olhar ofendido a Qusay.

– Não, *sayidi*, não. Nunca aceitaria dinheiro por salvar a vida do meu comandante. Só cumpri o meu dever.

A reação de Kadar Daud agradou a Qusay Hussein. O primeiro continuava essencialmente a ser um soldado da Guarda Republicana, com uma grande dose de orgulho. Qusay escoltou-o pessoalmente pelo

rés do chão até ao vestíbulo circular, através de cuja cúpula envidraçada o sol se filtrava em raios coloridos. Convocou um dos mordomos, ordenou-lhe que mandasse um motorista levar Kadar de volta à rua Al-Mutanabbi e despediu-se com um aperto de mãos.

Nos dias seguintes, Al-Saud dividiu o seu tempo entre a venda de livros – teve de suportar os colegas, que tentavam averiguar o que é que tinha acontecido, e se era mesmo verdade que o filho do *rais* lhe devia a vida – e visitas às caixas de correio secretas. Entretanto, esperava pelo telefonema do assessor de Qusay Hussein. O instinto dizia-lhe que o peixe mordera o anzol. O facto de Qusay ter ficado sem guarda-costas iria precipitar tudo: embora existissem milhares de substitutos prováveis, Qusay, dado o seu temperamento, que fora analisado em profundidade pelos peritos da *L'Agence*, não iria admitir um homem qualquer; seria obrigatoriamente alguém que ele respeitasse e em quem pudesse vir a confiar. A confiança era o ingrediente principal: o segundo filho de Saddam estava consciente de que dependia da lealdade da sua gente para sobreviver. Por exemplo: quem teria vendido a informação das suas visitas ao edifício da rua Al-Mutanabbi? A sua amante, talvez? O seu assessor? O porteiro do edifício?

Al-Saud meditou que Qusay teria seguramente usado aqueles dias para confirmar a informação sobre a sua identidade e o seu passado como sargento-mor da Guarda Republicana. Os homens do Departamento Informático da *L'Agence* tinham-se infiltrado nos sistemas do exército e substituído a fotografia do verdadeiro Kadar Daud com a de Eliah, envergando um uniforme de sargento-mor. Depois de terem investigado exaustivamente muitos membros da Guarda, optaram por Kadar, um viúvo jovem e sem filhos, e com o pai a cargo; um bom soldado, de comprovada destreza, cuja história se ajustava às necessidades operacionais e às proporções físicas de Al-Saud. Além do pai, Kadar não tinha outros parentes e vivia numa aldeia distante com cerca de dois mil habitantes. Desde 7 de janeiro que ninguém sabia do paradeiro do jovem, nem do seu pai: pareciam ter-se esfumado sem aviso. Os vizinhos não se mostraram surpreendidos: Kadar nunca antes lhes oferecera explicações, e sempre agira de forma pedante por pertencer à Guarda Republicana. O certo é que o antigo soldado e o seu pai passavam de momento uma temporada numa prisão militar nos arredores de Riade, separados dos outros presos para evitar que falassem, ainda que não tivessem muito para dizer: nenhum dos dois entendia o que faziam ali. Na noite de 6 de janeiro, uns homens com os rostos cobertos por passa-montanhas tinham irrompido pela sua casa adentro e, sem pronunciar palavra, tinham-nos manietado e enfiado numa camioneta; conduzidos de forma vertiginosa durante as duas horas seguintes, atiraram-nos para dentro de um helicóptero que aterrou no pátio da prisão algumas horas mais tarde. Cada vez que se lembrava de Kadar Daud e do pai dele, Al-Saud argumentava: «Existem sempre danos colaterais neste tipo de missões.»

Outra precaução tomada pelo Departamento de Logística da *L'Agence* foi a de regressar à cabana de Kadar Daud, tirar as fotografias ali existentes e substituí-las por algumas de Al-Saud e de Medes; os agentes chegaram até a contratar uma prostituta marroquina que posou com Eliah, no papel de sua

esposa. Também cobriram os móveis com lençóis e esvaziaram o frigorífico, levando com eles o lixo, a roupa e os objetos pessoais. Qualquer inspeção iria concluir que os Daud se tinham ido embora e não voltariam durante uma longa temporada.

Elijah recebeu a chamada do secretário privado do comandante Qusay Hussein na segunda-feira, 25 de janeiro, antes de ir para a Al-Mutanabbi pelo que, naquele dia, em vez de vender livros, dirigiu-se, no seu *Renault 11*, para o palácio de Al-Faw. Prestes a ingressar no círculo íntimo do filho do *rais*, aquele que, ao que se dizia, detinha o poder desde a traição e morte do genro de Saddam, Hussein Kamel, da família Al-Majid, Al-Saud experimentava um humor ambíguo: por um lado, estava satisfeito por poder começar a missão (queria terminá-la o quanto antes); por outro, experimentava um profundo desagrado por se sentir obrigado a aceitá-la. Cada minuto ao lado do comandante da Guarda Republicana iria implicar enormes riscos. Se o confrontassem com um antigo companheiro ou com os comandantes da Oitava Divisão, a As-Saiqa, aquela fantochada desabaria de imediato, e poderia considerar-se um homem morto. Al-Saud tranquilizou-se, raciocinando que lhe parecia improvável que Qusay se reunisse com o pessoal da tropa ou dos comandos intermédios; não obstante, o perigo era considerável.

Esperou quase uma hora numa saída contígua ao vestíbulo. Depois, guiaram-no até ao escritório de Qusay. Encontrou este último reunido com um homem que reconheceu graças às muitas fotografias e filmagens que tinha estudado na mansão do sul de Inglaterra: tratava-se do general Karim al-Masud, o número dois da hierarquia da Guarda Republicana. Este envergava um uniforme verde, borzeguins negros e cobria a cabeça com uma boina vermelha, o distintivo dos membros da Guarda. As dragonas que lhe decoravam os ombros, a águia, as duas estrelas e as cimitarras cruzadas denunciavam a sua patente.

– Entra, Kadar. Suponho que te lembras do teu superior.

– Sim, *sayidi* – respondeu Al-Saud e inclinou-se na direção do militar para o cumprimentar: – *As-salaam-alaikun, fariq awwal, Al-Masud*.

– *Alaikun salaam, na'ib dabit Kadar Daud* – respondeu o general, tratando-o pela antiga patente (sargento-mor). Al-Masud estendeu-lhe a mão, que Al-Saud apertou de forma decidida. – O comandante Hussein acaba de me contar a tua incrível intervenção, que lhe salvou a vida.

– *Shukran, fariq awwal*.

Eles analisaram os detalhes do ataque, nos quais Al-Saud se esforçava por se demorar, por forma a evitar o tema dos velhos tempos no exército. Enquanto o faziam e bebiam café, as portas duplas do escritório abriram-se de par em par e Saddam Hussein entrou, seguido por três guarda-costas. Al-Saud pôs-se imediatamente em pé e baixou a cabeça. Enquanto o fazia, uma pequena olhadela serviu-lhe para apreciar o estilo impecável do presidente, radiante no seu traje azul, o bigode recortado na perfeição, o cabelo curto e com poucas cãs nas têmporas. Era alto e possuía uma presença que se impunha naturalmente.

– Anda cá, rapaz! – O presidente deu-lhe uma palmada no ombro, agarrou-o pelos braços e deu-lhe três beijos nas bochechas, de acordo com o costume árabe. Sem o soltar, olhou-o fixamente e Al-Saud

soube que aquele homem era capaz de ler a verdade nos olhos de outro homem. – Salvaste a vida do meu filho Qusay e por isso tens a minha gratidão eterna!

– É uma honra, amo Saddam.

– Não tremes na minha presença?

Al-Saud levantou a vista, e a sua expressão transmitiu desconcerto.

– Não, amo Saddam – replicou, por fim. – Admiro-o e respeito-o. Sei que é um homem justo. Estou emocionado por conhecê-lo pessoalmente, isso sim – admitiu, em voz baixa.

– Não se nota – afirmou o presidente, risonho.

– Nas Forças Especiais ensinaram-nos a dominar e a ocultar as nossas emoções, amo Saddam.

– Sim, claro. Assim é que deve ser. Um verdadeiro homem nunca revela aquilo que pensa nem o que sente. Agradas-me, Kadar! Qusay já te disse que irás trabalhar como o seu novo guarda-costas?

– Não, *baba*, ainda não lho disse.

– Assim é, Kadar – reiterou o presidente iraquiano – Creio que serás o melhor para o proteger. Traz-mo com vida todos os dias e nunca me irrites.

– Não, amo Saddam. O meu único desejo é servir-vos, ao senhor e à minha pátria.

– Ora bem, rapaz! És casado?

– Viúvo, amo Saddam.

– Não pensaste em tomar uma nova esposa?

– Não, amo Saddam.

– Fazes bem, rapaz! Muito bem! – O comentário suscitou gargalhadas. – As mulheres são o melhor que há dentro dos limites de uma cama, nada mais.

Saddam Hussein despediu-se e levou com ele Al-Masud. Qusay indicou a Al-Saud que voltasse a ocupar a poltrona.

– Kadar, espero que a ideia de seres meu guarda-costas te agrade.

– Sim, *sayidi*. É uma bênção de Alá.

– Está bem. O meu secretário irá explicar-te o que é que se espera de ti, dar-te roupa adequada e mostrar-te o teu escritório aqui, em Al-Faw. Terás um parceiro, também ele da Guarda Republicana. – Al-Saud retesou-se. – Abdel Hadi Bakr pertence à Primeira Divisão, a Hammurabi; duvido que o conheças. Além disso, é um pouco mais jovem do que tu. Tem vinte e quatro anos. É um bom soldado, hábil na luta corpo a corpo e no manejo de armas de fogo. Julgo que sejas hábil em combates com faca.

– Os homens da Spetsnaz GRU treinaram-me bem, *sayidi*.

– Gostaria que o ensinasses a Abdel Hadi.

– Fá-lo-ei com gosto, *sayidi*.

– Abdel Hadi sabe que és o chefe e que te deve obediência. – Al-Saud assentiu com humildade. – Passo muito tempo no Al-Faw, mas durmo todas as noites num palácio diferente, para evitar surpresas desagradáveis. Todas as noites, tu e Abdel Hadi irão revezar-se na vigilância dos quartos onde a minha família dorme. Agora vai com Labib, o meu secretário, para que te ponha ao corrente de outros detalhes.

Começas hoje mesmo.

Labib forneceu-lhe um fato de um fino tecido cinzento-escuro, duas gravatas – uma vermelha e outra azul e verde – duas camisas brancas, sapatos negros e meias; depois, acompanhou-o até ao seu escritório para que trocasse de roupa. Ao vê-lo reaparecer, o homem arqueou o sobrolho e sorriu num sinal de complacência.

– És quase tão alto como *sayid* Uday. Quanto medes?

– Um metro e noventa e dois centímetros. Quais serão as minhas atividades diárias, senhor Labib?

O secretário explicou-lhe que, todas as manhãs, ele iria «varrer» o escritório e o automóvel do Sr. Qusay à procura de microfones, câmaras e demais artefactos que os seus inimigos ansiavam plantar para o espiarem. Antes de ligar o automóvel, iria verifica-lo com o detetor de bombas e minas. O Sr. Qusay nunca deveria sair sozinho. Entregou a Al-Saud um *walkie-talkie*, um telemóvel e um localizador.

– Senhor Labib, quais serão as minhas armas?

O secretário abriu uma caixa-forte e extraiu duas pistolas, que Al-Saud reconheceu logo à distância: uma *Glock 17* e uma *Heckler & Koch USP* 9mm. Também lhe entregou duas caixas com balas *Parabellum* e dois carregadores de reposição.

– *Sayid* Qusay ordenou-me que instrísse o meu companheiro no combate com faca. Vou precisar de duas.

– De que tipo?

– Se me é permitido escolher – Labib assentiu com solenidade –, gostaria de contar com duas facas KA-BAR. O modelo *Becker Combat Utility* é excelente, mas qualquer um da linha militar servirá.

Labib tomou nota com diligência e ar concentrado.

– Verei o que é que posso fazer – resmungou. – Com o embargo, até comprar leite é difícil. Mas... Sim, no mercado negro há de tudo. É claro que custa os olhos da cara. Toma – indicou, entregando-lhe uma pasta com a agenda do Sr. Qusay até meados de fevereiro e assinalando alguns acontecimentos importantes e arriscados devido à exposição a céu aberto e em público.

– Existe algum sítio onde o meu parceiro e eu possamos treinar?

– Sim, claro. No segundo piso há um ginásio muito completo. Anda, Kadar, vou mostrar-te onde fica. Poderão utilizar todas as instalações, exceto a sauna.

Abdel Hadi Bakr era um rapaz de estatura mediana, embora robusto, com o pescoço grosso e escondido entre os trapézios, o que lhe conferia um aspeto de touro que, no entanto, não foi suficiente para ocultar a sua insegurança e nervosismo. Al-Saud estendeu-lhe a mão e Abdel Hadi apertou-a, um passou-bem húmido e quente, acompanhado de um esgar trémulo. «Ainda bem,» disse Al-Saud para si próprio, «será fácil dominá-lo». Mostrou-se sério e distante e não alimentou nenhuma das conversações amáveis que o soldado iniciou; nem sequer lhe respondeu quando aquele lhe confessou que admirava os membros das Forças Especiais. Ficou a olhá-lo com uma expressão que exprimia claramente a estupidez do comentário, o que o rapaz corar até às orelhas. Al-Saud riu para dentro: não podia permitir que entre eles nascesse a confiança. Com o tempo, isso poderia habilitar o outro a imiscuir-se no seu passado e na

sua vida privada.

– Esta noite, ficarás tu de guarda. Labib acaba de me informar que *sayid* Qusay irá dormir no palácio Raduaniyah.

O palácio, situado a leste de Bagdade, próximo do aeroporto, era a residência favorita do presidente Hussein. A sua fama também derivava do facto de conter uma prisão, na qual milhares de pessoas tinham sido torturadas e assassinadas, especialmente durante os levantamentos que se seguiram à Guerra do Golfo. Al-Saud lembrou-se de um dos primeiros trabalhos da Mercure: uma infiltração levada a cabo por um dos peritos de Peter Ramsay, com o objetivo de filmar e de tirar fotografias do cárcere para a organização humanitária Os Defensores dos Direitos Humanos.

Naquela noite, Eliah regressou à pensão, pegou numa folha do jornal *Babel* e escreveu na página par, na margem direita e com tinta invisível, uma mensagem em código que Medes levaria à caixa do correio secreta submersa no rio no dia seguinte. Aquele que o decifrasse leria: «*Estou dentro*».

Depois da discussão no posto de Erez, Markov passou a considerar impossível aceder a La Diana. Não que se mostrasse receosa ou aborrecida; pelo contrário, um halo de beatitude e de serenidade circundava-a. Sorria e falava de maneira calma e não parecia mortificada pela distância que os separava como um abismo, nem ressentida pelo que lhe tinha dito bruscamente naquela manhã, no estacionamento. Já não o amava? Não desejava converter-se na sua mulher? Não sentia falta da sua companhia? Ela adotara um ar de misticismo, como se as questões terrenas já não lhe importassem, como se prescindisse delas, o mesmo que acontecia no caso dele e dos beijos que ele lhe dava.

Um dia, enquanto guardavam as portas da cantina do Al-Shifa, Markov observava-a de soslaio, contente porque La Diana nunca tirava os aros pendentes que ele lhe oferecera. Ela perfumava-se com *Fleurs d’Orlane* e o seu aroma, que lhe acicatava as fossas nasais, desconcentravam-no. Talvez devesse pedir-lhe que não o usasse enquanto trabalhavam.

Foi tomado de surpresa, ao apanhá-la num ato que o assombrou: La Diana inclinou a cabeça, aproximou a medalha à boca e beijou-a. Se ela tivesse desatado a dançar e a cantar *La isla bonita* na receção do hospital, não o teria surpreendido tanto. Ficou a olhá-la; não obstante, ela perlustrou em redor, não se voltando para Sergei. A apatia dela estava a enlouquecê-lo. Teria sabido lidar com uma indiferença hostil; mas não fazia ideia de como agir com aquela nova disposição.

– Diana?

– Sim?

– Essa medalha – disse Markov, assinalando o objeto com uma sacudidela do queixo – tem algo a ver com essa mudança?

– Que mudança, Sergei?

Apesar de tudo, continuava a ficar comovido por ela o tratar pelo primeiro nome.

– Diana, por favor! Pareces-te com a Heidi, ultimamente. – La Diana cobriu a boca e sufocou o riso.

– Tu ris-te? O que é que se passa? Porque é que trazes essa medalha? Porque é que a beijas? –

acrescentou, num tom exasperado.

– Comprei-a em Paris – disse La Diana, tocando-lhe com o indicador e o polegar –, no dia em que fiz uma promessa. Desde esse momento, tenho-me sentido tranquila. Foi estranho, quero eu dizer, sentir-me assim, em paz. Não me lembro de me ter sentido assim em toda a minha vida.

– Que promessa é que fizeste? – perguntou o russo, a medo.

– Tu não a entenderias, Sergei. Eu apercebi-me de que os homens raras vezes compreendem os mecanismos das mulheres. É por isso que nos fazem tanto mal.

– Eu faço-te mal? – O aborrecimento de Markov começou a tomar forma. – E o que é que me dizes dos malditos sérvios de Rogatica? Eles não te fizeram mal?

– Claro – sussurrou ela – um mal terrível, talvez irreparável. A mim, a Leila e a tantas outras pobres mulheres.

– Então, deixa que Sanny e eu nos ocupemos deles!

– Não! – O tom inesperado da sua reação, depois dos murmúrios sedosos, abalou-o. – Porque é que tu insistes em ocupar-te de algo que não te diz respeito, Sergei?

– Que não me diz respeito? Esses filhos da puta quase destruíram a minha mulher! E não me diz respeito?

– Eu não sou a tua mulher. Não pude sê-lo antes e duvido que alguma vez possa.

La Diana abandonou a cadeira e caminhou na direção da cantina do hospital. Markov observou-a enquanto se afastava, estupefacto. Não se atreveu a correr atrás dela, para a envolver nos braços e sussurrar-lhe, com gritos reprimidos: «Se eu te amo desta maneira incomensurável, porque é que me magoas tanto?»

La Diana entrou na cantina onde Matilde almoçava com os seus colegas da Mãos Que Curam e ficou a olhar para ela, não tanto para a guardar – teria podido fazê-lo da posição onde estava, junto a Markov –, mas antes para entrar naquele campo magnético que a jovem irradiava e que lhe devolvia a harmonia. Embora estivesse de costas, Matilde deu a volta e sorriu-lhe como se a tivesse percebido. La Diana viu-a a despedir-se dos seus colegas e a abandonar a mesa. Semanas antes, confessara-lhe a história da sua promessa à Virgem da Medalha Milagrosa e Matilde dissera-lhe que só uma pessoa muito valente e nobre teria sido capaz de a formular, sobretudo contando com a destreza para levar a cabo uma vingança de proporções gigantescas. La Diana não se atreveu a explicar-lhe de que o fizera convencida de que Matilde teria procedido da mesma maneira. Depois de tantos anos de aborrecimento, dor e tristeza, a amizade da médica argentina, a sua simplicidade e a humildade, a par do seu carácter decidido – parecia que nenhum problema moral lhe suscitava dúvidas –, constituíam um farol no meio da tempestade. Por muito que amasse Markov, por mais que tivesse quebrado a sua couraça com uma valentia e um afínco encomiáveis, ele fazia parte da tormenta que a submergia num mar de angústia. Matilde, que, por seu lado, sofrera um trauma similar e continuara em frente, convertia-se num remanso de paz e de esperança.

– Diana – perguntou Matilde –, estás boa?

– Sim.

– Eliah não telefonou?

«A pergunta obrigatória», pensou a jovem bósnia, compadecendo-se da amiga. O fim de janeiro aproximava-se, e Al-Saud não as contactava há semanas. A angústia de Matilde transparecia no seu rosto abatido. De qualquer modo, sorriu diante da resposta negativa e disse:

– Dentro de meia hora, iremos a Khan Yunis, ao Centro de Cuidados para Crianças Desnutridas. Irei no automóvel com Bondevik – La Diana assentiu. – Vou só mudar de roupa.

Matilde dirigiu-se para o campo de refugiados de Khan Yunis com o seu chefe, Harald Bondevik, e os seus companheiros, o porto-riquenho Jonathan Valdez, o brasileiro Amílcar de Souza e o enfermeiro japonês Satoshi, que se abstiveram de indagar sobre a presença do casal que os seguia noutro veículo cada vez que eles iam aos dispensários ou ao Centro de Cuidados para Crianças Desnutridas. Também os viam a rondar o hospital.

Ao estacionarem o automóvel em frente da entrada do Centro, uma pequena multidão acotovelava-se à porta. Aquilo não os surpreendeu: os habitantes do campo de refugiados e arredores sabiam que os médicos da Mãos que Curam se apresentavam todas as terças-feiras à uma da tarde; logo que lhes ofereciam medicamentos e comida, retiravam-se em massa.

Matilde, assistida por Satoshi, pesou, mediu, auscultou e examinou mais de vinte crianças e bebés. Ordenou análises de sangue a vários deles, porque suspeitava que padeciam de anemia. Receitou vermícticas a todos, sem exceção, porque, dada a péssima qualidade da água, tinham parasitas intestinais. Como o tratamento não incluía apenas os mais pequenos, estendendo-se aos membros adultos da família, que eram sempre numerosos, os antiparasitários começaram a esgotar, e ainda restava muita gente na sala de espera. Também abundavam os pacientes com gastroenterites, até bebés muito pequenos – a má qualidade da água continuava a ser a culpada. Os casos isolados de cólera que teimavam em reaparecer no campo de refugiados de Nuseirat preocupavam Matilde; mais a mais, temia que o fecho prolongado das fronteiras, que prejudicava a entrada dos medicamentos, desse azo à eclosão de uma epidemia. Contudo, aquilo que mais a mortificava era a malnutrição das crianças: a maioria apresentava peso baixo e crescimento retardado. Ela imaginava os seus cérebros pouco desenvolvidos e o impacto que isso teria nas suas vidas e no futuro da Faixa. A verdade é que somente uma percentagem muito reduzida da população de Gaza ingeria as proteínas, os minerais e as vitaminas necessárias para um desenvolvimento normal; os outros ajustavam-se quotidianamente a um cabaz familiar deteriorado pela falta de trabalho e pelos elevados preços dos alimentos. Na Faixa de Gaza, onde os ordenados eram várias vezes inferiores aos de Jerusalém e Telavive-Jafa, pagavam-se preços tão altos pelo pão, os laticínios as carnes e as hortaliças como nessas cidades.

– A falta de postos de trabalho – respondera-lhe o *Silencioso* quando Matilde lhe perguntara qual era o problema mais premente da região. – As pessoas pensaram que, com os Acordos de Oslo, isto se iria converter num polo industrial, que os investidores mundiais se iriam digladiar para abrirem fábricas e empresas de serviços, empregando mão de obra local. Pois ninguém veio e os poucos investimentos

existentes não chegam para cobrir tanta população economicamente ativa. Não os vê nos cafés, nos bares, na rua? Passam os dias a beber chá e a fumar o narguilé para passarem o tempo, esperando deixar de ser um risco para a segurança de Israel e poderem conseguir uma autorização de trabalho para irem para Jerusalém, Telavive, Ashdod ou onde quer que seja, desde que longe de Gaza, onde não há nada.

– Porque é que não se deu essa explosão de investidores? – perguntou Matilde.

– Com os fechos permanentes da fronteira? Com os camiões a esperarem durante horas em Erez e em Karni para a atravessarem? Com os quilos de mercadoria que se desperdiçam nas plataformas dos *checkpoints*? Sabes a quantidade de vezes que os laticínios azedaram, as flores murcharam ou os limões e as laranjas apodreceram?

– Israel impõe o fecho por causa dos ataques suicidas do Hamas, não é verdade?

– Agora, sim, mas no princípio, não. Os encerramentos começaram muito antes do primeiro ataque suicida, em 1991, quando Arafat cometeu o erro de apoiar a invasão do Iraque pelo Kuwait. Israel gosta de nos castigar como um pai ao seu filho desobediente.

Matilde estava a recordava este último diálogo com o *Silencioso* enquanto media o perímetro craniano de um bebé de onze meses. Ditou a medida a Satoshi, que a anotou na ficha com o rosto enrugado pela preocupação.

– Tem onze meses – manifestou Satoshi em inglês. – Deveria medir mais de 41 centímetros.

Matilde não olhou para ele nem lhe respondeu. Ela meditava que o seu paciente tinha a mesma idade de Kolia: a 22 de janeiro, o filho de Eliah cumprira onze meses. Ela não iria estar com ele no primeiro aniversário, e Eliah também não; aquilo embargou-a de tristeza, que se acentuou ao encontrar os olhos esmorecidos do menino, Walid, cuja mãe esperava o veredito. Era a terceira vez que o atendia. Uma enfermeira do centro servia-lhe de intérprete porque, apesar do árabe de Matilde a progredir graças às lições com o *Silencioso*, ainda não era suficiente para manter um diálogo fluido.

– Afra – disse ela à mãe –, Walid aumentou de peso e de comprimento. Isso está muito bem. – A felicidade assomou ao rosto da rapariga. – De qualquer modo, ainda está abaixo dos padrões normais. Conseguieste dar-lhe carne, ovos e leite?

– Leite, sempre. Aquele que dão no escritório da UNRWA. Carne e ovos, não. Só às vezes.

– Com que água é que lho preparas?

– Com a da torneira, *tabiiba* Matilde – respondeu a mãe, com ar culpado. – Não tenho dinheiro para comprar água mineral.

– Tu ferve-la, como eu te disse?

– A minha sogra aborrece-se. A botija de gás não dura nada se eu fizer isso e custa muito dinheiro.

Era um beco sem saída e Matilde desanimava minuto a minuto. De qualquer modo, pensou ela, as enormes quantidades de cloro com que tentavam tornar a água de Gaza potável não iriam desaparecer nem que a fervessem. Bondevik explicara-lhe que, em certas zonas, o nível de cloro alcançava os mil miligramas por litro quando o máximo permitido pela OMS era de duzentos. Tratava-se de uma água quase venenosa.

– Satoshi – disse Matilde – traz-me quatro garrafas de água mineral. – Ela virou-se para Afra e perguntou-lhe: – Consegues levar quatro garrafas de água mineral? São de dois litros, cada uma.

– Oh, sim! O meu sobrinho acompanhou-me hoje. Ele leva-as.

«Para alguma coisa hão de servir as famílias numerosas com falta de trabalho», pensou a médica, furiosa.

– Ouve-me, Afra. Esta água é só para o Walid. É preciso que prepares os seus biberões com água mineral. É imperativo deter a diarreia – sublinhou. – Além disso, dilui estas gotas no leite. – Matilde continuou com as indicações até se assegurar de que a jovem mãe (não teria mais do que dezoito anos) tinha compreendido todo o procedimento.

– *Tabiiba* Matilde – disse Afra –, eu talvez possa começar a comprar cordeiro, ovos e água para Walid. O meu marido apresentou-se hoje na empresa que irá começar a construir a estação de dessalinização. Ele é um bom pedreiro. Aprendeu o ofício com um israelita de Ascalão. No ano passado retiraram-lhe a autorização para trabalhar em Israel e tudo se arruinou.

– Porque é que lha retiraram?

– Não lho disseram. Uma manhã, como de costume, ele apresentou-se em Erez, passou o cartão magnético pelo controlo e foi recusado. Razões de segurança, foi isso que o soldado disse. Por mais que o patrão do meu marido tenha lutado para que lhe voltassem a dar a autorização, foi em vão. O meu marido nunca esteve preso e é demasiado jovem para ter participado na Intifada. E, desde então, vivemos daquilo que a UNRWA e os meus sogros nos dão. – A voz tinha começado a languidescer até quase desaparecer com a palavra «sogros».

Matilde sabia que, na maioria dos lares de Gaza, as mães dos esposos costumavam ser cruéis com as suas noras. Pelo menos, assim o afirmavam Intissar e Firdus Kafarna, que sofrera sob o jugo da mãe de Marwan até que este conseguiu trabalho nos escritórios da UNRWA e eles alugaram um apartamento para viverem sozinhos. Afra devia padecer de uma situação semelhante.

– Afra – disse Matilde – anota-me o nome completo do teu esposo, o número do seu documento de identificação, a morada e o telefone.

– Não temos telefone. Vou dar-lhe o da minha irmã, que vive em Gaza. Porque é que me pede isto, *tabiiba* Matilde? A senhora conhece alguém na empresa que vai construir a estação de dessalinização?

– Talvez vos possa ajudar – disse ela de forma evasiva, ao mesmo tempo que pensava em Shiloah Moses, que, àquela hora, devia estar com Juana no norte da Faixa, num ato político, a pôr a primeira pedra da estação. À noite, iriam jantar na casa do *Silencioso* e ela aproveitaria para lhe pedir que intercedesse pelo esposo de Afra.

Mal abandonaram o campo de refugiados de Khan Yunis, Bondevik deteve-se numa estação de serviço para meter gasolina e medir a pressão dos pneus. Encontraram-se ali com Lior Bergman. Não era de estranhar: Khan Yunis estava rodeado por colonatos judeus e o militar da Brigada Givatu era responsável pela segurança dos colonos e dos caminhos por onde estes circulavam para alcançarem o território israelita. Bondevik apressou-a a descer do veículo para cumprimentar o tenente-coronel, o

qual aceitou a mão que ela lhe estendia e a contemplou com um ardor que até o médico norueguês, geralmente um despistado, percebeu.

– Como é que se chama aquele colunato? – interessou-se Bondevik, assinalando o casario, cujos telhados de duas águas assomavam entre as árvores e as dunas.

– Aquele é Gush Katif – respondeu o militar israelita. – Ficaria encantado por lho mostrar. É uma obra digna de admiração. Abastecem-se praticamente de energia solar e converteram esta parte da Faixa, muito estéril, num vergel.

«Porque não têm problemas para conseguir água», deduziu Matilde. «E da boa». Ainda assim, sorriu e aceitou, juntamente com o seu chefe, dar um passeio no dia seguinte pelo colunato. Na realidade, não estava interessada em conhecer Gush Katif, mas sim no poder do militar israelita que comandava, entre outras coisas, o posto de Erez. Se o esposo de Afra não conseguisse trabalho na construção da estação de dessalinização e se Shiloah não conseguisse ajudá-lo, pediria a Lior Bergman que lhe habilitasse o cartão magnético que lhe permitiria sair de Gaza. Estava a agir erradamente, sabia-o. Além de a pôr num aperto sentimental com o militar israelita, o seu comportamento podia custar-lhe a expatriação. A Mãos Que Curam não tolerava aquele tipo de intervenções. Vanderhoeven fora permissivo no Congo quando ela enredara Nigel Taylor nos assuntos de Kabú e de Tanguy, mas advertira-a: «Não podes salvá-los a todos». Não lhe importava. Se salvasse só Walid, se preservasse o seu cérebro, isso bastar-lhe-ia. Na verdade, especular com os sentimentos e com a amizade do militar pesava-lhe na consciência: tinha feito outro tanto com Nigel Taylor. «Não me saí tão mal quanto isso», justificou-se, ao lembrar-se de que Kabú estava de volta à Missão São Carlos e com o rosto praticamente reconstruído.

Às oito, de regresso ao Al-Shifa, ela mudou de roupa, lavou-se e penteou-se, com o ânimo de rastos. Não se tratava apenas da impotência que as carências dos naturais de Gaze lhe suscitavam, era também a falta de notícias de Jérôme e de Al-Saud. Ela enviava-lhes bênçãos e instava-se a si mesma a não preocupar-se. Só a esperança de se encontrar com Juana em casa do *Silencioso* lhe levantava o espírito. A sua amiga era capaz de lhe arrancar gargalhadas nos piores momentos. Ela não se enganou. Enquanto Ariela Hakim, o *Silencioso* e Shiloah se dedicavam-se a sonhar com um estado binacional, Matilde contou a Juana quanto almejava formar uma família com Jérôme, Kolia e Eliah. Juana lacrimejou, emocionada, para depois agitar o dedo e exhibir a o seu génio:

– Eu conheço-te, Matilde Martínez! Vais dar cabo de ti a tomar conta desses dois miúdos e vais pôr o bonitão de lado. Sim, não me olhes com essa cara! Eu proíbo-te de te converteres numa dessas mães que se esquecem que também são mulheres. Tu és uma mulher que tem um homem muito intenso e dominante a seu lado! Não sei, come geleia real em jejum, toma *spirulina* ou um complexo vitamínico, seja o que for; mas não deixes de dormir com ele tantas vezes quantas tiverem vontade. Percebeste-me?

Fauzi Dahlan e Udo Jürkens mostravam-se preocupados. O Príncipe de Marbella partira para Paris a 30 de dezembro com a mensagem em código e a 31 de janeiro ainda continuava na capital francesa, à espera da resposta de Anuar al-Muzara. Antoine confirmara-lhes que Rauf al-Abiyia entregara o

columbograma na casa do Quai de Béthune. Naquele mesmo dia, colocara-o dentro do tubinho de metal, prendendo-o à pata de uma das pombas de Anuar al-Muzara antes de a lançar em voo. Depois de tanto tempo a lidar com pombos-correio e columbogramas, ocorreu a Jürkens fazer-lhe uma pergunta sobre algo em que ele nunca reparara:

– Antoine, as pombas do senhor AM – eles não mencionavam o apelido Al-Muzara para não alertarem o sistema de escuta ECHELON – que tu tens são novas? Ele enviou-tas há pouco tempo?

– Não, senhor, são as mesmas de sempre. De facto, estou a ficar sem pombas. O senhor Moses terá de ir buscá-las, ou o senhor AM de as trazer.

Jürkens perguntou-se como era possível que se se tratasse das mesmas pombas, treinadas para voltarem a um sítio específico, se era sabido que o terrorista palestiano se movia de um esconderijo para outro, raras vezes passando seis meses no mesmo lugar.

– Antoine, se uma pessoa se mudasse continuamente, como é que ela faria para treinar os seus pombos?

– Isso não seria possível, senhor, ou seria difícil adaptá-las a um pombal diferente de cada vez. Eu creio que acabariam confundidas e já não saberiam orientar-se.

– Então, como faria uma pessoa que se muda continuamente?

– Pois essa pessoa teria que fixar o seu pombal num sítio e regressar cada vez que necessite de retirar as mensagens.

A afirmação desanimou bastante Jürkens, que se perguntou interiormente se Anuar al-Muzara teria previsto visitar o seu pombal. Onde é que o teria fixado? Só contavam com uma ponta solta para darem com Mohamed Abu Jihad: Eliah al-Saud. Tendo em conta que não seria fácil apanhá-lo, nem sequer para o cunhado, e que extrair-lhe a localização do esconderijo de Abu Jihad o seria menos ainda, Jürkens compreendia que a missão se iria prolongar. Se o segredo de Saddam Hussein chegasse aos ouvidos da CIA ou da Mossad, as consequências para o Iraque seriam catastróficas.

Anual al-Muzara descalçara as sandálias para aferir a consistência da areia húmida enquanto caminhava por uma praia dos arredores da cidade de Tiro, no sul do Líbano, de onde operava havia alguns meses. Dois dos seus homens seguiam-no a uma distância prudente, com as AK-47 a tiracolo. Ainda que se tratasse de uma zona despovoada, as armas dos seus guarda-costas iriam dissuadir quem quer que decidisse alterar a solidão daquele lugar. Ele necessitava de pensar e o som das ondas que rebentavam a poucos metros, do vento e dos grasnidos das gaivotas serenavam-no e predispunham-no a silenciar a sua mente alvoroçada.

Baixou a vista e voltou a rever o columbograma. Três dias antes, juntamente com um dinheiro recebido através da *hawala*, o *hawaladar* sussurrou-lhe: «a galinha pôs um ovo», o que significava que no pombal que ele mantinha no sul da Faixa de Gaza, desde há mais de dez anos, o esperava um columbograma. Através de um intrincado sistema de estafetas, a mensagem encriptada saiu da Faixa, embarcou num barco de pesca no porto de Haifa, passou por Acre e chegou a Tiro três dias depois.

Poucas horas mais tarde, Al-Muzara tinha-o na mão e decifrava-o sem necessitar de consultar o código. «*Encontro urgente. Marca dia, hora e lugar.*» Tratava-se de uma mensagem sucinta, que não oferecia explicações, o que era bastante incaracterístico de Gérard Moses. Anuar decidiu responder-lhe de imediato e estabelecer as senhas para a reunião, em cujo motivo não se deteve a pensar: naquele momento, a sua energia e a sua atenção focavam-se no golpe que, com pouco dinheiro e muita mestria, iria levar a cabo dali a dois dias, na quinta-feira, 4 de fevereiro, durante a noite. As fundações de Israel iriam tremer. E as do mundo também rangeriam.

Capítulo 13

Na sexta-feira, 5 de fevereiro, muito cedo, Matilde terminou o seu turno noturno e dirigiu-se para o vestuário para mudar de roupa, ansiando chegar ao apartamento da rua Omar al-Mukhtar e dormir oito horas seguidas. Porém, na receção do hospital, à saída, foi surpreendida por um tumulto e vozes exaltadas: todos falavam ao mesmo tempo e ninguém parecia interessado em escutar. Avistou Intissar, que obviamente acabava de chegar – esta não trazia a farda – e, quando os olhos de ambas se encontraram, o ritmo cardíaco de Matilde alterou-se: algo de muito grave acontecera. Intissar aproximou-se, abraçou-a e chorou. As duas mulheres sentaram-se nas poltronas da sala de espera, de mãos dadas.

– Matilde – soluçou a jovem palestiniana –, estamos perdidos.

– Porquê? O que é que se passou?

– Ontem à noite, um grupo terrorista sequestrou dois soldados do posto de controlo de Sufa e hoje, há menos de duas horas, mandaram pelos ares um autocarro cheio de gente do colunato de Morag que atravessava a Faixa para ir para Israel. Estão todos mortos! Trinta e três! Pobre gente! Meu Deus, a ira de Israel irá apagar-nos do mapa! Não poderei resistir! Toques de recolher! Tanques nas ruas! Disparos! Explosões! Invasões? Não! Outra vez, não!

Matilde abraçou-a e apertou-a com vigor, tentando refrear o ataque de histeria da amiga, que chorou com amargura até lhe encharcar o peito do casaco. A médica deixou que o fizesse para que desabafasse, enquanto tentava dar sentido a toda aquela informação. Pensou em Eliah. Oxalá ele não se inteirasse daquela situação dramática porque, à distância, iria angustiar-se. Disse a si mesma que não voltaria ao apartamento. Iria falar com o *Silencioso*. O que é que se poderia esperar daquilo que acabava de acontecer? Ocorreu-lhe telefonar a Lior Bergman: ninguém melhor do que ele conheceria as consequências dos atos terroristas. Ela e Bondevik tinham partilhado um momento agradável quando ele lhes mostrara o colunato de Gush Katif. Ao ignorar a energia sexual que parecia dominar Bergman quando este a observava, Matilde baixara a guarda e aproveitara o passeio. Procurou o cartão de visita do militar na sua *shika* e pediu à rececionista do hospital que lhe facultasse o telefone.

– *Shalom?* – Ela notou a inquietação dele naquele cumprimento.

– Olá, Lior. Sou Matilde Martínez.

– Matilde! Como estás?

– Preocupada, para dizer a verdade. Lamento muito o que aconteceu, tanto aos soldados como a esses pobres colonos.

– A situação é grave e complicada – admitiu Bergman.

– O que é que irá acontecer agora, Lior?

– Nada de bom. – Ouviram-se umas vozes enfáticas em hebraico. – Tenho de desligar, Matilde.

Sinto muito.

– Sim, claro.

Matilde devolveu o auscultador ao telefone e o seu olhar perdeu-se. Talvez Intissar tivesse razão: um inferno iria desabar na Faixa de Gaza. Saiu do hospital depressa. Queria chegar a casa do *Silencioso* o mais depressa possível. Já não pensava em dormir. Disse a si própria que, provavelmente, não o iria encontrar; estaria na escola de Jabalia ou a dar aulas numa das universidades. Matilde abriu a cancela e atravessou os poucos metros de distância até à entrada da casa. Entrou sem bater – a porta raramente estava fechada à chave – e encontrou-o sozinho, na sala de jantar, rodeado por um mutismo inesperado. Escrevia no computador com um ritmo frenético.

– Sabir.

O *Silencioso* ergueu a vista e o seu olhar sobressaltou-a. Os olhos, grandes e negros, refletiam a tormenta que eclodia dentro dele e que o impelia a descarregar sobre o teclado com uma energia agressiva. O escritor ficou-se a observá-la como se Matilde se tratasse de uma aparição.

– Porque é que se passou aquilo que se passou? – sussurrou a jovem, intimidada pelo silêncio e pela atitude de um homem que só conhecera tranquilo e equilibrado.

– Queres a história desde 1948 ou os acontecimentos dos últimos dias? – Al-Muzara riu, com cansaço e tristeza, e pôs-se em pé. – Anda, vamos à cozinha e preparamos um café. Uma pausa irá fazer-me bem.

– O que é que estás a escrever?

– O telefone não parou de tocar desde muito cedo. Vários jornais de Israel e de França pediram-me para redigir um editorial sobre aquilo que acaba de acontecer.

– Tu nunca te relacionas com a imprensa – recordou-lhe Matilde. – Por alguma razão te chamam o *Silencioso*.

– Creio que chegou o momento de romper o mutismo.

O aroma intenso do café infiltrou-se nas narinas de Matilde e alterou-lhe logo o ânimo para melhor. Mordiscou uma bolacha de aveia e sorveu o café, respeitando o silêncio do amigo.

– Quando chegaste, perguntaste-me porque é que se passou aquilo que se passou. – Matilde assentiu. – A história geral, tu conhece-la. Há suficiente raiva e dor para voltar a fazer uma cidade inteira ir pelos ares. Os factos de ontem à noite e desta madrugada são a resposta ao plano de Telavive de ampliar os colunatos judeus em Jerusalém, estendendo-os para Leste, uma zona tradicionalmente árabe. Arafat disse há alguns dias que este projeto significa um recuo no processo de paz e que é uma afronta aos Acordos de Oslo. Saeb Erekat...

– Quem é esse?

– Um funcionário da Autoridade Nacional Palestiniana, o chefe dos negociadores de paz com Israel. Pois bem, Erekat declarou que o programa de expansão israelita em Jerusalém é uma declaração de guerra à presença palestina na cidade santa. Os ânimos aqueceram, como imaginarás. Todos

começaram a manifestar opiniões, ninguém ouve ninguém. A Autoridade Nacional Palestiniiana está desacreditada, e o governo de Netanyahu provoca-os porque, na realidade, a paz lhe importa muito pouco; já aqueles que apostam na violência, como sempre, aproveitam-se.

– Quem são esses? Quem pôs a bomba no autocarro com os colonos?

– O meu irmão – declarou o *Silencioso*, fixando o olhar em Matilde, cujos olhos se arrasaram ao descobrir-lhes a dor.

– Sabir – disse ela, apertando-lhe a mão –, sinto muito! O que é que se vai passar agora? O que é que Israel irá fazer?

O *Silencioso* sacudiu os ombros numa careta muda e irónica.

– A única coisa que sabe: retribuir. Esta é uma desavença baseada numa lógica de olho por olho, dente por dente. Ninguém parece aperceber-se de que estamos a ficar cegos, ambas as partes. Não ganhamos muito: nem eles, nem nós. É claro que nós, os palestinianos, somos aqueles que levam a pior, mas os israelitas também não são felizes. Viver no medo, na desconfiança e no ódio destrói a dignidade humana. E isso é, definitivamente, aquilo que todos somos, eles e nós: seres humanos. Mas as identidades impõem-se. Eu sou palestiniano, tu és israelita. Eu sou branco, tu és negro, amarelo, verde... Ninguém supera o complexo de identidade. Isso torna-nos egocêntricos e desonestos com a nossa própria humanidade. A nossa necessidade cega-nos; torna-nos receosos daquele que é diferente quando, na verdade, somos essencialmente iguais. Todos temos a mesma alma. A identidade justifica os males, até o da guerra. Como é fácil cair nela! E não parece importar a ninguém que, mesmo após cinquenta anos, tudo continua igual. Ninguém aposta na mudança, ninguém se atreve a fazer aquela alteração profunda que implica pôr o coração e tirar as máscaras da identidade. A desconfiança transformou-nos em pedra.

– Porquê? – desesperou-se Matilde – Passados cinquenta anos, experimentar uma mudança de atitude seria uma opção, no mínimo, inteligente.

– Porque isso não convém a quem manipula o conflito nos bastidores, como é óbvio. O *status quo* deve imperar. Foi concebido para cumprir objetivos ulteriores que poucos conhecem. – O *Silencioso* desviou o olhar para a janela da cozinha e disse: – Eu irei colar novamente fita nos vidros.

– Sabir, será muito terrível?

– Sim, sê-lo-á. Deverias partir, Matilde.

– Não. Eu só penso em Amina e nas outras crianças.

– Eu tirarei Amina da Faixa mal isso seja possível. Falei com o tio Kamal antes que tu chegasses. Ele irá recolhê-la com o seu avião privado em Amã e irá levá-la para o norte de Itália, onde eles estão a passar uma temporada em casa dos pais da tia Francesa.

– Deves enviá-la hoje mesmo, Sabir!

– Achas que não o faria, se pudesse? Matilde, a Faixa foi encerrada por tempo indeterminado.

Na sexta-feira, 5 de fevereiro, pela manhãzinha, Al-Saud estacionou o *Mercedes Benz* num dos

pátios traseiros do palácio Republicano, aquele que dava para a enorme cozinha. Qusay Hussein acabava de o advertir pelo telefone que iria passar o dia de descanso dos muçulmanos ali. Eliah, que julgara ir encontrá-lo na piscina, ficou surpreendido quando lhe indicaram que o iraquiano estava no seu escritório. Qusay, comodamente instalado num sofá, olhava para a televisão com o controlo remoto numa mão e um cigarro na outra. Sem o cumprimentar, assinalou o ecrã e declarou:

– Os israelitas irão limpar o cú com os Acordos de Oslo. Logo verás, Kadar.

Al-Saud deteve-se junto ao sofá e observou o ecrã. Netanyahu, enfurecido, sacudia o indicador num plenário do Knesset e assegurava que, se a Autoridade Nacional Palestiniana não estava preparada para lidar com aqueles assassinos desalmados, não restaria outra opção a Israel: iriam invadir a Faixa de Gaza para limpar a escória. Ele manifestou que aquela «limpeza» levaria muito tempo, pois iriam operar quarteirão por quarteirão, casa por casa. Com uma inflexão dramática, declarou: «Retirarmo-nos sem alcançarmos o objetivo primordial, que é destruir o coração terrorista do Hamas, equivaleria a uma derrota e isso não iremos aceitá-lo.» O primeiro-ministro israelita fez uma pausa no seu discurso, inspirou profundamente e retomou a arenga num tom execrável. «Exijo a quem sequestrou os soldados Mokotoff e Kuzinsky que os devolvam com vida dentro das próximas setenta e duas horas. Caso contrário. Israel entrará na Faixa para os resgatar.»

– Cão sionista – cuspiu Qusay. – Todos sabem que esses dois infelizes já não estão na Faixa. É só um pretexto para invadir e matar palestinianos em quantidade.

Al-Saud não ouviu o comentário do seu chefe, um zumbido ensurdecia-o; tão-pouco via o ecrã com nitidez, já que a sua vista tinha ficado nublada. Um rugido surdo acabava de eclodir dentro dele: «Matiildeee!!».

Depois da declaração de Netanyahu, o noticiário pôs no ar um Yasser Arafat velho e trémulo, de aspeto mais descuidado do que o normal, que se esforçava por utilizar um tom de fúria quando era possível apreciar de forma clara que estava cansado e derrotado. O líder da OLP respondeu às ameaças do primeiro-ministro Netanyahu declarando que a atitude prepotente do governo israelita provocava os setores mais radicalizados da Palestina e propiciava os ataques terroristas. «E não me refiro somente ao programa de expansão dos assentamentos israelitas em Jerusalém Oriental; falo também da política de asfixia aos quais submete a Faixa de Gaza com os fechos arbitrários e caprichosos dos postos de controlo, que impedem as pessoas de levarem uma vida normal. A Faixa converteu-se numa prisão a céu aberto!» Yasser Arafat exigia uma intervenção da ONU, para impedir o massacre que os tanques israelitas iriam perpetrar em Gaza.

– Qual é a tua opinião, Kadar? O que é que a ONU irá fazer?

– Como, *sayidi*? – Al-Saud pigarreou, recompondo-se de imediato. – Desculpe, não ouvi a sua pergunta.

– Que crês tu que a ONU irá fazer? Irá intervir para impedir a invasão?

Al-Saud ensaiou um sorriso irónico e encolheu os ombros, ganhando tempo para se acalmar e poder alinhar duas frases coerentes.

– *Sayidi*, a ONU é um circo, um esbirro dos Estados Unidos. Em 1967, depois da Guerra dos Seis Dias, a organização emitiu a Resolução 242, que exigia a Israel que se retirasse de Gaza, da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental. Por acaso atacaram os israelitas como fizeram connosco em 1991 por não cumprirmos a Resolução 660, aquela que nos exigia que abandonássemos o Kuwait? Nunca. E Israel mantém-se nesses territórios desde há trinta anos porque isso dos Acordos de Oslo é uma burla. Ninguém atirou um foguete sequer sobre Telavive.

– Oh, Kadar, isso está prestes a mudar – exprimiu Qusay, arrastado pela paixão do discurso do subordinado.

– Acaso, nesta ocasião – simulou surpreender-se Al-Saud –, irá a ONU atacar-nos?

– Não, meu amigo! A ONU continuará a ser o esbirro de sempre. Mas alguém dará a esses filhos da puta sionistas o que eles merecem.

– *Inshallah!* – exclamou Al-Saud, com uma expressão reveladora da sua incredulidade.

– Logo verás, Kadar. E nesse dia, irás sentir-te orgulhoso por seres iraquiano.

– Já o sinto, *sayidi!*

– Irás senti-lo ainda mais quando o teu país se converter na primeira nação árabe a enfrentar Israel e a destruí-lo – disse Qusay, com os olhos fixos no televisor.

– Espero que seja cedo, *sayidi*, para que os nossos irmãos de Gaza não tenham que sofrer um novo ataque.

Al-Saud ficou a olhar para ele, à espera de uma resposta que não chegou. Ele avaliou a conveniência de continuar a indagar e desistiu; naqueles dez dias com o segundo filho de presidente iraquiano, apercebera-se de que este não se tratava de um tonto; pelo contrário, era um homem inteligente, ao qual nenhum detalhe escapava e com capacidade para gerir vários assuntos em simultâneo: por exemplo, ver o noticiário e prestar atenção às atitudes de um subordinado. Descobrira que, tal como ele, Qusay Hussein era um Cavalo de Fogo. Decidiu não pressionar; iria comportar-se com prudência porque, meditou, Qusay não iria gostar que um empregado o interrogasse, por muito patriótico e leal que ele se mostrasse.

No dia seguinte, Al-Saud conheceu Fauzi Dahlan. Depois de tanto tempo a ouvir aquele nome e a especular sobre a sua relação com Udo Jürkens, o homem, com cerca de sessenta anos, estatura mediana e um rosto com pele escura, tosca e envelhecida encontrava-se à sua frente. Eliah escoltou-o até ao escritório de Qusay no palácio Al-Faw, onde se fecharam para conversar. Obedecendo a um gesto do seu chefe, Eliah saiu e simulou fechar a porta, diante da qual se posicionou, cumprindo o seu papel de guarda-costas. Lamentou não ter plantado um microfone; recuara nessa intenção ao inteirar-se de que, de modo aleatório e em qualquer altura, o *rais* Hussein mandava «limpar» os escritórios» e os quartos, além da revista que cada equipa de guardas fazia pela manhã. Para muitos, a desconfiança de Saddam Hussein raiava a neurose; não obstante, mantinha-o vivo.

Apesar do silêncio que reinava no palácio, os dois interlocutores dialogavam em murmúrios e Al-Saud só conseguia distinguir palavras soltas como «base», «reserva», «o profeta», «*blueprint*». Pombo?

Dahlan dissera «pombo»? Era, sem sombra de dúvida, a tradução de *Hammamah*, mas teria outra aceção além da tradicional naquele contexto? Al-Saud enviaria uma mensagem a *L'Agence* para que os peritos em língua árabe investigassem. De imediato, lembrou-se de uma coisa que, em meados de setembro do ano anterior, Oscar Meyers, um empregado da Mercure, perito em rastreios e em perseguições, mencionara enquanto relatava os movimentos de Anuar al-Muzara em Paris: Antoine, o empregado da mansão no Quai de Béthune, abria-lhe a porta com uma pomba debaixo do braço. Aquela lembrança suscitou uma tempestade de conjeturas e Eliah questionou-se novamente acerca da relação entre Gérard e Anuar. Continuariam a ser amigos? Uni-los-ia a paixão pela columbofilia? Ou na realidade, Anuar era amigo de Antoine, que lhe fornecia um sítio perfeito para se esconder em França? O filho de *monsieur* Antoine parecia sentir pânico dos amigos de Shiloah e de Gérard, exceto de Anuar, o único que lhe dirigia a palavra e sempre para falar de pombos. Porque é ele não matara aquele filho da puta naquele dia, no estacionamento do George V ou em frente ao túmulo de Samara? Que género de estupidez se tinha apoderado dele para ter deixado o cunhado com vida?

Pensou em Matilde, sozinha em Gaza e, por momentos, foi assaltado por um desejo irrefreável de mandar tudo para o caralho, para a ir resgatar daquela caldeira prestes a explodir.

Os governos europeus exortavam Israel para que abandonasse os planos de invasão da Faixa. Bill Clinton, o grande artífice da fotografia de Yitzhak Rabin e Yasser Arafat a apertarem as mãos, opinava que, se o líder do Hamas, o xeque xiita Ahmed Yassin, e o chefe do seu braço armado, Anuar al-Muzara, continuavam livres, o processo de paz estava condenado. Benjamin Netanyahu vociferava perante qualquer câmara que lhe fosse colocada à frente: se a Autoridade Nacional Palestiniana não se apressasse a entregar Yassin e Al-Muzara, o Tsahal, ou seja, as Forças de Defesa de Israel, iria buscá-los à Faixa de Gaza, onde escondiam e mantinham sequestrados Mokotoff e Kuzinsky, além de que a ninguém (nem sequer ao Shabak ou à Mossad) restavam dúvidas de que os líderes terroristas e os soldados tinham saído de Gaza vários dias antes, provavelmente através dos túneis escavados nos arredores de Rafah, que comunicam com Egito.

O mundo agitava-se e as vozes das personalidades da política, das organizações humanitárias, dos líderes religiosos e dos homens e mulheres da cultura elevavam-se para exprimir uma opinião, o que convertia a cena num fosso de teatro onde os instrumentos da orquestra davam um concerto sem tom nem sincronia, mas em *crescendo*, anunciando uma explosão com consequências inimagináveis.

Yasser Arafat, como um náufrago, soltara os seus rapazes da Força 17 e os agentes da polícia na Faixa de Gaza para procurar e prender os terroristas, na condição de que Israel permitisse a saída e a entrada de camiões, especialmente dos que transportavam alimentos e medicamentos, e das pessoas com problemas de saúde e com empregos em Israel e na Cisjordânia. Num ato de boa vontade e para aplacar a condenação internacional, Netanyahu ordenou que os postos de controlo abrissem, embora intensificando de tal maneira os controlos que metade dos naturais de Gaza tiveram de regressar às suas casas sem transpor a fronteira.

Sabir al-Muzara não perdeu tempo: meteu Amina no automóvel, passou o posto de controlo de Erez, em grande parte graças ao seu renome e ao seu passaporte francês, e viajou para a Jordânia. Aí, na ponte de Allenby, que atravessa o Jordão e liga Jericó ao país vizinho, um soldado israelita foi mais minucioso, porventura por culpa do seu apelido. Por sorte, o comandante do posto de controlo reconheceu-o como o Nobel da Literatura de 1997 e permitiu-lhe que avançasse. O avião de Kamal aterrou no aeroporto Rainha Alia no dia seguinte. Amina, muito entusiasmada por ir viajar de avião, ficou desolada ao compreender que o pai não a iria acompanhar. Ela não conhecia aquele senhor de cabelo branco e não queria partir com ele.

– Vais divertir-te muitíssimo com o tio Kamal e com a tia Francesca. Poderás brincar com o filho do tio Eliah, que se chama Kolia.

– Kolia? – repetiu Anima, sustendo o choro.

– Sim – disse Kamal –, o meu neto Kolia está à tua espera. A tia Francesca falou-lhe muito de ti e quer brincar contigo.

Kamal, que acabava de comprar uma boneca e vários peluches numa loja de brinquedos do aeroporto para que Amina se entretivesse no avião, adiantou a entrega e conseguiu granjear um pouco de confiança. A despedida foi igualmente dolorosa, de tal forma que, perante o pranto desconsolado de Amina, o *Silencioso* esteve a ponto de a levar de regresso para Gaza, ao que Kamal se opôs com vontade férrea.

– Quando terminar o perigo – acrescentou, tirando-lhe bruscamente a documentação de Amina – eu trago-ta de volta. E tu, rapaz insensato, deverias vir também.

– Tio, neste momento o meu lugar é em Gaza.

Matilde, com o ânimo de rastos – a situação tensa na Faixa, continuar sem notícias de Al-Saud (aliás, passara o dia anterior, 7 de fevereiro, o aniversário de Eliah, a lembrar-se do que vivera na quinta de Ruão, um ano antes) –, choramingou ao inteirar-se de que Anima partira para Itália. Era, sem dúvida, a opção mais sensata a tomar; ainda assim, a ausência da criança perturbava-a, sentia falta da sua alegria e do seu falatório; além do mais, tudo aquilo só fazia sobressair a gravidade da situação. Por fim, recordou-se de Jérôme, e o pranto recrudesceu. O *Silencioso* não sabia o que fazer. Sentou-se ao lado dela, com a vista fixa no horizonte, e embarcou num solilóquio mudo e privado, perguntando-se a si mesmo qual era o sentido da vida.

O *crescendo* explodiu finalmente na noite de 9 de fevereiro quando uma brigada de soldados do Tsahal, advertidos por um telefonema anónimo, encontrou o cadáver do soldado Mokotoff na valeta de uma quinta nos arredores de Rafah. A notícia emudeceu a comunidade internacional e os países que, dias antes, exigiam a Israel que moderasse a sua represália, condenaram o assassinato com expressões rígidas.

Na quarta-feira, 10 de fevereiro, de manhã cedo, Matilde saiu do seu prédio para caminhar até ao Al-Shifa. A visão de Abu Musa a desdobrar o toldo do seu lugar tranquilizou-a, como se a brandura do

homem que a fritar as bolinhas de faláfel que a esposa lhe preparara, conferisse àquele dia uma ideia de normalidade.

– *Sabaah al-kayr*, Abu Musa (Bons-dias, Abu Musa).

– *Sabaah an-nuur, tabiiba* Matilde.

Matilde sorriu-lhe, comprou um cone carregado de faláfel e empreendeu a marcha até ao hospital. Por mais que elevasse a vista ao céu e admirasse o azul-cerúleo, matizado com nuvens de um branco impoluto, não conseguia tirar da cabeça a imagem da sua vizinha, Firdus Kafarna, que, na noite anterior, ao inteirar-se da aparição do cadáver do soldado israelita, se escapulira para o apartamento de Matilde a fim de chorar sem que as crianças ou Marwan a vissem.

– Não deixarão uma casa de pé! – lamentava-se, acompanhando as suas afirmações com um agitar de mãos sobre a cabeça, um costume do histrionismo palestino.

– Acalma-te, Firdus – consolava-a Matilde. – De certeza que não será assim. Há muitas vozes que se levantam para proteger a Palestina.

– Israel não escuta ninguém, só a sua própria voz!

Desde o sequestro dos soldados e o massacre dos colonos, a Força 17 e a polícia palestina tinham irrompido pelas ruas da Faixa de Gaza à procura dos apaniguados do Hamas e da Jihad Islâmica que viessem a revelar-se os artífices dos atos terroristas. Guiados por informações do Shabak, os soldados e os polícias irrompiam nas casas dos suspeitos, faziam buscas à procura de armas, explosivos ou documentos e iam embora, levando os homens jovens como prisioneiros, e deixando atrás de si uma rasto de prantos, insultos e caos. Os interrogatórios desenrolavam-se com crueldade e resultaram na morte dos detidos por duas ocasiões. Os habitantes do campo de refugiados de Jabalia receberam a Força 17 e os polícias com uma chuva de pedras e cuspidelas, insultando-os como «colaboracionistas». Não obstante a severidade com que Arafat encarou a procura dos responsáveis, tudo foi em vão: nem os soldados nem os seus captores apareciam. Até à noite anterior, quando Mokotoff fora encontrado sem vida e o fôlego do mundo parecera suspender-se.

Matilde ouviu o ronronar do avião israelita não tripulado e pôs as mãos em pala sobre os olhos para o avistar. *Zanana*, que significa «zumbido» em árabe, chamavam-lhe os naturais de Gaza: uma visão à qual se tinham habituado. Aqueles modelos sobrevoavam o território da Faixa desde 5 de fevereiro a fim de monitorizar as deslocações das pessoas e veículos, e constituíam uma das fontes de informação do Shabak.

Matilde trabalhou sob tensão durante aquela quarta-feira. Os seus colegas palestinos mantinham os rádios acesos com o volume altíssimo, e mudavam a posição do botão para sintonizarem as diferentes emissoras, as que respondiam à Fatah ou as financiadas por fundos do Hamas ou da Jihad Islâmica. Entre uma cirurgia e outra, paciente após paciente, Intissar informava-a das novidades que, na realidade, eram especulações uma vez que tanto o gabinete do primeiro-ministro israelita como o *rais* palestino se tinham encerrado no mutismo desde a descoberta do cadáver.

À saída do hospital, Matilde não foi a casa do *Silencioso*, que continuava ocupado a escrever

editoriais para o diário parisiense *Le Figaro* e também para os da família Moses em Israel, *O Independente* e o *Últimas Notícias*. Ariela Hakim, que se movia de um extremo ao outro da Faixa em busca de testemunhos e de dados, à noite passava em casa de Al-Muzara, com quem trocava pareceres e informações antes de redigir os seus artigos e de os enviar por correio eletrónico.

Matilde não jantou. Tomou um banho e foi cedo para a cama. Folheou um exemplar do *British Medical Journal* que Luqmán Kelil lhe emprestara e, ainda que tendo encontrado um artigo interessante sobre cirurgia coronária infantil, apercebeu-se de que lia os parágrafos sem se concentrar. A sua mente saltava de um tema para outro: de Eliah a Kolia, da falta de antibióticos e de anestésicos a Amina, do soldado Mokotoff à dor da família deste, da menina com a espinha bífida que tinham operado ao meio-dia ao soldado Kuzinsky, que continuava cativo; também pensava em Anuar-Al-Muzara, o responsável por tanta dor, e no seu irmão, Sabir. Sobretudo, e de forma constante, o seu pensamento voltava a Eliah.

Não foi o ruído ensurdecedor a despertá-la mas sim as vibrações, que a invadiram com brutalidade começando pelos pés, trepando-lhe pelas pernas, estremecendo-lhe as estranhas, sacudindo-lhe os tímpanos e eriçando-lhe a pele. Sentou-se na cama com um movimento repentino, cobriu os ouvidos num ato instintivo e não ouviu a exclamação que proferiu, que nasceu sufocada pela explosão. Aquando do reflexo da luz na rua, viu como tremiam os vidros da janela, cruzados pela fita de pintor. Saltou da cama, arrancou a bata da cadeira e correu para a sala de jantar, onde encontrou Mara, que também protegia os ouvidos com as mãos, tão confusa como ela. Ao ouvirem as vozes familiares dos Kafarna, ambas saíram para as escadas do prédio.

– Não se assustem – pediu-lhes Marwan. – São os *F-16* israelitas.

– O que são *F-16*?

– São os caças da Força Aérea israelita. Quebram a barreira do som sobre as nossas cabeças.

– Porquê? – exclamou Mara. – Para quê?

– Para conseguir isto – explicou Firdus. – Para nos fazer saltar das nossa camas, conseguir que o coração nos salte pela boca, para nos castigar por aquilo que aconteceu ao soldado e aos colonos, como se fôssemos todos terroristas.

Pela manhã, Matilde chegou, olheirenta, ao hospital; não dormira a noite inteira, ainda lhe zumbiam os ouvidos e a cabeça doía-lhe. Foi-lhe servida uma chávena de café na sala de cirurgias e ela sentou-se a bebê-lo, para recuperar a compostura. Luqmán Kelil entrou e Matilde estremeceu perante a sua palidez.

– O que é que se passa, Luqmán?

– Os *Merkavas* do Tsahal entraram em Rafah.

– Os quê?

– Os tanques do Tsahal. Estão a bombardear um edifício de Rafah.

– O quê?! – Matilde pôs-se de pé.

Aumentaram o volume do rádio. O locutor, com voz febril, estava a falar do ataque. Luqmán traduzia-o para Matilde. Mudaram-se para a sala de enfermaria, onde existia um pequeno televisor. As

enfermeiras abriram o círculo em torno do aparelho e puderam assistir à transmissão em direto do correspondente da Al-Jazeera. Era perturbador que os tanques, com os seus canhões apontados para um edifício cheio de civis, descarregassem os seus obuses naquele instante e a poucos quilómetros do Al-Shifa. O jornalista explicava que, se bem que houvesse militantes das Brigadas Ezzedine al-Qassam dentro do imóvel, que respondiam com as suas *AK-47*, também havia famílias que não tinham qualquer relação com aquela contenda e que estavam encurralados.

A câmara da Al-Jazeera captou com clareza os dois elementos do Hamas cujas cabeças, cobertas com capuzes negros apertados por faixas verdes, assomaram ao parapeito do terraço do edifício, disparando projéteis dos lança-granadas *RPG-7* sobre os tanques. Os mísseis atingiram uma vivenda no outro lado da rua e uma carroça carregada de tomates e beringelas, cujo proprietário fugira para se proteger perante a aparição dos *Merkavas*.

– Malditos filhos do demónio! – resmungou Luqmán Kelil. – Não contentes com porem em risco aquelas pobres famílias do edifício, ainda disparam contra os nossos. Inúteis! Vamos, Matilde. Temos que preparar as salas de cirurgia. O hospital El-Najjar – Kelil falava do centro médico de Rafah – irá ficar a abarrotar antes da tarde e os feridos acabarão por ser desviados para aqui.

Matilde não seguiu logo o colega: sentia como que uma predisposição mórbida para presenciar a resposta dos tanques. Abraçou-se a si própria com a intenção de refrear os tremores que a sacudiram ao ver a ferocidade da resposta do Tsahal. Os canhões dos *Merkavas* disparavam e recuavam continuamente, numa autêntica tempestade de artilharia. Prestes a ficar sem voz, o jornalista gritava, num tom que se agudizava perante o horror que as câmaras filmavam. Depois de dissipada a poeira, entreviu-se a estrutura quase inexistente do edifício. Os corpos dos civis deviam encontrar-se entre os blocos de betão, o ferro e o pó. Matilde cobriu a boca, deu meia-volta e correu atrás do Dr. Kelil. Tinham mesmo de se preparar. Esperava-os uma carnificina.

Al-Saud ocupava o assento do copiloto enquanto o seu companheiro, Abdel Hadi Bakr conduzia a limusina *Mercedes Benz* que transportava Qusay Hussein até ao palácio Republicano, onde o esperavam o seu pai e o chanceler, Tariq Al-Aziz, para se reunirem com Rolf Ekus, chefe dos inspetores da ONU, que rastreava armas de destruição maciça no território iraquiano.

– Aumenta o volume do rádio, Kadar – ordenou-lhe Qusay. – Estão a falar da situação em Gaza.

A voz do locutor inundou o habitáculo da limusina:

– «... a operação israelita, que o infame governo de Telavive batizou como “Fúria Divina” e que se dispõe a desmantelar a estrutura do Hamas na Faixa de Gaza. Os *Merkava* do exército sionista invadiram o território palestino hoje, quinta-feira, 11 de fevereiro, durante a madrugada, deixando vários civis mortos à sua passagem. A Autoridade Nacional Palestiniana apresentou uma queixa formal perante o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nada justifica este atropelo, que atraiçoa os Acordos de Oslo e viola a soberania do território palestino. Obtiveram-se tímidas respostas que não se comparam com a ferocidade do ataque que a população civil de Gaza está a sofrer. Espera-se um

massacre.»

Al-Saud apertou a beira do assento com as mãos, e rilhou os dentes até que se apercebeu e relaxou a boca, embora uma série de beliscões lhes martirizassem as gengivas. O pesadelo que ele tanto temera, um ataque do Tsahal a Gaza, tornara-se realidade. Ninguém estaria a salvo da chuva de artilharia que os tanques israelitas iriam descarregar sobre a Faixa. Iriam tentar arrasá-la, até não restar pedra sobre pedra. Inspirou profundamente para se acalmar. Detestava cair no desespero e no pânico. Markov e La Diana impediriam Matilde de se comportar de forma imprudente. Confiava neles, embora também conhecesse o substrato indomável que a sua mulher ocultava sob os traços de menina. «Alá, sempre abençoado e adorado,» exprimiu, constrangido pela impotência, «protege-a». Matilde era a única pessoa que o impelia a rogar a Deus.

No palácio Republicano, na sala onde Saddam costumava receber os emissários de outros países, Qusay encontrou o chanceler Tariq Al-Aziz, o único cristão do gabinete, sentado em silêncio em frente a Rolf Ekus, que lhe lançava olhares incómodos. Puseram-se em pé e cumprimentaram com apertos de mão o segundo filho do presidente iraquiano, que afastou o chanceler para lhe falar.

- Há uma hora que estamos à espera, Qusay. Não é bom impacientar o inspetor da ONU.
- Irei ver o que é que está a reter o *baba*, Tariq.
- Obrigado, Qusay.
- Kadar, Abdel Hadi, sigam-me.

Estes escoltaram-no até ao escritório de Saddam Hussein, ainda mais amplo e sumptuoso do que o de Al-Faw, com um candeeiro de cristal de dois metros de diâmetro suspenso na lanterna da cúpula que coroava o recinto. Os três homens pararam de repente debaixo do umbral ao depararem-se com duas raparigas vestidas com aventais brancos, que controlavam um sistema de tubos e de redomas por onde circulava e depois caía o sangue que fluía desde a veia basílica do *rais*.

- Passem, passem, rapazes! – convidou Hussein, de evidente bom humor.
- *Baba*, o que é que se passa?
- Não é evidente? Estão a tirar-me sangue, uns duzentos e cinquenta mililitros, para que possa escrever o Corão com ele, com o meu próprio sangue, filho. – Qusay continuou calado. – Vamos, filho – instou-o o presidente, apontando com a mão livre para uma extremidade do salão. – Mostra a Kadar a árvore genealógica que prova que descendemos em linha direta do Profeta.

Qusay sacudiu a cabeça para indicar ao guarda-costas que o seguisse. Perto de um vitral, sobre um atri, havia um painel ricamente ornamentado, com uma árvore genealógica cujo título rezava: «*Saddam Hussein al-Mayid al-Tikriti, segundo Salah al-Din, o ungido, o líder glorioso, o descendente direto do Profeta.*» Em cima da árvore estava o nome de Maomé e na base tinham sido inscritos os nomes dos netos de Saddam Hussein.

- Kadar – ouviu-se a voz portentosa do presidente. – Como podes apreciar, salvaste a vida de um descendente do Profeta.
- *Sala Allahu alaihi wa salam* – declarou Al-Saud: uma fórmula comum entre os muçulmanos,

menção depois de nomear o Profeta, e que significa: *Que a paz e as bênçãos de Alá estejam com ele*. Ao dizê-lo, inclinou-se em direção a Saddam, o qual sorriu com satisfação. – *Sayid rais*, para mim é uma honra servir os descendentes do Profeta.

– *Baba* – disse Qusay, incomodado e aborrecido com as excentricidades do pai –, o inspetor Ekus está a aguardar na sala dos emissários. O chanceler está um pouco ervoso. Há uma hora que esperam.

– Deixa-os aguardar, filho. Atenderei esse verdugo do Ocidente quando achar oportuno. E agora, aumenta o volume do televisor. Eu estava a ver o que esses filhos de Satã estão a fazer em Gaza.

Al-Saud cumpriu a ordem do *rais* e instalou-se num dos lados do aparelho. O correspondente de Al-Jazeera, protegido por um capacete e um colete à prova de balas, relatava desde o coração do conflito. Tinha-se deslocado para o centro da Faixa, próximo da fronteira com Israel, a poucos metros do campo de refugiados de Meghazi, onde os tanques e vários veículos *Humvee*, no cumprimento da missão «Fúria Divina», atacavam enclaves de terroristas que lançavam foguetes de fabrico caseiro, os *qassam*, sobre as cidades israelitas mais próximas. Uma operação semelhante decorria nas cidades do Norte, Beit Lahia e Beit Hanun, a partir das quais os milicianos das Brigadas Ezzedine al-Qassam se enfureciam contra Sderot e Ascalão, causando a morte a milhares de civis israelitas. Tal como mostravam os membros das Brigadas Ezzedine al-Qassam a enfrentarem os tanques, os operadores também filmavam os civis que fugiam, apavorados, arrastando crianças e velhos.

A seguir, a estação televisiva do Qatar emitiu uma gravação realizada durante as primeiras horas da tarde na entrada principal do Al-Shifa. À menção do maior hospital da Faixa, Al-Saud descarregou a tensão no controlo remoto que segurava. Tentou identificar uma cabeleira loura no caos de ambulâncias, enfermeiros, feridos e familiares. Não obstante, não avistou Matilde.

– Querem exterminar-nos – afirmou Saddam Hussein, sobressaltando Al-Saud, que não o ouvira a aproximar-se. – Mas eu irei detê-los.

Perante o clamor da comunidade internacional, que pareceu despertar perante a enorme quantidade de mortos na Faixa de Gaza, a ONU exigiu a Israel que detivesse a operação «Fúria Divina», por não garantir a segurança dos civis. O ministro da Defesa, Yitzhak Mordechai, justificou os ataques de Meghazi, Beit Lahia e Beit Hanun explicando que Israel pretendia abrir um perímetro de segurança a fim de evitar os lançamentos de foguetes para território israelita. As câmaras de televisão também captaram os *bulldozers* israelitas enquanto demoliam vivendas, arrasavam cultivos e arrancavam árvores de fruta e oliveiras milenárias pela raiz. Telavive declarou que as quantias originárias dos proventos das quintas e hortas financiavam a compra de armamento para as Brigadas Ezzedine al-Qassam.

Era sexta-feira, 12 de fevereiro. A afluência de feridos ultrapassara largamente a capacidade do serviço de cirurgia, e muitos deles eram instalados em marquesas e colchões nos corredores. A situação crítica devido ao encerramento da fronteira que impedia a entrada de provisões estava a tornar-se dramática com o passar das horas. Desapareciam as soluções de nutrição parenteral, os cateteres

vesicais, as bolsas coletoras de urina, as agulhas – esterilizaram na autoclave quando eram normalmente eram descartáveis – e fio de sutura, cateteres e todo o tipo de drogas, especialmente os calmantes e os analgésicos: os feridos uivavam de dor. Como a central elétrica tinha sido bombardeada e iriam demorar dias a repará-la, o hospital abastecia-se a partir dos seus próprios geradores, que funcionavam a gásóleo, que também escasseava. Faltava gasolina para as ambulâncias, e por isso os vizinhos da cidade de Gaza extraíam combustível dos próprios veículos para o doarem à Meia-Lua Vermelha palestina e ao Al-Shifa. Tinham água corrente duas horas por dia e já não se encontravam verduras, frutas, laticínios ou carnes; os alimentos não perecíveis esfumavam-se nas estantes dos supermercados e armazéns.

Matilde, desmoralizada, verificara que nem sequer no momento mais crítico da guerra no Congo se vira obrigada a amputar tantos braços e pernas como naqueles dois dias em Gaza. Os seus companheiros falavam de um tipo novo de armamento que causava mais mutilações. Como não contavam com laboratórios nem com tecnologia, não podiam investigar do que é que se tratava. Só estavam em condições de afirmar que era uma metralha especial que cerceava os membros, pulverizando os ossos, necrotizando rapidamente o tecido e tornando-o friável, o que dificultava a sutura, especialmente por não contarem com as agulhas adequadas. Na sexta-feira de madrugada, Matilde extraiu da coxa de um rapaz de treze anos o estilhaço de um míssil lançado de um avião não tripulado e leu: «*Made in USA*».

Às dezenas de feridos somavam-se os casos dos que padeciam de gastroenterite aguda devido à escassez da água potável. A ameaça de uma epidemia de cólera pairava como uma nuvem negra. Mara Tessio trabalhou a par da equipa médica com as crianças e os adultos traumatizados pelas explosões, pelos disparos e pelo macabro espetáculo das pessoas desmembradas. Uma criança de Jabalia que vira o avô ser decapitado, fixava desde então o olhar num único ponto, as pupilas não reagiam ao reflexo e não pronunciava um único som. Um homem sofreu um ataque de histeria quando Matilde e Luqmán lhe comunicaram que o seu filho pequeno e a sua esposa tinham falecido quando, ao voltarem do trabalho no campo, com um carro carregado de pimentos e tomates, um míssil *AGM-114 Hellfire* lhes acertara em cheio. O homem correu para a casa de banho, partiu o espelho com uma cotovelada e cortou as veias de ambos os pulsos. Os médicos estabilizaram-no imediatamente e sedaram-no. Mara Tessio recomendou até-lo à cama, embora parecesse impossível que ele abandonasse o estupor no qual entretanto caíra.

– Matilde, entraram na cidade de Gaza! – Intissar lançou-se nos seus braços a chorar. – Agora vêm por nossa causa!

As Forças de Defesa de Israel estavam a virar Gaza do avesso, deixando um rasto de morte e de dor à sua passagem, enquanto o causador daquela fúria se encontrava numa aprazível quinta nos arredores de Beirute à espera de Gérard Moses. Há alguns dias, enviara-lhe a resposta ao seu columbograma, referindo aquele lugar afastado da capital libanesa, pelo qual abandonara o seu refúgio em Tiro, onde o soldado Kuzinsky estava a ser mantido.

Refastelado num sofá em frente da televisão, com as pernas apoiadas numa mesa de café, bebia chá

de menta e procurava notícias frescas sobre a operação «Fúria Divina». No chão empilhavam-se diversos jornais locais e alguns internacionais. Sorriu com uma careta entre a satisfação e a troça quando a presidente da organização humanitária Os Defensores dos Direitos Humanos, Dorianne Jorowsky, de evidente origem judaica, exprimiu o seu repúdio ao castigo coletivo que Israel infligia à Faixa de Gaza.

– Como se todos os naturais de Gaza fossem terroristas – acrescentou a mulher, encolerizada.

O seu lugar-tenente, Abdel Qader Salameh, entrou, exibindo uma expressão preocupada.

– Gérard já chegou? – quis saber Al-Muzara.

– Não. Está cá Udo Jürkens acompanhado por outros dois homens, um tal Fauzi Dahlan e Rauf al-Abiyia.

– Que faz aqui o Príncipe de Marbella? – Al-Muzara enfiou a pistola CZ 75 na parte de trás das calças e voltou à posição inicial, enquanto Salameh encolhia os ombros num gesto de ignorância. – Estão limpos?

– Nós revistámo-los e tirámos-lhes as armas e os telemóveis.

– Tira-lhes também as baterias.

– De acordo.

– Manda-os entrar.

Udo Jürkens, ciente do quão irregular era aquela situação – supunha-se que Gérard Moses tivesse convocado aquele encontro – apressou-se a apresentar o seu amigo Fauzi Dahlan, que Al-Muzara conhecia por ter ouvido falar dele; sabia que fazia parte do círculo mais próximo de Qusay Hussein e era um homem com poder no Baath.

– Onde é que está Gérard?

– Ele não virá, hoje – explicou Udo. – Limitou-se a enviar a mensagem para que o senhor se reunisse connosco.

– Porque é que vieram?

– Para lhe pedir que nos entregue o seu cunhado, Eliah al-Saud – manifestou Dahlan.

Anuar al-Muzara convidou-os a sentarem-se.

– Porquê?

– Necessitamos que Al-Saud nos revele uma informação que, ao que parece, só ele conhece.

– E porquê eu?

– Porque não é fácil aproximarmo-nos dele – disse Jürkens. – No fim de contas, vocês são cunhados. Ser-lhe-á mais fácil abordá-lo.

Anuar al-Muzara fixou a vista no ecrã do televisor, sem nada dizer. Ponderou que abordar Eliah seria tão difícil para ele como para qualquer outro. Depois do encontro de Paris e da ameaça que fizera à sua mulher, Al-Saud não se mostraria nem paciente, nem benévolo. Poderia tentá-lo, encorajou-se; estava convencido de que a sua ideia original de utilizar o dinheiro de Eliah e a sua habilidade na arte da guerra não iria funcionar.

Uma imagem no ecrã captou a sua atenção. Anuar levantou o volume da televisão, tirou os pés de cima da mesa e inclinou-se para a frente no sofá. Os seus visitantes, expectantes, aguardando que falasse, voltaram as cabeças para descobrirem o que é que atraía o chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam. Uma legenda na parte inferior do ecrã rezava: «Ligação ao vivo e em direto com a cidade de Gaza.»

– Como, estão a invadir a cidade de Gaza? – alterou-se Matilde, afastando Intissar.

– Sim, sim. Acabo de ouvir na rádio: vêm dismantelar os ninhos das Brigadas Ezzedine al-Qassam que se escondem por aqui.

– Vamos à sala da enfermaria. Lá há uma televisão.

O semicírculo de enfermeiras que se cerrava em torno do aparelho quebrou-se para dar lugar a Intissar e à *tabiiba* Matilde. Viam-se os mesmos tanques e *Humvees* que tinham assolado outras cidades da Faixa; estavam a avançar pela estrada de Saladino. Faziam-se comentários em voz baixa, havia exclamações sufocadas, a tensão vibrava no ar. Matilde sentia um ardor na boca do estômago, que se intensificava enquanto reconhecia as paisagens por onde a artilharia do exército israelita estava a avançar; na realidade, eles tinham tomado a rua Bagdade e aproximavam-se do hospital.

– Já os vemos do terraço! – exclamou uma das enfermeiras, e foram todas num tropel até ao quarto andar, o último, para acederem ao teto do edifício.

Matilde e Intissar seguiram-nas. Ao abrirem a porta do terraço, as primeiras lançaram-se para trás depois de ouvirem as rajadas das metralhadoras *AK-47* que os membros das Brigadas Ezzedine al-Qassam descarregavam sobre as formações inimigas. O último piso do Al-Shifa oferecia-lhes uma visão ímpar do confronto que ocorria a curta distância. Os soldados israelitas tinham-se entrincheirado numa vivenda a partir da qual devolviam os disparos a três posições palestinianas, que formavam um triângulo de fogo cruzado. Por enquanto, os *Merkavas* abstinham-se de lançar obuses.

– Olhem! – indicou uma enfermeira, apontou para um homem e uma criança que se encolhiam atrás de uma cisterna cilíndrica de betão, evidentemente surpreendidos por aquele tiroteio.

– Alá, ajuda-os! Vão morrer!

– Atingiram-no! Acertaram no homem!

Matilde observava, atónita. Ela não se protegia atrás do murete; de forma inconsciente, levantara-se para observar o que se passava. O homem jazia, com a boca voltada para cima, morto com bala no peito enquanto a criança, que chorava, aos gritos, o sacudia e se esquecia de se proteger atrás da cisterna. Ninguém viu a médica argentina a evadir-se até à porta. Matilde correu para a entrada principal pelas escadas porque não perderia tempo à espera do elevador. Saiu como uma rajada, dissimulada pelo caos de ambulâncias, enfermeiros e maqueiros, pelo que Markov e La Diana não a viram. Na rua, as pessoas corriam à procura de refúgio e os gritos e prantos competiam com os fragores do combate.

Com uma orientação que depois a faria questionar-se – geralmente, era muito despistada –, Matilde correu a uma velocidade que não se sabia capaz até à esquina anterior a uma das posições das Brigadas

Ezzedine al-Qassam, uma das pontas do triângulo. Sabia que, virada a esquina, encontraria o tanque, a criança e o homem. Perguntou-se como faria para passar para trás dos terroristas palestinos, escudados pelas paredes inacabadas de uma obra abandonada. Persignou-se, encomendou-se à Virgem da Medalha Milagrosa e lançou-se numa corrida sem se deter perante nada, inclinando a cabeça e encolhendo os ombros num ato mecânico. Saltou sobre escombros, matagais e o cadáver de um cão. A bata branca com o logotipo da Mãos Que Curam, que não abotoara, chamejava atrás dela, tal como o cabelo. Pareceu-lhe estranho, inverosímil, quase onírico, encontrar-se com a criança que distinguira do terraço. Lançou-se sobre ele e envolveu-o com o seu corpo. Apertou-o até conseguir parar os tremores que o percorriam, sussurrando-lhe palavras sem sentido para o acalmar; uma vez que não se lembrava do pouco árabe que aprendera, ficou calada, enquanto repetia mentalmente o nome de Jérôme.

Aos gritos, as enfermeiras regressaram à sala para ver de perto e no ecrã aquilo que tinham avistado do terraço. Não davam crédito aos seus olhos: a *tabiiba* Matilde fechado sobre a criança como uma ostra, e as suas costas tinham ficado expostas porque a cisterna mal os ocultava. O tiroteio provinha de todas as direções. Os olhos de Harald Bondevik não se afastavam do televisor, não pestanejavam; a sua mente explodia em imagens e frases desconexas. O operador de câmara já não filmava as ações dos terroristas nem as do exército israelita; tinha ficado congelado na figura diminuta de Matilde, em cujas costas se observavam com nitidez as mãos vermelhas em forma de pombas.

O tenente-coronel Lior Bergman também estava submerso num aturdimento semelhante. Do terraço da casa que tinham tomado de assalto, fixava os binóculos num espetáculo para o qual os seus anos de militar não o tinham preparado. O militar via, com meridiana clareza, as faíscas que saltavam em redor de Matilde de cada vez que um projétil rebentava ao pé dela, e apercebeu-se de que os palestinos da posição imediatamente frontal à cisterna estavam a tentar matá-la, provavelmente para endossarem a culpa ao Tsahal, porque sabiam, tão bem como ele, que o operador de câmara da Al-Jazeera os estava a filmar. Tratava-se de uma jogada inteligente, a gota que faria transbordar o copo: uma médica da Mãos Que Curam assassinada a sangue-frio pelas Forças de Defesa de Israel. A comunidade internacional iria rugir de raiva, as organizações não governamentais iriam ameaçá-los com denúncias ao Tribunal Internacional de Justiça de Haia, a esquerda israelita iria organizar uma manifestação multitudinária em Telavive, a ONU ver-se-ia obrigada a intervir. Por outro lado, se ele ordenasse o cessar-fogo, a operação ficaria incompleta e os terroristas do Hamas iriam debandar.

Lior Bergman focou os binóculos para apreciar os detalhes dos caracóis da médica, como se os desejasse ao alcance da sua mão. «Matilde», pensou, apercebendo-se de quanta coragem fora necessária para ela empreender uma ação daquela natureza. Além de a desejar, admirava-a. Agarrou o microfone que saía do capacete e aproximou-o dos lábios.

– Cessem fogo! – ordenou. – Retirada! Agora! Retirada!

Sacudiu a cabeça e enviesou os lábios num sorriso triste, ao supor o desconcerto da tropa.

Matilde continuou a apertar a criança mesmo quando os disparos já não sobrevoavam a sua cabeça nem arrancavam faíscas ao betão da cisterna. Lutou ao sentir umas mãos fortes e exigentes que a agarraram pelos braços, tentando levantá-la. Estavam a falar-lhe, mas ela não compreendia aquilo que lhe diziam. Apercebeu-se de que eram paramédicos da Meia-Lua Vermelha palestina. Tiraram-lhe a criança que ela continuava a apertar no colo e levaram-na para a ambulância, onde a obrigaram a estender-se na marquesa. Na bruma de confusão e pânico, o seu treino como médica permitiu-lhe entender que estava em estado de choque. Fechou os olhos, inspirou profundamente e imaginou o rosto de Eliah.

Na entrada principal do Al-Shifa, foi recebida por uma vozearia de aclamações e de aplausos. Caras sorridentes inclinavam-se sobre ela ou tocavam-lhe o cabelo enquanto a marquesa rolava até à sala de urgências. O burburinho diminuiu quando as portas se fecharam e a multidão ficou do outro lado. Um médico examinava-a, enquanto uma enfermeira lhe ajustava a braçadeira com a bolsa insuflável para lhe medir a tensão arterial.

- E a criança? – balbuciou em inglês. – Como está o menino?
- Está bem. Graças a si, *tabiiba* Matilde.
- Como é que ele se chama?
- Chama-se Mohamed, *tabiiba*.

Al-Muzara abandonou o sofá e acorrou-se a alguns centímetros do ecrã do televisor. Tinha ligado o vídeo para gravar a emissão televisiva. Udo Jürkens viu-o semicerrar o olhar, como se tentasse discernir algo na imagem confusa de pó e movimentos bruscos da câmara. Intrigado, seguiu a linha visual do chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam e só precisou de um segundo para identificar o objeto do seu interesse: uma jovem mulher, com um longo cabelo louro, corria na direção de uma criança encurralada pelo fogo cruzado e cobria-o com o seu corpo. Num instante em que a rapariga voltou a cabeça sobre o ombro, a câmara da Al-Jazeera captou com uma nitidez surpreendente as suas feições. «Ágata!», vociferou Jürkens para dentro.

– Aquela é a mulher do meu cunhado Eliah al-Saud – declarou Al-Muzara, apontando para ela com o controlo remoto. – Tenho a certeza. Mande os meus homens segui-la em Paris: tenho fotografias e um filme dela a almoçar num restaurante da avenida Montaigne, em finais de setembro. Vou comparar essa filmagem com esta gravação, mas não tenho dúvidas: é ela. É a mulher de Eliah al-Saud.

– E a filha de Abu Jihad – apressou-se Rauf al-Abiyia a dizer, para se reparar. Tentara proteger Matilde daqueles chacais, mas tinha consciência de que, se aquele dado viesse à luz, Fauzi Dahlan iria fazê-lo pagar caro por ele lho ter omitido.

– Que estás tu a dizer? – enfureceu-se Dahlan, sem se aperceber da palidez que se apoderava do semblante de Jürkens.

– É a sua mais nova – confirmou Al-Abiyia. – Não sabia que trabalhava em Gaza.

– Bom, bom, bom – troçou Al-Muzara –, vejo que Alá, bendito seja o seu nome, acaba de nos

mostrar o caminho mais certo para apanhar Al-Saud.

– E Abu Jihad – acrescentou Dahlan.

O ato de arrojo da médica da Mãos Que Curam pôs fim à operação «Fúria Divina». No sábado, pela madrugada, os postos de controlo abriram-se e meios de comunicação do mundo inteiro irromperam pela Faixa adentro. Matilde, que passara a noite no hospital – Bondevik ordenara que lhe injetassem um sonífero – deparou-se pela manhã com o cordão que a Força 17 e a polícia tinham feito ao edifício, para conterem a multidão de jornalistas e operadores de câmara desejosos de a entrevistarem e filmarem. Mara Tessio, recém-chegada do apartamento comum, contou-lhe que havia uma massa de gente a guardar o edifício, pelo que supuseram que a informação de que Matilde ali vivia se tivesse espalhado. Matilde alegrou-se por Abu Musa, que deveria estar a vender as suas bolinhas de faláfel às pazadas.

– Vamos tirar-te daqui pelas portas da cozinha do hospital – decidiu Markov. – Estive a investigar e aquilo está vazio. Por causa das dúvidas, irás cobrir a cabeça com um lenço e o corpo com uma dessas batas largas e escuras que as palestinianas usam.

– Para onde é que a levarão? – angustiou-se Bondevik.

– Para casa do *Silencioso*. Acabo de falar com ele: confirmou-me que não há jornalistas a rondar.

Na parte de trás do automóvel, Matilde ia calada. Não estava a meditar no ato de coragem que protagonizara: recordava que naquele dia, 13 de fevereiro, se cumpria um ano da morte de Roy Blahetter. Estremeceu e os seus olhos ficaram rasos de lágrimas ao evocar os últimos momentos do seu esposo. Por vezes, a vertigem que a sua vida adotara constrangia-a: o desejo de paz e de felicidade com Eliah, Kolia e Jérôme estava a converter-se numa quimera, e isso deprimia-a.

Ariela Hakim recebeu-a à porta da casa de Sabir al-Muzara e abraçou-a em silêncio.

– Eu admiro pouca gente, Matilde. Os meus pais, que sobreviveram ao Holocausto, e poucos mais. Mas a ti... Não sei o que dizer-te. Aquilo que fizeste ontem mudou o rumo da contenda. – Ariela estendeu-lhe um jornal em hebraico e apontou-lhe a parangona. – Ali diz: «A médica da Mãos Que Curam que deteve a guerra».

– Não detive nada, Ariela. Talvez esta operação tenha parado, mas as coisas continuarão na mesma. Há demasiados néscios de ambos os lados.

Sabir al-Muzara beijou-a em ambas as bochechas e apertou-a contra o peito, impressionado pela sua constituição delicada, que contrastava com feito colossal que protagonizara.

– Tu és única – assegurou-lhe em árabe; Matilde compreendeu-o. – Vem olhar para ti.

Conduziu-a à cozinha, onde estava o televisor, e ofereceu-lhe uma cadeira. Apesar de ter tomado o pequeno-almoço no hospital, Matilde sentia-se débil. Enquanto Ariela lhe preparava um café e lhe servia um bocado de *halva*, o *Silencioso* mostrou-lhe os vários canais que repetiam a filmagem da Al-Jazeera: a história tinha dado a volta ao mundo.

– Não posso crer que essa seja eu – murmurou Matilde, agradecendo aos céus que Eliah estivesse incomunicável em Mato Grosso.

– Voltaste a ver a criança? Como é que se chama?

– Mohamed. E não, não voltei a vê-lo. Esta manhã, continuava a dormir. Sedado, claro. Tal como eu, chegou em estado de choque.

– Tens vontade de nos contar como é que aquilo sucedeu? – perguntou Ariela Hakim e Matilde assentiu com um sorriso.

– Tu serás a única jornalista a quem concederei uma entrevista – assegurou-lhe, com petulância fingida.

No sábado, 13 de fevereiro, pela manhã, enquanto Al-Saud bebia café na cozinha do palácio Al-Faw, o provador de alimentos de Saddam Hussein, um homem afável que estava sempre a puxar conversa, perguntou-lhe:

– Kadar, viste aquilo que aconteceu ontem em Gaza?

Al-Saud apoiou a chávena no prato com a atitude séria e desapegada à qual os tinha acostumado e negou com a cabeça. A sua alma, não obstante, tremeu. No dia anterior tinham viajado de helicóptero com a equipa de inspetores da ONU para a base militar de Arbil, onde passaram o dia a tentar mostrar a Rolf Ekus que tudo aquilo que fora garantido em 1995 pelo genro do presidente, Hussein Kamel Al-Majid – ou seja, que o regime de Bagdade se desfizera das armas de destruição maciça –, era verdade. À noite, de regresso à capital iraquiana, esgotados e cheios de pó, desejavam apenas tomar um banho e meterem-se na cama.

– Não, Munir – admitiu. – Não faço a mais pequena ideia.

– Tu perdeste aquilo? Por Alá, o Grande! Deves ser o único. – Enquanto falava, ia apontando o controlo remoto para o televisor e mudando de canal. – Aqui! Irão certamente passá-lo no noticiário. Desde ontem que têm estado a repetir as filmagens da Al-Jazeera.

– O que é que aconteceu, Munir? – perguntou Eliah, simulando apatia. – Alguma coisa má?

– De todo! Pelo contrário! Olha. Olha!

Com um movimento lento da cabeça, Al-Saud fixou a vista no ecrã. Tratava-se de outro confronto armado entre militantes do Hamas e do Tsahal. Endireitou-se no banco ao ouvir que aquele confronto tinha sucedido em Gaza, um lugar onde os *Merkavas* não tinham entrado desde o início da operação «Fúria Divina». As imagens pareciam confusas, a poeira e os sobressaltos da câmara impediam a distinção das posições ou da geografia do lugar, até que a lente se concentrou num menino e num homem, evidentemente surpreendidos pelo fogo e encurralados atrás de uma cisterna. A cena era pungente e comovedora; o menino, encolhido atrás da cisterna, colado ao homem, chorava aos gritos, enquanto o adulto exprimia o seu desespero agitando os braços e vociferando pedidos de auxílio que ninguém ouvia no estrépito do tiroteio. «Por favor, que Matilde não tenha visto isto,» pediu ele sem demasiadas esperanças porque aquela filmagem tinha dado a volta ao mundo. Experimentou no seu peito a dor que Matilde teria sentido e os seus olhos encheram-se de lágrimas ao ver que o homem caía ferido, provavelmente morto, e que o menino ficava à mercê das balas.

– Ei! – assustou-se o provador, que se voltou de repente ao ouvir o barulho da chávena a cair sobre o mármore da ilha e o chio das pernas do banco. Al-Saud levantara-se e aproximara-se do televisor. Quase lhe escapou um insulto em francês quando se apercebeu de que a mulher que a câmara filmara era Matilde. Ela corria com dificuldade enquanto se agachava e evitava escolhos, bem como as balas que passavam de raspão. Eliah ficou em pé em frente ao aparelho, com a boca entreaberta e os olhos fixos no ecrã: não respirava, não se movia, não pensava, nem sequer esperava nada; um estupor gelado mantinha-o absorto e desligado.

– Ah! – ufanou-se o provador. – Ficaste boquiaberto, não foi, Kadar? Esta é a parte mais emocionante. Olha para aquela rapariga! Olha para o que ela faz!

«Matiiildeee!!» O rugido brotou do fundo da sua alma, foi crescendo como o clamor de uma multidão convulsa a avançar, amontoou-se às portas da sua boca e explodiu nos seus ouvidos, ensurdecendo-o. Não ouvia o provador nem Labib, que o chamava da porta e que se afastou rapidamente quando Al-Saud passou a seu lado e se afastou com passo enérgico.

– O que é que se passa com aquele? – perguntou o assistente de Qusay ao provador, que encolheu os ombros, mostrando ignorância.

Al-Saud atravessou o espaço que o separava do quarto onde dormira, irrompeu na casa de banho, inclinou-se sobre a sanita e vomitou. Não estava a pensar enquanto o seu estômago se convulsionava, expelindo café e, depois, bÍlis. Enxugou a boca, fez vários bochechos para se desfazer daquele sabor amargo e, ao endireitar-se, deparou-se com o seu rosto refletido em cheio no espelho: os olhos aquosos e refulgentes, o nariz e os lábios avermelhados. «Porque é que o fizeste, Matilde?», perguntou-se, e a ira ergueu-se no seu interior, provocando-lhe um formigueiro no estômago. Enxaguou a cara e regressou à cozinha. Tinha medo de perguntar.

– Kadar, sentes-te bem? – interrogou-o o provador.

– O que é que aconteceu depois, Munir? O que é que aconteceu à criança e à mulher?

– Nada, a eles, nada – confirmou o provador e Al-Saud apertou a borda do mármore para controlar o desejo de desatar a chorar e a gritar de alívio e de raiva. – O pai... O homem era pai da criança – esclareceu o primeiro. – Morreu. Mas a sua morte não foi em vão. Perante o espetáculo que a rapariga deu, o mundo exigiu a retirada desses malditos sionistas, que abandonaram a Faixa de Gaza poucas horas depois.

Al-Saud não teve tempo para analisar as consequências da ação de Matilde. Labib regressou à cozinha e comunicou-lhe que Qusay Hussein estava a precisar dele.

No domingo de manhã, Al-Saud descarregava a sua raiva e a sua frustração no ginásio do palácio Al-Faw. A cada golpe e a cada pontapé que aplicava à bolsa de areia, soltava o fôlego pela boca, acompanhado por um grunhido. Desde a manhã do dia anterior, depois de ter visto Matilde a arriscar a vida por uma criança palestina, Al-Saud experimentava sentimentos e estados de ânimo de natureza diferente: raiva, orgulho, histeria, compreensão, ciúmes. Cerrava as pálpebras para não pensar e obtinha

o efeito contrário: a cabeleira de Matilde a flutuar na nuvem de pó e de terra que os disparos levantavam; o avental branco da Mãos Que Curam a flamejar como um estandarte de rendição. «Matilde, porque é que fizeste isso? Porque é que não pensas primeiro em mim?»

O seu espírito precipitava-se num abismo profundo e escuro de desolação quando o desejo de a abraçar e proteger se tornava incontável. Detestava a missão na qual o tinham enredado e desmoralizara ao analisar os pobres avanços daqueles vinte dias. Revistara a documentação do seu chefe, prestando atenção às suas conversas telefónicas, investigara vários arquivos do seu computador e, inclusive, espiolhara entre os seus pertences, disseminados por muitos palácios, sem se deparar com nada de relevante. No entanto, talvez uma evolução no desenvolvimento da sua infiltração estivesse prestes a acontecer: Qusay mencionara a Labib a intenção de visitar a Base Zero, um sítio no norte do Iraque, para controlar o avanço do projeto do professor Orville Wright.

Elijah temia enfrentar Orville Wright: temia que se tratasse do seu amigo Gérard Moses e não desejava enfrentá-lo, embora o instinto lhe denunciase quão arrepiantes eram aquelas coincidências. Um pontapé descomunal deslocou vários metros o saco de areia na respetiva calha. Al-Saud, ofegante e com o torso inclinado sobre as pernas, inspirou profundamente várias vezes pelo nariz e tentou subjugar os demónios que se erguiam dentro dele.

Abdel Hadi Bakr saudou com três beijos o sargento-mor Adnán Rabbah, cujo irmão era seu companheiro na Primeira Divisão, a Hammurabi, e deu-lhe uma palmada no ombro, o que fez com que as gordas bochechas do outro ressaltassem. Estava contente porque iria surpreender o seu admirado companheiro Kadar Daud.

O sargento Adnán Rabbah voltou a cabeça para abarcar a imponência do vestíbulo do palácio Al-Faw e soltou um assobio entre dentes.

- Vem, Adnán – convidou-o Bakr. – Kadar está no ginásio, a treinar.
- Ele sempre gostou de manter a boa forma física.
- Não me digas nada. Está sempre a exercitar-se. É um excelente oponente na luta corpo a corpo e está a ensinar-me a lutar com facas. Ele conseguiu arranjar umas KA-BAR, o modelo *Becker Combat Utility*, que são uma maravilha. Vou mostrar-to depois de o cumprimentares.
- A verdade é que estou ansioso por o ver. Fiquei surpreendido quando te ouvi dizer que o teu camarada era Kadar Daud. Não posso crer que tenha regressado a Bagdade. Depois de ter pedido a passagem à reserva, voltou para a sua aldeia no norte, e não soube mais nada dele.
- Vocês eram bons amigos?
- Sim, muito bons. Lamentei muito que tivesse deixado a Guarda Republicana.

Os dois homens detiveram-se em frente da porta do ginásio, em cuja metade superior havia um painel de vidro fixo. Bakr assomou e sorriu ao descobrir o seu companheiro enfurecido com o saco de areia, lançando uma exclamação quando um pontapé especialmente vigoroso de Kadar enviou o saco a vários metros de distância. Moveu-se para dar lugar a Adnán Rabbah e, olhando para o camarada,

expressiu, com ar orgulhoso:

– Aí o tens.

Al-Saud ergueu-se com uma inspiração profunda e caminhou para a zona dos pesos, sem se aperceber dos dois homens que o observavam da vidraça da porta.

– Entremos – disse Bakr, que se deteve quando Rabbah o agarrou pelo antebraço.

– Abdel Hadi, aquele não é Kadar Daud.

– O quê? Claro que é!

– Repito-te que não é Kadar Daud.

– Adnán, de que é que estás a falar?

– Esse homem não é o meu camarada da As-Saiqa, e posso prová-lo. Conservo fotografias da época em que estivemos juntos na Brigada das Forças Especiais.

Um silêncio caiu sobre os homens, atentos aos movimentos de Al-Saud, que exercitava os músculos dos braços com pesos.

– Tens a certeza?

– Estou tão certo disto quanto de me chamar Adnán Rabbah.

– Vamos falar com o chefe.

Na última hora da tarde, Al-Saud comprou alimentos num supermercado da avenida Karrada In e regressou à pensão da rua Abu al-Atahiyah. Ao sair do palácio Al-Faw, decidira colocar uma mensagem na caixa de correio secreta submersa no rio, para informar sobre a base conhecida como Base Zero, onde trabalhava o professor Orville Wright. Minutos depois, mudou de opinião, ao aperceber-se de que o seguiam, o que não o alarmou. Podia tratar-se de uma perseguição ordenada por *L'Agence* ou pelo seu chefe, Qusay Hussein, que já o fizera noutras ocasiões, provavelmente para o controlar, dado que o servia há apenas vinte dias. Ou o seu disfarce teria sido descoberto?

Elijah entrou no quarto e encontrou Medes a preparar chá no fervedor. O motorista captou imediatamente o nervosismo de Al-Saud e ficou a olhar para ele, à espera de um comentário.

– Desfaz-te do rádio. Estão a seguir-me e eu não faço ideia de quem é. Vou sair para caminhar, para os afastar da porta. Espera quinze minutos antes de saíres. Leva o aparelho para a fábrica abandonada onde temos a caixa de correio secreta. Toma – deu-lhe a maleta onde conservava as tintas invisíveis. – Esconde-as na fábrica junto com o rádio.

– Sim, chefe.

Al-Saud manteve-se alerta durante a noite. Dormiu mal e com a pistola debaixo da almofada. Acordou cedo – tinha de se apresentar no Al-Faw às sete e meia –, tomou um banho e vestiu-se enquanto sorvia uma chávena de café. Ao sair do quarto, teve a impressão de que a casa estava sumida num mutismo suspeito; não se ouviam o murmúrio da rádio nem a conversa incansável da proprietária com o seu gato. Sacou a *Heckler & Koch USP 9mm* do coldre e colou-se à parede. Assomou à sala de

jantar e viu-os: quatro homens bem vestidos e de envergadura maciça, que reconheceu como membros da guarda pessoal de Saddam Hussein, rodeavam a anciã que, amordaçada, suportava com um estoicismo admirável o cano de uma pistola com silenciador apoiado na parte posterior da sua cabeça. O gato jazia sobre um charco de sangue aos pés da mulher.

– Saia, Kadar Daud ou como quer que se chame. O *sayid* Qusay quer vê-lo.

– De que se trata esta loucura? – exclamou ele, na esperança de que Medes o ouvisse.

– Você sabe-o bem.

– Não sei nada!

– Não viemos para falar consigo, Kadar Daud. Ordenaram-nos que o levássemos à presença de *sayid* Qusay.

– Claro! Eu estava a preparar-me para ir para o meu emprego! Com o *sayid* Qusay!

– Baixe as armas e entregue-se.

– Soltem a mulher!

– Não está em posição de exigir nada, Kadar Daud. Entregue-se ou a mulher morre.

– Sabem que estou armado! Não me entregarei se não consentirem aquilo que vos peço.

– Temos o seu pai. Matá-lo-emos também, se você não se entregar.

Al-Saud assomou atrás da aresta da parede e viu um quinto homem, a arrastar Medes. Devia ter-se enfiado no quarto deste último pelas traseiras da casa. Resmungou um insulto. Aqueles tipos iriam matar Medes e a anciã sem pensarem duas vezes. Custou-lhe admitir que tinha de se entregar; sozinho não conseguiria enfrentar cinco homens armados e hábeis na luta. Saiu com os braços no ar e a *Heckler & Koch* na sua mão direita. Agachou-se e colocou-a no chão, à sua frente. Ordenaram-lhe que a pontapeasse. Um homem aproximou-se e apontou-lhe uma arma à cabeça; a dois passos dele, ordenou-lhe que se voltasse, apoiasse as mãos contra a parede e que separasse as pernas. Depois, revistou-o à procura de mais armas e tirou-lhe a faca KA-BAR que Al-Saud trazia apertada à pantorrilha. Manietou-o com uma cinta de plástico que lhe vincou a carne dos pulsos ao ser apertada.

– Soltem o meu pai! – exigiu ao ver que subjugavam Medes e lhe atavam as mãos atrás das costas. – Ele não tem nada a ver com isto!

– Vamos! – ordenou o guarda que tinha uma voz cantante; empurraram-nos para a rua, obrigando-os a subir para uma furgoneta.

A viagem até Al-Faw decorreu em silêncio. Eliah tentava tranquilizar-se, mas, perante as perspetivas que o esperavam, era difícil. Lançou uma olhadela a Medes e perguntou-se se este teria trazido a ampola com tetrodotoxina. Questionou-se também sobre a proveniência da traição que o pusera nas mãos dos verdugos de Saddam. Um traidor dentro da *L'Agence* ou de um dos outros serviços de informações? Ainda que Raemmers lhe tivesse assegurado que o número de pessoas ao corrente da sua missão era mínimo e todas de garantida lealdade, Al-Saud não se fiava sequer na sua sombra. Teria sido Ariel Bergman a entregá-lo, não só para retorquir as afrontas do passado, mas também para eliminar o rival do irmão, Lior Bergman?

Chegados a Al-Faw, foram conduzidos para quartos pequenos, perto das caixas de rede metálica, e tiraram-lhes os cintos antes de os lançarem lá para dentro. O cheiro a cão e os latidos filtravam-se por uma janelinha próxima do teto. Medes ocupava o recinto contíguo. Al-Saud não se atrevia a pedir-lhe que se abstinêsse de tragar o veneno porque suspeitava que os observavam através de câmaras ocultas, com microfones. Falou-lhe como se estivesse mesmo a dirigir-se ao seu pai: acalmou-o e reconfortou-o, sem obter uma palavra do curdo.

Medes, que não admitiria ser novamente torturado, sabia que contava com pouco tempo: mais tarde ou mais cedo iriam descobrir a ampola. Se escolhesse tomá-la, teria de o fazer rapidamente; por outro lado, caso se suicidasse, condenaria também Al-Saud.

O estalido da chave anunciou a chegada de alguém: Qusay, seguido pelos cinco guardas de Saddam Hussein, que o olhou fixamente, com a serenidade que o caracterizava. Al-Saud retribuiu com um olhar de igual temperança.

– Quem és tu?

– Kadar Daud, *sayidi*.

– Sabemos que não és o sargento-mor Daud, da divisão As-Saiqa. Isso é um facto. Quem és? – insistiu o outro, com calma.

– *Sayidi*, alguém está a tentar envenená-lo contra mim inventando esta mentira. Eu sou Kadar Daud, que lhe salvou a vida na rua Al-Mutanabbi.

– Ah, essa paródia – disse Qusay, riu com sarcasmo. – Tu falarás, Kadar. Ou como é que eu te deveria chamar?

A resposta de Al-Saud, que repetiu «Kadar Daud», apagou o sorriso de Qusay Hussein.

– Levem-no para o ginásio! – ordenou, alterado.

Lançaram-se os cinco sobre ele; embora tenha tentado escapar, foi impossível. Recebeu um murro no maxilar que lhe nublou a vista e povoou de faíscas douradas o seu contorno escurecido. A pontada alcançou-lhe o ouvido e humedeceu os olhos.

Arrastaram-nos de novo para a furgoneta, o que surpreendeu Al-Saud, porque julgara que os conduziam ao ginásio do piso mais alto do palácio. Na realidade, transportaram-nos para o edifício da Amn-al-Amm, a polícia secreta do regime, onde os meteram num monta-cargas que desceu vários pisos até alcançar a cave, um sítio amplo, pobremente iluminado com tubos fluorescentes, paredes cobertas de azulejos azuis-celestes infestados de grandes manchas cujas tonalidades faziam lembrar vestígios de sangue e excrementos. Várias jaulas em rede metálica, semelhantes às caixas que tinham deixado para trás, ocupavam um amplo setor. Al-Saud identificou a fonte de voltagem utilizada para as descargas elétricas aplicadas aos prisioneiros e avistou uma mesa, sumida na escuridão, na qual refulgia o metal dos instrumentos de tortura. Outra mesa, de mármore branco com grilhões à altura das mãos e dos pés, estava colocada perto dali. Cordas e correntes pendiam do teto. Medes também observava tudo aquilo. Tomar uma decisão não lhe levaria muito tempo. Al-Saud admirou-o por guardar a compostura e por não se vergar ao um pranto aberto nem em súplicas.

Empurraram-nos para dentro das jaulas e fecharam-nas a cadeado. Ordenaram-lhes que se despiassem. Medes, simulando pudor, virou as costas aos captores. Desabotoou a camisa, enfiou a mão debaixo da axila e extraiu o veneno. Al-Saud contemplava-o enquanto se despia. Os seus olhares cruzaram-se e Eliah baixou as pálpebras em sinal de consentimento. O curdo mordeu a parte mais delgada da ampola e engoliu a tetrodotoxina. Um miligrama do veneno obtido do peixe globo é suficiente para causar a morte de um adulto, já que é uma toxina mil vezes mais potente que o cianeto. A ampola fornecida por *L'Agence* continha três miligramas de tetrodotoxina, pelo que a morte de Medes por parálise muscular e asfixia iria produzir-se em poucos minutos. O curdo continuou a despir-se para não chamar a atenção. Al-Saud, que também se despia, lançava-lhe olhadelas e observava o tremor que se ia apoderando das mãos do seu motorista e os movimentos torpes das suas extremidades, até que o viu desabar com um queixume abafado que chamou a atenção dos guardas.

Eliah entrelaçou os dedos na rede metálica da sua jaula e observou a agonia do seu empregado com um rosto imperturbável. Os homens de Saddam Hussein estavam a tentar reanimá-lo. Um deles viu a ampola no chão e cheirou-a.

– Ingeriu veneno. *Yallah!* Levemo-lo ao hospital! Não pode morrer! Tem de falar!

Quatro homens tiraram-no dali e depositaram-no no monta-cargas, que iniciou a sua lenta viagem com um ronco que ressaltou nas paredes da cave e se repetiu como um eco. O único guarda que ali permaneceu para vigiar Al-Saud, ordenou-lhe que acabasse de se despir.

– O verdugo chegará rapidamente e irá fazer-te cantar – acrescentou.

Al-Saud olhou-o nos olhos através do arame da jaula até que o homem desviou a vista. A sua raiva adquiria uma intensidade tão grande e profunda que sufocava o medo. O desejo de matar com as mãos nuas crispava-lhe os músculos. Não sabia contra quem dirigir o seu ódio: se contra Roy Blahetter, por inventar a centrífugadora de urânio, se contra o tal Orville Wright, por o ter posto nas mãos de um louco como Saddam Hussein, ou se contra Raemmers, por o ter encurralado para que aceitasse aquela missão de loucos. Soubera sempre que os riscos eram enormes e que a sua vida estava por um fio; naquele instante, preses a enfrentar o abismo, não admitia a possibilidade de morrer sem ter partilhado os seus sonhos com Matilde. Pensar que Kolia teria a melhor das mães e que Matilde gozaria a segurança da sua fortuna e da proteção dos Al-Saud, tranquilizava-o. Recriou mentalmente a cena a que Matilde aludira no hotel Rei David: na piscina da casa da avenida Elisée Reclus, enquanto ela lhe ensinava a nadar, Kolia chamava-a «mamã». Al-Saud apoiou a testa no arame farpado sobre o qual cerrou os punhos até que os nós dos dedos adquiriram uma tonalidade esbranquiçada. Tremeu de raiva, de medo e de amor.

As portas do monta-cargas abriram-se e três dos homens que tinham levado Medes saíram; vinham acompanhados por um quarto, de aspeto comum, que envergava uma bata. Enquanto falavam com o que ficara de guarda, lançavam-lhe olhares carrancudos. Os mais robustos armaram-se de cacetes e de punhos de aço antes de entrarem na cela de Eliah. Conseguiram pô-lo de rastos, embora não sem antes receberem vários pontapés e golpes, que vingaram descarregando os seus punhos e os varapaus no corpo nu do prisioneiro. Estenderam-no sobre a mesa de mármore. Ao contactar com o frio da pedra,

Al-Saud irrompeu em insultos em árabe; os outros limitaram-se a ajusturar-lhe os grilhões nos tornozelos e nos pulsos, ignorando a gritaria.

Percorreram-lhe o corpo com um detetor de frequências, que apitou de maneira aguda e constante quando o aproximaram da face interna da sua coxa direita. O quarto homem, o de aspeto insignificante, aproximou-se com as mãos cobertas por luvas de látex e um bisturi.

– Sem anestesia, doutor – indicou um dos capangas, rindo.

– Agarrem-no – ordenou o médico que, depois de esperar que os homens submetessem o prisioneiro, procurou a cicatriz sob a mata espessa de pelo negro e efetuou um corte seguindo a linha cor-de-rosa. Com uma pinça, ele extraiu o transmissor que entregou àquele que assumia o papel de chefe no grupo dos cinco guardas. Este indicou-lhe que colocasse o *chip* sobre a mesa e esmagou-o com a extremidade do cacete.

Al-Saud apertou os dentes e respirou de maneira ruidosa e acelerada. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, que lhe brotaram entre as pálpebras e rolaram pelas têmporas. Disse para si que a última esperança de sair com vida daquele lugar acabava de desaparecer. Ele próprio, o espião árabe da Mossad do qual nada se sabia, pereceria. Forçou-se a afrouxar os maxilares ou acabaria por partir os próprios dentes, escrúpulo que o levou a dar uma gargalhada, o que apanhou os seus captores de surpresa. Meditou que, antes de passarem três horas, não lhe restaria um único dente preso às gengivas.

Por volta do meio-dia, Donatien Chuquet abriu a porta do seu quarto no hotel Palestina de Bagdade e franqueou a passagem a Uday Hussein, que ordenou aos guardas que o acompanhavam que o aguardassem do lado de fora. Os dois amigos abraçaram-se; há um mês que não se viam. Uday não fora à Base Zero porque passara o mês de janeiro e a primeira metade de fevereiro no palácio de Tikrit, divertindo-se a violar uma formosa professora de Bagdade que sequestrara quando a rapariga ia a caminho da escola. Cansado do passatempo, devolveu-a aos pais, que a receberam cobertos de vergonha, e recomeçou a sua vida em Bagdade. No dia anterior, reunira-se com o tio, Ali Hassan Al-Majid, o chefe do serviço de informações iraquiano, também conhecido como «Ali, o Químico», dada a sua participação no genocídio curdo de 1988, perpetrado com fósforo, a fim de falarem acerca das investigações que tinham como objetivo encontrar o piloto de guerra Eliah al-Saud.

Ansioso, Chuquet serviu-lhe um copo de *whisky* e pediu-lhe que lhe contasse o que é que ele averiguara.

– O meu tio Ali obteve bastantes informações sobre o teu *golden boy* da aviação, mas não conseguiu encontrá-lo. Não está em Paris e, por muito que tenhamos tentado averiguar o seu paradeiro entre os empregados da sua empresa, nada veio a lume. É como se tivesse desaparecido.

– Que estranho – comentou Chuquet, abafando a raiva que sentia.

– Não te preocupes, Donatien! – consolou-o Uday, naquele modo despreocupado com que enfrentava a vida e que começava a parecer intolerável Chuquet. – Vamos, saiamos um bocado. Um pouco de diversão irá fazer-te bem. Passaste demasiado tempo naquela tumba que é a Base Zero e estás

com cara de cadáver.

– Pareces-me contente – disse Chuquet, enquanto se cobria com um casaco.

– E estou! O meu irmão cometeu um erro enorme que poderá custar-lhe a simpatia do nosso pai.

– Não te dás bem com o teu irmão?

– Qusay propôs-se ocupar o meu lugar e não o permitirei. Eu sou o primogénito de Saddam Hussein! É a mim que corresponde o cadeirão presidencial.

– Que erro é que o teu irmão cometeu?

– Deixou-se enganar por um traidor. Contratou um guarda que, na realidade, é um espião, e deu-lhe acesso ao coração do nosso governo.

– De que país é?

– Ainda não sabemos. Estão a torturá-lo no ginásio. Vamos, irás gostar de o ver. Parece ser um tipo duro. Ainda não soltou uma palavra.

Chuquet não apreciava, de todo, os espetáculos sangrentos que tanto excitavam Uday; não obstante, assentiu para não o contrariar, e seguiu-o.

O médico que presenciava a tortura controlou os sinais vitais do falso Kadar Daud e, com um movimento da mão, autorizou-os a prosseguir. O homem iria resistir mais um bocado sem necessidade de lhe injetarem epinefrina na corrente sanguínea, o que era desconcertante, porque estavam a trabalhar há quatro horas e não conseguiam que ele dissesse o que quer que fosse.

No dia anterior, tinham-lhe tirado o transmissor e devolvido à cela. Al-Saud, com a ferida no músculo a sangrar, instalou-se na extremidade mais afastada da porta e encolheu-se para conservar o calor do corpo. Aquele sítio estava gelado e o frio do chão de cimento arrastava-se pelas suas nádegas e espalhava-se pelos seus braços, pernas e torso. Fechou os olhos e iniciou uns exercícios respiratórios que lhe permitiram reprimir os tremores e os latejares da ferida. Instou-se a imaginar que estava na sua quinta de Ruão com Matilde; iam montados num par de cavalos frísios de crinas largas e onduladas que os conduziam ao bosque, onde planeavam fazer amor longe do bulício da casa grande. Assim passou a noite, num sono ligeiro do qual saía abruptamente e no qual voltava a entrar graças àqueles pensamentos. Não lhe ofereceram água ou alimentos, nem agasalho.

Al-Saud elevou o rosto, que mantinha oculto nos joelhos, ao ouvir o lamento do monta-cargas. Os capangas regressavam com expressões sombrias; provavelmente, Qusay admoestara-os por não terem revistado conscienciosamente Medes. Não sabia quantas horas haviam passado – tinham-lhe tirado o relógio – e desconhecia se era noite ou o sol já teria nascido. Supunha que estivesse a amanhecer. Que dia era então? Tinham-no prendido na segunda-feira, pelo que terça, dia 16, estava a começar.

Quatro homens entraram na jaula para o retirarem dali. Embora debilitado – há quase vinte e quatro horas que não comia nem bebia –, dorido e nu, pôs de pé de um salto e lançou um tal olhar aos seus captores que os obrigou a deterem-se à entrada. Não foi fácil subjugar o Al-Saud; resistiu, soltando pontapés e murros que atingiram os seus agressores, arrancando-lhes queixas e insultos. Um quinto

homem meteu-se na cela para ajudar os companheiros e entre todos conseguiram agarrá-lo e depositá-lo sobre a mesa de mármore. Imobilizaram-lhe os pulsos com os grilhões e os calcanhares com umas cordas que desciam do teto, que esticaram para lhe elevarem as pernas. Ataram-lhe um cabo de vassoura na transversal sobre os peitos dos pés, e voltaram a puxar as cordas até as suas extremidades ficarem na vertical, a apontar para o teto. O chio das roldanas incomodou Al-Saud. O corte na coxa latejava e um fio de sangue corria-lhe pela perna e chegava-lhe aos testículos. Açoitaram-lhe as plantas dos pés com cabos elétricos. A dor sulcava-o como uma corrente e convulsionava-lhe o torso, que se soergueu do mármore; só a parte posterior da cabeça ficava apoiada na mesa.

– Quem és tu? – exigiu saber o chefe do grupo. – Fala agora e proporcionar-te-emos uma morte rápida.

– Kadar Daud.

Mais chicotadas. Mais perguntas. A mesma resposta. Nunca lhes diria o seu nome porque esse dado os conduziria inexoravelmente a Matilde e ao seu filho: preferia morrer às mãos dos seus torturadores antes de os pôr em perigo. Ao sangue que fluía da ferida da sua coxa, uniu-se o que brotava dos pés em carne viva, sobre os quais, de vez em quando, lançavam sal. Já não se continha e os seus gritos afogavam qualquer outro som: o dos cabos a sulcarem o ar, o dos risos dos verdugos e o das indicações sussurradas do médico que, de tanto em tanto, lhe tomava o pulso e controlava o reflexo das pupilas.

Aos açoites nos pés seguiram-se as descargas elétricas nas partes sensíveis do corpo, como os testículos e os mamilos. As perguntas sucediam-se e Al-Saud apercebia-se de que a sua vontade fraquejava. Desejava que lhe aplicassem uma voltagem suficientemente poderosa para que o liquidassem. Queria morrer, que o sofrimento acabasse.

Desmaiou quando lhe arrancaram a primeira unha. Os guardas reanimaram-no com um balde de água fria lançado à cara e o pesadelo recomeçou.

«Matilde, ajuda-me.»

Chuquet detestava «o ginásio», sobretudo o cheiro a carne queimada, a matéria fecal, urina e suor; aquele sítio conservava inclusive os ecos dos alaridos das vítimas, que se repetiam e ressaltavam nas paredes cobertas de azulejos, com os sons do mar nos búzios. Já Uday Hussein disfrutava daquilo como uma criança goza ao comer um gelado, e raras vezes perdia uma sessão de tortura.

O guarda-costas de Uday abriu a porta do monta-cargas e cedeu-lhes a passagem. Os gemidos roucos do torturado alcançaram-nos antes de chegarem à cave. Chuquet estremeceu ante a visão do homem nu estendido sobre a mesa. Foi assaltado por uma náusea quando um odor nauseabundo o recebeu como um grande murro no rosto. Deu meia-volta, afastou-se em direção ao monta-cargas e tragou um bocado de ar, que o ajudou a reprimir o vômito que lhe trepava pelo esófago. Uday, atraído pela visão da vítima, afastou-se a passo rápido, sem se aperceber do mal-estar do seu amigo.

– Já falou? – interessou-se o primogénito de Saddam Hussein.

– Não, *sayidi* – respondeu o chefe dos capangas.

– Há quantas horas estão aqui?

– Quase cinco.

Uday lançou um assobio e arqueou as sobrancelhas.

– É duro, não é verdade?

– Como poucos – admitiu o verdugo.

– *Mon Dieu!* – exclamou Chuquet, que se aproximara furtivamente. – *Oh, mon Dieu! Qu'est-ce que vous avez fait?*

Al-Saud, afogado numa neblina de dor, esforçou-se por entreabrir as pálpebras ao ouvir que falavam em francês. Não conseguia focar a vista; os seus torturadores representavam silhuetas indefinidas e brumosas que voltaram a desaparecer quando, exânime, fechou os olhos.

– O que é que se passa, Donatien? – perguntou Uday. – Já te desacostumaste da visão dos traidores?

– Uday, por favor, vem comigo. Temos de falar.

Uday encolheu os ombros e, antes de se afastar para uma extremidade do recinto, ordenou:

– Prossigam.

– Não! – interveio Chuquet, e a cara risonha do filho de Hussein desvaneceu-se pouco a pouco.

– Que raio se passa contigo?

– Uday, anda. – O francês apoiou-lhe a mão no ombro e instou-o a procurar a intimidade de um setor afastado. – Uday, tens que deter a tortura desse homem.

– De que merda estás a falar, Donatien? Esse maldito filho da puta é um espião! Tem de cantar aquilo que sabe, tem de confessar a informação que passou aos nossos inimigos.

– Uday, ouve-me. Esse homem é Eliah al-Saud, o homem que temos procurado durante este tempo todo.

– O quê?

– Assim é. Por sorte, os torturadores ainda não lhe deram muito na cara e, se bem que agora use bigode, reconheci-o mal o vi. É ele! O único piloto capaz de levar a cabo a missão sobre Telavive. Tens que deter a tortura antes que seja tarde de mais!

Capítulo 14

Terminada a operação «Fúria Divina», os jornalistas e os organismos não governamentais comprometidos com a defesa da paz e dos direitos humanos mostraram ao mundo as sequelas dos horrores padecidos pelos gazenses durante os quase três dias de ataques às cidades e às povoações da Faixa por parte das Forças de Defesa de Israel. Casas demolidas, culturas destruídas, oliveiras milenárias arrancadas pela raiz, fábricas demolidas por mísseis e fronteiras fechadas constituíam perdas financeiras enormes para a frágil economia palestina. No entanto, o mais escandaloso eram as mortes de civis – em especial mulheres e crianças – e a pavorosa quantidade de feridos, a maior parte mutilados pelos novos projéteis utilizados pelo Tsahal. A Autoridade Nacional Palestina solicitara à Organização para a Proibição de Armas Químicas, uma entidade que colabora com a Assembleia Geral da ONU, que investigasse a natureza dos projéteis utilizados durante a operação «Fúria Divina». O governo de Israel respondeu às acusações insinuando que as Brigadas Ezzedine al-Qassam tinham disparado contra os seus próprios compatriotas e depois atribuído os mortos ao exército israelita, mas ninguém dava crédito à declaração do porta-voz de Netanyahu. A pressão internacional tornou-se insuportável e o ministro da Defesa israelita, Yitzhak Mordechai, demitiu-se, o que não apaziguou nem os organismos de defesa dos direitos humanos nem a Autoridade Nacional Palestina, que continuava a protestar nos distintos comités e organismos da ONU, sem resultados relevantes.

Matilde tornou-se a pessoa mais procurada de Gaza pelos jornalistas, que faziam plantão à frente do Al-Shifa, do edifício da rua Omar Al-Mukhtar e da casa do *Silencioso*, porque tinham descoberto o vínculo de amizade que unia a pediatra argentina da Mãos Que Curam ao prémio Nobel da Literatura de 1997; em alguns meios, insinuava-se que a relação seria mais do que amizade. A fotografia de Matilde abraçando, na sua cama do hospital, o pequeno Mohamed, o menino que ela protegera com o próprio corpo, tirada furtivamente por algum empregado do Al-Shifa com visões empresariais, percorreu o mundo e chegou a ser cotada em várias dezenas de milhares de dólares.

Matilde vivia o assédio com indiferença e permitia que La Diana e Markov a levassem aonde quisessem a fim de evitar o tumulto jornalístico. Os dias passavam e ela caía numa depressão evidente. Não a confortava a ligação forte que estabelecera com Mohamed e com a mãe viúva, que a venerava por ter protegido o seu filhinho; nem sequer os seus amigos ou os seus companheiros de hospital a animavam; também não a entusiasmava que aqueles que no passado a tinham desdenhado por ter salvado a vida de um soldado israelita, agora a tratassem como uma rainha. Estava constantemente rodeada de uma multidão; no entanto, tinha a sensação de se encontrar submergida em água e de ouvir os sons amortecidos. As tarefas no hospital aumentavam, o frenesim multiplicava-se, as complicações abundavam; todavia, para ela, os acontecimentos sucediam-se sem despertar interesse no seu espírito

em estado de letargia. Sentia-se entorpecida, indiferente, vazia. Em certas ocasiões, ao dar-se conta do seu estado apático, desesperava-se ao compreender que o exercício da Medicina, o único que jamais perdera por o sentir como parte essencial de si, já não era o suficiente. Em quase vinte e oito anos, nunca amara com tanta paixão e entrega e, no entanto, poucas vezes se sentira tão oprimida pela solidão. Queria os seus homens – Eliah, Jérôme e Kolia, a quem já reclamava como seu – junto a si, mas nada sabia deles.

À tarde, ao sair do hospital, dirigia-se à praia, o único sítio na Faixa onde, ao contemplar a expansão turquesa do Mediterrâneo, a sensação de opressão e de aperto se dissipava. Sorria com um olhar triste ao recordar a promessa de Eliah: «*Quando nos casarmos vou pedir ao meu velho que me empreste o iate e vamos desaparecer um ano no alto-mar*». Sufocava-a a impressão de que não voltaria a vê-lo, de que ele já não era deste mundo. Por que era assaltada por esta ideia? De onde surgia? Não conseguia ter paz. Levantava a mão esquerda e fazia-a brincar ao sol para que o solitário no seu anelar resplandecesse. Obrigava-se a recordar que Eliah regressaria, porque se casariam em Paris a 5 de maio. O seu olhar escurecia, o horizonte esfumava-se e a luz do sol, que reluzia sobre o mar, provocava-lhe ardor nos olhos. Levantava os olhos ao céu e perguntava em voz alta: «Eliah, meu amor, onde estás?» As gargalhadas das crianças, que chapinhavam à beira-mar, atraíam-na e arrancavam-na destes pensamentos. Aquando das suas primeiras visitas à praia, admirara-se por ver as pessoas a tomar banho vestidas, incluindo os homens; as mulheres entravam no mar com o lenço que traziam à cabeça. Divertiam-se, riam-se e gritavam, como se, em vez da pobreza e da desolação, reinassem nas ruas das cidades da Faixa a esperança e o progresso. O Mediterrâneo era para eles como uma válvula de escape; Matilde observava que muitos ficavam quietos, fixando o horizonte e com uma expressão que oscilava entre o orgulho e o abatimento. Antes que o sentimento de compaixão e de pena, que a magoava mas que ela nunca aprendera a dominar, a invadissem, esticava os braços para que Markov e La Diana a ajudassem a levantar-se, e abandonava a praia.

À noite, costumava acordar com um sobressalto e acendia a luz da mesinha de cabeceira a tremer. Aturdida pelos retalhos de um pesadelo cheio de tiros e de explosões, ficava sentada na cama, olhando à volta sem reconhecer onde estava, procurando algo que não conseguia definir. Deitava-se de novo, encolhida, imaginando que Eliah a abraçava e se encostava na curva do seu tronco, como gostava de fazer. Falava-lhe com voz baixa e desabafava os seus medos e as suas dúvidas. Confessava-lhe o quanto necessitava de sentir a sua carne latejar dentro dela para saber que estava vivo. Às vezes, excitada pelas recordações dos dias no Rei David e da última noite no Al-Deira, quase inconscientemente, imitava as carícias de Al-Saud até se provocar um orgasmo, um alívio fugaz que a deixava insatisfeita e que só aprofundava a solidão.

Durante aqueles dias de desassossego, Matilde teve um momento alegre. Na segunda-feira, 19 de fevereiro, enquanto jantava em casa do *Silencioso*, este, aproveitando que o telefone funcionava, telefonou à tia Francesca para lhe desejar um feliz aniversário. Depois de decidirem que, após o aniversário de Kolia, passaria pela capital jordana para ir buscar Amina, Sabir passou o auricular a

Matilde, sem qualquer pré-aviso, a qual o recebeu desconcertada, como se queimasse. Francesca, mais controlada e tão meiga como era costume, ajudou-a a serenar.

– Eliah contou-nos que vão casar-se a 5 de maio. Matilde, quero que saibas que poucas vezes vi o meu filho tão feliz, para não dizer nunca, e quero agradecer-te por isso.

– É ele quem me faz feliz.

– Foi para nós uma alegria imensa quando nos contou que iam casar-se. Matilde, o meu filho ama-te como nunca amou ninguém. Sei que o farás feliz.

– É o que mais desejo, Francesca.

– Obrigada por aceitares o Kolia.

– Estou ansiosa por conhecê-lo.

– Vais amá-lo! É tão simpático e inteligente. A Amina está louca por ele, pensa que é um brinquedo. Espera um pouco. Vou pô-lo a falar ao telefone.

O coração de Matilde começou a bater descontroladamente. Ia escutar a voz do filho de Eliah. De repente, aquele simples facto adquiriu uma preponderância incomensurável que varreu as reflexões dos dias anteriores. Ao ouvir os «papá», os «ava», por água, os «ti», por sim, e outros sons impossíveis de identificar que o avô Kamal lhe fazia dizer em árabe, Matilde apertou o nariz e tapou a boca para refrear o choro. Kamal fê-lo rir às gargalhadas e o som cristalino e doce do riso de Kolia obrigou-a também a rir, entre soluços e lágrimas.

– Estás emocionada – afirmou Francesca do outro lado da linha, e Matilde balbuciou um sim, sufocada pela ânsia de abraçar o filho de Eliah e de senti-lo nascido das suas entranhas como sentia o seu Jérôme. – Dentro de três dias, a 22 de fevereiro, será o seu primeiro aniversário. Como gostaria que o Eliah e tu estivessem aqui! Sabes alguma coisa do meu filho?

– Nada, Francesca.

Sergei Markov caminhava atrás de La Diana e de Matilde, que cochichavam naquela atitude intimista que tinham adotado ultimamente. Entraram na casa do *Silencioso* sem bater; raramente a porta estava fechada à chave e ninguém costumava anunciar-se. Antes que La Diana começasse a cumprimentar e a conversar com o grupo que estava na sala do escritor palestino, Markov agarrou-a pelo pulso e puxou-a. A rapariga bósnia, que havia muito tempo que não era tocada por ninguém, soltou uma exclamação e tentou fugir. Markov dominou-a com raiva e impediu-a de se libertar. Arrastou-a até ao exterior e fechou a porta. Ficaram frente a frente na entrada. La Diana constatou a transformação que se produzia no rosto e na postura do russo, que de hostis e combativos adquiriam um ar suave.

Havia muito tempo que Markov não se perdia na beleza dos olhos celestiais de La Diana, realçados pelo brilho dos cristais azuis dos brincos Swarovski que ela exibia com o cabelo preso num rabo de cavalo. Talvez ele nunca tivesse reparado na combinação perfeita do seu rosto de pele branca em contraste com a cor azeviche do seu cabelo, o qual adquiria tonalidades azuladas conforme a luz. Gostava do seu nariz longo e aquilino, que lhe dava um ar ferozmente orgulhoso, que tanta

personalidade transmitia às maçãs do rosto salientes e elevadas, prova evidente das suas origens eslavas. Amava os seus lábios finos, que acentuavam a atitude desconfiada e receosa que a definiam. Notou que a linha de pestanas negras, que ela, ultimamente, arqueava e pintava com rímel, lhe faziam realçar o azul dos olhos. Novamente, surpreendeu-se ao constatar que estava a apreciar os pormenores quando, regra geral, se limitava a admirar a beleza de uma mulher pelo seu todo. Com La Diana, contudo, acontecia-lhe o contrário: queria conhecê-la centímetro a centímetro.

– O que é que tu queres, Sergei? Solta-me, por favor.

– Incomoda-te que te toque? – La Diana olhou para ele com uma atitude desafiante. – Lembras-te quando me permitias tocar-te e beijar-te?

– Sergei, voltemos para dentro. Deixámos a Matilde sozinha.

– Voltaremos quando acabarmos com esta farsa.

– Que farsa?

– A de que não te importas comigo. Que não te importas connosco.

– Não existe nada entre nós, Sergei. Naquele dia no cruzamento de Erez, quando me disseste que eu era incapaz de te dar o que quer que seja, tinhas razão. Não tenho nada para te dar, nem a ti nem a ninguém. Não quero continuar a tentar tirar algo de mim quando me sinto vazia.

– Não estás vazia!

– Sim, estou! Sinto uma grande inquietação quando tento dar o que sei que não tenho. Peço-te que me deixes em paz, que esqueças o que vivemos. Foi um erro, uma ilusão.

– Não! O que vivemos foi real. – Segurou-a pela cintura e colou-a ao seu corpo; La Diana procurou nos seus sentimentos e nas suas sensações algo que lhe recordasse o pânico que costumava sentir quando a tocavam. Nada; pelo contrário, nos braços de Sergei Markov, encontrava a paz e o prazer. «Se tudo se limitasse apenas a um abraço e a um beijo...», pensou, desmoralizada, e tentou libertar-se.

– O que procuras agora, Sergei? Sabes que não te posso dar nada.

– Nem sequer me deixas acabar com os filhos da puta que te fizeram tanto mal.

– Alguém tem de parar com a violência. Em algum momento, alguém tem que perdoar e dizer chega. Caso contrário, o ódio continua e as pessoas sofrem, como aqui, em Gaza. Será que não reparaste que há cinquenta anos que israelitas e palestinianos se odeiam, se matam e que a única coisa que conseguiram foi a infelicidade? Quero ser capaz de um ato de grandeza. Perdoar é esse ato: não me perguntes porquê, mas faz-nos sentir bem, cura-nos, redime-nos.

Sergei Markov ficou a olhar para ela com uma mistura de espanto e de orgulho. Aquilo também era um sentimento novo para ele: admirar uma mulher pela grandeza do seu coração e pela sua inteligência, em vez de se limitar a apreciar somente o tamanho do seu peito e do seu traseiro.

– Amo-te, Diana.

A jovem já não lutava para se libertar. Baixou o rosto e fechou os olhos. «Eu também te amo, Sergei.» Fez uma pausa para recuperar a calma e o controlo.

– Deixa-me ir. Mereces uma mulher inteira, sã, e eu estou demasiado danificada para te fazer feliz.

– É a ti que eu quero!

– Queres uma mulher ao teu lado e eu não o sou.

– És, sim!

– Não te lembras do nosso último dia juntos, em Paris, quando sofri um ataque de nervos enquanto tentávamos fazer amor? Não conseguiria passar por isso outra vez, Sergei! Por favor, deixa-me ir. Já não sinto nada por ti – mentiu-lhe.

Aquelas palavras foram um golpe duro para Markov. Desprendeu os braços da cintura dela e deixou-os cair, pendentes ao corpo, frouxos. Ela retrocedeu e dirigiu-se para a rua. Não podia voltar para a casa do *Silencioso*. Necessitava de uns momentos sozinha para digerir o que acabara de fazer sob ação do medo: afastar o único homem que amara e o único a quem permitira que se aproximasse. Os olhos pretos de Markov fixavam-se nos dela e paralisavam-na. A tristeza que transmitiam não tinha cabimento num olhar como o do antigo soldado da Spetsnaz GRU. Estava a matá-la. La Diana deu meia-volta e correu para a rua.

Markov voltou para a casa do *Silencioso* e viu Matilde ao telefone. Notava-se que estava emocionada, com os olhos chorosos.

Matilde dizia: «Kolia, Kolia. Olá, Kolia. Feliz aniversário, Kolia», e o seu riso surgia escoltado pelo despertar de um pranto. Falou depois com Francesca, e o riso continuou ao ouvir as histórias de Kolia e de Amina, que se tinham tornado unha e carne.

Durante o jantar, no qual os amigos do *Silencioso* a interrogavam sobre os detalhes do seu ato heroico, Matilde, um pouco cansada de descrever a façanha, admitiu que começara a correr em direção ao pequeno Mohamed sem refletir nas consequências; só a impelia a ânsia de o proteger. Não mencionou que, assim que os seus olhos caíram sobre aquela cena e enquanto ia em direção ao tiroteio, um grito fundo e prolongado explodia na sua mente: Jérôme.

Sabir al-Muzara, que lia na expressão de Matilde o quão fastidioso lhe era discutir aquele tema com estranhos, mudou o rumo da conversa ao anunciar que o livro de contos, *As Aventuras de Jérôme*, seria publicado em França no mês de junho. Matilde, que desconhecia a data de lançamento, ficou estática, atingida por uma sensação de irrealidade. Os convidados, à exceção de Ariela Hakim que conhecia os pormenores da carreira literária de Matilde, precipitaram-se sobre ela fazendo perguntas com o mesmo afinco com que o tinham feito sobre o seu ato de bravura.

Um ruído de vidros partidos interrompeu o imã Yusuf Jemusi. Os cinco comensais – Markov estava na casa de banho e La Diana ainda não regressara – viraram as cabeças em direção à janela que dava para a rua. Um silêncio anormal apoderou-se da sala antes que um som subtil, como se um produto gasoso tivesse sido pulverizado, o rompesse. Numa questão de segundos, a casa foi inundada por um fumo branco e espesso. Todos começaram a tossir e a respirar com dificuldade, com os guardanapos sobre o nariz e a boca. A sala converteu-se num caos e ninguém sabia como agir nem para onde fugir.

Markov saiu da casa de banho e correu até à frente da casa. Antes de entrar na sala de jantar, o nariz

começou a escorrer e os olhos a lacrimejar; sentiu um ardor na garganta que não desaparecia nem tossindo. Pôs um lenço à volta da cara e lançou-se dentro da nuvem branca. Gritou o nome de Matilde, desesperado. Por sorte, a médica usava uma camisola fúchsia, cujo tom o resplandecente o guiou até ela.

Matilde estava cega. Os olhos ardiam-lhe de um modo intolerável e tinha a impressão que se iam dissolver, tal como o nariz, que latejava e escorria muco e água. Um fogo incendiava-lhe a garganta e secava-lhe a boca; a língua colava-se ao palato. Cheios de gás, os pulmões inchavam dolorosamente. Os ouvidos zumbiam-lhe e perdera o sentido de orientação. Tentou gritar, o que lhe causou uma pontada de dor no pescoço, quando umas mãos se fecharam na sua cintura e a arrastaram.

– Sou o Markov! – gritou o russo, a voz rouca e irreconhecível.

Matilde permitiu que a guiasse. Precisava ir para o ar fresco, e ventilar os pulmões, que pareciam explodir. Markov, com o lenço atado como um *cowboy*, passou o braço direito por trás dos joelhos de Matilde e levantou-a no ar. Tencionava entrar na cozinha, onde havia uma porta que dava para um jardim nas traseiras. Atravessou o espaço lançando insultos cada vez que ia de encontro a um móvel ou pisava ou atropelava alguém. Não tinha tempo para pensar no bem-estar de Sabir al-Muzara ou dos seus convidados; só pensava em salvar a mulher de Al-Saud, cuja vida já correra perigo há dias, quando fugira do hospital para se tornar o escudo do pequeno Mohamed. Markov não se perdoava a distração, que Matilde aproveitara para se furtar à sua proteção e se lançar ao perigo. Chegaria o momento em que teria de enfrentar a ira do chefe. Onde estava La Diana? Onde raio se metera?

Entrou na cozinha de rompante e constatou imediatamente que o ar se tornava mais puro. Tirou o lenço da cara e inspirou com avidez. Pousou Matilde no chão e segurou-a enquanto esta tossia e esfregava o rosto. Markov procurava a porta de saída através de um véu cinzento e brilhante que lhe ardia nos olhos e apenas lhe permitia aperceber-se do vulto dos objetos. Estava desorientado, o desespero invadia-o. Ouvia as vozes dos invasores, que alternavam com tiros e queixumes. Sabia que se protegiam com máscaras e que brevemente os encontrariam na cozinha. Conduziu Matilde até à porta. Tentou abri-la, em vão. Tateou, à procura da chave na fechadura, mas não a encontrou. Dispunha-se a deitá-la abaixo quando o estrondo de uma explosão coincidiu com o impacto que o projetou. Caiu sobre Matilde e, apesar de ter tentado levantar-se, caiu de novo: uma corrente atravessou-lhe a coluna vertebral e paralisou-o. Alguém o afastou com um empurrão provocando-lhe uma dor intolerável. Ficou caído de costas, com os olhos fixos, a respiração rápida, irregular e curta; cada inspiração era como uma punhalada entre as omoplatas. Distinguiu sobre ele uma figura de negro, alta, de grande corpulência, com a cara protegida por uma máscara antigás. Markov estendeu a mão para se agarrar à mesa e utilizá-la como suporte para se levantar. O gigante pretendia levar Matilde. Tinha de o impedir. Emitiu um gemido afogado e desfaleceu.

Aturdida, meio cega e dorida, Matilde percebeu que quem a levantava não era Sergei Markov. Apesar da força dos braços que a seguravam, lutou para se libertar, mas só conseguiu agitar-se ao ponto de quase sufocar. O seu captor obrigou-a a virar-se e a enfrentá-lo. Um grito de terror, que não chegou a

sair da sua garganta ferida, provocou-lhe um tremor que lhe agitou o corpo e lhe cortou o fôlego. Contemplou a silhueta de um gigante vestido de preto cujo rosto, coberto por uma máscara, lhe fez recordar Darth Vader. Finalmente, um grito soltou-se dos seus lábios quando uma voz inumana e amortecida disse «Ágata».

La Diana parou de repente no passeio quando se apercebeu das tiras de fumo branco que saíam pelo vidro partido da janela. Empunhou a sua *HP 35* e saltou a cerca. Aproximou-se da porta entreaberta, com as costas coladas à parede. Não se ouviam nem ruídos nem vozes. Pôs o lenço que tinha ao pescoço sobre o nariz e a boca, e acabou de abrir a porta com um toque do pé. Embora menos intenso, o gás lacrimogénio irritou-lhe os olhos. Limpou as lágrimas com os punhos do casaco e avançou, sempre protegida contra a parede. Localizou quatro corpos no chão da sala. Baixou-se perto do de Sabir al-Muzara e, através do ardor e da névoa que lhe entorpeciam a visão, pareceu-lhe distinguir o sinal de um tiro no peito. «Meu Deus», pensou, enquanto tentava controlar o pânico que ameaçava impedi-la de refletir corretamente.

Encontrou Markov no chão da cozinha, sobre uma poça de sangue. A imagem teve um efeito hipnótico sobre a sua vontade: ficou estática, com o olhar fixo no rosto amado do russo. Um soluço arranhou-lhe a garganta, e acabou por reagir ao notar que as pestanas de Sergei, negríssimas em contraste com a sua face, se agitavam.

– Sergei! – La Diana caiu de joelhos. – Sergei, meu amor! Sergei!

– Matilde – balbuciou o russo, e La Diana inclinou-se para o ouvir. – Levaram-na.

– Onde te feriram? Sergei! – gritou ao aperceber-se que as forças abandonavam o homem que amava. – Sergei! Não me deixes!

– Diana... – sussurrou sem abrir as pálpebras.

– Sergei, amo-te! Não me deixes! Não me deixes! Estás a ouvir-me? Amo-te! Não! Não te deixo morrer! Não vais deixar-me sozinha! Estás a ouvir-me! Raios partam!

Entre gritos e injúrias, La Diana lembrou-se dos exercícios de reanimação que Juana e Matilde tinham aplicado em Sándor na capela da rua du Bac. Tapou-lhe o nariz e fez-lhe respiração boca a boca. Afundou várias vezes a palma da mão esquerda na altura do coração, impelindo a força com a direita. Insuflou de novo ar pela sua boca. Apoiou o indicador e o médio na carótida para verificar a pulsação. Não a encontrou. Teria feito algo errado em vez de o ajudar? Estaria a procurar a corrente sanguínea no sítio errado? Não conhecia nada sobre salvamento.

– Sergei! – desesperou-se. – Não me deixes! Não te atrevas!

Sergei mexeu os lábios e La Diana percebeu que pronunciava o seu nome. Depois, viu-o esboçar um ligeiro sorriso antes que a sua cabeça caísse de lado.

– Não! Não, Sergei, não me abandones! – La Diana gritava em bósnio ao mesmo tempo que, desalmadamente, desferia murros impiedosos sobre o tórax de Markov. – Não me deixes! Filho da puta, não te atrevas!

Ariela Hakim caminhou cambaleando. Parou à porta da cozinha e agarrou-se à ombreira para não cair. Tinha o rosto coberto de sangue. Viu La Diana através dos restos de fumo branco e percebeu que os esforços da jovem guarda-costas eram inúteis. Baixou-se junto a Markov, tateou o seu pulso e confirmou as suas suspeitas.

– Diana, Diana – chamou-a, sem fôlego, mas a rapariga nem sequer se tinha apercebido da sua presença. – Diana! – As forças de Ariela, alimentadas pela dor e desespero da jovem, renasceram. Pegou-lhe nos pulsos e sacudiu-a. – Diana, para! Basta, Diana! – A jovem bósnia parou de repente, de um modo pouco natural, e ficou quieta e agitada, os olhos cravados no rosto cinzento de Sergei Markov. – Diana, querida, ele está morto – sussurrou a jornalista israelita. – Ele já não está cá. Deixa-o partir. Deixa-o ir em paz.

A cara de La Diana caiu sobre o peito de Markov e rompeu a chorar, aos gritos, agarrada às roupas ensanguentadas. Ariela esfregava-lhe as costas e dizia-lhe com a voz quebrada:

– Lamento, Diana! Lamento muito!

Tinham-lhe vendado os olhos e atado as mãos e os pés. Ia encostada no que lhe parecia ser a parte traseira de uma carrinha, a qual, a julgar pelos solavancos, não percorria um caminho asfaltado mas sim um cheio de buracos. Os seus raptos falavam em árabe e ela percebia palavras soltas, que em nada a ajudavam; até o gigante, de quem ela recordava o nome, Udo Jürkens – também se lembrou que lhe chamavam Ulrich Wendorff –, se expressava na língua oficial da Palestina.

Até àquele momento, o pânico e a incerteza tinham-na impedido de notar que a garganta lhe ardia e que, devido à sede que sentia, a sua língua latejava e ocupava por completo a cavidade da boca; notou também que as pernas e os braços estavam dormentes. Ao mexer-se, uma chuva de pontadas atacou-lhe os membros e queixou-se com um lamento, que se desvaneceu, afogado pelo ruído do motor e pela cadência das vozes. Contudo, uma mão áspera e grande acariciou-lhe o braço, num movimento comedido, furtivo, efetuado de forma a que os outros não notassem. «Udo Jürkens», recordou, «ou Ulrich Wendorff». Era ele, o Darth Vader que lobrigara na cozinha de Sabir, o homem que a perseguia havia meses e que, finalmente, a conseguira apanhar. Ainda que o terror a dominasse, soube paradoxalmente que, se Jürkens se mantivesse a seu lado, não a magoariam.

– *Almaa, min fadlik.* (Água, por favor.)

Como ninguém ouviu a sua súplica balbuciada, repetiu o pedido e, ao elevar o tom de voz, remexeu-se no chão para lutar contra a sensação de estrangulamento e as picadas que sentia na garganta. Levantaram-na e encostaram-lhe uma garrafa aos lábios.

– Bebe, Ágata. É água fresca – sussurrou-lhe Udo ao ouvido, em alemão, e Matilde, aterrorizada pela voz distorcida e nada natural, ficou quieta. – Bebe – encorajou-a o berlinês, entreabrindo-lhe os lábios com os bordos do cantil.

Uma porção de água encheu-lhe a boca e sentiu um alívio imediato. Engoliu-a lentamente, deixando-a brincar sobre a língua até perceber que as palpitações diminuía.

– Mais um pouco – pediu em inglês, e Jürkens fez-lhe a vontade. – O que vão fazer comigo, Ulrich? – O instinto indicou-lhe que o tratasse pelo seu nome verdadeiro. Admirada por se ter recordado, apercebeu-se que conservar a vida iria depender da sua habilidade e capacidade de manipulação.

Jürkens, por seu lado, experimentou uma alegria tão profunda ao escutar o seu nome a sair dos lábios da mulher que amava que soltou uma gargalhada. Os membros das Brigadas Ezzedine al-Qassam viraram-se com gestos endurecidos e olhares suspeitos.

– O que é que se passa, Udo? – exigiu saber Anuar al-Muzara, que decidira comandar a operação de sequestro.

– Nada – apressou-se a garantir o berlinês. – A rapariga disse-me que tínhamos cometido um erro, que não é ninguém importante. – Aproveitou as gargalhadas dos companheiros para falar com Matilde, enquanto a ajudava a sentar-se no chão da carrinha e a encostar-se contra a carroçaria do veículo: – Não te vai acontecer nada, Ágata – reconfortou-a em inglês. – Vou-te proteger. Não tenhas medo.

– Obrigada, Ulrich – respondeu Matilde, e apercebeu-se que Jürkens lhe acariciava o rosto. Foi um pequeno gesto; não obstante, transmitia uma promessa que a reconfortou.

O veículo entrou na cidade de Rafah e dirigiu-se ao limite com o Egito. Deteve-se com uma travagem brusca e, pelo chiar dos pneus, Matilde achou que se tratava de um terreno arenoso. A porta corrediça deslizou com violência; Jürkens ajudou Matilde a levantar-se e a sair. Ao saltar para descer, a venda deslizou até à cana do nariz destapando-lhe parcialmente o olho esquerdo, facto que ela aproveitou para estudar o limitado campo visual à luz da lua. Estavam num sítio isolado, virgem; parecia um monte com elevações cobertas de arbustos.

Um homem gritava ordens e outros deslocavam-se rapidamente da carrinha até uma zona engolida pela escuridão noturna. O que gritava colocou-se à frente dos faróis, ainda acesos, do veículo. Matilde ficou abalada: era Anuar al-Muzara. Reconheceu-o pelas fotografias da sala do *Silencioso*.

– Ágata, isto é para o teu bem – sussurrou-lhe Udo Jürkens por trás, e Matilde sentiu uma picada no lado direito do pescoço. As pernas foram dominadas pela fraqueza, enquanto os braços lhe pesavam como se fossem de chumbo. O berlinês susteve-a quando desfaleceu.

Anuar al-Muzara aproximou-se de Jürkens, que carregava o corpo inerte de Matilde, e disse, com o olhar cravado na jovem:

– A mulherzinha de Al-Saud tem temperamento. Não fez escândalo nem chorou.

– Tu próprio comprovaste que é uma mulher valente quando a viste proteger o menino palestino na televisão.

– Parece uma adolescente – pensou Al-Muzara em voz alta. – Vamos – ordenou com um tom enérgico, enfurecido por deixar transparecer a sua fraqueza. – Temos de atravessar os túneis o mais rapidamente possível.

Tinham entrado na Faixa do mesmo modo, horas antes, deslizando como toupeiras pelos túneis que as Brigadas Ezzedine al-Qassam tinham vindo a construir de há muitos anos àquela parte. Udo Jürkens sugerira que adormecessem a Dra. Martínez para poupá-la à sensação de asfixia de uma passagem de

oitenta centímetros de altura e um pouco mais de um metro de largura. Seria colocada numa padiola, que por sua vez seria puxada por um motor que encontrava do lado egípcio.

A travessia de cerca de dois quilómetros, debaixo de terra, durou quase três horas. A padiola de Matilde atolava-se nas sinuosidades do túnel e atrasava o avanço. Jürkens, o mais robusto e pesado, emergiu no Egito agitado e pálido, dissimulado pela máscara de pó e suor. Inclinou-se sobre as pernas, apoiou as mãos nas coxas e inspirou profundamente até que os pulmões começaram a funcionar normalmente. Controlou a ansiedade para correr para junto de Ágata, que estava a ser carregada para a parte traseira de uma carrinha; continuava a dormir.

O pagamento a troco de Matilde – duzentos e cinquenta mil dólares e vinte caixas de AK-47, munições e granadas de mão – realizou-se numa pista clandestina no sul da península do Sinai, perto da cidade de El-Tor. Fauza Dahlan pediu a Rauf al-Abiyia que identificasse a rapariga, que continuava adormecida devido a outra dose de sonífero que lhe tinham injetado durante a viagem de trezentos e cinquenta quilómetros na carrinha.

– Sim, é ela – afirmou, num tom entristecido. – Não mudou com o passar dos anos.

– Ponham-na na avioneta! – ordenou Dahlan. – Vamos partir já.

– Só partirão depois de acabarmos de contar o dinheiro e de comprovar que não é falso – assinalou Anuar al-Muzara.

Enquanto o seu braço-direito, Abdel Qader Salameh, se ocupava em contar os dólares e em arrumar as armas na carrinha, Al-Muzara aproximou-se de Fauzi Dahlan e perguntou-lhe:

– Quando pensam entrar em contacto com o Al-Saud?

– Já entrámos – foi a resposta de Dahlan.

– Como? Antes de terem a mulher dele?

– Isso é um assunto nosso – manifestou o iraquiano, agitando a mão para acentuar que não iria falar sobre aquele assunto. – Terminem rapidamente – ordenou, tanto para os seus homens como para Salameh, que verificava se as notas eram verdadeiras com um aparelho. – Temos que ir embora imediatamente. – Voltou-se para Al-Muzara e interrogou-o: – Como correram as coisas em Gaza?

– Foi um bom trabalho – respondeu o terrorista palestiano, e sorriu ao recordar o instante em que descarregara a CZ75 no peito do irmão. – Ninguém ficou vivo.

A avioneta levantou voo, e Jürkens acabou com o seu comportamento circunspecto; libertou a sua ansiedade e curiosidade perguntando:

– O que querias dizer quando disseste que estávamos em contacto com o Al-Saud?

– Aconteceu uma coisa durante a tua ausência, Udo. Um golpe de sorte inesperado que nos vai facilitar tudo.

– Conta-me, Fauzi. Do que se trata?

– Há pouco mais de uma semana, capturámos o Al-Saud. Está na Base Zero.

– O quê?

– Não sabemos como, porque não conseguimos que dissesse o que quer que seja mesmo sob tortura,

mas o Al-Saud estava infiltrado e trabalhava como segurança do Qusay Hussein. Descobrimo-lo.

– Mataram-no?

– Claro que não! Já te disse que está na Base Zero. Será ele o piloto que invadirá o espaço aéreo israelita. Segundo o formador que contratámos em França, é o único que tem a hipótese de o fazer com êxito. Com a sua mulher como refém, não poderá recusar.

– E o Professor Wright sabe que têm o Al-Saud e que o vão utilizar como piloto?

– Não. Nem sequer sabe que o Al-Saud está na Base Zero. Por que perguntas?

– Por curiosidade – mentiu Jürkens. – Que vão fazer com a rapariga? Fauzi, tu prometeste-me que, quando tudo terminasse, a rapariga seria para mim.

– E será, Udo. Pensas que o Al-Saud sairá com vida de uma missão como esta? Não terás de a disputar com ninguém.

Tornava-se impossível medir o passar do tempo naquela cela sem janelas; no entanto, Eliah al-Saud esforçava-se por calculá-lo. Tinham descoberto que ele não era Kadar Daud – como o tinham conseguido continuava a ser um mistério – na segunda-feira, 15 de fevereiro; tinham-no apanhado e o seu fiel motorista, Medes, suicidara-se no mesmo dia. A 16 fora torturado, e, quando se encontrava prestes a falar para pôr fim ao sofrimento, os carrascos de Hussein pararam as suas tarefas macabras e deram-lhe água, a qual Al-Saud bebeu sofregamente, desejando que fosse veneno e que o aniquilasse rapidamente. Recordava-se pouco dos acontecimentos posteriores. Tinham-no enfiado num automóvel, onde perdia a consciência de forma intermitente. Acordou numa cama de hospital e aí perdeu o rasto do tempo, porque não conseguia que o médico nem a enfermeira lho dissessem; sob o efeito dos sedativos, não conseguia perceber quantos dias estivera internado. O pessoal limitava-se a perguntar-lhe pelo seu estado de saúde e a controlar o soro e as funções vitais.

Durante os primeiros momentos no hospital, Al-Saud, estático como um animal apanhado numa armadilha e sustendo a respiração, moveu os olhos para verificar as imediações, o que bastou para lhe provocar uma dor de cabeça. Fechou os olhos e obrigou-se a iniciar um exercício respiratório. Sabia que estava num hospital e nem se preocupou em descobrir porquê. Acalmou-se ao constatar que conseguia mexer os quatro membros, embora fosse demorar bastante até recuperar a agilidade. Observou as ligaduras que lhe cobriam os dedos sem unhas e, ao levantar o lençol, viu outras que protegiam as queimaduras infligidas no seu tronco pelas descargas elétricas. Estava nu. Deslizou a mão até tocar no pénis e nos testículos, os quais tinham sido maltratados com o cassetete elétrico. Queria eliminar as memórias nascidas na mesa de mármore nas mãos dos torturadores. Sentia-se indigno e sujo. Censurava-se por se ter rendido na prisão. Culpava-se pela sua estupidez e fraqueza. Deveria ter enfrentado os cinco guardas. Obrigou-se a soltar o fôlego e a respirar normalmente. «Matilde, Matilde», repetiu várias vezes, e viu-a rindo no quarto do hotel Rei David, enquanto ele a segurava no seu colo e lhe fazia cócegas.

Como o quarto do hospital não tinha janelas, não sabia se o sol se punha ou se nascia. Passava as

horas em silêncio, lutando com as memórias, tentando destruir as mais sinistras com imagens da sua mulher. Pensava também em Kolia e tornava sua as fantasias de Matilde; dava-lhe paz. Pouco a pouco, perdoava-se por se ter entregado em vez de ter lutado. Não teria sobrevivido: nem ele, nem a idosa, nem Medes. Eram cinco profissionais bem armados e bem treinados. Teria talvez mandado três para o inferno, mas os outros dois tê-lo-iam liquidado com toda a certeza. Uma pergunta recorrente martirizava-o: quem o traíra? Só se lembrava de um nome: Ariel Bergman. Também se perguntava o que fazia num hospital, onde o alimentavam e o tratavam bem. Porque teriam parado com as torturas? Acreditava que não lhes dissera quem era, o que o tranquilizava. Enquanto lhe açoitavam as plantas dos pés até que a pele se soltar em tiras, ou lhe arrancavam as unhas e lhe exigiam uma confissão, a certeza de que as vidas de Matilde e de Kolia estariam em perigo conferira-lhe uma força sobrenatural para continuar a aguentar a prova de fogo. Jamais lhes diria quem era, mesmo que tivesse de passar de novo pela mesa de mármore, se bem que, por um instante, estivera a ponto de desistir.

Um dia, a enfermeira apareceu com roupa e, no mesmo silêncio com o qual o tinha tratado, alimentado, lavado e barbeado, ajudou-o a vestir-se.

– Virão buscá-lo – foi a única coisa que disse antes de sair do quarto e o fechar à chave.

Al-Saud ficou junto à cama, analisando as possibilidades. Caminhou com dificuldade, franzindo profundamente o sobrolho de cada vez que apoiava as plantas dos pés no chão. Entrou na casa de banho, um recinto pequeno e hermético como o quarto. Olhou-se ao espelho e coçou o bigode e a barba com os dedos ligados. Sorriu ao pensar que Matilde teria gostado: imaginou-a a rir-se porque os pelos lhe faziam cócegas na barriga. Apoiou-se na borda do lavatório e inclinou a cabeça.

– Quero voltar a ver-te – disse em voz alta.

Embora tivesse lutado para afogar os medos, atormentava-o saber que ela estava em Gaza, à mercê do exército israelita e dos terroristas do Hamas. Às vezes, preso num pesadelo, recriava a cena transmitida ao vivo pelo canal Al-Jazeera, e sentia uma opressão no peito quando uma bala atingia Matilde nas costas; o sangue manchava a sua bata branca até cobrir cada centímetro quadrado de vermelho e fazer desaparecer o logótipo da Mãos Que Curam; as mãos em forma de pomba acabavam por desaparecer e ele acordava com um grito.

Deu um murro na parede de azulejos e soltou uma asneira, um pouco devido à dor que se autoinfligira, mas, principalmente, por raiva. «Porque te expões? Porque não pensas em mim primeiro?» Aquelas perguntas, por muito que as tentasse silenciar, não o abandonavam.

Saiu da casa de banho ao ouvir o ranger da porta. No quarto deu de caras com Qusay Hussein. O seu antigo companheiro, Abdel Hadi Bakr, que o escoltava, deslizou a mão por baixo do casaco numa atitude inequívoca. Al-Saud ignorou-o e fixou o olhar no filho de Saddam Hussein. Não encontrou vestígios de rancor ou de irritação. Qusay observava-o com uma expressão neutra à qual Eliah se habituara durante as semanas que estivera ao seu serviço.

– Sabemos que o teu nome é Eliah al-Saud.

Custou-lhe disfarçar o espanto. A sua mente começou a trabalhar de forma frenética. Teria dito a

verdade e não se lembrava? Ter-lhe-iam injetado o chamado «soro da verdade» – pentotal ou amital sódico –, e ele, a meio do delírio de sofrimento e de terror, teria falado?

– Não sei do que está a falar.

Hussein riu sem fingimentos.

– Devo dizer que és digno de admiração, Al-Saud. Depois de tudo o que passaste nas mãos dos melhores carrascos da Amn-al-Amm, pensei que te encontraria mais mole. Não direi que esperava que me suplicassem por misericórdia, mas pensei que iria encontrar-te mais dócil e disposto a colaborar. – No silêncio que se seguiu, Qusay Hussein recuperou a seriedade inicial. – Tal como um soldado da As-Saiqa nos assegurou que tu não eras Kadar Daud, e as nossas investigações o confirmaram, houve ainda outra pessoa que nos revelou o teu nome. Essa pessoa chama-se Donatien Chuquet, um dos teus instrutores de voo nas Forças Aéreas francesas, *L'Armée de l'Air*, não é? Pronunciei bem?

– Que dia é hoje? – perguntou Al-Saud, com indiferença, ainda que se tornasse difícil manter a máscara quando os seus inimigos sabiam tudo dele. «Donatien Chuquet», repetiu para si. «Maldito filho da puta.»

Qusay Hussein esboçou um sorriso manhoso, que escondia a amargura que sentia por ter perdido um homem tão valioso. Baseando-se nas informações fornecidas nos últimos dias pelos agentes da *Mukhabarat* sobre Eliah al-Saud, concluiu que se tratava de um soldado excecional. A verdade é que não fora nada fácil encontrar a informação: pouco havia para lá de um artigo publicado no ano anterior na revista *Paris Match*, que definia Al-Saud como o rei dos mercenários, e um outro, de há poucas semanas, no qual a revista se retratava. Os agentes iraquianos tinham tido um bom desempenho ao utilizar os seus espiões nos serviços secretos jordanos e sauditas para obter as informações que lhes permitiram traçar a personalidade de Al-Saud. «Era um dos melhores pilotos de França, *sayidi* Qusay», relatara-lhe o agente. «Combateu durante a Guerra do Golfo, sobrevoando e atacando o território iraquiano do princípio ao fim», afirmação que coincidia com o que lhe afirmara Donatien Chuquet: era um piloto exímio.

Ainda achava estranho o modo como os acontecimentos se tinham desenrolado. Na terça-feira anterior, 16 de fevereiro, Uday chamara-o ao palácio Al-Faw, alterado e titubeante, comportamento habitual quando estava muito drogado, razão pela qual não lhe prestou atenção até que o irmão lhe disse que ordenara a suspensão da tortura de Kadar Daud. Meia hora depois, Uday e o amigo francês, Donatien Chuquet, irrompiam pelo seu escritório e punham-no ao corrente da verdadeira identidade do segurança. Uday estava eufórico porque, segundo explicou, havia meses que procuravam Eliah al-Saud para o obrigar a pilotar o avião que invadiria Israel.

– E durante todo este tempo esteve debaixo dos nossos olhos! – exclamou, dando uma gargalhada.

Por outro lado, Qusay estava ao corrente da missão que Fauzi Dahlan encomendara a Anuar al-Muzara: sequestrar a mulher de um tal Eliah al-Saud, que conhecia o esconderijo de Abu Jihad. No início, achou incrível que a mulher de Al-Saud fosse também a filha do traficante de armas. Depois deduziu que, no triângulo que compunham Abu Jihad, a sua filha e Eliah al-Saud, se encontrava a

explicação para o facto de Al-Saud ter salvado e escondido o traficante.

Perante tantas coincidências, um fundamentalista islâmico teria afirmado que Alá lhe estava a mostrar o seu contentamento. Qusay, pelo contrário, mantinha a cabeça fria e aproveitava o que o destino lhe colocava nas mãos: o homem que realizaria com êxito a missão e que os guiaria até ao traidor de Abu Jihad, e o meio para o obrigar – a sua mulher.

Na mesma terça-feira, 16 de fevereiro, ordenou que conduzissem Kadar Daud, ou dizendo melhor, Eliah al-Saud, ao Ibn Sina. Uma semana depois, Qusay Hussein recebeu duas boas notícias: o médico a cargo da saúde do «amigo» da família Hussein assegurou-lhe que o paciente estava pronto para ter alta; Fauzi Dahlan telefonou-lhe e, numa linguagem codificada, confirmou que tinha a rapariga. Com aquelas duas informações, Qusay decidiu transferir Eliah al-Saud para o coração dos serviços secretos iraquianos.

Chegara o momento. Face ao olhar imperturbável do seu antigo segurança, Qusay perguntava-se se aquele homem conhecia o medo.

– Hoje é terça-feira, 23 de fevereiro – respondeu, num tom suave e tranquilo.

– *Shukran, sayid Qusay.*

– Não vale a pena negares a tua identidade, Al-Saud – disse, sem alterar o tom de voz. – Não falaremos agora mas sim mais tarde, quando chegarmos ao teu destino.

Qusay saiu do quarto seguido de Abdel Hadi Bakr e, antes que a porta se fechasse, quatro homens, tão altos como Eliah e mais robustos, entraram. O seu instinto apelava-lhe a dar luta; a razão aconselhou-o a esperar pois, ferido e magoado como estava, aqueles quatro titãs dominá-lo-iam sem esforço. Como não opôs resistência, trataram-no com consideração ao atar-lhe os pés e as mãos. Transportaram-no numa cadeira de rodas até ao elevador, o qual ativaram com uma chave, que parou no terraço do hospital, onde um helicóptero os esperava.

Esteve amarrado durante as quase quatro horas de viagem, o que fez com que as suas mãos sem unhas e os pés com as plantas ainda feridas lhe latejassem insuportavelmente. Queria chegar fosse onde fosse que o levavam, mesmo que se tratasse de um destino mortal.

O helicóptero aterrou de noite. Al-Saud ficou desorientado ao sair, porque pensava que seria num espaço aberto e não naquele recinto que parecia um parque de estacionamento subterrâneo. Olhou para o teto e percebeu que aquele se deslizava para abrir; estavam portanto debaixo de terra. Durante a Guerra do Golfo e durante o seu treino na herdade no sul de Inglaterra, tinham-lhe falado nas bases secretas de Saddam Hussein, camufladas na paisagem ou até subterrâneas.

Sentaram-no num veículo semelhante aos utilizados nos campos de golfe para se deslocar, e levaram-no por corredores lúgubres e sórdidos, construídos em betão pintado de um cinzento esverdeado, e mal iluminados. De vez em quando travavam, e um dos homens esticava-se para fazer deslizar um cartão magnético nos portões de ferro que lhes impediam a passagem. Instalaram-no num quarto de boas dimensões, embora tão tétrico como tudo divisara até àquele momento. Desataram-lhe as mãos e os pés e saíram.

Al-Saud utilizou o urinol num dos extremos do quarto e tirou as ligaduras dos dedos para lavar as mãos num pequeno lavatório. Tal como no hospital, aquele compartimento era um cubo sem janelas, arejado através de pequenos orifícios localizados nas paredes, perto do teto e cobertos com grades. Sentou-se na cama, tirou os sapatos e massajou os pés ligados. Encostou-se e soltou um suspiro. Cobriu o rosto com o antebraço e, enquanto cogitava acerca do seu destino, adormeceu.

Amanhecia. Matilde pensou que teria apreciado o nascer do sol atrás das montanhas azuladas com neve nos cumes, se o pânico não a tivesse consumido. Olhou de soslaio Udo Jürkens, sentado junto a ela na cabina do helicóptero, e pensou que era paradoxal que o homem que durante os últimos meses fora um pesadelo se convertesse no seu atual protetor. Já não a incomodava a sua voz inumana nem a intimidava o seu tamanho de urso pardo. Ocupara-se pessoalmente do seu bem-estar e da sua segurança, tinha-lhe até secado as lágrimas – ela não o podia fazer porque tinha as mãos atadas – e, quando lhe perguntou porque a tinham raptado, consolou-a, assegurando-lhe que a tiraria ilesa daquela confusão.

O helicóptero estremeceu quando os patins de aterragem tocaram terra firme. A luz débil do amanhecer desapareceu pouco a pouco, como se tivessem corrido uma cortina e deixado o espaço na penumbra. O estrondo da hélice silenciou-se e os sons – a voz imperiosa do tal Fauzi, o ruído das portas da cabina a abrir-se e o zumbido de um motor que se aproximava – ressoavam contra as paredes e propagavam-se, amortecidos.

Udo Jürkens ajudou-a a descer. Matilde olhou em volta. Tratava-se de um espaço muito amplo, que lhe recordava os parques de estacionamento dos centros comerciais. Não se via um único raio de luz natural e o ar estava viciado pelos gases do helicóptero. Outro helicóptero semelhante estava estacionado a poucos metros. Jürkens ajudou-a a subir para um pequeno veículo branco, que lhe recordou a sua infância, quando Aldo a levava ao campo de golfe de Ascochinga e se deslocavam no que o pai chamava um *buggy*.

– Vamos, Ágata – sussurrou Jürkens. – Entra. – Ajudou-a a instalar-se no banco porque, com as mãos atadas, tinha dificuldade.

Não se atrevia a perguntar onde estavam. O lugar, sombrio e sórdido, falava por si próprio. Tinha medo de morrer. Inclinou a cabeça e sacudiu-a para afugentar a ideia. Não morreria, ainda tinha muita vida para partilhar com Eliah, Kolia e Jérôme. «Eliah», soluçou, «preciso de ti».

Os quatro titãs ataram-lhe as mãos nas costas antes de o tirar da cela. Al-Saud supunha que era a manhã de quarta-feira, 24 de fevereiro. Acordado na cama daquele quarto subterrâneo e, pouco depois, um guarda, com um fuzil de assalto cruzado no peito, trouxera-lhe uma bandeja de latão com uma chávena de café açucarado, compota de maçã e um iogurte. Esperou que Al-Saud acabasse de comer para levar a bandeja e a louça. Mais tarde, os homens de Hussein entraram, amarraram-no e obrigaram-no a subir a um *buggy* para o transportar através de passagens compridas e mal iluminadas até uma sala mobilada com uma grande mesa oval e várias cadeiras, menos sombria porque as paredes estavam

forradas com painéis de madeira clara e o chão coberto por um tapete em tons bege. Desataram-lhe as mãos e indicaram-lhe que se sentasse. Entretanto, entraram Qusay Hussein, seguido de Abdel Hadi Bakr, o seu irmão Uday e três dos seus guardas.

– Com que então tu és o *golden boy* da aviação – disse Uday, com um sorriso forçado. – Falaram-me muito em ti, Al-Saud.

– Uday, por favor – interveio Qusay. – Eu trato deste assunto.

O primogénito de Hussein lançou um olhar furibundo ao irmão e sentou-se em frente a Eliah com um bufido. Al-Saud fixou-o nos olhos até que, com um gesto de desagrado, virou o rosto para enfrentar o seu antigo chefe.

– Al-Saud, vais prestar-nos um serviço. Se saíres com vida serás livre.

Al-Saud, com as mãos unidas e apoiadas sobre a mesa, riu em silêncio.

– Por que te ris, imbecil? – enervou-se Uday.

– Não podes recusar – interpôs Qusay. – Estás nas nossas mãos. E quem quer que seja que te mandou espiar-nos, abandonou-te. Não sabem onde estás. Lembra-te que retirámos o transmissor que tinhas na perna.

– Lembro-me bem. – A voz grave e cavernosa de Al-Saud suspendeu-se no silêncio e perturbou todos os outros, que se mexeram nos seus lugares e cruzaram olhares nervosos.

– Não me perguntas qual o serviço que queremos pedir-te? – estranhou Qusay, e Al-Saud respondeu-lhe com uma sacudidela de ombros. – Temos conhecimento da tua habilidade para pilotar aviões de guerra. O teu instrutor de voo, Dominique Chuquet, afirma que és um dos melhores. Disse que serás capaz de violar o espaço aéreo israelita e lançar uma bomba sobre Telavive sem que os mísseis sionistas te abatam.

Al-Saud apertou ligeiramente os dedos entrelaçados e fixou um ponto da mesa. Qusay Hussein acabava de lhe dar uma pista. Estavam, sem dúvida, na Base Zero e, logicamente, a bomba que Qusay pretendia que ele lançasse sobre a cidade israelita era atómica.

– Coordenarás com Chuquet os pormenores da missão, que deverá realizar-se antes do fim do mês. – Al-Saud levantou a cara e deteve o olhar em Qusay. – Vejo que continuas recalcitrante na tua atitude, Al-Saud. Também quero que nos digas onde escondeste o teu futuro sogro, Mohamed Abu Jihad. – Qusay riu, satisfeito, quando vislumbrou um indício de reação nos olhos verdes de Al-Saud, que resplandeceram com um brilho assassino. – Persistes no teu silêncio, não é? Creio que esta imagem te vai dissuadir. – Qusay pegou no comando que estava em cima da mesa, apontou-o à parede e premiu um botão. O painel de madeira deslizou e apareceu um ecrã enorme, que se ligou de imediato.

Al-Saud levantou-se e o estrondo que provocou a cadeira ao cair não abafou as gargalhadas de Uday. Matilde estava sentada sobre uma cama, semelhante à da sua cela, com as mãos unidas sobre as pernas. Olhava em volta com um ar assustado. Al-Saud queria rugir e destruir tudo o que estivesse ao seu alcance. Obrigou-se a manter a calma para analisar as hipóteses.

– Como podes ver, Al-Saud, temos a tua mulher, a doutora Martínez.

– Não é ela – declarou Eliah.

– Abdel Hadi – Qusay falou com o seu guarda-costas sem tirar os olhos de Al-Saud, que fixava o ecrã –, vai à cela da doutora Martínez e obriga-a a aproximar-se da câmara para que o nosso amigo tenha a certeza que se trata dela. E, antes de te vires embora, bate-lhe.

– Não! – Al-Saud tentou lançar-se sobre Abdel Hadi; os guardas de Uday imobilizaram-no. – Não faças isso! Está bem, é ela! Sim, é ela!

– Bom – disse Qusay. – Vejo que estás a começar a ser razoável. – Com um gesto, indicou aos homens que o libertassem. – Como vês, Al-Saud, terás que nos fazer a vontade se queres voltar a ver a tua mulher com vida.

– Farei o que me pedem, mas antes terão que a libertar. Não mexo um dedo enquanto ela estiver nas vossas mãos.

– Al-Saud – disse Qusay, com um tom condescendente e um falso sorriso –, quando perceberás que somos nós quem dá ordens? A rapariga ficará aqui até que cumpras a missão que te encomendámos. Não tenhas receio por ela: é uma mulher valente. Mostrou-o ao mundo quando se lançou para salvar aquele pobre menino palestino.

– É bonita – disse Uday, e parou em frente ao ecrã; esticou o indicador e acariciou o rosto de Matilde. – Muito bonita. Nunca tinha visto um cabelo louro tão comprido e chamativo.

Al-Saud voou sobre a mesa e atirou-se sobre Uday, que emitiu um queixume quando o seu rosto se esmagou contra o ecrã. Os guardas reagiram quando Al-Saud já agarrava pelo pescoço, por trás, o primogénito do amo Saddam e lhe apontava a sua própria *Walther PPK*. Uday tentou libertar-se e proferiu um uivo de dor quando Al-Saud lhe aplicou uma joelhada na base da coluna.

– Não se mexam! – ordenou Qusay aos guarda-costas do seu irmão. – Al-Saud, solta-o.

– Ouve-me bem, Qusay. Se este depravado psicopata põe um dedo na minha mulher vai tudo para o caralho. Quero-a fora deste buraco. Agora!

– Assim que cumprires a tua missão, ela será posta em liberdade. Por enquanto, e como garantia, ficará aqui.

– Quero-a fora daqui, agora!

– Al-Saud, dou-te a minha palavra que ninguém tocará na tua mulher. Agora, por favor, solta o meu irmão. Não faz sentido o que estás a fazer. Nunca conseguirás encontrar a saída e muito menos a cela onde temos a tua mulher.

Não tinha saída; estava encurralado como um rato num labirinto. Empurrou Uday, que caiu de bruços sobre a mesa. O iraquiano levantou-se rapidamente, disposto a atirar-se sobre quem o tinha humilhado como ninguém se tinha atrevido nos seus trinta e quatro anos de vida. Deteve-se perante uma ordem do irmão. Al-Saud segurou a *Walther PPK* pelo cano e entregou-a a um guarda-costas, o qual, com algum receio, se aproximou para a receber.

– O professor Wright não tem passado bem ultimamente – comentou um dos engenheiros iraquianos

que trabalhava sob as ordens de Gérard Moses.

Udo Jürkens concordou, com um aspeto sombrio, e atravessou a sala onde os cientistas e os engenheiros se afadigavam nos planos de desenho das bombas. Deteve-se à porta do escritório do seu chefe, com a cabeça meio baralhada. Não se atrevia a enfrentá-lo. Refletiu se seria conveniente ocultar-lhe o facto de Eliah al-Saud estar prisioneiro na Base Zero. Ainda não conseguira assimilar a notícia: um golpe de sorte enviara-o direitinho para as mãos dos Hussein, que planeavam utilizá-lo não somente para apanhar Abu Jihad, mas também para lançar a bomba sobre o território israelita. A garantia dos iraquianos era a ameaça de morte que pendia sobre a sua mulher. «Ágata», pensou. Queria acabar rapidamente a conversa com Gérard Moses para regressar para junto dela. Temia pela sua segurança. Fauzi Dahlan contara-lhe que Uday estava na Base Zero, e Udo não confiava naquele louco. Tocou à porta e, assim que ouviu a voz de Moses, soube que não se sentia bem.

– Chefe, bom-dia – saudou, disfarçando a impressão que lhe causou o aspeto envelhecido e enfraquecido de Moses com um sorriso.

– Udo, como está Paris?

As suas faculdades tinham-se deteriorado ainda mais nas últimas semanas. Depois do último ataque de porfíria, a sua mente traía-o. Com sorte talvez não se recordasse do amigo de infância. Jürkens temia pela vida de Moses; se os Hussein desconfiassem que um demente estava à frente do seu projeto mais ambicioso, acabavam com ele.

– Chefe, não venho de Paris. Já comeu? Não lhe faz bem ficar sem comer – recordou-lhe, enquanto servia café e abria um pacote de bolachas doces. Moses, com ar impaciente, sacudiu a mão e recusou. – Chefe, coma – insistiu Jürkens. – Tenho uma notícia importante para lhe dar.

– Ganhámos o campeonato mundial?

– Não, nada disso. É uma notícia verdadeiramente importante. Prometa-me que não se vai alterar nem perder o controlo.

– Não sejas impertinente, Udo! – Moses levantou-se. – Dá-me a notícia e guarda as tuas opiniões para ti, não preciso delas.

– Eliah al-Saud está aqui na Base Zero. – Devido à expressão estólida do seu estranho rosto, Jürkens esperou que Moses dissesse alguma incoerência. – O seu amigo, Eliah al-Saud, é prisioneiro na Base Zero.

– Sei muito bem quem é Eliah al-Saud!

– Desculpe, chefe. Baixe a voz, por favor. Avisaram-me para não partilhar esta informação com ninguém. Mas a si não lho podia ocultar.

– Fizeste muito bem, Udo – disse Gérard. – Onde o têm?

– Na ala onde estão os pilotos.

– Por que o aprisionaram?

O tom desgarrado e frio de Moses não enganava Jürkens. A pele grossa e sulcada de cicatrizes da sua cara adquirira um tom cinzento, que acentuava a peculiaridade das suas feições.

– Querem que pilote o avião que invadirá o espaço aéreo israelita e que lance a bomba sobre Telavive.

– Oh, não! Será morte certa!

– Chefe, não se enerve. Vai ter palpitações.

– Nunca conseguirão convencê-lo! Preferirá morrer antes de aceitar as ordens de Saddam Hussein.

– Têm como obrigá-lo – resmungou Jürkens, que se debatia entre falar ou calar.

– O que queres dizer com isso?

– Os Hussein capturaram a mulher de Al-Saud, a doutora Martínez. Estão a fazer chantagem.

– Essa rapariga não é a mulher de Al-Saud! O Eliah acabou com ela!

– Seja como for, chefe, os Hussein têm-na e Al-Saud não permitirá que a magoem, mesmo que tenham terminado.

– E o Eliah vai morrer por aquela mosquinha morta? Nunca!

Capítulo 15

La Diana entrou na casa de banho do quarto de hotel em Ramallah e olhou-se ao espelho. O seu rosto refletia o tormento da sua alma, tal como o seu corpo, cheio de contracturas das que não se resolviam com os exercícios físicos habituais. Não pregava olho havia três dias, desde o sequestro de Matilde e da morte de Sergei Markov. Às vezes perguntava-se de onde lhe vinha a força para continuar. Agia como um autómato. Estava satisfeita pelo facto de os sócios da Mercure se terem encarregado das questões legais relacionadas com a transladação do corpo de Markov para a Rússia; não teria sabido como proceder. Ainda não se atrevia a enfrentar a realidade, a encarar que o perdera. Evitava reviver a noite de segunda-feira, quando o infortúnio lhe batera novamente à porta para lhe arruinar a vida. A culpa sufocava-a. Porque se fora embora? Porque tinha ela abandonado o seu companheiro? Porque é que lhe mentira? «Ouviste o que eu te disse antes de partires, Sergei? Que te amava?» Às vezes enfurecia-se e censurava-o por, apesar do seu treino como soldado da Spetsnaz GRU, lhes ter permitido que o assassinassem.

Um clarão brilhou no espelho e atraiu a sua atenção. A Medalha Milagrosa descansava sobre a pele nua do seu decote. Contemplou-a com um olhar impassível até que, com a mesma impassibilidade, a arrancou do pescoço, a atirou para a sanita e puxou o autoclismo. O fio e a medalha giraram num redemoinho de água até desaparecerem. La Diana manteve o olhar fixo na sanita até que os seus contornos se desvaneceram. Uma lágrima grossa, que caiu na água, produziu um som ínfimo no silêncio. Outra seguiu-a, e mais outra, até que o pranto encheu o seu peito e a sua boca e explodiu no confinado espaço. Deixou-se cair no chão e agarrou-se à sanita. Descansou a testa no antebraço e abandonou-se ao choro. Despiu o fato de mulher poderosa para ficar nua em frente à dor, ao ódio e à frustração que a envenenavam havia já tantos anos e aos que tanto temia. Sentiu pena de si. Gritou o nome de Sergei. Na realidade, estava a chamá-lo porque queria que voltasse para ela, com a obstinação de uma criança que quer recuperar um brinquedo. Não se resignava à sua ausência, era injusto. Lembrou-se da tarde em que caminhavam pelos corredores do Carrefour, no dia em que compraram a cafeteira, e o pranto renasceu. Construíra castelos no ar, julgando que, se Sergei estivesse com ela, superaria o trauma nascido no campo de concentração de Rogatica. Sanny e Sergei tinham razão: a única forma de acabar com a dor era através da vingança. Se tivesse aceitado aquela verdade em vez de se armar em santa, talvez Markov não tivesse morrido, porque ela não se teria afastado da casa do *Silencioso*. Juntos, teriam acabado com os raptos de Matilde e impedido um massacre.

Lavou a cara, secou-a com brusquidão e abandonou a casa de banho sem se voltar a olhar ao espelho. Atirou-se para cima da cama enquanto esperava o irmão para irem jantar. Ligou a televisão. A maioria dos canais cobria a notícia do momento: o assassinato do prémio Nobel da Literatura de 1997 e

o sequestro da cirurgiã pediátrica da Mãos Que Curam, conhecida pela sua intervenção para salvar a vida de um menino palestino apanhado entre dois fogos. Netanyahu aproveitava do momento para ganhar a simpatia da comunidade internacional depois dos excessos da operação «Fúria Divina». Os Estados Unidos condenavam o Hamas e o seu braço armado, as Brigadas Ezzedine al-Qassam, que guardavam silêncio.

– Onde estás Eliah? – sussurrou La Diana. Queria voltar a vê-lo com a mesma ansiedade que lhe provocava ter de o enfrentar. Que justificação interporia pela sua deserção? Matilde caíra nas mãos dos terroristas do Hamas, e o *Silencioso* e Markov estavam mortos por sua culpa.

Bateram à porta. La Diana supôs que seria Sanny, que a vinha buscar para jantar.

– Quem é?

– Abre, Diana. É Peter Ramsay.

A maior parte da direção da Mercure estava na Palestina desde o desaparecimento de Matilde; até Alamán Al-Saud tinha viajado ao tomar conhecimento do que acontecera. Abriu a porta e afastou-se para dar passagem a Ramsay, ao seu irmão Sándor e a um homem alto, de cabelos brancos e de olhos de um azul-celeste penetrante, cuja aparência robusta era realçada pelo corte impecável do seu fato cinzento-escuro. Ao passar por ela, lançou-lhe um olhar profundo, como um gume certo, que a perturbou. Fechou a porta e manteve-se à distância dos homens. O homem de olhar incisivo contemplou-a sem pudor.

– Diana, este é o general Raemmers.

– Boa-noite, Diana – disse o dinamarquês. – Falamos há pouco tempo, lembra-se?

Há três noites, no meio do caos e não sabendo o que fazer, La Diana recordara-se do número de telefone que Al-Saud os obrigara a memorizar antes de partir para Mato Grosso, e que deveriam utilizar em situações críticas. Depois de acompanhar o corpo sem vida de Markov na ambulância e enquanto esperava na receção do Al-Shifa, marcou-o. Uma voz sonolenta limitou-se a dizer: «Fale», ao que ela respondeu em inglês: «Cavalo de Fogo».

– O seu nome – exigiu a voz, de repente alerta.

– Diana, funcionária da Mercure. Preciso falar com Cavalo de Fogo. A situação é de grande urgência.

– Diana – dissera Raemmers, enquanto se levantava da cama, acendia a luz e conseguia um lápis e papel –, dê-me as suas coordenadas. – A jovem consultou o relógio com bússola eletrónica e deu-lhas. – Qual é a situação?

– Não estou a utilizar uma linha segura.

– Fale na mesma.

– A mulher do Cavalo de Fogo foi sequestrada.

O instinto e a experiência sussurraram ao general dinamarquês que o sequestro da Dra. Martínez se relacionava com o desaparecimento de Al-Saud no Iraque. Havia alguns dias que os sinais dos transmissores, tanto de Eliah como de Medes, se tinham desligado, que as caixas de mensagens estavam

vazias e que o rádio estava silencioso. Em *L'Agence* ninguém duvidava que tinham sido descobertos. Provavelmente, estariam já mortos como acontecera à idosa, dona da pensão, que agentes da CIA tinham encontrado degolada na sala de sua casa.

– Vamos tratar disso – declarou Raemmers, desligando em seguida.

La Diana não voltara a ter notícias do homem misterioso, que agora se encontrava à sua frente. Sustentou o seu olhar, sem nenhum desejo de se mostrar desafiante ou impertinente, somente atraída pelo magnetismo dos seus olhos e do seu corpo, que exalava um perfume intenso com essências de especiarias. Moveu a cabeça com altivez e dirigiu-se a Ramsay.

– Que sabem do Eliah?

– Diana – interveio o general – é melhor que nos sentemos. Temos de falar. Podemos? – perguntou, e girou o indicador no ar para assinalar se não haveria escutas no quarto.

– Limpo, general – assegurou Ramsay. – Eu próprio tratei de o varrer.

– Bom. Sentemo-nos. Diana, não tenho boas notícias. Eliah desapareceu. Perdemos o contacto com ele há vários dias. – Considerando o vínculo que a unia a Al-Saud, agradou-lhe que a jovem não desatasse a chorar; nem sequer alterara a sua expressão. – Pensamos que o seu desaparecimento está relacionado com o sequestro da sua mulher.

– Enviaram alguém para o ir procurar em Mato Grosso?

– O Eliah não estava em Mato Grosso – corrigiu-a Ramsay.

– E onde estava, então?

– Até há dez dias – explicou Raemmers –, em Bagdade.

– Perderam o contacto com ele há dez dias?

– Sim – admitiu o general.

– Que pode ter-lhe acontecido?

– O mais provável – admitiu o dinamarquês – é que tenham descoberto que estava infiltrado e que agora esteja nas mãos de Saddam Hussein.

La Diana levantou-se e caminhou até à janela. Sabia o que significava cair nas mãos do ditador iraquiano: tortura, humilhação e morte. Apertou os olhos, mordeu os lábios e cerrou os punhos no cortinado. Certa de ter controlado o desânimo, voltou para junto dos homens.

– Quero fazer parte do grupo de resgate. Devo-lhe isso. Sequestraram a Matilde por minha culpa.

– Sua culpa? – estranhou Raemmers.

– Abandonei o meu companheiro, Sergei Markov. Quando os comandos assaltaram a casa de Sabir al-Muzara, Markov estava só.

– Provavelmente, também terias morrido – começou Ramsay, e La Diana fuzilou-o com o olhar.

– Ou, mais provavelmente, o Markov ainda estaria vivo – rebateu.

– Diana – intercedeu o general dinamarquês –, vejo que estás disposta a colaborar para ajudar o Eliah.

– Sim, senhor. Quero fazer parte do grupo de resgate.

– Não haverá grupo de resgate, pelo menos por agora. Antes temos de descobrir onde o têm.

Achamos que aqueles que sequestraram a sua mulher nos poderiam dar uma pista.

– Os das Brigadas Ezzedine al-Qassam? Já foi confirmado que foram eles?

– Um dos sobreviventes do massacre, o imã Yusuf Jemusi, reconheceu o próprio Anuar al-Muzara, o chefe das Brigadas.

– Como foi capaz? – espantou-se La Diana. – A casa estava envolvida numa nuvem de fumo branco e, tenho a certeza, os terroristas usavam máscaras.

– Jemusi garante que Al-Muzara tirou a máscara para desferir o golpe de misericórdia no irmão.

O silêncio condensou o impacto das últimas palavras de Raemmers. O ar vibrava, carregado com as energias incontrolláveis dos homens e da mulher.

– O que quer que eu faça?

– Seguimos, há já alguns meses, uma pista muito fiável para encontrar o paradeiro de Anuar al-Muzara. Trata-se de um traficante de drogas e armas sérvio.

Sándor adivinhou, no gesto imutável de La Diana, o efeito da palavra «sérvio» no espírito da sua irmã.

– Qual a relação entre um sérvio e o terrorista palestino mais procurado?

– Ratko Banovic forneceu armas a Al-Muzara em várias ocasiões, recebendo em troca o haxixe que este consegue dos seus contactos no Líbano. É preciso que vocês...

– Vocês?

– O teu irmão e tu. Por serem bósnios e falarem fluentemente o sérvio, cumprem com os requisitos para se infiltrarem na rede de Banovic e entrar em contacto com Al-Muzara.

– Isso levaria meses. Entretanto o Eliah estaria morto.

– Diana, não temos outra alternativa – assegurou Raemmers. – Os nossos agentes estão a tentar encontrar o Eliah em Bagdade, mas até agora não conseguiram nada. O mais provável é que já lá não esteja.

La Diana olhou para o irmão pela primeira vez naquela noite. Sándor percebeu que ela estivera a chorar. Susteve o seu olhar antes de anuir, de modo impercetível.

– Está bem – acedeu ela e, no mesmo instante, jurou a si mesma que não descansaria até se vingar da morte de Markov. Também não deixaria com vida os culpados pelo facto de ela própria ser aquela criatura danificada, incapaz de se entregar ao único homem que amara.

Conduziram-no a uma divisão que lhe pareceu familiar assim que entrou. Anos atrás, aprendera a arte de pilotar aviões de guerra numa sala semelhante, na base de Salon-de-Provence. Sentou-se numa poltrona da primeira fila. No extremo oposto, submergida na obscuridade, apercebeu-se de uma silhueta à qual prestou pouca atenção. Parou para apreciar a tecnologia – os ecrãs para simular exercícios e manobras, os projetores, o mapa interativo – e concluiu que, em matéria pedagógica, o Iraque se encontrava ao nível das potências mundiais.

Donatien Chuquet entrou na sala com uma pasta debaixo do braço e Al-Saud teve uma sensação de *déjà vu*. A altivez do seu antigo instrutor não se alterara; reprimiu o impulso de lhe saltar em cima para lhe arrancar a jugular à dentada.

– Não olhes para mim assim, Cavalo de Fogo – disse Chuquet, sem levantar os olhos, e na sua língua materna. – Se não te tivesse descoberto naquela mesa de tortura, estarias morto.

– *Maudit. Fils de pute* – resmungou Al-Saud, e o instrutor sorriu, enquanto organizava uns papéis em cima da secretária.

– Pelo que sei, já te explicaram porque estás aqui. Apresento-te o *Profeta* – disse em inglês, apontando para a silhueta no extremo da fila. – Vocês concretizarão esta missão. Tu, Cavalo de Fogo, entrarás no espaço aéreo israelita e lançarás uma bomba sobre Telavive-Yafo, enquanto o *Profeta* a lançará sobre Riad. As coordenadas exatas do lançamento são...

Chuquet continuou o discurso por mais alguns minutos, após o que ligou os ecrãs para trabalhar nas manobras e nos planos de ataque. Serviram-lhes um almoço ligeiro na aula e Al-Saud afastou-se para comer isolado. A sua intenção foi gorada quando Chuquet se sentou ao seu lado.

– Preferia comer sozinho.

– Lamento, mas não temos muito tempo e preciso de falar contigo.

Al-Saud virou o rosto, com um movimento lento e deliberado, e cravou o olhar nos olhos risonhos do seu antigo instrutor.

– Se me ajudar a fugir, pago-lhe o dobro do que Hussein lhe ofereceu.

– Se te ajudasse a fugir, não somente não me pagarias um centavo como ainda me matarias.

– Não hei de ser eu quem o matará, mas sim Saddam Hussein. Acha mesmo que o deixarão viver depois de ter cumprido a sua tarefa? Você vai ser uma ponta solta, Chuquet, e o amo Saddam não deixa pontas soltas.

O instrutor fingiu interessar-se pela comida para esconder a preocupação por aquelas palavras, que faziam eco do que uma parte da sua consciência lhe gritava desde o início daquela louca aventura. Convenceu-se de que era demasiado tarde para voltar para trás; não perderia a possibilidade de receber os quatro milhões de dólares por uma oferta vã de Al-Saud. Contava com a amizade de Uday, consolou-se.

– Eu também preferia estar sozinho, Al-Saud, mas tenho que suportar a tua presença, a bem da missão. Ainda que me custe, és o único capaz de pilotar o avião que vai violar o espaço aéreo mais guardado do mundo.

– De que avião estamos a falar?

Chuquet deu uma gargalhada.

– É sobre isso que te vim falar. Tu é que nos vais fornecer os aviões.

– *Quoi!* Você deve ter perdido algum parafuso!

– Sei de fonte segura que tens acesso aos aviões da Real Força Aérea Saudita. O plano é termos um dos *F-15* dos sauditas e o *Su-27* do teu primo, Turki Al-Faisal. Como é óbvio, tu pilotarás o *Sukhoi*.

Matilde encolheu-se num canto ao ouvir o rangido das dobradiças. Aterrorizada, esperou com a respiração contida até que abrissem a porta. Expirou de alívio ao constatar que era Jürkens, que lhe trazia comida. Foi ao seu encontro e, antes de conseguir falar-lhe, parou, alertada pelo semblante e a quase impercetível agitação da cabeça do homem.

Ao inclinar-se para depositar a bandeja sobre a cama, Jürkens sussurrou-lhe em inglês:

– Não posso falar contigo, Ágata. Há câmaras. – Apoiou o indicador no guardanapo, e Matilde assentiu. Lançou-lhe um olhar amoroso antes de se virar e abandonar a cela.

Sentada à beira da cama, Matilde olhou em volta, perguntando-se onde se ocultaria a câmara que a vigiava durante vinte e quatro horas. Como poderia voltar a fazer as suas necessidades sabendo que a espiavam? Tinha os nervos à flor da pele, não dormira e sentia-se angustiada e dorida devido à tensão que o pânico lhe provocava.

Uma mistura de assombro, terror e pena acabou por conseguir quebrá-la. Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. O que fazia naquele lugar? Como chegara ali? A irreabilidade apoderava-se de cada canto do local, tal como da sua alma. Seria mesmo ela que vivia aquela tragédia? Voltaria a ver Eliah? Não queria morrer, não agora que tinha ao seu alcance a possibilidade de realizar o seu sonho: formar uma família com ele, Kolia e Jérôme. Negava a hipótese de não os poder amar. Levantou-se e passou as costas da mão pelos olhos. Ia permitir-se aquele momento de desânimo, e depois recuperaria a calma. Era imperativo manter a cabeça fria.

Estendeu o guardanapo de papel sobre os joelhos e, enquanto comia, leu a mensagem de Jürkens; felizmente, redigira-a em inglês. *«Ágata, não podemos falar abertamente porque te vigiam. Este será doravante o nosso meio de comunicação. Quero que guardes a faca. Vou substituí-la por outra e ninguém notará a sua falta. Nunca te separe dela. Se alguém tentar fazer-te mal, não hesites em usá-la. Deita esta mensagem na sanita. Teu para sempre. Ulrich.»* Iria pedir-lhe também um lápis, pensou.

Continuou a comer e a estudar os possíveis lugares onde estariam camufladas as câmaras. Depois, atuou em conformidade. Dirigiu-se a um canto obscuro perto do lavatório, sentou-se no chão, de costas contra a parede, e escondeu a faca – uma faca de carne, com ponta e serrilha – debaixo das cuecas, do lado da anca direita. Seguidamente, fingiu vomitar, limpou a boca com o guardanapo e atirou-o para a sanita.

Depositou a bandeja no ângulo de abertura da porta; caso adormecesse e alguém entrasse, o ruído alertá-la-ia. Deitou-se na cama e tentou montar o quebra-cabeças em que se encontrava mergulhada. Só conhecia os fragmentos que Eliah lhe referira, e todos a conduziam a Roy Blahetter e ao que ele ocultara por trás do quadro *Matilde e o caracol*. Tratava-se de uma embrulhada de cujas dimensões ela não fazia ideia, ainda que pudesse calcular que havia muito dinheiro em jogo e talvez até uma quota-parte de poder.

Não foi algum som que a acordou. Abriu os olhos e, na luz débil da cela, vislumbrou uma figura ao lado da cama. Levantou-se de um salto e afastou-se em direção à porta. De costas, agarrou no puxador e tentou abrir, sem o conseguir. A figura, alta e de ombros caídos, aproximou-se, e Matilde pressentiu a

maldade e o ódio que a espreitavam. Pouco a pouco, o intruso foi-se revelando ao entrar num espaço iluminado. Matilde soltou uma exclamação perante as feições grotescas que se evidenciaram.

O homem avançou uns passos e Matilde colou as costas à porta. Num gesto instintivo, meteu a mão nas calças até tocar na faca.

– Não vou permitir que, por tua culpa, matem o Eliah.

Matilde não percebeu de imediato o significado daquela afirmação. Moses apanhara-a de surpresa ao falar: fizera-o num francês rápido.

– Eliah?

– O Eliah é meu!

– Onde é que ele está? – exclamou Matilde.

– O Eliah é meu! Sempre o foi, desde que éramos crianças. Tu, maldita sejas, não mo roubarás!

– Quem é você?

– Sou o melhor amigo do Eliah, o único que ele admira e respeita.

De repente compreendeu, sem razão nem lógica: era Gérard Moses. A grosseria do seu rosto refletia os estragos provocados pela porfiria: sobrancelhas espessas, pele grossa, nariz e cara com manchas e cicatrizes, dentes castanhos. Ainda assim, por trás das excêntricas feições, adivinhava-se uma certa semelhança com Shiloah. Contudo, a sua presença naquele lugar não fazia sentido: era parte de um pesadelo sem pés nem cabeça, do qual ela não conseguia despertar. Foi projetada para a frente quando a porta a golpeou ao abrir-se.

– Chefe! – A voz eletrónica de Jürkens inundou o recinto. – O que faz aqui?

– Vai-te embora, Udo! Deixa-me a sós com esta puta!

– Chefe, por favor, vamos embora daqui. – Jürkens agarrou-o pelos punhos e arrastou-o para fora como se fosse uma criança.

Matilde ficou a olhar para a porta fechada, demasiado perturbada para concluir o que quer fosse sobre o que acabara de experimentar.

– É estranho ver-te descer de um avião de uma linha aérea comercial – declarou Turki Al-Faisal, beijando o seu primo Eliah no rosto três vezes. – E é ainda mais estranho ver-te com bigode.

Al-Saud sorriu com impaciência e sacudiu os ombros. Deu uma volta para lançar um olhar ao *Airbus A340* das Royal Jordanian Airlines parado na pista do aeroporto Rey Khalid de Riad.

– O meu avião ficou num hangar do Reina Alia – mentiu. – Problemas com o trem da frente. Turki, apresento-te o instrutor de voo Donatien Chuquet.

Os homens apertaram-se as mãos.

– O tio Abdul Rahman – Turki Al-Faisal referia-se ao comandante em chefe da Real Força Aérea Saudita – já assinou as licenças de voo para ti e para o senhor Chuquet. Está ansioso para que se juntem ao nosso *team* em Dhahran.

– Primeiro vamos ver se o meu velho instrutor está em bom estado físico e continua a ser um ás do

ar – comentou Al-Saud em tom de brincadeira, e sorriu em direção a Chuquet, que lhe devolveu uma careta divertida.

«Estás a agir muito bem, Cavalo de Fogo», pensou o francês.

Fizeram os quase quatrocentos quilómetros que separam Riad de Dhahran num helicóptero *Bell 212 Twin Huey*, que aterrou por volta do meio-dia na base aérea construída sobre o golfo Pérsico. Durante a viagem, Turki Al-Faisal observou que o primo trazia luvas postas e instou-o a tirá-las.

– Não te fazem calor? – acrescentou.

– Tenho que manter as luvas postas – respondeu Al-Saud. – Uma alergia terrível impede-me de expor as mãos ao sol. Há de curar-se – disse, subestimando o facto.

Ao descer do helicóptero, receberam com um suspiro a brisa de ar fresco vinda do mar.

Os instrutores, empregados da Mercure, vieram recebê-los e, por trás das suas manifestações de afeto, dissimularam o assombro por verem Al-Saud e Chuquet juntos. Os mais íntimos de Al-Saud atreveram-se a gozar com o seu bigode. Almoçaram na cantina da base, num ambiente relaxante; a conversa era fluida, recheada de anedotas e gargalhadas. Al-Saud pensou que, noutras circunstâncias, teria apreciado o trabalho dos instrutores, bem como o vínculo de confiança e respeito que, depois de muito trabalho, formara com os pilotos sauditas.

Normand Babineaux aproveitou a confusão de vozes que reinava na mesa para iniciar uma conversa paralela com o seu amigo, Donatien Chuquet, que se mantivera calado e circunspecto.

– O que fazes aqui? – perguntou, sem cerimónia.

– O Al-Saud ofereceu-me um posto de instrutor. Hoje vamos fazer uns exercícios juntos – respondeu. – Creio que quer pôr-me à prova, e também vingar-se pelo que o fiz passar em Salon-de-Provence.

– Como conseguiste que te oferecesse o trabalho? Negou-to há uns tempos atrás. Ele detesta-te.

– E eu a ele – manifestou Chuquet –, mas preciso do trabalho. Pus o orgulho de lado e telefonei-lhe novamente. Desta vez aceitou.

– Espero que consigas ficar. O ordenado é excecional e o ambiente também não é nada mau. Uma vez por mês, pagam-nos a viagem para França e temos três dias de folga.

Al-Saud e Chuquet não trocaram palavras nem olhares enquanto se preparavam no vestiário. Eliah vestiu o fato anti-G e dirigiu-se para a saída com o capacete na mão. Chuquet seguiu-o. No exterior, o brilho implacável do sol encadeou-os; franziram os respetivos sobrolhos e fizeram sombra com as mãos. Separaram-se em silêncio. Al-Saud dirigiu-se ao hangar onde estava o *Su-27*, propriedade de Turki Al-Faisal, e Chuquet foi até à pista onde o esperava um *F-15* da Real Força Aérea Saudita. Um engenheiro entregou-lhe os mapas e forneceu-lhes as últimas diretrizes. Pilotos e instrutores juntaram-se para lhe desejar boa sorte. Alguns permaneceriam na pista; a maioria seguiria os exercícios dos caças pelos ecrãs no interior da base, com a vantagem de ter ar condicionado.

Al-Saud fez uma revista superficial à parte externa do avião: às turbinas, ao trem de aterragem, aos pneus, às saídas de ar. Levantou uma tampa no ventre do avião e passou revista à botoneira. Golpeou

com o punho a fuselagem, a qual lhe devolveu sons familiares. Subiu a escada que estava apoiada a um dos lados do avião russo, depositou o capacete num suporte específico para esse fim e entrou no *cockpit*. Enfiou uma proteção de licra branca na cabeça antes de colocar o capacete. Um técnico do pessoal de pista, que Al-Saud conhecia da época da Guerra do Golfo, ajustou-lhe o cinto de segurança e ligou o capacete ao sistema de oxigénio, enquanto os restantes tiravam os protetores das ogivas dos mísseis e as cunhas das rodas.

Al-Saud fixava atentamente o semáforo, à espera da mudança de amarelo para verde. Quando aconteceu, premiu o botão para baixar a capota e deteve-a antes que selasse o *cockpit*. Colocou a máscara de oxigénio, baixou a viseira negra do capacete e o seu rosto desapareceu. Prestou atenção aos comentários provenientes da torre de controlo, a qual o informou sobre as condições meteorológicas e da pista de onde deveria descolar dadas a direção e a velocidade do vento. Ligou os motores e saiu do hangar lentamente. Conduziu até ao início da pista, seguido pelo *F-15* de Chuquet. Não sentiu a emoção que o invadia sempre que estava prestes a descolar. Atormentava-o a ideia de saber que Matilde estava só na Base Zero, à mercê de Uday e de Jürkens. Ficava louco só de imaginá-la a chorar, aterrorizada, a perguntar-se onde estava e porque a teriam raptado. No ecrã, vira-a com clareza: não exibia feridas visíveis, mas tal não bastava para o tranquilizar. Sentia-se encurralado e, pela primeira vez na sua vida, não sabia como resolver o problema em que estava metido. Não lançaria a bomba sobre Telavive nem permitiria que o *Profeta* o fizesse sobre Riad, disso tinha a certeza; no entanto, precisava de um plano para fugir daquele buraco com Matilde. Recordou-se da Medalha Milagrosa, da promessa de que jamais a tiraria, e sentiu-lhe a falta. Fechou os olhos e imaginou-a a girar à sua frente.

– Cavalo de Fogo – indicou uma voz a partir da torre de controlo –, está autorizado a descolar.

– Pronto – respondeu, selando o *cockpit*.

Da sua posição, Chuquet viu a incandescência dos escapes do *Su-27* e vibrou, admirado com o poder da máquina russa. Al-Saud experimentou as caudas e reduziu o escape das turbinas para concentrar a saída de gases. As turbinas rugiram com um som agudo e penetrante antes que o avião se lançasse numa corrida a mais de quatrocentos quilómetros por hora. Os pneus do *Su-27* descolaram da pista e o avião colocou-se perpendicularmente ao solo, enquanto ganhava mais de trezentos metros de altitude por segundo.

– Bengala – indicou o operador de voo, utilizando o sinal de chamada que Chuquet usara durante os anos em que estivera na *L'Armée de l'Air* –, tem autorização para descolar.

Os motores do *F-15* soltaram uma rajada de fogo e o avião precipitou-se pelo corredor da pista. Descolou e seguiu o *Su-27*. Depois de executar alguns exercícios para enganar os que estavam na torre de controlo, os dois caças desapareceram do raio visual da base aérea e dirigiram-se para norte a uma velocidade superior a mil e quatrocentos quilómetros por hora. Conheciam a rota, estudada profundamente na Base Zero. Tinham concordado manter o silêncio durante o percurso. Ao atravessar a fronteira da Arábia Saudita e ao entrar em território iraquiano, iniciaram uma descida para seguir em voo rasante, o que os manteria fora do alcance dos radares. Nas imediações da Base Zero, voar a pouca

altitude tornou-se uma prática perigosa, dados os acidentes montanhosos da zona. Al-Saud empregou uma contrassenha em código Morse para avisar que preparassem a pista, que era subterrânea e funcionava como o convés dos porta-aviões, com um sistema de engate.

Avistaram a fenda que se abria na montanha enquanto a plataforma de cimento, disfarçada com pedras e arbustos, deslizava. Prepararam a aterragem. O trem dianteiro do *Su-27* tocou o asfalto da pista e o cabo, que a atravessava e ficava unido a um conjunto de pistões, agarrou o avião, absorveu a sua potência e travou-o subitamente. Minutos depois, o *F-15* repetia a manobra com êxito, e a brecha na montanha desaparecia. Com o tempo, saberiam se os AWACS norte-americanos tinham detetado o movimento.

Al-Saud tirou o capacete e soltou o cinto de segurança enquanto esperava que o pessoal da pista colocasse a escada. Uday, Qusay, Fauzi Dahlan, Rauf al-Abiyia e vários guardas tinham ido recebê-los. Estavam exultantes, especialmente os irmãos Hussein. Al-Saud entregou o capacete e, enquanto tirava as luvas, lançava um olhar de desprezo ao grupo reunido uns metros mais distante. Parou frente a Qusay.

– Parabéns, Al-Saud! – gritou o iraquiano para se fazer ouvir sobre o rugido ensurdecedor dos extratores gigantes que se tinham ativado para eliminar os gases das turbinas.

– Quero ver a minha mulher – exigiu.

– Como?

– Quero ver a minha mulher! Agora!

– Podes vê-la no ecrã.

– Não. Na cela! Agora!

– Não estás em posição de fazer exigências, maldito saudita traidor! – gritou Uday; o irmão deteve-o quando lhe parecia que o outro ia tentar agredir Al-Saud.

– Estou em posição de exigir o que quiser. Neste momento, não tenho nada a perder. E sem mim não haverá *show*.

– Está bem – acedeu Qusay; o irmão mais velho deu meia-volta e afastou-se, proferindo insultos. – Rauf, acompanha o Al-Saud à cela da doutora Martínez. Tu também – apontou para Abdel Hadi Bakr. – Só têm cinco minutos. – A ordem de Qusay não era um capricho. Sabia que o Príncipe de Marbella falava fluentemente o castelhano. Mais tarde, exigiria que lhe traduzisse a conversa entre os prisioneiros.

A caminho da cela, Al-Saud perguntou:

– Você é Rauf al-Abiyia?

– Sim.

– O seu amigo Mohamed mandou-me devolver-lhe o dinheiro que tinha tirado da vossa conta conjunta. Espero que o tenha recebido. Estava muito arrependido por tê-lo prejudicado.

– Calem-se! – vociferou Abdel Hadi que ia na retaguarda.

A porta abriu-se lentamente e Matilde encolheu-se no canto, o qual se tornara o local onde ela se sentia mais segura: perto do lavatório, contra a parede. Apertou os braços à volta das pernas, juntou-as ao peito e afundou a cara entre os joelhos. «Como a avestruz», censurou-se, incapaz de ultrapassar o medo. Apalpou a faca debaixo das calças num movimento impercetível no instante em que a porta se fechava atrás do intruso. Seria Ulrich? Não se atrevia a olhar.

Elijah localizou-a de imediato, enroscada num sítio cuja escuridão a débil luz da cela não conseguia romper, e onde o cabelo da sua Matilde fosforejava. Reparou que Rauf al-Abiyia também ficara comovido com aquela cena.

– Matilde – chamou-a, baixinho. – Matilde, meu amor, sou eu, Elijah.

Pareceu-lhe ouvir a voz de Al-Saud e pensou para consigo que ainda deveria estar sob o efeito da droga que Jürkens lhe injetara. Não consumira líquidos suficientes para eliminar as toxinas que a mergulhavam num sono pesado, pejado de pesadelos e que, quando não dormia, faziam que todo o seu corpo doesse.

Al-Saud agachou-se e pôs a mão sobre o ombro de Matilde, que lançou um grito e o olhou com incredulidade.

– É o Elijah! Sou eu! Elijah!

Matilde atirou-se aos seus braços, prendeu-se a ele e mergulhou o rosto no seu peito. Al-Saud debatia-se entre fundi-la no seu corpo ou controlar-se para não lhe partir as costelas. Perguntava-se como iria fazer para, passados os cinco minutos, sair da cela e abandoná-la ali.

– Porque usas bigode? – perguntou Matilde, desconcertada.

– Meu amor, ouve-me. Não temos muito tempo.

– O que é que se passa, Elijah? O que estás a fazer aqui?

– Tal como tu, fui sequestrado.

– Meu Deus! Porquê?

– Para me obrigarem a fazer algo. É uma história muito comprida. Agora não temos tempo. Só me deram cinco minutos para falar contigo. – Segurou-lhe o rosto entre as mãos e olhou-a fixamente. – Quero que estejas tranquila. Sairemos daqui juntos, meu amor.

– Elijah... – choramingou.

– Como estás? Magoaram-te? Fizeram-te alguma coisa? Seja o que for, diz-me.

– Estou bem. – Pôs-se nas pontas dos pés e sussurrou: – Jürkens toma conta de mim. Deu-me uma faca para me proteger.

– Nada de segredos! – interveio Abdel Hadi.

– Por favor, Al-Saud – interveio Al-Abiyia –, não os provoques. São capazes de tudo.

Matilde espreitou por trás do tronco de Al-Saud e passeou o olhar pelos homens que guardavam alguma distância. A voz do segundo parecia-lhe familiar.

– Matilde – disse o Príncipe de Marbella –, sou eu. Rauf al-Abiyia.

– Rauf?

– Sim, Matilde. Não me reconheces porque fiz uma cirurgia plástica.

Desprendeu-se do abraço de Al-Saud e pôs-se em frente do amigo de seu pai, que, num gesto sincero, lhe ofereceu as mãos. Matilde aceitou-as.

– Sim, reconheço a tua voz. – Ficou a olhar para ele. – Estou tão baralhada! O que fazes aqui?

– A minha história também é muito comprida.

– E o meu pai? Onde está? Há meses que não sei nada dele.

– O teu pai está bem – interveio Al-Saud. – Não quero que te preocupes com ele.

– Também foste sequestrado, Rauf?

– Não, querida. Eu trabalho para eles.

– Para eles?

Sem soltar as mãos de Al-Abiyia, Matilde voltou-se para Eliah com uma expressão interrogativa. Al-Saud apiedou-se da sua confusão; sentiu-a mais frágil e vulnerável do que nunca.

– Tudo isto está relacionado com o invento de Roy Blahetter – explicou-lhe. – Mas nem Al-Abiyia nem eu vamos falar mais. Depois explico-te.

– Estou tão perdida! Não entendo nada! Quando poderemos ir embora?

Al-Saud arrancou-lhe a mãos das do Príncipe de Marbella e encerrou-a num abraço protetor.

– Em breve, meu amor – sussurrou-lhe. – Peço-te que aguentes um pouco mais. Sairemos daqui juntos.

– Eliah, tenho medo por ti. Por favor, não permitas que te magoem! O que querem obrigar-te a fazer, meu amor? – Matilde segurou-lhe as mãos e, ao inclinar-se para as beijar, parou e franziu o sobrolho. Eliah tentou retirá-las. – O que aconteceu às tuas unhas? O que...? – Lançou um grito ao perceber. Al-Saud agarrou-a pelos braços e atraiu-a para ele com firmeza. – Torturaram-te! – Matilde desatou aos gritos e mexeu-se para se afastar. – Torturaram-te! Não, meu Deus!

– Não é nada! Não foi nada! – repetia-lhe Al-Saud, enquanto os seus braços a apertavam como amarras para evitar que se separasse dele e visse de novo as mãos magoadas.

– Deixa-me ver que mais te fizeram! Deixa-me! – exigiu-lhe aos gritos, enquanto lhe cravava as palmas das mãos nos peitorais fazendo de alavanca para o afastar. – Quero examinar-te! Sou médica, Eliah! Deixa-me!

Rauf al-Abiyia virou as costas para não ver a cena e mordeu o punho para reprimir o choro. O queixo tremia-lhe com o esforço e a sua pele eriçava-se ao ouvir os gritos de Matilde.

A médica acabou por se calar e caiu, sem forças, sobre o peito de Al-Saud. Passou a manga pelos olhos e pelo nariz, dominada por suspiros, soluços e tremores. Al-Saud colocou-lhe o indicador sobre os lábios e sussurrou com doçura para a acalmar. Destroçava-o vê-la tão desorientada e assustada.

– Amo-te, Matilde. Só quero que penses nisso e que te preserves para mim.

Matilde segurou-lhe no dedo e, com os olhos fechados, beijou o sítio onde deveria estar uma unha. Estrangulou-se-lhe a voz ao tentar responder-lhe e os lábios tremeram-lhe quando sorriu para lhe expressar como estava feliz de o ter com ela.

– Vamos, Al-Saud. A entrevista terminou – cortou Abdel Hadi.

Matilde travou os braços no pescoço de Eliah e pensou que seria incapaz de o libertar. Recomeçou a chorar apesar dos seus esforços.

– Não chores, meu amor. Prometo-te que tudo acabará bem.

– Estás aqui por minha culpa. Por minha culpa!

– Não! – Al-Saud separou-se dela e sacudiu-a ligeiramente. – Não é culpa tua! Sequestraram-me porque precisam da minha experiência como aviador. *Tu* és a vítima nisto tudo!

– E o que tem o invento do Roy a ver com isto?

– Agora não, Matilde. Não há tempo. É uma embrulhada que depois te explicarei.

– O teu amigo Gérard Moses esteve aqui.

A expressão de Al-Saud ficou estática. Matilde acabava de lhe confirmar as suas suspeitas. Nem se atrevia a calcular a gravidade da confirmação. Qual era o papel de Gérard? Sabia, porque Aldo Martínez Olazábal lho sugerira, que Jürkens e Orville Wright se conheciam. «Gérard! O que fizeste?»

– Tens a certeza de que era ele?

– Bom... – duvidou – tenho quase a certeza. Não o conheço, mas... Sim, acho que era ele. Mas a quem reconheci mesmo, foi a Anuar al-Muzara.

– Quando é que viste o Anuar? – enervou-se Al-Saud.

– Fazia parte do grupo que me sequestrou.

– Nem mais uma palavra, Al-Saud – pediu Al-Abiyia –, por favor.

– Al-Saud, basta – insistiu Abdel Hadi. – Já acabaram os cinco minutos.

Eliah obrigou-a a pôr-se nas pontas dos pés e beijou-a com um fervor nascido do medo e do desespero.

– Virei buscar-te – prometeu-lhe em francês.

– Eu sei – respondeu-lhe Matilde no mesmo idioma.

Afastou-a com ar impaciente e uma manobra brusca, deu meia-volta e abandonou a cela sem olhar para trás. Rauf al-Abiyia sorriu para Matilde antes que Abdel Hadi Bakr fechasse a porta. Acelerou o passo para alcançar Al-Saud, que não olhou para ele quando lhe sussurrou:

– Salve-a. Suplico-lhe.

No dia seguinte, Al-Saud, o *Profeta* e Chuquet estudavam os mapas numa sala quando se aperceberam de que uma sombra se projetava sobre eles. «O sobranceiro», pensou Chuquet. «Quem é este monstro?», perguntou-se o *Profeta*. «Gérard», disse para si Al-Saud.

– Professor Orville Wright – cumprimentou-o o instrutor francês. – É uma surpresa vê-lo nesta zona da base. Entre, por favor.

– Obrigada – agradeceu o homem, entrando na sala; evitava olhar para o objeto da sua adoração. – Senhor, permite-me falar um momento com... ele? – apontou para Al-Saud.

– Com certeza. Precisa de lhe comentar algo sobre a bomba? Nesse caso, o *Profeta* também deveria

ouvi-lo.

– Depois.

– Bom – espantou-se Chuquet, e, com um gesto da mão, indicou a Al-Saud que o autorizava a ausentar-se.

Elijah levantou-se e passou junto a Moses sem lhe dirigir sequer um olhar, atitude que desmoralizou o físico nuclear e o levou a questionar-se se o seu impulso não fora descabido. Naquela manhã acordara com recordações de um sonho que o fazia sorrir: Elijah jurava-lhe amor eterno. Sentado à beira da cama, ainda meio adormecido e enquanto mastigava uma barra de caramelo para evitar uma crise de porfiria, Gérard sentia-se fortalecido por um ânimo decidido e valente, o qual, enquanto caminhava atrás de Elijah, o começava a abandonar.

– Entre – indicou Al-Saud, enquanto segurava a porta da sua cela.

Gérard Moses entrou e parou alguns segundos a observar o quarto, bastante mais pequeno e menos confortável do que o seu.

– O que fazes aqui, Gérard?

Moses voltou-se para ficar em frente a ele.

– Não pareces surpreendido por me encontrar cá.

Sustiveram um duelo de olhares, no qual Moses acabou por se acobardar, assustado com a expressão de categórico desprezo do amigo. Dirigiu-se à porta para abandonar o espaço. Al-Saud interpôs-se à sua saída.

– Não vais sair daqui enquanto não me explicares muitas coisas, querido amigo. Senta-te. Como podes ver, as comodidades são poucas, por isso terás de te usar esta espécie de cama. – Gérard Moses aceitou o convite porque se sentia aturdido. – Para começar – continuou Al-Saud –, direi que sei que aqui dás pelo nome de Orville Wright. Quem és tu, Gérard? Pelo amor de Deus, quem és?

– Sou o teu melhor amigo.

– Tu, meu amigo? Não me faças rir! Que vínculo te liga ao terrorista da Baader-Meinhof, Ulrich Wendorff, também conhecido como Udo Jürkens? Sabias que foi ele que tentou raptar a minha mãe, a Yasmin e a mim em 1981? Deduzo pela tua expressão que não sabias. Vi-o também no dia do atentado no George V. Quem raio é o Jürkens? – vociferou, detendo-se a um passo de Moses, que se retraiu.

– É o meu assistente – respondeu rapidamente, aterrorizado. – O meu homem de confiança – acrescentou, num fio de voz.

– Sei que roubaste a invenção ao Roy Blahetter...

– Cala-te! – Moses levantou-se e olhou para todos os lados, preocupado com as câmaras e os microfones.

– Receias que os Hussein descubram que lhes vendeste um invento roubado?

– Porque me tratas assim?

Al-Saud deu uma gargalhada fingida.

– Gérard, pelo amor de Deus! Considerei-te o meu melhor amigo toda a vida, e agora descubro que

és um ladrão e um assassino.

– Eu não assassinei ninguém!

– Talvez não o tenhas levado a cabo com as tuas próprias mãos, mas enviaste o assassino de Blahetter ao seu encontro. E quanto ao teu irmão e a Sabir, no George V? – A expressão de Moses foi esclarecedora. – *Mon Dieu* – murmurou Al-Saud. – Também foste tu quem o enviou para os matar?

– Não, foi o Anuar.

– Tu sabias e não fizeste nada para os proteger! O teu próprio irmão e um dos teus melhores amigos!

– Meu irmão! Esse vaidoso, miserável e desumano do Shiloah. Não é meu irmão!

– Não é culpa do Shiloah se herdaste a porfíria. Poderia ter sido ele.

– Mas tocou-me a mim! Tenho que a suportar cada maldito segundo do dia! Sabes o que isso significa?

– Não vou participar no teu jogo de lástima, Gérard. Se gostas de sentir pena de ti mesmo, estás à vontade. A vida deu-te muitas coisas boas como, por exemplo, uma inteligência prodigiosa.

– A vida deu-me a tua amizade. É o que tenho de mais valioso.

Al-Saud ficou a olhar para ele, incomodado pelo comentário, preocupado pela responsabilidade que implicava a declaração de Moses. Inspirou e soltou o ar com impaciência. Tinha a cabeça baralhada, não estava preparado para esta discussão e sentia-se confuso.

– Roubaste o invento de Roy Blahetter e mandaste matá-lo?

– Não sou obrigado a falar de ...

– Responde-me! – Al-Saud precipitou-se sobre Moses disposto a atacá-lo, mas parou antes de lhe tocar. – Se tens uma réstia de nobreza, responde-me!

Gérard fitava-o com uma expressão desolada e lágrimas nos olhos. «Está tudo perdido», pensou, e desejou contar-lhe a verdade e libertar-se do peso que carregara durante tantas décadas e que, de repente, o esmagava.

– Sim. – Al-Saud afastou-se às arrecuas. – Eliah, por favor – Moses levantou-se e avançou –, não me olhes desse modo.

Al-Saud gesticulou para desviar a carícia que Gérard tentou fazer-lhe na cara.

– Que merda é esta? Não penses sequer em tocar-me!

– Eliah... Não me repudies. Eu... Eu amo-te.

– Estás louco. Total e completamente louco.

– Não. Amo-te, desde sempre. Desejo-te.

– O que dizes? Não estás bem! A doença enlouqueceu-te.

– Sim, é verdade – admitiu Gérard –, a porfíria acabará com a minha sanidade mental, mas o que estou a confessar-te, estou a dizê-lo absolutamente consciente, e é a verdade, uma verdade com a qual eu vivo desde que te conheci, desde que o Shiloah te levou à nossa casa pela primeira vez.

Al-Saud pronunciou um insulto, fruto do nojo que nascia nas suas entranhas e lhe subia pelo esófago em forma de vômito. Após alguns segundos desconcertantes, uma série de imagens dele e de Gérard,

quando eram crianças, adolescentes e adultos, desfilaram na sua mente. Procurou momentos em que a inclinação do seu amigo se tivesse manifestado; não encontrou nenhum. Respirou profundamente para conter as náuseas. Precisava de se acalmar, de ordenar a tempestade de recordações, ideias, pensamentos. Agoniava-o o engano, doía-lhe a mentira, sentia-se um idiota. Para ele, Gérard Moses era um irmão, pelo qual sentia o mesmo que por Shariar ou por Alamán.

Inesperadamente, lembrou-se de Natasha Azarov, do seu encontro com Jürkens, da ameaça que a afastara de Paris; pensou em Matilde, no ataque sofrido na capela, na perseguição sem descanso à qual Jürkens a submetia. Por fim, lembrou-se de Samara.

Moses assustou-se quando Al-Saud levantou a cabeça e o atingiu com um olhar letal.

– Tu mataste a Samara. – O tom baixo e sereno da voz de Eliah fê-lo estremecer. – Tu assassinaste-a. Valha-me Deus! Assassinaste o nosso filho! Mandaste cortar o cinto de segurança e o tubo do líquido dos travões!

Lançou-se sobre Moses, que não conseguiu escapar e caiu pesadamente sobre a cama. As mãos de Al-Saud apertaram-lhe o pescoço e oprimiram-lhe a traqueia até que começou a ver através de um véu vermelho.

– Maldito filho da puta! Maldito aborto! Maldito, maldito! Assassinaste-os. Entregaste-lhes a Matilde!

Al-Saud emitiu um gemido e Moses sentiu que a pressão na sua garganta diminuía. Eliah caiu de joelhos, atordoado por uma pontada que lhe nascia na base da nuca e terminava no osso sacro.

– Não o magoe! – ordenou Qusay ao guarda que, com a culatra de um fuzil *M16A4*, golpeara Eliah na base da cabeça. – Fauzi, leva-o à enfermaria. Decidimos que a missão será amanhã. Não quero demoras devido a uma ferida inoportuna. – O segundo filho de Saddam Hussein aproximou-se da cama de onde Moses se tentava levantar, com as mãos no pescoço; tossia violentamente. – Professor Wright, vamos. – Segurou-o pelo braço e fez pressão para o erguer. – Vamos, vou acompanhá-lo ao seu quarto. Deve deitar-se e descansar. Vou pedir ao enfermeiro que o vá ver.

Moses levantou-se, vacilante, e teve uma tontura, que a mão firme de Qusay o ajudou a ultrapassar. Caminhou em silêncio, com os olhos cravados no chão. Não se sentia envergonhado, mas sim devastado. A sua vida terminara. Não tinha mais razões para continuar. Sentiu um grande alívio porque tinha acabado de conseguir a coragem, que nunca antes tivera, para se desfazer daquele corpo defeituoso, sem saúde, cujo sangue podre lhe aviltava cada recanto, cada órgão, cada tecido. Era paradoxal que aquilo que mais temera, o repúdio do seu único amigo, se tivesse transformado num sentimento libertador. No entanto, ainda tinha algo a fazer: eliminar a razão pela qual Eliah estava disposto a sacrificar-se numa missão suicida.

Devido ao épico roubo de urânio para o Iraque, Rauf al-Abiyia recuperara a confiança e a aprovação dos Hussein e de Fauzi Dahlan, o que significava que podia deslocar-se livremente dentro das instalações da Base Zero. O seu cartão magnético abria a maioria das portas; inclusive, abria a da cela

de Matilde. Verificou a hora. Era muito cedo, dez para as seis da manhã de segunda-feira, 1 de março, o dia fixado para o lançamento das bombas nucleares e o nascimento de uma nova era para o Iraque. Rauf al-Abiyia meditara longamente sobre a decisão que se preparava para executar. Conduziria Matilde até Al-Saud e os três fugiriam num helicóptero. Al-Abiyia, que conhecia todos os detalhes do desenvolvimento nuclear de Saddam Hussein, compraria a sua liberdade e segurança vendendo a informação à CIA.

Esperou que o guarda que vagueava pelo corredor se afastasse para passar o cartão no leitor magnético e digitar o seu código. A porta abriu-se com o chiar das dobradiças que, no silêncio, adquiriu uma sonoridade exagerada. Entrou na cela sem fechar a porta. Viu Matilde adormecida, deitada na posição fetal, num extremo do colchão malcheiroso e cheio de manchas. Sacudiu-a ao de leve e chamou-a. Matilde despertou violentamente e saltou da cama.

– Calma! Sou eu! Rauf! Vim tirar-te daqui.

– Não! – Matilde afastou-se com desconfiança. – Vou esperar pelo Eliah.

– Vou levar-te até ele. É a única possibilidade que vocês têm de sair daqui vivos. Vá lá, despacha-te. Calça-te.

Enquanto calçava os ténis, Matilde refletia se devia seguir o melhor amigo do pai. «*Trabalho para eles*», confessara-lho. Estaria a assinar a sua própria condenação e a de Eliah ao segui-lo, ou, como dizia Rauf, talvez se tratasse da única alternativa para sair com vida daquela prisão? Levantou-se e lançou-lhe um olhar decidido.

– Vamos, Rauf.

Viraram-se para a saída e pararam de repente. Gérard Moses ocupava o espaço da porta e apontava-lhes uma pistola cujo cano terminava num silenciador. Calado e sem expressão, disparou sobre Al-Abiyia, o qual nem sequer teve tempo de sacar a sua pistola. A bala atingiu-o no peito e ele caiu de costas. Matilde, sem reação, olhou para o corpo do amigo de pai e tentou dar uns passos até à zona do lavatório. Recordou-se da faca. Aproveitou que Moses se inclinava sobre Al-Abiyia para a tirar, segurando-a de modo a que ele não a visse.

Depois de verificar o estado do homem – continuava vivo, ainda que as pulsações fossem fracas –, Gérard Moses levantou-se e observou-a com curiosidade, tentando descobrir a razão pela qual Eliah estava disposto a morrer por aquela criatura. Gostaria de ter podido conversar com ela; para atrair um homem como o amigo, devia tratar-se de uma mulher interessante. No entanto, tinha que terminar depressa porque a missão de bombardeamento estava programada para algumas horas mais tarde. Apontou para a rapariga e disparou. O som seco e metálico do gatilho ressoou na cela. Matilde soltou um gemido.

– *Merde!* – resmungou Moses, ao constatar que a pistola encravara.

Enquanto verificava a *Beretta* que roubara a Udo Jürkens, Matilde deslocou-se rapidamente até à saída. Moses desfez-se da arma e intercetou-a com um golpe que a lançou contra a parede. A faca caiu-lhe das mãos e deslizou para longe. Moses segurou-a pela cintura. Matilde lutou, com um ímpeto que

desmentia o seu aspeto franzino. Gérard agarrou-a pelo cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás e conseguiu bloquear-lhe os braços nas costas. Matilde ficou quieta, esgotada e ofegante, com os olhos fechados, enquanto esperava que a dor no couro cabeludo parasse. Abriu os olhos e viu o rosto de Gérard Moses deformado pela porfíria e pelo ódio. Entreolharam-se.

– Eliah, não se vai sacrificar por ti. Tens de morrer. O Eliah é meu.

Matilde deu-lhe um pontapé na perna. Porém, ainda que ele gemesse e se tivesse contorcido com a dor, não se conseguiu libertar. Voltou a dar-lhe golpes com os pés, continuamente, até que Moses, magoado e nervoso, lhe soltou os punhos para lhe dar uma bofetada. O impacto atirou-a ao chão e a médica bateu com a cabeça no cimento. Desfaleceu por alguns segundos. Ao voltar a si, sentiu o sabor do sangue e viu Moses sobre ela; tentava asfixiá-la. Ficou aterrorizada com os traços macabros das suas feições, que mudavam e se degradavam à medida que exercia mais força na tentativa de lhe quebrar a traqueia. A falta de ar e o pânico mergulhavam-na num desespero que a privava da capacidade de raciocinar. De modo instintivo, apoiava as mãos sobre as de Moses tentando tirá-las do seu pescoço. Agitou a cabeça, e apercebeu-se do brilho da faca no seu campo visual, à direita. Esticou o braço tentando esquecer Moses e concentrando-se em alcançar o cabo de madeira. Agitou os dedos e tocou a ponta da faca. Naquele esforço estava a gastar os últimos centímetros cúbicos de oxigénio e os sintomas da anoxia começavam a evidenciar-se. Sabia que se abeirava da morte. Fez pressão sobre o cabo com o dedo médio e arrastou a faca para si, tarefa difícil devido à superfície irregular do cimento. Finalmente, segurou a faca e desferiu-a com uma força sobrenatural na base do pescoço de Moses, que proferiu um queixume e afrouxou as mãos sem a largar.

Matilde alternou o olhar entre o cabo da faca que penetrava a camisa, e a expressão, primeiro de surpresa, e depois de pânico, de Moses. O sangue brotava a grande velocidade, empapava o tecido e regava o rosto de Matilde. Moses levantou-se e Matilde aproveitou para se arrastar por baixo dele e colocar-se fora do seu alcance.

– O que me fizeste? – quis saber Gérard. Perguntou-lhe com uma voz débil, enquanto tateava o cabo que lhe emergia à altura da clavícula esquerda. O sangue escuro formava uma poça à sua volta.

Matilde julgou falar mas, na realidade, estava apenas a pensar: «Seccionei-te a artéria subclávia. Se ta tivesse seccionado na axila, onde toma o nome de artéria axilar, ainda poderia salvar-te. Assim, por trás da clavícula, não tenho hipótese de te ajudar. Vais esvair-te em sangue». Bloqueou, com a respiração suspensa e a vista fixa em Gérard Moses, cuja fisionomia se tornava macilenta e se deformava num gesto desagradável, até que caiu de costas junto a Al-Abiyia e morreu.

Matilde não reagiu de imediato, levando vários minutos a contemplar o cadáver que jazia a alguns passos. Tirara a vida a um ser humano. O sangue escorria pela superfície inclinada do chão e quase tocava na ponta dos seus ténis. Levantou-se, apoiando-se na cama. Doía-lhe a garganta, a boca, que Moses esbofeteara, latejava-lhe, assim como o couro cabeludo. Tremiam-lhe as pernas e os braços. Foi até ao lavatório, encheu as mãos em concha com água e bochechou. Cuspiu. Voltou a bochechar e bebeu um golo, que lhe causou uma dor ao ponto de lhe subirem as lágrimas aos olhos e de sentir eriçar os

pelos dos braços e os mamilos.

Baixou-se junto a Al-Abiyia e tomou-lhe o pulso. Ainda estava vivo.

– Rauf! Rauf! – Bateu-lhe na cara sem o conseguir reanimar. Abriu-lhe o casaco e a camisa e descobriu que o sangue parara de jorrar da ferida de bala. Nada podia fazer por ele.

Foi até à porta meio tonta e com o passo instável. Espreitou para ver se o corredor estava deserto. Perguntou-se para onde ir. «Onde estás, Eliah? Onde estás, meu amor?» Decidiu-se pela esquerda, iludindo as câmaras, escondendo-se e gatinhando para passar despercebida. Não foi muito longe: uma porta de ferro impediu-a de avançar até... «Até onde?» perguntou-se. Aquele sítio, um labirinto sinistro, parecia o cenário de um pesadelo, desses em que se corre, corre e nunca se consegue sair. Iria voltar ao ponto de partida e seguir pela direita.

Voltou para trás e, ao dobrar uma esquina, foi de encontro a alguém. Levantou os olhos e arqueou o pescoço num ângulo exagerado para lhe ver a cara. Era o homem mais alto que alguma vez vira na vida: mais alto até do que Eliah, e isso queria dizer muito. Notou que não estava vestido como os guardas, mas sim à civil. Tinha barba, a cara redonda e os dentes frontais repousavam sobre o lábio inferior como os de um coelho. Ao cruzarem o olhar, Matilde estremeceu: as pupilas, de um negro profundo, brilharam como o fogo de uma paixão doentia, de um espírito pervertido. Adivinhou de um modo primário e instintivo: estava perante um homem que lhe faria mal.

– Olha, olha – disse Uday –, a mulherzinha do Al-Saud escapou da sua jaula.

Matilde não compreendeu nada; somente percebeu o apelido de Eliah. As mãos do homem fecharam-se sobre os seus ombros e apertaram-nos até a fazer gritar. Arrastou-a pelas axilas. Matilde lançava gritos, agitava as pernas e tentava encontrar algo na parede que a ajudasse a retê-lo, sem nada conseguir, exceto magoar-se ao raspar as palmas das mãos e os dedos.

Uday entrou na cela de Matilde, fechou a porta com um pontapé e lançou um olhar rápido aos corpos que jaziam sobre uma poça de sangue preto, antes de a largar sobre a cama como se fosse um peso morto. Desapertou o cinto.

Udo Jürkens caminhava com um ar entristecido enquanto se perguntava onde estaria a sua *Beretta* 92; não a encontrava. Dirigia-se ao centro de vigilância, onde os guardas controlavam a atividade da Base Zero através de monitores conectados a uma centena de câmaras. Ansiava por ver Ágata, ainda que fosse a dormir e num ecrã a preto e branco de baixa definição. Não a via desde o meio-dia do dia anterior, e ainda era muito cedo para a incomodar. De qualquer modo, não podia estar longe do centro de operações por muito tempo. Havia muita comoção e expectativa entre os irmãos Hussein, os cientistas e os soldados porque o próprio Saddam chegaria a qualquer momento para abençoar os pilotos antes que saíssem da Base Zero em cumprimento da missão que mudaria o destino do mundo.

Encontrou a sala vazia e, ao tocar nas chávenas de café meio cheias, notou que já fazia bastante tempo que os vigilantes estavam ausentes dos seus postos de controlo. Procurou o monitor da cela da ala B, número 57, a de Ágata e, de início, não conseguia perceber o que via. Pulou-lhe o coração, que

começou a latejar lenta e dolorosamente. O eco do batimento cardíaco golpeava-lhe a garganta e afetava-lhe a visão. Correu sem parar; nem sequer prestou atenção quando Fauzi Dahlan o chamou. Julgou que perdia o juízo em frente a cada porta de ferro; em algumas, teve de passar o cartão três vezes para as conseguir abrir. Em frente à porta da cela de Ágata, tremeu-lhe a mão quando passou o cartão pelo leitor ótico. Teve que tentar uma segunda vez, ao som dos gritos da sua mulher.

Entrou precipitadamente com a fúria de um touro picado e investiu sobre Uday, ocupado a tentar abrir as pernas de Ágata. O filho de Saddam Hussein foi projetado a alguns metros de distância e, ao cair, bateu com a cara contra o lavatório.

– Ágata! Ágata! – Udo tomou-a nos seus braços e ajudou-a a levantar-se. – Fala comigo! – exigiu-lhe em alemão. – Estás ferida? Esse energúmeno fez-te alguma coisa?

Matilde dificilmente conseguia que o ar lhe penetrasse nos pulmões. Dois ataques em tão curto espaço de tempo tinham-na deixado extenuada, física, mental e emocionalmente. Olhou para Jürkens com um ar vazio; saiu da sua perplexidade quando o berlinês se apercebeu que o seu chefe jazia no chão e a afastou para se lançar sobre ele, chamando-o aos gritos. Fazia-o com uma paixão tal que o aparelho colocado nas suas cordas vocais foi incapaz de traduzir em sons; a voz falhava nos registos mais agudos. Matilde sentiu pena ao ver a incapacidade dos gritos mudos do gigante para acordar Gérard Moses.

– Vamos, Ulrich! – apressou-o em inglês. – Temos de sair daqui ou matam-me. Tu sabes! Sabes que, se eu não fugir, me vão assassinar! Gérard Moses já o tentou.

Udo Jürkens levantou-se e secou as lágrimas com as mãos rudes. Matilde segurou-o pela mão e incitou-o a sair.

– Vamos! Leva-me onde estão os pilotos. Eles tirar-nos-ão daqui.

Antes de abandonar a cela, o berlinês inclinou-se sobre o corpo inconsciente de Uday Hussein e tirou-lhe a *Beretta Cheetah 84* que tinha num coldre axial por baixo do casaco de couro. Tirou o carregador para verificar se continha os treze projéteis de 9 milímetros e lançou um insulto ao comprovar que só tinha três. Deste imbecil, pensou, nem se pode esperar que tenha a pistola preparada. Voltou a colocar o carregador e fez sinal a Matilde para que se pusesse a caminho.

Elijah al-Saud, Chuquet e o *Profeta* controlavam os detalhes de última hora. Al-Saud levantou a tampa de um dos comandos do *F-15* que se encontrava na fuselagem, perto da asa direita, e iluminou os botões com uma lanterna. Não tinham pessoal especializado em mecânica aeronáutica, o que aumentava os riscos numa operação já de si muito perigosa. O pessoal da pista, que acabara de encher os tanques de combustível dos aviões, ocupar-se-ia das questões da descolagem e cumpriria o papel de «lançador», ou seja, seria responsável por ativar o sistema que lançaria os aviões, uma vez que, devido à falta de espaço, a pista não tinha comprimento suficiente para a corrida prévia à descolagem. Elijah ficou surpreendido ao saber que, contrariamente à maioria dos porta-aviões (os quais, para ajudar os caças a descolar, emprega uma catapulta a vapor ligada a diferenciais de cabo), a Base Zero contava com um

inovador sistema de lançamento eletromagnético, que puxava os aviões em vez de os empurrar.

O *Profeta* assinalava-lhes um aspeto da aviónica do *F-15* quando ouviram ruído de passos em corrida e gritos. Al-Saud reagiu de imediato ao ver Matilde e Jürkens entrarem na pista subterrânea. Pôs a lanterna nas mãos do *Profeta* e correu na sua direção. Parou abruptamente quando Jürkens segurou Matilde pela cintura e a impediu de prosseguir. Al-Saud e o berlinês ofereceram-se mutuamente um olhar de desprezo. Finalmente, após quase dezoito anos, voltavam a enfrentar-se. A figura esquiua e escorregadia de Jürkens materializava-se após o último ano de intensa perseguição.

– Deixa-a vir até mim, Jürkens.

– Não! A Ágata é minha!

– Sim, é sua, mas eu sou o único que pode tirá-la daqui com vida.

– Não!

– O que é que se passa aqui? – interveio Chuquet, aproximando-se de Al-Saud. – O que faz a tua mulher na pista? Vou chamar um guarda.

O corpo de Al-Saud adquiriu a velocidade de um pião ao girar inesperadamente e aplicar um pontapé voador no queixo do seu antigo instrutor e, logo de seguida, um golpe seco na garganta com a palma da mão. O homem emitiu um ligeiro queixume e caiu desmaiado. O *Profeta* e os membros da equipa de pista aproximaram-se a correr, mas pararam subitamente perante a atitude e a expressão agressiva de Al-Saud. Após terem presenciado a fugaz e letal exibição de artes marciais, não se mostraram muito ansiosos por o enfrentar. Nunca tinham visto um homem fazer uma rotação daquelas desde um ponto morto com aquele ímpeto e velocidade.

– Não tenho nada contra ti, *Profeta*, nem contra vocês – assegurou aos três empregados –, mas matovos com as minhas próprias mãos se interferirem.

O piloto iraquiano curvou a boca para baixo, levantou os braços e deu uns passos para trás, ação imitada pelos empregados. Al-Saud voltou-se para Matilde e viu que Jürkens o tinha na mira de uma pistola.

– Não se mexa, Al-Saud, ou disparo. Eh, tu! – chamou o *Profeta*. – Vais pilotar aquele helicóptero! – Jürkens, com Matilde presa pelo seu poderoso braço esquerdo, retrocedeu, enquanto alternava olhares entre o avião que estava atrás dele e Al-Saud. – Vamos, mexe-te! – ordenou ao *Profeta*. Tinham que abandonar a Base Zero urgentemente. Se os guardas já tivessem regressado ao centro de vigilância, enviariam os brutamontes de Dahlan.

Al-Saud lembrou-se de que tinha uma chave de fendas nos bolsos das calças. Deslocou-se rapidamente enquanto escondia a ferramenta dentro da manga da camisa. Parou quando Jürkens engatilhou a pistola e disparou. Matilde conseguiu torcer-lhe o braço, e a bala crepitou quando atingiu o cimento no chão, aos pés de Al-Saud.

– Para trás! Não avance mais! – Jürkens inclinou a cabeça e olhou para Matilde. – Porque fizeste isso, Ágata? Porque me empurraste?

Matilde ofereceu-lhe um olhar compungido, que escondeu ao baixar os olhos. Estava prestes a

murmurar uma desculpa quando a voz do *Profeta* a calou.

– O helicóptero não tem gasolina. Se quisermos ir embora, temos que o abastecer primeiro.

Al-Saud aproveitou a distração para dar um salto e lançar-se sobre o berlinês. Ao mesmo tempo, gritou:

– *Éloigne-toi*, Matilde! (Afasta-te, Matilde!)

Jürkens proferiu um rugido quando Al-Saud, com uma força descomunal, lhe cravou a chave de fendas no deltoide e lhe imobilizou o braço com o qual segurava a arma, a qual acabou no chão. Eliah girou sobre si mesmo para ganhar balanço e aplicou um pontapé no ventre do berlinês, que o fez dobrar-se. Al-Saud recolheu a *Beretta Cheetah 84* e deu dois tiros no peito de Udo Jürkens, que se convulsionou como se tivesse recebido uma descarga elétrica, antes de se imobilizar de vez. Matilde, que contemplava o cadáver de Jürkens, dominada por um espanto profundo, sentiu uma sacudida quando Eliah a agarrou pelo pulso e a obrigou a correr.

– Vamos! – apressou-a; dirigiram-se para o *Su-27*.

Uma voz ordenou-lhes que parassem. Era Fauzi Dahlan, que acabava de entrar no edifício da pista e lhes apontava uma pistola. Por seu lado, Chuquet começava a recobrar a consciência e tentava levantar-se apoiando uma mão no chão; com a outra esfregava o queixo e o pescoço doridos. Matilde e Al-Saud imobilizaram-se: não tanto pela ameaça de Dahlan mas porque acabavam de avistar Rauf que, pálido e ensanguentado, cambaleava pela pista. O Príncipe de Marbella encostou o cano da sua *Smith & Wesson* na nuca daquele que o tinha submetido a torturas durante meses.

– Baixa a arma, Fauzi, ou faço-te um buraco na cabeça. Agora! – exigiu, premindo a arma contra o couro cabeludo.

Al-Saud aproximou-se rapidamente e tirou a pistola de Dahlan, entalando a arma no cóis das calças, atrás.

– Al-Abiyia, vigie este homem – determinou, apontando para Chuquet. De seguida, ordenou aos empregados da pista: – Dois fatos anti-G e dois capacetes, agora! – Como não se mexiam, tirou a pistola e ameaçou-os: – *Profeta*, coloca a escada na cabina do copiloto do *Su-27*.

Com Matilde a titubear atrás dele, correu até ao caça russo. Teria sido mais fácil abandonar a Base Zero no helicóptero; no entanto, a falta de combustível eliminara-o como alternativa – não teriam tempo para abastecer. Por sorte, os homens da Guarda Republicana Especial ainda não lhes tinham caído em cima. Não podiam continuar a apostar na sua boa estrela e tentar o destino. Arrancou o fato anti-G das mãos do empregado e fechou-o sobre o tronco de Matilde e nas suas pernas. Fez o mesmo com o dele.

– Põe o capacete.

– O que vai acontecer a Rauf? – angustiou-se Matilde. – Rauf!

O amigo de seu pai dirigiu-lhe um olhar e sorriu. Matilde notou que tinha o olhar vidrado; também reparou na palidez do seu rosto, na cara coberta de suor e no tremor da mão que segurava a pistola.

– Vamos, Matilde! – apressou-a Al-Saud. – Sobe a escada.

Matilde entrou na cabina e acomodou-se no estreito espaço. Al-Saud ajustou-lhe o cinto e cobriu-lhe

a cara com a máscara de oxigénio. Matilde ouviu-o com um som amortecido quando lhe disse:

– Não mexas em nada.

Desceu de um salto, sem utilizar a escada, e dirigiu-se ao funcionário da pista que ocupava o cargo de «lançador».

– Ative o sistema de descolagem! – Ordenou aos outros que tirassem as cunhas das rodas e os protetores das cabeças dos mísseis. Como não se mexiam, gritou: – Já! – e Rauf incentivou-os, atirando-lhes para os pés. Os homens correram como ratazanas para executar as suas tarefas.

Al-Saud puxou a escada para a esquerda, subiu e instalou-se no *cockpit*. Enquanto ajustava o cinto, ouviu os extratores gigantes a iniciarem e ligou os motores. Trocou algumas palavras pelo rádio com os funcionários e fechou o seu *cockpit* e o do copiloto, localizado atrás e um pouco mais elevado.

A plataforma deslizou sobre as suas cabeças. À luz da manhã, a pista subterrânea tornou-se menos fantasmagórica. As turbinas bramaram e cuspiram rajadas de fogo quando Al-Saud acelerou os motores ao máximo. Esperou o sinal para soltar os travões e permitir ao sistema eletromagnético de descolagem que os lançasse para a liberdade.

Rauf al-Abiyia nunca escutara um barulho tão ensurdecedor como aquele. De facto, os empregados protegiam-se com auscultadores. Já nada importa, pensou. Que lhe rebentassem os tímpanos, queria lá saber! Estava a morrer. Desejou que Dahlan não notasse que a debilidade causada pela hemorragia se apoderava das suas extremidades e que lhe custava segurar a pistola. Porque não lhe dava um tiro na cabeça? Aquele filho da mãe tinha-o mandado torturar e mantido prisioneiro durante mais de três meses. O que o detinha? Talvez, meditou, às portas da morte estivesse farto dela; na realidade, estava saturado da violência que regira a sua vida desde a infância, desde 1948 e do nascimento do Estado de Israel. Naquele momento, nem sequer havia rasto do seu ódio pelos judeus. De repente, apercebeu-se que eram todos iguais.

Fauzi Dahlan, por seu lado, insultava mentalmente os guardas. Porque se demoravam? Porque não invadiam a pista oeste? Será que não viam a situação através dos monitores? Devido ao desejo do *rais* de manter o mais absoluto segredo sobre a existência da Base Zero, não tinham uma defesa numerosa: somente alguns soldados do Primeiro Regimento da Guarda Republicana Especial, de fidelidade comprovada ao *rais*, somando o facto de a Base ser um espaço demasiado extenso. Tinham instalado um sistema de câmaras de tecnologia avançada, o qual, desde o controlo de vigilância, lhes permitia estar ao corrente do que se passava em cada metro quadrado do prédio subterrâneo, mas com pouca gente era difícil chegar rapidamente a qualquer lado.

Tinham de deter Al-Saud antes que lhes fugisse e roubasse o sonho da glória nuclear. Viu que o *Profeta* se dispunha a imitar o seu colega e que vestia o fato anti-G, tentando segui-lo no *F-15*.

Um grupo de soldados, com Qusay no comando, apresentou-se na pista. Dispararam sobre o *Su-27* no exato momento em que este descolava e se afastava no céu diáfano da manhã. Atingido por uma surdez profunda devido ao ruído das turbinas e dos extratores, Dahlan apenas notou a chegada do destacamento ao ver as faíscas na cúpula do *cockpit*. Voltou-se agressivamente para Al-Abiyia no

mesmo momento em que este caía morto com um tiro na coluna. Outra bala atingiu o *Profeta* quando este estava em vias de entrar no *cockpit*; o piloto caiu da escada e embateu no chão de cimento.

– Chuquet! – vociferou Qusay, fora de si. – Suba ao *F-15* e vá atrás do caça de Al-Saud! Obrigue-o a regressar ou abata-o!

Qusay matutou que mandaria fuzilar os guardas que tinham deixado o centro de vigilância para ver um filme pornográfico com os companheiros, e daria cabo do seu irmão Uday por lhes ter trazido o filme. As consequências do descuido seriam incomensuráveis se Chuquet não conseguisse trazer de volta Al-Saud, ou se não o conseguisse abater.

Como Al-Saud pilotava a baixa altitude, aproximadamente mil pés (uns trezentos metros), fazia-o também a baixa velocidade. Gostaria de poder subir vários quilómetros e romper a barreira do som para colocar Matilde fora de perigo o mais depressa possível. Não queria parar para pensar no que tinham acabado de viver porque se desconcentraria e precisava de estar alerta. Voava só, sem a ajuda de uma torre de controlo, à mercê dos aviões e dos satélites norte-americanos, que o perseguiriam se o detetassem nos seus radares.

«Matilde.» Tinha um grande orgulho dela, da sua índole confiante e valente; veio-lhe um sorriso aos lábios ao pensar nela, sentada atrás de si, em silêncio, sem se descontrolar. De qualquer modo, não a teria ouvido gritar nem chorar porque não ligara o sistema de comunicação entre as cabinas, o que tornava o diálogo impossível; no entanto, sabia que mantinha a compostura.

Àquela altura e àquela velocidade, não sofreria dos desequilíbrios provocados pelas forças G. Esperava completar o percurso naquele modo sereno pois, ainda que Matilde tivesse o fato anti-G vestido, sofreria na mesma caso a submetesse a forças superiores a 5G. Ainda por cima, a jovem também desconhecia os exercícios abdominais que a teriam ajudado a manter o fluxo sanguíneo no sítio, os quais, para ele, se tornavam parte das suas funções fisiológicas quando voava.

Apesar da segurança que sempre o caracterizava e do seu otimismo natural, custava-lhe a acreditar que tivessem saído com vida daquele buraco do inferno. Nas horas que tinham antecedido o início da missão, quando não divisava qualquer saída, Eliah fora atormentado por pensamentos extremamente pessimistas. Não os queria recordar, não desejava reviver o martírio; precisava de esquecer para recuperar a sanidade mental e ajudar Matilde a superar aquela experiência traumática. Ele, como soldado da *L'Agence*, estava preparado para enfrentar situações de risco; o cidadão comum podia chegar a perder o juízo ao ser exposto a uma violência extrema, como a que Matilde experimentara.

Inquietou-se ao avistar o *F-15* à sua direita. Seria o *Profeta*? O avião aproximou-se e balançou as asas num claro sinal de «segue-me», o que alertou Al-Saud. Porque lhe pediria o *Profeta* que o seguisse? Não tinha o companheiro manifestado o seu desejo de também fugir da Base Zero? Decidiu que se tratava de um *bogey*, no calão aeronáutico uma nave não identificada que se assume como hostil. «Raios o partam!», praguejou, dando um murro com o punho enluvado no teto da cabina. Deu uma volta cerrada e repentina para a direita, a qual certamente aterrorizaria e afetaria Matilde, e afastou-se. O

F-15 seguiu-o.

Al-Saud sentia-se encurralado, apesar de contar com uma joia da aviação militar e de ser um piloto experimentado. As circunstâncias limitavam-lhe o uso dos atributos principais de um caça: a velocidade e a liberdade de manobra. Tinha que tomar uma decisão rápida: subia, aumentava a velocidade e preparava-se para a luta, com o risco de ser detetado pelos radares norte-americanos, ou mantinha-se nos mil pés e tentava livrar-se do inimigo. Pressentia que era Chuquet quem pilotava o *F-15*. Não seria fácil iludi-lo, pelo que optou pela primeira alternativa.

Chuquet viu que Al-Saud levantava o focinho do avião até o colocar num ângulo de noventa graus em relação à terra para se elevar. Com o *Sukhoi*, podia alcançar os dezoito quilómetros de altura em escassos minutos.

Apesar das ótimas condições climatéricas para a identificação visual, ao estar só, sem «parelha» – como se denomina a dois aviões em missão –, Al-Saud tinha demasiados pontos cegos: por exemplo, não conseguiria ver se o *F-15* estava nas suas seis horas, isto é, atrás dele, ou se acabava de entrar por baixo. Efetuou várias voltas em arco e viragens bruscas para localizar o caça, mesmo que tal afetasse o estômago de Matilde. «Maldito filho da puta», enfureceu-se por não o poder visualizar; porém, presumiu que se encontrava nas suas seis, e pronto para lançar um míssil *Sidewinter*. «Vou acabar contigo. E rapidamente» acrescentou, porque tencionava passar pouco tempo naquela altitude.

Al-Saud queria forçar Chuquet, que o seguia a grande velocidade, a fazer um *overshoot*, ou seja, a ultrapassá-lo antes de disparar; para isso, deveria diminuir drasticamente a velocidade, a fim de o surpreender. Tratava-se de uma manobra muito arriscada, que implicava um efeito brutal da força G e que, de certeza, provocaria a Matilde um G-LOC (*G-force induced loss of consciousness* – perda de consciência induzida pela força G). A diminuição da velocidade não seria um problema, não para o *Su-27*, cujo desenho e tecnologia o dotavam de uma capacidade de aceleração altíssima.

Al-Saud executou uma subida em giro lateral, deixando um rasto de condensação que imprimia no céu o desenho de um cilindro, conhecido como *barrel roll* ou *tonneau barrilado*. O objetivo era que, no momento da descida, ao completar a volta de trezentos e sessenta graus, terminasse às seis de Chuquet e pudesse disparar. Este, no entanto, adivinhou a estratégia do seu antigo aluno e, quando o tinha quase atrás, fez uma subida vertical repentina e brusca. Chuquet acelerou a fundo, sabendo que iludira a manobra defensiva. No instante seguinte, porém, recordou-se da razão pela qual o elegera para invadir o espaço aéreo israelita: Cavalo de Fogo conseguira pôr-se nas suas seis, apesar da manobra drástica. Os reflexos de Al-Saud acabavam de demonstrar que ainda funcionavam de um modo tão eficiente como na época da Guerra do Golfo. Reagira de forma quase instantânea, iniciando uma subida tão abrupta como se lhe tivesse lido a mente. Chuquet conhecia o instinto de Al-Saud: sempre lhe invejara aquele talento natural. Independentemente do exercício que realizasse, Al-Saud superá-lo-ia. Sabia que estava na sua mira, que era a sua presa e que não o deixaria até acabar com ele.

Ativando o controlo de armas, Al-Saud selecionou a função *Vymple R-73*, o míssil especial para combate cerrado ou *dogfight*, desenhado para o *Su-27*. Não precisou de colocar o *F-15* no retângulo

verde do radar; apontou, guiando-se apenas pela sua visão, e premiu o botão. O *Vymple*, um míssil com sistema de guia infravermelhos capaz de detetar a presença do alvo mesmo que este se coloque sessenta graus abaixo ou acima da linha de lançamento, perseguiu o *F-15* com a mesma tenacidade com a qual o fazia o caça russo. Chuquet, que conhecia a potencialidade do *Vymple*, o qual não se deixaria enganar pelos foguetes, ejetou-se antes que o seu avião se convertesse numa bola de fogo no ar.

Al-Saud voltou à altitude original de mil pés e consultou a sua posição. Estava muito perto do espaço aéreo da Arábia Saudita. No entanto, o perigo ainda espreitava. Uma «parelha» de *F-15* norte-americanos colocou-se às suas três e nove, respetivamente. Al-Saud ligou o rádio.

– Lion 23 a *Su-27*. Identifique-se.

– Cavalo de Fogo a Lion 23. Acabo de escapar de uma base aérea secreta iraquiana e dirijo-me à base de Dhahran. Entrem em contacto com o senhor Jerry Masterson da CIA e com o general Raemmers da NATO. Solicitem instruções.

Noutra frequência, o chefe da parrelha de *F-15*, Tesla 24, transmitiu as novidades ao seu chefe na base norte-americana estacionada no golfo Pérsico.

– Aqui Tesla 24. Localizámos um dos *bogies*; o outro desapareceu. É um *Su-27* sem bandeira. Rumo 101, nível de voo 15. Pede que se contacte com o general Raemmers, da NATO, e com Jerry Masterson, da CIA. Aguardamos instruções.

Minutos depois, ordenaram da frota:

– Tesla 24, mantenham as vossas posições e escoltem o *Su-27* até à base aérea de Dhahran. Coordenadas: vinte e seis, dezasseis, quinze, norte; cinquenta, onze, trinta e quatro, este.

– Aqui Tesla 24. Recebido. Vamos prosseguir.

Indicaram a Al-Saud que subisse a um nível de voo 335, isto é, uns trinta e três mil e seiscentos pés – cerca de dez mil e duzentos metros –, e que mantivesse o rumo. Al-Saud respondeu afirmativamente e acrescentou:

– Tesla 24, aqui Cavalo de Fogo. Solicito uma ambulância na pista. O meu copiloto está ferido. Necessita assistência médica imediata.

No momento da aterragem na base aérea de Dhahran, o travão de ar instalado na parte dorsal do *Su-27*, atrás do *cockpit* do copiloto, levantou-se, ao mesmo tempo que se abriam os dois paraquedas de travagem. Os *F-15* norte-americanos efetuaram um voo rasante antes de recuperarem altitude e desaparecerem no firmamento.

Na pista, duas ambulâncias e vários automóveis rodearam o *Su-27*. Eliah previra que a receção não seria calorosa. Abriu as cúpulas dos *cockpits* e não esperou que apoiassem a escada para descer; saltou e caiu na pista com uma flexão dos joelhos. Correu para o empregado que se aproximava para o ajudar, arrebatou-lhe a escada e apoiou-a à altura do *cockpit* do copiloto. Trepou em dois saltos. Foi recebido por um cheiro penetrante a bÍlis, prova do sofrimento de Matilde devido às mudanças de pressão, e apesar do fato anti-G. A máscara de oxigénio pendia-lhe da cara.

– Matilde! – Arrancou-lhe o capacete, e a visão do seu rosto, pequeno e mortalmente pálido, tirou-

lhe o fôlego. O entrelaçado de veias violetas e azuis que lhe cobria as pálpebras adquirira relevo sobre a pele mortiça.

– Estou bem – ouviu-a murmurar, sem abrir os olhos. – Não fiques nervoso. Estou bem. Muito enjoada, é tudo.

Os olhos de Al-Saud brilharam e um sorriso inseguro fez-lhe tremer os cantos dos lábios. Desfez-se do capacete com impaciência e pendurou-o no suporte da escada. Inclinou-se sobre Matilde delicadamente, numa atitude quase solene, e abraçou-a.

– Meu amor, amor meu, amor da minha vida – sussurrou-lhe, num tom arquejante, alternando as palavras com beijos de uma alegria incontida. – Matilde, meu amor. Tinha tanto medo... Pensei que... Amo-te, Matilde. És o meu orgulho. A minha vida. – Da pista ordenaram-lhe que permitisse o acesso aos paramédicos. – Eu desço-a! – respondeu, furioso. Falou com doçura a Matilde: – Consegues descer, meu amor? Eu ajudo-te a levantar. Consegues?

– Sim.

Na pista quase se produziu um escândalo quando o chefe da base tentou impedir Eliah de acompanhar Matilde na ambulância.

– Temos ordens de o reter aqui na base. Fugiu com dois aviões, alteza!

– Só fico se me matarem!

– É uma ordem direta do comandante Abdul Rahman!

– Então, peça autorização ao meu tio para me dar um tiro! – Deu meia-volta e trepou para a ambulância.

Capítulo 16

Com o cotovelo apoiado na janela do bombardeiro *Challenger 604*, o general Anders Raemmers fixava o olhar no colchão de nuvens com uma expressão impassível, escondendo assim o espanto que o dominava desde que recebera a chamada de Jerry Masterson, o chefe da CIA para os assuntos no Médio Oriente. «Cavalo de Fogo está vivo», dissera-lhe.

O contacto com Al-Saud fora interrompido em meados de fevereiro e, à medida que o tempo passava e não obtinham informações, a esperança de o voltar a ver com vida desvaneciam-se. Tinham tomado conhecimento do roubo do *Su-27* e do *F-15* a 27 de fevereiro, e a preocupação atingira níveis alarmantes. E, no entanto, naquele momento voava com destino a Riad para uma reunião com Cavalo de Fogo.

Raemmers esboçou um sorriso ao pensar que deveria ter tido mais confiança nas capacidades do seu melhor agente. Estava impaciente por se encontrar com ele e obter um relatório verbal; principalmente, queria saber se a ameaça atómica ainda pesava sobre as suas cabeças. Levantou-se ao ver o seu assistente aproximar-se com o telefone encriptado na mão.

- A sua chamada, general.
- Encontrei Cavalo de Fogo?
- Está ao telefone – confirmou o secretário, entregando-lhe o aparelho.
- Cavalo de Fogo?
- General Raemmers, como está?
- Como estás tu, rapaz?
- Vivo.
- Não sou um homem crente, tu sabes, mas tenho de reconhecer que isto é um milagre. – Al-Saud ficou silencioso. – Onde estás agora?
- Em Riad, no palácio real. O meu tio Fahd queria que lhe explicasse pessoalmente como se tinham passado as coisas. Não estava muito contente com o roubo dos aviões. Continua zangado porque perdeu um *F-15*.
- Depois explicas-me tudo e eu falo com o teu tio. Vemo-nos dentro de... – Raemmers verificou a hora. – Estarei aí antes do meio-dia.
- Onde será a reunião?
- Um assistente do chefe dos serviços secretos irá buscar-me ao aeroporto. Suponho que tenham previsto o local para a reunião.

Al-Saud desligou o telefone e ficou sentado na beira da cama, os cotovelos sobre as pernas e a cara

entre as mãos. Raemmers teria de explicar muitas coisas ao rei Fahd e convencê-lo de que o sobrinho não tinha intenções de bombardear Riad quando os *F-15* o intercetaram no espaço aéreo iraquiano.

O tapete absorveu o barulho dos passos de Matilde, que ficou a contemplá-lo da ombreira da porta. Olhou para as suas mãos sem unhas e cerrou os punhos inconscientemente. A sua mente pregava-lhe partidas e obrigava-a a imaginá-lo na câmara de tortura, padecendo um sofrimento intolerável. A sua cara congestionou-se, a garganta endureceu-se-lhe e o coração bateu-lhe ferozmente. Estava zangada com ele por ter aceitado aquela missão, que tantos dissabores lhes causara. Por seu lado, Eliah estava irritado com ela por ter arriscado a vida para salvar o pequeno Mohamed, o que lhe concedera notoriedade na imprensa e, conseqüentemente, denunciara a sua localização a Anuar al-Muzara e a Udo Jürkens. O rapto na casa do *Silencioso* aumentara ainda mais o tempo de antena de Matilde nos ecrãs. Agora que os *medias* sabiam do seu resgate, aguardavam em Amman a autorização do governo saudita para se lançarem sobre Riad como uma matilha esfomeada. As especulações sobre a pediatra argentina da Mãos Que Curam eram inumeráveis.

Matilde suspirou. Queria fazer as pazes com Eliah. No hospital de Dhahran, onde tinham passado algumas horas, Al-Saud mostrara-se solícito e preocupado. A verdadeira discussão rebentara enquanto voavam para Riad no avião privado de Turki Al-Faisal, quando Al-Saud lhe confessara que estivera em Bagdade numa missão de espionagem. Não lhe fornecera mais detalhes porque desconhecia se no avião existiriam escutas escondidas.

- Disseste-me que ias para Mato Grosso – censurou-o Matilde.
- Não podia contar-te a verdade.
- Porquê?
- Era um segredo de Estado.
- Porque aceitaste uma missão tão arriscada? – enfureceu-se.
- Se não o fizesse, não nos deixariam em paz. Tu não percebes destas coisas, Matilde. A tua imprudência, a de te precipitares para salvar aquele miúdo em Gaza como se fosses a Mulher Maravilha, poderia ter-nos custado a vida. Teria sido mais fácil agir se não estivesses na Base Zero, rodeada de perigos. Quase perdi a cabeça ao imaginar-te nas mãos de Jürkens ou do filho de Saddam Hussein!

- A culpa não é minha! Não aceito que me culpes por salvar uma pobre criança. Quero que me expliques tudo. Não compreendo nada.

- Não! – calou-a Al-Saud. – Não te vou explicar nada. Não agora.

Encostaram-se nas poltronas, enfurecidos, e não voltaram a trocar palavra. Em Riad, Turki Al-Faisal foi buscá-los ao aeroporto e esperou-os na pista, ao fundo da escada. Da porta do avião, Al-Saud avistou dois automóveis pretos, seguramente com agentes da *Mukhabarat* saudita; não deixariam de o seguir até que a situação fosse esclarecida.

Os primos abraçaram-se. Matilde ficou sem perceber sobre o que falavam.

- Lamento ter levado o *Su-27*. Felizmente, trouxe-o de volta sem um risco.

– Sei que o fizeste por um bom motivo. Depois contas-me tudo. – Os olhos grandes, escuros e de pestanas densas de Turki cravaram-se em Matilde, que se sentiu agradecida pelo sorriso do homem. – Apresenta-me a tua mulher, Aymán – pediu em francês. – Conheço-a pela infinidade de vezes que vi a fotografia dela na televisão devido à sua proeza em Gaza, mas agora posso confirmar que, ao vivo, é muito mais bonita.

– Obrigada, mas sei que estou com um aspeto cadavérico.

Trocaram umas palavras antes que Turki Al-Faisal tirasse um lenço do interior do seu casaco.

– Matilde, tens um cabelo deslumbrante. Lamento ter de te pedir que o cubras.

Abriu o tecido de seda preta e colocou-o sobre a cabeça de Matilde.

– Eu ponho-lho – interveio Al-Saud, mal humorado, e tirou-lhe os extremos do lenço das mãos para os atar debaixo do queixo de Matilde. Esta levantou o olhar até lhe encontrar os olhos duros, meio ocultos pelas pálpebras.

– Lamento ter de te cobrir a cabeça – disse-lhe em castelhano e, na sua voz, não havia rasto nem de remorsos nem de doçura.

– Está bem.

– Aymán, o tio Fahd decidiu que tu ficas no palácio – informou Turki em árabe. – Tenho instruções para levar a Matilde para casa da tia Fátima.

– Não me vou separar da minha mulher, Turki – respondeu-lhe Eliah. – Vou também para casa da tia.

– Contra uma ordem do rei?

– A minha mulher e eu acabámos de ver a morte na cara, Turki, e tudo isso para salvar a pele dos sauditas. – O primo de Eliah levantou as sobrancelhas perante o misterioso comentário. – Acredita quando te digo que neste momento não tenho vontade nenhuma de acatar ordens de quem quer que seja, especialmente se pretendem afastar-me de Matilde.

– Está bem. Espera. Vou ligar ao assistente do tio Fahd.

Depois de uma série de chamadas, Al-Faisal aproximou-se com um sorriso.

– O tio Fahd aceitou que leves a tua mulher para o palácio, desde que se mantenha nos vossos aposentos.

Ao entrar no edifício que circundava a residência do rei, Matilde, a pedido de Al-Saud, cobriu-se completamente com o lenço, incluindo a cara. Fê-lo sem pronunciar uma palavra: não tinha forças para discutir, nem sequer para se mostrar ofendida. Depois de ter vivido mais de quatro meses entre os gazenses, conhecia os costumes muçulmanos e a inutilidade de os questionar.

Um séquito de serviçais uniformizados guiou-os através de corredores e jardins, que desmentiam a geografia desértica da capital saudita. Matilde lamentava o distanciamento de Eliah, porque necessitava da força dos seus braços; a cada passo sentia-se desfalecer. Uma pontada martelava-lhe a parte direita da cabeça e o vazio no estômago transformara-se numa bola de fogo.

Os aposentos, três divisões de dimensões generosas, destacavam a riqueza do rei Fahd. Enquanto

Matilde as observava, Al-Saud trocou algumas palavras com os serviçais e mandou-os embora. Ouviu-o aproximar-se e manteve-se de costas, simulando interesse pelo jardim.

– Faz o que te apeteecer. Come, toma banho, dorme. Eu tenho que fazer vários telefonemas. Tenho a certeza de que o rei me vai querer ver.

A sua irritação e a sua dureza magoaram-na. Depois do que acabavam de viver, tudo o que Matilde queria eram os seus beijos e o vigor do seu corpo. Porque lhe custava tanto compreendê-la? Como podia pensar, conhecendo-a como conhecia, que ela não faria o impossível para salvar Mohamed? Porque não a aceitava como ela era? Ao ensaiar respostas, compreendeu que também não o aceitava nem à sua natureza indomável de Cavalo de Fogo. Censurara-o amargamente por aceitar uma missão que assustaria qualquer um, exceto um homem como ele.

Decidida a pedir-lhe perdão, entrou na sala e encontrou-o ao telefone; falava em voz baixa. Inclinado sobre as pernas, Al-Saud descansava o cotovelo sobre uma delas e cobria os olhos com a mão. Reparou que falava em francês e parecia fazê-lo com alguém de confiança, talvez com Alamán. Retirou-se e decidiu tomar um duche. No hospital mal tivera tempo para se limpar: sentia-se suja e malcheirosa depois daqueles dias de cativeiro e dos vômitos na cabina do *Su-27*. Ao terminar o duche, envolveu-se num roupão de banho, penteou o cabelo húmido e regressou à sala. Eliah ainda estava ao telefone, numa atitude tão abstraída e franzindo o sobrolho de forma tão pronunciada que não se atreveu a revelar-lhe a sua presença. Esperaria por ele no quarto. Encostou-se na cama e adormeceu.

Ao acordar, não sabia onde estava nem que horas eram. Ainda dominada pelo pesadelo que a despertara, recordou-se de Al-Saud metendo-a entre os lençóis e beijando-lhe a testa. Desejou que não fosse um sonho. Virou-se e viu que o outro lado da cama estava desfeito. Todavia, não havia sinal de Eliah. Arranjou o roupão e foi até à sala, guiada pelo som da sua voz, que a tranquilizou e alegrou. Estava de novo ao telefone. Desta vez, decidiu esperar que terminasse. Não queria perder mais tempo: o distanciamento estava a tornar-se intolerável. Viu-o desligar e adotar uma postura que transmitia desânimo. As suas mãos magoadas, sem unhas, submergiram-na num poço de angústia. Teria outras marcas no corpo? Parecia-lhe ridículo o modo como se tinham tratado e evitado desde a chegada a Riad.

– Eliah, meu amor – sussurrou, com a voz embargada.

Al-Saud levantou a cabeça rapidamente. Olharam-se com uma persistência eloquente; a intensidade daquele olhar vibrou no silêncio. Para ambos, a visão do outro tornou-se desfocada. Um turbilhão de imagens de Eliah a ser torturado desfilou pela cabeça de Matilde, e a médica desatou num pranto. Ainda que o tentasse reprimir, a força do sentimento abriu-se de repente e destruiu o muro. Al-Saud atravessou em poucos passos o espaço que os separava, empurrou-a contra a parede e cobriu-a com o seu corpo e os seus braços. Sussurrou para a acalmar e acariciou-lhe o cabelo.

– Não aguento! – admitiu Matilde, num murmúrio balbuciado e afogado.

– O que é que não agentas?

– Que te tenham feito mal! Que tenhas sofrido tanto! Não sei se vou conseguir viver com essas imagens na minha cabeça. Vou enlouquecer.

Al-Saud não soube responder. Inspirou profundamente para impedir a onda de lágrimas. Devia conservar-se calmo para apaziguar Matilde.

– Por que não pensaste em mim quando aceitaste ir para Bagdade?

– Tu não pensaste em mim quando te converteste no escudo humano do menino palestiano.

Também não pensaste no Kolia nem no Jérôme.

– Pensava no Jérôme! – A declaração foi seguida por um grito angustiante que comoveu Al-Saud. –

Pensava nele! Durante todo o tempo estive a pensar nele!

Conduziu-a até um sofá na sala contígua, e aconchegou-a contra o peito. Matilde foi-se acalmando graças aos murmúrios e às carícias de Eliah. Olharam-se. Al-Saud inclinou-se e beijou-lhe o nariz avermelhado. Matilde suspirou e estremeceu com um calafrio.

– Enquanto cobria Mahomed com o meu corpo e sentia que as balas zumbiam perto das nossas cabeças, pedia a Deus que, se o meu Jérôme tivesse que passar por uma situação semelhante, tivesse alguém que o protegesse como eu estava a fazer com aquele menino.

Al-Saud ajustou os braços à volta de Matilde e apoiou os lábios trémulos na sua cabeça. Não conseguia falar. Segundos depois, controlada a forte emoção, afastou-a para a observar.

– Minha menina valente – disse em francês. – A minha guerreira sem escudo nem arma. A minha guerreira de estetoscópio – riu-se.

– Eliah, tenho algo para te dizer e não sei como.

– O quê? – alarmou-se ele. – Diz-me o que quiseres, meu amor.

Matilde levantou-se, passou as mangas do roupão pelos olhos e pigarreou.

– O teu amigo, Gérard Moses... O... – Al-Saud viu os olhos de Matilde encherem-se de lágrimas. – Matei-o, Eliah! Eu matei-o!

– Meu Deus! – Al-Saud abraçou-a com força para lhe acalmar os tremores. – Pelo que eu te fiz passar! O que tiveste de sofrer!

– Queria matar-me. Estava a estrangular-me. Não conseguia respirar. Não conseguia. Juro-te!

– Acredito em ti, acredito! – repetia Al-Saud. – Meu Deus, não!

– Dizia-me que tu lhe pertencias, que não deixaria que te sacrificasses por minha culpa.

– Estava louco. A doença tinha-o transtornado.

– Eu tinha uma faca que o Udo me tinha dado e... – Matilde recomeçou a chorar, um pranto sem força, quase silencioso, que partiu o coração de Al-Saud.

– Matilde, não chores, meu amor. Fizeste o que tinhas de fazer. Sei que para ti, uma médica, é insuportável ter tirado a vida a um ser humano, mas ele ia matar-te. Meu Deus, Matilde! Se te tivesse acontecido alguma coisa, eu... – Faltou-lhe a voz repentinamente. Matilde observou a maçã de Adão, que subia e descia, enquanto Al-Saud controlava a emoção.

– Porquê, Eliah? Por que teve de acontecer tudo isto? – Pegou-lhe nas mãos e beijou-lhe os dedos sem unhas. – Porque é que os seres humanos são tão maus? Não suporto pensar que assassinei o teu melhor amigo, o teu amigo de infância.

– Matilde, não quero que te sintas culpada. Hoje sei que nunca conheci a verdadeira natureza do Gérard. Era inteligente, brilhante e muito hábil, mas sempre escondeu quem era na realidade. Mostrou-me uma cara e escondeu a outra. Estava doente, e não me refiro à porfíria. Era um psicopata. Mandou matar o Roy Blahetter. – Matilde saiu do aconchego de Al-Saud e endireitou-se no sofá. – Também mandou matar a Samara.

– O quê? Como? Ele disse-te?

– Gérard foi ver-me na minha cela na Base Zero. Achei-o diferente. Mudara. A fachada atrás da qual se tinha escondido durante tantos anos estava a começar a encher-se de fissuras. Achei-o angustiado. Talvez estivesse farto de fingir. Contou-me que sempre esteve apaixonado por mim. Eu não sabia que ele era homossexual. Pensei que não queria estar numa relação séria com uma mulher porque a porfíria é hereditária. Ele disse-me uma vez que a sua doença morreria com ele. Não admitiu abertamente ter mandado assassinar a Samara, mas vi a aceitação na sua cara.

– Eliah, quero contar-te tudo, desde o rapto até o Udo me levar à pista. E quero que depois tu me contes tudo: porque aceitaste uma missão em Bagdade e porque te sequestraram. Estou muito confusa.

– Sim, conto-te tudo, mas antes preciso de um café e de comer qualquer coisa – disse, pegando novamente no telefone. Ligou para a receção e falou em árabe.

Antes da reunião com o chefe dos serviços secretos da Arábia Saudita e com os ministros mais importantes, o general Raemmers pediu para falar com Eliah al-Saud. Passearam pelos jardins internos do palácio. Matilde observava-os da janela, oculta atrás do espesso cortinado de *shantung* de seda.

– Quem me denunciou? – exigiu saber Al-Saud.

– Pelas averiguações que pudemos fazer desde que desapareceste, achamos que alguém da As-Saiqa lhes revelou que não eras Kadar Daud.

– Foram buscar-nos à pensão e levaram-nos para uma cave que chamam «o ginásio», no edifício da Amn-al-Amm. Medes bebeu o veneno. A mim, torturaram-me.

– Lamento, Eliah.

Al-Saud ficou silencioso. Raemmers não se atrevia a perguntar-lhe o que lhe tinham feito, ainda que soubesse, pelas informações que *L'Agence* recebia, que depois dos sírios, os iraquianos contavam com os torturadores mais cruéis do Próximo Oriente.

– Lamento sinceramente – insistiu. – Vivi um pesadelo desde que perdemos o contacto convosco. Os transmissores deixaram de emitir o sinal.

– No mesmo dia em que nos fizeram prisioneiros, deram-me um golpe na perna para o extrair. Devem ter feito o mesmo ao Medes.

– O que aconteceu depois?

– Poderia dizer, general, que aconteceu o que o senhor disse esta manhã ao telefone: um milagre. Donatien Chuquet, um dos meus antigos instrutores na *L'Armée de l'Air*, trabalhava para os Hussein, a treinar pilotos. Uday Hussein e Chuquet tornaram-se amigos e partilham um grande passatempo: assistir

à tortura dos inimigos do regime. Chuquet reconheceu-me e, como precisavam de um piloto para lançar a bomba sobre Telavive, pediu a Uday que me salvasse. Passei uns dias no hospital e depois fui levado para a Base Zero, o centro onde funcionam as centrifugadoras construídas com o desenho do engenheiro nuclear argentino, Roy Blahetter. Estavam ali o terrorista Udo Jürkens ou Ulrich Wendorff e o seu chefe, o professor Orville Wright, cujo nome verdadeiro é Gérard Moses.

– Moses? Soa-me a judeu.

– Assim é, de facto. O pai dele é um dos sionistas mais poderosos de França. Há anos que vive em Israel, onde pertence à elite influente e rica. O outro filho, Shiloah, dirige dois dos jornais de maior tiragem, *O Independente* e o *Últimas Notícias*, e agora é deputado no Knesset. Tanto Shiloah como Gérard são meus amigos de infância. – O general parou e levantou os olhos do chão para fixar Al-Saud. – É isso mesmo, general, dois dos meus melhores amigos. Gérard era uma pessoa muito especial. Sofria de uma doença que herdou do pai, uma doença rara, cruel: a porfíria. Não podia expor-se à luz do sol, não fazia uma vida normal. Odiava o pai por lhe ter transmitido a doença e o irmão por ser saudável. Tenho a certeza de que os queria destruir bombardeando o coração do sonho sionista: Telavive-Yafo.

– Falas de Orville... desse tal Moses como se tivesse morrido.

– Sim, general. Matei-o na Base Zero.

Raemmers anuiu e retomou o passeio.

– Para quando está previsto o bombardeamento?

– Estava previsto para ontem, 1 de março. Felizmente, a minha mulher e eu conseguimos escapar no *Su-27*. Tinham-na sequestrado para me obrigarem a lançar a bomba atómica sobre Telavive. Chuquet seguiu-me no *F-15* e ejetou-se antes que o *Vympel* que lancei o atingisse.

Al-Saud prosseguiu com os detalhes dos dias vividos como guarda-costas de Qusay e no cativeiro. Poucos tinham conhecido o círculo de Saddam Hussein de uma posição tão íntima e vantajosa: Eliah foi debitando factos que fizeram o general dinamarquês arquear as sobranceiras. No fim, Raemmers pediu a informação que Al-Saud memorizara expressamente, porque sabia que seria a revelação mais valiosa que podia proporcionar à *L'Agence*: as coordenadas da Base Zero.

– A Base Zero – explicou Al-Saud – está camuflada na paisagem da zona norte. Tem pelo menos duas entradas dissimuladas na montanha. Parece algo incrível. Para regressar ao Iraque, depois de ter roubado os dois aviões, tiveram que me confiar a sua localização. Claro que eu sabia que, só por conhecer esta informação, já era um homem morto. Mesmo que me salvasse depois de invadir o espaço aéreo israelita eles matar-me-iam, para que levasse para o túmulo o segredo mais bem guardado do *rais*.

– Santo céu. Uma base aérea subterrânea. Como raio fazem para que os aviões descolem?

– Usam uma tecnologia semelhante à dos porta-aviões, mas melhorada.

– Quantas bombas já construíram?

– Não sei. Tinham pelo menos duas, as que estavam a ser colocadas nos nossos aviões para o bombardeamento. General, se atacarem a base, o risco de expor o norte do Iraque às radiações será enorme.

– Os nossos especialistas estão desde ontem a pensar na melhor forma de enterrar essa maldita base sem produzir danos de proporções incalculáveis. Fala-se de uma implosão, que a sepulte para sempre, assim como aos seus segredos nucleares.

– General, não será fácil aceder à base, mesmo conhecendo as coordenadas. Não pude confirmar esta informação, mas ouvi dizer que existe uma ligação subterrânea entre a Base Zero e um dos palácios de Hussein, o que fica em Sarseng.

– Sarseng – repetiu Raemmers, e digitou o nome na sua agenda eletrónica. – Vou mandar investigar.

– O que vai acontecer à invenção de Roy Blahetter? Vai-se perder tudo?

– É o preço que teremos de pagar.

Al-Saud olhou para ele com um ar incrédulo. Custava-lhe acreditar que o Ocidente se resignaria a perder um invento que teria revolucionado a produção de energia nuclear, sem mencionar o aumento dos arsenais de bombas atómicas. Calculou que Raemmers, agora que conhecia a identidade de Orville Wright, tentaria encontrar uma cópia dos planos e das fórmulas.

– Cavalo de Fogo, achas que os iraquianos serão capazes de concretizar o seu plano de bombardeamento a curto prazo, mesmo sem a tua ajuda?

– Não, general. Poderiam conseguir pilotos novos, mas não têm aviões para o fazer, e roubá-los não é tarefa fácil.

– Fizeram duas tentativas antes de chegarem a ti. Como está a tua mulher?

– Passou por uma experiência traumática, mas está bem.

– No início, pensámos que, com a popularidade que adquirira ao salvar o menino palestiano, os do Hamas a queriam para pedir resgate.

– Não o pediram quando sequestraram os soldados israelitas – assinalou Al-Saud.

– Tens razão, e um deles continua cativo. Mas o caso da tua mulher é diferente: ela não tinha nenhuma relação com a causa: limitou-se a protagonizar um ato heroico que teve grande visibilidade. No entanto, os dias passavam e a Mãos Que Curam não recebia o pedido de resgate. Começámos a suspeitar que tinha a ver contigo, ainda que eu o tivesse calculado desde o início. Sabes que, neste mundo em que circulo, não se pode acreditar em coincidências. O teu desaparecimento em Bagdade e o rapto dela tinham de estar relacionados. – Parou à procura da inflexão necessária para mudar o tom e suavizar o gesto. – A tua mulher é valente, Cavalo de Fogo. A filmagem que a captou protegendo aquele menino em Gaza é suficiente para demonstrar o que digo. – Al-Saud concordou com ar neutro. – Diana chamou-me assim que o sequestro aconteceu.

– Matilde contou-me os detalhes do sequestro muito por alto. Disse-me que Diana não estava quando os da Brigadas Ezzedine al-Qassam entraram em casa do *Silencioso*.

– Sim. Tinha-se afastado da casa. Não creio que tivesse podido fazer grande coisa. Os terroristas eram muitos e lançaram uma quantidade excessiva de granadas lacrimogénias antes de irromperem na casa do escritor. Os teus sócios concordaram que a designássemos para uma missão na Sérvia, com o irmão Sándor. Um traficante de drogas desse país mantém contacto com o Al-Muzara. Vamos usá-lo

para saber dele.

«Anuar al-Muzara é meu», resmungou Eliah para si.

– Não quero Diana de volta à Mercure, general. Traiu a minha confiança afastando-se do seu posto de trabalho, descuidando a segurança da minha mulher e abandonando o seu companheiro. Como está o Markov?

– Eliah – disse Raemmers e, ao chamá-lo pelo seu nome verdadeiro, deu-lhe a entender que estava a ponto de lhe comunicar uma má notícia –, Sergei Markov morreu durante o sequestro. O teu amigo, Sabir al-Muzara, também.

A notícia golpeou-o com a mesma intensidade das descargas elétricas nos testículos. Ficou rígido, transido de surpresa, de dor e de pena.

– Foi um massacre. Com a exceção do imã Yusuf Jemusi e da jornalista israelita Ariela Hakim, todos foram assassinados. Lamento. Bom, e agora, Cavalo de Fogo, tenho de me ir embora.

Al-Saud aquiesceu.

– General – deteve-o. – Onde está Ariel Bergman?

– Em Telavive. Como deves imaginar, a tua família não lhe ia permitir a entrada na Arábia como fez comigo, com o Masterson e com o Seigmore. Está à espera de uma oportunidade para te agradecer e felicitar-te pela missão que realizaste. Por outro lado, está a gerir algum tipo de reconhecimento pelo governo, secreto claro, mas enfim, um reconhecimento. Os israelitas sabem que, se o seu pequeno e adorado país continua no mapa, é a ti que o devem.

Al-Saud regressou aos aposentos e abraçou Matilde sem palavras. Nela purificava-se. Matilde devolvia-lhe a fé na raça humana. Se ela existia, então havia esperança.

– Meu amor, não trago boas notícias. – Matilde tentou afastar-se e ele segurou-a para que permanecesse nos seus braços. – Markov morreu durante o sequestro. Shhh – sussurrou Al-Saud quando Matilde lançou um soluço. – Sabir... Ele também morreu.

– Morreram por minha causa! Porquê, Deus bendito? Porquê?

– A culpa não foi tua! – Al-Saud segurou-a pelos ombros e apertou-a. – Matilde, por favor, olha para mim. – As pestanas, pesadas das lágrimas, levantaram-se lentamente. – Matilde – disse Al-Saud trespassado pela tristeza e pela bondade que, com tanta clareza, os olhos da sua mulher comunicavam. – Matilde... Se alguma coisa te tivesse acontecido... Se te tivessem... Eu... – A voz não passava na garganta. Puxou-a para si, dominado por uma emoção violenta, e colou-a ao seu peito até lhe sentir as costelas. Matilde recomeçou a chorar e ele não se esforçou para conter as lágrimas; chorou sem esconder os seus sentimentos e temores, exposto e desnudado como não teria permitido que mais ninguém o visse, apenas ela.

Foram-se acalmando; as suas bocas húmidas e salgadas de lágrimas procuraram-se, guiadas pelo instinto, para se fundirem num beijo desesperado, que se foi extinguindo e misturando com suspiros cansados e restos de pranto. Sentaram-se numa poltrona e olharam-se sem falar.

– *Je t’aime*, Matilde. Suportei tudo apoiado na esperança de voltar a ver-te como te estou a ver agora. E quando, durante um momento, desejei a morte... – Matilde mordeu a mão para não gritar de dor e de raiva. – Não sofras por mim. Tudo vai ficar no passado. Se estiveres sempre comigo, todos os dias, nenhuma recordação desses momentos vividos no Iraque voltará para me atormentar.

– Vou estar contigo cada segundo do resto da minha vida, juro-te pelas vidas de Jérôme e de Kolia.

– Enquanto me torturavam, não tinha medo de morrer. Sentia uma grande tristeza porque tu e eu já não poderíamos partilhar a cena da piscina em nossa casa, mas não tinha medo. De alguma forma, tu estavas comigo. Fechava os olhos e via-te, e sabia que ia ver-te quando tudo acabasse.

– Meu amor... Eliah, obrigado por teres sobrevivido. Que seria de mim se não estivesses aqui hoje? Acho que não teria vontade de continuar a viver.

– E o Kolia? E o Jérôme?

Matilde sorriu com uma expressão amarga.

– Sim, fá-lo-ia por eles, mas nunca mais voltaria a ser feliz. Não sem o meu Eliah.

– Meu amor. – Al-Saud passou-lhe as costas dos dedos pelo contorno das maçãs do rosto. – Tesouro da minha vida.

– Eliah, quero que me contes a verdade. Toda a verdade. Contaste-me fragmentos e não consigo compreender. Quero saber tudo, desde o início.

– O início – suspirou Al-Saud. – É uma história tão complexa. Nem sei por onde começar. Talvez deva começar por *Matilde e o caracol*, que ocultava os planos de uma invenção revolucionária em matéria nuclear criado pelo Blahetter.

Felizmente, ninguém bateu à porta e o telefone não tocou durante as duas horas que Al-Saud gastou para explicar a Matilde os acontecimentos que os tinham levado a viver uma aventura digna de um filme.

– Como soubeste que o invento do Roy estava em mãos do Saddam Hussein?

– Alguém que era do círculo íntimo de Hussein confessou-mo.

– Quem?

Al-Saud olhou-a fixamente, enquanto se debatia entre falar-lhe do papel de Aldo Martínez Olazábal ou omitir aquela parte da verdade.

– O teu pai, meu amor.

– O quê? – Matilde afastou-se. – O meu pai? Estás a delirar? O meu pai convivia com um monstro como o Saddam Hussein?

– Matilde, o teu pai e Rauf al-Abiyia eram sócios. Há muitos anos, desde que saíram da prisão, que se dedicavam ao tráfico de armas.

– O quê?

– Deixa-me terminar. Rauf al-Abiyia era traficante antes de ser preso. Na realidade, foi preso por vender armas na Argentina. Em maio do ano passado, o teu pai estava no Congo, em casa de Gulemale, onde tinha ido fechar um negócio para a compra de urânio para o Iraque, urânio que enriqueceriam com

a centrífugadora de Blahetter. Alamán e eu tirámo-lo da casa de Gulemale porque, naquela noite, a Mossad, ou, mais especificamente, Ariel Bergman, o irmão do coronel Lior Bergman, tinha ordens para raptar o teu pai e, depois de lhe arrancar a informação, para o matar.

– Meu Deus! Eliah!

– Desde fins de maio que o teu pai está escondido num sítio muito seguro para que os da Mossad não lhe possam tocar. Os iraquianos também andam à sua procura.

– Porquê?

– O teu pai conhece os segredos mais perigosos do Iraque, está ao corrente de tudo. Como te disse, foi ele quem me preveniu que a centrífugadora tinha caído nas mãos do Saddam. Matilde, meu amor – Al-Saud atraiu-a de novo para si e falou-lhe com paixão, colado no seu rosto –, não julgues o teu pai. Se não fosse por ele e pelo que me contou, hoje talvez Hussein tivesse lançado duas bombas atómicas, uma sobre Telavive e outra sobre Riad. Juana, Shiloah e toda a minha família paterna estariam mortos.

Matilde chorou apoiada sobre Al-Saud. Um cansaço, que lhe chegava até aos ossos, impediu-a de levantar a cabeça do ombro de Eliah para falar. Fê-lo com sussurros débeis.

– Sempre soube que o meu pai não andava por bons caminhos. Todo aquele dinheiro, tanto luxo, tantas viagens, tudo conseguido tão rapidamente. Nada disso podia sair de um negócio legítimo.

– Gostarias de o ver?

– Sim. Tenho saudades dele, e preciso de lhe falar.

– Eu levo-te.

– Quando?

– Dentro em breve.

Depois de uma refeição e de uma sesta, Matilde recuperou parte do seu ânimo. Eliah estava a tomar banho e a preparar-se para um jantar com o tio, o rei Fahd, no qual ela não participaria. O convite fora entregue com três coisas: a bandeja do almoço, umas vestes árabes para Eliah e a roupa com que tinham chegado do Iraque, lavada e passada a ferro.

Pela primeira vez desde que chegara ao palácio, Matilde decidiu ver televisão. Até àquele momento, tinha decidido escudar-se na ignorância. Passava de um canal para o outro, à procura de notícias de Sabir al-Muzara, o mais jovem dos prémios Nobel, assassinado na segunda-feira, 22 de fevereiro, há apenas oito dias. A sua fotografia, de olhar esquivo e sorriso bondoso, dominava as imagens da maioria dos programas e arrancava soluços a Matilde. «Sabir, meu amigo», sussurrava, e, num arranque de dor, correu até ao aparelho e apoiou a mão sobre o rosto tão querido. Dada a severidade do regime saudita, os canais estrangeiros estavam proibidos, pelo que ela não compreendia nada, apenas algumas palavras soltas que Sabir lhe ensinara. Pensou na pequena Amina, que, felizmente, continuava em Itália, ao cuidado de Kamal e de Francesca.

Também nos jornais que lhes tinham trazido aos aposentos – todos em árabe, exceto o *New York Times* –, a notícia dominante era a morte do escritor e filósofo palestino, Sabir al-Muzara. Ao folhear a publicação norte-americana, Matilde descobriu um artigo de Ariela Hakim, a única sobrevivente do

massacre, a par do imã Yusuf Jemusi. Desligou a televisão e acomodou-se para ler o artigo da israelita. Às primeiras frases, começou a chorar. *Adeus, meu amigo, defensor incansável da paz, amante da humanidade, na qual não distinguias raças ou diferenças. Todos éramos iguais para ti. «Adeus, irmão palestino», diz-te esta israelita que aprendeu a amar-te e a respeitar-te tanto como amei e respeitei os meus pais, sobreviventes do Holocausto. Tu também eras um sobrevivente. Porque, embora te tenham arrebatado a vida, as tuas ideias de paz e de irmandade permanecerão. Hoje são julgadas uma utopia; amanhã serão convertidas numa realidade, e a tua morte, tão prematura e injusta, não terá sido em vão. Tu não és um mártir, Sabir. Tu és um herói.*

Al-Saud apareceu vestido com a jilaba branca e, na cabeça, o *keffieh* da mesma cor, ajustado com um cordão negro e dourado. Matilde apressou-se a secar as lágrimas e a sorrir-lhe. Estava soberbo no traje tradicional, e estranho sem o bigode. Dirigiu-se-lhe e passou o dedo pelo lábio superior e pelo rosto recém-barbeado e cheiroso.

– Magnífico. Este é o sonho de qualquer mulher ocidental: ser amada por um árabe de pele escura e olhos verdes.

– Ai é? Pois pode ter a certeza, menina ocidental, que é imensamente amada por este árabe.

– Eu sei. O seu amor é o meu maior tesouro, senhor árabe.

– Matilde – o gesto de Al-Saud era sério e o seu olhar tornou-se intenso e escuro –, prometo-te que agora seremos felizes. Não vejo a hora de regressarmos a Paris e começarmos a viver em paz com os nossos filhos.

– Só falta encontrar o Jérôme.

Bateram à porta. Eram Kamal, Alamán e Shariar, os três vestidos como Eliah. Uma explosão de alegria levou Matilde a abraçá-los, inclusive ao sóbrio Shariar. Alamán deu-lhe voltas no ar e beijou-a várias vezes na cara; entretanto, Eliah, que saudava o pai e o irmão mais velho, lançava-lhes olhares ferozes.

– Não lhe vou tirar nenhum bocado – gozou Alamán, para o provocar. – O teu futuro esposo, querida Mat, é um chato. – Inclinou-se no seu ouvido e confessou: – Vou ser pai.

Matilde lançou um grito e voltou a saltar para o pescoço do seu cunhado.

– De quantos meses está a Joséphine?

– De dois.

– Que alegria, Alamán! É a primeira boa notícia que tenho desde há muito tempo.

Atrás dos homens da família Al-Saud, tinham deslizado cinco mulheres, as quais, assim que atravessaram a porta e a fecharam, tiraram as túnicas que as cobriam dos pés à cabeça, revelando uma beleza tipicamente oriental: peles escuras e macias, olhos grandes, sublinhados pelo *kohl* e pelo rímel, lábios generosos e delineados, cabeleiras espessas e negras e roupas caras; Matilde apercebeu-se de uns *Dolce & Gabbana*, *Carolina Herrera* e *Versace* nas malas e em algumas das peças que envergavam. Eliah apresentou-as como sendo a tia Fátima e as suas primas.

– O meu irmão Fahd pediu-nos que te acompanhássemos enquanto Aymán janta com ele – explicou Fátima num francês perfeito –, para que não te sintas sozinha, Matilde.

– É muita gentileza vossa.

Uma das primas dos Al-Saud, Asalah, entregou-lhe uma mala com roupas e sapatos. Outra, Munira, estendeu-lhe uma bolsa com artigos pessoais de higiene.

– Muito obrigada – agradeceu Matilde. – Não sabem o quanto vos estou reconhecida.

– Eliah telefonou-me ontem – explicou Fátima – e pediu-me que te comprasse tudo isto.

– Ontem também falei com o Bondevik – interveio Al-Saud. – Prometeu-me que trataria de enviar os teus pertences para casa.

– E o meu passaporte?

– Vai enviá-lo para aqui. Chegará amanhã ou depois.

Os homens despediram-se. Eliah puxou Matilde para o lado e beijou-a longamente na boca, o que provocou risos sufocados nas suas primas. Pouco depois de ficarem sós, umas mulheres filipinas de uniforme entraram para lhes servir o jantar. Comeram e falaram com entusiasmo. As primas de Eliah confessaram-lhe que, sem saber que ela era a futura esposa de Aymán, a admiravam por ter salvo a vida do pequeno Mohamed; tinham gravado as imagens da Al-Jazeera e reviam-nas amiúde. Admiravam-na também por se ter atrevido a estudar Medicina, algo que estava proibido para as mulheres da Arábia Saudita, e por se ousar exercê-la em sítios tão perigosos como o Congo e a Faixa de Gaza.

Apesar de ter convivido quatro meses com as palestinianas, Matilde constatou que as sauditas vivam segundo regras muito mais duras e restritivas. Compreendeu por que razão Kamal decidira ficar em Paris com Francesca. À medida que o diálogo se aprofundava e que as primas de Eliah – Fátima ficou a maior parte do tempo calada – lhe contavam sobre os costumes da sociedade saudita, o espanto de Matilde crescia. Por exemplo, para respeitar os princípios do vaabismo, na Arábia estão proibidas as danças e a música; as mulheres não têm permissão para conduzir automóveis e são lapidadas quando acusadas de adultério. Àqueles que roubam, corta-se-lhes a mão; aos homicidas, a cabeça.

Matilde escandalizava-se com o que qualificava como aberrações; no entanto, limitou-se a um aquiescer e, de vez em quando, a um ligeiro levantar das sobrancelhas, dado que as primas de Eliah não emitiam opiniões contrárias à realidade que o Islão vaabista as obrigava a viver; limitavam-se a descrevê-la com desapego. Matilde ficou a pensar se se expressariam com a mesma parcimónia se estivessem a quilómetros do seu país.

Na manhã seguinte, partiram para o oásis de Al-Ahsa. Matilde sentia uma alegria crescente, a qual a fazia sentir-se culpada devido às circunstâncias que acabavam de viver e aos amigos que tinham perdido tão recentemente. Talvez se tratasse da influência de Alamán e da proximidade do encontro com o pai depois de tantos meses, quase um ano; contudo, o seu coração sabia que se relacionava com o que Eliah lhe contara naquela manhã, enquanto se vestiam para partir: dentro de dois dias iriam a Itália buscar Kolia e Amina.

– A Amina? – estranhou Matilde.

– Gostaria que falássemos disso com mais calma. Talvez esta tarde, no oásis.

– Não, diz-me agora. O que é que se passa com a Amina?

– O meu pai disse-me que Lafrange, o meu advogado, que também era advogado o de Sabir, ao tomar conhecimento da sua morte, entrou em contacto com eles, porque não me encontrava. Explicou-lhes que o Sabir determinara no seu testamento que a Amina ficasse sob a minha tutela até ser maior de idade.

– Oh!

– O que achas? – perguntou, com um gesto apreensivo.

– E a família materna da Amina? Não quererão tomar conta dela?

– Vivem em Nablus e, pelo que o Sabir me contou, são muito pobres. De facto, ele até lhes enviava dinheiro todos os meses. Duvido que queiram assumir outra boca para alimentar. Ficarão contentes sabendo que não falta nada à Amina. Que me dizes? – insistiu.

– Que te digo? Que estou muito feliz por saber que a Amina fará parte da nossa família! – Lançou-se ao pescoço de Al-Saud. – Faremos a Amina feliz, devemo-lo ao Sabir. Ele adorava a sua filha.

– Obrigado, meu amor! É tão importante para mim saber que posso contar contigo.

– Sempre.

Al-Saud sorria enquanto escutava a tagarelice de Matilde, que traçava planos para quando as três crianças estivessem na casa da avenida Elisée Reclus. Tranquilizava-o vê-la entusiasmada e contente depois do martírio. Queria que as imagens do rapto e as vividas na Base Zero ficassem sepultadas por baixo de centenas, de milhares de memórias felizes; também desejava que ela deixasse de o imaginar nas mãos dos torturadores: essas cenas eram as que mais a magoavam.

Matilde espreitou para dentro do quarto de vestir, segurou-se ao umbral da porta e inclinou-se para um lado, numa atitude brincalhona e amenizada. O cabelo, pesado e abundante, acompanhou o seu balanço, e Al-Saud lembrou-se da tarde do dia 31 de dezembro de 1997, no aeroporto de Ezeiza, quando aqueles caracóis dourados lhe chamaram a atenção e mudaram a sua vida. Um sentimento poderoso, que o extravasava, acelerou-lhe a pulsação e transformou-se num calor que lhe inundou o peito.

– Já pensaste, Eliah, que vamos ter três filhos? Até me custa a acreditar!

Al-Saud que abotoava os punhos da sua camisa, abandonou a tarefa e dirigiu-se para ela como atraído por um íman.

– Vou realizar todos os teus sonhos, Matilde.

– Só falta um.

– A esse também.

A camisa azul caía, aberta, fora das calças. Matilde deslizou as mãos sob tecido suave – seda, deduziu – e acariciou, depois de tanto tempo, os peitorais do seu amante. Notou uma rugosidade e tateou. Ao tentar abrir a camisa para investigar, Al-Saud segurou-a pelos pulsos e afastou-lhe as mãos.

– Ainda não está na altura – declarou; deu meia-volta e entrou no quarto de vestir.

Após uns segundos, Matilde compreendeu. Avançou decidida, parou atrás dele e passou-lhe os braços pela cintura; as suas mãos acariciaram-lhe a barriga. Falou-lhe com os lábios colados às suas costas, provocando-lhe um estremecimento quando a humidade e o calor do seu hálito lhe chegaram à pele.

– Deixa-me ver as marcas que te fizeram. Quero partilhar tudo contigo.

– Não.

– Temos que falar sobre isso. Tens que me contar tudo. Não podes suportar esse peso sozinho!

– Posso, sim.

– Prometo não me sentir mal, nem chorar. Quero ouvir-te para te ajudar, como tu me ouviste quando te contei que não podia ter relações sexuais.

– Eu não tenho necessidade de partilhar isto contigo. Quero que o esqueças, e desejo o mesmo para mim. – Al-Saud desfez-se do abraço e, sem se voltar, instou-a a acabar de se vestir. – O meu pai e os meus irmãos vêm buscar-nos daqui a menos de um quarto de hora.

Matilde tentou não se angustiar e, enquanto caminhavam até ao *Range Rover* que os conduziria ao oásis, segurou na mão de Al-Saud e sorriu-lhe, o que fez desvanecer, como por encanto, o semblante obscuro, irritado e de sobrolho carregado.

No 4x4 partilhavam o banco traseiro com Kamal; Alamán conduzia e Shariar ocupava o lugar de copiloto. Matilde ria-se com as histórias de Kolia que o avô não se cansava de contar. O amor e o orgulho que Kamal transmitia em cada palavra eram contagiantes. Al-Saud, que não largava a mão de Matilde, ouvia-os a conversar e recebia as ondas de alegria de Matilde como uma brisa fresca num dia abafado, sem prestar atenção ao que se dizia sobre o filho. Relembrava o jantar da noite anterior com o tio, o rei Fahd, no qual também tinham participado Raemmers, Jerry Masterson, da CIA, Albert Seigmores, do SIS, o seu tio Abdul Rahman, comandante da Real Força Aérea Saudita, e o seu primo Saud, chefe da *Mukhabarat* saudita.

O acolhimento na sala de jantar foi muito diferente do da base aérea de Dhahran; de facto, o rei, que tinha dificuldades em caminhar, saíra para receber o sobrinho estendendo-lhe as mãos, sobre as quais Eliah se inclinou, para logo depois o abraçar e dar-lhe os três beijos de rigor, ainda que com sentida emoção.

– Meu irmão – dissera o rei, olhando para Kamal e sem tirar as mãos dos ombros de Eliah –, deves estar muito orgulhoso do teu filho.

– Estou sim, Fahd.

– Sem exageros, posso afirmar que salvou o mundo das garras de um tresloucado como o Saddam Hussein. Não me peças detalhes, não tos posso dar, mas é assim. Aymán é o nosso herói nacional.

Eliah olhou de soslaio para Raemmers, que observava a cena com ar triunfal e um sorriso mal dissimulado. No fim do jantar, o rei Fahd afastou-se com o sobrinho para falar mais abertamente.

– É verdade que Saddam planeava lançar uma bomba atómica sobre Riad?

– Sim. E outra sobre Telavive.

– Qual delas devias tu lançar?

– A de Telavive.

– Porquê a de Telavive? Por que não a de Riad?

– Pela dificuldade que implicava penetrar no espaço aéreo de Israel.

– Compreendo. Sei que és um piloto excecional, Aymán. Prestaste um serviço à Arábia que não tem comparação. Que queres que te ofereça? Pede-me o que quiseres!

– Quero que me perdoes pelo *F-15* que perdeste por minha culpa.

O rei soltou uma gargalhada com a mão sobre a avultada barriga que atraiu os olhares dos restantes comensais.

– Vá lá, Aymán – insistiu o monarca –, estou a falar a sério quando te digo para me pedires o que quiseres. Não há nada que desejes?

– Sim, tio. Existe uma coisa.

– Diz-me, filho, à vontade.

– Quero que o mundo árabe se recorde de Sabir al-Muzara para sempre. Não quero que a sua memória desapareça das nossas mentes.

– Aymán, em Gaza sepultaram-no com grandes honras. O próprio Arafat participou nas exéquias, apesar de o Sabir ter sido sempre um dos seus maiores críticos.

– Não chega. Quero que nós, os sauditas, também o recordemos. Seria justo que lhe construíssemos um mausoléu, que dessemos o seu nome a uma rua. Não, melhor ainda, a uma escola. Isso iria agradar ao Sabir mais do que qualquer outra coisa. Ele era um docente incansável, a sua grande paixão era ensinar. Nada melhor do que uma escola para o recordar. Quero que se faça o mesmo no Kuwait – acrescentou, conhecedor da amizade entre as casas de Al-Saud e de Al-Sabah, e dos favores que estes deviam à família saudita.

Sério, o rei concordou.

– Far-se-á como desejas, meu sobrinho. E que Alá te proteja e te cubra de bênçãos, querido Aymán. O teu avô estaria orgulhoso de ti.

Raemmers aproximou-se ao verificar que o rei se afastava e deixava Al-Saud a sós.

– Sua majestade está de muito bom humor – comentou o general dinamarquês.

– Deveria estar preocupado – manifestou Eliah. – Afinal, na Base Zero continuam a centrifugar as toneladas de urânio que o Príncipe de Marbella roubou e a construir bombas atómicas.

– O perigo iminente de uma invasão aérea e de um ataque atómico deixou de existir. Graças a ti – acrescentou. – Sabemos o que se passa, Cavalo de Fogo, e os especialistas estão a trabalhar com essa informação.

– Deveriam agir rapidamente. Saddam mandará que transfiram as centrifugadoras e as bombas para uma outra das suas bases subterrâneas. Sei que no norte tem outras duas.

– Sim, sim, eu também sei. O tempo está contra nós. Mas não lhes será fácil fugirem da Base Zero. A zona que indicaste está fortemente guardada. Nem uma lebre se mexe sem que os satélites o registem.

– Cuidado, general: Saddam é hábil. As bases podem estar interligadas.

– Graças à informação que nos deste, contactámos a empresa alemã que as construiu nos anos oitenta. Com um pouco de persuasão, irão fornecer-nos os planos.

– Que medidas pensam tomar? Invadir a base?

– Não sei exatamente, porque vim para aqui, a fim de tentar acalmar a ira do teu tio e para lhe explicar como as coisas se passaram, mas, de acordo com a informação que tenho, continua-se a falar de uma implosão.

– Enterrar o urânio não será suficiente se não estiver coberto por chumbo. O senhor sabe disso, general.

– Sim, sim, eu sei. Deixa isso nas nossas mãos, Cavalo de Fogo. Tu já fizeste mais do que a tua parte. Agora, descontrai e esquece.

– General – continuou Al-Saud, num tom severo –, não voltarei a trabalhar para *L’Agence* nem para nenhum outro organismo de serviços secretos.

– Mas...

– General, foi uma honra servir sob as suas ordens, mas terminei essa etapa da minha vida. Agora só penso na minha mulher e nos meus filhos. Não me importa o que possam fazer para tentar obrigar-me a aceitar.

– Conheço-te, Cavalo de Fogo. Sei que quando dizes não, é não.

– É mesmo assim, general. Claro como a água.

– Respeitaremos a tua decisão.

Al-Saud apenas fez um gesto de consentimento.

– General, encontraram o Chuquet?

– Estamos a investigar a zona onde disseste que ele se ejetou, mas ainda não encontramos nenhum rasto. Assim que tiver qualquer novidade sobre esse tema, far-te-ei saber.

– Eliah! – A voz de Matilde trouxe-o de novo à realidade no habitáculo do *Range Rover* e da viagem até ao oásis de Al-Ahsa. – Não estavas a ouvir – acusou-o. – Se estivesses, estarias a rir-te como eu do que o teu pai acaba de contar sobre o Kolia e a Amina. Aqueles dois são o máximo!

– Conta-me – pediu-lhe e, sem se importar com a presença de Kamal, atraiu-a a si e afundou a cara no pescoço de Matilde, e aí ficou enquanto ela narrava a história, e ele sentia na ponta do nariz as pulsações aceleradas da mulher. Estava viva e nos seus braços.

Matilde não sabia que ainda existiam tribos de beduínos cujo modo de vida e costumes tinham prevalecido à passagem dos séculos. Na etapa final daquela viagem, Kamal contou-lhe acerca da família de sua mãe, os Al-Kassib, beduínos da mais pura estirpe, criadores de reputados cavalos, cobiçados no Ocidente. O seu tio Aarut, já um ancião, continuava a ostentar o título de xeque.

Um cortejo de crianças desordeiras saiu para os acolher, escoltados por cães magros e altos, similares ao galgo afegão, mas com menos pelo. Corriam com uma altivez graciosa, ondeando as

grandes orelhas lãzudas e agitando as caudas.

– São *salukis* – informou-a Kamal. – É a raça de cães mais antiga do mundo. Os Al-Kassib criam-nos desde tempos imemoráveis.

– São magníficos – declarou Matilde.

As crianças batiam na carroçaria do *Range Rover* e gritavam palavras de boas-vindas. Matilde, estupefacta perante o espetáculo que compunham o oásis, as palmeiras e as tendas beduínas, colava o nariz à janela e sorria-lhes. À visão das cabras, dos camelos e dos pastores com as cabeças cobertas por toucados e sabres nos cintos, um quadro saído de tempos remotos, contrapunha-se a das modernas e custosas carrinhas e das tendas equipadas com ar condicionado e parabólicas.

Matilde colocou o lenço na cabeça antes de descer. Um miúdo, que abriu caminho a cotoveladas, depois de trocar algumas palavras com Eliah, chamou-a pelo nome. Num castelhano mal pronunciado, apresentou-se como Faruq, disse ser o melhor amigo de Mohamed e, sem mais, segurou-a pelo pulso para a tirar do meio da multidão. Com acenos e sorrisos desdentados, indicou-lhe um grupo de pessoas. Matilde fez sombra com a mão e observou-os. Havia um, com uma jilaba branca e toucado, mais alto do que os restantes, de barba espessa com reflexos avermelhados. Os seus olhos azuis reluziam como pedras preciosas ao sol e marcavam um contraste atraente com a sua pele bronzeada.

– Papá! – exclamou e começou a correr.

O lenço voou e caiu na areia, o seu cabelo flamejou, soltando reflexos dourados. O acampamento emudeceu perante o espetáculo daquela cabeleira quase branca, fustigada pelo vento do deserto e o daquela rapariga franzina em *jeans* e camisa, que corria em direção a Mohamed, o qual a fechou num abraço até a esconder entre as pregas das suas vestes. Beijou-lhe a cabeça e o rosto e falou-lhe com palavras carinhosas.

– Minha princesa! Filha do meu coração!

Matilde deixou-se afogar no amor do pai e nos cheiros desconhecidos que exalavam das suas roupas e da sua pele – a areia quente, a sol, a cavalo –, recebendo dessa forma um vislumbre da nova natureza de Aldo Martínez Olazábal.

Sem soltar Matilde, Aldo estendeu a mão e saudou o seu futuro genro.

– Como está?

– Muito bem, Eliah.

– Apresento-lhe os meus irmãos, Shariar e Alamán. – Martínez Olazábal estreitou as mãos que se estendiam. – E o meu pai, Kamal Al-Saud.

– Conheci o teu pai em Córdoba, há mais de quarenta anos – manifestou Aldo em francês. – Eu não sei se ele se recorda de mim.

– Lembro-me muito bem – afirmou Kamal, e Matilde alternou olhares pasmados entre o seu pai e o de Eliah.

– Conhecem-se?

– É uma longa história – respondeu Martínez Olazábal. – Depois conto-te. Agora devem estar

cansados da viagem. Venham para a minha tenda.

– Os meus filhos e eu iremos primeiro à do meu tio Aarut – disse Kamal. – Caso contrário, o velho beduíno mandaria os seus guardas e os seus cães buscar-nos.

Kamal e os filhos afastaram-se, e Aldo guiou Matilde até à sua tenda. Uma mulher esperava-os à entrada, coberta completamente com uma peça de tecido fino, de um intenso azul, com faixas douradas; via-se que era uma roupa prezada. Inclinou-se perante Matilde e esta fez o mesmo de modo mecânico.

– Filha – disse Aldo –, apresento-te Sáyida, a minha esposa.

À tarde, enquanto Matilde falava com o pai, Eliah e Alamán percorreram o oásis a cavalo. Pararam junto ao *uadi*, o rio sazonal cujo leito se enche na época das chuvas, e soltaram as rédeas para que os animais matassem a sede. Desmontaram e sentaram-se na areia para apreciar o descer rápido do sol por trás das dunas.

– O que sabem em casa do que me aconteceu? – interessou-se Eliah.

– Pouco – respondeu Alamán. – Os teus sócios foram a Itália, a Turim, onde se reuniram com o pai para lhe dizer que tinhas desaparecido numa missão no Iraque. A mãe não sabe de nada. Teria morrido de angústia.

– Aguentou tudo sozinho?

– Contou-nos ao Shariar e a mim e fomos logo ter com ele. Mostrava-se bastante firme, mas asseguro-te que envelheceu a olhos vistos com o teu desaparecimento. A mãe preocupou-se tanto com o seu aspeto que até lhe pediu para ir ao médico.

– E foi?

– Sim. Até fez análises de rotina para a acalmar.

– Pobre pai.

– Quando o Peter Ramsay nos ligou para nos informar que tinhas aparecido em Dhahran e que estavas bem, pareceu reaver os anos que tinha perdido. Foi um suplício, Eliah. Não voltes a fazer-nos isso porque, se o inimigo não te matar, mato-te eu. O pior foi passar por este calvário e ter de escondê-lo das mulheres. Não podia dizê-lo à Yasmin, nem à mãe e muito menos à José. Poderia abortar com a notícia!

– Lamento. No momento em que me pediram que levasse a cabo esta missão, não vi outra saída. Ter-me-iam pressionado até me vergarem, até me fazerem ceder.

– O que é que se passou?

– Já te disse: estive em Bagdade, fazendo-me passar por um soldado da Guarda Republicana.

– Sim, sim, isso eu já sei, e também que os enganaste para trabalhar como guarda-costas do segundo filho de Saddam, que é quem dirige tudo agora. Não me repitas a cantilena que contaste ao pai e ao Shariar. Eu quero saber o que aconteceu realmente: porque é que foi tudo por água abaixo, porque é que nos disseram que tinhas desaparecido. – Eliah voltou a cara e fixou o horizonte. – Não me vais contar? Nem sequer a mim?

– Descobriram-me ou atraíram-me, ainda não sei ao certo. Alguém lhes contou que eu não era quem afirmava ser.

– E? – Eliah obstinou-se num silêncio que desesperou Alamán. – Está bem, não digas nada: agarraram-te pelos tomates, levaram-te para uma cela e bateram-te forte e feio para te fazer cantar. – Tentou agarrar-lhe a mão mas Eliah, ao levantar-se de um salto, impediu-o. – Torturaram-te! Não penses que não te vi as mãos, que tanto tentas esconder! – Alamán viu-o afastar-se em direção aos cavalos. – Merda, Eliah! – Levantou-se de repente e correu no seu encalço. – E uma missão um bocadinho mais perigosa, não havia? Dá-me vontade de te estrangular. Quase custou a vida à Matilde! – Alamán arrependeu-se de ter falado; a cara naturalmente sombria de Eliah adquiriu um ar torturado. – Lamento, irmão. Passámos muito mal desde que soubemos do teu desaparecimento, e o sequestro da Matilde foi a machadada final. Não o conseguimos ocultar porque saiu em todos os noticiários do mundo. A famosa pediatra da Mãos Que Curam, a heroína do momento, raptada. Não se falava de outra coisa na imprensa. E a mãe queria contactar contigo e não te encontrava em lado nenhum.

– Foi o Anuar.

– O quê? – Alamán aproximou-se porque não tinha compreendido o gaguejo do irmão.

– Foi o Anuar. Sequestrou-a pessoalmente. Grande cabrão! Não vou descansar enquanto não o encontrar. Avisei-o de que o degolaria se tocasse na Matilde.

– Quando estiveste com o Anuar? Em Bagdade?

– Não. Foi em Paris, em meados de setembro. Foi buscar-me ao George V e pediu-me que o levasse ao túmulo da Samara.

– Como raio entrou em França?

– Não sei. Só sei que o tive nas minhas mãos e o deixei ir com vida por um sentimentalismo estúpido. Da próxima vez ...

Avistaram um ginete com alguém no seu dorso. Era Kamal, que parou junto aos filhos e se apeou com bastante agilidade para os seus setenta e três anos.

– Alamán, deixa-me só com o teu irmão.

– Sim, pai.

– Vamos, caminhemos pela margem do *uadi* – convidou-o, assim que o seu outro filho se perdeu atrás das dunas. – Como estás, filho?

– Bem, papá.

Kamal apanhou Eliah de surpresa ao agarrar-lhe na mão. Mais por instinto do que por aborrecimento, tentou libertar-se, mas Al-Saud apertou com firmeza e obrigou-o a desistir. Estudou-lhe os dedos com unhas incipientes e, depois de um silêncio durante o qual nem pestanejou, soltou-o suavemente assentindo com a cabeça. Retomaram a caminhada.

– Acabo de ver o que estas bestas te fizeram. Temo perguntar pela Matilde.

– Não lhe tocaram.

– Louvado seja Alá!

– Sim – sussurrou Eliah. – Louvado seja Alá.

O passeio prosseguiu em silêncio.

– Então és um soldado profissional.

– Sim.

– Admito que não me surpreende. De ti espero qualquer coisa – exprimiu, sem censuras –, és uma caixinha de surpresas. O que diziam na *Paris Match* estava certo, então.

– Nem tudo.

– Estou a ver. Há muito tempo que aprendi que não te posso orientar. A minha experiência não te serve, não a queres.

– Preciso ter as minhas próprias experiências.

– Não queres os meus conselhos.

– Sempre te ouvi, pai, e sempre o farei, porque te respeito, mas, geralmente, não concordamos com nada.

Kamal sorriu e passou o braço sobre os ombros do seu terceiro filho.

– Admiro-te, filho. Sei que não nos contam tudo o que viveste e padeceste em Bagdade, mas suspeito que salvaste o mundo de uma boa. – Ficou em silêncio à espera de um comentário de Eliah, que não chegou. – O amor que sinto pelos meus filhos é tão grande como este deserto – disse, abrangendo a extensão com um movimento do braço. – Ainda maior. É infinito. Amo-te, Eliah. Quero que o saibas e que nunca o esqueças.

– Eu sei, papá. E nunca o esqueço.

– Sei que não ouves ninguém, somente a ti mesmo e, quem sabe, talvez, a essa maravilhosa mulher que escolheste como companheira. De qualquer modo, vou fazer-te um pedido: não voltes a pôr em risco a tua vida porque se algo te acontecesse, a tua mãe e eu...

– Papá...

Kamal levantou a mão.

– Não digas nada, Eliah. Não sei porque to digo se só fazes sempre o que queres. É certo que assim deve ser: os pais dão-nos a vida, mas ela é nossa, não deles. No entanto, agora tens um filho e uma mulher para cuidar...

– Eles são a minha vida agora.

Kamal estudou o olhar do filho. Que inferno teria padecido no Iraque? O estado das suas mãos confrontava-o com uma resposta que não desejava ouvir. Mordeu o lábio para deter o tremor. Consolou-se ao não ver nos olhos de Eliah a faísca de amarga desolação que costumava rodeá-lo no passado e que se tornara parte daquela aura de melancolia que o envolvia antes de Matilde aparecer. Fosse o que fosse que tivesse vivido às mãos dos Hussein, aquele anjo curá-lo-ia. Passou-lhe a palma da mão pelo rosto e, imediata e surpreendentemente, agarrou-o pelo pescoço e atraiu-o até si para o abraçar. Sorriu ao sentir que o filho lhe correspondia.

– Meu filho... Estou tão feliz por te ter recuperado. Pensei que morria quando os teus sócios me

contaram que estavas desaparecido.

Embora tenha tentado dizer «amo-te, papá», Eliah ficou em silêncio, incapaz de articular palavra devido ao esforço para conter o pranto.

Sáyida estava sentada sobre o tapete, com as pernas dobradas por baixo de um vestido comprido, envolvida num manto de serenidade e mansidão que atraía o olhar de Matilde continuamente e a distraía da conversa com o pai.

– Eliah salvou-me a vida, Matilde. É um grande homem, digno da sua mãe.

– Sei o que tu fazias, papá. Sei que tu e o Rauf traficavam armas. – Aldo baixou os olhos e fixou a borra que se acumulava no fundo da sua chávena. – Papá – pronunciou com um tom de censura mas calou-se quando Aldo, sem a encarar, lhe apertou as mãos.

– Não te mereço, Matilde. Fui um farsante, um hipócrita, um fraco, um covarde e sucumbi perante a possibilidade de recuperar facilmente o brilho da vida que tinha antes de cair em desgraça. Não valho nada e não compreendo porque Deus me deu uma filha como tu, que é quase um anjo. – Lentamente, levantou a cara e atreveu-se a olhar para Matilde. – Não me repudies, princesa. Não me tires da tua vida mesmo que o mereça. Perdoa-me! Se tu me perdoares, sentir-me-ei redimido.

Matilde saltou para o pescoço do pai e abraçou-o com a mesma paixão com que chorava.

– Eu amo-te, *papi*. Amo-te muito.

– Diz que me perdoas.

– Não tenho nada para te perdoar.

– Diz-mo, por favor.

– Perdoo-te, papá. Foste corajoso ao revelar ao Eliah o que sabias sobre Saddam Hussein e o invento do Roy. O mundo não o sabe, mas ajudaste a impedir os seus planos de destruição e morte.

– Minha filha! Estou tão feliz por teres escolhido um homem como Eliah al-Saud para marido. Ele vai cuidar de ti e fazer-te feliz, e eu ficarei tranquilo.

Sáyida que tinha contemplado o abraço e o pranto de pai e filha com lágrimas nos olhos, serviu-lhes outro café e ofereceu-lhes bolachas de sêmola.

– *Shukran*, Sáyida – agradeceu-lhe Matilde.

– Vejo que sabes um pouco de árabe – comentou Aldo com a voz insegura.

– Muito pouco. Tive umas aulas com um amigo. – Calou-se, subitamente entristecida pelas recordações do *Silencioso*. Pôs-se noutra posição sobre os almofadões, pigarreou e mudou de tema. – Então conhecestes o Kamal há muitos anos? Como foi? Através da Francesca?

– Sim, exatamente. Ele foi buscá-la a Córdoba para se casar com ela; foi assim que o conheci. Naquele momento, odiei-o. Sim, meu amor: odiei-o porque estava muito apaixonado pela Francesca.

– *Papi*!

– Acho que nunca consegui esquecê-la, nem sequer depois de me casar com a tua mãe. Perdi-a por cobardia, para não transgredir as normas sociais. Ela era a filha da nossa cozinheira e eu, um rico

herdeiro. Não podia ser. Perdi-a quando, na realidade, ela era mil vezes melhor do que eu, mesmo sendo filha de uma serviçal e imigrante. No início não suportava ver o Eliah porque é muito parecido com a Francesca: lembrava-me a minha cobardia e não o suportava.

Matilde tirou-lhe a chávena e pegou-lhe nas mãos.

– Mas agora és feliz com a Sáyida, não é?

A rapariga levantou as sobrancelhas ao ouvir o seu nome.

– Muito feliz. – Aldo sorriu para a esposa. – É muito jovem, mas muito mais sensata do que eu. Sou feliz aqui, princesa. Quero ficar com esta gente. Encontrei o meu lugar no mundo. Como sou bom vendedor, o avô da Sáyida, o xeque Aarut, pediu-me que tratasse da comercialização dos seus cavalos, que são muito apreciados; portanto, viajarei bastante. Mas voltarei sempre ao deserto. Dá-me muita paz.

– É verdade. Aqui existe uma paz que não senti em nenhum outro lugar. A Sáyida e tu virão ao nosso casamento? Será dentro de dois meses, a 5 de maio, em Paris.

Aldo falou com a esposa em árabe e Matilde, mais uma vez, maravilhou-se com a facilidade com que o pai se expressava naquela língua que para ela era tão difícil. Um sorriso iluminou as feições da jovem beduína antes de falar, com uma voz quase inaudível.

– Sáyida disse que sim, que iremos. Quer saber o que queres que te ofereçamos.

– Só quero que me ofereçam a vossa presença. Diz-lhe.

Aldo traduziu e Sáyida voltou a sorrir. Estendeu a mão e acariciou o cabelo de Matilde.

Capítulo 17

Matilde conhecia suficientemente Al-Saud para saber que as suas respostas de poucas palavras disfarçavam um estado de espírito inquieto. À medida que se aproximavam do aeroporto de Turim e que o encontro com Kolia era iminente, o sobrolho ficava-lhe mais carregado e a parcimónia oral de Al-Saud dava lugar a um mutismo. Ela também não estava calma. O seu projeto de vida dependia do facto dos seus três homens a amarem e serem felizes. Às vezes angustiava-a a responsabilidade que implicava criar um bebé mas, na realidade, o que mais a aterrorizava era não encontrar Jérôme. Até quando esperaria por ele? Quando acreditaria que o perdera para sempre? «Nunca!», gritava-lhe o coração. A cabeça, em contrapartida, sussurrava-lhe que, algum dia, teria que o deixar partir. Perante esta ideia, não confiava na sua reação: temia ficar louca de dor e estragar a vida de Kolia, de Amina e de Eliah. Decidiu que, ao chegar a Paris, iria ver o Dr. Brieger, o psiquiatra de Leila; achou sensato ir-se preparando para o pior.

Apertou a mão de Al-Saud, sem sequer pensar, e este, que olhava pela janela, voltou-se. Olharam-se fixamente até que o espaço que os separava se tornou insuportável para Matilde. Desde a experiência na Base Zero, procurava o seu contacto de forma quase demente. Precisava de lhe dar a mão, tocar-lhe no braço, acariciar-lhe o queixo, beijar-lhe os lábios; embora não tivessem ainda reatado a sua vida sexual, aqueles contactos bastavam para serenar. Também necessitava das suas palavras, sobretudo as de amor; contudo, nos últimos tempos, ele parecia relutante em concedê-las. Na noite anterior, no oásis, não tinham dormido juntos: para não transgredir os costumes beduínos, ela, como mulher solteira, ficara na tenda do pai e de Sáyida, enquanto Kamal e os seus filhos foram hóspedes do xeque Aarut.

– Abraça-me, Eliah. Por favor – pediu, e o seu tom suplicante fê-lo reagir.

Al-Saud desapertou o cinto rapidamente e inclinou-se sobre ela para a agarrar nos seus braços. Desde que a recuperara, dava frequentemente por si a refrear a ansiedade de a abrigar no refúgio do seu corpo; não queria sufocá-la nem privá-la de liberdade.

– O que se passa? – sussurrou-lhe contra a têmpora.

– Tenho medo.

– De quê?

– Que voltem a separar-nos, que o Kolia não goste de mim, que não encontremos o Jérôme.

– Ninguém nos voltará a separar. O Kolia vai ficar tão louco por ti como o pai. E vamos encontrar o Jérôme rapidamente.

Al-Saud não tinha bases para formular aquelas promessas; no entanto, as suas afirmações confortaram-na como se fossem verdades. Precisava do poder infinito que lhe comunicavam para se convencer de que tudo correria bem. Gostava quando a tepidez das suas peles se misturavam;

transformava-se numa energia que arrasava tanto os pensamentos escuros como a tristeza. Matilde aninhou-se no peito de Eliah e inspirou o seu aroma.

Kamal regressou da cabina e pigarreou. Matilde endireitou-se e olhou para ele, corada.

– Aterrámos em Turim dentro de quinze minutos.

Os pneus do automóvel rangeram ao pisar o trilho de cascalho que subia a encosta e conduzia à velha mansão de Villa Visconti. Era 5 de março e o inverno ainda se apropriava das terras altas do norte de Itália. Os ramos dos abetos dobravam-se sob o peso da neve; também se podiam ver grandes manchas brancas sobre o colchão de agulhas que cobria o solo e sobre o caminho, as quais o automóvel evitava para não patinar. Matilde não reparava na beleza do bosque nem na majestade dos Alpes, cujos cumes se recortavam sobre o céu diáfano do entardecer.

Saíram em frente à entrada da mansão. O vento límpido e fresco fustigou-lhe o rosto, rosado pelo aquecimento do veículo, e provocou-lhe calafrios. Al-Saud viu-a tremer e aproximou-se para a cobrir com um sobretudo de cachemira, emprestado por Kamal.

As portas de carvalho abriram-se de par em par e Francesca, depois de exclamar um «olá» que mais parecia um alarido triunfal, correu pelas escadas abaixo com a agilidade e a graça de uma jovem, para acabar nos braços do filho. Matilde ficou esmagada entre os dois, até que Francesca a obrigou a voltar-se e a apertou no seu peito.

– Meus amores! – repetia, com a voz emocionada e os olhos chorosos. – Meus amores! Que felicidade tão grande! – Pegou no rosto colorido mas frio de Matilde e apreciou. – Tu és muito especial! – acabou por dizer. Pegou na mão do filho para a beijar e ficou a observá-la.

Eliah retirou-a, com delicadeza, e Kamal interveio.

– Então e eu? Não tenho direito às boas-vindas?

Francesca afastou-se e caminhou em direção ao esposo. Eliah, com Matilde colada a ele, começou a subir a escadaria, enquanto seus pais se cumprimentavam, sem palavras e com um longo beijo.

– Obrigada por a trazeres para casa, sã e salva – sussurrou Francesca sobre os lábios de Kamal.

– *Habibi*, sabes que para mim os teus desejos são ordens.

– O Shariar e o Alamán?

– Voaram diretamente para Paris.

Francesca agarrou-se ao pescoço de Kamal e, nas pontas dos pés, falou-lhe ao ouvido com um fervor que arrepiou a pele do marido.

– Vi a mão dele! Vi a mão do Eliah! Quase não tem unhas! O que aconteceu ao meu filho, Kamal?

Al-Saud apertou-a contra o corpo.

– Não sei ao certo, *habibi*, mas tenho a certeza de que o nosso filho desceu ao inferno para ir buscar a Matilde.

– Oh, Deus bendito! Ele resgatou-a. Foi ele? – Al-Saud concordou. – O que fizeram ao meu Eliah? Diz-me, Kamal!

– Francesca, vou-te contar tudo o que sei, que não é muito, mas não lhe perguntes nada, não o questiones. Já sabes como ele é; prefere curar as feridas sozinho. Matilde vai ajudá-lo a superar o que quer que seja que tenham sofrido. Pelo menos, ele tem o consolo de saber que a sua mulher não foi torturada. Eu, pelo contrário, quando te encontrei naquelas grutas do deserto... – Mordeu os lábios. – Tinham-te espancado, *habibi*. – Francesca varreu-lhe as lágrimas com os polegares e beijou-o na boca. – Perdemos o nosso primogénito.

– Meu amor, isso ficou no passado. Temos sido tão felizes.

– Isto também acabará por fazer parte do passado. E seremos felizes, prometo-te.

– Acredito em ti, Kamal.

Matilde e Eliah acabaram de subir a escadaria. Sem terem batido, as portas abriram-se novamente. Antonina e Fredo avançavam pelo vestíbulo com Kolia e Amina nos braços. Matilde ficou nervosa ao ver os olhos azuis-celestes do filho de Eliah, que a olhou com curiosidade e com uma cara séria, tão parecida com a do pai, que lhe inspirou uma gargalhada.

– Matilde! – A exclamação de Amina captou a atenção de Kolia, que observou os esforços da menina para escapar aos braços do *nonno* Fredo. Os sapatinhos de Amina repicaram no soalho durante a sua corrida até aos braços estendidos de Matilde, que a levantou no ar e a fez girar. Os seus gritos de alegria arrancaram gargalhadas a Kolia, que tombava para o lado nos braços da bisavó para não perder o espetáculo, apesar do homem alto que estava no meio e lhe obstruía a visão.

– Não te lembras do teu pai? – A voz de sonoridade profunda de Al-Saud captou de imediato o interesse do menino, que lhe devolveu uma careta de sobrolho carregado, semelhante àquela que o homem à sua frente lhe oferecia.

– Kolia – disse Antonina – *questo è tuo papa. Ciao, papa! Mi sei mancato, papa.*

Al-Saud pegou em Kolia e levantou-o. Sorriu-lhe e obteve um sorriso em troca.

– Olá, filho. Já te lembras de mim? Papá. Sou o papá. Pa-pá. Pa-pá.

Kolia mostrava-se mais interessado no que fazia Amina, que continuava ao colo de uma mulher que ele nunca vira. Al-Saud pô-lo no chão e agachou-se para o ver enquanto o pequeno avançava para Matilde com passos vacilantes. Mudara muito naqueles três meses de separação: estava mais alto e magro; não lhe tinham cortado o cabelo negro, pelo que este lhe caía, em abundância, sobre a cara e o pescoço, o que lhe tirava o ar acriançado ao qual ele o associava. O olhar tinha-se tornado mais incisivo e existia um ar de intensa preocupação em seu redor, o qual, de maneira inexplicável, encheu Al-Saud de orgulho.

Kolia parou em frente a Matilde e levantou a cabeça. Matilde pôs-se de joelhos junto a ele, sem largar Amina.

– Olá, Kolia. – cumprimentou-o em castelhano porque, graças às histórias de Kamal, sabia que Francesca falava com ele naquela língua. – Como estás?

– Kolia – interveio Fredo – ela é a Matilde. Ma-til-de. Ma-til-...

– Ma-ma-ma – interrompeu-o a criança.

– Sim, mamã – afirmou Eliah, acocorando-se atrás dela e colocando-lhe as mãos sobre os ombros. –

Ela é a tua mamã, Kolia. Olá, amor. – Cumprimentou Amina em francês.

– Olá, tio Eliah. E o meu papá?

– Não pôde vir, mas trouxemos-te um monte de presentes – apressou-se Al-Saud a distraí-la. –

Gostarias de vê-los?

– Sim! Sim! Também trouxeste para o Kolia?

– Outro monte igual ao teu!

– Matilde – disse a menina –, a avó Francesca conta-me histórias, mas ela não sabe nenhuma do Jérôme. Vais-me contar histórias do Jérôme?

– Todas as que quiseses, meu amor!

O contraste entre a alegria que Matilde sentia cada manhã ao despertar em Villa Visconti e o terror padecido durante o seu cativeiro por vezes dominava-a, e um desassossego apoderava-se do seu espírito. Nessas ocasiões, fugia da casa e perdia-se no bosque, ansiando pelo contacto com a natureza como se se tratasse do remédio para curar uma doença. Descobriu que a acalmava abraçar os troncos dos pinheiros e cheirar a sua superfície rugosa, inspirando o aroma da resina. Recolhia pinhas, que depois utilizava em jogos que inventava para Kolia e Amina; observava os esquilos nos ramos, que disputavam as bolotas dos carvalhos. Às vezes ficava quieta, com os olhos fechados, e concentrava-se em insuflar os pulmões com o ar da montanha. Regressava com a alma em paz e um sorriso sereno.

Al-Saud encontrou-a uma manhã, ali no bosque. Ficara preocupado ao ver Kolia irromper na sala de Fredo à procura da «ma-ma-ma», quando ele pensava que Matilde estava com as crianças no quarto dos brinquedos. Depois de perguntar a Mónica, a ama de Kolia, e a todos os outros empregados, sem obter uma resposta esclarecedora, saiu à procura dela. No dia anterior, do andar de cima, vira-a a escapular-se entre os abetos do parque. Encontrou-a agachada sobre o tronco de um pinheiro, absorta no estudo de um cogumelo laranja.

– Matilde – chamou-a num sussurro, para evitar sobressaltá-la. Matilde levantou-se rapidamente e sorriu-lhe com a mão estendida. – O que estás a fazer aqui? – perguntou-lhe, sem ocultar a sua preocupação e o seu aborrecimento. – Assustei-me quando ninguém me soube dizer onde estavas.

– Gosto de vir ao bosque.

– Porque vens só? Porque não me dizes para te acompanhar?

– Venho para aqui quando sinto que não sou boa companhia para ninguém, quando nem eu me consigo aturar.

– Eu consigo aturar-te sempre – objetou Al-Saud, atraindo-a a si pela cintura. – Não te afastes de mim, por favor.

Matilde cobriu-lhe a cara com as mãos e notou que o seu rosto estava gelado. Friccionou-lhe os braços apenas cobertos pelo tecido da camisa.

– Porque é que saíste tão desagasalhado? Aliás, porque é que nunca te agasalhas? Foi algo que notei desde que te conheço.

– Porque durante o treino para *L’Agence*, submergiam-nos em piscinas com água gelada e obrigavam-nos a permanecer ali durante vários minutos. Tiravam-nos quando o coração estava quase a parar. – Matilde ficou a olhá-lo sem pestanejar, convencida de que Al-Saud estava a brincar. – O meu corpo tem uma temperatura mais baixa do que a média: uns trinta e quatro graus e alguns décimos.

– O quê!?

– Por isso, não sinto tanto frio como as outras pessoas.

– Deus bendito.

– Por isso não sinto frio – repetiu. – Agora vais ficar mais tranquila?

– Não! Claro que não! Que espécie de louco submerge um ser humano numa piscina de água gelada e o tira quando está quase a ter uma paragem cardíaca?

– A espécie de louco necessária para fazer deste mundo um lugar mais seguro. Tu viste na Base Zero o tipo de tresloucados com que temos que lidar. Um homem sem treino pereceria num instante se caísse nas mãos de gente como a do Saddam Hussein. Meu amor – disse Al-Saud, depois de um momento de silêncio, ajustando o seu abraço –, porque estás aqui? Porque foges para o pinhal, sozinha? Não te sentes confortável com a minha família?

– Sinto-me *muito* confortável com a tua família. Sinto-me imensamente feliz com a tua família. É por isso, Eliah, pela felicidade que sinto. Por ter o Kolia e a Amina, por sentir-me mãe graças a eles. Fazem-me tão feliz. E sinto-me culpada por tanta felicidade. Penso no Sabir e no Sergei, que morreram por minha culpa.

– Não foi por tua culpa! Não quero que voltes a afirmá-lo! Era o destino deles, Matilde.

– Sim, talvez fosse, mas é assim que me sinto. Tu perguntaste-me e eu respondi. Por isso procuro a solidão do bosque. Preciso do silêncio da natureza para recuperar o equilíbrio.

– Por que não me procuras para te dar equilíbrio? – aborreceu-se Al-Saud e, de repente, o desejo de a possuir tornou-se perturbador. Inclinou-se e beijou-a por trás da orelha, perfumada com a colónia para bebé de Kolia.

Matilde não se atreveu a dizer-lhe que ele fazia parte do problema. Desde a fuga da Base Zero, notava-o distante. Não duvidava da constância do seu amor; todavia, Eliah levantara um muro entre eles, tonara-se inalcançável e, com gestos subtis e atitudes dissimuladas, fazia-lhe notar que precisava daquela distância. Durante o dia, as atividades com as crianças mantinham-nos juntos, ainda que raramente falassem, exceto para se referirem a Kolia ou Amina. À noite, enquanto Matilde deitava as crianças, Eliah ficava no piso inferior a falar com o pai e o avô, a ver televisão ou a ler o jornal. Matilde, esgotada depois de um dia que Kolia impunha que se iniciasse às seis da manhã, deitava-se e adormecia imediatamente. Quando Al-Saud se juntava a ela na cama, já não o ouvia; por outro lado, ele também não tentava acordá-la. Matilde desfrutava plenamente do seu papel de mãe, que Francesca, pouco a pouco, deixava nas suas mãos; contudo, perguntava-se se o seu comportamento, talvez

obsessivo na busca do bem-estar de Kolia e Amina, não expulsava Eliah para fora do círculo que traçara em torno dela e das crianças. Às vezes mudava de opinião e convencia-se que o comportamento introspetivo de Al-Saud se relacionava com a tortura a que fora submetido.

Matilde inclinou a cabeça e procurou os seus lábios, que ela notava, exigentes, no seu pescoço. Sentia saudades da intimidade que tanto os unira no hotel Rei David. As suas bocas roçaram-se e o efeito foi como o de um cataclismo. A onda vibratória percorreu-os em uníssono e paralisou-os durante uns segundos até que, depois de uma inspiração ruidosa, se beijaram com uma paixão desenfreada. Matilde entrelaçou os dedos no cabelo de Al-Saud para o manter colado a ela. Eliah segurou-lhe a nuca e fez pressão no seu traseiro.

– Diz-me o que estou a fazer mal – suplicou Matilde, agitada.

– Como?

– Diz-me o que estou a fazer mal. Sinto que estás zangado comigo, que me manténs à distância. Sinto que estou a perder-te.

– Perder-me? Nunca me vais perder, Matilde! Nunca!

– Então, o que é que se passa? O que é que estou a fazer mal? Do que é que não gostas em mim?

Al-Saud riu com ironia e abraçou-a. Colocou o queixo no alto da cabeça de Matilde.

– Não estás a fazer nada de mal, meu amor. Tu nunca fazes nada mal. Vejo-te com o Kolia e com a Amina e sinto tanto orgulho e amor por ti... Já to disse mil vezes, Matilde: és o centro da minha existência; sem ti, nada faz sentido.

– Não me podes negar que se passa alguma coisa, Eliah.

– Sou eu, Matilde. Não vou mentir-te. Estou preocupado. O que vivi no Iraque continua na minha cabeça e receio que não tenha terminado. Penso em tantas coisas. Não sei se estamos a salvo. Eles sabem quem eu sou. Conhecem-te. Sabem tudo sobre nós.

– Não nos acontecerá nada de mal. Viveremos felizes e seguros em Paris.

Al-Saud preferiu calar-se e não lhe dizer que Paris não era um refúgio tão inviolável como ela pensava. Os homens das Brigadas Ezzedine al-Qassam ou os de Qusay Hussein conseguiriam transpor qualquer fronteira para os assassinar. Embora Raemmers lhe tivesse prometido que o governo francês estaria em alerta máximo, Al-Saud não confiava nos burocratas.

– Vamos fazer amor, Eliah. Voltemos a ser um só com os nossos corpos; assim, as nossas almas voltarão a encontrar o caminho para se unirem. Vamos criar um escudo de amor, tu e eu, que nos proteja e que proteja nossos filhos.

– Matilde.

– Preciso tanto de ti, meu amor. Já não gostas de mim? Já não gostas dele? – guiou-lhe as mãos até as apoiar no traseiro. – No Rei David estavas louco por ele. Já não estás?

– Continuo louco por ele. – A voz enrouquecida de Al-Saud e as bruscas massagens sobre as suas nádegas arrepiaram-lhe a pele ao ponto de sentir pontadas nos mamilos. – Contínuo louco por ti, Matilde. Louco, louco – insistiu, e recorreu-lhe toda a cara e pescoço com os lábios, excitados e

húmidos.

Acabaram sobre o colchão de agulhas de pinheiro. Al-Saud desfez-se das calças e das cuecas de Matilde. Ajoelhou-se e levantou-lhe as pernas, pondo os seus braços nas curvas dos joelhos. Penetrou-a com uma estocada violenta que o colocou profundamente dentro dela. Matilde não conseguia fechar os olhos; a visão de Al-Saud, dos seus bíceps inflamados debaixo do tecido da camisa, enfeitiçava-a. A careta do seu rosto, como se estivesse a suportar um sofrimento físico, fê-la pensar que o tinham torturado, a ele, o seu magnífico Cavalo de Fogo. Fechou então os olhos para que as lágrimas não se escapassem. Apertou os punhos nas pregas formadas pelas calças de Eliah e retorceu o tecido de ganga para ajudar a conter a vontade de chorar. Ele empurrava-se com tal ferocidade que a magoava. No vaivém, as agulhas dos pinheiros trespassavam a camisola de lã e picavam-lhe as costas. O orgasmo de Al-Saud foi repentino e espasmódico; quando parecia que tinha acabado, uma nova sacudida impulsionava-o contra os ossos pélvicos de Matilde. Ela sentia a pele da vagina repuxada e quente.

Ao terminar, Eliah descarregou o seu peso sobre o tronco de Matilde, que acabou com os joelhos perto da cara.

– *Je suis désolé* – desculpou-se, agitado, sem fôlego. – Estava muito excitado. Não o consegui evitar. Sei que não tiveste prazer. *Pardonne-moi, mon amour. Pardonne-moi.*

– Foi bonito ver-te a ter prazer. Precisava tanto de sentir dentro de mim. Necessitava saber que ainda és meu. Tive tantas saudades, Eliah. Não sabes o que foi para mim este tempo de separação. Só pensava em ti.

– Amas-me Matilde?

– Já to disse mil vezes: mais do que à minha própria vida.

Olhou para ela, intensamente. Matilde devolveu-lhe um olhar de doce compreensão e afastou-lhe as madeixas da franja, as quais, como sempre, voltavam a cair e a fazer-lhe cócegas. Os seus olhos perfuravam-na, exigentes, e, de repente, sentiu medo.

– Dás muito pouco valor à tua vida. Portanto, dás pouco valor ao nosso amor. Porque te arriscaste para proteger aquele rapaz palestino? O que senti enquanto te via na televisão... É impossível descrevê-lo.

Matilde, presa debaixo do peso de Eliah, com ele ainda dentro dela, limitou-se a afastar o rosto; não suportava o seu olhar acusador.

– Tive de simular indiferença. Poderia ter-me custado a vida deixar-me levar pelo que estava a sentir enquanto via a minha mulher correr entre as balas. Depois fui à casa de banho e vomitei.

Matilde virou-se para o olhar com uma expressão desesperada, uma mistura de fúria, culpa e tristeza.

– Tu também te esqueceste de mim e do nosso amor quando aceitaste participar na missão do Iraque. Esqueceste do Kolia, do Jérôme e de mim, que precisamos de ti para viver. – Embargou-se-lhe a voz e voltou a virar a cara, com um movimento indignado. Uma lágrima correu-lhe pela cana do nariz.

Os olhos de Al-Saud adquiriram uma tonalidade cristalina. Permaneceu calado porque se sentia

incapaz de articular. Superado o momento de insegurança, exprimiu-se em francês.

– Quando estavam a torturar-me, agarrava-me à tua imagem, e recriava na minha cabeça os dias em que tínhamos sido felizes. Deste-me tantos dias de felicidade... Deus meu... Em Paris, em Ruão, no Congo, em Jerusalém... Onde te tive, fui feliz. E sonhava que fazia amor contigo, ouvia-te gemer (adoro ouvir-te gemer) e voltava a sentir-te minha e assim a dor passava, esquecia-a. E quando se tornou insuportável, quando estava quase a ceder, pedi-te que me ajudasses e fizeste-o. Segundos depois, os torturadores pararam porque Chuquet me tinha reconhecido.

– Não fui eu – conseguiu responder, esforçando-se para não se desmoronar, enquanto as lágrimas brotavam e deslizavam pelas suas têmporas. – Foi a Nossa Senhora, porque já perdi a conta às vezes que lhe pedi que te protegesse. Eliah, quero que fique claro entre nós: podia enfrentar qualquer coisa, *qualquer coisa*, menos perder-te. Não o esqueças. Se te perdesse, já não queria viver.

– Não voltes a arriscar a tua vida, Matilde, suplico-te.

– Arriscá-la-ia por ti ou pelos nossos filhos. Fá-lo-ia sem hesitar.

Um queixume entre angustiado e risonho ressoou na garganta de Al-Saud. Abraçou-a e sussurrou-lhe na sua língua:

– Matilde, o que hei de fazer contigo?

– Deixar-me ser eu mesma como eu tento fazer contigo, e compreender-me, ainda que te custe tanto?

Al-Saud reprimiu uma gargalhada e beijou-a. Como tinham acalmado a paixão, tratou-se de uma troca doce e suave, um jogo de lábios e de línguas; transmitia-se vida através dos seus hálitos e dos seus risos.

– Tive que tirar a Medalha Milagrosa – confessou ele.

– Não faz mal. Ela cuidou de ti mesmo assim. Agora, mais que nunca, temos de construir uma clínica com esse nome.

– Sim, meu amor, sim.

Eliah decidiu regressar a casa ao tocar nas pernas despidas de Matilde e perceber que estavam geladas.

No domingo, 14 de maio, dia do aniversário de Matilde, Al-Saud levantou-se cedo, envolveu-se num robe e saiu à socapa do quarto. Pediu a Mónica que tratasse das crianças e foi para a cozinha, onde as empregadas tratavam do pequeno-almoço. Deu ordens para que preparassem uma bandeja com as delícias que tinha comprado no dia anterior em Châtillon, a cidade mais perto de Villa Visconti. Francesca ajudou-o a preparar o chá-mate² com a erva que tinham conseguido arranjar em Turim. Amina e Kolia apareceram na cozinha, este último com o seu biberão na mão, o qual punha na boca de vez em quando; o resto do tempo balbuciava comentários ininteligíveis ao que as empregadas, muito carinhosas com ele, respondiam com «Não me digas?» ou «Muito bem!».

Al-Saud sentou as crianças nos seus joelhos e explicou-lhes:

– Hoje é um dia muito especial. É o aniversário da mamã. Vamos acordá-la, dar-lhe um beijo e dizer-lhe: «Feliz aniversário, mamã!» e dar-lhe os presentes.

– Quando é o meu aniversário, tio Eliah?

Como tinha andado a consultar os documentos de Amina – brevemente viajaria até Milão para se reunir com os advogados –, Eliah respondeu-lhe sem hesitações:

– A 15 de dezembro. Ainda falta muito.

– O que me vais oferecer?

– O que tu pedires, meu amor. Vai pensando no que queres.

– Sim.

– Que vamos dizer à mamã agora?

– Feliz aniversário, mamã! – respondeu Amina, com um sorriso que provocou uma alegria inexprimível em Eliah.

– Ma-ma-ma.

Al-Saud beijou-os na testa, pô-los no chão e terminou os pormenores do pequeno-almoço.

Matilde acordou e constatou imediatamente que estava sozinha. Tateou a superfície da mesa de cabeceira até encontrar o relógio de Eliah, que ele pedira emprestado a Kamal – o dela, o seu *Christian Dior* de ouro, desaparecera durante o sequestro, juntamente com o anel *Cartier* –, aproximou-o de uma poça de luz, que se formava graças ao sol que se infiltrava pelas frestas das persianas, e viu as horas. Oito da manhã – era tardíssimo! Levantou os lençóis e a colcha e, enquanto se espreguiçava, ouviu vozes e a porta a abrir-se. Ficou quieta, influenciada pela atitude furtiva dos que entravam. Amina e Eliah falavam baixinho; Kolia, pelo contrário, fazia-o em voz alta, arruinando o segredo. Reprimiu o riso e a vontade de saltar para os receber.

Al-Saud abriu as janelas e o sol inundou o quarto. Matilde fingiu surpreender-se e sentou-se, encostada à cabeceira. Amina e Kolia saltaram para a cama com exclamações e risos e atiraram-se ao seu pescoço.

– Feliz aniversário, mamã! – exclamou Amina. – Sabes, Matilde? Falta muito para o meu aniversário. O tio Eliah disse-me que me daria o que lhe pedisse.

– A sério?

– Agora vamos entregar as prendas à mamã – interveio Al-Saud, e os seus olhos cintilantes cruzaram-se com os de Matilde. Inclinou-se e beijou-lhe os lábios. – *Heureux anniversaire, mon amour.*

Matilde agarrou-lhe a cara com as mãos e beijou-o longamente. Desenhou a palavra obrigada com os lábios. Olharam-se em silêncio, partilhando as memórias do que tinham vivido na noite anterior. Kolia e Amina saltavam e discutiam em seu redor; não chegavam a um consenso para a entrega dos presentes. Decidiu-se que lhe entregariam os embrulhos alternadamente. Em poucos minutos, a cama ficou coberta de sacos, papéis e fitas. Amina experimentava os lenços de seda, sapateava com as sandálias, empapava-se em perfume e pedia a Matilde para lhe pintar os lábios. Kolia, sentado na

cavidade formada pelas pernas do pai, seguia-a com olhos atentos e um ar sério.

Desocuparam a cama e Al-Saud trouxe a bandeja. Matilde elogiou o espetáculo de pão, *croissants*, sandes e o ramalhete de mimosas; apreciou especialmente o chá-mate, que Amina e Kolia quiseram provar; nenhum deles gostou. Matilde e Eliah soltaram uma gargalhada à careta de asco do filho.

Francesca bateu à porta e entrou com a desculpa de felicitar Matilde, se bem que se propunha, principalmente, levar consigo as crianças para que o casal tivesse um momento a sós. A porta fechou-se atrás deles e Matilde caiu nos braços de Eliah.

– Feliz aniversário, amor da minha vida.

– Obrigada por toda esta felicidade.

Olharam-se e não tiveram necessidade de verbalizar o que pensavam: faltava Jérôme.

– Agora é a minha vez.

– Vez de quê?

– De te dar o meu presente.

– Mais presentes!

Al-Saud esticou-se na cama, abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou uma caixa verde. Entregou-lha sem dizer uma palavra. Matilde sorriu com indulgência ao descobrir a coroa dourada de Rolex estampada na parte superior. Abriu-a. Pegou no cartão, manuscrito, e leu-o em silêncio. «*Garantem que estes relógios são muito bons e que marcam o tempo com muita precisão. Garantem também que duram toda uma vida. Portanto, amar-te-ei cada segundo que este relógio marcar. Eliah.*»

– Há algo gravado na parte de trás.

Ajudou-a a tirá-lo da caixa. Era o modelo *Lady-Datejust*, em ouro e aço, com o mostrador em branco. Atrás dizia: *Amo-te. E.A.S.*

– É lindo. Lindíssimo – afirmou, comovida com a expectativa de Al-Saud.

– Sei que não gostas de ostentação, mas...

Matilde calou-o cobrindo-lhe os lábios com os dedos.

– É perfeito porque foste tu que mo ofereceste, porque vai durar toda a vida, tal como o teu amor.

– Matilde – atraiu-a a si com uma urgência que a surpreendeu –, não penso que o meu amor acabe com a morte.

– O meu também não.

– Estamos condenados para toda a eternidade.

No dia seguinte, Al-Saud viajou até Milão para se reunir com o Dr. Luca Beltrami, o qual tratava do processo de filiação de Kolia. Ali iria também juntar-se-lhes o Dr. Lafrange, que se ocuparia das questões da adoção de Amina, iniciada pouco depois do anúncio da morte de Sabir al-Muzara.

Matilde queria acompanhá-lo; não suportava vê-lo partir outra vez. Al-Saud recusou devido a Amina e Kolia, os quais, em poucos dias, tinham desenvolvido um vínculo tão dependente com ela que se inquietavam se a perdiam de vista; não admitiriam uma separação, por muito curta que fosse.

Todos admiravam, num espanto silencioso, como os modos doces e calmos de Matilde conquistavam Kolia, uma criança que se tinha mostrado sempre tão independente. Francesca retirava-se para um discreto segundo plano, e Mónica, por ordem de Eliah, ocupava-se de outras coisas. Matilde ganhava terreno dia a dia; o segredo consistia em respeitar a liberdade e a autonomia do menino, tal como acontecia com o pai. Imediatamente notou que ele não gostava que o enchessem de carícias ou beijos; também não aceitava de boa vontade as ordens, pelo que fixar-lhe limites era um verdadeiro desafio. Matilde, a qual, segundo Juana, era uma grande manipuladora, e que, apesar da sua voz suave como uma brisa e da sua energia quente como um raio de sol no inverno, possuía a força de um ciclone e a perseverança de um monge, traçou a sua estratégia concentrando-se nas coisas de que Kolia mais gostava: ouvir música e dançar, ouvir histórias e brincar com coisas inusitadas, tais como as garrafas de água mineral vazias, as pinhas, os sapatos da avó Francesca e os cachimbos do *nonno* Fredo. De nada valiam os brinquedos que Eliah lhe comprava: o menino divertia-se mais fazendo construções com as pinhas que Matilde trazia do pinhal ou batendo com garrafas de plástico no chão. Os três passavam horas sentados no tapete do quarto de brinquedos, saltando de uma atividade para outra.

Amina perguntava pelo pai com frequência e, à medida que o tempo passava, mostrava-se empenhada em voltar para casa. Um dia em que Matilde a notou mais resmungona que o habitual, decidiu contar-lhe a verdade; para o efeito, inventou um conto de Jérôme no qual os pais biológicos tinham ido para o céu e uns novos, chamados Eliah e Matilde, ficavam a tomar conta dele. Amina, sentada no tapete, à maneira índia, ficou a olhá-la fixamente.

- E os papás de Kolia, onde estão?
- O papá de Kolia é o Eliah. A mamã dele está no céu com os papás do Jérôme.
- E a minha mamã?
- Está no céu com o teu papá.
- O meu papá está no céu?
- Sim. E pediu, antes de ir, que o Eliah tratasse de ti.
- Porque é que o meu papá foi para o céu?
- Deus chamou-o.
- Eu quero que ele volte – disse a menina, em voz chorosa. – Não quero que fique no céu.

Matilde colocou Kolia no tapete, esticou os braços e pôs Amina no seu colo.

– Meu tesouro, tenho a certeza de que, se o teu papá pudesse voltar, o faria. Mas Deus pediu-lhe que ficasse no céu e que, desde lá, cuidasse de ti. Podes ter a certeza de que o teu papá nos está a ver neste momento, e que está um pouco triste porque sabe que tu estás. É melhor ficarmos contentes, para que ele também se alegre. Olá, Sabir! – disse Matilde, fazendo o mesmo truque que usara com Jérôme. – Como estás, querido amigo? – Olhou para o céu. – Vou-te contar uma coisa: o Eliah e eu amamos com todo o nosso coração a tua linda filhinha Amina e vamos levá-la connosco, e ela será nossa filha querida e a irmãzinha do Kolia e do Jérôme.

- Jérôme será meu irmão?

- Sim, teu irmão e do Kolia. Viveremos os cinco, todos juntos, na mesma casa.
- Quando é que o Jérôme vem?
- Dentro em breve, minha querida, dentro em breve.

Al-Saud regressou dez dias depois, na terça-feira, 30 de março. Ficou junto ao automóvel ao ver Matilde e as crianças, seguidos por Mónica, emergir do pinhal. O sorriso de sua mulher provocou-lhe um salto no coração, que começou a pulsar de modo desenfreado. Pousou a mala no assento e caminhou a passos largos até ela. Matilde correu para ele rindo de pura felicidade. Al-Saud recebeu-a nos seus braços e fê-la girar no ar. Beijaram-se à frente das crianças e da ama.

- Já são nossos, meu amor. Kolia e Amina são nossos. Podemos voltar para Paris.
- Abraçaram-se e riram até se darem conta dos puxões e pedidos de Kolia e Amina.
- Também quero! Faz-me dar voltas como fazes à Matilde, tio Eliah!
 - Claro que sim, sua alteza!

Kolia exigiu a sua parte, saltando com os braços esticados e balbuciando «ma-ma-ma», pelo que Matilde o segurou por baixo das axilas e o fez girar. Entraram na mansão a rir e a falar com atropelos, Kolia na sua linguagem própria e Amina com a clareza que a caracterizava.

- Tio Eliah, a Matilde contou-me que o meu papá foi para o céu com a minha mamã.
- O comentário não apanhou Al-Saud de surpresa; Matilde já lhe contara a novidade ao telefone.
- Sim, o teu papá está no céu.
 - Os papás do Jérôme também.
 - Sim, eu sei.
 - Sinto muitas saudades do meu papá. Quero que ele venha buscar-me.
 - Eu também tenho saudades dele, meu amor. E também gostaria que ele viesse e ficasse aqui connosco. Não te esqueças que era o meu melhor amigo. Mas isso não é possível.
 - A mamã do Kolia também está no céu.
 - Também. Eles estão todos juntos no céu. Formam um bonito grupo, não é? O que é que tu achas se nós, os que ficámos aqui em baixo, morássemos todos juntos? Tu, o Kolia, o Jérôme, a Matilde e eu, todos na mesma casa para sempre. – Amina concordou com um ar solene. – Adivinha o que é o presente que te trouxe – Al-Saud desviou a conversa.

A vizinha de Amina ia diminuindo à medida que se afastavam, subindo as escadas. Francesca observava-os desde o andar de baixo. Matilde levava Kolia, que lhe chupava a bochecha e a fazia rir, ao colo. Amina, nos braços de Eliah, não adivinhava os presentes que iria receber e começava a impacientar-se.

Kamal aproximou-se de mulher, passou-lhe o braço pelo ombro e sorriu em direção à família do seu terceiro filho, que já desaparecia no piso superior.

- Nunca, nem sequer quando era criança, o vi tão feliz – comentou.
- Está feliz porque conheceu o verdadeiro amor. O mesmo tipo de amor que nos manteve unidos, a

ti e a mim, durante tantos anos.

– Voltamos para Jeddah? Quero-te de novo só para mim.

– Sim. Novamente sós. Mas teremos de ir a Paris em meados de abril para o casamento da Matilde e do Eliah. Prometi à Matilde que a ajudaria com os preparativos. O copo-de-água vai ser lá em casa.

² Infusão muito apreciada na Argentina e noutros países da América do Sul. (*N. do T.*)

Capítulo 18

Al-Saud esticou as pernas por baixo da secretária, entrelaçou as mãos por trás da cabeça e relaxou. Apesar da gigantesca quantidade de trabalho, dos problemas que desfilavam um atrás dos outros e dos compromissos que enchiam a sua agenda, sentia-se feliz e em paz. Amava a vida que Matilde criara em seu redor, desde a hora de despertar à hora de deitar. Gostava de lhe telefonar durante o dia e de a ouvir enumerar os progressos de Kolia ou as histórias de Amina; a sua felicidade e entusiasmo chegavam-lhe através do telefone e transformavam-se numa energia que o impulsionava a continuar a lutar contra as dificuldades de uma empresa militar privada. Rodeara-a de guarda-costas e comprara-lhe um *Mercedes Benz ML 500*, o qual lhe entregariam dentro de um mês e meio, depois de completamente blindado (vidros e carroçaria) com um alto nível de resistência balística; também tinha mandado colocar-lhe jantes de segurança nos pneus e equipamento antiminas. Alamán era o responsável por instalar-lhe contramedidas eletrónicas. Entretanto, Matilde utilizava um veículo da Mercure, o qual não reunia as exigências de segurança de Al-Saud, pelo que tinha indicado ao motorista que reduzisse as saídas, diretriz que Matilde não cumpria: passava o tempo todo a vagabundear por Paris.

O intercomunicador tocou.

– Sim? O que se passa?

– O senhor Shiloah Moses acaba de chegar, senhor – anunciou Victoire, a secretária.

– Mande-o entrar.

Al-Saud abandonou a cadeira, ajustou a camisa dentro das calças e cofiou o cabelo. Inspirou profundamente e sacudiu os ombros para relaxar os músculos: aquilo que teria de enfrentar daí a pouco momentos não seria fácil ou agradável.

Shiloah entrou com um sorriso. Exibia satisfação e rejuvenescimento; a influência de Juana continuava a ser benéfica. Deram-se um abraço e palmadas nas costas.

– Victoire, traga-nos café, por favor. E não me passe chamadas, exceto se for a minha mulher.

– Sim, senhor.

O sequestro de Matilde veio a lume assim que se acomodaram nos sofás.

– Pensei que ia ficar maluco quando soubemos pela televisão que a tinham raptado. A Juana perdeu o controlo. Nunca a tinha visto assim. Chorava e gritava e eu não sabia o que fazer. Tentei entrar em contacto contigo, mas o Alamán disse-me que estavas no meio de nenhures, numa missão. Liguei aos meus contactos no Shabak e garantiram-me que estavam a tratar do assunto. Não me deram muita informação.

– Foi Anuar – manifestou Al-Saud –, foi ele que a raptou.

Guardaram silêncio enquanto Victoire lhes servia o café. Depois de a secretária ter fechado a porta,

Moses falou.

– A imprensa especulava que tinha sido o Hamas, mas eles nunca reivindicaram o sequestro. Nem imaginas a confusão que se gerou. Matilde acabara de se tornar numa heroína para os palestinianos, depois de salvar o menino preso no fogo cruzado e propiciar para que a intervenção israelita terminasse. Organizaram-se manifestações na cidade de Gaza, com os funcionários do hospital à cabeça, exigindo a sua libertação. Até o papa João Paulo II interveio! – Al-Saud ergueu as sobrancelhas. – O sequestro de Matilde não foi nada benéfico para o Hamas, do ponto de vista político.

– Fizeram-no por dinheiro – afirmou Al-Saud –, não havia qualquer outro objetivo. O Anuar está a ficar sem fundos para financiar as suas atividades terroristas. Em meados de setembro recorreu a mim: como recusei, ameaçou matar a Matilde.

– Maldito filho da puta!

– Assassinou o Sabir.

– O próprio irmão? Verme mal parido.

– Tenho que o deter, Shiloah, ou não poderei viver em paz. Tu podes ajudar-me.

– Eu? Oxalá pudesse, meu amigo!

– Podes, sim. – Al-Saud olhou-o fixamente enquanto rebuscava o discurso que ensaiara; as palavras fugiam-lhe, desertavam. Expirou ruidosamente e baixou a vista. – Tenho de te contar algo muito duro, Shiloah. Preciso que me escutes em silêncio e que me tentes compreender.

– Seja o que for, Eliah. Seja o que for.

– Trata-se do Gérard. Ele e o Anuar mantiveram-se em contacto durante todos estes anos. De facto, o Gérard colaborava com as suas atividades terroristas.

As feições de Shiloah congelaram; não pestanejou, não afastou o olhar.

– Conta-me tudo, Eliah. Continua.

Al-Saud escolheu com cuidado as partes da verdade que revelaria ao amigo. Transmitiu-lhe que Gérard trabalhava para o regime de Bagdade, mas não mencionou o assunto da centrífugadora de urânio nem do plano para bombardear Riade e Telavive. Confessou-lhe, finalmente, que o irmão morrera há semanas. Shiloah tirou um lenço e enxugou os olhos.

– Com um ataque de porfíria?

– Não. Mataram-no.

– Quem? Porquê?

Al-Saud decidira que Shiloah jamais saberia que fora Matilde quem matara Gérard.

– Não tenho a certeza. O teu irmão movia-se em círculos muito perigosos. Não me surpreende que tenham decidido desfazer-se dele. Os motivos podem ser muitos. Talvez soubesse demasiado.

– Tens a certeza de que morreu?

– Eu não o vi, mas acredito piamente na pessoa que me disse que o viu morrer.

– Espero que agora esteja em paz. Nunca teve paz, sabes? Viveu uma vida de tormento e de sofrimento. Eu... – A voz quebrou-se-lhe; sacudiu a cabeça e voltou a enxugar os olhos. – Enfim... foi-

se. O que terão feito com o seu corpo? Será que o sepultaram com decoro?

– Esquece, Shiloah. O que importam essas coisas? Gérard foi-se e agora está em paz.

– Tens razão. O que importam essas coisas? Diz-me, irmão, como te posso ajudar?

– Preciso de entrar na casa do Quai de Béthune. Anuar esteve lá no ano passado. O Antoine permitiu-lhe a entrada. Talvez possamos encontrar alguma pista que nos leve até ele.

– Ainda tenho as minhas chaves, aqui, no meu apartamento de Paris. Quando queres ir lá?

– Quanto antes.

– Vou buscá-las.

– Shiloah – Al-Saud deteve-o –, vamos levar um amigo meu que trabalha na DST. Quero que ele me ajude a revistar a casa. Não te preocupes, o assunto será tratado com a maior discrição.

Shiloah soltou uma gargalhada forçada e melancólica.

– Se o mundo soubesse, Eliah, eu estar-me-ia nas tintas. Creio que seria uma boa lição para o meu velho, que sempre foi um filho da puta com o Gérard. É a ele que eu culpo pela personalidade retorcida do meu irmão. Imaginas? O filho do grande chefe sionista, Gérard Moses, a trabalhar para o inimigo número um de Israel? Garanto-te que os meus dois jornais se fartariam de vender exemplares.

Enquanto esperava o regresso de Shiloah com as chaves da casa do Quai de Béthune, Al-Saud telefonou a Edmé de Florian, da DST. De Florian esperava aquela chamada, pelo que arrancou de seguida. Chegou aos escritórios da Mercure, no Hotel George V, vinte minutos depois.

– O teu amigo Shiloah aceitou ajudar-nos?

– Sim, claro. Foi buscar as chaves da casa. Que devemos fazer com Antoine, o mordomo? Ele pode avisar Anuar de que estamos no seu encalço.

– O que achas que vamos encontrar na casa de Moses?

– Admito que não sei.

Al-Saud aproximou-se rapidamente da secretária e levantou o auscultador do telefone, que estava a tocar.

– Senhor – disse Thérèse –, o senhor Nigel Taylor pede para falar consigo.

– Pode passar. Olá, Nigel.

– Olá, Eliah. Como está a Matilde?

– Bem, obrigado.

– A minha mulher e eu ficámos muito preocupados quando soubemos do seu sequestro.

– A tua mulher?

– Tu conhece-la. Angelie. *Sœur Angelie* – esclareceu –, que vivia na Missão São Carlos. – Eliah emudeceu. – Casámos há pouco tempo – explicou-lhe Taylor –, quando lhe deram a dispensa. Está comigo em Paris e gostaria de ver a Matilde.

– Sim, claro. A Matilde ficará encantada por revê-la. Porque não vão jantar lá a casa esta noite? O meu irmão e outros amigos também vão.

– Obrigado. A Angelie vai ficar feliz com o convite. Há ainda um outro assunto importante que gostaria de discutir contigo. Podemos falar esta noite, ou preferes que nos encontremos amanhã noutra sítio?

– Falamos esta noite. Aponta a minha morada.

– Podemos levar o nosso filho? Também o conheces. É o Kabú.

– Kabú! – A surpresa provocou uma gargalhada a Al-Saud. – A Matilde vai ficar feliz por vê-lo.

Claro, leva-o também.

Colocou o auscultador sobre o aparelho e demorou a retirar a mão. Ficou com o olhar perdido.

– Más notícias? – perguntou Edmé de Florian.

– Não, pelo contrário – disse; no entanto, meditava sobre a vantagem de Matilde ver Kabú e remexer na ferida que representava Jérôme, a qual não cicatrizara.

Atravessaram o Sena pela ponte Marie e entraram na Île Saint-Louis. Estacionaram os veículos à volta do *hôtel particulier* dos Rostein e caminharam até ao portão com o número trinta e seis pintado na chave do arco de meio ponto. Tratava-se de um dia cinzento e o vento cálido, que soprava desde o rio carregado de humidade, incomodava Al-Saud.

Shiloah tirou a chave. Existia o risco de Gérard Moses ter mudado a fechadura do velho portão. Os três homens esperaram, sustendo a respiração enquanto a chave girava. Também existia a possibilidade de a casa estar protegida com um sistema de segurança, do qual Shiloah desconheceria o código, não podendo evitar a tempo que o alarme disparasse. O estalido certo anunciou-lhes que a chave era a mesma. Abriram o portão e entraram. Os segundos corriam e o silêncio tornava-se mais profundo.

Antoine, que saía da zona dos serviços, ficou boquiaberto ao vê-los. Al-Saud notou que trazia uma pomba sentada no ângulo do braço direito e lembrou-se de que o seu empregado, Oscar Meyers, reparara no mesmo pormenor quando o mandara seguir Anuar al-Muzara em meados de setembro.

– *Monsieur Shiloah, c'est vous?*

– Sim, Antoine. Sou eu. Desculpa o susto que te pregámos.

– Absolutamente, *monsieur*! Passem, passem!

– Deixa que seja eu a lidar com o Antoine – mastigou Shiloah em inglês a Al-Saud enquanto se dirigiam para a entrada.

– Lembra-te do que te dissemos: não lhe contes que o Gérard morreu.

Al-Saud e Edmé de Florian dividiram-se para revistar a grande casa de três andares. De Florian descobriu uma caixa-forte por trás de um quadro a óleo numa assoalhada que devia funcionar como escritório, a julgar pela mobília. Al-Saud, por sua parte, subiu até ao terraço e descobriu o caminho de fuga que conduzia Anuar até à igreja de Saint-Louis-en-Île. Virou-se para regressar ao interior e os seus olhos depararam com o pombal; encontrava-se no mesmo sítio desde a sua infância, embora tivesse sido modernizado. Aproximou-se e os pombos bateram as asas, nervosos, até que se acostumaram à sua presença. «*Este é o meu preferido. Chama-se Ícaro.*» O vento acarretou a voz infantil de Gérard que esvoaçou nos seus ouvidos; a cena projetou-se à sua frente. Visitara aquele pombal com o melhor amigo

centenas de vezes, sempre ao cair do sol ou à noite, quando ficava a dormir em casa dos Moses e o clima o permitia. Uma profunda saudade apoderou-se dele. Engoliu com dificuldade e limpou os olhos com raiva; outro pensamento desalojava as gentis recordações da infância e a imagem de Samara, morta no túnel de l'Alma, acabou por tingir de negra fúria o seu espírito.

Recordou que, tal como com os outros temas que o apaixonavam, Gérard era um erudito em columbofilia. Sabia tanto acerca dos pombos-correio – da sua estirpe, das suas doenças, dos seus costumes e da sua história – como de armas e de aviões de guerra. «*Sabias que hoje em dia ainda se usam os pombos-correio nas guerras? Na do Vietname, o Batalhão de Comunicações do exército norte-americano viajou com quarenta pombos. Quando a tecnologia falha, quando as comunicações se cortam, sempre ficam os pombos.*» A frase repetiu-se como um eco: «... quando a tecnologia falha... quando a tecnologia falha.»

Voltou ao interior da casa. Deparou-se com De Florian no corredor do segundo andar.

– Acabo de descobrir como Anuar al-Muzara comunicava com Gérard Moses. – O agente da DST agitou a cabeça, convidando-o a continuar. – Através de pombos-correio. Tanto Moses como Al-Muzara são peritos em columbofilia. Bem, no caso de Moses deveria dizer que *era* perito.

– Pombos-correio? – Al-Saud anuiu e De Florian sacudiu os ombros, incrédulo. – Pela minha parte, descobri uma caixa-forte por trás de um quadro a óleo, naquela assoalhada.

– Era o escritório do pai de Gérard.

– Talvez Shiloah conheça a combinação. Também é necessária uma chave.

Encontraram Shiloah sentado na mesa da cozinha, conversando amistosamente com Antoine, enquanto partilhavam café e bolachas.

– Antoine estava a contar-me que Gérard ainda tem os seus pombos-correio – disse, apontando para o animal que o mordomo sustinha na curva do braço.

– Shiloah, há uma caixa-forte no escritório do teu pai – informou-o Al-Saud em inglês. – Atrás de um quadro. Poderias abri-la?

– Não fazia ideia que existisse.

– Vou chamar um serralheiro da DST – propôs De Florian.

– Não quero o pessoal da DST metido nisto, Edmé – protestou Al-Saud. – Já sabes que estás aqui a título pessoal.

– É um amigo da minha extrema confiança. Não haverá problemas.

De Florian afastou-se para telefonar ao serralheiro e Al-Saud sentou-se em frente a Antoine, que evitou o olhá-lo, tal como quando Eliah era criança.

– Anuar al-Muzara visitou recentemente esta casa, correto, Antoine?

O homem ergueu-se na cadeira, endureceu o gesto e olhou fixamente para Shiloah. As maçãs do rosto coraram e o pombo agitou-se.

– Isso é verdade, Antoine? – perguntou-lhe Shiloah, com bons modos. – Anuar visitou esta casa ultimamente?

– Responde! – Al-Saud espancou a mesa com o punho e o pombo voou, espantado, indo pousar em cima de um aparador.

– Eliah, por favor...

– Por favor, uma merda, Shiloah! Este filho da puta está a encobrir um terrorista. Se não queres acabar na prisão, Antoine, é melhor que fales.

– Na prisão?

– Sim, na prisão. Este senhor – disse apontando para De Florian, que se aproximava depois de ter feito a chamada – é da DST. – De Florian extraiu a sua identificação e colocou-a diante dos olhos arregalados de Antoine.

– *Mon Dieu* – murmurou o mordomo.

– Será melhor que comece a falar, senhor – disse De Florian. – Para o seu próprio bem.

– Sabemos que Anuar esteve aqui em meados de setembro. Fala!

– Sim, sim – balbuciou o homem.

– Calma, Antoine – animou-o Shiloah. – Bebe um gole de café.

– O senhor Anuar esteve aqui, sim. O jovem senhor Gérard pediu-me para o receber sempre que ele viesse a esta casa. Também cá esteve o senhor Udo.

– Como se comunicam Gérard e Anuar? – perguntou Shiloah.

– Através dos pombos.

Surpreendido, Edmé de Florian olhou para Al-Saud.

– Quando enviou a última mensagem?

– Há pouco tempo.

– Quando? – pressionou-o Al-Saud.

– Em princípios de janeiro. Quem a trouxe foi um homem que eu não conhecia. Disse chamar-se Rauf. Foi a única informação que me deu. O senhor Udo ordenou-me que a enviasse.

– Quando receberam a resposta?

– Demorou bastante a chegar. Em princípios de fevereiro.

– O que diziam essas mensagens?

– Eu não as leio! – garantiu o mordomo, com uma careta ofendida. – Aliás, eu não perceberia nada. O jovem senhor Gérard usa um código para as escrever. E o senhor Anuar também.

– Ainda tens as respostas de Anuar? – quis saber Shiloah, e Antoine anuiu. – Vai buscá-las, por favor.

O mordomo saiu da cozinha em passo lento e com a cabeça baixa.

– Poderíamos apanhar o Al-Muzara mandando-lhe uma mensagem – antecipou Al-Saud.

– Se conseguirmos decifrar o código – preveniu-o De Florian.

– É preciso vigiar o Antoine. Não confio nele. Se me permitires, Shiloah, instalo aqui dois dos meus homens.

– Nesta casa?

– Sim. Quero que o vigiem de perto, dia e noite. Não quero que mexa um dedo sem estarmos informados.

Shiloah Moses agitou os ombros e acedeu.

– Edmé, podes mostrar-me o sítio onde encontraste a caixa-forte?

Antoine regressou à cozinha e ficou nervoso ao constatar que estava a sós com Al-Saud. A tremer, estendeu-lhe os pequenos papéis enrugados.

Al-Saud deitou-lhes uma vista de olhos e sorriu com malícia. Anos atrás ajudara Gérard a criar aquele código. Com um pouco de esforço, iria recordá-lo.

O serralheiro da DST trabalhou cerca de uma hora para abrir a caixa-forte. A primeira coisa que saltou à vista foram dois suportes com uns vinte pequenos tubos de ensaio com tampas de diversas cores.

– Não toques nisso! – Al-Saud alertou Shiloah.

– Porquê?

– Não mexas – insistiu. – Pode ser perigoso.

– Lamento, Eliah – disse De Florian fechando a caixa-forte. – Não podemos arriscar-nos para ver o que há aí dentro. Tenho de convocar o grupo especializado em armas químicas e biológicas.

– *Quoi?* – exclamou Shiloah. – Armas químicas e biológicas?

Al-Saud ignorou o espanto do seu amigo e dirigiu-se a Edmé.

– Faz o que achares mais conveniente, mas lembra-te: o Al-Muzara é meu. Tenho várias contas a ajustar com ele.

De Florian concordou antes de perguntar:

– Achas mesmo que poderá haver venenos e vírus nessas provetas?

– Lembras-te dos rapazes iraquianos que foram gaseados em Seine-Saint-Denis? Suspeito que tenha sido obra do Udo Jürkens, e que o veneno tenha sido fornecido pelo Gérard.

– *Quoi?* – Shiloah estava espantado.

– E o envenenamento de Blahetter? – sugeriu De Florian. – Na altura, o inspetor Dussollier passou-me o relatório forense, que garantia que a causa da morte fora intoxicação por ricina. Tinham-lhe injetado um chumbo na perna.

– *Mon Dieu!* Do que estão falar? Quem são os rapazes iraquianos? Quem é Blahetter?

– Quanto menos souberes, Shiloah – disse De Florian –, melhor para ti. O teu irmão nadava em águas muito perigosas. É tudo o que precisas de saber.

Antes de terem saído da mansão do Quai de Béthune, bem entrada a tarde, já uma equipa da DST cercara a entrada do escritório e trabalhava no conteúdo da caixa-forte. Edmé De Florian ordenou a dois dos seus homens que fizessem turnos na vigilância a Antoine, o qual permanecia num canto da cozinha, com o pombo contra o peito, e mandou-os efetuar uma intervenção na linha telefónica.

– Vem cá – ordenou-lhe Al-Saud, com maus modos, e o mordomo aproximou-se, sempre de cabeça

baixa. – Quero que soltes um dos pombos de Al-Muzara com esta mensagem.

Depois de estudar as mensagens do terrorista palestino, que não só estavam escritas no código concebido por Gérard, mas também constituíam adivinhas – aquele cabrão ainda tinha tempo para brincadeiras!? –, Eliah sentiu-se capaz de redigir uma, embora lhe tivesse sido mais fácil se pudesse contar com um escrito por Gérard para lhe imitar o estilo. Também escreveria com adivinhas? Fá-lo-ia em tom brincalhão ou seria mais sucinto? Como o tinha conhecido bem, decidiu ir direto ao assunto e, enquanto imitava a caligrafia de Gérard usando um texto escrito por ele que encontrara no escritório, interrogava-se se Al-Muzara estaria ao corrente da sua morte.

Antoine depositou o pombo num poleiro, pegou no columbograma e enrolou-o até o transformar em algo parecido a um cigarro enrolado à mão. Procurou numa gaveta, da qual tirou um tubinho onde inseriu a mensagem. Eliah seguiu-o até ao terraço e verificou que o pombo se afastava no céu do entardecer.

Agarrou Antoine pelo colarinho e encostou-o à rede do pombal.

– Se enviaste o pombo errado e a mensagem não chega ao seu destino, ou se abres a boca para avisar o Anuar venho buscar-te e transformo-te numa papa de sangue. Percebeste? – Antoine assentiu como pôde. – Assim que recebas a resposta ligas-me para este número. – Meteu-lhe o cartão de visita no bolso da camisa. – Avisas-me primeiro a mim, percebido? Quando ouvires a minha voz, dizes simplesmente: «Usam-se na guerra». Repete!

– Usam-se na guerra.

Ao chegar a Paris, Matilde descobriu que Leila casara com Peter Ramsay e que morava num apartamento perto do Bois de Boulogne, onde gostava de andar a cavalo, hábito que terminou no dia em que o seu marido soube que estava grávida.

Ao princípio, Matilde sentiu-se perdida na casa da avenida Elisée Reclus sem Leila, embora se tivesse organizado bastante bem com a colaboração de Maria, Agneska e Mónica. No entanto, Al-Saud insistiu para que contratasse outra ama, pelo que passava o tempo a entrevistar possíveis candidatas; até ao momento, nenhuma a convencera.

Gostava da sua nova vida: tirando as duas ocasiões em que fora à sede das Mãos Que Curam para entregar o relatório verbal, não tivera qualquer tipo de contacto com a sua profissão; dedicava-se a ser mãe e esposa, embora soubesse que o seu temperamento lhe exigiria que, mais tarde ou mais cedo, voltasse ao bloco operatório. Além disso, pensava continuamente no projeto da Clínica Medalha Milagrosa que atenderia indigentes, principalmente emigrantes africanos. Comprara um caderno onde anotava ideias e fazia listas. O advogado de Eliah, o Dr. Lafrange, estava a tratar dos trâmites para a obtenção do estatuto jurídico de uma fundação que administraria a clínica.

Nessa noite, seriam vários à hora de jantar. A maioria já chegara e, como eram gente da casa, juntavam-se na cozinha a petiscar pão, queijo e frutos secos com o vinho tinto que Alamán comprara. Perto das sete, Matilde, escoltada por Mónica, subiu ao andar de cima com Kolia para lhe dar banho.

Era um momento que a deliciava e, embora a ama peruana a assistisse, era ela que tratava de tudo. Kolia amava a água e ela adorava vê-lo deleitar-se com os seus brinquedos de borracha. Às vezes deixava-o ficar na banheira até a pele enrugar. Mesmo assim, Kolia queixava-se sempre quando o banho terminava. Voltou a rir-se quando Matilde, que o esfregava com a toalha, lhe mordiscou as preguinhas e lhe chamou «o meu menino crepe». Acabaria de o vestir no quarto, contíguo ao seu, que tinham decorado para ele; normalmente, dava-lhe o jantar na cozinha, mas nessa noite Kolia ia comer no seu quarto, para evitar o alvoroço provocado pelos convidados.

– Mónica, por favor, ponha a cadeirinha alta do Kolia no elevador e peça à Marie para lhe trazer o jantar.

– Sim, *señito* Matilde.

Kolia, ainda nu sobre a cómoda, agitava os braços e as pernas e balbuciava no seu meio idioma. Matilde observava-o, tão saudável e tão perfeito, enquanto a emoção e felicidade lhe aqueciam o peito. Inclinou-se para o beijar e acariciou-lhe a ponta do nariz com a sua.

– Amo-te, Kolia.

Al-Saud ouviu as vozes provenientes da cozinha assim que desligou o motor do *Aston Martin*. Depois das horas de tensão passadas na casa dos Rostein, teria preferido um serão tranquilo com a sua mulher, até talvez um banho de imersão a dois. Soltou um suspiro e encaminhou-se, resignado, ao encontro da pequena multidão que lhe invadira a casa.

Avistou Amina, sentada num banco alto da ilha de mármore, e Yasmin, que lhe pintava as unhas. As duas tinham-se dado bem desde o princípio, unidas pelo seu gosto pela moda e a estética.

– Não é um pouco pequena para pintar as unhas?

– Tio Eliah, eu não sou pequena! Tenho quase quatro anos! – exclamou Amina.

– Ainda não os tens e ainda falta muito para dezembro.

– O Tio Ezequiel vai maquilhar-me – continuou a desafiá-lo a criança.

Al-Saud lançou um olhar furioso a Ezequiel, que sorriu.

– Não olhes para ele com essa cara – queixou-se Yasmin. – A Matilde deu-nos autorização.

– Porque devem ter dado com ela em maluca.

– A sua mulher não é fácil de manipular – opinou Ezequiel. – Quando diz que não, é não.

– Já era hora de o tratares por tu, não achas, Ezequiel? – interveio Alamán.

Ezequiel manifestou que preferia conservar o tratamento formal e Al-Saud rosnou uma frase ininteligível.

– Onde está a Matilde? – perguntou, sem ocultar a ansiedade.

– Lá em cima, a dar banho ao Kolia – disse Leila e Al-Saud olhou na sua direção com um sorriso que se esfumou ao avistar La Diana, encolhida numa esquina escura, perto do armazém.

– O que fazes tu aqui? – perguntou-lhe, com rispidez.

– Não te atrevas a expulsá-la! – interveio Yasmin. – A Matilde convidou-a.

– Vou-me embora – balbuciou La Diana.

– Não vais nada! – gritou Yasmin. – Diana é a irmã do meu noivo. Por isso, irmãozinho querido, é melhor que comeces a fazer as pazes com ela, porque não vou admitir este tipo de cenas em cada reunião familiar.

Al-Saud fixou o olhar na rapariga bósnia, cuja expressão o afetou intimamente, recordando-lhe o dia do resgate no campo de concentração de Rogatica.

– Está bem, podes ficar. Tu e eu falaremos mais tarde – largou, abandonando a cozinha sem esperar resposta.

Galgou os degraus até ao andar de cima. Entrou no quarto, largou a pasta, tirou o saco e desapertou a gravata, arregaçou a camisa e lavou as mãos. Caminhou a passos largos até ao quarto de Kolia, guiado pela voz de Matilde. Deteve-se sob a ombreira da porta, onde deparou com Mónica, que ia a sair. Levou o indicador aos lábios para a avisar que não o denunciasse.

Matilde estava de costas para ele, inclinada sobre Kolia. Vestia umas jardineiras de ganga, as daquele primeiro dia, no voo para Paris. «Matilde», murmurou para si mesmo, incrédulo por a ter em sua casa, a salvo, toda para ele, feliz por vê-la no seu papel de mãe, que para ela era um sonho que conseguira realizar graças a ele. Queria mantê-la ao seu lado, elogiá-la, satisfazê-la, comprá-la com presentes, com amor, com filhos, com o que fosse preciso. Manipulava-a com os seus sentimentos e emoções (tinha consciência disso), mas não se sentia culpado: tal como não conseguia viver sem ela, também Matilde não podia passar sem ele; já lho dissera, e Eliah agarrava-se a essa declaração como à própria vida.

– Quem é o príncipe da mamã, quem é? Ko-lia. Ko-lia. – Matilde beijou-lhe a barriguinha nua e a criança soltou umas gargalhadas que obrigaram Al-Saud a afogar o riso. – Kolia é o príncipe da mamã. Sim, meu amor, sim. Tu és o meu príncipe.

– E quem é o rei da mamã?

Bastava ouvir a sua voz, essa frequência grave e escura cujas vibrações a atravessavam, para sentir o poder de um conjuro sobre a sua vontade. Permaneceu quieta, com a respiração contida, à espera de o sentir sobre o seu corpo. O arrepio acentuou-se até lhe causar uma sensação dolorosa nas coxas e entre as pernas quando Eliah lhe colocou as mãos na cintura e se inclinou sobre o seu ouvido para repetir a pergunta. Roçou-lhe a orelha com os lábios ao sussurrar:

– Quem é o rei da mamã?

– O papá. O papá é o rei da mamã.

Matilde girou nas suas mãos, enroscou os dedos no cabelo que lhe cobria as têmporas e, enquanto fixava o olhar nos seus olhos, atraiu-o para o beijar. A boca de Al-Saud apoderou-se da sua, com a fome que ele acumulara ao longo do dia e que apenas estava disposto a saciar no corpo da sua mulher. Ouviam-se os gorjeios de Kolia, o murmúrio distante dos convidados, os acordes das *Danças Eslavas* de Dvorák – alguém passarinhava pela sala de música – e os suspiros dos amantes, o som húmido e erótico produzido pelo contacto dos seus lábios. Um guincho irritado de Kolia pôs fim ao beijo.

Matilde levantou as pálpebras lentamente.

– Como estás? – perguntou Al-Saud.

– *Heureux, heureux à en mourir* – respondeu Matilde, com a toada de *La Vie en Rose*, que se transformara num clássico entre eles.

– Sentiste a minha falta?

– O que te parece?

– Que sim, que não consegues estar longe de mim, que sou tudo para ti.

– Vaidoso!

Kolia voltou a queixar-se. Matilde acabou de o vestir, levantou-o e entregou-o a Eliah, que o avisou em francês:

– A tua mãe é minha. Não te esqueças disso, rapaz. Empresto-ta durante o dia mas, à noite, é minha.

– Acomodou-se num sofá forrado com imagens da Disney e dedicou-se a mimar o filho, enquanto Matilde arrumava a roupa e os artigos de higiene do bebé.

Marie e Mónica entraram; traziam a cadeirinha alta e uma bandeja com a papa.

– Nós tratamos disso – indicou Al-Saud às raparigas. – Marie, diz aos convidados que descemos daqui a pouco.

Matilde cobriu Kolia com o babete e Al-Saud aproximou-lhe a colher com puré.

– Como foi o teu dia?

– Normal – respondeu Al-Saud; tinha decidido que a manteria à margem da caçada a Anuar al-Muzara. – E o teu?

– Uma maravilha. Cheio de acontecimentos. Fomos com Yasmin e com Juana comprar os sapatos para o casamento, e estive em casa da tua mãe a escolher o menu que vamos servir na festa.

– A Yasmin está a pintar as unhas à Amina – comentou Eliah, em tom reprovador.

– Eu dei-lhe autorização. Hoje a Amina não estava bem. Acho que sonhou com o Sabir. Levantou-se a choramingar e a chamar pelo papá. Passou o dia de mau humor, caprichosa. Só mudou de disposição quando fomos às compras com a Yasmin e a Juana. Aquelas três estão na mesma frequência. Achas que devíamos levar a Amina ao doutor Brieger? Talvez lhe fizessem bem umas sessões com uma psicóloga infantil.

– Fala com ele, mas parece-me uma boa ideia. Sabes quem me ligou hoje? Nigel Taylor. Contou-me uma coisa que me deixou boquiaberto: casou-se com a Angelie. Com a *sœur* Angelie.

– Sim, eu sabia. A Amélie ligou ontem e disse-me. Esqueci-me de te contar. Adotaram o Kabú. Vive com eles em Londres – acrescentou, com a voz mais abatida, enquanto continuava a cortar o bife para Kolia.

– Meu amor. – Al-Saud apoiou o garfo na borda do prato e colocou o dedo indicador sob o queixo de Matilde para a obrigar a levantar o rosto. Ela baixou as pálpebras para o evitar.

– Não quero sentir inveja, Eliah, juro-te. Odeio este sentimento, mas não o consigo evitar. Porque é que eles têm o Kabú e nós não temos o Jérô?

– Não chores, meu amor. O Kolia não deve ver-te chorar.

– Tens razão. Desculpa.

Apesar dos receios de Eliah, a presença de Angelie e de Kabú alegraram Matilde. Recordaram os dias na missão e mencionaram Jérôme com naturalidade, especialmente Kabú, que fazia planos para o convidar a visitar a sua casa em Londres quando o amigo regressasse. Amina contemplava Kabú com uma expressão de enlevo e, algo muito pouco frequente, em silêncio. Sentia-se fascinada pela exótica cor da sua pele e pelas estranhas marcas que sulcavam o seu rosto. Perguntou-lhe o que eram e Kabú respondeu com naturalidade:

– Deitaram-me ácido porque achavam que eu era um *enfant sorcier*. Mas não sou! – apressou-se a acrescentar, ante a expressão da menina. – Enganaram-se. Alamán disse-me que não sou, não é verdade, Alamán?

– É verdade. Kabú passou no teste da manga – explicou a uma Amina estupefacta. – Não é um *enfant sorcier*.

Enquanto os adultos acabavam de jantar, as crianças saíram para o pátio. Kolia desceu das pernas de Matilde e seguiu-os, bamboleando o traseiro com fraldas. Após um olhar de Al-Saud, Mónica foi atrás dele. Pouco depois, Amina entrou a correr e interrompeu Matilde, que conversava com Angelie.

– Matilde! Matilde!

– O que se passa, querida?

– O Kabú disse-me que o Jérôme consegue trepar a uma palmeira mais alta que a do nosso jardim. Como é que fazia, Kabú? – O menino fez-lhe a vontade imitando o amigo. – É verdade?

– Eu nunca minto – garantiu Kabú, sem se zangar.

– Sim, é verdade – confirmou Matilde, e a recordação, de forma inexplicável, reconfortou-a porque se apercebeu de que o seu Jérôme era um menino da selva, conhecedor das suas armadilhas e dos seus mistérios, pelo que se manteria a salvo até que os homens de Eliah o encontrassem.

Enquanto conviviam na sala depois do jantar, Nigel Taylor abandonou o seu lugar no sofá e aproximou-se de Eliah com um copo de conhaque na mão.

– Preciso de falar contigo.

Al-Saud anuiu movendo as pálpebras. Beijou Matilde na têmpora e sussurrou-lhe:

– Já volto.

Entraram no escritório. Al-Saud indicou o sofá a Nigel, convidando-o a sentar-se.

– O que soubeste do Jérôme? – perguntou-lhe o inglês à queima-roupa.

– Nada de relevante – admitiu Al-Saud.

– Imagino que tenhas homens à procura dele.

– Sim, há uns meses. Ofereço dinheiro por qualquer informação que nos possam dar, mas só obtemos lixo. Receio que o tenham tirado do Congo.

Taylor abriu a pasta que trouxera consigo e extraiu um molho de fotografias.

– Um espia de Nkunda infiltrado entre os *interahamwes* tirou-as há quatro dias – disse, espalhando-as na mesa de café, em frente a Al-Saud, que se inclinou, interessado. – Este é um dos chefes

interahamwes mais procurados. O seu nome é Karme. Nkunda garante que Karme foi quem cometeu mais assassínios durante o genocídio de 1994, no Ruanda. Garante também que foi ele quem atacou a Missão São Carlos em agosto do ano passado. Não foi fácil dar com o seu acampamento. Há meses que estamos no seu encalço, mas Karme é inteligente e manteve-se em movimento. Repara nas fotografias. Karme aparece sempre com um menino colado a ele. – Taylor apontou-o e Eliah levantou a fotografia. Levantou-se e observou-a à luz de um candeeiro. Procurou numa gaveta até encontrar uma lupa e concentrou-se novamente na imagem com a ajuda da lente.

– Jérôme – balbuciou, e o coração latiu ferozmente. – *Mon Dieu* – praguejou, ao descobrir que a criança levava uma *AK-47* a tiracolo. – Jérôme. – Impressionou-o a severidade do seu semblante, mas também como estava enfraquecido e alto, quase tão alto como o tal Karme, embora só tendo sete ou oito anos. Combateu a ansiedade, o desespero e a angústia, inimigos mortais de um soldado de elite. – Onde foram tiradas?

Taylor desdobrou um pequeno mapa e assinalou-lhe a área, nas redondezas de Kisangani.

– Tenho as coordenadas exatas.

– Preciso delas. Agora. Amanhã mesmo vou para o Congo.

– Quero ajudar-te a resgatá-lo.

– Porquê?

Taylor agitou os ombros e franziu os lábios.

– Porque o devo à Matilde. Porque Jérôme é o melhor amigo do meu filho. Porque quero fazer uma boa e desinteressada ação na minha vida. Olha que merda! Não sejas orgulhoso, Eliah. Aceita a minha ajuda. Os meus homens conhecem o terreno melhor do que os teus. Além disso, conto com o Nkunda e com os seus rebeldes. Não será fácil resgatar o Jérôme, mas, se o planearmos bem, conseguiremos.

– Está bem. Mas não quero esperar até amanhã para começar a planificar o ataque: começamos já.

– De acordo. Deixa-me só levar a minha mulher e o meu filho ao hotel e volto em menos de uma hora. Trago o meu portátil, que é onde tenho todas as informações de que vamos precisar.

Puseram-se em pé. Al-Saud estendeu-lhe a mão e Taylor, depois de um momento de hesitação, apertou-a com firmeza.

– Obrigado, Nigel. Fico a dever-te uma, muito grande.

– Se conseguirmos resgatá-lo, sim, ficas em dívida.

– Por favor, não quero que a Matilde saiba de nada disto. Morreria se visse essas fotografias.

– Não lhe direi nada. Fica descansado.

– E a tua mulher? Ela sabe? – Taylor negou com a cabeça. – Quando voltares – indicou-lhe – entra pelo portão da rua lateral, da Maréchal Harispe.

– Está bem – concordou o inglês.

Dissimuladamente, Al-Saud murmurou umas palavras aos ouvidos dos seus sócios e a noite ficou por ali. Eliah e Matilde despediram-se dos convidados e foram para o andar de cima. Antes de entrar no

quarto, Al-Saud deteve-a e anunciou-lhe que iria à base, ao centro nevrálgico da Mercure, construído três pisos abaixo da casa da avenida Elisée Reclus, a partir de onde se articulavam as diferentes missões espalhadas pelo globo.

– Há algum problema?

– Nada de grave, meu amor. Mas tenho de tratar disso agora devido à diferença horária com o Camboja. Vai dormir. Volto daqui a nada.

Na base, esperavam-no Peter Ramsay, Tony Hill e Michael Thorton, que tinham usado a entrada pela rua Maréchal Harispe. Também lá se encontrava o seu futuro cunhado, Sándor Huseinovic, o qual, poucos dias antes, regressara da missão para *L'Agence*; pensavam contratá-lo como operacional da Mercure. Encostada a um canto, em atitude defensiva, estava também La Diana.

– Já volto – informou Al-Saud aos sócios; com um gesto, indicou à rapariga que o seguisse.

La Diana subiu atrás de Al-Saud e entrou no seu gabinete.

– Fecha a porta – ordenou-lhe.

Apesar dos sons que infestavam a base e das grossas paredes de betão, os rugidos de Al-Saud ouviram-se claramente.

– Abandonaste a minha mulher e deixaste o teu companheiro só!

– Eu sei, eu sei!

– Fizeste-o mesmo conhecendo o perigo que rondava a Matilde!

– Eu sei! E o Sergei morreu por minha culpa! – La Diana deixou-se cair numa cadeira e cobriu a cara.

– Não chores, raios te partam!

– Não estou a chorar! Nem sequer consigo chorar! Quem me dera ter coragem para dar um tiro na cabeça!

Al-Saud emitiu um sopro e relaxou o peso do corpo contra a secretária. A cabeça ficou-lhe pendurada entre os braços; o cansaço fustigou-o de repente.

– Diana, Diana – murmurou enquanto esfregava os olhos.

– Eu amava o Sergei, Eliah. O único homem que amei está morto por minha culpa. Foi-se e não pude fazê-lo feliz. Não pude! Por causa dos meus medos, dos meus traumas... Meu Deus. – A rapariga bateu com a testa na secretária várias vezes.

– Diana, para com isso. – Al-Saud deteve-a, segurando-lhe no ombro e obrigando-a a endireitar-se. – Anda cá.

La Diana aceitou o abraço de Eliah e agarrou-se a ele num acesso de desespero.

– Como é que foi morrer, logo ele, que era invencível? Um soldado da Spetsnaz GRU! Como é que o venceram?

– Diana, os soldados especiais não são deuses. Muitas vezes falhamos.

– E morrem!

– E morremos – concordou Al-Saud. – Pagamos caro os nossos erros. Mas ser soldado profissional é

do que gostamos, é o que sabemos fazer, o que precisamos para nos sentirmos vivos. Precisamos da ação, da adrenalina.

Separaram-se. La Diana, um pouco envergonhada pelo seu colapso, afastou-se e virou-lhe as costas.

– Não te preocupes, Eliah. Não te vou pedir para voltar à Mercure. Aceitei a oferta do general Raemmers. Vou trabalhar para *L’Agence*.

– Creio que será o melhor. Raemmers é um dos melhores nisto.

– Ele diz que tu és que és. – La Diana sacudiu os ombros e sorriu com os olhos inchados. – Não poderia voltar a trabalhar contigo: já não confias em mim. Adeus, Eliah. – Aproximou-se com passo rápido, como se, de repente, tivesse pressa em abandonar o local, e estendeu a mão a Al-Saud. – Para mim, és como um irmão de sangue. Estarei sempre presente quando precisares. Seja para o que for. – Al-Saud agarrou-lhe na mão e não a soltou. – Falhei-te uma vez e isso quase custou a vida à Matilde. Quando voltares a precisar, não te irei desiludir.

– Os meus sócios informaram-me de que tu e o Sanny foram designados para uma missão na Sérvia, para tentar descobrir Al-Muzara. Conta-me – pediu-lhe com bons modos, largando-lhe a mão.

– O seu nome é Ratko Banovic, um dos traficantes de armas e de droga mais importantes nos Balcãs.

– Que ligação tem com Al-Muzara?

– Vende-lhe armas e explosivos em troca de heroína, que o Al-Muzara obtém no Líbano.

– Alguma pista?

– Até ao momento nada, mas Raemmers quer que continue com o meu trabalho de infiltrada em Serajevo e em Belgrado. Banovic começou a confiar em mim. Acho que consigo meter-me no coração da sua rede.

– Voltaste à tua terra – comentou Al-Saud.

– Já não tenho pátria, Eliah.

Por volta das cinco e meia da manhã, Al-Saud entrou no seu quarto. Agradava-lhe o aroma com que Matilde voltava a impregnar a sua casa, como se a fosse marcando para declarar a sua soberania sobre aquele espaço. A fragância, que ia e vinha, possuía uma qualidade misteriosa que, quando lhe roçava as fossas nasais, o enchia de energia. Apesar de estar acordado há quase vinte e quatro horas, não tinha sono e o cansaço que o ameaçara durante o seu encontro com La Diana desvanecera-se. Ele e os sócios, Sándor e Taylor, tinham trabalhado durante horas para definir as ações que levariam a cabo no Congo Oriental. Não via a hora de começar: de voltar a abraçar Jérôme, de o entregar a Matilde, de a ver completamente feliz. Inquietava-o a necessidade de o arrancar das garras daquele maldito Karne, assassino de tutsis, um psicopata. O que lhe teria feito? A que aberrações o teria submetido? Tirou a camisa e bateu com ela no banco aos pés da cama.

Matilde remexeu-se, respirou profundamente e virou-se de barriga para cima. Al-Saud aproximou-se da cama e observou-a a dormir. A sua natureza egoísta pugnava por acordá-la para fazerem amor.

Aproximou-se da sua cara e cheirou-a. Amava o seu aroma tépido e limpo. Beijou-a no canto dos lábios. «Vou trazer-te o Jérôme. Juro-te, meu amor», prometeu-lhe num sussurro.

Capítulo 19

O entardecer regava de sombras as encostas das montanhas congolesas. Al-Saud esfregou as coxas entorpecidas. Tinham passado todo o dia agachados, no cimo de uma colina, de onde vigiavam o acampamento *interahamwe*. Pouco depois do meio-dia, sob um sol impiedoso, puderam confirmar que estavam no local correto quando viram Karime emergir de uma choça. Um momento depois, apareceu Jérôme, com a cara inchada de sono. Al-Saud ajustou os binóculos para o máximo alcance e seguiu-o na sua caminhada até outra choça aberta, onde comiam e realizavam outras atividades, como ver televisão ou jogar às cartas. As suas pernas compridas, cobertas por umas bermudas esfarrapadas, avançavam com lentidão, como se os pés lhe pesassem. A cabeça pendia entre os ombros caídos e ossudos. O seu ar acabrunhado atingiu Al-Saud e atçou os seus piores escrúpulos. «Já te vou buscar, Jérôme. Aguenta mais um pouco», pensou, e sentiu a deformada joia da Medalha Milagrosa, colada à pele por baixo do casaco.

Ao princípio, quando Taylor lhe contara que, segundo as informações que possuíam, o menino dormia na choça do chefe *interahamwe*, Eliah atormentara-se imaginando que este abusava sexualmente de Jérôme; no entanto, o espia garantiu que, na realidade, Karime desenvolvera um afeto paternal pelo menino tutsi, obrigando-o inclusive a tratá-lo por papá; de facto, Jérôme era o único menino tutsi isento de trabalhar nas minas e que formava parte do exército de Karime.

Atacariam às dez da noite e apenas por terra. Teriam liquidado aquelas ratazanas num abrir e fechar de olhos usando os helicópteros artilhados. Todavia, a operação exigia precisão. Retirar os meninos tutsi com vida fora a condição de Laurent Nkunda para lhes fornecer tropas e armamento.

Al-Saud combinara com três dos seus melhores homens, Dingo, Zlatan Tarkovich e Lambodar Laash, que o rodeassem e lhe protegessem a retaguarda enquanto ele avançava até à choça de Karime. Não queria saber se o acampamento se transformasse num campo de batalha; nada contava exceto tirar Jérôme dali incólume. Taylor, Tony Hill e Michael Thorton comandariam as três brigadas, compostas por dez rebeldes cada, que acabariam com os guerreiros hútus.

Cerca das nove e um quarto, colocaram-se de costas sobre o terreno e cobriram as partes visíveis da cara com pintura de camuflagem. Ajustaram as alças dos capacetes e colocaram os óculos de visão noturna. Verificaram as *M-16* e garantiram que contavam com vários carregadores nas cartucheiras; também verificaram as facas e as granadas de mão. Pouco depois das nove e meia, tiraram barras de proteínas e latas de *Red Bull* das mochilas, comendo e bebendo em silêncio. Às cinco para as dez, Taylor sussurrou perto do microfone incorporado no capacete para testar o sistema de comunicação. Um a um, os homens responderam-lhe com clareza.

Na maior choça do acampamento, construída sobre troncos de palmeiras e coberta com folhas de bananeira, sem paredes, reunira-se um barulhento grupo de rapazes. Alguns jogavam às cartas, bebiam

vinho de palma, fumavam e gritavam as suas apostas; outros viam televisão, ligada a um gerador de eletricidade, cujo motor contribuía para o barulho e se fundia com os acordes de um concerto de *rock*. Al-Saud avistou um trio que se injetava, e temeu encontrar Jérôme entre eles. Por sorte, não estava. Perdera-o de vista havia uma hora, quando o menino se afastara a coberto da escuridão. Descobriu Karne deitado num desengonçado sofá de cabedal: falava via rádio, rindo-se às gargalhadas.

Embora o acampamento apresentasse um quadro festivo e desenfreado, um piquete vigiava o perímetro; era formado por uns quinze jovens, talvez mais, que mantinham uma atitude séria e atenta, de costas para o acampamento; os seus olhos perfuravam a escuridão da selva que os rodeava.

Taylor ordenou a descida. Os homens deslocaram-se colina abaixo e serviram-se da escuridão para formar um perímetro à volta do acampamento. A música, o motor do gerador e os gritos dos *interahamwes* constituíam o melhor escudo para se protegerem enquanto tomavam as suas posições. Al-Saud continuava sem conseguir localizar Jérôme e decidiu que se dirigiria primeiro à choça de onde o vira a sair ao meio-dia. Sem articular palavra, utilizou gestos para confirmar a Tarkovich, a Dingo e a Laash que se deviam dirigir para a cabana do chefe Karne.

Ao comando de «agora» de Taylor, lançaram granadas atordoantes, mais conhecidas como *flashbangs*, cuja luz e som estonteante desorientaram os guardas e alvoroçaram os rebeldes, que se lançaram para fora da choça principal aos gritos e brandindo as catanas. Karne saltou do sofá e bradou ordens que ninguém parecia acatar.

Al-Saud correu na direção contrária à das brigadas, seguido pelos seus homens. Pelo caminho, foram intercetados por vários *interahamwes*, que elevavam as catanas e tombavam com as rajadas das *M-16*. Al-Saud atravessava a distância que os separava da choça sem olhar para os lados, confiante na perícia dos seus homens para afastar o perigo. À medida que se aproximava, perdia a esperança de encontrar Jérôme lá dentro. Não seria lógico que já tivesse saído ao ouvir o alvoroço?

Tirou a faca *Bowie* do cinto, e cortou a corda que atava a porta de canas. Deu uma rápida vista de olhos. A qualidade esverdeada com que as lentes de visão noturna tingiam o interior fez fosforescer uns olhos, no extremo oposto à entrada. Demorou apenas uns segundos para perceber que se tratava de um menino, encolhido e trémulo.

– Jérôme! – Al-Saud lançou-se na sua direção mas o menino deslizou tão depressa que o apanhou desprevenido. – Jérôme! – gritou, desesperado, ao ver que se escapulia para o exterior.

Correu atrás dele. Jérôme dirigia-se para a choça grande, o coração do confronto. A impotência oprimia-o, os seus gritos morriam no fragor da contenda, as suas pernas não se mexiam com suficiente velocidade, os seus braços não chegavam sequer a roçá-lo. Deteve-se, apontou a arma e atingiu um hútu que esteve a ponto de descarregar a sua catana sobre Jérôme. Esticou o braço e enterrou a faca noutro que se aproximara pela direita. Sentiu um calor na barriga da perna e soube que fora atingido por uma bala. Não se deteve a pensar nisso e continuou a corrida atrás de Jérôme.

– Jérôme! Sou o Eliah! Jérôme!

Não sabia se os seus homens lhe continuavam a cobrir a retaguarda, ou se se teriam perdido no

emaranhado de rebeldes de Nkunda e de *interahamwes* que travavam uma batalha feroz. De repente, Jérôme parou, virou-se e voltou a correr em direção à cabana, com o gesto e atitude de um louco, como se não se apercebesse que o mundo se desmoronava à sua volta. Eliah cortou-lhe o caminho e levantou-o no ar com o braço direito; no esquerdo segurava a *M-16*.

– Jérôme, ouve-me! – Apertou-lhe o braço em volta da cintura até lhe causar dor. – Sou o Eliah! Sou o Eliah! Vim buscar-te!

Jérôme interrompeu os murros e as sacudidas frenéticas e ficou quieto, com os olhos chorosos fixos no homem com capacete e óculos esquisitos. Observou-o com desconfiança, respirando agitadamente, com as palmas das mãos cravadas no peito daquele estranho para interpor distância. No momento em que o reconheceu, a sua careta comoveu Al-Saud: foi abandonando o ar zangado até que os seus traços adquiriram a suavidade dos de uma criança, a boca trémula e olhos excessivamente abertos. Agarrou-se ao pescoço de Eliah e apertou-o com tanta paixão que a visão de Al-Saud ficou turva.

– Papá, vieste!

– Sim, filho, aqui estou. Aqui estou, campeão. Vamos, temos de sair de aqui.

– Não! Tenho de voltar à cabana! – Jérôme remexeu-se com tanto brio e tão de repente que conseguiu soltar-se. Caiu de cócoras e saltou para recomeçar a correr.

Al-Saud murmurou um insulto e correu atrás dele. A ferida da bala na perna começava a doer-lhe e limitava-o. Meteu-se na choça e encontrou Jérôme, rebuscando por baixo das esteiras que cobriam o chão com a ajuda de uma lanterna. Viu-o introduzir a mão num buraco e tirar uma caixinha, que Al-Saud reconheceu de imediato: a que Matilde lhe oferecera e onde o menino conservava os seus tesouros: uma madeixa de cabelo louro e um porta-chaves *Montblanc*.

– *Mon Dieu*, Jérôme – disse, quando o menino aproximou a caixa para lhe mostrar o conteúdo. – Vamos – apressou-o, agarrando-o ao colo –, temos de sair daqui.

Uma figura ocupava o espaço da saída, um homem baixo e entroncado. Karame apontava-lhes uma pistola.

– Onde pensa que vai com o meu filho?

Al-Saud depositou Jérôme no chão e escondeu-o atrás de si.

– Jérôme é *meu* filho – corrigiu-o. – E eu vim buscá-lo.

– Largue a arma! – Al-Saud colocou-a aos seus pés. – E a pistola que tem no cinto. Vá lá, depressa! Atire-as com o pé na minha direção. Agora afaste-se. – Al-Saud não se mexeu. – Jérôme, vem cá! É uma ordem!

Embora Karame tivesse falado em kinyarwanda e Al-Saud não o tivesse percebido, instintivamente agarrou Jérôme e instou-o a que não se mexesse.

– Se não o deixar sair, disparo contra si e arrisco feri-lo.

Onde estavam Dingo, Laash e Tarkovich? Perdera-os nas suas idas e vindas para deter Jérôme. Não pretendia iniciar nenhuma manobra que pusesse em perigo a vida do menino. Tratava-se de um recinto nu, sem mobília atrás da qual se pudesse esconder. Tinha a barriga da perna direita entorpecida e a

rajada de dor já atingia a virilha, pelo que os seus reflexos tinham diminuído.

– Sou um homem muito rico – disse, tentando distrair o chefe *interahamwe*. – Posso dar-lhe uma boa maquia se me deixar levar o Jérôme.

– Jérôme é meu filho! Não lho darei por nada deste mundo.

– O Jérôme não é seu filho – corrigiu-o Al-Saud em tom monótono. – Nem sequer é da sua tribo. Ele é um tutsi, inimigo dos hútus.

– Cale-se! O Jérôme é meu! – Karme, cego de ira, avançou com a intenção de agarrar na criança, mas soltou a pistola com um grito. Al-Saud atingira-o no pulso com um golpe da mão direita.

Elijah teve tempo de afastar a arma com um pontapé da sua perna sã. O chefe hútu desembainhou a catana. Al-Saud empurrou Jérôme, que bateu contra a parede da choça, construída de barro e canas, e se encolheu para se manter longe da luta. Elijah extraiu a faca *Bowie* da parte traseira do cinto e brandiu-a no ar. Estava em desvantagem: a catana media cerca de um metro, enquanto a faca tinha uma lâmina de trinta centímetros. Karme adquiria segurança à medida que Al-Saud retrocedia, esquivando-se. Mostrava os dentes ao sorrir com presunção, agitava-se e cansava-se desnecessariamente num desdobrar de movimentos ineficazes. Faíscas saltavam nas ocasiões em que a *Bowie* chocava com a catana.

Al-Saud foi-se movimentando lateralmente pela superfície circular da choça, até conseguir colocar-se perto da *Colt M1911*, que jazia no chão. Karme levantou os braços, disposto a descarregar a catana sobre o seu rival, mas o entrelaçado de folhas de bananeira do teto prendeu-lhe a ponta. Cansado e com o pulso inchado devido ao golpe que Al-Saud lhe dera, não foi suficientemente rápido na sua tentativa de a soltar. Elijah atirou-se sobre ele e cravou-lhe a *Bowie* na barriga, tendo o cuidado de a afundar até ao punho. Karme fitou-o com o olhar esgazeado e soltou um grito mudo antes de se estatelar. Al-Saud alcançou a pistola e, com dois tiros na testa, acabou com ele.

Limpou a faca no casaco de Karme e devolveu-a ao cinto. Pendurou a *M-16* a tiracolo e empunhou a *Colt M1911*. Sem palavras, levantou Jérôme do chão, carregou-o às costas e saiu. Percebeu de imediato que o ataque terminara. A paisagem, depois de uma batalha, era sempre a mesma: cadáveres, cheiro a pólvora e ao ferro do sangue, fumo, queixumes e lamentos.

– Aqui Cavalo de Fogo. Qual é a situação?

– Situação controlada – respondeu Taylor. – Temos que apressar a retirada. Karme pediu reforços. Podem chegar a qualquer momento.

A retirada não foi fácil. Deslocavam-se de noite, com um numeroso grupo de meninos tutsi, através da espessura da selva, guiados pelas luzes das lanternas e pela experiência dos homens de Nkunda. Apesar de esgotado pela dor na perna e a perda de sangue, Al-Saud não aceitou a oferta dos seus homens para transportarem Jérôme. Não o soltaria até o entregar nas mãos de Matilde. Levava-o às cavalitas. O menino rodeava-lhe o pescoço e a cintura e não se mexia.

Era uma distância de seis quilómetros a que os separava dos helicópteros que os poriam a salvo. Já perto do destino, afastaram-se do trilho para se esconder no mato quando várias carrinhas carregadas com milicianos – supuseram tratar-se do reforço solicitado por Karme – se aproximavam a grande

velocidade. Todavia, passaram sem os ver, deixando um rasto de gritos.

Avistaram os helicópteros perto das quatro da manhã. Os meninos pediam água, choramingavam, gaguejavam e caíam. Foi preciso levar vários ao colo, especialmente os mais pequenos. Dividiram-nos entre o *Mil Mi-25* e o *Sikorsky Black Hawk* da Mercure e o *Kamov Ka-32*, a nova aquisição da Spider International.

Durante a viagem, Jérôme manteve-se abraçado a Eliah, com a cara colada ao seu peito. Não falava e praticamente não se mexia. Al-Saud teve de o obrigar a beber água e a comer uma barra de cereais. Nem sequer permitiu que o separassem de Jérôme quando Martin Guerin, o paramédico da Mercure, lhe quis prestar os primeiros socorros na ferida da perna.

– Como está a ferida, Doc? – perguntou Al-Saud, franzindo as sobrancelhas numa careta de dor.

– Vai ter que se extrair a bala, chefe. Perdeu muito sangue.

No acampamento de Laurent Nkunda, onde foram recebidos como heróis por terem resgatado cerca de trinta meninos tutsi, Osbele, o enfermeiro do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, e Guerin extraíram a bala usando anestesia local. Terminada a intervenção, injetaram-lhe a antitetânica, gamaglobulina e um forte antibiótico. Vendaram e enfaixaram a barriga da perna e Eliah saiu da tenda da enfermaria a coxear.

– Apoia-te em mim, papá – ofereceu-se Jérôme, segurando-lhe a mão para a colocar no seu ombro.

– Obrigado, filho. Como estás? Como te sentes?

– Bem. Tenho muita vontade de ver a mamã.

Al-Saud soltou uma comovida gargalhada.

– Só Deus sabe a vontade que a mamã tem de te abraçar. Só pensou em ti durante estes meses, Jérôme. Só em ti, campeão.

Jérôme dirigiu a Al-Saud um olhar cuja tristeza lhe tirou o fôlego.

– Ei, Eliah! – Taylor aproximou-se em passo rápido. – Como estás?

– Bem. Não foi nada. Já me tiraram a bala.

– Ainda bem. Ei, Jérôme, rapaz! – Taylor acariciou-lhe a cabeça. – Que alegria ver-te! Estão todos ansiosos à tua espera. Principalmente o teu amigo Kabú.

– Kabú?

– Agora o Kabú é meu filho, Jérôme, tal como tu o serás de Matilde e de Eliah. Mora com a *sœur* Angelie e comigo em Londres. Vais visitar-nos, não é?

Jérôme ficou a olhar para ele, baralhado.

– Olha, Nigel – interrompeu Al-Saud –, não esqueças do nosso acordo. Estes meninos tutsis devem passar para as mãos da ONU. Não quero que fiquem aqui. O Nkunda acabaria por transformá-los em soldados.

– Não te preocupes. O general não os quer: são demasiado pequenos para carregar uma *AK-47* e matar pessoas.

Jérôme urinava-se durante a noite, comunicou a Al-Saud a governanta do palácio dos Kabila, em Kinshasa. Al-Saud colocou na mão da mulher trezentos dólares e pediu-lhe que comprasse um plástico para cobrir o colchão e que mudasse os lençóis diariamente.

Fazia já quatro dias que aproveitavam a hospitalidade dos seus amigos Laurent-Desiré Kabila, presidente da República Democrática do Congo, e do seu filho Joseph. Tratavam-nos como reis, mas tanto Eliah como Jérôme estavam ansiosos por partir. Todavia, os trâmites para a adoção, nos quais intervinham não só o Ministério da Ação Social congolês e a Associação de Adoção Internacional, mas também o consulado francês em Kinshasa, emaranhavam-se e complicavam-se, pelo que Al-Saud passava os dias de gabinete em gabinete, entregando documentos, textos, declarações sob compromisso de honra, fotocópias e muito dinheiro. Obviamente, a sua amizade com o filho do presidente transformara-se numa chave que lhe abria várias portas e acelerava os processos, tal como as ligações da sua prima Amélie na Associação de Adoção Internacional; caso contrário, aquilo tudo teria levado semanas ou meses.

Eliah não tinha esse tempo todo. Dentro de quinze dias tinha um encontro inadiável marcado com a Matilde e um juiz na Câmara Municipal do septième arrondissement. A ideia de Jérôme partilhar esse momento com eles ajudava-o a recuperar o bom humor, que tanto os funcionários congolese como os franceses teimavam em azedar-lhe.

Estava preocupado com Jérôme e com o seu ar de desolação e angústia. Falava pouco e comia sem apetite. Os seus olhos apenas se iluminavam quando lhe falava de Matilde ou dos seus novos irmãos, mas nunca sorria. Sentia saudades da alegria do seu rapaz e entrava em desespero porque não acertava nem nas palavras nem nos gestos para aceder à sua alma atormentada. Matilde teria sabido como arrancar-lhe um sorriso; ele, em contrapartida, sentia-se desajeitado e inútil.

Falava diariamente com ela e mentia-lhe, dizia-lhe que estava na base da Mercure na Papua-Nova Guiné. Matilde perguntava-lhe quando regressaria e ele limitava-se a dizer-lhe «em breve, amor meu, muito em breve».

Na manhã de sexta-feira, 30 de abril, o cônsul francês em Kinshasa entregou-lhe o passaporte de Jérôme, bem como os documentos que credenciavam Eliah al-Saud como seu tutor legal, e informou-o de que poderiam regressar à pátria. Em trinta e dois anos de idade, poucas vezes Al-Saud experimentara uma felicidade tão grande. Abraçou Jérôme e disse-lhe:

– Vamos para casa. Vamos ter com a mamã.

No sábado, 1 de maio, às sete da manhã, Matilde acomodou Kolia na cadeirinha presa ao banco de trás do automóvel, enquanto Mónica sentava Amina, meio a dormir, e lhe punha o cinto de segurança. Marie também os acompanharia ao aeroporto de Le Bourget, sem contar com os três guarda-costas.

Matilde estava tão ansiosa desde o telefonema de Eliah do dia anterior que nem parava para pensar na estranha natureza do seu pedido – que fosse buscá-lo ao aeroporto – quando quase dera com ela em doida por exigir que saísse pouco, pelo menos até entregarem o *Mercedes Benz* blindado com o mesmo

rigor do veículo do presidente dos Estados Unidos, como Alamán dizia na brincadeira. Matilde não pensava, apenas ansiava: desejava abraçar Eliah, ansiava pelo seu cheiro, o seu corpo, o seu sorriso, que eram somente dela, o seu olhar brilhante; sentia saudades desses pormenores que se tinham tornado indispensáveis. A sua ausência de quase quinze dias destabilizara-a ao ponto de dar por si a chorar, à noite, sobre a almofada. Tinha de conseguir superar o pânico de o perder. Eliah al-Saud era um Cavalo de Fogo e, por muito que a amasse, continuaria fiel ao seu instinto de liberdade. Não o conseguiria prender em Paris atrás da secretária dos escritórios no George V: devia aceitá-lo e aprender a viver com essa realidade.

Kolia acabou por conseguir acordar Amina, que passou o tempo a falar do iminente casamento no qual ela teria um papel de protagonista, uma vez que seria a menina das alianças. Também se referiu ao vestido que exibiria nesse dia, um presente da tia Yasmin, em cetim branco para não destoar da almofadinha, carrapito com tafetá cor-de-rosa e sapatinhos pretos de verniz. Kolia observava-a fixamente, como se não admitisse perder uma só palavra do discurso da irmã, enquanto levava, de vez em quando, o biberão à boca – por vezes para morder a tetina, outras vezes para a sugar –; simultaneamente, enrolava e desenrolava um caracol do cabelo de Matilde com o indicador, atividade mecânica que associava ao biberão. Preocupada com este comportamento, iniciado pouco depois de terem chegado a Paris, Matilde consultara a Dra. Chacón, a psicóloga que o Dr. Brieger recomendara para Amina, que garantiu que Kolia apenas estabelecera um vínculo filial com ela, vínculo esse que se manifestava pelo toque aquando da alimentação. Se o processo de amadurecimento do menino se desenvolvesse normalmente, pouco a pouco, iria esquecendo o hábito de lhe enrolar o cabelo enquanto bebia o leite. Matilde não via a hora de o contar a Eliah.

Tal como lhe acontecia frequentemente nos últimos tempos, tanta felicidade acabava por tornar-se intolerável e sentia um calor no peito que se transformava num aperto. Ao princípio, ficara agoniada pelos contrastes com o que vivera no Iraque; nesses dias, era um tormento não poder partilhar toda aquela felicidade com o seu adorado Jérôme. O Dr. Brieger definira a questão como «ataque de pânico» criado pelo «complexo de culpa». Ela preferia considerá-lo «amor infinito de mãe», que a impedia de cortar o cordão invisível que a unia a quem ela considerava seu filho. Apoiou a testa na janela do carro e fechou os olhos. «Jérôme, filho da minha alma, onde estás? Por que não conseguimos encontrar-te? Não quero viver sem ti. Não quero que me esqueças.»

– Senhora, chegámos – informou-a o guarda-costas que ia ao volante. Matilde endireitou-se e pigarreou.

– Estás a chorar, Matilde?

Kolia virou-se imediatamente, como se tivesse percebido a pergunta, e fixou nela os olhos azuis-celestes, com uma persistência que lhe fizeram recordar os do pai.

– Não, não. É que tenho sono e, ao bocejar, caem-me as lágrimas. Vamos lá! O avião do papá está a chegar. – Consultou a hora. – Ui, faltam só dez minutos!

A carrinha imobilizou-se à beira da pista. Matilde segurou Kolia ao colo, agarrou na mão de Amina

e caminhou até à linha vermelha.

– Olhem! – apontou para o céu. – Aquele é o avião do papá! Olha, Kolia! O papá vai fazê-lo aterrar.

Amina soltava exclamações, saltava e exigia subir ao avião do tio Eliah. Kolia, com a testa franzida, observava em silêncio o *Gulfstream V*, que fazia manobras para aterrar. Finalmente, Natalie abriu a porta, acenou com a mão para cumprimentar Matilde e desdobrou a escada. Surgiu Eliah que lhe lançou um meio sorriso enquanto pensava para com os seus botões que, apesar das duas empregadas e dos três guarda-costas à sua disposição, era ela que tratava das crianças; tinha Kolia encaixado no osso da bacia e segurava a mão de Amina. Matilde devolveu-lhe um sorriso inteiro, feliz por vê-lo saudável e perto dela. Al-Saud voltou a vista para o interior da cabina e esticou o braço, como se estivesse a chamar alguém. Um menino apareceu à porta: um menino negro, com traços africanos, um menino alto e magro que parecia inseguro e aterrado.

Al-Saud colocou as mãos sobre os ombros de Jérôme e esperou, sustendo a respiração, o momento do reconhecimento. Ficou impressionado ao perceber que, apesar da distância, conseguia ver que os olhos de Matilde se inundavam; brilharam ao sol da manhã. Viu-a soltar Amina e levar a mão à boca, onde formou um punho que mordeu.

A Matilde doeu-lhe o coração; batia-lhe no peito como se pedisse para sair e o seu eco martelava-lhe a garganta, que se endureceu até lhe causar dor; não teria conseguido falar nem soltar o grito que explodia no seu interior e a ensurdecia. Queria mexer-se, correr até ele, mas não conseguia descolar os pés do chão.

– Vamos, campeão. Vai ter com ela. Está muito comovida.

Matilde apercebeu-se que Jérôme se punha em movimento, que descia os degraus com medo. «Não tenhas medo, meu amor! Já estás connosco.» Colocou Kolia nos braços de Mónica e a mão de Amina na de Marie e correu até ele. Ao vê-la avançar, Jérôme soltou um choramigo e apressou o passo. Cega pelas lágrimas, ensurdecida pelas pulsações e ofuscada pela emoção, Matilde caiu de joelhos diante dele e abraçou-o, colou-o ao seu peito e assim permaneceu. Angustiava-a a impressão de os seus braços não o conterem, de não o aproximarem suficientemente do seu coração, de não o cobrirem para o proteger do mal. O pranto afogava-a, as sensações constrangiam-na, faltava-lhe o fôlego. Outros braços rodearam-nos, a ela e a Jérôme, e transmitiram-lhe paz, falaram-lhe de proteção. Custou-lhe recuperar o domínio da palavra. A primeira coisa que disse, sem se afastar, sem abrir os olhos, ainda cega e surda foi: «Jérôme. Meu filhinho»; falou em castelhano, confusa e alterada, com a garganta tensa e seca. Os brados da sua alma foram-se extinguindo e ouviu o pranto sufocado do menino. Segurou-lhe a enfraquecida cara entre as mãos e beijou-a em todo o lado.

– Jérô, meu amor, meu filho, filho da minha alma – repetia, já em francês, beijando-lhe a testa ampla, as pálpebras húmidas, o nariz congestionado, as bochechas molhadas. – Amo-te, Jérô. Eliah e eu amamos-te com todo o nosso coração. Meu menino adorado – disse enquanto o afastava um pouco para o observar. Por causa das mãos de Matilde, Jérôme mantinha a cara levantada, mas teimava em fechar os olhos. – Jérô, meu querido, abre os olhos. Olha para mim. – Jérôme negou com a cabeça e Matilde

procurou Eliah, cujo gesto severo a alertou de que algo estava mal. – Olá, meu querido – cumprimentou-o com voz risonha e nasal voltando a enchê-lo de beijos. – Hoje é o dia mais feliz da minha vida, Jérô. Nem imaginas o quanto esperei voltar a abraçar-te. Vamos, olha para mim. Deixa-me ver os teus olhos tão lindos.

O menino ergueu as pálpebras lentamente e, quando fixou o olhar em Matilde, a sua tristeza e desespero provocaram-lhe uma impressão tão grande que procurou a mão de Eliah para a apertar, procurando a sua força.

– Diz-me: «Olá, mamã». Chama-me mamã outra vez.

– Não – sussurrou, e a sua vozinha, contida e torturada, fez com que surgissem mais lágrimas nos olhos de Matilde.

– Porquê?

– Porque já não me vais adorar.

– Eu adoro-te, Jérô! Vou adorar-te sempre, meu amor! Toda a vida! – Jérôme agitou a cabeça para a contradizer. – Tu és o meu filhinho adorado, a minha vida.

– Já não me vais adorar porque fiz coisas más. – Levantou os olhos e lançou-lhe um olhar desafiador. – Muito más.

As forças abandonaram-na e apertou novamente a mão de Al-Saud. «A que te terão submetido, amor da minha vida?»

– Nada de mau que tenhas feito – interveio Eliah –, nada de nada fará com que te deixemos de adorar.

– Nada, meu querido – garantiu Matilde. – Nada.

Jérôme começou a chorar daquele modo que lhe partia o coração no passado: em silêncio, mordida o punho; os olhinhos, fixos nela, refletiam o pânico e havia uma súplica estampada no seu gesto.

Al-Saud pegou-lhe ao colo e levou-o até ao carro. Marie e Mónica, depois de ajudarem Matilde a colocar Kolia e Amina na parte posterior do veículo, foram para o outro automóvel, com dois dos guarda-costas.

– Vai conduzir, chefe? – perguntou-lhe Sartori, o segurança que fazia de motorista.

– Não, Dario. Conduz tu.

Foram os cinco para o banco de trás: Kolia na sua cadeirinha, Amina ao colo de Matilde e Jérôme ao de Eliah. Matilde tirou um lenço da sua *shika*, secou as bochechas e limpou o nariz de Jérôme. Amina observava-o em silêncio, sem pestanejar.

– Quem é ele? – perguntou finalmente.

– Ele é Jérôme – respondeu Al-Saud.

– Jérôme?

– Sim, Jérôme. O Jérôme de quem a Matilde te falou tanto.

Era muito divertido o modo como Amina guardava silêncio e estudava o recém-chegado: não só lhe analisava o rosto, como também fazia deslizar o olhar pelos seus braços, as suas mãos, as suas pernas,

chegando a inclinar-se para a frente para ver o que trazia calçado. Jérôme, apoiado sobre o peito de Eliah, replicava a observação.

– Olá, Jérôme – cumprimentou-o Amina, ao terminar a revisão.

– Olá.

– Jérô, esta é a Amina – intercedeu Matilde. – Agora é nossa filha e, portanto, tua irmã. Estava ansiosa por te conhecer. Eu falei-lhe muito em ti.

– Jérô – disse a menina, imitando o diminutivo usado por Matilde –, vais ensinar-me a trepar à palmeira? Em casa há uma e o Kabú disse-me que tu sabias trepá-la.

– Está bem.

– O meu papá e a minha mamã estão no céu, como os teus. Agora o Eliah e a Matilde são os nossos papás.

– Sim.

– Kolia é o nosso irmão – continuou a criança, acariciando devagar os caracóis negros do bebé. – Ele é muito bom. Nunca chora e também não me rouba os brinquedos. A Matilde comprou-me um tule cor-de-rosa com flores para pôr por cima da minha cama, para que seja como uma cama de princesa. O teu quarto é ao lado do meu. A Matilde colou aviões nas paredes porque me disse que tu gostas muito de aviões, como o Eliah.

– Uma vez, o papá ofereceu-me um avião para montar.

– O teu papá também gostava de aviões?

– Não foi o meu papá que está no céu. Foi o Eliah. O Eliah que é o meu papá agora.

– Sim. E onde está esse avião? – Jérôme não respondeu. – O que é que tens na mão? – Jérôme estendeu-a e Amina cobiçou a caixinha de madeira. – O que tem lá dentro?

– Os meus tesouros.

– Posso vê-los?

Jérôme concordou, solene, e levantou a tampa. Al-Saud ajudou-o a tirar a madeixa de cabelo e o porta-chaves. Matilde, que contivera a respiração ao reconhecer a caixinha, ante a visão do conteúdo mordeu o lábio, colou a testa ao ombro de Eliah e chorou em silêncio sem que as crianças se apercebessem.

Uma sensação de irreabilidade apoderou-se dela ao longo daquele primeiro dia com Jérôme. A surpresa ainda a atordoava, não conseguia superar o pasmo em que tinha mergulhado em Le Bourget. Ficava em transe ao vê-lo passear pela casa da avenida Elisée Reclus. Tanto desejara que o sonho se transformasse em realidade, tantas dúvidas e medos albergara no seu coração, que lhe custava acreditar que fosse verdade. Reprimia a vontade de o assolar com beijos e abraços: notava-o intimidado e desconfiado, evitando-lhes o olhar.

Amina transformou-se na ponte de comunicação. Depois do pequeno-almoço, que partilharam na sala de jantar e no qual Jérôme quase não tocou, Amina pegou-lhe na mão e levou-o a conhecer a casa.

Kolia caminhava atrás deles e, de vez em quando, soltava um parágrafo inteiro de sons ininteligíveis que Jérôme ouvia com respeito, sem se rir. Matilde e Eliah escoltavam-nos.

– Este é o teu quarto, Jérô.

Entraram. Jérôme avançou lentamente e fixou o olhar na cama.

– Urina-se durante a noite – sussurrou Al-Saud ao ouvido de Matilde, que se limitou a anuir.

– Gostas, Jérô? – perguntou-lhe Amina.

– Sim.

Convidaram Alamán e Joséphine para almoçar, porque Matilde pensou que faria bem a Jérô encontrar caras conhecidas, decisão que demonstrou ser acertada porque Alamán foi o primeiro a conseguir arrancar-lhe um sorriso quando, enquanto escutavam Genesis na sala de música, imitou o baterista. A sua mímica era perfeita e o seu gesto contraído era o reflexo da paixão com que fingia tocar.

Jantaram cedo. Matilde notou que Jérôme estava cansado e um pouco pálido. Pegou-lhe na mão e avisou que chegara a hora de tomar banho. Subiram juntos, em silêncio. Deixou-o no quarto com a ordem de se despir e seguiu para a casa de banho interna. Regressou e encontrou-o em pé, no meio do quarto, nu, à exceção das cuecas, e com as mãos em concha sobre os genitais.

– Já está tudo pronto, meu querido. Queres que me vá embora ou preferes que te ajude, como fazíamos aos sábados na missão?

– Quero que fiques comigo.

Matilde suprimiu a distância que os separava e abraçou-o.

– Eu vou estar sempre contigo, Jérô. Nada nem ninguém voltará a separar-nos. – Obrigou-o a olhar para ela. – Não quero que te preocupes agora por algo que tenhas feito durante os meses em que estiveste longe de nós. Falaremos mais tarde. Eu também tenho coisas para te contar.

Guiou-o até à casa de banho, tirou-lhe as cuecas e ajudou-o a meter-se na banheira.

– Está muito quente? – Jérôme murmurou que não. – Senta-te. Vais ver como é bom tomar um banho de imersão. Cheira este sabonete. Não cheira bem? – O menino concordou. – Esta casa de banho é só para ti, meu amor. É tua. Está dentro do teu quarto.

Começou por lhe lavar os braços, com passagens lentas para o descontrair, num silêncio aprofundado pelas suas respirações regulares, pelo gotejar ocasional da torneira e pelo som do sabonete sobre a pele de Jérôme.

– Nunca te esqueci, Jérô. Não houve um só minuto durante estes meses em que não pensasse em ti. O papá e eu estávamos muito tristes porque te tinham levado para longe. Ele prometeu-me que te encontraria e que te traria de volta para mim. – Deteve-se, agitou o nariz e endureceu os lábios para refrear a emoção. – E tu? Pensavas em mim? Lembravas-te de mim?

– O tempo todo.

Matilde sorriu, sem olhar para ele, fingindo concentrar-se na higiene das orelhas.

– Pensaste que te tínhamos esquecido?

– Sim.

– Agora já sabes que não nos esquecemos, nem por um minuto. Estávamos sempre a pensar em ti, a falar de ti. Fazia-me muito bem contar à Amina as tuas histórias: por isso é que ela gosta tanto de ti. Estava sempre a perguntar: «E o Jérôme, quando vem?». O seu papá escrevia livros, e um dia sugeriu-me que escrevesse as tuas histórias; por isso, fiz um livro de contos no qual tu és o herói. Sabes como se chama o livro? *As Aventuras de Jérôme*.

– A sério?

– Ainda não acabaram de o imprimir. Vai estar pronto em junho. Falta só um mês. Só trinta dias. – Após uma pausa, Matilde disse: – Vês que nunca te esqueci? Como poderia, se te adoro com todo o meu coração? Lembras-te do que disse N’Yanda aquele dia na missão, que tu e eu tínhamos sido mãe e filho noutra vida? – Jérôme assentiu com a cabeça baixa. – Eu tenho a certeza de que é verdade, que tu foste o meu filhinho noutra vida. E uma mãe adora o seu filho, sem lhe importar o que ele tenha feito. Vamos lá a ver, põe-te de pé para te enxaguar. – Lavou-o com o chuveiro de mão. – Agora lava tu os genitais.

Entregou-lhe o sabonete e Jérôme lavou-se. Matilde estudava-lhe o corpo, procurando sinais de abuso ou violência. Hesitava entre perguntar-lhe se alguém lhe tocara as partes íntimas ou ficar calada. Tirando o facto de estar mais magro, parecia saudável. De qualquer modo, iria levá-lo ao médico para que lhe fizessem exames de rotina e outros mais complexos; queria conhecer o seu nível de radiação; sabia que os *sieverts* em alguns mineiros de coltan eram muito elevados, superiores aos 18 mSv.

Embrulhou-o numa toalha e voltaram para o quarto. Encontraram Eliah, com Kolia ao colo, a quem mostrava os aviões do papel de parede.

– Olá, campeão.

– Olá, papá – murmurou Jérôme.

A Matilde doía-lhe que não a tratasse por mamã; tinha a impressão de que Jérôme a culpava pela separação.

– Gostas mesmo do teu quarto? – quis saber Al-Saud.

– Sim, está bem.

– Podemos mudar o papel de parede – sugeriu Matilde.

– Não, está bem assim.

– Matilde, a Mónica garante que, se o Kolia não te tocar no cabelo não toma o biberão. Do que é que ela está a falar?

Matilde acabou de abotoar o pijama de Jérôme, que Al-Saud lhe comprara em Kinshasa, e agarrou em Kolia, que trazia o biberão no ângulo do cotovelo.

– Anda à mamã. Não contaste ao papá? Este cavalheiro ganhou um hábito muito peculiar. Se não enrolar um dos caracóis do meu cabelo no indicador – mordiscou-lhe o dedo e Kolia riu-se –, não bebe o leite. Anda, Jérô. Vamos deitar-nos os três na tua cama. Importas-te que o Kolia tome aqui o biberão?

– Não.

Matilde acomodou Kolia sobre a almofada. Jérôme deitou-se ao lado do bebé, rígido e tenso, e Matilde, depois de sacudir os pés e se libertar das sandálias, deitou-se à beira da cama. Apoiou o

cotovelo sobre a almofada e descansou a cabeça sobre a mão. Inclinou-se e beijou Jérôme na testa.

– Anda tu também, Eliah. Vamos deitar-nos os quatro. A cama é grande. – Al-Saud sentou-se para tirar as botas texanas. – Lembras-te daquela tarde na missão, Eliah, quando tu e eu estávamos deitados na cama de Amélie e o Jérôme se veio deitar no meio de nós? Eras como um ratinho, meu amor. – Kolia queixou-se e esticou o braço. – Aqui tens, refilão. – Matilde entregou-lhe um dos caracóis e a criança executou as duas ações de forma simultânea e coordenada: chupou na tetina e enrolou o caracol no indicador; a sua destreza arrancou risos sufocados a Al-Saud e a Jérôme.

Ficaram em silêncio admirando Kolia que, de vez em quando, afastava o biberão e deixava de enrolar o caracol para dirigir uns cometários inexplicáveis a Jérôme, que o escutava com um sorriso entre o envergonhado e o benevolente.

– Acho que gosta de ti – comentou Al-Saud.

Kolia adormeceu com a tetina na boca. Al-Saud levantou-se e levou-o para o berço. Matilde abraçou Jérôme e notou que o menino se empertigava imediatamente.

– Estás cansado? – Jérôme negou com a cabeça. – Meu querido, quero que falemos sobre tudo o que se passou nestes meses. A mim aconteceram-me muitas coisas: algumas muito más, outras muito boas.

Nos poucos momentos de intimidade que tinham tido para trocar impressões, Eliah manifestara-lhe a sua suspeita de que Karme teria obrigado Jérôme a participar nas suas andanças e a matar pessoas. Matilde, perante aquela declaração, sentiu-se perdida e interrogou-se como abordaria um assunto daquela natureza com uma criança de oito anos.

– Foi por minha culpa que te raptaram aquela tarde na missão – afirmou Matilde. – A culpa é minha – insistiu. – Não deveria ter descido para a cave sem verificar que tu fazias parte do grupo. Pensei que estavas com a *sœur* Tabatha. Quando subi para te ir buscar já não te encontrei. – Decidira não lhe contar sobre a esquirola que quase lhe custara a vida.

– A culpa foi minha – contradisse-a Jérôme. – Desobedeci a *sœur* Amélie e foi por isso que Kar... foi por isso que me apanharam.

– Quase morro de tristeza, meu amor. Não podia acreditar que me tivessem levado o meu rapazinho adorado.

Al-Saud regressou e deitou-se, de modo que Jérôme ficou entre ele e Matilde.

– Campeão, queres contar à mamã tudo o que vivemos juntos, desde que te encontrei no acampamento *interahamwe* até que nos disseram que podíamos voltar para Paris?

Jérôme guardou silêncio, não agitou a cabeça em nenhuma direção, não olhou para eles, manteve o queixo afundado no peito e a boca numa careta amarga. Matilde descobriu-lhe lágrimas suspensas no canto das pálpebras. Deu um estalido com a língua, abraçou-o e embalou-o. Al-Saud abraçou-os por sua vez e os três formaram um vulto apertado sobre a cama.

– Conta-me tudo, meu amor! – suplicou-lhe Matilde ao ouvido. – Não guardes nada. Não tenhas medo. Confia em nós. Mesmo que nos contes coisas horríveis, o papá e eu vamos continuar a amar-te e a tratar de ti.

– Karme – balbuciou Jérôme, e a voz falhou-lhe. – Ele... Odeio-o!

– Está morto, Jérô. Matei-o porque se atreveu a afastar-te de nós e por te ter feito mal.

– Ele fez mal à minha mamã Alizée. Por culpa dele, ela morreu. Por culpa dele, a minha irmã e o meu papá também morreram.

A declaração tomou-os de surpresa. Matilde olhou para Eliah, que lhe devolveu uma careta de desconhecimento. Pouco a pouco, Jérôme foi desabafando, revelando-lhes os segredos que nunca contara a Matilde em Rutshuru; segredos que a alma de um adulto teria encontrado dificuldade em suportar tinham sido guardados durante tanto tempo por aquela criança de oito anos. Matilde limpava frequentemente os olhos e tentava conter os soluços que a afogavam.

– Ataram a minha mamã e outras senhoras a umas palmeiras. Tinham-nas ali todo o dia. Não lhes davam de beber nem de comer. Eu, quando podia, levava-lhes água e comida. Depois, à noite, os *interahamwes* batiam-lhes e esfregavam-se nelas. Magoavam-nas. Elas gritavam muito e choravam.

Matilde entrelaçou os dedos nos de Al-Saud sobre a cabeça de Jérôme e apertou com força até subjugar o rugido de raiva e impotência que lhe queimava o peito. O seu pequeno Jérôme assistira à violação da própria mãe.

– És tão valente! – animou-o Matilde quando Jérôme lhes contou como fugira do primeiro cativeiro para levar a mãe ao hospital.

– Ela morreu à mesma! – chorou Jérôme. – Eu via que lhe estavam a fazer mal e não fazia nada. Tinha medo!

– A tua mamã não teria querido que a ajudasses, campeão. Os *interahamwes* ter-te-iam feito mal, e isso teria sido muito doloroso para ela.

– Não pude salvá-la, nem a ela nem a Aloïs. Só a mim. Era melhor que não tivesse feito nada.

– Se assim não fosse, Jérô, quem me teria salvado a mim? – perguntou-lhe Matilde. Jérôme abriu os grandes olhos negros e injetados, numa aberta confusão. – Eu não posso ter bebés, Jérô. Quando era menina tive uma doença muito grave, e por isso não posso ter bebés na minha barriga. Estava sempre triste porque *queria* ser mamã. Tinha-me resignado a não o ser até que te conheci. Senti alguma coisa especial quando te vi no hospital de Rutshuru. Lembras-te? Pensei: «Gostaria que o Jérô fosse meu filho», e amei-te com todas as minhas forças desde esse mesmo instante. Foi mágico para mim, Jérô. Eu trabalhava com crianças todo o tempo, não te esqueças de que sou pediatra; mas não tinha sentido com nenhuma o que senti contigo. Por isso te digo: se não te tivesses salvado, o que seria de mim agora? Continuaria triste, muito triste, porque não podia ser mamã.

Jérôme chorava amargamente. Entre espasmos e soluços, conseguiu balbuciar:

– Agora tens o Kolia e a Amina.

– Mas sem o meu filhinho da alma, sem o meu Jérôme, a minha felicidade não seria completa. Agora sou novamente feliz porque te tenho, Jérô! Mas tu já não me adoras como na missão, e eu não sei porquê.

– Adoro-te sim! – exclamou. – Adoro-te! Mas agora sou mau e tu e o papá não me vão querer.

– Conta-me uma coisa, Jérô – interveio Al-Saud em tom prático. – O Karme obrigou-te a fazer coisas más? – O menino anuiu. – E tu fazia-las porque gostavas ou porque ele te obrigava?

– Ele obrigava-me – respondeu a criança, entre suspiros e inspirações de muco.

– E se lhe disseses que não, o que é que ele te fazia?

– Batia-me com um chicote e atava-me a perna a uma corrente.

Matilde mordeu o lábio e absorveu novamente a força de Al-Saud através do contacto com a sua mão.

– Nesse caso, ainda bem que as fizeste. Não sintas culpa. Não *deves* sentir culpa. A mamã e eu compreendemos.

– Obrigava-me a matar pessoas! – explodiu, levantando-se na cama.

Matilde e Al-Saud imitaram-no e abraçaram-no, embalando-o e confortando-o com palavras de amor.

– Eu não queria! E então ele picava-me aqui – disse, assinalando a zona da veia radial – e punha-me um líquido, e eu fazia-o e era fácil.

– Não interessa, não interessa – repetia Al-Saud. A faculdade da fala abandonara Matilde, que se limitava a acariciar e a beijar Jérô. – Nada disso interessa agora. Ficou para trás. Acabou-se. Nunca mais voltarás a sofrer. Juro-te, Jérô.

– Deus vai-me castigar – declarou a criança, um pouco depois, com a voz rouca.

– Deus ama-te tanto como nós e compreende-te.

– Não. Matei pessoas. Vai-me castigar.

– Gostarias de falar com o padre Jean-Bosco? – propôs Matilde. – Lembras-te de como ele era bom? Gostarias de lhe contar tudo isso? – Jérôme sacudiu os ombros. – Amanhã, que é domingo, ligamos para a missão. Talvez o apanhemos a dar a missa. O que achas?

– Não sei.

– Queres que eu fale com ele e lhe explique tudo?

– Está bem.

Matilde percebia no corpo de Jérôme o seu esgotamento, físico e mental, pelo que decidiu acabar com as confissões por aquela noite. Ainda existia muita dor para libertar; fá-lo-iam pouco a pouco. Curariam a ferida com amor. Ainda assim, sentia-se satisfeita: acabavam de dar um grande passo no caminho que culminaria com a cura de Jérôme.

Matilde e Al-Saud levantaram-se da cama e Matilde aconchegou-o.

– Gostarias de tomar um copo de leite morno com mel?

– Sim.

– Vou pedi-lo à Agneska – ofereceu-se Al-Saud e, sem calçar as botas, com o cabelo despenteado e a cara com rastos de pranto, saiu do quarto.

Matilde sentou-se à beira da cama e acariciou a testa de Jérôme; percorrendo a cana do nariz com a ponta do dedo, desenhava-lhe corações nas enfraquecidas maçãs do rosto e delineou a curva do queixo.

Ao mesmo tempo, sorria e cantarolava, em voz quase inaudível, *Alouette, gentille alouette*. Jérôme não a perdia de vista; nem sequer pestanejava.

– Adoro-te, Jérôme. Quero que sejas feliz. O papá e eu queremos fazer-te feliz. É o que mais desejamos.

– Mamã! – exclamou o menino, deitando-lhe os braços ao pescoço e puxando-a para si com um ímpeto que provocou dor nas cervicais de Matilde. Não se importou: somente contava aquele «Mamã!» gritado com o coração. Com aquele abraço e aquele grito recuperava-o: Jérôme voltava a ser seu. Tinha tanto direito sobre ele como se o tivesse gerado nas suas entranhas.

– Mamã! – continuou Jérôme a repetir, entre soluços.

– Estou aqui, estou aqui – respondia-lhe Matilde. – Vou estar sempre aqui.

– Adoro-te, mamã!

– Eu sei, meu amor, eu sei. E eu a ti.

– Não voltes a dizer que não te adoro!

– Nunca mais.

– Senti a tua falta este tempo todo!

– E eu só pensava em ti.

Al-Saud encontrou-os abraçados e mais calmos. Entregou o copo a Jérôme, que bebeu timidamente, enquanto Matilde lhe falava sobre o casamento que teria lugar daí a quatro dias .

– Ter recuperado o Jérôme é o melhor presente de casamento que me poderias ter dado, Eliah – expressou.

Al-Saud beijou-a nos lábios. Jérôme sorriu e o seu bigode de leite alongou-se.

Ficaram com o menino até ter a certeza que adormecera. Abandonaram o quarto com os sapatos nas mãos, abraçados, e caminharam como bêbados pelo corredor. Matilde nunca sentira um cansaço tão profundo, nem sequer durante a sua primeira semana de trabalho no Congo. Atirou as sandálias para a entrada do quarto, subiu para a cama e deixou-se cair de barriga para baixo. Ouvia Al-Saud movimentar-se pelo quarto e pela casa de banho, mas não conseguia reunir forças para se levantar. Apenas emitiu uns sons quando se apercebeu de que ele a despia. Queria sentir-se um pouco mais desperta para lhe expressar o que sentia, o alvoroço e a felicidade, queria agradecer-lhe por lhe ter devolvido Jérôme, por torná-la feliz como nunca imaginara. Al-Saud levantou-a para lhe vestir a camisa de noite e Matilde, sem sequer descerrar as pálpebras, abraçou-o.

– Obrigada, meu amor. Devolveste-me a vida.

– Eu sei.

– Põe o despertador para as quatro da manhã.

– Para as quatro da manhã? Para quê?

– Para levar o Jérôme à casa de banho, para que faça chichi e não molhe a cama. A minha avó Celia sempre me disse que foi assim que curou a minha irmã Dolores.

Na manhã seguinte, muito cedo, Matilde escapuliu-se até ao gabinete de Al-Saud para fazer um telefonema.

– *Nigel Taylor’s speaking.*

– Olá, Nigel. É a Matilde.

– Matilde! Que alegria ouvir a tua voz! Como estás?

– Feliz, Nigel, graças a ti. Eliah contou-me que foste tu quem descobriu onde tinham o Jérôme sequestrado e que o ajudaste a resgatá-lo. Devo-te a vida.

– E eu devo-te a minha felicidade, querida Matilde. Graças a ti, conheci a Angelie e o Kabú e sou feliz.

– A minha amizade e gratidão são para toda a vida, Nigel.

O inglês pigarreou e efetuou uma inflexão para continuar a falar:

– Vemo-nos daqui a uns dias, no teu casamento. O Kabú só pensa no reencontro com o melhor amigo.

Matilde afogou o pranto numa gargalhada.

– Adoro-te, Nigel.

– Eu também, Matilde.

A casa da avenida Elisée Reclus intimidava Jérôme: perdia-se e tinha pânico do elevador.

– Tu tens medo do elevador? – surpreendeu-se Matilde. – Tu, que trepas à palmeira como se fosses um macaquinho? Vamos, vamos subir juntos. Não tenhas medo.

Matilde amava a sua expressão de pasmo perante coisas que não teriam causado a mínima surpresa a qualquer menino ocidental, como o ecrã na sala de cinema, a aparelhagem, os controlos remotos ou a piscina; nunca tinha visto uma, e muito menos aquecida.

– Esta casa é toda tua e do papá?

– Do papá, minha, tua, da Amina e do Kolia. É a *nossa* casa, meu amor. – Jérôme abraçou-a pela cintura e afundou a cara na sua barriga. – Gostas?

– Sim, muito.

Na primeira noite, quando Matilde se levantou às quatro da madrugada para o levar à casa de banho, deu com ele a dormir no chão. Não fez comentários. Guiou-o até à casa de banho e obrigou-o a urinar. Na manhã seguinte, foi acordá-lo e voltou a encontrá-lo sobre o soalho.

– A cama é muito mole – desculpou-se Jérôme –, e eu afundo-me.

Depois de ter dormido, durante meses, numa esteira, o colchão de molas parecia-lhe algodão. Na segunda-feira de manhã, e apesar de faltarem apenas dois dias para o casamento e estarem ainda por definir um sem-número de pormenores, Matilde meteu as três crianças no carro e pediu a Dario Sartori que a levasse a uma loja de colchões. Amina e Jérôme divertiram-se a experimentar colchões enquanto Matilde discutia com o empregado qual era o mais firme. Decidiu-se por um de espuma de poliuretano, o de maior densidade, e por uma almofada de penas de ganso. Os guarda-costas ataram o colchão ao tejadilho do veículo e, nessa noite, Jérôme dormiu sem sair da cama, excetuando quando Matilde o

levou à casa de banho.

Fascinava-a observar Amina e Jérôme, que interagiam com a naturalidade e confiança de velhos amigos. Amina transformou-se numa peça-chave no processo de cura do irmão. O enlevo que este lhe causava, e que ela não se incomodava em dissimular, lisonjeava Jérôme, alimentava-lhe o maltratado ego e devolvia-lhe a autoestima. A influência de Jérôme em Amina também era palpável; de um dia para o outro, com a mesma naturalidade com que antes os tratava por tio Eliah e Matilde, começou a chamar-lhes papá e mamã, numa clara imitação do seu herói. Kolia, por sua vez, seguia-os para todo o lado e Matilde enternecia-se com a paciência que Jérôme demonstrava.

Al-Saud chegava à noite, trocava a roupa de trabalho pela desportiva e levava-os ao ginásio, onde se divertiam experimentando as máquinas e fazendo exercício. Matilde ficava aturdida com a transformação de Eliah o qual, depois de ter levado uma vida excêntrica, livre e afastada da rotina, desfrutava do ambiente doméstico, atado aos horários impostos por crianças de tenra idade.

Tal como na primeira noite, Al-Saud e Matilde aconchegavam Jérôme juntos e reservavam um momento para conversar com ele e comentar as atividades do dia; outras vezes, abordavam o tema do cativo no acampamento *interahamwe*. Das histórias que Jérôme contava e dos resultados da revisão médica, foram descartando a hipótese de abuso sexual. Estava saudável, não havia vestígios de malária nem da tripanossomíase africana, um verdadeiro milagre tendo em conta que vivera meses na selva sem quaisquer medidas de prevenção.

Com a chegada de Jérôme, Matilde dedicou-se a ele, a mimá-lo, a cuidá-lo, a levá-lo ao médico, a comprar-lhe roupa, a fazê-lo sentir que nunca se separariam, pelo que os preparativos para o casamento ficaram em segundo plano. Por sorte, Juana, Yasmin e Francesca assumiram o comando da organização: escolheram os arranjos florais para o jardim da mansão Al-Saud, alugaram a tenda, compraram o champanhe, pagaram o *catering*, contrataram a maquilhadora e a cabeleireira e trataram de todos os pormenores.

No dia antes do casamento, Francesca apresentou-se na casa da avenida Elisée Reclus com presentes para as três crianças. A confiança com que Amina e Kolia a tratavam fazia ressaltar a timidez de Jérôme, que se mantinha colado a Matilde e só se atrevia a levantar a vista na direção da bela senhora quando tinha a certeza de que esta não estava a olhar.

Foram ao andar de cima para trocar as fraldas de Kolia e, enquanto Amina e Jérôme brincavam afastados, Matilde disse, sem desviar os olhos da tarefa:

- Não sei se estou a fazer bem. Não sei se sou uma boa mãe.
- És uma mãe perfeita.
- Achas mesmo que sim?
- Sim, querida – afirmou Francesca, acariciando-lhe a bochecha.
- Às vezes acho que estou demasiado pendente deles, que não os deixo respirar, que não lhes permito serem eles mesmos, que lhes restrinjo a liberdade. Tenho tanto medo que lhes aconteça alguma coisa. Pergunto-me se não estarei a ser um pouco paranoica.

– Faz o que o coração te ditar, Matilde. O coração de uma boa mãe sabe *sempre* o que é correto. Fui muito criticada quando o Alamán nasceu, por ele e o Shariar serem tão seguidos. Nessa altura, não quis desmamar o Shariar porque sabia que o iria traumatizar. Ele e eu éramos muito unidos e tinha medo de que ele não gostasse do recém-chegado irmão se não continuasse a amamentá-lo. Não queria que existissem ciúmes entre eles; o que mais desejava era que se amassem e que fossem grandes amigos. Tinha dois anos quando o desmamei porque o Kamal me obrigou. Eu estava pele e osso.

– É incrível.

– Sim, eu sei. Incrível em muitos aspetos. Incrível que tivesse ficado grávida quando ainda estava a amamentar o Shariar. Não é suposto ser uma espécie de anticoncetivo natural? Pois comigo não funcionou. E é incrível também que amamentasse os meus dois filhos ao mesmo tempo, como se fossem gémeos. Foi o que o meu coração ditou na altura, e acredito que foi o melhor.

– Francesca?

– Sim, querida?

– E com o Kamal? Não tinhas medo de o descurar e de o perder?

– Quando se têm filhos tão seguidos como eu tive, um bom marido não te vai exigir que estejas sempre elegante e disposta a satisfazê-lo. Porquê a pergunta? Do que é que tens medo? De descurar o Eliah? – Matilde aquiesceu. – Ai, Matilde. Se soubesses quão enormes são o amor e a gratidão que o meu filho sente por ti, isso nem te passaria pela cabeça. – Matilde sorriu e corou. – De qualquer modo, se conheço um bocadinho que seja o meu terceiro filho, atrever-me-ia a dizer que, caso ele suspeitasse que não era o centro da tua vida, ele próprio te exigiria imediatamente que retificasses a situação, é ou não é?

– Conheces perfeitamente o teu filho – exclamou Matilde, e as duas desataram a rir.

Dolores Sánchez Azúa mudou de opinião e decidiu assistir ao casamento da sua filha mais nova quando o seu futuro genro lhe telefonou para Miami e lhe propôs trazê-la num avião privado e alojá-la numa *suite* do hotel George V.

O *Gulfstream V* aterrou em Le Bourget na manhã de terça-feira, 4 de maio. Um automóvel com o logotipo do George V estava à sua espera para a conduzir ao hotel. Apesar de ser uma mulher do mundo e de gozar de uma boa posição económica, Dolores ficou atónita com o luxo da exuberante *suite*. Depois de percorrer as divisões, bisbilhotar a qualidade dos adornos, comer fruta e beber champanhe, recostou-se num divã e planeou o dia. Levantou-se uns minutos depois, consultou a sua agenda e marcou um número de telefone.

– *Allô?* – respondeu-lhe uma voz sonolenta.

– Celia? É a mamã!

– Mamã? O que se passa? Porque me telefonas tão cedo?

– Estou em Paris, acabo de chegar. Gostaria que nos encontrássemos para almoçar.

– Ah! O que vieste cá fazer?

- Como assim, o que é que vim cá fazer? Vim para o casamento da tua irmã Matilde!
- O casamento da Matilde? Quando? Com quem?
- Não sabias? Casa-se amanhã, com o Eliah al-Saud.

Na manhã do casamento, Amina sentia-se como uma rainha, dado que só ela teve autorização para acompanhar a noiva durante o processo de embelezamento. Matilde deixou a cabeleireira fazer uns caracóis no cabelo liso da menina e esta, no seu modo melodramático, garantiu-lhe que era a melhor mamã do mundo.

- Assim vou ter caracóis como os teus! – entusiasmou-se Amina.
- Então terás que os emprestar ao Kolia para que tome o biberão.
- Não!

Matilde e Amina desceram as escadas de mão dada, lentamente, com o ritmo que uma modelo teria usado na passarela. Eliah, com Kolia ao colo e Jérôme ao seu lado, observou-as enquanto desciam.

- Ma-ma-ma! – exclamou Kolia, agitando os braços em direção a Matilde.

Al-Saud e Jérôme guardaram silêncio, estupefactos diante da metamorfose de Matilde, que passara das habituais calças de ganga, *T-shirt* de algodão, ténis e rabo de cavalo para uma blusa de renda de Chantilly, uma saia tubo de crepe cetim, meias de licra e sapatos em pele de salto alto, tudo em tom marfim, o qual, conjugado com o tom da sua pele, os seus olhos prateados e o seu cabelo louro, lhe outorgavam luz, como se estivesse rodeada por uma auréola morna e dourada.

Al-Saud engoliu em seco e avançou para lhe estender a mão quando Matilde alcançou os últimos degraus.

- O que dizem os nossos homens? – brincou. – Estamos bonitas?
- Muito mais do que bonitas – manifestou Al-Saud. – São as mulheres mais belas do mundo.
- Olha, papá! A mamã deixou-me fazer caracóis.
- Pareces uma princesa a sério – elogiou-a.

Al-Saud passou Kolia para os braços de Mónica, ordenou às crianças que fossem ocupando os veículos e conduziu Matilde ao seu gabinete onde, assim que fechou a porta, a atraiu para si e a beijou nos lábios, sem a mínima consideração pelo ténue brilho aplicado pela maquilhadora. Superada a surpresa, Matilde mergulhou na energia de paixão e desejo que explodia entre eles. A atração que provocavam um no outro não diminuía com os problemas nem com o passar do tempo. «És o meu refúgio» dissera-lhe Eliah na noite anterior quando Matilde, ao voltar para a cama às quatro da manhã, depois de ter levado Jérôme à casa de banho, o encontrou acordado e excitado.

- Matilde, Matilde – suspirou Al-Saud sobre os lábios dela. – Não consigo acreditar que já chegou o dia em que te vais tornar minha esposa.
- Já me sinto assim há tanto tempo, Eliah.
- Amo-te, Matilde, tanto, tanto. O poder deste sentimento surpreende-me, e garanto-te que poucas coisas o conseguem.

– Obrigada por tornares a minha vida preenchida e feliz. Obrigada por me dares o teu amor, por me ensinares a amar, por me fazeres sentir que sou o mais importante para ti, pelos nossos três maravilhosos filhos. Obrigada por teres trazido o Jérôme de volta. O meu amor por ti é infinito, e sincero, e eterno, e fiel, e está cheio de admiração e de respeito porque hoje vou casar-me com o homem mais íntegro e bondoso que existe.

Emocionado, incapaz de emitir um único som, Al-Saud tirou do saco uma caixinha vermelha, com o símbolo da Cartier gravado na tampa, e entregou-lha. Continha um anel, semelhante ao que fora roubado a Matilde durante o sequestro, à exceção das pequenas esmeraldas que rodeavam o diamante de vários quilates.

– Eliah! – exclamou sem fôlego. – É tão bonito. Obrigada, meu amor.

– Quando o vi pensei nos teus olhos, prateados como o diamante, e nos meus, verdes como as esmeraldas, e gostei porque o anel representa-nos: eu rodeio-te e protejo-te como as esmeraldas ao diamante. E estou a teus pés, como as esmeraldas aos pés do diamante. – Al-Saud extraiu-o da caixa e colocou-lho no anelar da mão esquerda. – Para toda a vida, Matilde.

– Não, a vida não me basta. Para sempre. Para toda a eternidade.

Jérôme e Kabú escutavam Takumi Kaito com as carinhas extasiadas; Amina mostrava os seus sapatinhos de verniz a Ezequiel e a Paul Trégart; Kolia caminhava pela mão do avô, que se inclinava para lhe falar em árabe. Os seus filhos estavam bem, a salvo, felizes. Matilde sorriu na direção de Eliah, que a observava de outra zona do jardim da mansão da avenida Foch, indiferente à conversa do grupo de convidados que o rodeava.

– Estás linda, princesa.

– Obrigada, papá. – Matilde entrelaçou o braço no do pai, convidando-o a caminhar. – Gostei que tivesses trazido a Sáyida. – Ambos olharam para a jovem beduína, coberta com uma peça de tecido laranja, com flores bordadas e fios prateados. – Está a divertir-se?

– Muito. Yasmin prometeu que a levava às galerias Lafayette amanhã. É muito vaidosa. Adora roupa.

– Pena que não a possa exhibir.

– Para Sáyida tirar a *abaaya* diante de desconhecidos seria como para ti andar nua.

– Não julgo os muçulmanos, papá, mas não gosto de como tratam as suas mulheres.

– É uma religião antiga, com costumes muito arraigados. Suponho que acabarão por ter de rever o papel da mulher ou ficarão fora de jogo.

– Porque é que em Gaza as mulheres cobriam só a cabeça e Sáyida se cobre completamente?

– A Sáyida pertence à seita islâmica mais radicalizada, a vaabita. As tuas irmãs... porque é que não vieram?

– A Dolores não podia: era complicado com as crianças, que estão em época escolar. E a Celia... Bem, com ela as coisas não andam bem. Até diria que estão muito mal. Celia... Celia e Eliah foram

amantes. – Aldo aquiesceu e, do seu gesto, não se soltou algum juízo. – Acho que continua apaixonada por ele.

– Mas o Eliah adora-te. Nunca duvides disso, princesa. Ele tirou-me do Congo, arriscou a vida para evitar que eu morresse às mãos da Mossad, escondeu-me entre os seus parentes beduínos e fez isso tudo por ti. Disse que tu me adoravas e, que se me perdesse, irias sofrer; ele não queria que tu sofresses mais. Não chores, meu amor – suplicou, tirando um lenço para lhe dar.

– Vou ter com ele, papá.

– Sim, vai lá. Não tira os olhos de cima de ti. É capaz de me matar se vê que te faço chorar.

Matilde riu-se, roçou as maçãs do rosto com o lenço e devolveu-o ao pai. Aldo Martínez Olazábal deixou-se ficar no mesmo sítio, os seus olhos insinuando um sorriso, enquanto a via cair nos braços do seu esposo. Bebeu o sumo de laranja e aceitou um canapé que um dos empregados lhe ofereceu.

– Obrigada, Aldo.

A voz sobressaltou-o. Virou-se e deu de caras com Francesca De Gecco, que lhe sorria com uma expressão cálida e bondosa. Ficou a olhar para ela, recordando as noites partilhadas junto à piscina do *resort* Arroyo Seco, as mais felizes da sua vida.

– Obrigada? Porquê?

– Pela filha que deste ao mundo. É um ser maravilhoso.

– A Matilde é o meu grande tesouro.

– O meu filho tem a mesma opinião. Ele vai protegê-la toda a vida, garanto-te.

– O Eliah é um homem como há poucos, Francesca. Digno de ser teu filho. Estou feliz por a minha filha o ter escolhido como companheiro para o resto da vida.

– Vão ser felizes – vaticinou Francesca enquanto os observava: Eliah sussurrava algo a Matilde que a fazia rir.

– Nós teríamos sido felizes – pensou Aldo em voz alta. – Eu amava-te loucamente.

Francesca, linda no seu vestido comprido de gaze rosa-pálido, sorriu-lhe, serena.

– Aldo, a nossa história terminou para que hoje os nossos filhos sejam felizes. Tudo aconteceu como tinha de acontecer. Agora vejo isso claramente.

– Foste feliz? És feliz?

– Sim, fui e sou feliz. E tu?

– Acho que só agora acabo de alcançar a paz e a plenitude.

Francesca anuiu com elegância, sorriu e afastou-se.

– Doutora Al-Saud – disse o general Anders Raemmers, erguendo a taça de champanhe –, brindo a si, a mulher mais valente que conheço, e desejo-lhe toda a felicidade que merece no seu matrimónio.

– Obrigada, general. – Matilde bateu com o seu copo na taça de champanhe. – E gostaria que me tratasse por Matilde.

O general aceitou, inclinando-se galantemente.

– E brindo a ti, Cavalo de Fogo, que salvaste literalmente o mundo.

Al-Saud levantou o copo e fixou o olhar no de Raemmers, o qual soube ler na expressão neutra de Al-Saud o seu enorme aborrecimento. Não o podia culpar: os iraquianos sabiam tudo sobre ele, sobre a sua mulher, a família; o perigo nunca cessaria de espreitar, se bem que tivesse cumprido a sua missão contra todas as expectativas

– Desculpa-nos, Matilde. Gostaria de falar um momento com o Eliah.

– Com certeza, general.

Al-Saud beijou-a ao de leve nos lábios e murmurou que regressaria num instante.

– Leva-me a um sítio onde possamos falar à vontade.

– Por aqui.

Entraram numa biblioteca de grandes dimensões, com um mezanino repleto de prateleiras com livros. Raemmers apreciou a divisão antes de se sentar. Al-Saud sentou-se à sua frente, afundou o cotovelo no braço do sofá e apoiou o queixo na mão.

– Sei que estás incomodado. – O seu antigo subordinado levantou a sobrancelha esquerda. – Achas que não estamos a tomar as medidas necessárias com o Iraque.

– E estão?

– Sim. Um comando da *L'Agence* entrou na Base Zero através das passagens secretas descobertas no palácio de Sarseng.

– Entraram na Base Zero? – surpreendeu-se Al-Saud. O general aquiesceu.

– Descobrimos tudo o que havia para descobrir: as bombas nucleares, as centrifugadoras, os *stocks* de urânio. Tudo.

– Continuava tudo ali? Saddam não mandou que o retirassem?

– E como teria podido? – vangloriou-se o general. – Desde que tu nos deste as coordenadas da Base Zero e nos falaste da suposta ligação com o palácio de Sarseng, os AWACS e os satélites controlaram a zona vinte e quatro horas por dia. Não havia hipótese de espreitarem com a ponta de um veículo sem que nós soubéssemos. Após a tua fuga, mexemo-nos rapidamente e fizemos com que o Saddam soubesse que, se tocasse algo da Base Zero ou de Sarseng, o destruiríamos.

– Teria sido típico do Saddam provocar uma implosão antes que Rolf Ekus encontrasse as centrifugadoras e o urânio. Estar-se-ia nas tintas para a expansão radioativa. Admira-me que não o tenha feito – admitiu Al-Saud.

– Saddam estava atado de pés e mãos. Como te digo, sabia que nós conhecíamos a existência da Base Zero graças a ti.

– Graças a mim. – Al-Saud soltou uma fraca gargalhada e mudou de posição.

– Sim, sei que arriscaste muito mais do que o que estava previsto nesta missão, Eliah. Sei disso. Mas quero garantir-te que tu e a tua família estão a salvo. – Al-Saud ergueu as pálpebras num gesto de fingida surpresa. – Decidiu-se classificar a descoberta da Base Zero como segredo de Estado. Muito poucos estão ao corrente. O mundo não está preparado para uma notícia desta natureza.

– O mundo não está preparado? General, não insulte a minha inteligência! Os grandes poderes

ocidentais sabem bem que, dando a conhecer a invenção de Blahetter, meio mundo se lhes vai atirar à jugular: os organismos pela paz, os grupos contra a energia nuclear, o Greenpeace, a própria ONU... Enfim, toda a comunidade internacional se uniria para vos fazer oposição e exigir que desmontassem as centrifugadoras e esquecessem a invenção. Por isso é que decidiram ocultá-la e não por outro motivo qualquer. Cobiçam-na. Têm nas mãos uma panaceia e, para a manter em segredo, precisam da cumplicidade de Hussein.

– Tens razão. Há uma grande resistência contra a energia nuclear.

– A verdade é que isso não me preocupa. A única coisa que exijo saber é como pensam proteger a minha família caso o Hussein mande um algoz para os matar.

– Sabes que a descoberta da Base Zero traria ao Iraque as sanções mais severas da ONU. O embargo económico está a asfixiar o Hussein. Mais sanções seriam intoleráveis. Ele tem consciência disso: portanto, chegámos a um acordo.

– Pode acreditar-se na palavra de um psicopata?

– O Hussein é cruel, mas não é idiota, Cavalo de Fogo.

– Depois de o ter visto escrever o Corão com o próprio sangue e de o ter ouvido garantir que descendia de Maomé, desculpe, general, mas não posso concordar consigo. O Hussein está louco.

– Continua a ser um louco muito vivo e, mesmo que não acredites, em contacto com a realidade. O acordo, negociado entre as mais altas esferas da NATO e do governo iraquiano, estabelece que não se denunciará à ONU a existência da Base Zero e, portanto, não se aplicarão sanções, se os iraquianos se mantiverem afastados e esquecerem a existência da centrifugadora. *L'Agence* já está a tratar da vigilância da Base Zero. Além disso, ser-lhes-á exigido a assinatura de um documento, segundo o qual garantem que toda a informação sobre a centrifugadora Blahetter está lá, na Base Zero. Por outro lado, vão entregar petróleo grátis aos Estados Unidos, Inglaterra e França durante os próximos cinco anos.

– Ah! – atirou Al-Saud soltando um murro contra o braço do sofá. – Claro que não iam perder a oportunidade de sacar uns barris à borla, não é, general?

– Além disso – continuou Raemmers, ignorando a mordacidade de Al-Saud –, também não existirão sanções se o Hussein e os seus filhos se esquecerem de ti e da tua mulher. – Raemmers pronunciou as últimas palavras com uma lentidão deliberada e olhando Al-Saud fixamente. – Se tu, a tua mulher ou alguém da tua família for assassinado ou até sofrer um tipo de acidente, Saddam Hussein terá de dizer adeus a essa benesse. As penas seriam terríveis, e acabariam por transformar o Iraque numa panela de pressão. Ele sabe que está à beira da guerra civil: não se vai arriscar.

Al-Saud guardou silêncio para analisar a revelação. Sabia que era o máximo que conseguiria obter por parte daqueles que o tinham colocado naquele atoleiro.

– O que sabe acerca do Chuquet?

– Encontraram-no degolado num hotel de Bagdade.

– Revistaram o apartamento de Gérard Moses em Herstal?

– Sim, mas não encontrámos nada relacionado com a centrifugadora. E sabemos que a DST se

instalou na sua casa materna, na Île Saint-Louis. Também não encontraram nada. O segredo está a salvo.

– E a equipa de engenheiros iraquianos que trabalhavam com ele na Base Zero?

– São quatro e formam parte do pacto com Saddam Hussein. Agora vivem nos Estados Unidos, em Inglaterra e em França. Trabalham em várias universidades, onde não podem sequer fazer um telefonema às mãezinhas que não seja controlado por nós.

«Há demasiadas pontas soltas», concluiu Al-Saud. Acenou com a cabeça a Raemmers, demonstrando-lhe que se aprovava.

Ao ver que Eliah e aquele homem alto, de cabelo grisalho e muito bom aspeto, deixavam Matilde a sós, Juana aproximou-se com passo vacilante.

– Isto de ter de andar na relva com saltos de agulha é uma merda. Devo parecer uma garça com frieiras.

Matilde deu o braço a Juana e pôs-se em bicos de pés para lhe dar um beijo na cara.

– Estás divina – animou-a. – Esse vestido fica-te a matar.

– É bom que fique! Custou-me os olhos da cara! Quem era o gajo que estava com o teu *papurri*? O cota é bom pra lavar a vista.

– Pensei que ias dizer que era bom prá queca.

– Também.

– É Anders Raemmers, amigo do Eliah há muitos anos. Se bem que não deverias olhar para ele com essa cara quando o teu noivo está tão perto.

– Lá por estar de dieta não significa que não possa ler a ementa, embora saiba que tu, Matita querida, nunca o irias perceber. Só tens olhos para o teu *papurri*.

– Fica muito bonito com aquele fato, não fica?

– É bom *prá*...

– Nem te atrevas, Juana Folicuré!

– Bem, minha querida, o teu marido é bom prá queca, quer tu gostes, quer não. Por isso, vais ter de estar muito atenta e apurar a imaginação para evitar que as assanhadas que andam por aí to roubem.

– Algum conselho?

– Vários. Para já, o que vais vestir esta noite?

– Como assim?

Juana mordeu o lábio e elevou os olhos para o céu.

– Ai, meu Deus, como se pode ser tão ingénua? Matilde da Santa Ignorância, tu não me digas que não compraste um bom conjunto de *lingerie* para a tua noite de núpcias.

– Está bem, não digo.

– *Noi-te de núp-ci-as* – reiterou Juana, marcando exageradamente as sílabas. – Conheces o conceito?

– Não comprei nada, Juani – admitiu Matilde, envergonhada.

– Meu Deus!

– É que com a chegada do Jérôme...

– Não inventes, Matilde. O Jérôme chegou há uns dias. A camisa de noite para esta noite deveria ter sido comprada há semanas. Era a primeira coisa a comprar! – A careta aflita de Matilde suavizou-a. – O que estavas a pensar pôr esta noite para o seduzir? O pijama com ursinhos?

– Não, mas...

– Ai, Matita, Matita! Não te preocupes. A Super Juana está aqui para te desenrascar. Como te conheço de ginjeira, já sabia que não ias comprar nada adequado, por isso tenho uma surpresa para ti. Anda lá dentro. Vou dar-ta agora.

Pararam quando Kamal, que se aproximou com Kolia ao colo, as chamou.

– Acho que este rapazinho precisa de mudar a fralda.

– Vem à mamã – disse Matilde e recebeu-o nos braços.

Mónica intercetou-as na ombreira da porta e Juana notou que Matilde não lhe entregava a criança.

– Matita, pelo *agradável* aroma que o teu filho está a destilar, acho que deve ter cocó até às orelhas.

Que nem te passe pela cabeça mudá-lo com essa roupa. Dá-o à Mónica.

– Sim, *señito* Matilde – interveio a empregada. – Dê-mo cá que eu mudo-o.

– Sim, Mónica, mudas-lhe a fralda mas eu levo-o até ao quarto.

Com Kolia já mudado e perfumado, Matilde sentou-se num sofá do antigo quarto de Eliah para lhe dar o biberão. A criança bebeu, deleitada, até adormecer.

– Mat, nem penses que o vais fazer arrotar no teu ombro. Se bolsar um bocado como é que é? Essa lindíssima blusa de renda ficaria estragada. Mónica, faça-o arrotar, por favor.

– Sim, *señito* Juana.

Pouco depois, Matilde e Mónica encostaram cadeiras à volta da cama do casal, enquanto Juana colocava duas almofadas, uma de cada lado de Kolia, que dormia profundamente.

– Está bem assim, Mónica – sussurrou Matilde. – Podes retirar-te. Vai descansar e comer qualquer coisa.

Matilde abriu uma brecha na muralha de cadeiras e inclinou-se sobre Kolia. Cheirou-lhe o gordo pescoço e as rosadas bochechas. Com um leve roçar de lábios, beijou-o na testa e na bochecha. Não conseguia reunir vontade para se afastar dele. Kolia mexeu-se, abriu a boca e emitiu uns sons. Juana sufocou um risinho e Matilde decidiu afastar-se.

– Que coisinha tão linda.

– Embora o desejasse do fundo do coração – disse Matilde, acomodando-se numa cadeira, em frente a Juana que estava refastelada no sofá –, nunca imaginei que chegaria a amar o filho de Eliah tanto quanto amo o Jérôme.

– Ai, querida amiga! Ver-te tão feliz deixa-me imensamente feliz.

– E tu, Juani? És feliz com a tua nova vida?

– Sim, Mat, muito feliz. – Baixou a vista e olhou para as unhas. – O Jorge ligou-me várias vezes

estes dias.

– A sério?

– Está em Londres, numa convenção. Pediu-me que o fosse ver. Como me neguei, declarou que me viria buscar a Paris. Garante que não pode viver sem mim, que está decidido a recuperar-me. Não lhe importa mais nada, nem a sua mulher, nem o filho. Nada.

– E tu? Consegues viver sem ele?

Juana sorriu com ar melancólico.

– Ficarias admirada com a minha falta de emoção ao ouvi-lo. Na realidade não senti nada: nem alegria, nem entusiasmo, mas também não senti rancor, nem sequer tristeza. Talvez só um pouco de enfado, como quando queres despachar alguém porque estás com pressa e tens de te ir embora.

– Como vão as coisas com o Shiloah?

– Se é verdade que as almas gémeas existem, ele é a minha, Mat. Conquista-me um pouco mais cada dia. É tão... tão Shiloah. O meu gordo judeu é o amor da minha vida. E é óbvio que o seu *Ferrari* faz com que o veja com mais cabelo e menos pança.

Matilde afogou uma gargalhada e abandonou a cadeira. Ajoelhou-se em frente a Juana e descansou a cabeça nas suas pernas.

– Juani, adoro-te, minha amiga.

– E a mim? Também me adoras?

A voz de Ezequiel sobressaltou-as. Juana levou o indicador aos lábios para o silenciar.

– Se acordares o Kolia és tu quem trata dele.

– *No problem.*

Ezequiel sentou-se no tapete. Matilde estendeu a mão e entrelaçou os dedos nos do amigo de infância.

– Agora que estamos os três sossegados e a sós, quero dizer-vos que vos adoro do fundo do meu coração, que são os meus irmãos da alma e que sem vocês nunca teria sobrevivido. Vocês foram a minha força e a minha alegria. Sempre o são. Cada vez que vos vejo fico feliz.

– Que gaja tão parva! Faz-me chorar quando sabe que eu não uso rímel à prova de água.

O riso de Matilde emergiu destorcido devido ao pranto reprimido com dificuldade. Atirou-se ao pescoço de Juana e apertou-a. Ezequiel levantou-se e, entre risos e soluços, conteve as duas num abraço.

– Os três mosqueteiros para sempre – exclamou, beijando-as na cabeça.

Matilde e Eliah passariam a noite de núpcias numa *suite* do George V. Amina dormiria em casa do tio Sándor, para a qual a tia Yasmin se mudara umas semanas antes. Não precisaram de argumentos para a convencer; no entanto, a promessa de alugar *A Gata Borralheira* e *A Bela Adormecida* ajudou a que esperasse ansiosa pelo momento de abandonar a festa. Jérôme e Kabú iriam para o apartamento do tio Shiloah e da tia Juana; Matilde obrigou Juana a jurar pelo *Ferrari* do futuro marido que se levantaria às quatro da manhã para levar Jérôme à casa de banho. Kolia ficaria com os avós e bisavós na mansão da

avenida Foch.

– Vamos – apressou-a Eliah, incomodado porque Matilde não acabava de beijar e de se despedir dos filhos.

O *Aston Martin*, com Eliah ao volante e Matilde ao seu lado, partiu cerca das sete da tarde da mansão dos Al-Saud, onde ainda permanecia a maior parte dos convidados.

De um veículo estacionado na esquina com a avenida Malakoff, uns olhos reconheceram o automóvel de Al-Saud e seguiram-no sem pestanejar.

Para Matilde, o George V guardava memórias dos momentos mais felizes que tinha vivido em Paris, embora também de um dos piores: o encontro com a irmã, Celia. No entanto, naquele dia estava demasiado feliz para lhe destinar um único pensamento. Atravessou a receção de mão dada com Eliah, cumprimentou ao longe as empregadas e pôs-se em bicos dos pés para beijar o marido quando as portas do elevador se fecharam.

A *suite* aguardava-os iluminada, com a dobra do lençol feita, uma travessa com frutas, um prato com bombons, taças de cristal, bebidas frescas sem álcool e uma cafeteira com café acabado de fazer.

– Shariar mandou preparar tudo isto – comentou Matilde –, tenho a certeza. – Meteu uma cereja na boca e ofereceu metade a Eliah que, ao devorar-lhe os lábios, acabou por lha tirar inteira. – Meu marido – murmurou Matilde. – Não consigo acreditar que já estamos casados.

– Matilde Al-Saud. Estavas tão bonita e tão tranquila durante a cerimónia.

– Sentia-me feliz, embora o gabinete da juíza fosse capaz de desanimar qualquer um. Nada me importava, apenas que estivesse ao meu lado e que os nossos filhos estivessem por perto.

Foram para o quarto e, enquanto se despiam, comentaram os pormenores da cerimónia na Câmara Municipal e do copo-de-água em casa dos Al-Saud.

– Viste o Jérô com o Takumi? Não o largou durante toda a festa, olhava para ele com um ar tão enlevado.

– Garanto-te que Takumi *sensei* queria ganhar a sua amizade. Sabe como chegar ao coração de um rapaz.

– Achas que a influência de Takumi lhe faria bem?

– Sim. Gostavas de passar algum tempo na quinta de Ruão?

– Como me disseste que teríamos de esperar para a lua de mel, sim, acho que gostava de passar uns dias lá, com as crianças. O contacto com a natureza e com os cavalos fará bem a todos, e especialmente a Jérô. Continua triste e calado. Ele era diferente, Eliah, tão alegre e vivaz. Lembras-te?

– Matilde, trouxe-o do Congo há apenas uns dias. É preciso dar-lhe tempo.

– Sim, tens razão.

– Esta noite quero que falemos apenas de nós dois, de mais nada. Não quero que fiques angustiada nem preocupada por seja o que for. Tudo se vai resolver no seu devido tempo. Por acaso, não foi sempre assim?

– Sim, tu resolves sempre todos os problemas. És o meu herói!

– Então confia em mim.

Matilde meteu-se na casa de banho para vestir a *lingerie* sensual que Juana lhe oferecera para a noite de núpcias. Apareceu com um *baby-doll* de tule púrpura, que lhe cobria metade das coxas, com uma abertura até ao corpete que lhe deixava a barriga à mostra; uma cuequinha pequena e transparente completava o conjunto. Calçara uns chinelos de cetim branco com um ramalhete de penas na parte superior.

– Gostas?

Elijah estava deitado na cama, apoiado na cabeceira, de onde a contemplava com ar sério. Matilde reparou que só tinha os *boxers* vestidos. Com o dedo indicador, fez-lhe sinal para se aproximar. Viu-a avançar, envolvida no seu manto de cabelo dourado, compridíssimo, e desejou-a nua. Saltou da cama e plantou-se em frente a ela. Olharam-se sem se tocar, ela com a cabeça inclinada para trás, ele com a cabeça inclinada para a frente. Era tão pequena. Pegou-lhe na mão esquerda e admirou os anéis: o de diamante e esmeraldas e a aliança de casada. Sentia-se sempre atraído pelas suas mãos de dedos finos e compridos. «Mãos de cirurgiã.» Matilde arrastou a ponta dos dedos pelos antebraços de Al-Saud e sentiu a pele arrepiar-se. Ele desceu-lhe as alças do *baby-doll*.

Matilde fechara os olhos, com a cabeça inclinada para trás, ansiosa e expectante pelo caminho que as mãos de Al-Saud iriam tomar. Fariam com ela tudo o que quisessem, como era hábito. Elijah introduziu-lhe um dedo no umbigo e iniciou um movimento suave e circular que lhe tirou o fôlego. Agarrou-se aos seus ombros e gemeu quando a corrente se estendeu até ao monte de Vénus e lhe causou cócegas entre as pernas. Surpreendia-a o ímpeto daquela carícia simples, que já lhe atingira também o couro cabeludo, e que lhe fizera crescer água na boca e molhado a vagina.

A língua de Elijah apoiou-se na veia palpitante do pescoço de Matilde, onde a fez demorar para sentir a veloz passagem do sangue, que se acelerou quando ele abandonou o umbigo e lhe massajou o clitóris, inchado e pegadiço.

Matilde arfou e afundou-lhe os dedos na carne. Beijou-a no pescoço, mordeu-a, lambeu-a e, enquanto o fazia, empurrava-a para a cama.

– Deita-te – ordenou-lhe em francês.

Matilde obedeceu-lhe e deslizou até ao centro da cama. O *baby-doll* escorregou deixando-lhe à vista as pernas e o monte de Vénus, mal dissimulado sob o tule das cuecas, das quais Al-Saud se desembaraçou obrigando-a a levantar as pernas e o traseiro. Excitou-se ao vê-la sem as cuecas e ainda com o *baby-doll*: a sua ereção aumentou ao imaginar-se afundado naquela carne morna e descontraída. Tirou os *boxers* com puxões impacientes. Excitou-o ainda mais a sua pressa, em oposição à inocente serenidade de Matilde, que parecia adormecida e alheia à energia que despertara e que estava a ponto de a assaltar.

Trepou para a cama, separou-lhe as pernas e colocou-se de joelhos entre elas. Inclinou-se para lhe sussurrar.

– Matilde, *mon amour*...

– Sim?

– Fazes ideia do quanto te desejo?

Matilde sorriu sem levantar as pálpebras e tateou o ar até dar com os ombros de Al-Saud.

– Fica assim – ordenou-lhe Al-Saud, mantendo a sua posição de joelhos, em frente a ela. Inclinou-se para a frente para a segurar pelas nádegas e elevar-lhe as ancas. Matilde plantou os pés no colchão e fletiu os joelhos, levantou os cotovelos e apoiou as mãos na almofada, perto da sua cara. Sentiu a língua de Al-Saud entre os seios; desenhava círculos com a ponta, subia até quase roçar o mamilo, descia ao vale, deslocava-se para baixo, perfurava-lhe o umbigo e retomava a subida. O seu jogo deixava-a frustrada e conduzia-a a um nível de excitação insatisfeita que se tornava doloroso. Emitiu gemidos queixosos que se transformaram num ofegar longo e dolente quando Al-Saud lhe chupou um mamilo, depois o outro. Matilde entrelaçou os dedos no seu cabelo e obrigou-o a continuar a morder e sugar.

– Mais – exigiu.

Afastou-se, voltou a segurá-la pelo traseiro e colocou-a à altura do seu pénis ereto. Penetrou-a atraindo-a até si, lentamente, para saborear cada centímetro de carne que se afundava na dela. Sentiu-a tépida e escorregadia, quente e excitada. A sua vagina comprimiu-o até o fazer praguejar entre dentes pela dificuldade que tinha em dominar-se. Saiu dela repentinamente, desejoso de a penetrar de novo noutra posição. Matilde soltou um queixume quase inaudível quando Al-Saud a obrigou a virar-se. Tirou-lhe o *baby-doll* e acariciou-lhe o traseiro com as mãos e com a língua. Sentiam-se abrasados por um ardor que só conseguiriam extinguir com o orgasmo. Os seus genitais palpitavam ao ritmo desenfreado dos seus corações.

– Eliah, por favor – suplicou Matilde.

Cobriu-a com o seu corpo e retirou parte do peso elevando-se com o braço direito. Gostava daquela posição; parecia-lhe que conquistavam uma união física perfeita, todo o seu corpo em contacto com o dela: as nádegas de Matilde contra as suas ancas, as costas dela contra o seu tronco, as pernas e os pés dos dois entrelaçados. Matilde levantou a cabeça e apoiou os antebraços na almofada. Al-Saud agarrou-lhe o queixo e o maxilar com a mão esquerda, penetrando-a com um movimento surdo e rápido. Balançou-se de forma violenta enquanto lhe falava ao ouvido em francês.

– Gostas assim? – Matilde não admitiu nem negou porque a mão dele no seu rosto continuava inexpugnável, como se procurasse um ponto de apoio para se impulsionar. – Eu adoro. Sentir o teu cu contra os meus testículos. Estava tão excitado. Não podia esperar mais, meu amor. Só queria que a festa acabasse de uma vez.

Matilde obrigou-o a afrouxar a pressão para dizer:

– Ninguém ficou com a mínima dúvida quanto a isso.

Al-Saud lançou uma gargalhada sem fôlego, fascinado pela sensação que lhe proporcionava a fricção da glândula contra a parede frontal da vagina. Matilde cerrou as pálpebras, apressada pela eminência do prazer. Uns segundos depois, perdeu-se numa sensação de espantoso deleite. Os seus

gemidos desapareceram, afogados pela sonoridade dos gritos roucos e desmedidos de Eliah, cujo braço cedeu aos bruscos abalos que acompanhavam a ejaculação, esmagando-a contra o colchão.

A humidade da sua respiração escaldava-lhe a maçã do rosto; a sua mão, que ainda lhe apertava o maxilar, conservava a fúria com que a possuía; o seu pénis ainda se esvaziava dentro dela; a potência do orgasmo aturdiu-a. Al-Saud afastou-se e Matilde colocou-se de costas. Os seus olhares entrelaçaram-se e ela descobriu algo de turbulento e indecifrável no modo como ele a observou.

– Vou fazer-te feliz, Matilde.

– Já me fizeste feliz, Eliah.

Capítulo 20

Al-Saud ficou os primeiros cinco dias na herdade de Ruão. Depois, viajava para Paris de manhã e regressava ao entardecer, pisando o acelerador do *Aston Martin* para galgar os cento e dez quilómetros que o separavam da sua família. Não se cansava da imagem que se repetia dia após dia, quando o chiar dos pneus alertava Matilde e as crianças da sua chegada e saíam para o receber. Jérôme corria para os seus braços, depois Amina; atrás aparecia Kolia, com o seu passo atrapalhado pelas fraldas e com a chupeta na mão. Al-Saud, de cócoras, aninhava os três e beijava-os, fingindo prestar atenção aos seus relatos e exigências quando, na realidade, apenas pensava em como era feliz. Depois, as crianças cediam o lugar a Matilde, que caía nos braços do marido para receber uma dose de mimos e de palavras de amor, cena que não agradava muito a Kolia: o pequenino abria passagem entre as pernas dos pais e atraía a atenção de Matilde agitando o punho e exclamando: «Ma-ma-ma!».

Em contacto com a natureza e com os cavalos e, principalmente, graças à influência de Takumi Kaito, Jérôme recuperou a alegria. Matilde ficava com os olhos cheios de lágrimas ao vê-lo entrar na cozinha a correr, ofegante e entusiasmado, para lhe contar que a égua parira ou que os cachorros da cadela de Laurette estavam a mamar. O momento de maior felicidade de Jérôme foi quando Al-Saud o conduziu a um curral, lhe apontou um potro e lhe disse: «Aquele é teu. É para ti. Que nome lhe vais dar?» Desde esse dia, raramente abria a boca para se referir a outra coisa que não fosse *Tornado*, o seu cavalo frísio, e aguardava com ansiedade o regresso de Eliah para o ir ver e poder tocar-lhe.

De manhã cedo, Takumi ensinava-os a montar e era impressionante o domínio que Jérôme conquistava sobre o cavalo a cada lição, o que lhe proporcionava segurança e um aumento da autoestima. À hora da sesta, enquanto Amina e Kolia descansavam, Matilde mandava selar os cavalos para ela e para Jérôme e procuravam a frescura húmida do bosque de carvalhos e plátanos; obviamente, os guarda-costas, também a cavalo, seguiam-nos a curta distância. Eram momentos de paz, nos quais se reencontravam como mãe e filho, e em que falavam sobre trivialidades ou sobre temas mais sérios.

Quando Eliah regressava de Paris, à tarde, costumavam tomar banho na piscina, cuja água conservava a calidez do dia de estio. Vestiam os fatos de banho e mergulhavam no meio de risos e gritos. Matilde, em vez do biquíni, usava fato de banho para evitar que Jérôme visse a ferida no seu flanco esquerdo, ainda entumecida e avermelhada. Havia boias para os mais pequenos, que chapinhavam na parte menos funda, vigiados por Matilde, enquanto Al-Saud ensinava a Jérôme os estilos de natação. Quando se cansava de nadar mariposa ou *crawl*, o menino montava-se nos ombros de Eliah, onde se punha em pé, num precário equilíbrio.

– Olha, mamã, olha! – gritava, lançando-se de cabeça.

Imediatamente, Amina declarava que queria fazer o mesmo e Al-Saud deslocava-se até à parte

menos funda da piscina para lhe fazer a vontade, seguido por Jérôme, cuja função era trazê-la à superfície. Por mais que as acrobacias dos irmãos lhe arrancassem gargalhadas e aplausos desajeitados, Kolia aferrava-se ao tronco de Matilde quando adivinhava as intenções do pai: fazê-lo saltar pelo ar para aterrar na água. Retesava as perninhas e os braços e agitava a cabeça para negar.

– A mamã protege-te – confortava-o Matilde.

Todavia, Kolia aceitava sentar-se nos ombros de Al-Saud para jogar à bola, atividade que o fascinava. Amina teimava em tentar a mesma posição nos de Jérôme. O objetivo era impedir que a bola tocasse na água. Jérôme rebolava a rir quando Kolia, sem reparar, tapava os olhos de Eliah e fazia com que a sua equipa perdesse.

– Filho, não me tapes os olhos! – protestava Al-Saud, obrigando-o a colocar novamente as mãozinhas no seu pescoço.

De vez em quando, Matilde e Eliah trocavam um olhar através da piscina e sorriam com cumplicidade. «Amo-te», desenhava ela com os lábios, e ele respondia do mesmo modo: «Eu mais».

As crianças também se divertiam com as exposições de artes marciais que Takumi Kaito e Al-Saud lhes proporcionavam quando praticavam no ginásio. Amina e Kolia observavam-nos no meio de gargalhadas, saltos e exclamações. Para Jérôme, o espetáculo dos dois adultos que se enfrentavam com armas, ou simplesmente com as mãos e pernas, constituía uma experiência que o mergulhava numa concentrada seriedade. Uma noite, Matilde e Eliah notaram-no pensativo, enquanto o estavam a aconchegar.

– O que se passa, filho? – perguntou-lhe Al-Saud.

– Papá, quero aprender a lutar como tu e o Takumi fazem. Assim ninguém me poderá levar para longe de vocês outra vez.

– Ninguém te vai levar para longe de nós – garantiu-lhe Al-Saud. – Mas se queres aprender a lutar, Takumi e eu ensinamos-te. Isto se a mamã estiver de acordo – apressou-se a acrescentar.

– Estou de acordo desde que o Jérôme prometa que apenas usará as artes marciais para se defender.

– Essa é uma das regras básicas do *Shorinji Kempo*, a primeira coisa que o Takumi *sensei* te vai ensinar, campeão. Concordas?

– Sim, papá.

– Então vou falar com o Takumi *sensei* para que comece as aulas.

– Obrigado! – E, alternadamente, abraçou Matilde e Eliah.

No dia seguinte, Takumi Kaito acompanhou-os a Ruão, onde Matilde comprou o uniforme de karaté para Jérôme. À noite, saiu para receber Eliah com uma roupa semelhante a um pijama branco, preso por um cinto de tecido também branco. Não o tirara todo o dia, que passara atrás de Takumi enquanto este cumpria as suas obrigações de administrador, fazendo-lhe perguntas sobre o uniforme, sobre o *Shorinji Kempo*, sobre o karaté e sobre os samurais. Takumi Kaito, com a sua habitual parcimónia e prudência, tentava dissimular o assombro que lhe causava a perspicácia do rapaz e a sua memória para decorar os nomes em japonês.

– Olha, papá! A mamã comprou-me o fato! Sabes como se chama? Takumi *sensei*... Agora também o chamo *sensei*, como tu, porque é o meu mestre. Sabes como se chama o fato? – Al-Saud fingiu não saber. – Takumi *sensei* disse-me que se chama *karate-gui*. Viste o cinto? Chama-se *obi*. Takumi *sensei* ensinou-me a atá-lo. Prometeu-me que, quando for mais velho, vai ensinar-me *Jiu-Jitsu*.

– Eh, campeão, que boa pronúncia!

– Sim, Takumi *sensei* disse o mesmo.

Durante o jantar, Jérôme e Al-Saud dominaram a conversa, que girou em torno às artes marciais; os restantes comiam e observavam, até que Amina manifestou que também queria um pijama branco como o de Jérôme e aprender a lutar com Takumi «saisai».

– É *sensei*, Amina – corrigiu-a Jérôme. – E não é um pijama branco. É um *karate-gui*.

– Eu também quero aprender a lutar com Takumi sai... Ai, como é que era?

– Usam-se na guerra.

Al-Saud endireitou-se no cadeirão do seu escritório.

– Quando chegou?

– Acabou de chegar – respondeu-lhe Antoine.

– Está bem – limitou-se a dizer e desligou a chamada. Ligou a Edmé De Florian. – Edmé, estás numa linha segura?

– Sim, diz.

– O pombo-correio de Al-Muzara acaba de chegar. Estou a ir para a casa dos Moses. Quero decodificar a mensagem. Os teus homens continuam de vigia?

– Vinte e quatro horas por dia. Vou avisá-los que vais a caminho.

Enquanto conduzia para a mansão do Quai de Béthune, Al-Saud ponderava nas alternativas. Se Anuar al-Muzara respondera à mensagem falsa que o convocava a Paris, significava que não estava ao corrente da morte de Gérard Moses. Também havia a possibilidade de o saber, mas ter decidido entrar no jogo para montar uma armadilha a quem estivesse por trás da mensagem.

Atravessou o portão da antiga mansão dos Rostein com as chaves de Shiloah. Antoine veio recebê-lo ao terreno que antecedia a mansão; era óbvio que o esperava. Sem palavras, indicou-lhe que o seguisse. Guardara o tubinho com a mensagem numa velha lata de aveia dentro de um dos armários da cozinha.

Al-Saud tirou o columbograma e deu-lhe uma rápida leitura; seguidamente, dedicou-lhe uma mais pausada, enquanto fazia anotações num caderno. Depois de o ter decifrado, obteve o seguinte texto: «*Na noite em que ardem as fogueiras para animar o sol, ver-nos-emos na ilha do rei santo.*» Al-Saud mastigou um insulto. O que queria dizer aquela merda?

Pouco depois chegou Edmé De Florian e dedicaram-se a analisar a adivinha. Duas horas mais tarde, e depois de terem consultado umas enciclopédias da biblioteca dos Moses, concordaram em que «*a noite em que ardem as fogueiras para animar o sol*» era a de São João, de 23 para 24 de junho, na qual se comemora o solstício de verão e se acendem fogueiras para ajudar o sol que, a partir desse dia,

começa a perder força. Quanto à «*ilha do rei santo*», era, sem dúvida, a Île Saint-Louis, dado que Luís IX, rei de França, fora canonizado por Bonifácio VIII em 1297.

- Hoje é quinze de junho – assinalou De Florian. – Temos poucos dias para planejar a emboscada.
- Não te esqueças do nosso trato, Edmé: Anuar al-Muzara é meu.

O livro de Matilde, *As Aventuras de Jérôme*, foi lançado em França a 1 de junho. Matilde recebeu uma caixa com os vinte exemplares que lhe correspondiam segundo o contrato e, nesse fim de semana, houve festa na herdade. Chegaram os irmãos de Eliah com as respetivas famílias e acompanhantes, Peter Ramsay e Leila, La Diana, Tony Hill e Michael Thorton, que os surpreendeu com uma namorada japonesa.

Todos receberam um exemplar autografado. Os filhos mais velhos de Shariar – Francesca, Gaëtan e Guillaume –, cada um com o seu livro, perseguiram Jérôme para lhe perguntar se isto ou aquilo era verdade e apontavam-lhe as ilustrações. Matilde notava que o filho estava tímido e envergonhado, mas abstinha-se de intervir para deixar que se desenvencilhasse sozinho. Amina ergueu-se como a defensora do irmão; garantiu que Jérôme conseguia trepar uma palmeira até ao céu e que derrubava senhores grandes com dois pontapés de karaté, embora para isso tivesse de vestir o seu fato tipo pijama chamado...

- *Karate-gui* – lembrou-a Jérôme, acabrunhado pelo entusiasmo da menina.

À tarde, Matilde sentou-se no tapete da sala, com Kolia na cavidade formada pelas suas pernas – tinha havido uma alteração quando Dominique, o filho mais novo de Shariar, tentara ocupar aquele sítio e Kolia lhe batera com o biberão para lhe deixar bem claro que, agora, o colo de Matilde tinha um novo dono –, e perguntou em voz alta quem queria ouvir os contos que ia ler. Minutos depois, até os adultos se juntaram em seu redor a escutar *As Aventuras de Jérôme*, que procurara refúgio nos braços do pai.

Um livro destinado a passar despercebido estava a provocar alvoroço nos meios de comunicação porque a editora, numa hábil manobra publicitária, revelara que a autora, a desconhecida Matilde Martínez, era a médica da Mãos Que Curam que, a 12 de fevereiro passado, salvara a vida do pequeno Mohamed, o menino palestiano apanhado no fogo cruzado entre o Hamas e o exército israelita. Previra-se que, para a apresentação do livro na FNAC do centro comercial CNIT, em La Défense, chegariam jornalistas de todo o mundo, uma vez que Matilde, com a sua atitude fugidia – que já lhe tinha até valido a irónica alcunha de a *Silenciosa* –, se transformara numa obsessão para a imprensa. No fim de contas, e tal como mencionava o título do artigo de Ariela Hakim, tratava-se da médica que detivera a operação «Fúria Divina».

Sandrine pedira-lhe autorização para revelar a sua identidade, ao que Matilde acedeu após uma discussão de várias horas com Al-Saud, que se opunha. Matilde argumentava que, se os direitos de autor se destinavam a ajudar a reduzir as despesas da clínica Medalha Milagrosa, um bom nível de vendas seria bem-vindo.

No dia seguinte, Al-Saud telefonou a Sandrine e informou-a que, se a editora não lhe apresentasse um plano de segurança, podiam dizer adeus à apresentação e à presença de Matilde.

– Se querem montar este espetáculo com ela – avisou-os –, então terão que investir uma boa maquia para a proteger. Quero o plano de segurança no meu gabinete no prazo de três dias.

Para além da proposta da editora, Al-Saud tomaria as suas próprias medidas.

– Quando será a apresentação? – quis saber Joséphine.

– No sábado, 26 de junho, às cinco da tarde.

Em meados de junho, N’Yanda e a sua filha, Verabey, chegaram à herdade de Ruão. Matilde correu para as receber e, sem ligar à atitude austera de N’Yanda, deu-lhe dois beijos na cara. Verabey, tão simpática como era hábito, chorou de emoção.

Fazia já algum tempo que Matilde pensava em chamar N’Yanda para a ajudar com as crianças e com as questões domésticas. No entanto, não se atrevia a pedir a Joséphine que prescindisse delas em Anga La Mwezi. As coisas precipitaram-se de tal modo que, vistas em perspetiva, estavam predestinadas. Mónica anunciou que iria voltar para o Peru; a sua mãe acabara de falecer, pelo que tinha de tratar dos irmãos mais pequenos. Por outro lado, N’Yanda ligou a Joséphine para lhe comunicar que ela e a filha iriam abandonar Anga La Mwezi e o Congo Oriental porque, por muito que os homens da Mercure as protegessem, estavam cansadas de viver com o coração em sobressalto.

– Sei que a guerra nunca abandonará este país – profetizou a mulher – e eu quero paz.

Mãe e filha acabaram por ancorar com os seus magros pertences na Missão São Carlos, onde se dispunham a passar algum tempo até conseguirem transporte para Kinshasa, algo muito difícil naqueles tempos de guerra. Amélia, no seu telefonema habitual para Eliah e Matilde, comentou a situação. N’Yanda e Verabey viajaram para a capital do país num helicóptero da Mercure destinado a proteger a mina de coltan. Em Kinshasa, instalaram-se num hotel. Novamente, a amizade de Eliah com Joseph Kabila provou a sua utilidade, não só no processo de emissão dos passaportes de N’Yanda e Verabey, como também na emissão do visto do consulado francês.

Embora amasse Paris e a casa da avenida Elisée Reclus, Matilde não demonstrava pressa em voltar. A herdade de Ruão provara o seu poder curativo: a recuperação de Jérôme era visível. A influência de Takumi Kaito tornara-se indispensável e, tanto nas aulas de equitação como nas de *Shorinji Kempo*, transmitia-lhe paz e segurança. Se bem que Matilde continuasse a acordar às quatro da manhã para o fazer urinar, apercebia-se de que o filho não tardaria a conseguir controlar o esfíncter durante a noite; de qualquer modo, tinha consciência de que não chegara a altura e de que as feridas de Jérôme ainda estavam muito frescas.

Matilde pensava, há já algum tempo, no futuro escolar de Jérôme. O ano letivo teria início em setembro e estava na hora de começar a pensar numa escola. Al-Saud queria que ele fosse para o colégio bilingue, que frequentara com os irmãos, mas ela opôs-se, pois Jérôme não estava preparado para um grau de exigência tão elevado; além do mais, não falava uma única palavra de inglês. Dos

meses na missão, sabia que Jérôme lia e escrevia em francês de modo aceitável e que sabia somar, subtrair e multiplicar. Pediu a Thérèse que lhe conseguisse os planos de estudo do terceiro ano, que lhe foram enviados uma tarde por Al-Saud, e dedicou-se a analisá-los. Eliah comprou vários livros de gramática francesa e de aritmética e, em meados de junho, Matilde começou a preparar Jérôme.

Quando acabava a aula de equitação, e depois de tirar o equipamento e vestir uma roupa confortável, Jérôme fechava-se com Matilde no escritório para estudar. Matilde, que chegara a temer que o rapaz se revoltasse e preferisse estar nas cavalaria com Takumi Kaito ou a brincar com os seus irmãos, surpreendeu-se ao notar o interesse e a vontade com que se aplicava às lições.

– És um menino tão inteligente, minha joia! – elogiou-o uma manhã em que ele lhe repetira as dez tabuadas sem se enganar. O sorriso de Jérôme tocou-lhe na alma.

– Mamã, quero ser o melhor aluno.

– Vais ser um aluno muito bom, meu amor. Não é preciso que sejas o melhor.

– Quero ser o melhor para que o papá fique orgulhoso de mim.

Nessa noite, Matilde comunicou a Al-Saud o desejo de Jérôme. No dia seguinte, como era sábado, pai e filho saíram para cavalgar. Al-Saud passou o tempo a elogiar Jérôme e a contar-lhe travessuras da sua época escolar, como da vez em que não estudara para um teste de História e o seu amigo Sabir, o pai de Amina, o fizera em seu lugar. A traquinice teria sido bem-sucedida se a professora não os tivesse apanhado em flagrante, chumbando os dois. Jérôme, sobre o cavalo, soltava gargalhadas e Al-Saud sentiu uma vontade irrefreável de o abraçar e dar-lhe um beijo. Assim fez e, enquanto o tinha contra o seu peito, pensava: «Obrigada por fazeres a tua mãe feliz.»

Na quarta-feira, 23 de junho, Eliah al-Saud disse à sua esposa que tinha um jantar de negócios e que não voltaria a Ruão. Perto das sete da tarde, introduziu-se sub-repticiamente no *hôtel particulier* dos Rostier pelo terraço, servindo-se da escada no pátio da igreja de Saint-Louis-en-Île, pois, embora os homens da DST vigiassem os arredores e não tivessem relatado nada de suspeito, existia a possibilidade de Anuar al-Muzara ter a casa vigiada.

Al-Saud dirigiu-se ao gabinete, onde se desembaraçou da sua roupa, para ficar com um fato-macaco de licra preta, que o ajudaria a camuflar-se na penumbra da sala. Antoine já conhecia a sua parte há dias. Al-Saud ouvia-o movimentar-se no andar de baixo. O empregado sabia que uma traição seria equivalente à morte.

Como desconheciam a que hora viria Al-Muzara, se é que chegaria a aparecer, Al-Saud sentou-se num sofá mergulhado na escuridão e dispôs-se a esperar. De vez em quando, Edmé de Florian, de vigia numa carrinha estacionada no Quai de Béthune, falava-lhe ao microfone que Al-Saud tinha na orelha e relatava-lhe as novidades, nenhuma de relevância.

– Três homens acabam de parar em frente ao portão – informou De Florian. Logo a seguir, Al-Saud ouviu a campainha.

Deu um salto, colocou a máscara de esqui, calibrou os óculos de visão noturna e camuflou-se na

escuridão, junto à porta aberta do gabinete.

– Cara Pálida – disse Al-Saud, usando o *nom de guerre* de Edmé –, podes confirmar se um deles é a presa?

Como tinham chegado à conclusão de que o chefe terrorista poderia suspeitar se encontrasse a luz do portão acesa, ordenaram a Antoine que a mantivesse apagada, o que dificultava o reconhecimento.

– Negativo, Cavalo de Fogo. Embora, pela complexão física, possa afirmar que há dois que se enquadram nas medidas da presa.

– Acabam de entrar – relatou outro agente da DST.

Al-Saud ouviu o som distante do portão que se fechava e dos passos que se aproximavam da mansão. As vozes iam adquirindo nitidez, se bem que para Al-Saud era impossível entender o que diziam.

– É a presa! – confirmou o perito em som, após gravar as vozes que os microfones plantados na casa captavam e de as comparar com uma gravação obtida através de um velho filme caseiro feito por Alamán numa festa familiar na casa da avenida Foch. A confirmação não levava mais do que sete segundos.

A adrenalina espalhou-se pelos membros de Al-Saud e conferiu-lhe uma energia que o transbordava. Custava-lhe manter o Cavalo de Fogo no lugar; arfava e relinchava, ansioso por entrar em ação. Ouviu que subiam as escadas. A voz de Anuar viajou claramente até ele.

– Mas que escuro está aqui! – queixou-se.

– Ontem à noite fundiu-se a lâmpada do corredor e ainda não tive tempo para a mudar – mentiu Antoine. – Mas o senhor Anuar conhece a casa tão bem como eu. Espere o jovem senhor Gérard no gabinete, por favor. Vou buscá-lo. Está no quarto a descansar. Não se sentiu bem durante todo o dia.

«Perfeito», pensou Eliah; o mordomo estava a cumprir o combinado. Movimentou-se até se esconder atrás da porta. Se Antoine continuasse a executar a sua parte como até então, não pararia no gabinete, nem sequer para abrir a porta e acender a luz num gesto de cortesia; continuaria até ao fim do corredor, com a desculpa de ir acordar Moses.

Um dos guarda-costas de Al-Muzara abriu um pouco a porta e, antes que descobrisse o interruptor, Al-Saud fechou-lhe sobre o antebraço com tal fúria que se ouviu o estalido do cúbito ou do rádio a partir-se. A porta fez ricochete com o impacto e voltou a abrir-se. Al-Saud lançou-se para o lado de fora e descarregou dois tiros no homem que gritava enquanto segurava no braço partido. O outro segurança disparou mas, ao fazê-lo na escuridão e contra um alvo vestido de preto, falhou. Eliah atirou-se para cima dele e conseguiu dominá-lo sem dificuldade; deu-lhe um soco no estômago, agarrou-o pelo braço direito e obrigou-o a virar-se, colocando-o de frente para Al-Muzara o qual, na ânsia de dominar o atacante, matou o seu próprio guarda-costas com um tiro no peito.

Al-Saud aproveitou o instante de confusão do chefe terrorista e deu-lhe um pontapé na mão, que o desarmou, e outro no maxilar, que o atirou ao chão. Eliah, depois de tirar a máscara de esqui preta e os óculos de visão noturna, certificou-se de que o cunhado o reconhecia sob a ténue luz que vinha do piso

inferior.

– Sim, sou eu – disse, com um sorriso de lobo. – Eliah al-Saud.

Deu-lhe alguns murros, tendo o cuidado de não lhe acertar na cara; queria que estivesse reconhecível. O cabelo caia-lhe sobre a testa e agitava-se ao som da sua ira.

– Perdoei-te a vida daquela vez que me pediste que te levasse a Bobigny para visitares o túmulo de Samara! Cometi um erro pelo qual paguei muito caro! Hoje não vou ter piedade! – Gotas de saliva saltavam-lhe para fora da boca à medida que alternava os socos com os insultos.

– Não... – gemeu Al-Muzara ao reparar que Al-Saud deixara de o esmurrar para empunhar uma pistola.

– Oh, sim, Anuar. Vais pagar as tuas traições uma a uma. Esta é por teres tentado sequestrar e matar o meu pai, seu maldito filho da puta. O homem que te deu abrigo e que te tratou como um filho. – Descarregou uma bala de calibre.22, de grande poder de destruição quando disparada de perto, no ombro de Al-Muzara, que soltou um rugido de dor e de pânico. – E esta é por teres assassinado o Sabir a sangue frio. Maldito covarde. Pelo Sabir! – Outro tiro; mais gritos e uivos. – Esteve cinco anos na prisão por tua culpa. Os israelitas torturaram-no para que revelasse o seu esconderijo, sua ratazana miserável, e ele nunca, NUNCA abriu a boca!

Al-Muzara continuava consciente, apesar da dor e da perda de sangue. Sabia quem estava a enfrentar, compreendia as palavras. Sabia também que iria morrer. Numa pausa de Al-Saud, entreabriu os olhos e conseguiu balbuciar «não faças isso», quando viu que o cunhado lhe encostava a pistola ao lado esquerdo do peito. Voltou a fechá-los ao sentir o metal frio do cano.

– E esta, Anuar, é por te teres metido com a minha mulher. – Al-Saud premiu o gatilho da sua *Walther P22* e perfurou o coração do terrorista palestiniiano.

Entrou na cozinha da casa da avenida Elisée Reclus perto das duas da manhã e atirou o saco com roupa e as chaves do *Aston Martin* para cima da ilha de mármore. Marie e Agneska que as arrumassem. Só pensava num banho de imersão. Agora que a adrenalina se retirava da sua corrente sanguínea, começavam a surgir as dores musculares, fruto da tensão e do agressivo exercício físico.

No seu quarto, dirigiu-se como um cego até à sua mesinha de cabeceira, levantou a moldura com a fotografia de Matilde, a que Juana lhe tirara no Jardin du Luxembourg, e beijou-a nos lábios.

– Já estás a salvo, Matilde – murmurou. – Agora já ninguém te fará mal, meu amor.

Recostado no *jacuzzi*, consultou as horas. Dez para as três da manhã. «Que merda!» exclamou e saiu da banheira para fazer uma chamada telefónica. Uma voz ensonada atendeu de imediato.

– Ariel Bergman – disse Al-Saud –, sou Cavalo de Fogo.

– Cavalo de Fogo? O que se passa? Porque me liga a esta hora?

– Deixei-lhe um presente debaixo da ponte Alexandre III, do lado da esplanada dos Invalides. Despache-se, vá buscá-lo antes que alguém lho tire.

Às oito da manhã, Al-Saud ainda dormia quando o seu telemóvel tocou.

– Estou? – disse, com a voz pastosa do sono.

– Sou Bergman. Já recolhemos o presente. Estou impressionado.

– Era o que eu esperava. Consegui aquilo que vocês não conseguiram em vários anos.

– O que quer em troca?

Al-Saud riu-se baixinho.

– Depois dos serviços que prestei ao seu país e depois de não ter revelado a documentação que tenho, eu diria, Bergman, que a sua dívida para comigo é incomensurável. No entanto, tenho uma pedra no meu sapato.

– A que se refere?

– O seu país e eu temos um inimigo em comum, que continua vivo em Bagdade.

– O nosso inimigo já está em xeque.

– O facto de estar em xeque não significa que já esteja fora do jogo.

– Você conhece o jogo tão bem quanto eu. Um rei em xeque só se move para escapar e este não tem para onde ir. Qualquer que seja a jogada, continuará em xeque. Aproxima-se o momento do xeque-mate. Do mesmo modo, a dívida do meu governo para consigo é grande e requer uma compensação. Dou-lhe a minha palavra de que vigiamos de perto o nosso inimigo comum em Bagdade. Antes que ele ou os seus algozes metam o nariz fora da cidade já eu o saberei. E então, você será prevenido.

– Enviaram-me a Bagdade porque não tinham ninguém para fazer o trabalho. Agora, afinal, o meu inimigo está a ser vigiado de perto. Não percebo.

– Nestes meses não estivemos de braços cruzados e já temos o seu substituto instalado no coração do inimigo. Perdemos um homem e quase o perdemos a si. Aprendemos lições duras nos últimos tempos e não voltaremos a falhar.

– Assim espero. Não se esqueça que continuam em meu poder as provas para que seja Israel a ficar em xeque.

– Tenho isso bem presente.

Al-Saud regressou a Ruão na quinta-feira, 24 de junho, da parte da tarde. No dia seguinte, perto do meio-dia, a família iniciou o regresso a Paris.

No sábado 26, da parte da manhã, Sandrine, a editora de Matilde, ligou-lhe para acertar os pormenores da apresentação na FNAC. Às quatro da tarde, a família entrou no *Mercedes Benz ML 500*, dotado de blindagem e de contramedidas eletrónicas especiais, e dirigiu-se ao famoso centro comercial CNIT.

Elijah ficou de mau humor com a quantidade de automóveis e de pessoas e começou a arrepender-se de ter cedido à pressão de Sandrine e de Matilde. Através do sistema de comunicação sem fios instalado na sua orelha, que se perdia por baixo do colarinho do *blazer*, passou revista aos seus homens. N’Yanda e Verabey tratavam das crianças por trás de uma fortaleza de guarda-costas. Entretanto, Matilde, rodeada pelos braços do marido, avançava entre a multidão. A segurança fornecida pela editora seguia-a de perto.

A conferência de imprensa teve lugar meia hora antes do início da apresentação. Uma meia centena de jornalistas tirava fotografias, filmava, preparava os gravadores e microfones. Matilde e Al-Saud tinham ensaiado respostas a possíveis perguntas comprometedoras relacionadas com o conflito israelo-palestiniano, pelo que Matilde se sentia segura e tranquila. Entrou no recinto com um ténue sorriso, seguida por Eliah. Os murmúrios calaram-se. Os jornalistas seguiram-na com os olhos pasmados. Aquela jovem, que parecia uma adolescente, era a responsável pelo fim da «Fúria Divina»? Não reconheciam, naquela rapariga delicada e feminina, a mulher com a bata da Mãos Que Curam que evitava obstáculos no meio de um tiroteio. Recordavam sim um pormenor: a sua cabeleira, a mesma que tinham visto ondular como um estandarte de ouro enquanto corria para alcançar um menino em apuros. Seguidamente, repararam no homem de fato azul-escuro, que a escoltava com zelo e que lhes lançava olhares ameaçadores. Guiava-a com uma mão no ombro e a sua estatura – um metro e noventa, calcularam – tornava a pediatra argentina ainda mais pequena e colocava-a num plano de vulnerabilidade da qual ninguém teria tentado aproveitar-se, não com aquele colosso ao seu lado. Os murmúrios inundaram novamente a sala quando começaram a perguntar-se de quem se tratava. Uma voz garantiu que era o marido, outra, um segurança.

Matilde tomou o seu lugar atrás de uma mesa cheia de microfones e bebeu um pouco de água. Al-Saud retirou-se uns passos e adotou a atitude de guarda-costas, com as pernas algo separadas e a mão direita fechada sobre o pulso esquerdo, pronta para a deslizar sob o *blazer* e extrair a *Colt M1911*.

As perguntas foram variadas e englobaram inúmeros temas, desde a infância de Matilde em Córdoba até ao seu ato heroico na cidade de Gaza. Ela respondia com amabilidade, se bem que com frases curtas; evitava aprofundar a sua intimidade. Um jornalista quis conhecer a sua opinião sobre o conflito israelo-palestiniano. Matilde respondeu:

– O meu querido amigo, Sabir al-Muzara, disse-me uma vez: «Matilde, a paz só se construirá sobre a base do perdão. Nós temos de perdoar os israelitas. Os israelitas têm de nos perdoar. Somos dois povos maravilhosos que se perderam na cultura do ódio e da desconfiança. O perdão irá curar-nos». Penso o mesmo que Sabir: os israelitas são um povo maravilhoso, os palestinianos são um povo maravilhoso. Tenho fé de que algum dia abandonarão o caminho do ódio e recorrerão ao do perdão, pelo bem das crianças. Na realidade, essa é a única saída.

– Não há mais perguntas – disse Sandrine, e a conferência de imprensa terminou.

Após a apresentação, que Matilde adorou graças às intervenções dos seus pequenos leitores – sem dúvida alguma, faziam perguntas e comentários muito mais sensatos do que os jornalistas –, a médica argentina deu uma sessão de autógrafos. Os seus familiares e amigos aproveitavam para se aproximar e cumprimentá-la. Jérôme abrigava-se ao seu lado e recebia, com timidez e embaraço, os elogios dos mais crescidos; os olhares curiosos das crianças também o envergonhavam. Amina, em contrapartida, sentia-se a estrela e respondia pelo irmão. O à-vontade da menina foi contagiando Jérôme, que começou a soltar-se, a sorrir e a murmurar respostas, primeiro monossilábicas, depois mais compridas.

Matilde assinava livros e conversava com os leitores, tentando manter-se atenta a Jérôme e a Amina. Sorriu, orgulhosa, sem levantar a vista da dedicatória que estava a escrever, ao ouvir a resposta que Jérôme ofereceu a uma idosa que lhe perguntou, incrédula, se Matilde Martínez era mesmo sua mãe.

– Foi minha mãe noutra vida. Agora adotou-me.

Entregou o livro que acabava de assinar, puxou Jérôme para ela e beijou-o.

– Adoro-te – sussurrou-lhe. E continuou a assinar.

Perto das oito e meia, como começava a escurecer, anunciou-se um espetáculo de fogos de artifício na entrada do centro comercial.

– Gostariam de ver os fogos? – perguntou Al-Saud a Jérôme e Amina.

– O que são fogos de artifício? – quis saber a pequena; pela careta de Jérôme, Al-Saud deduziu que também não sabia.

– São umas luzes de cores que explodem no céu. Vão ver que vão gostar.

– Sim, vamos! – entusiasmou-se Amina, agarrando o braço de Jérôme.

– Meu amor – disse Al-Saud na direção de Matilde –, vou levar as crianças lá fora e já volto.

Matilde anuiu com um sorriso e continuou a assinar autógrafos. No caminho até à saída, Al-Saud encontrou La Diana.

– Olá, Eliah.

– Olá, Diana. Obrigado por teres vindo.

– Não podia deixar de vir. E Matilde? Deixaste-a sozinha?

– Não, está com os seguranças. Eu volto já.

– Vou cumprimentá-la.

Matilde interrompeu a conversa com a mãe de um leitor e pôs-se em pé para dar um abraço a La Diana, que a apertou com emoção.

– Há três horas que te estou a ver a dar autógrafos. Não queres tomar alguma coisa? Queres que te traga um chá?

– Sim, por favor – aceitou Matilde. – Um chá com leite vinha mesmo a calhar.

La Diana afastou-se e dirigiu-se para o setor da restauração.

Rondava-a à distância e nunca a via a sós. Devia ter cuidado; por muito que se escondesse atrás dos óculos de sol, alguém poderia reconhecê-la. Eliah al-Saud afastava-se com as crianças e os restantes familiares pululavam ao longe. A oportunidade que esperava acabava de se apresentar: Matilde ficara rodeada por desconhecidos.

À medida que se aproximava, Céline soltou uma gargalhada nervosa. Custava-lhe acreditar no que estava a presenciar: o êxito e a fama de Matilde. Não lhe bastava ter-lhe roubado o seu homem; também se enchia de glória enquanto a sua estrela se ia extinguindo. Abriu o fecho da mala e inseriu a mão. Sem a extrair, empunhou a pistola e continuou a avançar.

Al-Saud deixou os filhos ao cuidado dos irmãos, de N’Yanda e Verabey, bem como de um bom grupo de seguranças e regressou ao interior do complexo comercial. Caminhou a passo rápido até à livraria.

Assim que entrou no recinto viu-a. Céline. Um suor frio cobriu-lhe o corpo. Matilde punha-se de pé e sorria-lhe, contente por vê-la, alheia ao perigo que se abatia sobre ela.

– Céline, não! – vociferou Al-Saud e começou a correr, consciente de que não chegaria a tempo.

Céline sacou da arma e disparou. Al-Saud soltou um rugido e imobilizou-se, agindo por reflexo. Viu La Diana saltar sobre a mesa, juntamente com uma chávena, um prato e uma bandeja. Ouviu um queixume, ao qual se seguiu o estrépito da louça a escaqueirar-se.

– Matiiildeee! – bradou enquanto corria até ela. – Matiiildeee!

A multidão aglomerava-se e não conseguia vê-la. Abriu passagem, derrubando várias pessoas. Viu-a inclinada sobre La Diana, a qual, deitada em cima da mesa, segurava o ombro esquerdo e franzia a cara num gesto de dor.

– Diana! Deixa-me ver a ferida! – pedia-lhe Matilde. – Eliah, uma ambulância! Rápido!

Al-Saud segurou-a pelos ombros e obrigou-a a fitá-lo. Matilde assustou-se com a sua palidez e viu tanta angústia nos seus olhos que lhe acariciou a cara e lhe garantiu:

– Acalma-te, eu estou bem. Não me aconteceu nada.

Alguns guardas, que a editora contratara para proteger Matilde, subjugaram Céline, tiraram-lhe a pistola e arrastaram-na para fora. Céline gritava como uma louca.

A ambulância conduziu La Diana para o hospital Lariboisière, especializado em emergências, onde deu entrada no bloco operatório com uma bala no ombro.

Matilde, Eliah, Yasmin e os irmãos Huseinovic aguardavam na sala de espera. Leila, cujo ventre a crescer apenas se adivinhava sob a blusa larga, abrigava-se no abraço do marido, Peter Ramsay. Matilde aproximou-se e pegou-lhe nas mãos.

– Não quero que fiques nervosa nem angustiada. Eu vi a ferida. Não me parece que a bala tenha atingido nada de vital. Diana é forte e vai sair desta sem problemas.

– Salvou-te a vida – murmurou Leila.

– Sim – concordou Matilde –, devo-lhe a vida.

Voltou para junto de Eliah, que estava ao telemóvel. Ao ver que Matilde se aproximava, afastou-se e ela não o tentou seguir.

– Era o teu pai – informou-a quando voltou para o seu lado. – Está na esquadra da Polícia Judiciária, onde a tua irmã está detida.

Matilde não fez comentários. Deslizou as mãos por baixo do *blazer* de Eliah e apertou-se contra o seu corpo. Sentiu imediatamente a pressão do seu abraço e o beijo na cabeça.

Cerca das onze da noite, o cirurgião apresentou-se na sala de espera e tranquilizou a pequena assistência ao atestar que a cirurgia para extrair a bala correria bem. La Diana passaria a noite em terapia

intensiva.

– Está acordada e insiste em falar com um tal de Eliah – disse o médico, passeando o olhar entre os presentes.

Al-Saud deu um passo em frente e seguiu o médico. Indicaram-lhe que lavasse as mãos, que vestisse uma bata e colocasse uma máscara antes de entrar na Unidade de Cuidados Intensivos. Deslizou para o compartimento de La Diana silencioso como um gato.

– Diana – sussurrou, apertando-lhe a mão.

As pálpebras da rapariga descerraram-se com dificuldade. Sorriu ao verificar que se tratava de Al-Saud. Falou-lhe com voz áspera.

– Desta vez não falhei, Eliah. Desta vez salvei-lhe a vida.

Al-Saud inclinou-se e apoiou a testa sobre a de La Diana. Guardou silêncio até se conseguir dominar para dizer:

– Obrigado. Também me salvaste a vida.

– Perdoa-me.

– Perdoo-te.

– Eliah, sinto tanto a falta do Markov.

– Eu sei, querida, eu sei.

– Morreu por minha culpa.

– Não. Morreu porque tinha chegado a hora dele. É assim que funciona, embora nos custe a aceitar.

Matilde e Eliah chegaram à casa da avenida Elisée Reclus já passava da meia-noite. N’Yanda esperava-os na cozinha. Serviu-lhe café acabado de fazer, que devolveu um pouco de cor às suas faces. Enquanto bebiam o café, espesso e fumegante, e mordiscavam uns *brioche*s, ouviam o relato da ruandesa sobre as crianças. Nenhum deles se apercebera da tragédia que quase acontecera na livraria e tinham ido jantar com as famílias dos tios de muito bom grado. Como é óbvio, Jérôme perguntara, de dez em dez minutos, pela sua mamã e pelo seu papá.

Matilde e Eliah subiram a escada em silêncio. Falariam de Céline mais tarde. Naquele momento apenas queriam verificar se os filhos dormiam. Encontraram Jérôme encolhido, agarrando algo contra o peito. Era o livro *As Aventuras de Jérôme*. Matilde sentiu um nó na garganta. Ao tentar tirar-lhe o livro, o menino remexeu-se e acabou por acordar.

– Mãezinha?

– Sim, filho – respondeu Al-Saud, acendendo a luz da mesinha de cabeceira. – É a mãe e o pai.

– Onde estiveram?

– Na livraria, a acabar de dar autógrafos – mentiu Matilde. – Gostaste da apresentação? – Jérôme assentiu. – Agora todos sabem como és valente, meu querido. Todos te admiram. Estavas a ler o livro antes de adormecer? – O menino voltou a anuir. – Qual é a parte de que gostas mais?

Jérôme abriu o livro nas primeiras páginas e apontou para a dedicatória.

– Esta é a parte que mais gosto. Lê-a, mamã.

Matilde, emocionada, entregou o livro a Al-Saud que leu:

– *Ao meu adorado Jérôme, filho da minha alma, para que voltes para mim. Ao meu querido amigo Sabir Al-Muzara, que me deu asas para escrever. A E.A.S., o amor da minha vida.*

– Quem é o E.A.S.?

– É o papá. Eliah al-Saud.

Jérôme dirigiu-lhes um sorriso satisfeito, como se tivesse estado à espera daquela resposta.

Abraçaram-se na intimidade do quarto. Matilde sentia a tensão nos músculos de Al-Saud. Conhecia-lhe aquela expressão; para muitos, não significaria nada, mas para ela era como um livro aberto: estava zangado, furioso, sentia-se impotente e isso alimentava ainda mais a sua raiva.

– Achei que ia morrer quando a vi sacar a arma. Não conseguia chegar. Teria sido impossível chegar a tempo para te proteger. Não posso explicar-te o que senti, Matilde. Outra vez...

– Shhh. Já passou. Não quero que nos preocupemos a pensar no que poderia ter acontecido.

– Isto é culpa minha. Aquela louca avisou-me que, se voltássemos a estar juntos, te mataria e eu não fiz nada para o impedir.

– E o que poderias fazer? Mandar que a prendessem?

«Matá-la», respondeu para si próprio Al-Saud.

– O que te disse o meu pai?

– Que já tinha entrado em contacto com um advogado especialista em direito penal.

– Não quero que a Celia vá para a prisão, Eliah.

– Mas eu sim, Matilde! Quero que passe o resto da vida na prisão! Aquela louca quase destruiu a razão da minha existência.

– Meu amor, tenta entender-me: é minha irmã e está doente. Na prisão só ficaria pior. Não se curaria do seu vício. Iria sofrer todos os dias a violência das outras presidiárias. É tão bonita e tão altiva que ganharia o ódio das outras. Poderiam até matá-la! Não quero que mais ninguém da minha família passe por esse calvário, Eliah! Não quero! Não quero!

Matilde cobriu o rosto e começou a chorar. Al-Saud apertou-a contra o seu peito.

– Pelo amor de Deus, não chores. Não suporto ver-te sofrer.

No domingo de manhã, Al-Saud saiu cedo e voltou cerca do meio-dia. Tinha estado no número trinta e seis do Quai des Orfèvres, a sede da Polícia Judiciária. O seu amigo, o inspetor Olivier Dussolier, e o advogado de Céline tinham-no posto ao corrente da situação.

Na casa da avenida Elisée Reclus, deparou-se com Matilde a preparar as malas para voltar para Ruão. Sandrine ligara-lhe para lhe contar que o seu telemóvel não parava de tocar; os jornalistas pediam-lhe o número de telefone e a morada de Matilde para a entrevistar devido à tentativa de assassinato. Como a identidade da atacante não fora revelada, a imprensa especulava sobre um atentado terrorista.

– Não quero estar em Paris. Vou-me embora com as crianças até que esta loucura passe.

Al-Saud considerou a decisão muito acertada e, nessa noite, dormiram na herdade. Voltaram à rotina das férias. Matilde não via televisão nem lia jornais, mantendo-se alheia à realidade. Decidira nem sequer perguntar pelo destino da sua irmã. Sabia que o pai e Eliah estavam a tratar de tudo; dir-lhe-iam quando tivessem notícias relevantes. Entretanto, ela dedicava-se aos filhos, especialmente a Jérôme, a quem continuava a dar aulas de apoio para o colocar ao nível do programa francês de ensino. Em Paris, Thérèse levava a cabo uma investigação sobre os colégios com planos de estudo mais vanguardistas e revolucionários em matéria pedagógica. Matilde sabia que o filho era um menino especial e que deveria frequentar um colégio especial, que contemplasse, aceitasse e desse valor às suas diferenças. Os sistemas tradicionais não o compreenderiam e iriam fazê-lo sofrer.

Na procura dos documentos necessários para poder avançar com o processo de adoção de Jérôme, o padre Jean-Bosco Bahala encontrou, numa paróquia nos arredores de Rutshuru, a certidão de batismo de Jérôme, segundo a qual o menino nascera a 10 de dezembro de 1990. Matilde chorou sobre o documento no dia em que Eliah lho entregou. O achado, que proporcionou a Matilde tanta felicidade, valeu ao sacerdote um avultado donativo.

Quando Jérôme, muito entusiasmado, contou a Takumi Kaito a sua data de nascimento, o japonês fitou-o fixamente durante alguns segundos; depois, comentou:

– Outro Cavalo na família.

– O que quer isso dizer, *sensei*?

– Que, por teres nascido em 1990, és Cavalo, como o teu pai, mas de Metal, como a tua mãe. – O japonês sorriu com indulgência perante o ar desconcertado do rapaz. – Vem – disse-lhe, colocando-o ao ombro –, vou explicar-te o que significa teres nascido sob o signo do Cavalo de Metal.

Uma calorosa noite de finais de julho, ainda na herdade de Ruão, Matilde e Eliah, depois de terem deitado as crianças, decidiram ir para a piscina. Os fatos de banho não demoraram muito nos seus corpos e acabaram nus, a fazer amor, primeiro dentro de água e depois sentados sobre o colchão de uma espreguiçadeira, à beira da piscina.

Ainda ofegante devido ao orgasmo, Al-Saud aprisionou Matilde entre os seus braços, recostou-a no colchão e suplicou-lhe sobre os seus lábios em francês:

– Nunca me abandones, nunca me deixes.

– Jamais.

– Talvez me venha a arrepender para o resto da vida de ter cedido ao que me pediste.

– O quê?

– Ajudar o teu pai a tirar a Céline da prisão.

– Libertaram-na?

– Sim. Como é que podes ficar contente? Ela tentou matar-te!

– Meu amor, Deus foi tão generoso connosco. Não podemos sê-lo com ela, que é uma alma perdida? Quero que tenha uma oportunidade para ser feliz. Na prisão não a teria.

Al-Saud resfolegou com um ar iroso.

– Combinei com o teu pai interná-la numa clínica de reabilitação em Londres. Graças aos meus conhecimentos no governo, consegui que lhe anulassem o visto de trabalho. Não poderá voltar a França. Não me olhes com essa cara – enfureceu-se. – Compadeces-te de toda a gente menos de mim!

– Meu amor – pasmou-se Matilde. – Eu...

– Quiseste que essa maluca da Céline ficasse em liberdade, sem pensar em mim, na angústia que vou sentir sabendo que ainda há alguém por aí à espreita para te fazer mal. Se te matarem eu dou um tiro na cabeça! E os meus irmãos que cuidem dos nossos filhos!

A ameaça e a fúria disfarçavam uma alma atormentada, insegura e ferida. Matilde compreendeu-o de imediato. Apoiou as mãos nas maçãs do rosto de Al-Saud e contemplou-o com mansidão.

– Eu também farei o mesmo. Se te matarem, dou um tiro na cabeça. Mas nada disso acontecerá. Viveremos muitos anos e seremos muito felizes. Tal como pedimos a Deus em frente ao Muro das Lamentações, vamos envelhecer juntos para ver os nossos filhos tornarem-se pessoas de bem.

– Matilde! – bradou ele, numa mistura de zangado e emocionado. – Como podes ter tanta certeza?

– Porque os meus sonhos se realizam sempre.

Epílogo

Paris, entardecer de sexta-feira, 10 de dezembro de 1999.

Matilde fechou-se na cozinha para decorar o bolo de aniversário de Jérôme, que iriam comemorar no dia seguinte. Tinha decidido que a decoração recriasse uma cena do conto favorito do menino, *Jérôme e a família de gorilas brancos*; era uma surpresa.

Como os três ficaram a olhar para a porta, cabisbaixos – Kolia, na realidade, não percebia nada, mas imitava ao pé da letra os irmãos mais velhos –, Al-Saud conduziu-os escada acima, até à sala de música, para os distrair.

Amina exigiu que pusessem o seu CD preferido, uma compilação de êxitos dos anos 80, para executar a coreografia que iria dançar na escola de baile antes das férias. Correu para o seu quarto, vestiu o tutu rosa, que Matilde lhe comprara uns dias antes, por cima das calças e voltou a correr. Eliah ficou de boca aberta com a segurança e a certeza com que manuseou o controlo remoto da aparelhagem *Nakamichi*, que custava uns bons milhares de dólares e que ele sempre tratara com tanto esmero. Desde a chegada das crianças, esse tipo de coisas perdera valor.

Amina pareceu ganhar vida ao som de *Eye of the Tiger*. Os três homens observaram-na a dançar com paciência e, a pedido de Al-Saud, aplaudiram e abraçaram-na.

O que depois começou como uma aula de *Shorinji Kempo* acabou num emaranhado de corpos sobre a alcatifa. Kolia ria-se, emitia frases incompreensíveis a uma certa distância e agitava o biberão.

Assim os encontrou Matilde ao entrar na sala de música: Eliah deitado de costas no chão, Amina sobre o seu peito, com o tutu novo todo amarrotado, e Jérôme ao seu lado, a tentar esquivar-se das cócegas que o pai lhe fazia. Ao descobri-la na ombreira da porta, Kolia correu para ela e abraçou-se às suas pernas. Matilde levantou-o e beijou-o nas bochechas.

– Olá, meu amor, meu tesouro. Como está o príncipe da mamã? – Kolia apontou-lhe para o resto da família na alcatifa. – Vamos ter com eles. Ehh, aqui estamos nós! – anunciou, sentando Kolia às cavalitas sobre o pescoço de Al-Saud e deitando-se ao seu lado.

Depois de uma guerra de almofadas, deixaram-se ficar, exaustos e ansiosos, sobre a alcatifa. Matilde descansou o rosto sobre o peito de Al-Saud, que estendeu os braços e aninhou os quatro. Fechou os olhos e suspirou, feliz. A música do CD de Amina, que voltava a tocar desde o início, uma e outra vez, ganhou relevo no repentino silêncio.

Al-Saud levantou as pálpebras de repente e, com o olhar, procurou Matilde, que o esperava, com gesto anelante, quando soaram os primeiros acordes de *Can't take my eyes off of you*. O brilho nos olhos dela emocionaram-no. As lágrimas transbordaram e deslizaram pelas suas têmporas. Jérôme, sempre atento a Matilde, ergueu-se um pouco e observou-a, preocupado.

– O que se passa, mamã? Porque estás a chorar?

– Não está a chorar – interveio Al-Saud. – Está emocionada porque esta é a nossa canção preferida, minha e da tua mãe.

– Ah – disse, aliviado, voltando a recostar-se e a agarrar-se à cintura de Matilde, que fechou os olhos e sorriu.

Al-Saud mantinha a cabeça de lado, na direção de Matilde; não conseguia tirar os olhos dela. O seu semblante, de luz cálida e esbranquiçada, atraía-o; o seu sorriso era sugestivo, entre o malandro e o devoto. Passou-lhe as costas dos dedos pelo rosto, mais para saborear a sua suavidade do que para chamar a sua atenção, e perguntou-lhe:

– Em que estás a pensar, meu amor?

– Que os meus sonhos se tornam sempre realidade.

– Qual é o teu segredo?

– Sonhar.

Agradecimentos

A Estefanía Tapié, que me contou as suas vivências de missionária em Moçambique e que, com os seus relatos, me inspirou a criar uma das personagens desta novela.

À Dra. Claudia Rey, uma notável ginecologista e uma pessoa maravilhosa, que me explicou o cancro de ovário em termos simples.

À Dra. Raquel «Raco» Rosenberg, cujo testemunho inestimável me serviu para compreender a situação de África e o sofrimento das suas gentes.

À Dra. Valéria Vassia, a qual, tal como a minha Matilde, é cirurgiã pediátrica e me transmitiu informações valiosíssimas.

À minha querida Estelita «Amorosa» Casas, que conhece o glamour de Paris como ninguém e me descreveu os lugares por onde se move Eliah al-Saud.

A Juan Simeran, que viveu sete anos em Israel e que me ofereceu muita informação, os seus textos e um livro, os quais me serviram para compreender a situação deste país e da Palestina. À sua esposa Evelia Ávila Corrochado, uma querida leitora, que serviu de ligação.

A Clarita Duggan, outra leitora maravilhosa, por me contar a sua experiência em Eton.

À minha amiga, a escritora Soledad Pereyra, por me ter brindado os seus conhecimentos a nível de aviões de guerra. Sol, querida, ainda sonho com ver o teu livro, Desmesura, publicado.

À minha amiga, a queridíssima «Gellyta» Caballero, por me dar ideias brilhantes bem como o seu carinho; por inspirar algumas das criativas saídas de Juana Folicuré; por me fornecer livros incríveis para a investigação e por analisar o manuscrito com tanto amor e, ao mesmo tempo, com tanto profissionalismo.

A Leana Rubo, pelas suas averiguações que pareciam impossíveis de averiguar.

À minha grande amiga Adriana Brest pelos seus dois maravilhosos presentes: a epígrafe da primeira parte de Cavalo de Fogo e O Jardim Perfumado.

À minha queridíssima amiga Paula Cañón, que está sempre à procura de material para as minhas investigações e que, para Cavalo de Fogo, conseguiu uma história de valor incalculável. Nesta terceira parte, deu-me uma enorme ajuda com Angelie Trouvée.

À minha doce e querida amiga Fabiana Acebo. Ela e eu sabemos porquê.

À Dra. Maria Teresa «Teté» Zalazar, por me ajudar a construir uma cena que, sem os seus conhecimentos de Medicina, teria sido muito difícil para mim.

A Urial Nabel, um soldado israelita que, com tanta generosidade, partilhou comigo a sua experiência de três anos no Tsahal.

A Sonia Hidalgo, uma querida leitora, que procurou informações para este livro de forma tão

desinteressada que me tocou o coração e também por fazer de ponte de ligação entre o seu sobrinho, Uriel Nabel, e eu.

A Marcela Conte-Grand, que colaborou desinteressadamente com as traduções para francês.

À minha prima, a Dra. Fabiola Furey, a qual, apesar das suas inúmeras obrigações familiares e profissionais, dedicou tempo a procurar-me material sobre a porfíria.

A Laura Calonge, delegada da Argentina dos Médicos Sem Fronteiras, e à sua assistente, Carolina Heidenhain, por me explicarem a filosofia e funcionamento deste grande organismo de ajuda humanitária.

Às minhas queridas amigas Natalia Canosa, Carlota Lozano e Pía Lozano por me animarem e me acompanharem sempre durante os meus processos criativos e por me inspirarem a criar Juana Folicuré. À Lolita agradeço do fundo do coração a sua permanente e desinteressada assistência nas traduções para francês.

E, nesta última parte da trilogia Cavalo de Fogo, ao meu sobrinho, Felipe Bonelli, cuja eloquência, com apenas três anos de idade, inspirou a de Amina.

Aos meus sobrinhos Patricio e Agustín Ríos Carranza, que são tão doces, meigos e adoráveis quanto Jérôme.

À minha querida amiga Victoria Ferrari, por ter tido o bom senso de comprar, na altura, o livro O grande O, de Lou Paget, e por me entregar a custódia do mesmo.

E aos jornalistas Amira Hass e Hernán Zin pelos seus valiosíssimos testemunhos recolhidos na Faixa de Gaza, que me ajudaram a construir as cenas passadas nessa zona tão castigada do planeta. Os seus livros Beber o Mar em Gaza (Amira Hass) e Llueve Sobre Gaza (Hernán Zin) refletem a coragem daqueles que estão comprometidos com o seu trabalho.